PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DILMA VANA ROUSSEFF

MINISTÉRIO DA CULTURA

MARTA SUPLICY

PRESIDÊNCIA DO IPHAN

JUREMA DE SOUSA MACHADO

DIRETORIA DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

CÉLIA MARIA CORSINO

DIRETORIA DO DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO

ANDREY ROSENTHAL SCHELEE

DIRETORIA DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO

LUIZ PHILIPPE PERES TORELLY

DIRETORIA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

MARCOS JOSÉ SILVA REGO

COORDENADORIA-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO

MÔNIA SILVESTRIN

COORDENADORIA-GERAL DE SALVAGUARDA

RIVIA BANDEIRA

COORDENADORIA-GERAL DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA

LIA MOTTA

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN NO AMAPÁ

JULIANA MORILHAS SILVANI

SUPERVISÃO TÉCNICA – IPHAN/AP

DJALMA GUIMARÃES SANTIAGO

FRANCISCO PHELIPE CUNHA PAZ

EQUIPE DE PESQUISA – ESTILO NACIONAL

EDUARDO FELIPE ANDRADE ALVIM

COORDENADOR EXECUTIVO

MARÍLIS MENDES PEREIRA DA COSTA LIMA

COORDENADORA EXECUTIVA

ADRIENE DOS ANJOS NORONHA

COORDENADORA TÉCNICA

FLÁVIA KLAUSING GERVÁSIO

PESQUISADORA

MARCOS DA COSTA MARTINS

PESQUISADOR

JÚLIA FARIA DA SILVA

AUXILIAR DE PESQUISA

LEONARDO AGUSTO CAMPOS HORTA

PRODUTOR AUDIOVISUAL

EDUARDO GONÇALVES COSTA

FOTÓGRAFO

FABIANA GUIMARÃES HORTA

DESIGNER GRÁFICO

INVENTÁRIO DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS DO MARABAIXO DO AMAPÁ

Produto Final

Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
Superintendência do IPHAN do Amapá - IPHAN/AP

ESTILO NACIONAL
arquitetura, cultura e preservação

IPHAN
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Março/2014

SUMÁRIO

1 – APRESENTAÇÃO 2
2 - INTRODUÇÃO 4
3 – PESQUISA DE CAMPO 6
4 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 19
5 - ANÁLISE ANTROPOLÓGICA 27
5.1 - CARACTERÍSTICAS GERAIS 27
5.2 - TRANSFORMAÇÕES 33
5.3 - PRODUTOS 35
5.4 - SIGNIFICAÇÕES 38
6 - A MANIFESTAÇÃO CULTURAL DO MARABAIXO 40
6.1 - O MARABAIXO NO AMAPÁ 40
6.2 – A ORIGEM DO MARABAIXO 42
6.3 - OS RITUAIS E SEUS SUPORTES MATERIAIS 44
6.4 – OS ELEMENTOS DO MARABAIXO 47
6.4.1 – A DANÇA 47
6.4.2 – O CANTO 48
6.4.3 - AS CAIXAS E SEUS TOQUES 49
6.4.4 - OS LOCAIS DE OCORRÊNCIA 50
6.4.5 – A GENGIBIRRA 50
6.5 – QUE HISTÓRIAS CONTAM OS LADRÕES? 51
6.6 – HISTÓRIAS DE VIDA 56
7 – ENCONTRO DE SALVAGUARDA 59
7.1 – RELATÓRIO DO ECONTRO DE SALVAGUARDA 59
7.2 - A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL 62
7.3 - DIAGNÓSTICO PARA A SALVAGUARDA DO MARABAIXO 65
7.3.1 - FRAGILIDADES 65
7.3.2 - RECOMENDAÇÕES 69
8 – DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA 72
9 - REFERÊNCIAS 101
10 - ANEXO / COMUNIDADES COM MARABAIXO 104

1 - APRESENTAÇÃO

A ESTILO NACIONAL LTDA EPP, em cumprimento ao Contrato nº 07/2012, apresenta à Superintendência do IPHAN no Amapá – IPHAN/AP o *Dossiê final do projeto, feito por meio de um estudo detalhado, analítico e descritivo, sobre a manifestação do Marabaixo.*

Este dossiê foi composto por uma introdução, que apresenta uma ideia geral da manifestação. Logo depois, acrescentamos os textos referentes ao produto 3, já devidamente revisados pelo IPHAN/AP e com as alterações realizadas pela equipe contratada, composto por: relatório do trabalho de campo, relatando todas as etapas de execução do trabalho; uma contextualização histórica sobre o Amapá; e uma análise antropológica, com as características gerais do bem, suas transformações, produtos e significações.

Em seguida, apresentamos os textos que abordam a ocorrência do Marabaixo no estado do Amapá; a origem do Marabaixo; os rituais e seus suportes materiais; os elementos do Marabaixo; as histórias dos ladrões e histórias de vida de alguns marabaixeiros.

Depois, anexamos os textos referentes ao produto 4, devidamente revisados e com as alterações realizadas, sendo composto de: relatório do encontro da salvaguarda; texto sobre a salvaguarda do patrimônio imaterial no Brasil; e um diagnóstico para a salvaguarda do Marabaixo.

Elaboramos também uma documentação fotográfica, dando destaque para os principais momentos abordados no dossiê. Cada fotografia é acompanhada de uma descrição, além de data, local, e nome do fotógrafo.

Por fim, apresentamos as fontes consultadas para a elaboração deste dossiê. Lembrando que um número bem maior de referências ao Marabaixo pode ser consultado no Anexo 1 – Bibliografia. Acrescentamos também as entrevistas as quais fizemos referência durante o dossiê. Também lembramos que todas as pessoas entrevistadas foram relacionadas no Anexo 4 – Contatos.

Assim, este dossiê contém uma descrição detalhada e uma análise aprofundada sobre o Marabaixo, de acordo com o solicitado pela contratante.

Além disso, este dossiê está sendo entregue juntamente com todos os Anexos e Fichas preenchidos durante a pesquisa e devidamente revisados pelo IPHAN-AP e posteriormente complementados pela equipe de pesquisa:

- Ficha de Sítio do Amapá
- Anexo 1 – Bibliografia
- Anexo 2 – Registros Audiovisuais
- Anexo 3 – Bens Inventariados
- Anexo 4 – Contatos
- Fichas Celebrações
  - Cortejo da Murta (SEAFRO)
  - Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho
- Ficha Edificação
  - Igreja de São José
- Fichas Formas de Expressão

- Marabaixo
- Ladrões de Marabaixo

- Fichas Lugares
  - Laguinho
  - Favela
  - Curiaú
  - Mazagão Velho
- Fichas Ofícios e Modos de Fazer
  - Caixa de Marabaixo
  - Gengibirra
  - Tocador de Caixa

2 - INTRODUÇÃO

O Marabaixo é, dentro das categorias definidas pelo IPHAN para registro dos bens de natureza imaterial, uma Forma de Expressão. Constitui-se de uma dança, associada à música e ao toque das caixas. É uma manifestação recorrente do Estado do Amapá que acontece durante as festas em devoção aos santos católicos, mas também em outras ocasiões, como durante o Encontro dos Tambores e apresentações públicas, quando os grupos de Marabaixo são convidados a participar. Em Macapá, a festa é em honra ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, e no interior do Estado, além das mesmas devoções de Macapá, cultuam-se também São José, Sagrada Família, Santa Maria, São Sebastião, São Tomé.

Na capital do estado instituiu-se o Ciclo do Marabaixo, que tem início no Sábado de Aleluia e término no domingo após o Corpus Christi. Cada associação faz a festa em sua sede ou na casa do festeiro. Já no interior do estado as festas acontecem em diferentes datas ao longo do ano, majoritariamente em centros comunitários. Os locais de festa são preparados com decoração apropriada, geralmente babados recortados de papel crepom são colocados no teto, de modo que ele fique completamente recoberto, e faixas e banners com fotos do Marabaixo são espalhados pelo salão.

Em Macapá, durante o período do ciclo, acontecem diversos rituais realizados pelas associações de Marabaixo existentes na cidade. De forma esquemática o ciclo é marcado pelo Sábado do Mastro, dia em que o grupo se dirige para uma mata a fim de cortar uma árvore de tronco fino e comprido, conhecido como pau do Divino Espírito Santo, que servirá como mastro; segue-se então o Domingo do Mastro, no qual o mastro percorre em cortejo as ruas dos bairros em que as festas ocorrem; a próxima data é a Quarta-feira da Murta, quando acontece um cortejo pelas ruas dos bairros em que as pessoas levam os ramos de murta na mão; a seguir é o dia da Quinta-feira da hora, em que o mastro é enfeitado com a murta e levantado na frente da casa do festeiro ou nas respectivas associações. Segundo sua devoção, serão celebrados o Domingo do Divino Espírito Santo e o Domingo da Santíssima Trindade, que ocorrem em datas diferentes e em diferentes associações, distinguindo o ciclo entre as celebrações do Laguinho e da Favela, locais tradicionais da prática marabaixeira. Entre o levantamento dos mastros e esses domingos dedicados às invocações, em nome das quais o Marabaixo sai, ocorrem missas, novenas, ladainhas, as duas últimas nas associações encarregadas da celebração. Por fim, para fechar o ciclo ocorre a Derrubada do Mastro, que acontece no último dia de festa, quando também é escolhido o festeiro para o próximo ano.

Outros elementos importantes do Marabaixo são as comidas e bebidas, como o caldo de carne e legumes servido durante as noites de Marabaixo, e a Gengibirra, bebida à base de gengibre e cachaça servida nas festas por todo Amapá. À primeira vista, o que salta aos olhos de quem observa o Marabaixo é a Indumentária das dançadeiras e cantadeiras, formada por ampla saia rodada, florida e colorida, blusa com babados, sandália ou sapatilha, flor no cabelo, brincos, pulseiras e colares. Em seguida, a performance do conjunto festivo, com os tocadores de caixa ao centro acompanhando a cantadeira, enquanto as mulheres em seus trajes bailam em círculo em torno deles, todo o salão girando com as músicas e entoando em uníssono os refrãos. Assim, as Caixas, instrumentos de percussão feitos pelos próprios tocadores, e os Ladrões, que são as músicas cantadas nas rodas de Marabaixo, que contam histórias locais e situações do cotidiano, são elementos fundamentais e centrais, tanto nos ritos quando na

estética do evento.

O Marabaixo é reportado por todos os mestres dessa manifestação como sendo uma herança africana que chegou ora com a transferência da antiga Mazagão do Marrocos para o Amapá, ora com os escravos que vieram para a construção da Fortaleza de São José em Macapá em meados do século XVIII.[1] O Marabaixo inclui formas complexas de transmissão tradicional, na fixação da história local por meio de canções, de forma que as sessões de Marabaixo não são apenas a celebração religiosa, mas também momentos de reforço da memória pública e coletiva das comunidades que o praticam.

Essa história remonta no caso de Macapá, sobretudo, à reforma urbana a partir da constituição do Território Federal, com o desalojamento dos negros do centro da cidade, e com a formação do Laguinho e da Favela. A história contada atualmente também estabelece relação com a geração de marabaixeiros contemporâneos a essas mudanças. Então, de um lado temos uma celebração religiosa com caracteres lúdicos, e de outro um poderoso instrumento para gravação da memória e reverência à ancestralidade que põe em cena a singularidade da ocupação negra do Amapá, seu estabelecimento, suas dificuldades, sua relação com o poder constituído, sua libertação e, sobretudo, sua redenção. Pois, de prática marginalizada e desencorajada, o Marabaixo passou à condição de mais tradicional e representativa forma de expressão da cultura amapaense, com seus quadros renovados e uma grande afluência aos salões em que é celebrado durante o ciclo e nas festas do interior do Estado.

Assim, mesmo que se tome apenas a história recente, cujos dados são mais fartos e a memória viva ainda os testemunha, temos nada menos que cem anos de prática ininterrupta do Marabaixo, que não se restringe à época de festa, mas envolve e marca todo o cotidiano das comunidades na sua preparação, na sua expectativa e nas suas memórias. O Marabaixo funciona como um catalisador das histórias de vida e das genealogias locais, criando saberes como o de fazedor e tocador de caixas, ou de compositores. Mas, ao mesmo tempo, está atento às necessidades de seus membros dentro e fora das festas, funcionando como poderoso instrumento de sociação, estabelecendo etiquetas, criando mecanismos de solução de conflitos e organizando coletivamente as comunidades para a negociação com as autoridades políticas.

Desse modo, o Marabaixo atua fortemente no autorreconhecimento das comunidades e na percepção de sua distinção em relação ao conjunto da sociedade amapaense. O Marabaixo cria uma imagem, uma marca visual em primeiro plano, mas também laços profundos de afetividade e compartilhamento quando analisados em seus detalhes microssociológicos, nas relações intra e extra grupos. Assim, este Inventário procura ressaltar os caracteres gerais dessa forma de expressão sem esgotar as múltiplas faces e maneiras com que ela pode se expressar. Contudo, esperamos poder fornecer, por meio dos elementos pesquisados e analisados neste dossiê, uma estrutura para que este bem cultural possa, no decorrer do tempo, receber as contribuições que exemplifiquem e complexifiquem a variedade interna do Marabaixo. Mas estamos certos, pelos resultados obtidos, que o Marabaixo insere-se no rol das principais manifestações culturais do Brasil, como testemunho da diversidade e da vitalidade das expressões negras, as quais está aparentada estética e historicamente.

1 Apesar das informações coletadas oralmente, não foram encontrados documentos e demais dados, como origem exata, dos grupos africanos que chegaram ao Amapá.

3 - PESQUISA DE CAMPO

Este relatório apresenta as ações do trabalho de campo durante as viagens realizadas ao Amapá para pesquisa e composição do Inventário do Marabaixo. Buscamos, durante o campo, contemplar os diversos aspectos dessa manifestação cultural, assim como englobar um representativo número de pessoas entrevistadas. Priorizamos as entrevistas, deixando que os próprios detentores do Marabaixo descrevessem a manifestação cultural, descrição que foi, posteriormente, sistematizada e confrontada com a variedade e a discrepância dos relatos, levando em consideração a singularidade dos grupos e de sua história, e a contribuição individual na construção coletiva do patrimônio cultural local.

O objetivo principal das entrevistas, além de coletar dados para traçar o panorama do Marabaixo, foi provocar através dos diálogos a revivência memorial, bem como conhecer a profundidade da penetração do Marabaixo na vida de seus detentores. Lembramos que o inventário é uma oportunidade para a valorização da autoestima dos marabaixeiros e um momento de resgate da história de pessoas comuns que poucas vezes têm a chance de serem ouvidas e de terem seus relatos reconhecidos como importantes. Destacamos também que as danças e os cantos são formas de preservação da memória local, e que muitas vezes não estão descritos em livros. Assim, o trabalho de campo foi mais além e deixou os detentores culturais falarem de suas reminiscências, dos aspectos lúdicos, de fatos aparentemente desconexos e não relevantes. Ao fim, todos esses aspectos teceram uma teia significante em torno do bem cultural, revelando as disposições, os conflitos, as amizades, e os valores que fazem um bem cultural propriamente imaterial.

A equipe de pesquisa foi formada por três profissionais: Adriene dos Anjos Noronha (coordenadora da pesquisa e historiadora); Flávia Klausing Gervásio (historiadora); e Marcos da Costa Martins (antropólogo). Também contamos com a colaboração da estagiária em história, Júlia Faria da Silva. A equipe de audiovisual foi composta pelos seguintes profissionais: Eduardo Gonçalves Costa (fotógrafo), Flávia Cunha (auxiliar de áudio), Juliano Sacramento (cinegrafista), Leonardo Augusto Campos Horta (cinegrafista), Pedro Gontijo Coutinho (fotógrafo), e Rodrigo Cardoso Araújo (cinegrafista).

A primeira viagem aconteceu de 03 a 08 de fevereiro. Nessa oportunidade, a equipe esteve em Macapá para a reunião de capacitação dos pesquisadores para aprendizagem e compreensão da metodologia contida no Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC/IPHAN). Nessa ocasião estiveram presentes: os facilitadores Diana Dianovski (DPI – IPHAN), Paulo Peters (DPI – IPHAN); os representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Amapá, Kilvya Prioli, Djalma Guimarães Santiago, Sandala Machado (ouvinte), Mario Polo (ouvinte); e a equipe da Estilo Nacional: Eduardo Alvim (arquiteto e sócio-diretor), Adriene dos Anjos Noronha (coordenadora da pesquisa e historiadora), Flávia Klausing Gervásio (historiadora e pesquisadora), Marcos Martins (antropólogo e pesquisador).

Durante a reunião, os membros do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN apresentaram um conteúdo sobre a Política Federal de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, e sobre os Instrumentos de Identificação, reconhecimento, fomento e apoio. Também foram abordadas questões relativas à identificação dos bens de natureza imaterial e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial.

Ainda durante a reunião, o manual do Inventário Nacional das Referências Culturais foi largamente

explorado. As fichas e anexos foram apresentados aos participantes e foi explicado o passo a passo do preenchimento e montagem do trabalho. Uma maior atenção foi dispensada nos seguintes documentos: Ficha de sítio, Anexo 1 – Bibliografia, Anexo 2 – Registros Audiovisuais, Anexo 3 – Bens Culturais Inventariados, Anexo 4 – Contatos, Ficha de Celebrações, Ficha de Edificações, Ficha de Formas de Expressão, Ficha de Lugares, Ficha de Ofícios e Modos de Fazer.

Ao final da reunião foi repassado à equipe da Estilo Nacional os seguintes arquivos digitalizados: base das fichas e anexos do Inventário Nacional das Referências Culturais. Todas as dúvidas foram esclarecidas e a equipe de pesquisadores foi muito bem orientada quanto à aplicação da metodologia do Inventário Nacional das Referências Culturais. Além disso, ficou em aberto um canal de comunicação entre as partes para esclarecer as dúvidas durante a realização do trabalho.

A equipe de pesquisadores também esteve presente na 1ª Reunião Pública de Apresentação do INRC Marabaixo, que aconteceu no dia 06 de fevereiro de 2013 e foi organizada pela SE-IPHAN AP. Durante o evento, o contato com os detentores culturais possibilitou uma melhor visão da manifestação, oferecendo novos parâmetros para a elaboração da metodologia de campo, ampliando, dessa maneira, os locais a serem visitados e as pessoas a serem contatadas.

Nesse mesmo período teve início a pesquisa de campo. No dia 04 de fevereiro de 2013 foi possível acompanhar a comemoração dos 255 anos de Macapá. Nesse dia, um grande número de pessoas se aglomerou nas proximidades da Igreja de São José, edificação inaugurada em 1761, sendo a mais antiga construção de Macapá. O dia começou com uma missa, em que estiveram presentes muitos fiéis e também autoridades eclesiásticas e políticas. Enquanto a missa prosseguia, muitas pessoas já se divertiam na Praça do Coco. Nesse local podíamos encontrar grupos de capoeiristas, e também de equilibristas. Ao mesmo tempo começava a concentração dos grupos de Marabaixo que fariam o Encontro das Bandeiras em frente à Igreja de São José.

De um lado estava o grupo do Laguinho, Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Do outro lado estava o grupo representante da Favela, Associação Zeca e Bibi Costa. As mulheres e meninas estavam devidamente trajadas com as roupas típicas do Marabaixo: amplas saias rodadas, floridas e coloridas, anáguas brancas, blusas de cetim com babados na gola e apliques de tira bordada, no cabelo uma grande flor artificial, e ainda brinco e muitas pulseiras e colares.

Após a missa houve uma homenagem a Macapá e discurso de autoridades políticas no espaço a céu aberto da Biblioteca Pública Estadual Elcy Lacerda, e ainda apresentação de uma Banda de Música local. Encerradas as homenagens, começou o repique das caixas para o Encontro das Bandeiras, cada grupo ficou de um lado da igreja e aos poucos as bandeiras do Divino Espírito Santo, do grupo do Laguinho, e da Santíssima Trindade, da Favela, foram se aproximando até que todos se misturaram fazendo uma grande festa no local. Nessa festa também estiveram presentes respeitadas senhoras que vivenciam o Marabaixo desde crianças: Josefa Lina da Silva, com 97 anos e Lucimar Tavares Araújo, com 83 anos, que mesmo com as dificuldades trazidas pelos longos anos vividos fizeram questão de prestigiar a festa e também dar depoimentos para as redes de televisão locais que cobriam o evento. Durante à tarde, a programação continuou na praça localizada na parte detrás da Igreja de São José, onde vários artistas se apresentaram cantando e tocando músicas em um palco montado para o evento. Nesse mesmo local se apresentou a

Associação Cultural Raimundo Ladislau, outro grupo do Laguinho. O público pôde apreciar as músicas do Marabaixo e também a Música Popular do Amapá. Além disso, a todo o momento era servida a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá. Nesse dia, a equipe de pesquisadores teve seu primeiro contato com o Marabaixo, e também foi possível contatar várias pessoas que foram, posteriormente, entrevistadas.

Ainda durante a primeira viagem, a equipe conheceu melhor a cidade de Macapá, com destaque para os bairros e locais de ocorrência do Marabaixo. Também foram realizadas pesquisas na Universidade Federal do Amapá, na Biblioteca Pública Estadual Elcy Lacerda, na União dos Negros do Amapá (UNA), na Secretaria Extraordinária de Política para Afrodescendentes (SEAFRO), na Secretaria de Cultura do Estado do Amapá (Secult), e no Museu da Imagem e do Som do Amapá (MIS/AP). Além disso, o antropólogo Marcos Martins realizou uma entrevista com quatro representantes do Marabaixo: Denise Nascimento de Sena, Laura Cristina da Silva, Naíra Paula de Sena Sousa, e Vângela Maria Fortunato dos Santos. A equipe também visitou o quilombo do Curiaú, comunidade onde moram muitas pessoas envolvidas no Marabaixo e onde também acontecem muitos rituais ligados ao Ciclo do Marabaixo das associações de Macapá.

Após a viagem, a equipe continuou suas pesquisas em instituições fora do estado do Amapá. Em Belo Horizonte, parte da equipe realizou pesquisa na Universidade Federal de Minas Gerais e na Biblioteca Municipal Luiz de Bessa. No Rio de Janeiro a pesquisa foi realizada no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, na Biblioteca Nacional, e também na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Em seguida, tiveram início os estudos em gabinete por meio da leitura do material coletado, e da análise de fotos e vídeos. No mesmo período foi elaborado o Plano de Trabalho e a montagem do cronograma de viagens para as pesquisas.

A segunda viagem ocorreu no período de 24 de março a 1º de abril. O foco dessa viagem foi conhecer as comunidades rurais do município de Macapá, e também a cidade de Mazagão e outras comunidades desse município. No primeiro dia de trabalho de campo a equipe se dividiu percorrendo as instituições que ainda não haviam sido visitadas e retornando a outras para a complementação das pesquisas: Assembleia Legislativa do Estado do Amapá, Biblioteca da Universidade Estadual do Amapá, Biblioteca Pública Estadual do Amapá, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular, União dos Negros do Amapá, Secretaria de Cultura do Estado do Amapá, Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amapá.

No dia 26 de março de 2013 estivemos presentes em Mazagão Velho, distrito de Mazagão, distante cerca de 70 km de Macapá. O local tem forte simbolismo na história do Marabaixo, pois, de acordo com muitos entrevistados, foi nesse local que os primeiros africanos chegaram trazendo com eles o Marabaixo. Em Mazagão Velho entrevistamos Josefa Pereira Lau[2], grande conhecedora da história cultural local e regional. Também entrevistamos Joaquina da Silva Jacarandá[3], uma das organizadoras da Festa do Divino Espírito Santo, durante a qual acontece o Marabaixo de rua em Mazagão Velho.

Em seguida, passamos pela comunidade do Carvão, que também é um distrito de Mazagão, onde ocorre a Festa de São Tomé, padroeiro dos agricultores. Nesse local, o principal contato foi Manuel Eleutério Pereira[4], conhecido como Coló, que nos contou que a festa teve início ainda na primeira metade do século XX, quando um grupo de agricultores realizou uma novena para agradecer a safra daquele ano.

2 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 26 de março de 2013.
3 Joaquina da Silva Jacarandá. Entrevistada em 26 de março de 2013.
4 Manuel Eleutério Pereira. Entrevistado em 26 de março de 2013.

Desde então a festa ocorre na comunidade, contudo, o Marabaixo passou a fazer parte desse evento em data incerta.

No dia 27 de março de 2013 visitamos primeiramente a comunidade de Campina Grande, onde residem os membros da família de Dona Antônia Grande, Antônia do Carmo Costa[5]. Todos estavam preparando o centro comunitário Jesus, Maria, José para o início do ciclo do Marabaixo. Esse é um dos poucos locais, fora de Macapá, onde se realiza também um ciclo de festas em devoção ao Divino Espírito Santo, e onde acontece o Marabaixo entre o sábado de aleluia e o domingo após o Corpus Christi. Além do ciclo, o Marabaixo é frequente durante os festejos da Sagrada Família, que ocorrem no final de cada ano. Sobre essa festividade, a Banda Placa fez um registro em dvd, no ano 2010, em que apresenta a festa desse ano, e as particularidades do Marabaixo de Campina Grande, como uso do afoxé e outros instrumentos de percussão. Além da estrutura do centro comunitário, o local conta com banheiros e dormitório para pernoite das pessoas que chegam de longe. A casa da família responsável pela festa fica disponível para o preparo do caldo e demais comidas que são servidas durante os dias de Marabaixo, como o frango de quintal, porco guisado na frigideira, e maniçoba. O principal líder local é Elson do Carmo Costa, conhecido como Jacundá.

Não muito distante de Campina Grande está a comunidade de Torrão do Matapi. Por causa de problemas na ponte que faz a ligação com o povoado, que está sendo refeita e temporariamente interditada, a equipe não conseguiu ter acesso à comunidade. Mas foi possível conversar com moradores locais, entre eles está Valdicleuson Silva da Costa[6], que lidera o grupo de Marabaixo local. Ele explica que há longas décadas o Marabaixo se faz presente no Torrão do Matapi, principalmente durante a festa de Nossa Senhora da Assunção, que acontece todo mês de agosto. Além disso, o grupo é muito ativo e participa de vários outras festas pelo estado do Amapá. Durante o ciclo do Marabaixo de Macapá, em 2013, muitos moradores do Torrão do Matapi estiveram presentes na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, entre outros locais. O grupo foi o grande vencedor do I Festival de Ladrões de Marabaixo promovido pela Confraria Tucuju no ano de 2011. O ladrão defendido pela comunidade contava a história da Cobra Grande, um fato que ocorreu no Torrão do Matapi e que é contado de pais para filhos.

Nesse mesmo dia estivemos em Ilha Redonda, comunidade que sofre com diversos problemas decorrentes das proximidades com a lixeira pública, um grande lixão a céu aberto que causa maus odores e atrai urubus e outros animais. Nesse local é mais forte a tradição do batuque, mas o Marabaixo também acontece, principalmente durante a Festa de São Sebastião. Conversamos com Dona Vanda dos Santos Lobo[7], que costura as vestimentas do Marabaixo e também faz pequenos bonecos vestidos a caráter. Ela relata que o responsável pelo grupo local é seu filho Marlúcio Cabral.

No dia 28 de março de 2013, a equipe se guiou pela Rodovia Estadual AP 70, onde fica o Curiaú, e demais comunidades que fazem parte da Área de Proteção Ambiental do Curiaú. Contudo, fomos um pouco além, iniciando os trabalhos do dia na comunidade de Abacate da Pedreira, onde fomos recebidos por Paulo de Assis Nascimento Lino e sua esposa Raimunda Nonata Vilhena Santana. O casal é residente do local, possui um bar na beira da estrada, uma casa anexa, e atrás da residência um grande espaço para realização de festas, geralmente em louvor aos santos católicos. Eles nos contaram que o Marabaixo

5 Antônia do Carmo Costa. Entrevistada em 27 de março de 2013.
6 Valdicleuson Silva da Costa. Entrevistado em 31 de março de 2013.
7 Vanda dos Santos Lobo. Entrevistada em 27 de março de 2013.

acontece principalmente durante a festa de São José no mês de março. No ano de 2013 foram apenas dois dias de comemoração, contudo, em anos anteriores, a festa durava até mais que uma semana. A mudança se deu por conta das dificuldades financeiras e da falta de recursos para a realização do evento.

Saindo da comunidade de Abacate da Pedreira e voltando em direção a Macapá encontramos a comunidade de Ressaca da Pedreira, onde conversamos com o Manuel Antônio de Deus[8] e com sua nora Ivanete Picanço das Chagas[9]. Atualmente são eles os responsáveis pelo grupo de Marabaixo no local. Contudo, a festa fica a cargo de um ou mais festeiros que sempre mudam a cada ano. Em Ressaca da Pedreira acontece a festa em louvor ao Divino Espírito Santo. Assim como em Macapá, a comunidade promove um ciclo que tem início no Sábado de Aleluia e vai até o Domingo do Divino Espírito Santo. Também conhecemos a pequena igreja em devoção ao Divino Espírito Santo, que na época da festa acolhe os ritos religiosos como as ladainhas que antecedem a parte lúdica do evento.

Próximo dali, em direção ao Curiaú, fica a comunidade de Casa Grande. Nesse local, acontece a festa em devoção a Santíssima Trindade, que é organizada e preparada pelo Grupo Folclórico Santíssima Trindade. Nosso principal contato no local foi Josefa Menezes da Chagas[10], que explicou que o Marabaixo faz parte das festas locais, e que a comunidade sempre recebe grupos de fora para animar os dias de festa.

Nos dias 28 e 29 de março de 2013, também estivemos presentes no Curiaú, dessa vez para explorarmos um pouco mais essa comunidade e aprofundarmos nossa pesquisa. Conhecemos a Igreja de São Joaquim, padroeiro local, o espaço comunitário utilizado para as festas, e também a igreja em devoção a Santo Antônio, além do Museu da Cultura da Vila do Curiaú, e toda a área destinada ao lazer da comunidade e visitantes, com trapiches e balneários à beira do rio Curiaú. O Curiaú é um dos lugares mais importantes da manifestação do Marabaixo. Das suas matas são retirados os mastros que os marabaixeiros usam para louvar o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade em Macapá, um tronco fino e comprido denominado de pau do Divino Espírito Santo. Além disso, a formação do Curiaú é envolta em histórias que relatam a presença de negros fugidos do árduo trabalho escravo realizado na construção da Fortaleza de São José em Macapá. Destaca-se no Curiaú a presença de João da Cruz, importante rezador de ladainhas, que participa das festas de santos em Macapá e no interior do Amapá.

Também no Curiaú fica localizado o Centro Cultural Raízes do Bolão, uma associação formada pelos descendentes de Maximiano dos Santos, conhecido como Bolão. Sua esposa, Francisca Ramos dos Santos, a dona Chiquinha, é um dos baluartes do Marabaixo, ainda ativa aos 93 anos de idade. Sua filha, Esmeraldina dos Santos[11], é escritora, cantadora e compositora de ladrões. Seu filho, Pedro Rosário dos Santos, o Pedro Bolão, é fazedor e tocador de caixas de Marabaixo. Além disso, ele mantém um espaço onde fabrica outros instrumentos musicais e também promove oficinas para crianças e jovens aprenderem o ofício.

No Curiaú, a manifestação cultural de maior expressão é o batuque. Contudo, o Marabaixo é uma tradição histórica passada de geração a geração. Quando o pesquisador Nunes Pereira visitou o Amapá em meados do século XX, ele pode vivenciar uma noite de Marabaixo no Curiaú. Esse fato foi relatado em seu

8 Manuel Antônio de Deus. Entrevistado em 28 de março de 2013.
9 Ivanete Picanço das Chagas. Entrevistada em 28 de março de 2013.
10 Josefa Menezes das Chagas. Entrevistada em 28 de março de 2013.
11 Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 28 de março de 2013.

livro 'O Sahiré e o Marabaixo'[12]. Atualmente, o Marabaixo acontece principalmente durante a festa em louvor a Santa Maria, que teve início ainda na primeira metade do século XX, quando uma jovem encontrou uma imagem de Santa Maria no meio da lama, junto aos porcos. A imagem foi imediatamente limpa, e diante das dificuldades enfrentadas pelos moradores do local, por causa das pragas na agricultura, foi feita uma promessa a Santa de que todo dia 31 de maio seria rezada ladainha em sua devoção. E assim continua sendo até os dias de hoje. Atualmente, a festa acontece nos dias 30 e 31 de maio, recebendo convidados de diversas comunidades que se dirigem ao Curiaú para rezar, prestar suas homenagens à santa, mas também para dançar o batuque e o Marabaixo.

Depois de percorrermos as comunidades rurais dos municípios de Macapá e Mazagão, ficou mais fácil compreender que o Marabaixo é uma forma de expressão, que congrega dança, canto, e o toque das caixas, além de envolver uma série de rituais durante um certo período. Essa manifestação cultural acontece durante as festas religiosas, mas que em cada localidade tem uma devoção diferente. Por vezes a festa é em louvor ao Divino Espírito Santo, em outros casos a devoção é dirigida a Santíssima Trindade, ou a São Sebastião, a Sagrada Família, a São José, a Santa Maria, a Nossa Senhora da Assunção, a São Tomé, dentre outros.

Nos dias 30 e 31 de março de 2013, a equipe se apresentou aos grupos de Marabaixo de Macapá, local de maior concentração da pesquisa e acompanhamento do Ciclo do Marabaixo de 2013. Primeiro, visitamos cada associação e fizemos contato com os presidentes, explicando o processo de pesquisa, coletando nomes para futuras entrevistas e compreendendo melhor o calendário e os rituais que acontecem durante o ciclo. No bairro Laguinho, visitamos a Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, onde nosso principal contato foi Mônica do Socorro Ramos. Essa associação faz homenagem a Raimundo Lino Ramos, o Mestre Pavão, patriarca da família e uma das principais figuras do Marabaixo em Macapá. Também no Laguinho encontramos com Danniela Patrícia da Silva Monteiro, que no ano de 2013 estava à frente da Associação Cultural Raimundo Ladislau. Essa associação tem como matriarca Benedita Guilherma Ramos, conhecida como tia Biló, filha de Julião Ramos, e faz uma homenagem a Raimundo Ladislau, exímio poeta e autor de muitos ladrões.

Já no bairro Favela, os contatos foram feitos com a Associação Cultural Berço do Marabaixo, representada por Marilda da Silva Costa. Essa associação tem como patrona Gertrudes Saturnino, fundadora do Marabaixo na Favela ainda em meados do século XX. Também conhecemos a Associação Zeca e Bibi Costa, que segue a tradição deixada por Zeca Costa e hoje é liderada por sua esposa Irene Pereira dos Santos.

As atividades do ciclo do Marabaixo tiveram início em Macapá no sábado de aleluia na Favela e no domingo de páscoa no Laguinho. Cada associação promoveu sua noite de Marabaixo recebendo grupos visitantes de outras comunidades, servindo o caldo e a gengibirra aos participantes, e dançando durante toda a noite ao som das caixas e dos cantos dos ladrões. Nossa primeira impressão foi de uma festa familiar, que congrega vizinhos e amigos, seguindo uma tradição deixada pelos antepassados. Em nossos primeiros contatos ficou claro o caráter identitário dessa expressão cultural, explicada e contada por muitos marabaixeiros como a mais autentica manifestação cultural do Amapá.

12 PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiros de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951.

Lembramos que durante a reunião de capacitação acordamos que a pesquisa não seria exaustiva e nem pretendia esgotar o assunto. Deveríamos fazer uma pesquisa com alguns grupos que pudessem contar a história e representar o Marabaixo do Amapá. Assim, escolhemos comunidades do município de Macapá, Mazagão e Santana. Contudo, devido às péssimas condições de tráfego nas estradas não conseguimos chegar à comunidade de Igarapé do Lago e outras comunidades de Santana.

Ainda nessa viagem, no dia 1º de abril de 2013, finalizamos as pesquisas no arquivo da Superintendência do IPHAN no Amapá, e também na Biblioteca Oswaldo Bratke, pertencente ao IPHAN. Na mesma ocasião aconteceu uma reunião entre a coordenadora da pesquisa, Adriene dos Anjos Noronha, e a responsável do IPHAN/AP pelo Inventário do Marabaixo até aquele momento, Kilvya Prioli.

No retorno a cidade de origem, Belo Horizonte, os pesquisadores deram continuidade ao trabalho escrito, produzindo o relatório da atividade 2, a Ficha de Sítio do Amapá, assim como o anexo 1 – Bibliografia, o anexo 2 – Registros Audiovisuais, o anexo 3 – Bens Inventariados, e o anexo 4 – Contatos. A equipe encontrou dificuldade em nomear o conjunto de localidades visitadas para, por fim, iniciar a pesquisa que seria usada para preenchimento da Ficha de Sítio. Como a ocupação do Amapá teve início na mesma área de ocorrência do Marabaixo, e os processos históricos e de ocupação do território se desenvolveram primeiramente nos locais estudados, influenciando todo o resto do atual estado, decidimos, enfim, por denominar a Ficha de Sítio como sendo referente ao Amapá. Decisão que foi, posteriormente, ratificada pelo técnico do IPHAN/AP Francisco Phelipe Cunha Paz. Também acreditamos que a pesquisa terá uma continuidade, não se esgotando no INRC em realização, e que novos grupos podem ser descobertos ou podem surgir em outras áreas do estado.

Destacamos a grande dificuldade em obter informações oficiais sobre cada localidade, pequenas comunidades rurais espalhadas por todo estado. Nem mesmo órgãos oficiais possuem dados históricos e estatísticos sobre cada um desses locais. Ademais, as informações estatísticas tratam o município como um todo, não apresentando dados específicos para os pequenos núcleos populacionais.

Retornando a produção do trabalho escrito, podemos dizer que o preenchimento do Anexo 1 – Bibliografia, e do anexo 4 – Contatos, transcorreu sem problemas. E mesmo para o início da pesquisa já foi possível obter um grande número de dados, assim como nomes, telefones e endereços de pessoas ligadas ao Marabaixo. Já o Anexo 2 – Registros Audiovisuais, nesse primeiro momento foi preenchido com material coletado em instituições como o Museu da Imagem e do Som, a Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular, Seafro e Secult, material disponibilizado na internet, além de material coletado pelos próprios pesquisadores durante a pesquisa nas comunidades.

Para o anexo 3 – Bens Inventariados, a equipe realizou pesquisas e reuniões para elencar os principais bens relacionados ao Marabaixo. Após a entrega do produto 2, com a continuidade da pesquisa, reuniões com os pesquisadores e também com o IPHAN/AP, houve uma complementação desse anexo com a inclusão de novos bens. Optou-se por descrever as principais 'Celebrações' relacionadas ao Marabaixo, fruto da pesquisa nas comunidades visitadas, que, em sua maioria, são as festas em louvor aos santos, e também outras celebrações como o Encontro dos Tambores e o Cortejo da Murta. No item 'Edificações' foi relacionada a Fortaleza de São José de Macapá, por causa de seu caráter histórico e sua relação com a presença dos africanos e seus descendentes no Amapá. Também acrescentamos as principais igrejas em

que pudemos acompanhar os ritos de bênçãos e missas relacionados ao Marabaixo, e que têm uma ligação simbólica com o Marabaixo, histórica com os locais em que foram erguidas, e em alguns casos relevância arquitetônica, são elas: Igreja de São José, Igreja de São Benedito, e Igreja Jesus de Nazaré, todas em Macapá; e também a Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Mazagão Velho. As pequenas capelinhas das localidades visitadas não foram descritas, contudo foram citadas ao falarmos sobre as festas de santos das demais comunidades. Para 'Formas de Expressão' foi relacionado o Marabaixo, que é o principal bem deste trabalho, mas também os ladrões, que são as cantigas típicas do Marabaixo, e as ladainhas, que são as rezas cantadas presentes na maioria das festas. No item 'Lugares' foram relacionados as principais referências para a história do Marabaixo: Mazagão Velho, onde os entrevistados apontam como o local da chegada dos africanos no Amapá; o Curiaú, comunidade quilombola de forte expressão cultural; e os dois bairros de Macapá onde acontece o Marabaixo e que são frutos da reforma urbana promovida pelo governador Janary Gentil Nunes em meados do século XX, o Laguinho, e a Favela (Santa Rita). Em 'Ofícios e Modos de Fazer' foram relacionados três bens: a Gengibirra, bebida típica das festas do Amapá; a Caixa de Marabaixo, instrumento de percussão que produz o som para as rodas de Marabaixo; e o ofício de Tocador de Caixa, um dos principais elementos do Marabaixo.

Assim como o Marabaixo, a equipe realizou uma pausa de cinco semanas entre um trabalho de campo e outro, voltando ao Amapá para a retomada das atividades da programação do ciclo. Essa nova etapa dos trabalhos contou com novos profissionais, pois a partir desse momento começamos a produzir as imagens e a coleta de depoimentos para o documentário, além do registro fotográfico das principais etapas do ciclo, dos locais visitados, e das pessoas entrevistadas. Além disso, enquanto uma parte dos pesquisadores acompanhava e orientava os cinegrafistas e os fotógrafos, outra parte se encarregou de realizar as entrevistas com os participantes do Marabaixo em Macapá, em Mazagão, em Mazagão Velho e no Curiaú, locais já visitados, mas escolhidos para o aprofundamento da pesquisa por conta da tradicionalidade da manifestação cultural. Assim, as entrevistas já mencionadas acima foram realizadas entre os dias 04 e 21 de maio de 2013, período em que a equipe esteve presente no Amapá.

Para o início dessas atividades, a equipe se reuniu, no dia 04 de maio de 2013, na sede da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão para acompanhar os participantes ao Curiaú durante o ritual do corte do mastro. Seguimos na carroceria de um caminhão, onde os marabaixeiros dançavam, cantavam, tocavam, balançavam suas bandeiras e soltavam fogos. Assim, foi possível não só captar imagens inéditas, mas também conversar e coletar depoimentos até mesmo durante o trajeto. Já no Curiaú, o grupo de Marabaixo do Pavão adentrou na mata, escolhendo as melhores árvores, que deveriam ser compridas e retas, para o corte. Circundando a árvore a ser cortada, eles cantavam e tocavam, ao mesmo tempo em que as machadadas eram desferidas. Enquanto um grupo saía da mata outro chegava ao local, assim, eles se encontravam na beira da estrada fazendo uma grande festa. Depois, todos se reuniram no balneário de Dona Orlandina para um almoço e rodas de Marabaixo. Nesse dia, também esteve presente no local o governador do estado do Amapá acompanhado de sua esposa.

Nesse mesmo sábado, à noite, a equipe esteve na Associação Cultural Berço do Marabaixo. Contudo, as imagens captadas no local ficaram prejudicadas devido à falta de energia elétrica no local. Mas isso não tirou o ânimo dos marabaixeiros, que continuaram dançando até de madrugada.

Dia 05 de maio de 2013 foi o dia do domingo do mastro, ritual em que acontece um cortejo pelas ruas do bairro, indo da casa em que o mastro foi depositado no dia anterior até a casa do festeiro. Cada grupo realiza seu próprio cortejo e geralmente no mesmo horário. Assim, optamos por acompanhar a Associação Zeca e Bibi Costa, cujo festeiro deste ano é Rivaldo Guilherme da Costa, um menininho de três anos, filho de Rivaldo dos Santos da Costa[13], que por sua vez é filho de Irene Pereira dos Santos, a responsável do grupo. Rivaldo conta que fez a promessa para seu filho nascer e crescer com saúde, e que por isso colocou o menino como festeiro, sendo que todas as atividades de preparação e organização são realizadas pelo próprio pai, ficando seu filho com o título simbólico. Durante o cortejo, o pequeno Rivaldo Guilherme seguiu sentado no mastro, uma prática muito adotada em Macapá e que vem sendo passada de geração a geração, conforme podemos observar por meio de fotografias de meados do século XX. O pequeno grupo que efetuou o cortejo, cerca de vinte pessoas, saiu cantando pelas ruas e, além do mastro, também carregaram a bandeira da Santíssima Trindade.

Nos dias entre um ritual e o outro, a equipe se dedicou às entrevistas e produção de imagens para o documentário. Assim, no dia 06 de maio de 2013 estivemos novamente no Curiaú, entrevistando os membros do Centro Cultural Raízes do Bolão. Nesse dia, acompanhamos o Modo de Fazer Caixa junto com o Pedro Rosário dos Santos[14], o Pedro Bolão, que nos explicou todo o processo e nos contou sobre os materiais usados, além de relatar sua participação no Marabaixo e também como foi seu início nesse ofício. Conversamos com Esmeraldina dos Santos[15], que contou histórias sobre a formação do Curiaú e também cantou alguns ladrões juntamente com seus netinhos. Por fim, registramos imagens e coletamos depoimentos de Francisca Ramos dos Santos[16], a Dona Chiquinha, que aos 93 anos de idade ainda trabalha na sua roça de maniva, fazendo questão de nos falar sobre sua atividade.

Dia 07 de maio de 2013 foi a vez de retornarmos a Mazagão Velho para filmarmos a entrevista com Josefa Pereira Lau[17], a dona Zezinha, que nos relatou novamente, em tom poético, os mitos de origem do Marabaixo e da formação do Amapá. Nesse dia foram captadas imagens de Mazagão Velho, da comunidade às beiras do rio Anauerapucu, e também de Mazagão.

A quarta-feira da murta, que em 2013 caiu no dia 08 de maio, foi um dia de intensas atividades. Pudemos acompanhar os preparativos para a festa com as festeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau, que durante toda a tarde prepararam o caldo com carnes, legumes e verduras para ser servido aos participantes da festa. A gengibirra já tinha sido preparada de véspera. Chegando a hora do evento, acompanhamos a cuidadosa arrumação da festeira Djane Estrela[18] para o cortejo que se iniciaria logo mais. A roupa escolhida para o dia foi a de cor azul, saia florida, blusa com babados, maquiagem combinando com a cor da roupa, flor no cabelo, sapatilha branca nos pés, brincos, pulseiras e colares, e a toalha no ombro.

Todos prontos e reunidos teve início o cortejo da murta, à frente as bandeiras da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo, também uma faixa com a inscrição 'Ciclo do Marabaixo do Laguinho'. Em seguida os tocadores de caixa, as cantadeiras e dançadeiras. O grupo parou na casa de tia Fé, uma

13 Rivaldo dos Santos da Costa. Entrevistado em 05 de maio de 2013.
14 Pedro Rosário dos Santos. Entrevistado em 06 de maio de 2013.
15 Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.
16 Francisca Ramos dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.
17 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 07 de maio de 2013.
18 Djane Estrela. Entrevistada em 08 de maio de 2013.

senhora idosa moradora do bairro Laguinho. Nesse local fizeram uma homenagem soltando fogos e cantando ladrões, depois partiram para outra casa, onde fizeram uma parada maior, cantando e dançando. Os marabaixeiros recolheram os galhos de murta que estavam guardados nessa casa e seguiram pelas ruas do bairro dando continuidade ao cortejo. Também entraram na Igreja de São Benedito louvando o santo e pedindo bênçãos ao Senhor. Antes de retornarem para a sede da associação, passaram em outras casas, e, como forma de protesto pela falta de patrocínio, entraram em um supermercado do bairro, dançando e cantando próximos aos caixas.

Após o cortejo da murta, o Marabaixo continuou até o dia seguinte, pois às 6 horas da manhã do dia 09 de maio de 2013 foram erguidos os mastros do Divino Espírito Santo. Um pouco antes do esperado momento, as mulheres, principalmente as festeiras, começaram a enfeitar o mastro com os ramos de murta. Enquanto isso, os homens cavavam os buracos na calçada que fica na frente da associação, para a colocação dos mastros. Também foram pregadas as bandeiras em uma das extremidades de cada mastro. Elas continham a imagem de uma coroa com uma pomba na extremidade superior representando o Divino Espírito Santo. Tudo pronto, teve início o levantamento dos mastros ao som de fogos de artifício, dos ladrões de Marabaixo e dos toques das caixas. Primeiro foi erguido o mastro enfeitado com a murta, ao redor do qual os marabaixeiros dançavam, tendo sempre uma das mãos junto ao mastro. Em seguida foi erguido o mastro com as cores do Divino Espírito Santo: branco e vermelho. Depois de muitos agradecimentos pelas bênçãos alcançadas, pedidos de graças e olhares dirigidos ao alto na direção das bandeiras erguidas, teve fim mais um ritual do Marabaixo.

Nesse mesmo dia teve início a novena na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, onde acompanhamos a reza cantada realizada pelo senhor Chico da Lagoa, Francisco Ferreira Ramos[19]. A ladainha aconteceu junto ao altar, que ficou rodeado pelos moradores da casa do festeiro, pelos parentes e amigos. O local é preparado e enfeitado com flores artificiais e fitas que têm as cores das bandeiras dos santos homenageados: branco e vermelho para o Divino Espírito Santo, e branco e azul para a Santíssima Trindade. Na mesa, que também continham fotografias dos donos da casa já falecidos (Mestre Pavão e sua esposa Waldomira Ramos) foram colocadas as velas e as coroas dos santos louvados, enfeitadas com fitas.

No dia seguinte, 10 de maio de 2013, a equipe responsável por acompanhar a produção do documentário realizou mais entrevistas com os marabaixeiros, dentre os quais destacamos Danniela Patrícia da Silva Monteiro[20], da Associação Cultural Raimundo Ladislau, e Marilda Silva da Costa[21], da Associação Cultural Berço do Marabaixo. A partir daí, os trabalhos para o documentário tiveram uma pausa de uma semana. Contudo, parte da equipe de pesquisadores continuou em Macapá realizando entrevistas e também coletando material para o desenvolvimento do trabalho. Nesse período, as atividades do Marabaixo também foram paralisadas de acordo com o cronograma do ciclo.

De volta a Macapá no dia 18 de maio de 2013, a equipe de produção do documentário, reunida mais uma vez com a equipe de pesquisadores, acompanhou nesse dia o Modo de Fazer Gengibirra na Associação Zeca e Bibi Costa, onde dona Irene Pereira dos Santos[22] explicou o passo a passo de como se faz a típica bebida servida durante o Marabaixo. Sabemos que cada comunidade e até mesmo cada pessoa tem sua

19 Francisco Ferreira Ramos. Entrevistado em 09 de maio de 2013.
20 Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
21 Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
22 Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 18 de maio de 2013.

própria receita, marcada por pequenas variações na proporção e até mesmo no incremento da bebida com especiarias e outras frutas. Mas a base da gengibirra é sempre mesma: gengibre, água, açúcar e cachaça.

Nesse mesmo dia acompanhamos também os membros da Associação Zeca e Bibi Costa no corte da murta nas matas da comunidade do Coração. O grupo saiu em comboio da sede em Macapá, e junto seguiu um pequeno caminhão para posteriormente serem colocados os galhos da planta. Chegando ao local, parte do grupo ficou na beira de uma estrada de terra tocando as caixas e cantando ladrões, enquanto alguns homens cortavam a murta. A cada momento fogos eram soltos em forma de agradecimento e em louvação a Santíssima Trindade.

O dia de Pentecostes, em que se celebra o momento que o Divino Espírito Santo desceu sobre os apóstolos de Jesus Cristo, é um dia de intensas atividades para o Marabaixo. No início da manhã de 19 de maio de 2013, as duas associações do bairro Laguinho, que dedicam a festa ao Divino Espírito Santo, participaram de missas. A Associação Cultural Raimundo Ladislau foi acompanhar a celebração da Igreja de São Benedito. Foi uma missa dominical celebrada para a comunidade, contudo, os participantes do Marabaixo se posicionaram nos primeiros bancos, tendo participação nas orações, lendo passagens bíblicas e cantando respeitosos ladrões que falam sobre Deus, Jesus e Maria, além do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade.

A missa da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão foi celebrada na Igreja Jesus de Nazaré, tendo a participação do grupo em diversos momentos. Os marabaixeiros rezaram o Pai Nosso no mesmo ritmo em que as ladainhas são rezadas nas casas dos festeiros. Em sua homilia, o padre ressaltou a importância de valorizar a cultura do Amapá, e o caráter religioso do Marabaixo. Também explicou que o Marabaixo é a história de um povo, é a resistência dos negros nas senzalas, e que esses aspectos e essa história devem ser levados para as escolas e para as universidades para que se possa preservar a história e a cultura local. Depois de cada missa, os grupos voltaram para suas sedes onde foi servido um café da manhã.

Nesse mesmo domingo acompanhamos o cortejo da murta, promovido pela Secretaria Extraordinária de Políticas Afrodescendentes. Destacamos que a importância desse evento está em seu simbolismo, na reaproximação entre Igreja e Marabaixo, que durante longas décadas mantiveram-se afastados por causa da recusa dos padres em ter essa manifestação associada à Igreja Católica. Além disso, é um momento de reencontro entre grupos das mais diversas comunidades rurais, e também de outros municípios como Mazagão e Santana. Lembramos que o cortejo da murta realizado pelos grupos de Marabaixo em seus bairros e comunidades é uma prática tradicional do Marabaixo, e que o cortejo da murta promovido pela Seafro é outro evento, uma ação de governo. Nesse dia comemora-se o dia da murta da Santíssima Trindade, pois no dia seguinte são erguidos os mastros que são envoltos pela murta que em muitos casos é colhida no domingo do Divino Espírito Santo.

As atividades do evento da Seafro começaram a partir das 12 horas com a concentração das pessoas, almoço e apresentações musicais no espaço ao lado da Casa do Artesão, e logo depois teve início o Esquenta da Juventude Marabaixeira, uma reunião de jovens e crianças que cantaram ladrões e dançaram Marabaixo. Em seguida, centenas de pessoas saíram em cortejo pela avenida à beira do Rio Amazonas, chegando à Praça do Coco e à Igreja de São José. À frente seguiam os representantes dos grupos carregando as bandeiras. Em seguida, homens, muitos tocando caixas, e mulheres e crianças com suas

saias rodadas, coloridas e floridas carregando galhos de murta na mão, e dançando ao som dos ladrões que eram cantados de cima de um carro de som e acompanhados pelos demais participantes do evento. Chegando à porta da Igreja, o padre Lourenço Filho[23] fez a bênção dos galhos de murta dizendo: "Hoje a Igreja está aberta ao diálogo. Esse evento, onde o Marabaixo se reaproxima de vez da Igreja, é a maneira de dizer que o importante é reforçar a fé cristã". Em seguida, foram feitas as homenagens com a presença de senhoras idosas que compõem a velha-guarda do Marabaixo e também a oferenda de produtos que representam o Marabaixo e o Amapá, como: flores, fitas, produtos da terra, e a gengibirra. Depois, a coroa do Divino Espírito Santo foi levada ao altar da Igreja de São José para ser abençoada, foi um momento de grande relevância para a manifestação, e de forte emoção para os marabaixeiros.

O evento terminou com todos dançando Marabaixo na porta da Igreja de São José e com a dispersão dos grupos para as sedes das associações de Macapá, onde a festa continuou até às 6 horas da manhã do dia seguinte, quando houve o levantamento do mastro da Santíssima trindade. Nossa equipe acompanhou nessa noite o Marabaixo dos grupos da Favela: Associação Cultural Berço do Marabaixo e Associação Zeca e Bibi Costa. Ambas as casas estavam muito animadas, com a presença de marabaixeiros de comunidades rurais como: São João I do Maruanum II, Igarapé do Lago, e Coração.

Dia 20 de maio de 2013 foi o dia do levantamento do mastro da Santíssima Trindade. Escolhemos acompanhar o ritual da Associação Cultural Berço do Marabaixo. O que diferencia esse ritual do outro assistido anteriormente é que os membros dessa associação já deixam desde o dia anterior o mastro enfeitado com a murta. Para anunciar que a hora do ritual está chegando eles soltam fogos de artifício. Em seguida, todos se encaminham para a rua, dançam, cantam, e tocam. Primeiro foi erguido o mastro com as cores da Santíssima Trindade: branco e azul. Em seguida ergueu-se o mastro enfeitado com a murta. Todos festejaram e agradeceram aquele momento. É importante lembrar que os marabaixeiros haviam participado do cortejo da murta que durou toda a tarde de domingo, depois passaram a noite inteira dançando e festejando na associação, para enfim erguerem o mastro às 6 horas da manhã.

Ainda no dia 20, e também no dia 21, de maio de 2013 realizamos mais entrevistas. Dentre os entrevistados desses dias destacamos o fazedor e tocador de caixa Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra[24], a responsável pela Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, Mônica do Socorro Ramos[25], e a responsável pela Associação Folclórica Raízes da Favela, Maria Elísia Carmo Silva[26], mais conhecida como Elísia Congó. Assim, demos por encerrada mais uma etapa do trabalho de campo.

No dia 23 de agosto de 2013, a equipe de pesquisa voltou a Macapá para o Encontro de Salvaguarda. Para essa reunião o combinado e também discriminado em contrato era que a convocação e organização do evento ficaria sob a responsabilidade do IPHAN/AP, sendo que a equipe de pesquisadores, presente no encontro, ficaria responsável pela apresentação dos resultados do projeto, assim como pelo acompanhamento e cooperação durante a dinâmica da qual sairiam as diretrizes para a elaboração do Plano de Ação. Contudo, devido ao baixo número de participantes presentes no encontro não foi realizada a discussão para elaboração do projeto de salvaguarda. Assim, em reunião com a superintendente do IPHAN/AP, Juliana Morilhas Silvani, com o técnico Francisco Phelipe Cunha Paz, e com os pesquisadores

23 Bênção da Murta. Áudio gravado em 19 de maio de 2013.
24 Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra. Entrevistado em 20 de maio de 2013.
25 Mônica do Socorro Ramos. Entrevistada em 20 de maio de 2013.
26 Maria Elísia Carmo Silva. Entrevistada em 21 de maio de 2013.

contratados, ficou acordado que a realização do Projeto de Salvaguarda ficaria sob a responsabilidade do próprio IPHAN/AP.

Contudo, para a conclusão do trabalho ainda faltava o acompanhamento do Marabaixo no interior do Amapá. Por sua grande simbologia e importância histórica, escolhemos o distrito de Mazagão Velho, pertencente ao município de Mazagão. Nesse local, acontece todos os anos, entre os dias 16 e 24 de agosto, a Festa do Divino Espírito Santo. Assim, estivemos presentes em Mazagão Velho no principal dia da festa, 24 de agosto. Chegamos no momento em que estava sendo finalizado o sorteio das Empregadas do Divino para a festa que acontecerá no próximo ano. Em seguida aconteceu um leilão com produtos doados pela própria comunidade, como frangos vivos, sacos de laranja, bolos decorados, cachos de banana, entre outros.

Depois, acompanhamos o Marabaixo de rua. Os marabaixeiros saíram em cortejo seguindo a bandeira do Divino Espírito Santo, cantando os ladrões, tocando as caixas e dançando. Além disso, o grupo entrou em diversas casas, onde os moradores ofereceram aos participantes o caldo com carne, legumes e verduras e também a gengibirra. O Marabaixo foi até o início da noite, quando foi realizado o ritual de coroação da Imperatriz do Divino Espírito Santo e também o corte do mastro. O último dia de novena, realizada na Igreja de Nossa Senhora da Assunção, marcou o fim da Festa do Divino Espírito Santo deste local.

No dia seguinte, 25 de agosto de 2013, a equipe de pesquisa retornou a Mazagão Velho para gravar uma entrevista com Jozué da Conceição Videira, um dos organizadores das festas locais, mas que também é tocador e fazedor de caixas de Marabaixo. Ainda nesse dia, na cidade de Mazagão, entrevistamos o senhor José Jorge da Silva, que aos 82 anos nos contou, entre outros assuntos, sobre a origem do Marabaixo e sua ocorrência quando ainda era menino. Para finalizarmos nossa produção de entrevistas, no dia 26 de agosto de 2013, conversamos com a senhora Maria José da Silva Libório, que é filha de Gertrudes Saturnino, uma das grandes líderes do Marabaixo na Favela.

Produzimos um grande número de material, composto por registros audiovisuais, registros sonoros e registros fotográficos. Ressaltamos que procuramos entrevistar diferentes participantes do Marabaixo: pessoas da velha-guarda, presidentes das associações, dançadeiras, cantadores, tocadores de caixa, compositores de ladrões, herdeiros da tradição, jovens e crianças, além de pessoas que trabalham em instituições culturais e que promovem pesquisas e demais ações ligadas ao Marabaixo. As entrevistas também variaram no assunto e no tempo, algumas são maiores e envolve os vários aspectos da manifestação cultural e também da história do Marabaixo, outras são mais curtas, constituindo-se em um depoimento sobre determinado tema.

Dessa maneira, julgamos que o material coletado é muito substancial, oferecendo diferentes pontos de vista, aspectos históricos, sociais e antropológicos, e proporcionado novas abordagens para a pesquisa, assim como para o registro documental do bem.

4 - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Falar sobre a história do Marabaixo é adentrar em uma diversidade de mitos de origem e histórias de vida pessoal que perpassam o processo de formação do estado Amapaense e as políticas de ocupação dessa região. Assim, como diz a marabaixeira Marilda Silva da Costa[27], a história do Marabaixo se confunde com a história do Amapá. Este texto oferece uma contextualização sobre a colonização do Amapá, a escravidão na região e as políticas públicas realizadas no local, e se apresenta, portanto, permeado por relatos, depoimentos orais e histórias de quem ali vive e de quem guardou memórias sobre os tempos de outrora. Não há dados precisos sobre a origem do Marabaixo, mas apontamentos e versões diversas que só enriquecem a visão que temos hoje desta manifestação.

Começamos, portanto, pela ocupação. O espaço que hoje conhecemos como o estado do Amapá foi alvo de muitos conflitos e disputas territoriais por estar localizado em uma região fronteiriça e também por fazer parte da Amazônia. Ponto de atração de holandeses, ingleses e franceses, diversos foram os viajantes que por meio de expedições chegavam ao local, mas que dificilmente se fixavam devido a conflitos com as populações nativas: os tucujus e os tapuiaçus, pertencentes aos grupos indígenas aruaques, caraíbas e tupi-guaranis.

Durante o século XVII, algumas missões católicas foram responsáveis pela doutrinação da população, com a vinda de frades franciscanos, padres dominicanos e jesuítas. Mas foi no século XVIII, após a assinatura do Tratado de Madrid em 1750, que Portugal começou a realizar meios efetivos de exploração e defesa da região.

É também em meados do século XVIII que se encontram os primeiros registros de entrada de negros para a região. Não era uma tarefa fácil o deslocamento para a Amazônia, espaço de difícil ocupação e que muitas vezes utilizava da população nativa, os chamados "negros da terra", como força de trabalho para o colonizador. Assim, durante o período colonial, o trabalho compulsório do índio provavelmente superou o do africano na região. Alguns marabaixeiros nos contam que a origem do Marabaixo está presente ainda na África, quando os negros se reuniam nas casas à noite para dançar o que chamavam de coco. Porém, o duro trajeto dos navios negreiros, que confiavam à morte muitos destes negros jogados mar abaixo, teria sido o responsável pelo tom de lamento presente nos antigos ladrões da festividade.

Em meados do século XVIII, com a criação da companhia geral do Grão-Pará e Maranhão, ocorreu a facilitação da introdução de escravos para a área, que chegavam principalmente para trabalhar na produção de algodão. Segundo Florival Cáceres, no período entre 1755 a 1778, a companhia trouxe à região mais de 25 mil escravos, desse total, aproximadamente 15 mil se estabeleceram onde é hoje o estado do Pará.

Com a extinção da Companhia, o comércio de escravos continuou, porém em menor número, e permaneceu ativo até as primeiras décadas do século XIX. Os escravos trabalharam em atividades agrícolas, como o cultivo de cana-de-açúcar, algodão, cacau e tabaco e no extrativismo das chamadas "drogas do sertão", como a canela, a baunilha, o cravo, as raízes aromáticas, o urucum e as sementes oleaginosas, além de servirem em trabalhos domésticos e em construções urbanas. O aumento da oferta de mão de obra africana não eliminou a escravidão indígena, sendo que o contato e a interação social

27 Marilda Silva da Costa – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

entre os índios, os europeus e os negros resultaram na incorporação e na troca de elementos dessas culturas.

Dois fatos colaboraram para o aumento da inserção dos negros na região: a construção da Fortaleza de São José, em Macapá, e a vinda de colonos e escravos de Marrocos para a atual localidade de Mazagão Velho, sendo que ambos estão ligados aos mitos de origem do Marabaixo.

As obras da Fortaleza de São José, iniciadas devido aos constantes conflitos territoriais com os franceses, começaram em 1764, a pedido do governador do Grão Pará e Maranhão, Fernando Ataíde Teive, e teve como engenheiro responsável Henrique Antônio Galúcio. A obra durou 18 anos tendo como mão de obra, tanto os índios quanto os escravos trazidos para a localidade, que, conforme registros, chegaram ao número de 2500 pessoas. O Forte foi inaugurado em 1782, e foi no entorno desse monumento de defesa e da Igreja de São José, inaugurada em 1761, com planta traçada pelo sargento-mor Manoel Pereira Abreu, que ocorreu a ocupação da então Vila de São José.

Parte dos escravos trazidos para a construção da fortaleza, com a finalização da obra, passou a ocupar um local conhecido hoje como Curiaú, tendo como atividade principal a agricultura com produtos como o arroz e o algodão:

> O Curiaú é essa comunidade que foi descoberta por dois escravos. Dizia assim, os escravos andavam procurando um lago, eles fugiram da Fortaleza e estavam procurando um lugar para ficar e descobriram o Curiaú, aonde se tornou essa comunidade tão linda e bonita que são os descendentes de escravos que vieram morar no Curiaú. E vocês já ouviram falar, do Inácio da Bacaba que cantava ladrões de Marabaixo a noite todinha aqui no Curiaú só para três cachorros amarrados na cintura, ele fazia o Marabaixo a noite todinha, com uma caixa ele cantava e tocava, e os cachorros com ele. [28]

Outra versão sobre a origem do Curiaú conta que um certo senhor Miranda, trouxe consigo sete escravos do Nordeste. Quando descobriram o lago de Curiaú, se certificaram que o lugar era próprio para a sobrevivência, e ali construíram suas casas. Ao morrer, o senhor Miranda teria deixado as suas terras para os escravos, uma vez que não possuía herdeiros. E seriam os descendentes destes escravos que, após constituírem famílias, ocuparam o lugar onde hoje é o Curiaú:

> Há três séculos, aproximadamente, veio da margem nordestina um casal de origem africana, com eles, seus sete escravos. Chegaram de canoa através do Rio Pedreira, trazendo gado encambado em jangada e ancoraram em local, ainda hoje não muito bem definido, às margens daquele rio. Dali montaram nos bois, cavalgaram com a boiada aproximadamente de 40 a 50 km, chegando ao local onde hoje é o Retiro, no Km 13. Fizeram um barraco e ficaram aproximadamente uns dez dias morando lá, quando um dos escravos saiu à procura de mel e acabou descobrindo Criaú. Francisco Inácio, o escravo que descobriu Curiaú, voltou e informou ao seu bom Senhor (Miranda - não consta o nome da firma dele), que Curiaú era lugar bom de viver e era propício para criações. Convencido, o Senhor Miranda partiu com os escravos: Francisco Inácio, João Inácio, Domingas Inácio, Domiciano Inácio e Manoel Inácio, todos irmãos. O Senhor Miranda nessa fuga, ficou viúvo e não tinha filhos herdeiros. No dia seguinte, colocaram o gado na frente e partiram, a bom caminhar, mais ou menos uns 12km, chegaram e acamparam no lugar chamado Curuçá. Ao amanhecer, o gado havia fugido e eles vieram pela batida e fizeram um pique na mata que divide os dois Curiaús, dando-lhe o nome de picada. Ao chegarem na beira do lago, encontraram o gado lá fora num teso, uma parte alta do lago, e deram-lhe o nome de teso da malhada. A seguir, passaram a construir à beira do lago, a casa da morada e derem-lhe o nome de Casa Grande. Viveram lá muito tempo. Para trabalhar na agricultura eles preferiram as várzeas do mocambo porque eram terras férteis e boas para as plantações. O mocambo fica no limite das

28 Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.

> terras do Curiaú, no verão eles faziam o percurso a pé por dentro da mata, aproximadamente de 10 a 13 km, e no inverno, de montaria, aproximado de 15 a 20 km. Faziam farinha e mel de cana. Trabalhavam com barro, tala, envira e, com esses materiais, faziam de tudo.[29]

Já a vinda de marroquinos para o território norte do Brasil no século XVIII, por sua vez, está ligada à desativação da cidade de Mazagão na África, decretada pela carta régia de 10 de março de 1769, por Dom José I. Mazagão foi um território português, extremamente fortificado, localizado no Norte da África dentre os anos de 1514 e 1769. Durante esse período, Portugal lutou contra a resistência das tribos ao redor da cidade, mas em 1769, os ataques do sultão Sidi Mohamed ben Abdallah forçaram a retirada da população. Foi então que o secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, decidiu transferir parte dos habitantes de Mazagão para a Província do Grão Pará, então governada por Fernando da Costa Ataide e Teive, assim como relatado no documento a seguir:

> Havendo S Magestade ha muitos anos conhecido o quanto inutil era sustentar a praça de Mazagão, e agrande despeza, que era obrigado a fazer para sustentar, e não se seguindo fructo algum ao christianismo; porque era impossivel o propagar-se por aquella porta, pelo odio irreconciliável que aqueles barbaros conservavão aos moradores da mesma praça, por cuja causa não podia fazer progresso algum o comércio, e em consequencia acharem aqueles miseraveis moradores a uma perpetua penuria, sendo-lhes necessária ate para terem uma pouca de lenha arriscarem as vidas, como todos os dias estava sucedendo. [...] E tendo S Magestade na sua real consideração todos estes objectos tinha resoluto que se largasse a dita praça aos mouros debaixo de certa negociação em que se trabalhava. [...] A ella se antecipou o Imperador do Marrocos, fazendo-lhe um sitio formal com um exercito de setenta mil combatentes, e todos os instrumentos de expugnação que necessita em semelhantes ocasiões.[30]

A carta ainda conta do trajeto dos moradores a Lisboa e da transferência que os mesmos fariam para a Amazônia, advertindo o governador do Grão Pará a receber entre mil e duas mil pessoas:

> Com estas famílias ordena El Rei Nosso Senhor, que se estabeleça uma nova povoação na Costa septentrional das Amazonas, para se darem as mãos com o Macapá, e com Vila Vistoza" ..."Entre os rios que vem por aquelas partes buscar as Amazonas lembra o Mutuacá, o qual tendo campo capazes de gado e criações, parece o mais próprio, mas sempre necessário que VS mande explorar por pessoas capazes, que possam bem conhecer a terra, se é capaz de creações e de produzir fructos para que os nossos moradores vivão em abundância, para se tirarem para sempre da miséria, em que nascerão, e se crearão.[...] Se porém se não acharem estas qualidade nas margens daquelle Rio, os exploradores que VS mandar aquella diligencia, poderão escolher outro qualquer dos que desaguão nas ditas Amazonas por aquella margem septentrional, que a mais a proposito lhe parecer para este ultilissimo estabelecimento; contemplando porém a pureza dos ares, por que a caridade, e as positivas ordens de S Magestade recommendão a saude destas miseraveis gentes.[31]

A carta exorta o governador a tomar as providências necessárias e avisa que seriam enviadas, juntamente com os povoadores, as ferramentas e munições que lhes deviam ser dadas e o dinheiro para os pagamentos. Assim, os colonos de Mazagão foram embarcados em setembro de 1769 de Lisboa ao Pará. A condição de saúde da maioria não era boa - vários foram socorridos nos hospitais e mais de 300 morreram ainda em Lisboa. Houve resistência para a partida, mas mesmo assim, chegou no Grão Pará uma comitiva

29 SILVA, Sebastião Menezes da. Curiaú, sua vida, sua história. Macapá: Valcan. p. 9.
30 ÁRAÚJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. p. 265.
31 ARAÚJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. p. 266.

de 1022 homens, compondo 340 famílias. Os colonos se estabeleceram em Belém em 1770, conforme relatado na carta do Ouvidor do Estado, José Feijó de Melo e Albuquerque, a Mendonça de Furtado:

> A gente de Mazagão que S Magestade foi servido enviar para este Estado, tem feito esta cidade assazmente populosa de sorte que não pode ter inveja as desse Reino. Elles estão summamente satizfeitos, achando aqui as mais prontas providências que a eficaz vigilância de meu Amo, o Illmo e Exmo Sr Fernando da Costa de Ataide Teive soube premeditar. Parece que neste estabelecimento a Providencia Divina teve uma grande parte porque chegou a mesma gente em ocasião que esta cidade se achava socorrida com seus sumacas carregadas de carne seca e a provedora da Fazenda Real superabundantemente cheia de farinha e peixe; de sorte que os magazanistas estão gostozamente agradados da boa vida que levão e da fartura que experimentão.[32]

Os colonos permaneceram em Belém, onde receberam auxílio da Igreja de Santo Alexandre até o ano de 1771, quando começou o transporte para o sítio escolhido para a povoação, a beira do rio Mutuacá, conforme sugerido por Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Foi enviado ao local o ajudante engenheiro Domingos Sambucetti para escolher o espaço mais cômodo para a formação do núcleo urbano - a povoação de Santa Ana do Rio Mutuacá. Este sítio era ocupado desde 1769 por um ajuntamento de índios feito por Francisco Portilho, capitão que promovia resgates e comércio de indígenas.

Após a morte de Mendonça Furtado em 1769, Pombal se encarregou de realizar mais uma expedição de mazaganistas que permaneceram em Lisboa, dificultando ao máximo a permanência dessas pessoas na Metrópole portuguesa. O nome escolhido para a nova povoação - Nova Mazagão – se remete à memória das conquistas portuguesas e retoma a homenagem ao poder régio frequente nas demais fundações da região Amazônica. Ao controle régio sucedia-se, porém, inúmeras tentativas de resistência por parte dos colonos, que negavam-se a transferência de Lisboa a Belém, e depois de Belém a nova Vila. Eles enviavam insistentes pedidos à Coroa, alegando motivos variados. Nota-se assim, que os problemas da instalação foram muitos, e incluía também a falta de recursos, a má qualidade da terra, do clima, da comida insuficiente e das habitações precárias.

O genovês Domingos Sambucetti e o capitão Ignácio de Castro Moraes Sarmento foram os responsáveis pelas operações preliminares da instalação da nova Vila, dentre as quais a confecção de uma planta do terreno. Mesmo após a instalação da vila, os conflitos não cessavam. Em 1778, os vereadores da Câmara local se dirigiram a rainha em uma carta, se referindo à resistência mazaganista e do descaso quanto às suas condições:

> Divulgou-se serem destinados ao estabelecimento do Pará e sentiram logo repugnância ao transporte para um clima tão distante já porque reconhecião não ser esta a recompensa merecida por seus serviços. (...) transportados violentamente ao referido Estado do Pará tem nele chegado ao último ponto da misária, a que ordinariamente só chegam aqueles que para fogirem ao castigo merecido por seus atrozes crimes se oferecem a Povoar novos descobertos e colônias, e não um Povo sempre fiel, sempre constante e só exercitado nos estrondos da guerra.[33]

Não assumindo o papel de colonos a que foram subjugados, os mazaganistas se negavam a trabalhar na lavoura, solicitando para tal a presença da mão de obra escrava. A esse cenário, soma-se uma forte

32 ARAÚJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. p. 267.
33 ARAÚJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. p. 283.

epidemia ocorrida em 1783 - que também afetou Macapá e Vila Vistosa, reforçando os ares de insalubridade da terra e aumentando sobremaneira as petições para que os colonos voltassem ao Reino. Nesse mesmo ano, foi concedida aos colonos, a autorização para deixarem a vila e se instalarem onde mais aprouvesse dentro do Estado do Pará. Foi pedido, porém, que não se abandonasse Mazagão de todo, e que fosse então povoada pelos naturais da terra para que a localidade não fosse totalmente perdida. Na prática, o local foi abandonado por muitos e já no século XIX, começou a instalação de um novo núcleo urbano nas suas proximidades - a Vila de Nova Mazagão passou a se chamar Mazagão Velho, e a nova localidade ganhou a toponímia de Mazagão e o título de sede do município. Assim, muitas famílias que hoje habitam as cidades de Macapá, e as comunidades como o Curiaú, são provenientes de Mazagão.

Não há muitos dados sobre o Marabaixo no século XIX. Sabemos que com a independência do Brasil, em 1822, o Amapá permaneceu ligado à Província do Pará e continuou enfrentando problemas de fronteira com a França. Os dois países disputaram a região entre os rios Oiapoque e Araguari, que corresponde à quase metade da área atual do Estado. A questão somente se resolveu em 1900, com a intermediação do presidente suíço Walter Hauser, que confirmou os direitos brasileiros sobre a área. Em 1901 o então presidente do Brasil, Campos Sales, por decreto, incorporou o território anteriormente denominado Território Contestado do Amapá, como oficialmente ligado ao Estado do Pará.

Os conflitos se davam a nível interno, também, com a eclosão da cabanagem em 1835, revolta armada ocorrida devido à grande instabilidade econômica e social nas comunidades. O conflito só foi finalizado em 1840, com a intervenção do Governo Imperial.

Em 1856 Macapá foi elevada à categoria de cidade. De acordo com o historiador Edgar Rodrigues, em 1858 foi criada a Sociedade Ypiranga, um dos primeiros movimentos pela libertação de escravos na Província do Grão-Pará, a qual foi seguida pela criação, em 1869, da Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos. Já no ano de 1884 foram criadas, em Belém, duas novas entidades antiescravocratas, a União Redentora, da qual um dos seus articuladores era o amapaense descendente de escravos Raimundo Alvares da Costa, e a Liga Redentora dos Cativos do Pará, que tinha como representante em Macapá, Francisca de Almeida Rôlla, até então a maior proprietária de escravos da região, que foram colocados em liberdade ainda nesse ano. Cinco anos depois, em 1888, assim como no restante do território brasileiro, a escravidão foi abolida, sendo que grande parte dos escravos da região já haviam sido alforriados. Dos escravos existentes na época da Abolição, quase todos trabalhavam em atividades agropastoris.

Já na primeira metade do século XX, através de fotos antigas, é possível ver as primeiras imagens que documentam o Marabaixo. Na época, a Igreja de São José era uma forte referência para os marabaixeiros de Macapá. Os moradores mais antigos nos contam que, no dia anterior ao Domingo do Mastro, depois que os homens iam até a mata buscar a madeira onde colocar as suas bandeiras e assim confeccionar o mastro em homenagem ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, os homens vestidos de branco se posicionavam na rua da Igreja de São José, onde jogavam a carioca – uma adaptação local do jogo de capoeira, por vezes até o sol raiar.[34]

Através de depoimentos dos marabaixeiros mais antigos, sabemos que a organização da festa era

34 PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiros de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951. 97.

diferente da atual. Conta-se que o Marabaixo ocorria nas casas e que não havia grupos, apenas uma festa com as duas bandeiras. Nesse período, formou-se grande parte da atual "velha-guarda" do Marabaixo. A organização da festividade se dava por meio de livros de nomes e sorteios. Havia a cerimônia de descida da bandeira, em que uma disputa acirrada determinava que quem tocasse primeiro a bandeira quando ela descesse seria o festeiro da próxima festa.

Porém, é preciso ressaltar um certo histórico de conflitos entre a Igreja Católica e o Marabaixo. Muitos padres não autorizavam a manifestação no espaço da Igreja, por vincularem a mesma a atos heréticos. Mesmo sendo uma manifestação de santos católicos, ela ocorre no ambiente doméstico e urbano, e se utiliza de diversas referências às tradições religiosas, como a umbanda e o candomblé[35], levando assim a diversas situações de proibição por parte de autoridades eclesiásticas locais. Durante a primeira metade do século XX, o Padre Julio Maria de Lombaerd, vigário da Paróquia de São José entre os anos de 1916 e 1923, combatia veementemente a manifestação do Marabaixo, impedindo a celebração no espaço da Igreja de São José.

Em 1943, o governo federal criou os Territórios Federais através do decreto-lei nº 5.812, dentre os quais figurava o Amapá que, no ano seguinte, recebeu seu primeiro governador: Janary Gentil Nunes. Esse foi responsável por uma grande mudança na configuração da cidade de Macapá, com investimentos na educação, saúde e na urbanização. O desenvolvimento do município, porém, ocorreu após um grande conflito entre a população que ali vivia. Na época, com a desapropriação do largo de São João, localizado na disputada área central da cidade, ocorreu o deslocamento de seus moradores para dois locais: o bairro do Laguinho e o bairro da Favela, realizando assim um processo de segregação entre as comunidades locais que até hoje é narrado em versos do Marabaixo:

Aonde tu vai rapaz[36]
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
Lá nos campos do Laguinho

Quando vim da minha casa
Me perguntou como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador

Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Mas a Santa Engrácia não fica
Como a gente pode ficar?

35 PEREIRA, Deoclema. O candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Pará. Faculdade de História, Belém.
36 PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiros de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951.

Estava na minha casa
Conversando com a companheira
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro

Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Por Barão do Rio Branco

A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
Pra só morar os doutor

Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva
Para o nosso governador

Em 1988, o território do Amapá se tornou uma Unidade Federativa pela Constituição Federal. E, nas últimas décadas, a economia do Amapá cresceu com base no extrativismo mineral e vegetal, em algumas culturas agrícolas, como o arroz, o açaí e o palmito, e em atividades como a construção civil e a indústria pesqueira. Contudo, é o setor de serviço o responsável por mais de 80% da economia estadual.[37]

Algumas mudanças ocorreram recentemente no Marabaixo. Primeiramente, criou-se um ciclo de visitação entre as casas mais tradicionais, surgindo depois as associações. As festas se fragmentaram, as apresentações se multiplicaram, restando pouco tempo para as visitas de um grupo a outro. Os festeiros são hoje organizadores provenientes dos troncos familiares principais da expressão, uma vez que os recursos agora são canalizados via poder público e o investimento pessoal na festa se dirige mais à organização logística, à divulgação, à preparação e à participação. A música e dança do Marabaixo, adaptando-se à mentalidade recente, passaram a ser mais rápidas e mais agitadas, bem ao gosto dos jovens.

É fato recente, também, a conciliação entre o Marabaixo e a Igreja Católica e, atualmente, além das atividades do ciclo do Marabaixo, acontece o Cortejo da Murta, evento promovido pela SEAFRO, que reúne diversos grupos em procissão até a Igreja de São José, levando a murta que enfeita os mastros de devoção e festejando o fim da proibição da manifestação, que culmina com uma celebração católica dentro da Igreja.

37 IBGE. Amapá. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=16&search=amapa>. Acesso em: 20 out. 2013.

Outro fator que ocasionou mudanças na prática foi a introdução do financiamento público. Assim, um interesse antes informal, passou a ser um apoio direto. Inserido em um contexto de ações afirmativas à população afrodescendente, o Marabaixo passou a ser atividade de valor e fonte de distinção não só para os executantes como para todo o Estado do Amapá. Mas é importante dizer que as medidas de apoio em Macapá não se repetem no interior com a mesma dinâmica e intensidade.

O Marabaixo conta sua história e a história de seu povo por meio da dança e da música. A própria nomeação da manifestação remete à travessia no mar dos antigos navios negreiros da época da escravidão, e dá o tom de lamento tão tradicional nas músicas de outrora, o passo arrastado para lembrar dos grilhões, a tristeza da falta de liberdade. As músicas cantadas, chamadas ladrões, contam muito do dia a dia e da história da população negra do Amapá. Os repetidos versos de "Aonde tu vai, rapaz", remete à expulsão dos moradores da Vila Engrácia, situada no centro de Macapá para os bairros do Laguinho e da Favela (Santa Rita) e lembram do fato que mudou a geografia da manifestação e principiou a divisão do Marabaixo nos grupos que hoje conhecemos. São diversos os fatos, por vezes anedóticos, que figuram nos ladrões: o avião que caiu no Rio Amazonas, a morte de uma onça, a reaproximação do Marabaixo com a Igreja. Assim, as histórias que muitas vezes não são contadas pela história oficial ganham um modo de registro, notadamente oral, mas que vem sendo transmitido através das gerações.

Outro ponto fundamental do Marabaixo é o seu fator de agregação de diversas manifestações, como a dança, a música, a culinária com o caldo de carne e legumes servido nas noites de dança, e a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá. O ofício de tocar caixa vem sendo valorizado, e diversas oficinas vêm sendo realizadas por ONGs e associações em todo Estado. Por fim, é importante enfatizar a mudança de contexto da manifestação. De uma expressão cultural marginalizada, presente apenas em ambientes domésticos e sendo praticada apenas por linhagens familiares específicas, o Marabaixo hoje ganhou o respeito da Igreja Católica, o apoio do Estado e a visibilidade da mídia.

5 - ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

5.1 - CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Marabaixo tem ocorrido na forma como é conhecido há mais de três gerações em Macapá se considerarmos a história mais recente centrada em Mestre Julião, Mestre Pavão e Dona Gertrudes. Contudo, a origem dessa forma de expressão é bem mais longínqua e disseminada no território do Amapá como propõem os próprios praticantes que a referem ao tráfico de escravos e a ocupação das terras em meados do século XVIII, que hoje formam o estado do Amapá. O Marabaixo que assistimos em campo e do qual tiramos a análise que segue, assenta-se a partir de meados da década de 1980, com o reavivamento da tradição, com a redescoberta da forma de expressão pela juventude amapaense, o reconhecimento e o apoio oficial da prática. De forma que muitos grupos surgiram a partir de então e os grupos que já existiam viram suas fileiras aumentarem, fazendo com que o Marabaixo deixasse o lugar de expressão marginal ao qual com o tempo foi sendo relegado como atividade de "negro e velho", passando a ser visto como patrimônio cultural a ser estimulado e como portador da herança legítima da africanidade que participa da matriz formadora do Amapá, conferindo distinção aos praticantes, bem como protagonismo político a eles[38].

Esta análise antropológica constrói-se a partir do Marabaixo como forma de expressão, uma das modalidades na categorização dos bens culturais intangíveis assumida pelo IPHAN. Essa categoria dos bens culturais imateriais foi escolhida apesar de identificarmos em Macapá e nas comunidades de Campina Grande, Casa Grande e Ressaca da Pedreira a existência de um ciclo peculiar ao Marabaixo que poderia nos induzir a considerá-lo uma celebração. Nesse caso, um calendário ritual próprio parecia nos guiar a isso. Contudo, ao indagar os praticantes, também conhecidos como marabaixeiros, sobre o que era o Marabaixo, nos diziam incessantemente, mesmo nas comunidades em que o ciclo é bem estabelecido por décadas, que se tratava de uma dança, em primeiro lugar, e de uma forma associada de música. Quanto à festa, os entrevistados em geral sempre disseram que ela era para o santo em questão. Dessa forma, iniciamos a apresentação do Marabaixo por esta distinção: o Marabaixo é um conjunto complexo de práticas e saberes que se aglutinam numa forma de expressão apropriada para um contexto festivo específico. Enquanto na capital e nas comunidades supracitadas, a louvação se destina a Santíssima Trindade e/ou ao Divino Espírito Santo, no interior os grupos não possuem uma data exclusiva de apresentação, acompanhando as principais festas de santo em cada comunidade. É preciso ressaltar o caráter solene do Marabaixo, mesmo em face da descontração geral que se observa no seu acontecer. O caráter solene advém de seu encaixe com rituais religiosos que são seu motivo de ser.

Este estado de espírito de brincadeira, folguedo, de pândega, por sua vez, contrasta sem se opor, ao estado de espírito que o Marabaixo, a partir de seus mitos de origem, constrói sua discursividade e sua justificação tradicional. Falamos aqui da ideia de que o Marabaixo seja um lamento[39], que se refere à despedida fúnebre do negro, muitas vezes descrito como preto velho, às vezes como inventor do canto e da dança do Marabaixo, às vezes como recebendo os ritos que eram costumes na Região da África donde

38 Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
39 Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 28 de março de 2013.

provém[40]. Este negro morreu na travessia do Atlântico durante o tráfico de escravos e o Marabaixo é uma memória tanto desse transporte quanto do sofrimento desses desterrados[41]. Esse caráter de lamento também se refere ao evento marcante da história do Marabaixo que é a remoção dos negros para a então periferia da cidade de Macapá quando da chegada do primeiro governador nomeado para o recém-criado território[42]. Esse evento que culminou na divisão e formação das comunidades e grupos tradicionais de Marabaixo na capital amapaense é reverenciado em canções da época preservadas incólumes até os dias atuais.

O caráter de lamento define as maneiras de composição das músicas, que são chamadas ladrões porque seus versos são apropriados da vida cotidiana em comunidade, descrevendo acontecimentos históricos e situações trágicas e jocosas. Esta ideia de apropriação de uma parte da história comunitária, da realidade local em forma transmutada em verso, esta passagem do campo do acontecido para o campo do poético é uma das mais singulares características do Marabaixo e ajuda a compreender a adesão tão forte dos praticantes, uma vez que ao se expressar, o Marabaixo põe em ação as memórias e lembranças, embelezando situações prosaicas, a vida comum de repente tornada carregada de significação e celebrada efusivamente. Paradoxalmente, a lamentação permanece ali subjacente à fala oficial, o discurso assumido pela maioria diz que a lamentação define o canto também através do modo que uma voz puxa o verso e os respondedores respondem com o refrão. À voz do refrão se juntam as vozes dos presentes de modo que não há limitação no espaço onde ocorre o Marabaixo sobre quem dança e sobre quem canta, existindo sim, uma hierarquia dada pelo saber e pela maestria da técnica de cantar e compor. Ou pela hierarquia da performance na hora do seu acontecer, uma vez que a importância ali na hora recai sobre os cantadores e tocadores que giram pelo centro da roda que o Marabaixo faz. Esses executantes formam o eixo gravitacional do Marabaixo durante sua apresentação, arrastando consigo dançadeiras e dançadores, convidados, e todos são arrebatados pela potência dos tambores e dos ladrões, de forma que ali na roda, dançam governantes, dançam pesquisadores, dançam moradores de rua, todo aquele que se deixar atrair pelo Marabaixo.

Essa abertura ao outro, faz dos salões sem paredes, em tornos das casas de famílias cujas linhagens se fizeram as bases de manutenção e difusão do Marabaixo, um espaço democrático e participativo, onde, durante as festas, uma enorme regalia é oferecida aos marabaixeiros e convivas. Uma das regalias é a oferta de bebidas à vontade, com grande consumo de cerveja, mas também a distribuição da tradicional gengibirra, bebida à base de cachaça e gengibre que tonifica o peito e protege a voz dos cantores. Alguns depoimentos sugerem que a forma da gengibirra atual convivia com outras variações da gengibirra, sem cachaça e outras vezes um fermentado do próprio gengibre[43]. Este preparado ainda eleva os humores ao nível do êxtase cantante e dançante. Este êxtase se dá na forma de um crescente ímpeto nas batidas do tambor, na aceleração da roda, na intensidade dos bailados das dançadeiras, no aumento da intensidade do canto e culmina com vocalizações altíssimas por parte das dançadeiras[44]. Outras das regalias são os almoços fartos com carne e peixe assado, bem como o caldo de carne de boi e legumes servido à noite e

40 Estes dados estão baseados em relatos orais, pois a pesquisa não apontou a existência de documentos que pudessem elucidar a origem geográfica dos escravos africanos levados ao Amapá.
41 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 07 de maio de 2013.
42 Marilda da Silva Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
43 Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 18 de maio de 2013.
44 Naíra Paula Sena de Sousa. Entrevistada em 31 de março de 2013

durante as madrugadas para manter os marabaixeiros com ânimo para dançar sem parar.

A música do Marabaixo é feita com tambores chamados caixas, geralmente são até três caixas para acompanhar as vozes sem amplificação, contudo, em lugares com caixas de som e microfones, que é o mais usual, podemos assistir até cinco ou seis caixas ao mesmo tempo[45]. A música exclusivamente percussiva, cujo ritmo determina a velocidade do giro em torno do salão, bem como a coreografia das dançadeiras, é também o motivo de momentos de ápice e exaltação. Distingue-se da pura marcha pelo uso do toque de contraponto, isto é, enquanto dois tambores seguem uma cadência, um terceiro entra em ritmo que perturba a monotonia criando um diálogo entre tambores e marcações ímpares de tempo, tornando a música mais ágil, mais desafiadora ao ouvido e, portanto, mais propícia ao bailado. É interessante notar que é sempre possível encontrar uma picape de som mecânico acompanhando estas apresentações, a essas, os locais chamam de aparelhagem.

A duração das apresentações é prolongada, chega-se a dançar ininterruptamente mais de 12 horas e para tanto os dançarinos e os grupos convidados se revezam. A dança das mulheres segue com passos miúdos, mantendo os ombros eretos e rijos, com as cinturas que se movimentam para os lados em bailados, gingados e giros. Nos momentos mais esfuziantes da música, elas começam a girar da direita para a esquerda, fazendo voltas inteiras ou apenas meias-voltas sobre si mesmas. Para o efeito cênico, contribuem grandemente as saias franzidas, ou godês, com apliques de renda e muito estampadas, que junto com as anáguas, no momento de giro, criam um impactante cenário para a expressão cultural, complementado pela decoração do espaço que é feita com papel de seda recortado e colado em fileiras que recobrem todo o teto e cuja leveza faz com que sejam agitadas pelo vento. Os homens também dançam, com calças e camisas de botão, no mais das vezes brancas, às vezes de chapéu e lenços, esses bastante estampados, eles dançam como se fossem os mestres-salas, como se fossem pajens curvando-se e reverenciando a dama que gira. O grupo inteiro de praticantes gira pelo salão em sentido anti-horário, acompanhando as caixas e os cantadores, às vezes os respondentes ficam parados ao microfone fazendo o vocal de apoio.

Os grupos de Marabaixo não são extensos, chegando a incluir entre seus praticantes cerca de 70 membros em média. No entanto, como expressão aberta, durante as festas o número de convidados e dançantes pode ultrapassar facilmente a casa das centenas de pessoas ou mesmo milhares, recebendo como público, visitantes da mais variada origem e grupos amigos que vêm da vizinhança e de longe. De forma que existe uma rede de visitação e de amizade que são retribuídas com festas e que faz os grupos se movimentarem o ano inteiro.

Quanto ao ciclo de festas da capital, eles seguem o calendário cristão móvel de ano a ano. Os Marabaixos começam no Sábado de Aleluia e prosseguem no Domingo da Ressurreição, interrompendo suas apresentações por cinco semanas, quando reiniciam suas atividades com o corte do mastro que receberá a bandeira, o corte e a procissão da murta, erva com poder espiritual de limpeza que é amarrada ao mastro e que durante a procissão é levada pelos marabaixeiros em ramos que as mulheres fazem de vassouras e vão simulando a varrição das ruas por onde passam. Nos dias seguintes acontecem os levantamentos dos mastros, separadamente os da Santíssima Trindade e o do Divino Espírito Santo. A festa se encerra com a

45 Neste campo, abstemo-nos de uma análise mais profunda, em vista de nossa limitação para com o tema, para o qual sugerimos um estudo etnomusicológico específico que aprofundaria e valorizaria o tema.

derrubada do mastro e a escolha do festeiro para a próxima festa. Por isso é chamado ciclo, a última etapa de um ano é a primeira etapa da festa do próximo ano. Assim, as pessoas ficam engajadas o ano inteiro.

As atividades do Marabaixo formam um complexo que sustenta sua expressão com dança e música e desta maneira é empenhada uma série de espaços privados e públicos que se conectam à estrutura familiar, à estrutura religiosa e a estrutura social e política que precedem e subsistem ao Marabaixo. Falar desses espaços, então, é discorrer de maneira simultânea sobre as cenas da vida privada e pública que o Marabaixo compõe e revela[46]. O Marabaixo nessa perspectiva oferece ao Amapá uma forma singular de sociação[47] [48]. O lugar do Marabaixo passa necessariamente pela casa de família. Uma das primeiras percepções em campo foi o papel fundamental da linhagem familiar na constituição dos grupos, na determinação da herança cultural e junto com ela na autoridade e legitimidade para fazer o Marabaixo.

As casas são construções simples, vernaculares, a maioria de madeira como é típico no norte do Brasil. A esse núcleo da construção foram se somando cômodos em alvenaria onde habitam membros de um extenso parentesco, que ficam responsáveis pela manutenção do local. A casa em dias de Marabaixo também serve como pouso além de servir refeições. Nas casas em que ocorre o Marabaixo, adaptações importantes foram feitas pensando na multidão do dia de festa, grandes estruturas abertas de madeira na frente e atrás da casa servem respectivamente para a dança e para a cozinha que na época do Marabaixo funciona quase em tempo integral.

O terreiro de dança é muitas vezes acoplado à casa dos festeiros e das famílias representativas do Marabaixo. No interior, contudo, é de costume ver terreiros de uso público separados das casas de família e que servem tanto ao Marabaixo como para quaisquer outras reuniões da comunidade. Com dimensões médias de 50m², esses terreiros podem ser circulares ou retangulares, mas todos vistos são estruturas de madeira cobertas, abertas na lateral, com piso de cimento queimado, ou mesmo de cimento grosseiro. Alguns possuem assoalho de madeira, erguendo-se sobre o chão. Nesses terreiros se dança, bebe e come. Geralmente serão dois terreiros, um para a execução do Marabaixo e outro para receber os convidados de forma que eles descansem e, sobretudo, comam. A dimensão alimentar é perene.

Parte essencial do Marabaixo é a confecção das caixas, instrumentos musicais que acompanham o cantar dos versos, também chamados ladrões. No Curiaú, existe junto do terreiro que serve ao Batuque do Centro Cultural Raízes do Bolão, uma oficina para a confecção desses instrumentos[49]. Oficina simples com

46 Sobre a ideia da descrição etnográfica como composição de cena consultar: CRAPANZANO, Vincent. A cena: Lançando sombra sobre o real, Revista Mana vol.11 n.2; Rio de Janeiro, Out. 2005. Sobre a discussão de vida privada remeter as considerações de: DUBY, Georges. Poder Privado e Poder Público. In: História da Vida Privada, Vol 2, Da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Bem como, DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

47 Simmel distingue dois processos distintos de integração social. o primeiro largamente conhecido é chamado de socialização e refere à integração do ser humano na vida social da espécie; assim a socialização é levada a efeito nos primeiros anos de vida do indivíduo e lança mão de processos cognitivos que entranham no indivíduo sua língua, sua cultura e o modo de relacionar-se com outros, mais imediatamente sua família. É um processo de aprendizagem complexo na primeira infância que o indivíduo guarda por toda a vida e aciona mais ou menos inconscientemente. Já o termo sociação, cunhado por Simmel, refere-se ao processo posterior de adaptação do indivíduo a situações de vida diferentes de sua socialização originária. Assim a sociação está diretamente ligada a um processo civilizatório. Simmel cita a condição de estrangeiro como um momento fundamental para a sociação. Nesse caso, o indivíduo num meio estranho precisa aprender e usar conscientemente novas regras sociais e lidar com a desconfiança, o preconceito. Esse processo problemático de inserção numa outra sociedade com status duvidoso, muitas vezes cercado de ódio se aplica à transposição forçada de africanos ao Brasil a partir do século XVI e sua necessidade de reinventar sua herança cultural e produzir sua inserção na sociedade hostil que os rodeava, ainda mais na condição de escravos cuja cristianização era objeto de desconfiança e seus ritos incompreendidos e perseguidos. Assim, o Marabaixo surge como forma de sociação, uma vez que fala da herança africana adaptando-a ao contexto brasileiro, resultando numa nova forma social que de marginal passa a ser expoente legítimo da cultura brasileira numa longa duração.

48 Sobre o conceito de socialidade, consultar: SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006. ALCÂNTARA JUNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. Ciências Humanas em Revista. UFMA. São Luiz. vol. 3 nº 2. 2005. p. 31-40.

49 Francisca Ramos dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.

instrumentos de marcenaria, usada como depósito também, esse espaço guarda e produz instrumentos nos mais diversos materiais para toda a região.

Ressaltamos também os percursos que são utilizados no Marabaixo, principalmente nas procissões de Santos e no ciclo de Macapá. Os percursos ocorrem no perímetro das comunidades que os grupos atendem e incluem locais mais distantes. Também há o corte do Mastro e da Murta, a procissão do mastro pelo bairro do grupo, mastro que após cortado, fora guardado na casa de algum membro (possivelmente parente do grupo), essa procissão percorre a casa de marabaixeiros respeitados, mas cuja condição de saúde os impede de continuarem participando do Marabaixo, promovendo assim a inclusão dos mais idosos bem como dos enfermos. A procissão de Pentecostes na qual os marabaixeiros vão em comitiva e participam da missa na igreja mais próxima de seu grupo é tida como uma vitória pelo Marabaixo como um todo, na medida em que é muito recente a liberação da Igreja e a aceitação do grupo dentro dela.

Segundo alguns documentos referentes a matérias de jornais no século XIX, mas sobretudo dos testemunhos colhidos durante o processo de pesquisa, havia uma repulsa generalizada das classes mais altas pela celebração. Os ritos de cunho africano, como de resto em todo o país sobre a égide do liberalismo e do lema da ordem e progresso, eram vistos como sintomas de atraso e de falta de civilização. Some-se a isso, as características singulares do ritos de origem africana e entendemos como a Igreja acabou por ressoar a opróbrio social das elites. É preciso lembrar que concomitante à inauguração da república, um processo de racionalização ocorria dentro da Igreja brasileira que procurava expurgar esses caracteres exóticos do catolicismo brasileiro, resultando na repressão e mesmo proibição de ritos que se valiam da Igreja, mas que tinham sua própria liturgia e cujo sincretismo afrontava o dito purismo das leis canônicas. Esse procedimento foi disseminado no país e simultaneamente podemos citar a perseguição e proibição dos congados em Minas Gerais, assim como dos terreiros de candomblé na Bahia, entre as décadas de 1920 e 1950. No Amapá, a figura do Padre José Maria Lombaerde, encarnou esse desejo de exclusão de tudo que não era "suficientemente" católico. Parte dele a decisão de impedir que os praticantes do Marabaixo mantivessem seus ritos dentro das igrejas e ficassem confinados aos seus quintais, já que não podiam ser extintos, em vista da força de sua tradição. Essa situação foi uma das responsáveis pelo ostracismo do Marabaixo por décadas, contudo, a partir da constituição de 1988, o renovado interesse na matriz africana, bem como a ideia de cidadania e de reparação histórica, trouxe de volta a efervescência ao Marabaixo e as portas das Igrejas se abriram como eco da abertura proposta no Concílio Vaticano II e até mesmo missas especiais com a presença dos marabaixeiros, suas bandeiras e coroas, são celebradas durante o ciclo, sobretudo no Pentecostes. Por isso, esta aceitação da Igreja é interpretada pelos marabaixeiros como uma vitória e um reconhecimento da prática por décadas mantida de lado.

Citamos, por fim, o Cortejo da Murta, evento recente que é promovido pelas associações de defesa da cultura negra e que atrai grupos de Marabaixo do interior do Estado que partem desde a orla do Rio Amazonas até a Igreja de São José onde é feito o encontro simbólico das bandeiras, como se o Marabaixo voltasse a ser um só, como nos primórdios de sua memória. A reaproximação do Marabaixo e da Igreja é evento recente e objeto de comemoração por parte dos executantes, a ponto de existir uma celebração conjunta dos grupos de Marabaixo e única expressão universalizante da prática.

A Igreja, pelo afastamento de décadas em vista de sua recusa de reconhecer o Marabaixo como expressão do catolicismo popular, desempenha, como instituição, um papel marginal na festa. Como sistema de crenças, ao contrário, a cristandade oferece os símbolos que imantam a devoção do Marabaixo. Apesar do Marabaixo se constituir como devoção, essa devoção é desempenhada, mormente em casa, de forma familiar com recurso a rezadores que vão às sedes durante o período de novena, quando não acontece o Marabaixo. Mas é importante que a igreja tenha se aberto à visitação do Marabaixo uma vez que indica uma oficialização da prática e acolhe de volta muitos católicos em vez de os marginalizarem em nome de uma pureza que não se ajusta perfeitamente ao credo religioso romano, ele próprio, uma coletânea de fusões com sistemas religiosos alheios.

O Marabaixo se apropria dos espaços públicos, tomando a rua, saindo em procissão pelo bairro, visitando grupos distantes e próximos durante as festas religiosas nas quais se dança. Mas existem apresentações fora da época de festa, que empenham outros espaços de forma lúdica e educativa. Para tanto, podemos citar as apresentações em festivais folclóricos, em escolas e no Aeroporto de Macapá para recepcionar visitantes[50].

Os elementos mais chamativos na transformação de um lugar comum em espaço para o Marabaixo são a presença de altares, mastros e a decoração de teto. Esses elementos mostram que naquele espaço um Marabaixo está sendo realizado. O primeiro dos elementos citados, o altar, testemunha que o Marabaixo é dançado sob o signo do sagrado, um sagrado lúdico é verdade, mas que, sobretudo, diz respeito a uma sacralidade doméstica que herda os santos de família e assume o compromisso de seguir os louvando. Os mastros são o meio de conexão entre o céu, o domínio dos santos e a terra, domínio dos homens, ele opera essa passagem ao sagrado e dedica à festa, indica a grande distância que ali se celebra o poder de Deus e seu Mistério[51]. O Mastro sustenta a bandeira do Divino e da Trindade, que por sua iconografia remetem às pombas, formas visíveis do espírito de Deus na unção do Cristo e a Coroa da divindade que impõe sua autoridade e mostra a presença e o poder divino durante as danças do Marabaixo. Nos bordados, pombas estilizadas se transformam em coroas, ou a pomba é coroada. A respeito do mastro os praticantes do Marabaixo cantam: "eu subo a árvore e caio do galho, eu caio, eu caio, eu caio! Senhora me aguenta senão eu caio!"[52]. Esse trecho do rito de levantamento do mastro é carregado dessa simbologia de subir ao céu, da lembrança da proveniência do mastro, da condição humana incapaz de ascender sem o concurso da Santidade e mesmo da situação jocosa em que nossa Senhora apara a queda, sabendo que cair do galho é a metáfora do ser pego em engano. Por fim, a decoração do salão de danças, com papel de seda ou crepom azul recortado em fileiras que se agitam ao vento esconde o teto e faz-nos olhar para um céu estilizado reforçando a ideia do mastro que aponta para o céu. O teto decorado sugere ainda o trabalho coletivo de dedicação ao Marabaixo, cortado, fiado, colado uma a uma, ele revela o esmero na provisão do melhor que se tem à disposição, é uma tarefa importante para a inclusão das crianças.

Uma distinção importante para encerrar esta descrição é aquela entre Marabaixo e Batuque, muitas vezes praticados pelos mesmos grupos em situações diferentes. Segundo relatos que nos foram

50 Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
51 ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan. P.; WIESNER, H. S.; BENEDETTI, Ivone. C. Dicionário das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
52 Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.

concedidos, as duas expressões formam um par complementar que interagem assim: enquanto o Marabaixo se revela como canto de lamento pela condição escrava, mas, sobretudo como momento de rememoração da ancestralidade com forte cunho religioso, os batuques se constituíram como momentos de relaxamento, de descontração, de abstração da lida, permitido pelos senhores de escravos ao fim da colheita e em época de bonança. O Batuque como elemento indissociável do Marabaixo, uma vez que ambos contribuem para o escape da condição degradante da escravidão, recompondo afetivamente os seus praticantes, usa de diferentes instrumentos, tambores como atabaques tocados por homens sentados sobre eles e pandeiros, podendo haver cordas ou não; as canções do Batuque são chamadas Bandalhas e têm conteúdo mais jocoso e mais dançante, mantendo o costume da roda mas perdendo o caráter devocional do Marabaixo, instando mais a socialidade e ressaltando essa necessidade de tempo livre para o festejo pelo próprio festejo, a alegria pela alegria, desprendendo-se das obrigações do dia a dia e mesmo das obrigações de promessa[53].

5.2 - TRANSFORMAÇÕES

As transformações do Marabaixo estão profundamente ligadas à mudança na forma de encarar a relação dessa forma de expressão com a sociedade, e a forma de relação dos praticantes com os conteúdos tradicionais de justificação e valorização da expressão. A mudança mais perceptível é a da índole que, por sua vez, interfere diretamente no jeito de compor os 'ladrões' no Marabaixo. As músicas passam a expressar orgulho, mais que lamento e mesmo as composições tradicionais vão ganhando novas roupagens. Mudanças também atingem o estilo de cantar que se torna mais rápido e incitante, provocando o êxtase. Interfere ainda no jeito de dança, cujo modelo clássico sugeria pés descalços que se arrastavam em referência aos grilhões que acorrentavam os negros e hoje se dança tirando os pés do chão, numa expressão mais esfuziante e saltitante. Enfim, parece que o Marabaixo de hoje celebra mais sua libertação e renascimento do que os antigos conteúdos de dor e angústia, que não são descartados e nem perdidos, sendo muito valorizados como parte do acervo memorial, mas que são importantes num outro registro de cunho mais político, mais didático, mais pedagógico e mesmo de direito em face da dívida histórica da sociedade, que é assumida pelas instituições governamentais como vetores de aplicação diferenciada de recursos para sanar a brecha social que ainda separa um grande contingente da população da cidadania.

Listamos a seguir outras diferenças: o modo de organização da festa que antes se dava por meio de livros de nomes e sorteios, como, por exemplo, a cerimônia de descida da bandeira em que uma disputa acirrada determinava que quem tocasse primeiro a bandeira quando ela descesse seria o festeiro da próxima festa[54]. Esse costume não foi visto pelos pesquisadores, nem mencionado por nenhum entrevistado exceto pelos marabaixeiros do Laguinho, mas é certo que em Macapá, na Associação Cultural Raimundo Ladislau, ele foi retomado em 2013 a partir da juventude marabaixeira. Outro costume perdido era que na Favela corresse um livro com os nomes dos sócios da santíssima trindade, que eram sorteados como festeiros. Hoje, na maioria dos casos, os festeiros são provenientes dos troncos familiares principais de cada comunidade que faz Marabaixo, uma vez que os recursos agora são canalizados via poder público e o investimento pessoal na festa se dirige mais para a organização, logística, divulgação, preparação e

53 Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.
54 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 07 de maio de 2013 / Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.

participação.

Outra mudança se deu no conceito de ciclo em Macapá, uma vez que antes não havia grupos. Primeiro havia apenas uma festa com as duas bandeiras, a divisão do Marabaixo fez com que em primeiro lugar se criasse um ciclo de visitação entre as casas mais tradicionais de prática de Marabaixo, essas foram o embrião da formação das associações. Apesar de indicações de que grupos diferentes surgiram tanto em Mazagão quanto em Igarapé do Lago e que a festa Promovida por Dona Gertrudes parece ter sido em moldes diferentes dos praticados no Laguinho, tanto na sua organização, quanto na sua conformação ritual[55]. Nesse período, formou-se grande parte da velha-guarda hoje viva, que ao invés de serem dispersas, conviviam em maior intimidade. Ainda hoje estes membros da velha-guarda, apesar de terem seus grupos circulam mais livremente entre os diversos Marabaixos, por razões históricas e afetivas. Depois surgiram as associações e inevitavelmente as festas se fragmentaram e as apresentações de Marabaixo se multiplicaram, restando pouco tempo para as visitas de um grupo a outro, costume que os principais representantes tentam manter apesar da difícil agenda.

Esta divisão em grupo gera conflitos, que não ameaçam a expressão, mas que impõem certa animosidade diante de visões conflitantes sobre o que creem que seja o verdadeiro Marabaixo e como se deve cumpri-lo, bem como sentimentos de ciúme e de competição. De certa maneira, este conflito em torno da vaidade leva a espetáculos cada vez mais esfuziantes e impactantes, fazendo do Marabaixo uma forma privilegiada para estudo da reciprocidade e do circuito estabelecido por Mauss, de dar, receber e devolver. Esse circuito é o fator essencial para a manutenção dos indivíduos ligados ao seu grupo e dos grupos ligados entre si e mais contemporaneamente: dos grupos ligados ao Estado[56].

A reciprocidade segundo Mauss, atende a três regras, o dar, o receber e o dar em retorno. Toda dádiva exige alguém que a dê, alguém que a receba e num espaço de tempo a devolva. O Marabaixo atende esses princípios em várias instâncias: quando oferece a gengibirra e o caldo aos vistantes, quando os marabaixeiros fazem suas promessas aos santos, quando os grupos trocam visitas entre si. Até mesmo sua relação para com a ajuda pública pode ser interpretada nesse sentido, uma vez que envolve prestígio, poder de negociação e capital social para os envolvidos nessas trocas. Dizer que o Marabaixo pose ser enquadrado em princípios de reciprocidade é exaltar o ambiente de troca que o Marabaixo proporciona, de troca cultural, de troca de ladrões nos desafios, por exemplo, de troca de louvações. Essa dinâmica comunicativa de dons é que faz do Marabaixo uma entidade cultural viva e evita que seja apenas um espetáculo repetitivo. Ali na roda do Marabaixo estão envolvidas vidas que se dedicaram a ele, experiências pessoais de profundo significado religioso que juntos se acumulam como uma grande dádiva coletiva através dos tempos, cuja retorno é dado na forma de proteção do divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, uma unção que privilegia os praticantes e os destaca no seio da sociedade, com prestígio do acesso à divindade e a demonstração pública de seu sacrifício à causa.

Por fim, outra mudança observada se deve à introdução do financiamento público que ao estabelecer uma competição entre os grupos por recursos escassos e fomentar o conflito que se manifesta de forma faustosa, fazendo com que os grupos gastem cada vez mais. Os recursos governamentais não acompanham este aumento do gasto, associado a isso, existe uma reduzida participação de patrocinadores

55 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 07 de maio de 2013 / Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
56 MAUSS, Marcel; LEVI-STRAUSS, Claude. Ensaio sobre a dadiva. Lisboa: Edições 70, 2001.

privados (sinal de que o reconhecimento local do Marabaixo não é unânime e nem uniforme) acabam por criar o risco de espetacularização do Marabaixo, reduzindo sua inventividade, industrializando seu processo e aos poucos estabelecendo uma administração racional-institucional. Esse processo de reconhecimento gera oportunidades, ligando o bem cultural às cadeias produtivas, aos complexos econômicos, aos centros de decisão para a política cultural, que neste caso se irmana à política social; todos alimentam seu prestígio dos valores intangíveis que esta forma de expressão propaga. Ao mesmo tempo, o Marabaixo atingindo um patamar empresarial de investimento põe em risco as redes microssociais de longa duração que ele criou, rompendo com a solidariedade de indivíduo para indivíduo, as obrigações, os laços por promessa que marcavam as primeiras fases do Marabaixo em que cada um contribuía com o que tinha e o estímulo era a camaradagem que em tempos de festas subsidiadas tende a enfraquecer[57]. Ressaltamos que o Marabaixo encontra-se num estágio intermediário do processo citado acima, com os grupos do interior fracamente integrados ao sistema de apoio governamental e a ausência de uma coordenação central, bem como os recursos de fiscalização e ampliação do escopo do apoio público fora do bem cultural considerado apenas como evento.

5.3 - PRODUTOS

Os produtos do Marabaixo formam um conjunto complexo, uma vez que não podem ser desmembrados e sua apresentação é concomitante, sendo sua interação aquilo que faz o Marabaixo propriamente dito. De forma que existe uma música própria, com seu ritmo e instrumentos próprios, com cantos próprios para cada situação ritual, a bebida e a comida que juntos fazem aquilo que chamamos Marabaixo, impensável sem qualquer um desses que, no entanto, são independentes entre si. Sustentando esse complexo de produtos que em si são comuns a todas as festas, temos de elencar tanto as narrativas mitopoéticas sobre a origem para além da memória do Marabaixo, bem como as narrativas históricas que reverenciam a ancestralidade, cuja linhagem familiar pode ser retraçada nos grupos. Ambas as formas de lembrança concorrem para justificação do Marabaixo, para a forma que ele assumiu e para explicar o porquê de as coisas serem feitas como são feitas. Assim, o complexo de produtos mais as narrativas geram o quadro da prática bem como o glossário de sua interpretação[58].

O Marabaixo é produzido comunitariamente com auxílio de verbas oriundas do governo para apoio das manifestações culturais, sua produção não segue um organograma rígido e por seu caráter propriamente imaterial, não se adequa a uma descrição dessa produção nos moldes de um processo racionalizado de etapas como se fosse uma produção em série e em massa. Não há comercialização, pelo menos não numa acepção superficial de comércio como troca exclusivamente econômica, uma vez que a troca não está ausente, seja a partir das doações por promessa, de tempo e trabalho, seja na forma de troca de prestígio social e político que essa manifestação traz consigo, uma vez que atrai grande atenção durante seu acontecimento.

A realização do Marabaixo segue o calendário religioso cristão e se organiza em torno deste, sem, no

57 YÚDICE, G. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. MARTINS, M.C. On patrimonialism and the insertion of the sacred in the domain of merchandise. Trabalho apresentado na 31ª Conferência da Sociedade Internacional para a Sociologia da Religião. Texto Inédito. Julho de 2011.

58 CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/benjamin_reprodutibilidade_tecnica.pdf. Acesso em: 28 jun. 2013. YÚDICE, G. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

entanto, atribuir às pessoas, funções e cargos rígidos, todos participam de todos os momentos, fazendo o que lhes está à mão e o que é preciso a cada momento. Desse modo, podemos dizer que a produção do Marabaixo é contingencial e pragmática na direção de um conhecimento e de uma rotina ritual e de uma facilitação para a hora mais importante, que é o canto e a dança. Nessa hora, todos os elementos materiais contribuem para um estado geral de libertação das obrigações seculares. Não existem grandes diferenças entre os ritos, o mecanismo de operação é o mesmo, só mudam os conteúdos de louvação que cada parte do calendário exige. Assim, dividir o Marabaixo em etapas e atividades é redundante e repetitivo e faz com que se perca sua característica de vetor totalizante dos sentidos, de forma a produzir um estado de euforia, de extraordinariedade como fuga do tempo comum e da vida ordinária.

Outro produto é a discursividade do Marabaixo que se prolonga através de várias ramificações que abrangem os mais diversos campos de saber. Num primeiro momento podemos dizer que as canções e a dança seriam formas narrativas diretas das crenças e do modo como elas foram cristalizadas, levando consigo uma religiosidade fundida ao cotidiano, contando assim, além da devoção, relatos da vida social associada ao bem cultural em questão. Então, aquilo que as músicas contam, o modo como cantam, como dançam, tudo isso molda uma forma sofisticada de comunicação em que são empenhados conhecimentos rituais, status sociais e relações com outrem. Essa comunicação cifrada separa os marabaixeiros dos demais segmentos sociais, conferindo-lhes coesão e intimidade através de segredos e piadas internas, para citar alguns exemplos[59]. A forma por excelência dessa comunicação festiva, por gestos e versos, são os ladrões, assim chamados, porque seus autores roubam poeticamente da realidade subjacente os dados para a construção de suas ficções de sentido. Ladrões também são aqueles cantadores que tomam a palavra do outro para si, no desafio, episódio típico em que dois cantadores competem com versos, mas também com a imposição do olhar e dos gestos. Dança e cantigas se misturam e criam um ambiente em que a autoridade é disputada de forma lúdica e cênica.

Em seguida, podemos falar nas narrativas orais, nos depositários vivos da memória que são o tesouro de cada grupo, que na sua experiência podem testemunhar o convívio com os antigos, sabem contar como era e como se tornou, sabem ensinar e, sobretudo, sabem contar casos nos quais, muitas vezes, opera o esquecimento, mas também a vaidade de uma boa prosa e a necessidade humana de ficção. Dessa maneira, os casos vão se confundindo e a história real, lentamente, vai se transformando em história mítica[60]. Citamos aqui o imenso talento de Dona Zezinha de Mazagão Velho, que em sua fala, lança mão das diferentes práticas que conheceu em sua vida, no Maranhão, em Igarapé do lago, na própria Mazagão, de forma que em sua fala esses elementos vão se construindo numa belíssima e coerente bricolagem e vemos surgir magicamente o Marabaixo, o Batuque e o Sahiré[61].

Uma das narrativas que mais interagem com o Marabaixo é a narrativa que trata da afirmação negra. Essa narrativa e o Marabaixo se reforçam mutuamente, pois foi por ela que os praticantes do bem cultural acharam o meio de fazer sua voz valer nos espaços de poder e por ela conquistaram uma importante medida de reconhecimento, bem como o atendimento de algumas de suas reivindicações sociais. Assim, esses discursos agem reciprocamente, um sobre a forma de posicionamento político do Marabaixo e o outro através da dinâmica exemplar da dominação e do modo de reparação das injustiças

59 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 07 de maio de 2013.
60 BUCK-MORSS, S. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó: Ed. Univ. Argos, 2002.
61 Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 07 de maio de 2013.

que historicamente se sobrepõem. Dessa maneira, como reflexo dessa interação discursiva, é que podemos analisar a relação tão complexa do Marabaixo com as entidades de defesa das raízes africanas locais, como a SEAFRO, a UNA e mesmo a conformação dos grupos do Marabaixo como entidades jurídicas e que pleiteiam verbas e encaixam-se em programas exemplares do governo Federal no campo da cultura, podem ser entendidas como desdobramento dessa face que implica num conhecimento cada vez maior do direito e da participação política. Um testemunho disso é a Cartilha Tambores no Meio do Mundo[62], editada em 2013 pela SEAFRO, em que as principais características do Marabaixo são descritas didaticamente em linguagem acessível, ou o livro de Esmeraldina dos Santos, personagem de relevo do Curiaú, "Histórias do Meu Povo"[63].

Desta formação de uma elite culta negra pela participação do Marabaixo, aos discursos acadêmicos que o tem como fonte de pesquisa é um passo. É interessante perceber que há uma extensa pesquisa, principalmente na graduação, o que indica um interesse da juventude e confirma a retomada do processo de transmissão do Marabaixo principalmente a partir de 1990. Dentre os trabalhos de estilo monográfico citamos o clássico de Nunes Pereira: "O Sahiré e o Marabaixo"[64] de 1951; Nilson Montoril com seu "Mar Acima, Mar Abaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação"[65]; Fernando Canto, com seu livro "Água Benta e o Diabo"[66] que analisa os conflitos entre a religiosidade popular do Marabaixo e a religião oficial, o livro de Piedade Lino Vieira "Marabaixo, Dança Afrodescendente, significando a identidade étnica do povo amapaense"[67] e mais uma série de títulos, que vão buscar entender o que é o Marabaixo e como ele se relaciona com as matrizes culturais amapaenses. Aqui, uma confluência com o discurso antropológico e do direito faz com que reencontremos o discurso afirmativo negro balizado em sua justificativa científica. Todos os trabalhos consultados visam à explicação, à dissecação, à exortação e à política pública, através da denúncia e da evidência da singularidade, bem como da tradição do Marabaixo.

A relação do Marabaixo com outras formas de expressão, principalmente o Carnaval, são inúmeras, lembramos que Macapá possui dez escolas de samba e um sambódromo testemunhando a importância da prática para a cidade. Em Manaus, em 2002, a Escola de Samba Ipixuna, desfilou com o samba Marabaixo, fazendo uma homenagem à forma de expressão. Este ano, 2013, a Escola de Samba Império da Zona Norte, da cidade de Macapá, desfilou o samba-enredo "Batuque e Marabaixo: Sons de Reis que Ecoam da Mãe África".

A televisão, por sua vez, mantém uma agenda para o Marabaixo durante o ciclo em Macapá, acompanhando ao vivo certas partes do Rito, porém sempre buscando aquele enfoque congelante do bem cultural e fazendo dele uma curiosidade, veiculando o evento, mas não penetrando a fundo nas implicações para as comunidades que fazem o bem e nas relações que subjazem ao seu acontecimento. Por fim, falamos da oportunidade que os grupos têm de forjarem suas narrativas através da viagem e do contato com outros grupos, por meio de convites a festivais culturais no Brasil e no exterior.

62 Tambores no meio do mundo. Seafro. Macapá, 2013.
63 SANTOS, Esmeraldina. Histórias do meu povo. Macapá: Confraria Tucuju, 2002.
64 PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiros de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951.
65 MONTORIL, Nilson. Mas Acima, Mar Abaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação. Macapá: Confraria Tucuju: 2004.
66 CANTO, Fernando. A Água Benta e o Diabo. Amapá, 1998.
67 VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

5.4 - SIGNIFICAÇÕES

O Marabaixo, dentre as manifestações africanas aportadas no Brasil[68], guarda uma especificidade que é a de incorporar ao seu mito de origem e à sua performance ritual, o translado do Oceano Atlântico. Assim, ele compartilha com o Congado na região central do Brasil (MG, GO, SP, RJ) e com o Maracatu em Pernambuco, a centralidade da história dessa travessia para o complexo ritual, mas com conteúdos menos messiânicos que nas outras expressões acima citadas. Por que se no congado é Nossa Senhora do Rosário quem atravessa o mar, mas também o Rei Congo Galanga, e enquanto no Maracatu é a Rainha Njinga, no Marabaixo são os próprios homens.

A Origem do Marabaixo tem essa sensibilidade de lançar luz sobre o homem comum, sem grandes feitos heroicos, mas devoto e que se prepara para a morte e exige que um rito festivo encomende sua partida. Este homem que foi lançado do porão de um navio para nunca mais voltar, na maioria dos relatos é um preto velho que não suporta a viagem e acaba sucumbindo à morte. Mas não sem antes, ensinar para os demais na embarcação os cantos e danças para sua despedida, quando o corpo fosse entregue à imensidão líquida e levado mar abaixo. É interessante lembrar aqui que na raiz banto, o mar, o barco e a travessia para o além, são todos termos aparentados. A kalunga era tanto a embarcação, quanto o processo de passagem da vida à morte. O além era a perdição no mar. Acreditava-se no Congo que os mortos atravessavam o mar e não por acaso as primeiras cerimônias fúnebres usavam do barco como metáfora do transporte ao além[69].

Essas afirmações estão em consonância com a questão de fundo do Marabaixo que são a travessia, a morte no mar e os ritos de entrega dos corpos. O Marabaixo tem um aspecto fúnebre no discurso de sua origem, a despedida dos que morreram nos navios negreiros. Esses dados sobre a mentalidade africana na época ajudam a mostrar que a travessia não era apenas um degredo, mas atingia profundamente as crenças e ofereciam um horizonte de que nunca retornariam, uma vez feita a viagem, o degredo era já uma morte, no rompimento forçado do contato com a terra natal ancestral. Atravessar o mar, era mais do uma viagem geográfica, tinha um conteúdo espiritual incontornável, daí a série de ritos que surgiram no Brasil invocando essa passagem. É claro que a psiqué dos escravos chegava ao Brasil em frangalhos e estes ritos de rememoração também tinham um aspecto terapêutico, bem como uma postura política diante da situação de dominação violenta a que foram expostos.

De modo que essa morte do preto velho além de por em cena antigas crenças de imortalidade, ensina o modo correto de despedida dos que se vão e remete à realidade mais imediata dessa tenebrosa viagem sem volta para o desconhecido. Assim, o Brasil era esse além, que tanto era a morte sem despedida dos que ficavam, como o nascimento para outro mundo que exigiria outras formas de expressar esse banzo e a esperança de libertação. Por outro lado, esse parentesco afirmado de forma mítica

68 Apesar da exiguidade de fontes documentais, essa origem africana é reportada em todas as entrevistas, formando um nós significante na própria explicação de origem, sem evidências, mas fortemente arraigado nos testemunhos dos membros mais idosos que recordam seus antepassados escravos. Essa afirmação, contudo, pode ser aferida indiretamente pela estética da manifestação, os tambores, as músicas, os temas, bem como pelo panorama étnico do entorno de Macapá e das linhagens tradicionais dos mantenedores da expressão marabaixeira. A origem como em outras manifestações foi mascarada pelo apagamento das vozes negras, pela perseguição religiosa, pela história oficial, pela destruição dos arquivos do tráfico negreiro em fins do século XIX sob instância de Rui Barbosa. Mas essa origem não tendo prova científica não deixa de estar inscrita na ancestralidade e nas formas poéticas de incorporar o tema à história do Marabaixo. Muitos dos praticantes hoje são de ou aparentados com comunidades reconhecidas ou em processo de reconhecimento como quilombolas. Por tudo isso é que tomamos como veracidade e verossimilhança os depoimentos a nós concedidos.

69 SOUZA, M. M. Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
Sobre o uso cerimonial dos barcos consultar: MALINOWSKI, Bronislaw; FRAZER, James George. Argonauts of the western Pacific: an account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea.[Illinois]: Waveland, 1984. sobretudo os capítulos IV, V e VI.

encontra sugestões materiais que podem lhe ancorar, o mais importantes desses rastros se refere ao toque das caixas durante o Marabaixo de Rua que segue o toque do candomblé, essa permissão do rompimento da roda e a necessidade de proteção num meio estranho ao lugar de costume de apresentação, mostram a conservação do toque africano em momentos específicos do ritual.

Desse modo, o Marabaixo se fixou na memória de seus praticantes como canto de lamento e dança de arrastar os pés em lembrança aos que se foram e mais tarde do jugo daqueles que sobreviveram à travessia. A própria índole dos que aqui chegavam, provavelmente conhecendo e participando de ritos, despojados de tudo, mortos para a vida que tinham antes. Foram proibidos de se expressar e obrigados a encontrar no vocabulário cristão, meios de tradução de como se sentiam e como viam o mundo. Essa tradução era impossível e a reprodução, assim impedida de ser como era, induziu à criação de formas autênticas, derivadas das preexistentes e das que encontraram, autônomas em seus conteúdos e na significação que outorgavam ao mundo em que viviam[70].

Contudo, com a passagem do tempo, com a melhoria das condições sociais dos filhos e netos e aumentando consideravelmente a distância da memória direta da escravidão, partindo de um contexto de opressão para uma época em que os indivíduos e as instituições estão mais atentos aos direitos sociais, o status do negro passou por uma valoração positiva e o Marabaixo passou a ser atividade de valor e fonte de distinção não só para os executantes como para o conjunto da sociedade amapaense. De forma que este lamento foi cedendo lugar a uma prática mais descontraída, mais festiva e celebradora do status alcançado e mais ciente da possibilidade de luta pela tradição, do que a aceitação passiva da dominação.

Os negros ainda possuem muito pelo que lutar, mas já conseguiram vitórias importantes e sabem que suas formas de expressão devem ser comemoradas e divulgadas entre todos, de forma que uma de suas estratégias para a atração dos jovens passou pela eletrificação do som, por mais instrumentos e esses deveriam ser mais potentes, ao mesmo tempo, o exemplo de jovens que assumiram suas raízes marabaixeiras bem como o trabalho incansável de visitação nas escolas tiveram efeito multiplicador. E hoje o Marabaixo é dançado em várias comunidades do Amapá cujo levantamento indica sem precisão mais de 30 grupos com variação nas formas e nos recursos, mas todos se reconhecendo como Marabaixo.

70 idem

6 - A MANIFESTAÇÃO CULTURAL DO MARABAIXO

6.1 - O MARABAIXO NO AMAPÁ

O toque forte das caixas anuncia o ritmo e logo é acompanhado pelos versos das histórias cantadas, chamadas de ladrões. Um círculo se forma e, em torno dele, os marabaixeiros bailam girando de modo contínuo: as mulheres de saia estampada, rodada, e ostentando uma penca de acessórios coloridos; os homens, muitas vezes de calça branca, e camisa colorida. O anúncio da festa é também a garantia de um ritual de várias horas de duração, mantido através de doses de gengibirra e fortalecido com a fartura de pratos como o caldo de carne e legumes. Através dessa manifestação cultural contam-se as histórias de um lugar, as dificuldades de uma ocupação e as memórias de um povo. E, desse modo, ao mesmo tempo festivo e exaustivo, celebra-se os santos católicos de devoção do Amapá.

Não se sabe ao certo quando teve início esta prática tão peculiar do estado amapaense, mas há relatos que foram os escravos trazidos da África para construção da Fortaleza de São José, em Macapá, que ainda nos tempos setecentistas da colonização se reuniam para dançar, tocar e reviver suas lembranças. Conta-se também que o tom de lamento e os pés arrastados de então, eram meios de expurgar as dores da escravidão e as dificuldades de ocupar aquela região - um território permeado pela densa floresta, marcado por disputas e conflitos de posse.

Ainda no período da colonização, se formaram importantes redutos da prática no estado: o primeiro em um espaço próximo ao núcleo urbano da antiga Vila de São José[71], chamado de Curiaú e ocupado para o cultivo de produtos como o algodão e o arroz, e onde nas casas e nos quintais era manifestado o Marabaixo. Outro importante espaço é a Vila de Mazagão (atual Mazagão Velho), ocupada nos setecentos pela população proveniente de uma cidade desativada de Marrocos, na África, então subordinada ao Império Português. Essa localidade, no entanto, acabou por ser abandonada por muitas pessoas devido à insalubridade e à ocorrência de pestes, gerando assim a criação de um novo núcleo populacional – denominado Mazagão Novo. Porém, tanto Mazagão Velho como Mazagão Novo se tornaram lócus fundamentais da prática do Marabaixo até a atualidade.

Na vila formada no entorno da Fortaleza de São José, hoje denominada como Macapá, os negros representavam grande parte da população local, e a Igreja de São José, construída em 1761, era uma forte referência aos marabaixeiros. Os depoimentos dos praticantes mais antigos contam que, no dia anterior ao Domingo do Mastro, os homens iam até a mata buscar a madeira para sustentação de suas bandeiras em homenagem ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade e depois, vestidos de branco, se posicionavam na rua em frente da Igreja de São José, onde jogavam a carioca – espécie de adaptação local do jogo de capoeira.

Ainda na primeira metade do século XX, a prática se dava nas casas simples da cidade – muitas das quais situadas em um bairro chamado Vila Engrácia. Na ocasião, não havia grupos, mas apenas uma festa com as duas bandeiras, uma dedicada ao Divino Espírito Santo, e a outra dedicada à Santíssima Trindade. Havia também a cerimônia de descida da bandeira, em que uma disputa acirrada determinava que quem

71 Atual município de Macapá.

tocasse primeiro a bandeira quando ela descesse seria o festeiro da próxima festa.

Na década de 1940, com a criação do Território Federal do Amapá, uma grande mudança foi planejada para a cidade de Macapá, que receberia então investimentos na educação, na saúde e na urbanização. Para o desenvolvimento do município, porém, foi realizada a desapropriação das residências da área central da cidade, e o consequente deslocamento de seus moradores para os recém-criados bairros do Laguinho e da Favela, realizando assim um processo de segregação entre as comunidades locais que até hoje é narrado nos ladrões do Marabaixo.

A prática em Macapá foi então se dividindo em inúmeros grupos formados pelas diferentes linhagens familiares. Assim, as festas se fragmentaram e as apresentações se multiplicaram, mas ainda há uma unificação configurada no ciclo festivo, a partir do qual a prática do Marabaixo na capital do estado se apresenta anualmente. Este ciclo se configura de acordo com o calendário móvel católico, tendo início no sábado de Aleluia e sendo finalizado no Domingo do Senhor, após a celebração do Corpus Christi. Entre essas datas ocorrem diversos rituais: o Sábado do Mastro, o dia em que o grupo se dirige para a mata para o corte das árvores que receberão as bandeiras dedicadas a Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo; o Domingo do Mastro, que realiza um cortejo com o mastro; a Quarta-feira da Murta, que realiza um percurso com essa planta de funções purificadoras; a Quinta-feira da Hora, dia em que os mastros são enfeitados com a mesma murta e depois são levantados defronte à casa do festeiro. Depois de uma série de missas, novenas e ladainhas, chega a hora do encerramento no dia da Derrubada do Mastro, quando ocorre também a escolha do festeiro para a festa do próximo ano, garantindo assim, que o ciclo não se encerre.

O Marabaixo percorre trajetos em procissões, realiza rituais nas igrejas locais, mas é o espaço doméstico o principal palco da manifestação. Nas casas simples, mantidas pelos grupos da capital do estado, há sempre um espaço dedicado à dança e uma grande cozinha para sustentar os cantores, os dançarinos, os tocadores de caixa, os antigos marabaixeiros, os ouvintes e turistas. Assim, há espaço para quem vem dançar, quem quer apenas ouvir, ou quem vem conhecer a manifestação.

Os grupos existentes hoje em Macapá são formados por descendentes de importantes marabaixeiros da cidade de Macapá, como o mestre Julião Ramos, Raimundo Ladislau, Raimundo Lino Ramos e Gertrudes Saturnino, aglutinando um número pequeno de participantes que, porém, se multiplicam nas celebrações com a chegada dos convidados, ouvintes e espectadores. Na ocasião, os salões do Marabaixo se abrem de maneira participativa e acolhedora, oferecendo música, dança e uma série de comes e bebes típicos para quem quiser acompanhar a tradição. Desse modo, a prática se configura como um importante modo de socialização da comunidade amapaense.

Com o passar do tempo e a distribuição da população no estado do Amapá, outras localidades foram apresentando também a prática. Assim, em diversos distritos e pequenas comunidades quilombolas como Carvão, Abacate da Pedreira, Ressaca da Pedreira, Casa Grande, Coração, Torrão do Matapi, Ilha Redonda e Campina Grande, o Marabaixo se associa às celebrações do calendário católico e é realizado ao longo do ano em diversas ocasiões. Nesses locais, além da devoção ao Espírito Santo e a Santíssima Trindade, o Marabaixo se mescla também com as celebrações dedicadas, entre outros, a São Tomé, Sagrada Família, Nossa Senhora, São Sebastião, São José e São Joaquim.

Tanto a profusão dos grupos como o reconhecimento da manifestação pelos órgãos públicos do Amapá levou à valorização do Marabaixo no estado, gerando também algumas transformações na prática. As músicas, atualmente, mais do que um lamento expressam orgulho e animação; e as danças, acompanhando a mudança do ritmo, se tornaram mais esfuziantes. Os grupos, atualmente, recebem financiamento público para as suas atrações e estímulos para a sua continuidade, como o oferecimento de oficinas tanto na capital como no interior do estado e a realização de eventos para a divulgação.

Assim, de um modo vivo e dinâmico, o Marabaixo vem se transformando ao longo dos séculos, mas carrega sempre este embrião de uma complexa expressão cultural, marcada pelas histórias dos ladrões, pela potência e pelo ritmo marcado das caixas, pela dança gingada, pelo colorido das roupas e da decoração, e pela fartura de comidas e bebidas.

6.2 - ORIGEM DO MARABAIXO

Mircea Eliade ao tratar da estrutura e morfologia dos mitos, deixa bem aparente a dificuldade metodológica que tal estudo comporta, uma vez que dispomos apenas de materiais fragmentários, na maioria das vezes escritos por outros que não os detentores das devoções[72]. Por outro lado as fontes orais, como testemunho, estão mais sob a ordem da verossimilhança e veracidade do que da evidência estrita pretendida pelas ciências duras. Portanto, ao tomarmos os relatos sobre a origem como válidos, estamos nos colocando fortemente no campo da crença. Por sua vez, quando falamos em crença, estamos diante de um fato imaterial vivo e vivificante de práticas e saberes, cujo fundamento não pode ser um mito, no sentido estrito do termo, uma vez que não se trata para os seus devotos de uma simbolismo de um passado arcaico, mas de uma atualização de um evento real que assumiu conotações sagradas. A esse complexo, Mircea Eliade chama de Hierofania, que literalmente significa a manifestação do sagrado, sendo que essa manifestação pode acontecer nos eventos mais corriqueiros da vida cotidiana, que a partir daí tomam uma dimensão especial e são retirados do dia a dia e realçados por ritos, por distinções no calendário, por comportamentos adequados, por comidas propícias e daí por diante.

A hierofania do Marabaixo situa-se nesse misto de história e invenção[73]. Dentre as manifestações africanas aportadas no Brasil, o Marabaixo guarda uma especificidade que é a de incorporar ao seu mito de origem e à sua performance ritual, o translado do oceano Atlântico, esse dado histórico incontornável. Assim, ele compartilha por exemplo com o congado a história dessa travessia, mas com conteúdos menos messiânicos que aquele, mas não menos condizentes com a ascensão do homem, já que em toda a festa existe um mastro, esse referente material da ligação com o mundo divino. Por que se no congado, é Nossa Senhora do Rosário quem atravessa o mar, no Marabaixo são os próprios homens cantando o destino e seus eventos. Na maioria dos relatos orais que colhemos é um preto velho que, lançado no navio negreiro, não suporta a viagem e acaba sucumbindo à morte. Mas não sem antes, ensinar para os demais na embarcação os cantos e danças para sua despedida, quando o corpo fosse entregue à imensidão líquida e levado mar abaixo. Algumas vezes os testemunhos são de que esse canto e dança teriam sido inventados já na África

72 ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 1998. p.11.

73 Entenda-se o termo invenção usado aqui não como farsa, mas como criação poética sobre uma herança real que diante de uma realidade por demais perversa, oferece a possibilidade de uma valorização positiva do legado africano e uma justificativa ancestral para práticas que sendo fertilizadas na África, apenas no Brasil vieram a atingir sua forma plenamente estabelecida hoje. Contudo, é sempre bom lembrar que em cada Marabaixo essa história longínqua é revivida a cada festa, fazendo não apenas um quadro da memória, mas também um horizonte em que a expressão outrora tolhida, agora encontra sua livre expansão.

e seu uso para a cerimônia fúnebre, que às vezes ocorre no barco, às vezes na praia no desembarque, teriam sido permitidos depois de uma consulta às deidades africanas. No primeiro caso, o Marabaixo seria a lembrança do episódio de morte na travessia, no segundo caso, o Marabaixo já existia, mas chega aqui transmutado por esse episódio. De qualquer forma, é a morte do negro acorrentado no navio que dispara a manifestação.

É interessante lembrar aqui que na raiz banto, o mar, o barco e a travessia para o além, são todos termos aparentados. A *kalunga* era tanto a embarcação, quanto o processo de passagem da vida à morte. O além era a perdição no mar. Acreditava-se no Reino do Congo que os mortos atravessavam o mar e não por acaso as primeiras cerimônias fúnebres usavam do barco como metáfora do transporte ao além[74]. De modo que essa morte do preto velho além de por em cena antigas crenças de imortalidade, ensinava o modo correto de despedida dos que se vão e remetia à realidade mais imediata desta tenebrosa viagem para um lugar desconhecido do qual não havia retorno. Assim, o Brasil era esse além que tanto era a morte sem despedida dos que ficavam como o nascimento para outro mundo que exigiria outras formas de expressar, ao mesmo tempo o banzo e a esperança de libertação. Assim, as duas formas do relato, o Marabaixo vindo direto da África, ou o Marabaixo inventado no navio negreiro, suportam essas duas realidades paradoxais que o Brasil oferecia então.

Esse mecanismo é que faz o fato histórico da viagem ao cativeiro, que se transmuta em viagem ao além, mas que, sobretudo, faz passar do tempo cronológico ao mito que é atemporal, e por isso deve ser repetido a cada período de tempo para atualizar o sentimento de pertencimento da comunidade por meio da encenação de sua própria história. Temos dessa forma toda a força comunicativa do Marabaixo, através da estética, da dança, do canto, do ajuntamento engajado nessa rememoração dessa origem que transforma as vicissitudes da escravidão em motivo de orgulho e de distinção. O Marabaixo testemunha, dessa maneira, a diversidade das formas com que este fato fundamental da origem do Brasil, a chegada do africano, foi interpretado e incorporado de forma singular em cada região em que aportou. O elemento étnico não colore apenas as peles, penetra fundo na memória ditando os instrumentos, os ritmos, a maneira de exercer a religião.

Um exemplo desse processo é a forma romanceada e carregada de detalhes com que Dona Zezinha conta, de maneira surpreendentemente coerente, como o Marabaixo, o Batuque e o Sahiré foram ensinamentos ditados pela sereia, figura mitológica presente desde a antiguidade, encarnada em cada uma das culturas que aportou no Brasil. Se para os europeus a sereia era ente de beleza, que seduz pelo canto, que desorienta navegadores, que os conduz ao naufrágio, para os africanos Iemanjá, saudada como Odoyiá[75], é a parteira e a ordenadora dos grupos sociais em bases familiares. Assim é que essa onipresença do mar, da viagem, da embarcação, do perigo e do nascimento se fundem na criação destas formas de expressão tradicionais que são aparentadas e, contudo, diferentes. Além dos fatos da aventura, os ensinamentos, as permissões, as guias estão ali presentes compondo o mito. No seu relato, Dona Zezinha ainda menciona a autorização prévia dos orixás ao preto velho para iniciar sua dança e dos que aportando no Brasil pedem antes a autorização para o exercício do Marabaixo.

Por outro lado, na morte do negro durante a travessia está contida a possibilidade de transformação

74 EVARISTO, Conceição. África: âncora do navio de nossa história. Revista Via Atlântica USP. n. 22. pp. 159-165. Dezembro 2012.
75 PRANDI, Ricardo. Mitologia dos Orixás. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

da prática, no seu renascimento, uma vez que, aportados e batizados à força, era na religião cristã que doravante deveriam se expressar. O batismo carrega essa significância consigo de fazer morrer para uma vida e renascer numa forma mais purificada, a partir dele as práticas se transformam. Assim é que abraçam a Santíssima Trindade e o Espírito Santo, essas duas entidades de representação impessoal e mistério da fé que comportam a energia do milagre, a força do oculto, ponto de contato entre a crença africana e a crença cristã, que o Marabaixo recupera e para a qual provê uma devoção. Essa presença africana é sobremaneira evidente, conforme pode ser ouvida através dos toques de candomblé quando os grupos em procissão se encaminham à Igreja para bênção de coroas e bandeiras, os relatos históricos dão conta dessa desconfiança generalizada da igreja e da sociedade em relação ao Marabaixo, vide às décadas em que o Marabaixo não era aceito nas igrejas.

Mas o mito se desdobra na história e vai incorporando a vida no seu decorrer. Assim, os grandes mestres surgiram e foram reconhecidos em vida e hoje estão no panteão da memória, tendo seus versos cantados, suas personalidades como exemplo de apego às raízes e os seus ensinamentos como a referência para o desempenho do Marabaixo. Os nomes de Julião Ramos, Raimundo Ladislau e Gertrudes Saturnino imprimiram sobre essa origem uma marca indelével, como que uma segunda origem. Nesse caso, já não se trata da chegada dos negros à região da foz do Amazonas, mas da origem do Amapá e da transformação de Macapá em Capital.

Dois séculos após os primeiros imigrantes, esta região de fronteira, sujeita às disputas e contestações territoriais, adquiriu seu status de autonomia, separando-se do Pará, não se entregando à França. O Marabaixo que prosseguia na cidade, no silêncio dos documentos, estaria no centro dessa transformação, na forma de cimento social que manteve as comunidades unidas mesmo em face da grande reforma urbana que coincide com a criação do Território do Amapá.

O deslocamento das populações negras para as áreas mais periféricas da cidade que então tomava corpo teria apenas a versão oficial se não fosse pelo Marabaixo. O Marabaixo fixou nos seus versos e na história das famílias que os mantinham a memória de uma Macapá que não guarda mais a lembrança material daquela época, senão em fotografias. Mais uma vez submetidos a um êxodo forçado, encontram no Marabaixo a afirmação de sua unidade, a manutenção de seu grupo e a ultrapassagem da adversidade, marcando seu território dentro da cidade e fazendo do Laguinho e da Favela espaços de distinção cultural ao invés de lugares de exclusão. Essas retomadas das origens e dos mitos testemunha, então, essa tenacidade, a vivacidade e o poder transformador desta prática singular. Mostra como o Marabaixo pôde sobreviver e reverter suas vicissitudes em uma forma de expressão cada vez mais dinâmica e que se disseminou por todo o Amapá.

6.3 - OS RITUAIS E SEUS SUPORTES MATERIAIS

O Ciclo do Marabaixo em Macapá compreende uma série complexa de ritos que lança mão, por sua vez, de uma série de objetos sagrados indispensáveis para seu acontecimento. O processo de infusão do sagrado em objetos que de outra forma seriam apenas “coisas” é dado pelo desempenho correto dos ritos, do uso de orações e cantos nos momentos de manipulação desses objetos. Passemos à descrição dos principais ritos e objetos em uso durante o Marabaixo.

Um dos pilares do ciclo do Marabaixo em Macapá é o Corte do Mastro, esse rito é o anunciador de que o processo festivo teve início e é uma das poucas oportunidades de os grupos se encontrarem em festa, ainda que cada grupo corte seu mastro em separado. Contudo, pudemos participar de um almoço que se sucedeu ao Corte do Mastro em que os grupos foram recebidos juntos por promessa do ofertante no Curiaú. O corte em si é bem simples, o grupo se junta em um caminhão, sobre o qual vão cantando seus ladrões, que segue até uma área do Curiaú munidos de autorização do IBAMA.

Lá chegando, embrenham-se na mata em fila indiana; os mais conhecedores vão à frente à procura da árvore que sirva para ser usada como mastro, ela precisa ter o diâmetro adequado e ser o mais reta possível. Afirmam que o mastro precisa ser de uma determinada espécie, a qual não conseguiram nos definir. Quando acham a árvore nas dimensões apropriadas, os líderes do grupo, os festeiros e os outros membros se aproximam, fazem algumas orações sussurradas e imprimem com os dedos sinais da cruz sobre o mastro, enquanto os tambores tocam e os outros membros cantam louvações, o festeiro do ano dá a primeira machadada simbólica na árvore, em seguida, cada membro do grupo toma o machado e desfere um golpe contra a árvore. Depois disso, a árvore é derrubada e levada de volta à cidade onde é guardada na casa de um membro tradicional do Marabaixo. É importante notar que o espocar dos rojões acompanham todos os ritos, forma de esconjuro, mas também de anúncio da chegada do tempo sagrado e da passagem do Marabaixo.

O ritual seguinte é o Cortejo do Mastro, que acontece da seguinte maneira: o mastro, guardado, precisa ser buscado de modo oficial e público, assim, os marabaixeiros se organizam em comitiva e vão pelas ruas do bairro, tocando caixas e soltando foguetes para buscar o mastro. Chegam a casa onde o mastro está depositado, pedem licença, tocam, cantam e levam o mastro nos ombros, todos tentam tocar ou sustentar o mastro. Assistimos, na Associação Zeca e Bibi Costa, o que parece um costume local, a colocação de uma criança sobre o mastro durante o cortejo. O uso de crianças, como proteção mágica, é bastante difundido no Brasil e esse parece ser o caso. É uma proteção de mão dupla: do mastro durante o cortejo[76] e da criança que de certa forma é benta nesse rito.

O terceiro rito ainda tem a ver com o Mastro e sua preparação para ser erguido, os cuidados mágicos são evidentes. Agora o grupo sai para colher galhos de uma planta que nomeiam murta, árvore de pequeno porte e folhas miúdas, alongadas nas pontas que não tem nenhum cheiro característico, nem nos foi reportado nenhum uso além desse. É interessante, que ao perguntar aos mais velhos sobre a murta, uma informação relevante nos foi confiada quando nos disseram que é uma planta de limpeza, limpeza mágica bem entendida. Essa planta é colhida com ritos similares aos do corte do mastro. No corte que assistimos ainda foi servida a gengibirra. Essa planta é usada para revestir os mastros no dia em que ele for levantado. Contudo, antes disso, a murta precisa ser consagrada.

A consagração da murta é feita por meio do Cortejo da Murta. É importante aqui fazer uma distinção. Existem dois eventos com o mesmo nome: um é este que é parte sagrada do ciclo de celebrações da Santíssima Trindade e do Espírito Santo e o outro é uma ação afirmativa promovida pela SEAFRO, que reúne marabaixeiros de Macapá e do interior do Estado numa procissão que vai da orla do Rio Amazonas até a Igreja de São José, na qual os marabaixeiros fazem um ofertório e o padre, num palco

76 Aqui é bom lembrar que o Marabaixo em Macapá, sendo uma cerimônia de roda em um salão, é bastante ciente do uso de precauções mágicas quando está em formação de cortejo no espaço público.

colocado na porta da igreja, abençoa as bandeiras e as pessoas, aspergindo água benta com um ramo de murta. O Cortejo da Murta que nos referimos aqui neste texto é o primeiro. Nesse caso, a murta cortada é armazenada na casa de algum membro importante, é buscada pelo grupo de Marabaixo que distribui entre as dançadeiras feixes de ramos de murta. De modo que cada uma delas sai munida pelas ruas, dançando como se usassem os feixes na mão para varrer o caminho que seguem, mais uma indicação do efeito de limpeza mágica. E assim vão até a igreja mais próxima onde levam os galhos até o altar e fazem uma reverência, cantam e dançam, seguindo da igreja para as sedes de cada associação de Marabaixo.

Assim, toda a preparação para o levantamento do mastro está pronta e pode se proceder ao mesmo. O ritual de levantamento do mastro é iniciado no dia anterior ao levantamento propriamente dito. Lembramos que o calendário inicia-se no Pentecostes e vai até o Corpus Christi. Uma missa é celebrada em intenção do Marabaixo, quando as coroas e bandeiras são expostas e recebem as bênçãos oficiais. Esse episódio é muito importante para os marabaixeiros em vista da longa e penosa luta por reconhecimento e aceitação pública, na qual a igreja desempenha um papel central ao finalmente reconhecer o Marabaixo como forma legítima de adoração cristã. Os mastros estão preparados, pintados e entrelaçados de murta. Mas antes um grande Marabaixo vai ser dançado, um Marabaixo que atravessa a madrugada e quando o dia está a amanhecer é hora de levantar o mastro. Antes, nele se fixa a bandeira, e enquanto as mulheres cantam e dançam, os homens cavam o buraco onde o mastro vai ser colocado, o levantamento se faz sob muitos foguetes e com a ajuda de muitas mãos. Em seguida, os marabaixeiros circulam em torno do mastro com suas mãos sobre ele.

Após o levantamento do mastro, o Marabaixo sofre um recesso, a dança e o canto cedem lugar à novena que é celebrada nas sedes por meio de uma ladainha, para isso convocam um rezador profissional que sabe rezar a ladainha em latim, sempre às 18 horas. Essa etapa é vista como purificação e preparação para o domingo da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo. No último dia da festa acontece a derrubada do mastro e a entrega da bandeira para os festeiros do ano seguinte. O ciclo se encerra nesse momento com a promessa de retomada no próximo ano.

Ressaltamos que esses ritos são válidos para Macapá e onde quer que se estabeleçam as devoções da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo, mas existem muitas formas de celebração às quais o Marabaixo está associado. Nesses casos, a manifestação se adapta aos ritos próprios de cada lugar e ao santo que é festejado.

Um dos elementos materiais fundamentais segundo a descrição dos ritos é o mastro, o mastro ocupa um nódulo central na rede semântica do sagrado em geral e do Marabaixo especificamente. As ideias de sagrado contidas no mastro sempre vão no sentido da conexão entre o céu e a terra, ou entre mundos distintos. Com o levantamento do mastro, essa conexão sagrada é estabelecida e as divindades têm acesso à terra, assim como o humanos têm acesso aos deuses. Não é de admirar, portanto, que o mastro seja tão reverenciado no Marabaixo. Todo o cuidado com seu corte, sua pintura, seu revestimento de murta são necessários na medida em que ele funcionará uma vez devidamente consagrado como sinal da presença do sagrado e como canal por onde fluem as promessas e louvações. Após seu levantamento existe um recesso na celebração que se torna cerimônia doméstica e privada, sujeita às libações por meio das ladainhas. Pois, a partir do levantamento, a presença divina está ali.

O mastro ainda é um convite ao santo para que venha receber a louvação. Assim, na ponta do mastro é fixada a bandeira correspondente, como um sinal que indica em nome de quem a festa ocorre. As bandeiras são por isso de grande importância, muitas vezes conservadas por gerações, elas são a identidade do grupo, o documento de sua presença. Por isso, elas vão à frente do grupo quando ele está em cortejo, não apenas identificando o grupo e sua devoção, mas também como instrumento de proteção e bênção, daí o costume de que seja beijada e agitada efusivamente nos cortejos.

As coroas, objetos permanentes, guardados em altares, não saem em cortejos, mas recebem bênçãos na missa. Seu lugar de honra na qualidade de relíquias tão antigas, que a sua proveniência se perdeu, garantem aos grupos sua dedicação sagrada e o reconhecimento de sua herança cultural, afinal, as coroas têm ligação com os ramos familiares que seguram o Marabaixo. Desde sempre ressaltando a majestade, essas coroas, no caso de Macapá são propriamente a coroa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade. Dentro da escatologia cristã, esse é o mais alto grau da presença divina, que não pode ser testemunhada em pessoa, mas apenas pela ação de sua força ativa. O Espírito Santo como energia divina é também manifestação física de Deus, ele próprio distinto, e o mesmo com Deus, como no inescrutável dogma da natureza trina de Deus. Inseridas nas coroas, a imagem do Espírito Santo assume a forma de pomba, sinal inequívoco do batismo de Jesus. Em suma, a coroa é um atestado histórico e uma garantia do direito divino de celebrar a Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo. A coroa se situaria como o reflexo material do que paira sobre o mastro com a bandeira, tanto é que a coroa está ilustrada na bandeira.

A coroa, nesse caso, substitui as imagens de santo, uma vez que não é costume a representação de Deus ou da Santíssima Trindade em formas humanas. Contudo, a própria autoridade da coroa chama a legião de santos a si, de modo que é comum vermos altares com todo o tipo de imagem cercando a coroa. Essas imagens são dos santos de devoção pessoal, das preferências de cada família, e também de presentes recebidos. Todos vão compondo um panteão que vai além dos santos e adota muitas vezes o preto velho e yemanjá, de forma discreta. São comuns: São Jorge, São Cosme e Damião, várias invocações de Nossa Senhora e São Benedito.

6.4 – OS ELEMENTOS DO MARABAIXO

6.4.1 - A DANÇA

A dança do Marabaixo reúne praticantes de todas as idades e gêneros, uma vez que a roda que se forma durante a manifestação é aberta a todos que queiram participar. Nos grupos, as mulheres apresentam longas saias rodadas estampadas, que concorrem o olhar com os seus inúmeros colares e adereços. Os homens apresentam vestimenta mais discreta, com calças e camisas ou camisetas, complementadas por vezes com um chapéu ou lenço, geralmente estampado. Assim, caracterizados, os dançarinos se movimentam em percursos circulares que acompanham as caixas e os cantadores, que também giram, mas de forma mais centralizada. Porém, enquanto os homens respondem ao papel de acompanhantes e protetores, a dança das mulheres se configura com um tom de bailado que vincula aos pés arrastados diversos movimentos de cintura, enquanto seguram suas longas saias pelas pontas. Os

ombros, mantidos eretos e rijos, acompanham os passos miúdos das marabaixeiras e os movimentos em bailados, gingados e giros.

O ritmo ditado pelas caixas alterna momentos de êxtase em que a velocidade aumenta, pontuados por momentos de recomposição de forças, em que se dança em um ritmo mais lento. Como a maioria das apresentações é prolongada durante várias horas, os dançarinos e os grupos convidados costumam se revezar no salão.

Os pés arrastados da dança remetem, segundo o mito de origem do Marabaixo, ao canto de lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros e aos pés acorrentados daqueles que na colônia chegavam para viver em uma situação degradante, de modo que a história dos negros foi sendo desde então ritmada, cantada e dançada. Com o passar do tempo, esse caráter de lamento se tornou quase residual, dando lugar a um ritmo mais esfuziante e festivo, em consonância com o processo de valorização da manifestação.

6.4.2 - O CANTO

As músicas do Marabaixo são chamadas de ladrões, que são composições em versos, formadas por quadras seguidas por refrãos, cantadas durante a dança na performance do Marabaixo. Enquanto os puxadores possuem a responsabilidade de cantar o ladrão colocando os versos, os demais respondem entoando o refrão.

As composições são feitas pelos próprios participantes da manifestação cultural e sua criação depende de fatores como a aptidão para a invenção, a interpretação dos padrões sociais em que vivem, o conhecimento musical e do legado marabaixeiro. Após o processo criativo, as músicas de maior aceitação são incorporadas pelo próprio grupo, podendo também ser disseminadas pelos demais participantes da manifestação. Os compositores tradicionais do Marabaixo, como Raimundo Ladislau, Antônio Barca, Manuel da Paciência, João Clímaco, por exemplo, tiveram músicas adotadas por diversos grupos em várias comunidades e são hoje reconhecidos pelo legado musical que deixaram para a manifestação. Ao incorporar as canções é comum que os grupos as adaptem, seja adicionando ou retirando versos, de modo que elas ultrapassam seus autores e tornam-se uma propriedade inseparável do bem cultural analisado.

O acervo de músicas comuns aos grupos do Marabaixo tem canções acrescentadas continuamente. Para o ciclo de Macapá, geralmente, todo ano um dos membros dos grupos prepara um ladrão. Referindo-se a fatos históricos do local ou a situações da vida cotidiana, as músicas se tornam um meio de registro, notadamente oral, da memória dos grupos e seus praticantes. Assim, este processo de poetização e significação da história local é um dos marcos do Marabaixo e um importante componente de adesão dos seus membros.

A execução dos ladrões é feita pelos grupos através dos cantadores, dos respondedores e dos tocadores de caixa, de modo que cada um canta sua versão e acrescenta versos de acordo com as peculiaridades do grupo ou da situação em que se canta. O improviso é assim um fator determinante das performances da manifestação.

No momento da performance, não só os membros dos grupos, mas também os ouvintes e convidados são chamados a cantar o refrão, sendo os mais conhecidos entoados em uníssono. Apesar da presença de

uma massa cantante e dançante que se forma, aos cantadores e tocadores é reservado um espaço especial no centro da roda. É desse núcleo que é gerada a força musical que agrega os visitantes e conclama a todos a participar da manifestação.

6.4.3 - AS CAIXAS E SEUS TOQUES

A música do Marabaixo é feita com tambores chamados caixas que, no momento da performance se somam em números variados, chegando até três para acompanhar as vozes sem amplificação e, em lugares com caixas de som e microfones, vemos até cinco ou seis caixas ao mesmo tempo. No caso de três tocadores, dois marcam o ritmo e o terceiro faz o contraponto e introduz um novo elemento chamado pelos marabaixeiros de dobrado. Assim, o ritmo marcado e cadenciado das músicas é pontuado diversas vezes, de modo a quebrar a cadência da marcha percussiva e animar os praticantes da manifestação.

Os tocadores, durante as apresentações, vão seguindo os cantadores pelo salão, formando um núcleo em torno do qual giram os dançarinos e convidados. Para sustentar os manifestantes durante a longa jornada musical que dura no mais das vezes a noite inteira são servidas bebidas como a gengibirra e a cerveja, e os tocadores se revezam, de modo a suportar o cansaço.

O modo como se toca a caixa varia conforme algumas situações. Primeiramente, existem peculiaridades de toques dependendo do grupo no qual o tocador se insere, que devem ser respeitadas. Além disso, há distinções referentes ao local da apresentação, uma vez que no Marabaixo apresentado nas casas, em forma de roda, há uma levada mais cadenciada, enquanto que no Marabaixo de rua apresenta um fraseado mais sinuoso e um caráter processional.

A arte de confeccionar os instrumentos do Marabaixo acompanha a própria história da manifestação, formando uma mestria implícita à prática. A maioria dos fazedores de caixa aprendeu a técnica de forma autodidata após conhecer o ofício de tocar o instrumento, sendo na maioria das vezes exímios tocadores. Esses produtores são assim duplamente valorizados, tanto por oferecer o recurso material para a conservação dos instrumentos, quanto pela transmissão do saber do toque.

O som das caixas do Marabaixo pode variar de acordo com o modo como elas são feitas, existindo diferenciações de acordo com o tamanho do instrumento e o material utilizado. Além disso, uma característica das caixas é o fato de, como instrumentos percussivos, não poderem ser perfeitamente afinados, de modo que mesmo que um mestre faça duas caixas com as mesmas dimensões e materiais, elas terão timbres diferentes.

As caixas geralmente são feitas de madeira macacaúba, quando são encontrados troncos já caídos nas matas próximas à cidade - uma vez que pela legislação ambiental, não é mais possível cortar essas árvores -, ou são feitas de madeira de reciclagem, como a utilizada em caixas de frutas. A madeira, geralmente em formato de tronco, é lavada e secada antes de usar e depois são cavadas até permanecer no formato circular, com o auxílio de um cilindro. Alguns artesãos utilizam o zinco ao invés da madeira, um material simples e que dá menos trabalho, mas que ao mesmo tempo produz um som diferente. Para o bastidor pode ser usado couro de cobra, como sucuriju, ou de carneiro ou veado, mas, hoje em dia, é comum, também, a utilização de couro sintético. Na lateral da caixa é usado barbante para afinação, e no fundo há fios de nylon e miçangas, que podem ser substituídas por pena de pato.

Essa mestria do fazer e do tocar instrumentos é ainda uma atividade majoritariamente masculina, uma vez que não encontramos mulheres na posição de fazedoras de caixa e apenas algumas tocadoras. Porém, as diversas oficinas da técnica, realizadas recentemente em associações e escolas do Amapá, tendem a uma mudança desse quadro.

6.4.4 - OS LOCAIS DE OCORRÊNCIA

O principal lugar de ocorrência do Marabaixo são as casas de família, tendo destaque as residências ligadas aos membros mais antigos da manifestação. As casas são simples, sendo a maioria feita de madeira, material típico do norte do Brasil. Para a ocorrência do Marabaixo, foram feitas adaptações nas residências, de modo a melhor abrigar os praticantes no dia de festa – assim, os edifícios recebem grandes estruturas abertas de madeira na frente e atrás, servindo respectivamente para a dança e para a cozinha.

O terreiro de dança é muitas vezes unido de forma contígua à casa dos festeiros e das famílias representativas do Marabaixo. No interior, contudo, é de costume ver terreiros de uso público separados das residências e que servem tanto ao Marabaixo como para outras reuniões da comunidade. Seja nos terreiros públicos ou nos terreiros privados, decorados com esmero com fitas e papeis coloridos, se dança, se bebe, se come.

Durante o corte do mastro e para o cortejo da murta, os grupos se deslocam para as matas próximas à cidade, onde recolhem o material para a confecção do mastro da bandeira e a murta para a sua decoração.

Outro espaço central de ocorrência da prática é a própria rua, percorrida durante as procissões de Santos e no ciclo de Macapá, fazendo do espaço público um lócus importante do Marabaixo. Os percursos ocorrem no perímetro das comunidades que os grupos atendem e incluem locais mais distantes, tendo destaque para as casas de marabaixeiros respeitados, mas que pela idade ou pela condição de saúde são impedidos de participar da manifestação. Um rito recente que também utiliza a cidade como espaço do Marabaixo é o cortejo da murta promovido pelas associações de defesa da cultura negra e que reúne grupos da capital e do interior do Estado. Ele parte da orla do Rio Amazonas e vai até a Igreja de São José, onde é feito o encontro simbólico das bandeiras.

No domingo de pentecostes, os marabaixeiros saem em procissão e participam da missa na igreja do bairro. A abertura para a entrada das imagens cultuadas – Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade - é uma vitória dos grupos, que até recentemente eram impedidos de utilizar o espaço católico oficial, advindo daí o aspecto doméstico da devoção do Marabaixo e a recorrência a novenas e liturgias realizadas nas próprias residências e associações.

Nas apresentações fora da época de festa, outros sítios são agenciados para a manifestação, como espaços culturais que promovem festivais folclóricos e reúnem diversos grupos, e também as escolas e o Aeroporto de Macapá, que propõe exibições com vistas à divulgação da prática.

6.4.5 - A GENGIBIRRA

A gengibirra é uma bebida alcoólica de produção caseira, servida durante as festividades do Marabaixo. Bebida típica do estado do Amapá, que possui como ingredientes básicos a raiz do gengibre,

cachaça industrializada, açúcar e água. Existem diversos modos de fazer a bebida, que variam de pessoa para pessoa, e de comunidade para comunidade, seja por mudanças na proporção e até mesmo no incremento de especiarias e outras frutas.

Ela é produzida geralmente de forma doméstica, seja na sede das associações que promovem o Marabaixo ou na casa do festeiro ou de moradores que detêm a prática deste fabrico. Primeiramente, é cortado o gengibre, que depois é batido com água no liquidificador; em seguida, essa mistura é passada em uma peneira; acrescenta-se ao líquido, açúcar e cachaça, e então a bebida é colocada para gelar. Há relatos de pessoas que fervem o gengibre antes de utilizá-lo e outros que acrescentam outros ingredientes, como leite condensado, especiarias, ou casca de abacaxi. Na maioria das vezes a bebida é servida gelada e à vontade para os marabaixeiros e seus convidados.

O gengibre é uma espécie originária da China, que foi trazida pelos Portugueses ao ocidente por ocasião das cruzadas e, mais tarde, para o Brasil pouco após o descobrimento. A raiz do gengibre é creditada por proteger a garganta e as cordas vocais, permitindo maior longevidade à voz. Sua mistura com a cachaça gera uma bebida que a população acredita ter um efeito tônico para os cantadores do Marabaixo.

Não se sabe ao certo qual a data em que a gengibirra foi introduzida no Marabaixo, mas há relatos da presença da cachaça desde o início do século XX e também do uso de outras bebidas, como a Mucura, e também do caimbé, feito com uma mistura de cachaça, água e madeira de caimbé raspada. Essas, porém, não são mais encontradas na festividade atuais.

Hoje, entretanto, muitos cantadores não mais se servem mais da gengibirra, e preferem consumir cerveja e refrigerantes. Contudo, essa bebida continua sendo fabricada e consumida em larga escala, e os grupos não abrem mão de sua presença durante todas as festividades do Marabaixo.

6.5 – QUE HISTÓRIAS CONTAM OS LADRÕES?

Os ladrões são compostos por histórias do cotidiano das pessoas, geralmente abordam um fato que marcou a comunidade ou a vida de alguém. São relatos! Mas, por trás de cada história está contido, entre outros sentimentos, um lamento ou uma expressão de alegria. As inspirações são as mais diversas. E assim, os ladrões expressam as crenças e os costumes locais, os fatos históricos, as questões políticas, as histórias de família ou as querelas entre vizinhos, e também as lendas do Amapá e a exaltação às belezas naturais desse estado. Atualmente, as questões contemporâneas inspiram a composição dos ladrões, falando da valorização da cultura negra, e de temas ligados à conservação ambiental, como a proteção aos rios, às florestas e aos animais. Assim, os ladrões formam a poesia do povo amapaense, é uma maneira de se expressar por meio de uma composição poética e da palavra cantada. Os ladrões são transmitidos por meio dos compositores, das cantadeiras e cantadores de Marabaixo. Suas histórias são frequentemente relatadas nas entrevistas que coletamos, e muitos ladrões servem como análise de estudantes e escritores em suas dissertações e livros.

Em alguns ladrões podemos perceber os afazeres de uma gente de hábitos simples. Como no caso desse ladrão que diz:

É de manhã, é de madrugada

Vamos tirar leite
Sá Dona
Da vaca malhada

A letra continua relatando que:

A vaca mansa dá leite
A braba dá quando quer
A mansa dá para coalhada Sá Dona
A braba dá para o café

O cotidiano simples de pessoas que viviam das práticas da vida no campo é cantado em forma de verso, sobrevivendo aos dias atuais. Em outros casos, os relatos se misturam a versos poéticos, que emocionam o cantador no momento de executar o ladrão, seja pela emoção do momento ou pela lembrança que os ladrões trazem a sua memória.

Eu tinha mamãe tinha
Eu tinha meu passarinho
Estava preso na gaiola
Bateu asas foi embora

Bateu assas foi embora
Foi ao ar pousou no chão
Pois a asa e pois o bico
Dentro do meu coração

Ainda falando de ladrões com características mais poéticas existe *Rosa Branca Açucena*. Esse também é um ladrão muito citado por todos os entrevistados. De acordo com a senhora Josefa Lina da Silva foi seu avô quem o tirou.

Rosa Branca
Açucena Oh le le
Case com a moça morena
Oh le le

A referência à moça morena está presente em muitos ladrões. Geralmente são ladrões alegres que falam da beleza da moça morena, da mulher negra em uma roda de Marabaixo, ou da linda cabocla roxa. Ao compor um ladrão com esse tema, Danniela Ramos diz que "'Que Negra Tão Linda' reflete a beleza do negro, especial da negra quando adentra ao salão do Marabaixo, contagia, é uma energia positiva muito boa, o rufar dos tambores, aquilo mexe com o coração de cada uma de nós, e a gente se empolga, a gente se orgulha de estar ali, de dançar, e de amar essa tradição que é o Marabaixo".[77] São ladrões que deixam

77 Danniela Patrícia da Silva Monteiro, 2011, I Festival de Ladrão de Marabaixo.

o salão ainda mais animado, momento propício para o giro das saias e expressões alegres no rosto de cada dançadeira.

Levanta a saia morena
Vai em cima vai em baixo
Segura o rebolado
Na dança do Marabaixo

Um dos principais ladrões da história do Marabaixo conta um dos mais importantes fatos históricos da cidade de Macapá, quando o Amapá se tornou território e Janary Gentil Nunes foi designado governador. Chegando na cidade ele encontrou a população, predominantemente formada por negros, concentrada em habitações no centro da cidade. Eram casas simples, próximas à Igreja de São José. Contudo, o novo plano urbanístico previa a instalação dos prédios públicos e casas residênciais nesse local. Para isso se concretizar era preciso que a população que ali habitava fosse transferida para outras áreas da cidade. Muitos entrevistados relatam que foi a expulsam dos negros da frente da cidade para dar lugar aos novos governantes. Por meio da articulação com um dos representantes locais, o senhor Julião Ramos, foi feita a mudança da maioria das pessoas para o Laguinho, uma área mais afastada do centro. Contudo, alguns membros não aceitaram essa exigência e se mudaram para outro local, ao qual deram o nome de Favela. Em meio a esse episódio surgiu um ladrão cujo refrão dizia:

Aonde tu vai rapaz
Nesse caminho sozinho
Eu vou fazer a minha morada
Lá nos campos do Laguinho

Contudo, essa transferência não agradou a todos. Uma das principais questões era abandonar a área que durante muito tempo viveram, onde nasceram, cresceram, criaram seus filhos e com a qual se identificavam. Por isso, há outro verso que diz:

Encontrei com meu amigo
Que ia falando só
Será possível meu Deus
Quem de mim não tenha dó

A crítica aos fatos também aparece no ladrão.

A avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
As casas que foram feitas
Foi só para morar doutor

Mas, ao mesmo tempo, havia o respeito pela autoridade. A dor de sair do centro, de ver suas casas e

casebres irem abaixo era grande, deixaria saudade daquele tempo que viviam como os principais moradores da cidade. Porém, existia o reconhecimento pelo progresso, que acontecia por meio da abertura de grandes avenidas, das grandes construções que "embelezariam" Macapá. Por isso, a letra apresenta o desejo de que Janary e Coaracy, os governantes locais, permanecessem no Amapá.

Me peguei com São José
Padroeiro de Macapá
Pra Janary e Coaracy
Não saírem do Amapá

Outro trecho da letra também reafirma o respeito pela presença do novo governador.

Dia Primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva
Para o nosso governador

É comum encontrarmos várias versões desse ladrão, algumas com mais versos que outras, e com expressões modificadas, mas o contexto permanece. Apesar da importância desse ladrão, ele é muito pouco tocado durante os dias de Marabaixo. Contudo, ele foi relatado pela maioria dos entrevistados ao perguntarmos sobre a história do Marabaixo e sobre a transferência dos negros do centro da cidade para a região do Laguinho e da Favela.

Aonde tu vai rapaz é um ladrão que expressa um lamento pelo momento vivido. De maneira geral, os lamentos fazem parte da origem do Marabaixo. Muitas pessoas relatam que os escravos embarcados no continente africano vinham cantando seus lamentos nos navios, como uma forma de expurgar suas dores. Séculos depois, essas tristezas continuam em outros contextos, geralmente contando perdas e relatando as desilusões amorosas.

Os ladrões não têm hora certa para serem cantados. Contudo, alguns, que possuem letras que falam de fé, da presença de Deus, de Maria, e de Jesus, são cantados principalmente durante alguns rituais que envolvem momentos de religiosidade, de devoção e fé, como o Cortejo do Mastro, o Cortejo da Murta, e o Levantamento do Mastro. Além disso, também são cantados durante as missas em que há a participação dos grupos de Marabaixo. Exemplo disso é o ladrão que diz:

Tenho fé em Deus
Na Sagrada Maria
Ora, a quem Deus promete não falta
Serei feliz algum dia

Em outro ladrão o verso diz:

Ah viva eu

Vivia minha mãe também
Viva Maria no Céu
E mais seus filhos em Belém

Há ainda outro assim:

As quatro da madrugada
Quando Deus se levantou
Botando os olhos ao mundo
Foi quem nos abençoou

Contudo, esses versos também são cantados nos salões. Em outros ladrões também aparecem referências à fé e à religiosidade do povo amapaense, como no ladrão *Aonde tu vai rapaz*, que em certa parte diz: "Me peguei com São José, padroeiro de Macapá".

Existe um ladrão que conta a história do primeiro avião que pousou em Macapá, ainda na década de 1920. Era um avião tripulado por alemães, contudo, o combustível havia acabado, só que em Macapá não existia pista apropriada para aviões naquela época, mas como era do tipo anfíbio ele pousou nas águas do Rio Amazonas. Os alemães foram recebidos pela população e também pelo padre Júlio Maria Lombaerd. A população ficou curiosa e muitos tentaram entrar na aeronave para conhecê-la melhor. Entre essas pessoas estava uma freira, que por ser pequena tinha o apelido de Catita. As pessoas queriam empurrar a freira, se atracando em sua cintura. Mas ela disse: *Assim, atracada assim eu não subo não*. Dessa frase, um velho senhor, de nome Eufrásio, que assistia a cena, tirou um ladrão. E ainda hoje se canta:

A irmã Catita ver o salão,
Assim, atracada assim eu não subo não.

Em outra parte do ladrão é cantado:

No dia 18 de março
Quando o avião pousou
Na terra de Macapá
Todo mundo se alegrou

Por fim, existem aqueles ladrões que falam do próprio Marabaixo, mas que ao mesmo tempo se misturam com as histórias locais. Esse é o caso de um ladrão voltado para as crianças. O ladrão de nome *Dona Flor*, que foi gravado pelos netinhos de Esmeraldina dos Santos, tem o seguinte verso:

Ei Dona Flor
Ei Dona Florzinha
Vamos dançar Marabaixo
Na casa de Dona Florzinha

Existem também aqueles versos de ladrões que usam a metalinguagem, falando sobre os próprios ladrões e também sobre o Marabaixo. No ladrão *A Cobra Grande*, há um verso que diz:

Esses meus versos de Marabaixo
Eles todos são verdadeiros
Nós festejamos São Benedito
No dia 05 de janeiro

Eu estou contando para vocês
Esse triste padecimento
As cantigas de Marabaixo
É feita de acontecimento

Os ladrões, entoados nas rodas de Marabaixo, fazem parte da história do Amapá. Essa manifestação é uma expressão viva da cultura e da identidade de um povo que luta para que suas tradições sejam passadas às futuras gerações, mas sempre respeitando as criações de seus antepassados.

6.6 – HISTÓRIAS DE VIDA

As histórias sobre o Marabaixo são contadas muitas vezes de maneira apaixonada pelas pessoas que participam dessa manifestação cultural, pois, o Marabaixo faz parte de suas vidas e constitui-se de uma referência tanto para o passado como para o presente. Fazendo parte dessa tradição, os detentores culturais do Marabaixo contribuem para a continuidade do bem, levando-o às futuras gerações por meio de suas histórias, de seus ensinamentos, e também de suas participações, seja por meio do toque das caixas, da composição e do canto dos ladrões, e também da dança.

Dentre as tantas entrevistas realizadas para o Inventário Nacional das Referências Culturais do Marabaixo do Amapá, destacamos três pessoas para contarmos aqui suas histórias. São pessoas que herdaram de seus pais o amor e o respeito pelo Marabaixo, e que hoje promovem, cada um a sua maneira, essa rica manifestação cultural do estado do Amapá.

Primeiramente falaremos de Maria José da Silva Libório, uma grande compositora, tocadora de caixa, dançadeira de Marabaixo, e filha de Gertrudes Saturnino, pioneira do Marabaixo na Favela. Maria José nasceu em 01 de janeiro de 1940, e aos quatro anos se mudou do centro da cidade para a Favela (atual Santa Rita). Desde criança, ela ajudava sua mãe nas atividades domésticas e na venda do açaí, colocando a panela na cabeça e indo para o centro da cidade, também foi babá de muitas crianças. Começou a estudar na escola inaugurada pelo governador Janary Gentil Nunes. Aos nove anos aprendeu com sua mãe a tocar caixa.

Maria José sempre participou e valorizou a cultural local, exemplo disso é que desde os treze anos de idade até o ano de 1996 ela frequentou as escolas de samba Maracatu da Favela, Cidade de Macapá, e Os Piratas. Já realizou muitas viagens, representando o Marabaixo em diversos locais, como em Limoeiro do Norte, Brasília, Belém, São Paulo, e até mesmo no Japão, quando viajou com um grupo da Igreja Messiânica de Macapá. Já adulta e com os filhos criados ela se formou em filosofia.

Conhecedora da história do Marabaixo, Maria José também nos conta de suas lembranças do tempo em que era criança.

> Quando eu conheci como criança o Marabaixo, as senhoras idosas dançavam descalço. [...] Sempre foi vestido estampado, com as saias rodadas, toalha no ombro e um ramalhete de flor na cabeça, fosse rosa, fosse jasmim, tinha que ter aquele ramalhete para dar novo visual para elas. E os homens também, os que gostavam do Marabaixo. Só que o traje dos homens era camisa e calça branca, camisa manga comprida e calça branca de linho, e também dançavam descalço, principalmente no sábado do mastro.[78]

Sua paixão pelo Marabaixo levou-a a gravar um cd com suas composições, além de uma faixa que relata sua história de vida, na qual conta, de maneira emocionada, sua relação com sua mãe e seu início no Marabaixo. Em entrevista, ela relata que sua mãe fazia três coisas: "Ela cantava, ela tocava, ela dançava. Hoje, eu tive a felicidade de adquirir essa herança, eu toco, eu canto, eu danço"[79].

Também destacamos a história de Esmeraldina dos Santos. Nascida em Macapá, em 11 de janeiro de 1955, sempre teve estreita relação com o Curiaú, área quilombola e de preservação ambiental situada a cerca de 14 quilômetros do núcleo urbano de Macapá, onde passou sua infância e juventude acompanhando seus familiares e amigos nas festas e em outras ocasiões, convivendo com os moradores do local, e aprendendo as históricas do lugar. Seu pai, Maximiano dos Santos, o Bolão, e sua mãe, Francisca Ramos, a tia Chiquinha, sempre foram seus vetores. Com seu pai, que a vida toda trabalhou para a prefeitura de Macapá, aprendeu a importância da cultura e os valores de seu povo. Com sua mãe, que sempre trabalhou na roça para garantir o sustento da família, Esmeraldina aprendeu a importância do trabalho e a alegria para participar do Marabaixo. Junto com seus irmãos fundou a Associação Cultural Raízes do Bolão, que promove festas no Curiaú, oficinas musicais, e palestras nas escolas. Em uma frase ela sintetiza sua história no Marabaixo: "Eu canto e danço Marabaixo, mas não aprendi sozinha, foi no Raízes do Bolão com minha mãe Chiquinha"[80]. Em seus escritos, Esmeraldina recorda seus antepassados escravos e as dificuldades enfrentadas para garantir a sobrevivência, e em suas palavras destaca sua força e persistência nos estudos, chegando a publicar seus trabalhos e composições, além de ser homenageada em feiras de livros.

Esmeraldina mudou-se definitivamente para o Curiaú em 2005, e lá consegue a inspiração necessária para compor seus ladrões, como 'Dona Flor', um ladrão dirigido ao público infantil, que passa a mensagem da importância da preservação ambiental. Outro ladrão de sua autoria é 'Legítima Defesa', que relata o caso da morte de uma onça, que virou caso de polícia. Em entrevista Esmeraldina diz:

> A história do Marabaixo é muito bonita, é você fazer os ladrões no que acontece no seu dia a dia, na sua comunidade, aí você vê o caso de uma onça que estava comendo gado aqui no Curiaú, aí eu fiz o ladrão de Marabaixo. Agora, a dona florzinha, a dona florzinha foi um acontecimento dentro da nossa comunidade. A minha mãe cria bastante galinha, e os macacos com medo do fogo que tem naquela época de queimadas, então eles vinham fugindo tentando procurar um lugar pra ficar, e eles entraram aqui na nossa casa, no nosso quintal querendo pegar galinha. Aí eu fiz o livro, daí já fiz o cd para mostrar como se faz os ladrões de Marabaixo.[81]

Por vezes, histórias de vida e Marabaixo se confundem gerando emocionantes relatos, como o de

78 Idem
79 Maria José da Silva Libório. Entrevistada em 26 de agosto de 2013.
80 Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.
81 Idem

Raimundo Hildemar Maia dos Santos. Nascido em 16 de outubro de 1950 em Macapá, ele ficou muitos anos fora de sua terra natal, trabalhando em cidades do sul e sudeste do Brasil, H. Maia, como gosta de ser chamado, retornou a Macapá em um dia de Marabaixo. Assim, ele nos conta que:

> Há eu fiz uma surpresa. Tinha um Marabaixo, era domingo de Páscoa, na casa do nosso saudoso Pavão. Eu cheguei eram onze horas da manhã, não tinha ninguém em casa. Aí eu perguntei pra vizinha lá, mas ninguém me reconheceu. Eu trouxe o cabelo paiol, feio, desfigurado. Por sinal, eu não sou bonito, mas eu estava horrivelmente feio. Aí a vizinha do lado reconheceu minha voz: *ah eu já sei quem é. Tua família tá lá pra casa do Pavão que tem Marabaixo lá*. Aí eu pedi, eu poderia tomar um banho, trocar de roupa? *Pois não*. Aí o vizinho permitiu, aí eu fui, tomei um banho. [...] Cheguei lá na casa do Pavão, ninguém me reconheceu. Até então eu fiz sinal para um cidadão que estava tocando uma caixa, que também já é falecido, nosso saudoso Bianor. Aí eu perguntei pra ele se eu poderia tocar. Ele olhava pro Pavão e pedindo a caixa pra tocar. Eu entendi nos lábios do Pavão: *esse cabeludo não sabe tocar*. Eu estava com paiol, eu estava desfigurado. Até que mais da hora, eu insistindo, ele me deu a caixa. Aí eu fui tocar, aí ficaram olhando. Estava nossa saudosa Venina, também cantando Marabaixo. Eu pedi pra ela que queria puxar um ladrão. Ela ficou na dúvida. Por favor, deixa eu cantar. *Cante!*. Aí eu cantei. E me perguntaram. O Marabaixo era fechado, quase, naquela época, era só morenos, hoje em dia já tem mestiço, tem louro. Aí perguntaram: *tu és de onde*? Sou daqui de Macapá, sou do Curiaú. Peraí que eu vou cantar um ladrão porque nem minha família tá me reconhecendo. Aí na hora eu improvisei: "Tereza, o Justina me bote sua bênção, eu também sou teu parente, eu sou filho da Conceição". Aí minha vó chorou, minha tia, minha mãe, estavam tudo lá e em vez de alegria choraram. Meu retorno, eu estava como falecido em Macapá.[82]

H. Maia é um exímio tocador de caixa de Marabaixo, aprendeu essa arte com seus antepassados e ainda hoje continua tocando, ele participa em uma mesma noite de dois ou até três Marabaixo, é amigo de muitos marabaixeiros e frequenta várias associações durante o ciclo em Macapá, participando e deixando sua contribuição durante as noites de festa.

Assim como essas histórias, tantas outras mesclam vida pessoal e Marabaixo, reafirmando assim a identidade de um povo que valoriza sua cultura. As diversas histórias ouvidas e assuntos abordados durante as entrevistas tratam da origem do Marabaixo, das lembranças que seus antepassados contam sobre os primórdios da manifestação, da religiosidade a qual a manifestação está ligada. Além disso, os relatos abordam as dificuldades passadas pelas pessoas que lutam pela preservação da manifestação, as desavenças com a igreja católica e a emoção e o sentimento de orgulho de ver a reaproximação acontecendo na atualidade. Em muitos momentos foram relatadas as transformações ao longo das décadas, mudanças no estilo dos ladrões, nas vestimentas, e até mesmo na maneira de organização da festa, mas sempre respeitando e preservando os rituais instituídos pelos antepassados.

Acima de tudo, as histórias do Marabaixo, contadas pelos detentores dessa manifestação, expressam um imenso respeito e orgulho pelo seu maior bem cultural.

82 Idem

7 - ENCONTRO DE SALVAGUARDA

7.1 - RELATÓRIO DO ENCONTRO DE SALVAGUARDA

É importante pontuarmos, neste início de relatório, que a convocação e organização do Encontro da Salvaguarda ficou sobre a responsabilidade do IPHAN/AP. A equipe contratada, presente no encontro, ficaria responsável pela apresentação dos resultados do projeto, assim como pelo acompanhamento e cooperação durante a dinâmica da qual sairiam as diretrizes para a elaboração do Plano de Ação.

Contudo, devido ao baixo número de participantes presentes no encontro, não foi realizada a discussão sobre o Projeto de Salvaguarda junto aos detentores e praticantes do Marabaixo. Assim, acordou-se entre as partes – IPHAN/AP e Estilo Nacional – que essas tarefas ficariam sobre total responsabilidade do IPHAN/AP. Acordou-se também, que para a Atividade 4 a equipe de pesquisadores deveria apresentar um Diagnóstico de Salvaguarda do Marabaixo, expondo os problemas encontrados durante a pesquisa em campo e fazendo recomendações que possam contribuir para o Plano de Salvaguarda.

Apesar do problema exposto acima, o encontro teve como objetivos apresentar os resultados do projeto obtidos até aquele momento, esclarecer os pontos de discussão voltados ao projeto de salvaguarda e ouvir as pessoas presentes que quisessem se manifestar. A ideia era a construção conjunta de ideias e propostas.

A reunião foi aberta pela superintendente do IPHAN/AP – Juliana Morilhas Silvani – que justificou a não realização do plano naquele momento. Mas abriu possibilidades de discussão para se pensar a construção desse plano. Em seguida, representando a equipe de pesquisadores, a coordenadora Adriene dos Anjos Noronha, fez um relato das ações relativas à pesquisa e ao trabalho de campo. Em primeiro lugar, a equipe agradeceu a todas as pessoas que os receberam, que concederam uma entrevista, e que dispensaram um pouco do seu tempo colaborando com o trabalho de pesquisa.

Foi explicado que num primeiro momento foi realizado um levantamento preliminar com pesquisas em instituições culturais e acadêmicas, arquivos, acervos e bibliotecas em Macapá, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, além de exaustiva pesquisa em material disponibilizado na internet. O resultado dessa pesquisa foi uma extensa lista de títulos, nomes de pesquisadores, e também material fotográfico e audiovisual.

Também foi relatado que em um segundo momento teve início o trabalho de campo em Macapá e no interior do Amapá com visitas realizadas a várias comunidades, entrevistas e acompanhamento da manifestação. Foi devidamente explicado que pela própria estrutura do trabalho não foi possível percorrer todo o estado do Amapá conversando com cada uma das pessoas que participam do Marabaixo. Contudo, esse é um dos pontos de sugestão para a continuação da pesquisa, uma vez que nesse primeiro momento a intenção era conhecer melhor a prática do Marabaixo, sua história e seus rituais.

Com relação às entrevistas, foi relatado que durante a pesquisa foram entrevistadas mais de setenta pessoas, sendo que da maioria obteu-se o registro sonoro, e de muitas outras o registro audiovisual, que servirá para compor o documentário. Para essas entrevistas, a equipe conversou com

diferentes participantes. Foi explicado que foi dada uma atenção especial às pessoas mais velhas, devido à importância da participação e da memória dessas pessoas para a história do Marabaixo. Foram entrevistados também os presidentes das associações, os festeiros, os organizadores, as cantadeiras, as dançadeiras, os tocadores, os fazedores de caixa. Enfim, conseguiu-se obter uma grande variedade de entrevistas e assuntos, englobando vários aspectos do Marabaixo.

Relatou-se que para acompanhar a manifestação do Marabaixo e também realizar o processo de documentação fotográfica e audiovisual, a equipe escolheu o Marabaixo da cidade de Macapá, pois durante o ciclo, realizado entre o Sábado de Aleluia e o domingo após o Corpus Christi, estariam reunidos os vários elementos e rituais da manifestação. Em Macapá, a equipe dividiu seu tempo entre as quatro associações que estavam promovendo o ciclo em 2013, tentado não favorecer uma mais do que a outra, porque o objetivo principal é contar a história do Marabaixo.

Em seguida realizou-se uma apresentação das imagens registradas pela equipe de fotógrafos durante o acompanhamento do ciclo do Marabaixo e também durante o encontro com inúmeros entrevistados. Essa apresentação mostrou as localidades visitadas no interior do Amapá como: Campina Grande, Ilha Redonda, Abacate da Pedreira, Ressaca da Pedreira, Casa Grande, Curiaú, Mazagão, Mazagão Velho, Carvão, e Coração. Além disso, foram apresentadas fotos de todos os rituais que formam o Ciclo do Marabaixo em Macapá: Corte do Mastro, Cortejo do Mastro, Corte da Murta, Cortejo da Murta, Levantamento do Mastro, Novena, Ladainha, Missa. Além de fotos realizadas durante o acompanhamento do modo de fazer caixas e do modo de fazer gengibirra, e também fotos do Cortejo da Murta organizado pela SEAFRO.

Por fim, foi explicado que a pesquisa ainda não havia terminado, pois naquele mesmo final de semana a equipe de pesquisa, fotográfica e de audiovisual faria o acompanhamento da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho. A localidade foi escolhida devido a sua forte simbologia e importância para a história do Amapá e também para a história do próprio Marabaixo.

Logo depois a palavra foi retomada pelo IPHAN/AP e Francisco Phelipe Cunha Paz destacou alguns passos importantes da pesquisa, explicando também qual era a ideia de organização daquela reunião, ou seja, que haviam sido pensados quatro eixos temáticos para discussão: Marabaixo e Educação, pensando em ações relacionadas às atividades escolares; Marabaixo e Apoio, relacionado à ações de fomento e patrocínio, e demais ações ligadas ao poder público por meio de editais de fomento; Marabaixo, Difusão e Promoção, para pensar ações visando a divulgação da manifestação a nível estadual e nacional; Marabaixo e Transmissão, que seriam as ações de transmissão dos saberes. A ideia geral era sistematizar, direcionar e organizar as ações que em conjunto formariam um plano comum para o Marabaixo, constituindo-se no plano de salvaguarda, que seria fomentado pelos próprios representantes do Marabaixo.

Destacou-se também que a pesquisa é produto de um pedido de registro, e como toda pesquisa ela tem seus limites, mas que de certa forma o trabalho escrito procura apontar os principais elementos do Marabaixo, destacando as diferenças entre as diversas localidades que foram percorridas, entre o interior e a capital, sendo que o principal ponto é o entendimento do que é o Marabaixo do Amapá. Também foi relatado que durante a pesquisa buscou-se verificar as principais ações de salvaguarda que já estão sendo realizadas, pois é a própria comunidade que promove o Marabaixo que sabe dizer suas demandas e seus anseios, para que esses elementos contribuam para a salvaguarda do bem e para sua preservação.

Ficou claro para todos os participantes que com tão poucos representantes do Marabaixo ficaria difícil promover a discussão. Assim, a palavra foi aberta aos demais participantes para que pudessem se manifestar sobre como deveria ser o processo de elaboração do plano de salvaguarda.

A superintendente Juliana Morilhas Silvani destacou que já existem ações claras de transmissão dos saberes, mas que seria fundamental a identificação das ações pelos próprios marabaixeiros. E que o plano de salvaguarda tem que ser construído não apenas identificando as ações necessárias, daí a importância de reuniões como aquela, com a presença dos gestores de cultura, pois acima de tudo é um planejamento de ações que necessita do apoio do poder público e do compartilhamento das responsabilidades para viabilizar de fato o que será feito.

Outros participantes, representantes de instituições culturais municipais e estaduais, destacaram a importância de pensar o Marabaixo como identidade do povo amapaense. O participante José Maria, do Instituto Municipal de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, expôs a dificuldade das próprias instituições do estado do Amapá em participar de editais de pesquisas voltados para bens relacionados ao próprio estado. Também foi falado da importância da iniciativa de salvaguardar o Marabaixo para que ele seja reconhecido como bem do estado do Amapá e valorizado em suas próprias comunidades. Além disso, deu-se destaque para a importância do Marabaixo no interior do Estado, e da sua importância em inúmeras localidades para a pesquisa.

A participante Márcia Corrêa, diretora da Fundação Municipal de Cultura de Macapá, disse que gostaria que todos pensassem em objetivar o máximo a ideia de como realizar esse plano. Ela explicou que existe uma distância muito grande entre o conhecimento técnico científico e a realidade das comunidades, pois quando se fala em plano de salvaguarda muitas pessoas não fazem ideia do que seja e se sentem distantes até mesmo dessa expressão. Para ela é primordial falar a linguagem dos detentores culturais e das comunidades. E o importante naquele momento seria desenhar uma estratégia, com prazos, com datas, com metodologia para chegar a essas comunidades e trabalhar esse esclarecimento, explicando o que é o plano de salvaguarda, no que ele vai resultar, porque ele é importante. Contudo, ela disse que devemos envolver os detentores, pois a comunidade só comparece quando ela se sente empoderada. Destacou, acima de tudo, que é preciso ir até as comunidades e colher de maneira simples as sugestões para a elaboração do plano, pois se for mantido o formato de plateia e mesa a reunião será difícil de acontecer, e se acontecer não terá a participação efetiva dos principais detentores culturais, sendo que está neles as respostas para a construção de um plano de salvaguarda. Finalizou solicitando que fosse criado um conselho para se pensar um plano de salvaguarda que possa ser realizado junto às comunidades.

A superintendente do IPHAN/AP se manifestou concordando com o posicionamento de Márcia Corrêa, destacando que a ideia é construir o plano da maneira mais democrática possível e que aquela reunião era um momento de provocação e o início de uma conversa que o IPHAN/AP pretende realizar, que a intenção é mesmo visitar os grupos marabaixeiros e conseguir dialogar com eles da maneira que se sintam à vontade. Mas também tentar que eles se apropriem da linguagem que é utilizada na política pública, ou seja, que saibam o que é um plano de salvaguarda, e que possam se utilizar dessa expressão com propriedade para que possam se referir à valorização da manifestação cultural da qual eles são

detentores. A Superintendente disse, também, que não é uma tarefa fácil, mas que a reunião aconteceu com a intenção de dar um *start* (começo), por isso foram convidados os gestores de cultura do Estado e dos municípios, para que juntos possam pensar estratégias e compartilhar responsabilidades para realizar um plano de trabalho que fique bem dividido.

Por fim, o técnico do IPHAN/AP, Francisco Phelipe, destacou que é preciso evitar equívocos do passado ocorridos em outros estados, que só começaram a pensar a salvaguarda após o acautelamento jurídico do bem. Que é preciso se adiantar um pouco às ações de registro para que a ação seja menos impositiva possível.

Quanto aos editais, ele explicou que alguns são realmente bem difíceis de gerenciar. Então, a ideia era que isso pudesse vir dos grupos para que eles mesmos possam pensar sobre isso, ações que pensem o associativismo, o cooperativismo, cursos de capacitação para participação de editais e construção de projetos.

Como exemplo de empoderamento dos detentores culturais foram citadas as ações dos Wajãpi, que em reunião realizada naquela mesma semana, apresentaram um plano de salvaguarda, discutindo salvaguarda, sustentabilidade, e visibilidade do bem. Constatou-se dessa maneira que é possível a elaboração de um projeto de salvaguarda elaborado pela própria comunidade.

Finalizando, ressaltou-se que é preciso pensar que o poder público no plano de salvaguarda para o Marabaixo vai ser apenas um coadjuvante, pois os protagonistas sempre serão os próprios participantes do Marabaixo.

7.2 - A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

O patrimônio imaterial, traduzido pela UNESCO como um conjunto de "práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas [...] que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural"[83] tem sido, desde o ano 2000, alvo de uma política pública de reconhecimento e valorização por meio do IPHAN, com a instituição do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial que ocorreu nesse mesmo ano[84].

O anteprojeto de Mário de Andrade foi um marco para se pensar o patrimônio imaterial, elaborado em 1936 para a formulação das ações iniciais do órgão, batizado como SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1937. Em suas diretrizes, Mário de Andrade sugeria a inclusão de bens de natureza popular nos tombamentos do órgão e remetia a um entendimento amplo de "obra de arte patrimonial" que poderia ser dividida em oito categorias: arte arqueológica, arte ameríndia, arte popular, arte histórica, arte erudita nacional, arte erudita estrangeira, artes aplicadas nacionais e artes aplicadas estrangeiras.[85]

83 BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan. Acesso em: 20 ago. 2013.

84 O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial foi criado pelo decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, e tem por objetivo apoiar e fomentar os bens de natureza imaterial, por meio de uma política de inventário, do registro, e de ações de salvaguarda. Visa, também, contribuir para a preservação da diversidade étnica e cultural, além de divulgar informações sobre o patrimônio cultural do Brasil. O PNPI contempla quatro linhas de ação: pesquisa, documentação e informação; sustentabilidade; promoção; capacitação. Faz parte do PNPI o Inventário Nacional das Referências Culturais, que se constituiu de um instrumento de identificação dos bens de natureza imaterial, ou seja, das criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social.
BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Programa Nacional de Patrimônio Imaterial. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=CC1EFAC19CFD8B83ABA28364FB6E1755?id=12689&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional. Acesso em: 20 ago. 2013.

85 SIMÃO, Maria Cristina Rocha. Preservação do Patrimônio cultural em cidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

O texto de Mário de Andrade foi a base para a criação do Decreto Lei nº 25 de 1937, o instrumento legal que regeu a questão do Patrimônio no Brasil. Nota-se que ele sofreu modificações principalmente no seu aspecto operacional e no universo de abrangência da "obra de arte", sendo definido como "patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico."[86]

Mais adiante, na década de 1970, criou-se o Centro Nacional de Referência Cultural que iniciou uma política de registro e documentação de diversos bens ao redor do país, incluindo músicas, danças, vestuários e festejos, auxiliando assim a ampliação da noção de patrimônio cultural dentro das políticas públicas brasileiras. Nessa mesma época, teve destaque a atuação de Aloísio Magalhães no órgão:

> Para Aloísio, havia ocorrido, nas décadas de 50 e 60, um "achatamento" de valores, uma homogeneização da cultura. De um lado tinha a cultura "oficial" referida a um passado "morto", que era museificado. De outro, se verificava a absorção crítica dos valores exógenos, da modernização, da tecnologia e do mercado. A reação a este processo devia ser buscada na cultura, domínio do particular, da diversidade. Mas não na cultura "morta" do patrimônio do passado, referências concretas porém estáticas e distantes da nacionalidade. Era preciso buscar as raízes vivas da identidade nacional exatamente naqueles contextos e bens que o SPHAN excluía de sua atividade, por considerar estranhos aos critérios (histórico, artístico, de excepcionalidade) que presidiam seus tombamentos.[87]

Em 1988, a ampliação do conceito de bem cultural foi incorporada pela nova Constituição, que no artigo 216 redigia que:

> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
>
> I - as formas de expressão;
>
> II - os modos de criar, fazer e viver;
>
> III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
>
> IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
>
> V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.[88]

O Brasil, diverso em expressões, apresenta um amálgama de tradições, povos, lugares e ritos referentes aos inúmeros grupos étnicos e sociais que convivem neste território e oferecem diferentes contribuições culturais. Reconhecer as diferenças e promover o apoio e a valorização de cada uma é uma maneira de fortalecer as identidades dos diversos grupos sociais presentes no país. Ou seja, é uma

86 Idem.
87 FONSECA, Maria Cecília. O registro do Patrimônio Imaterial. Brasília: MINC/IPHAN/FUNARTE, 2006. p. 91.
88 BRASIL. Artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 ago. 2013.

maneira de reafirmar a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios. A ideia é buscar nos próprios grupos que formam o país os valores e os significados atribuídos a objetos, pessoas, lugares ou práticas culturais, para assim criar mecanismos de proteção a esses bens.

Os significados atribuídos aos bens culturais e às práticas a eles associadas podem se transformar ao longo do tempo e variar de local em local, de família para família, etc. Assim, atualmente, o patrimônio imaterial é entendido como um bem que é transmitido de geração a geração, sendo valorizado seu aspecto de transformação e mudança, uma vez que é constantemente recriado em função de seu ambiente, de sua interação com o contexto e com os agentes envolvidos. É notório que na contemporaneidade, as identidades são múltiplas e cambiantes, conforme assinalou Stuart Hall: "À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente".[89]

E é no norte do país, no Amapá, que durante o ano de 2013 foi realizado o Inventário do Marabaixo pelo IPHAN. Essa manifestação, que teve sua origem ainda no período colonial, já havia sido objeto de estudos de folcloristas, como Nunes Pereira[90] e Câmara Cascudo[91], e também de investigações acadêmicas, como na tese de Piedade Lino Videira[92], na dissertação de Joseline Trindade[93], e diversas monografias da UNIFAP – Universidade Federal do Amapá. Porém, ainda não havia se iniciado uma política pública de preservação do bem em questão.

A pesquisa para o Inventário mostrou que o Marabaixo se constitui de uma dança, associada à música e ao toque de caixas, ocorrendo durante as festas em devoção aos santos católicos. Em Macapá, na capital do estado, o Marabaixo ocorre na festa em honra do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade e se realiza através de um ciclo festivo. No interior do estado apresenta-se agregado das mesmas devoções de Macapá, e também de São José, da Sagrada Família, de São Sebastião, de Santa Maria, dentre outras.

Após os estudos de identificação do bem em questão com uma equipe multidisciplinar - formada por historiadores, antropólogo e pela equipe de audiovisual -, e do acompanhamento da expressão em diversas comunidades presentes no estado do Amapá, é preciso, junto com a comunidade, definir as ações de salvaguarda do Marabaixo.

A salvaguarda é um plano de ações de pequeno, médio e longo prazo, realizado para assegurar a permanência do bem imaterial. Ele deve ser feito de modo participativo junto com os grupos detentores da tradição, de modo a melhor perceber as demandas da comunidade:

> O princípio do trabalho de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial é compartilhar responsabilidades e informações. É desenvolver em estreito contato com os grupos sociais, que produzem, reproduzem e transmitem esse patrimônio, os projetos de mapeamento, identificação, registro e fomento à valorização e à continuidade de bens culturais.[94]

89 HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
90 PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1955.
91 CÂMARA CASCUDO, Luís da. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
92 VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: Dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.
93 TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.
94 SANT'ANNA, Márcia. Avanços na política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: O registro do Patrimônio Imaterial. Brasília:

Diversas ações, em âmbito estadual, municipal, e na própria comunidade, já foram realizadas para o fortalecimento da manifestação. O Marabaixo, que durante várias décadas sofreu ações discriminatórias da Igreja Católica ou mesmo de outros membros da população, hoje em dia se fortalece com ações de afirmação da cultura afrodescendente, que são promovidas pela: UNA – União de Negros do Amapá – que realiza encontros com apresentações de manifestações culturais locais; pela Secretaria Extraordinária de Políticas para Afrodescendentes - SEAFRO, que realiza um trabalho permanente de mapeamento das manifestações culturais no Estado; e pela atuação das Associações culturais em Macapá que, organizadas em grupos, se fortaleceram e recebem anualmente verba pública para a realização do ciclo do Marabaixo. Além disso, as associações de Marabaixo, juntamente com a participação de outros membros das comunidades atuantes no setor cultural, realizam oficinas que ajudam a promover e transmitir o Marabaixo e seus rituais para as novas gerações. Assim, destaca-se o trabalho da Banda Placa, que atua junto às diversas comunidades promovendo oficinas de toque de caixas, modo de fazer caixa, e também de ladainhas, rezas cantadas que são realizadas durante as novenas em louvor aos santos.

Apesar dos avanços, há muito ainda a ser discutido. Precisa-se de uma melhor definição das demandas dos grupos, saber como trabalhar para a continuidade da manifestação, ter maior esclarecimento dos problemas enfrentados para que se possa saber como saná-los.

7.3 - DIAGNÓSTICO PARA A SALVAGUARDA DO MARABAIXO

7.3.1 - FRAGILIDADES

O acompanhamento em campo do Marabaixo foi revelador de uma dinâmica interna que se vale de uma série de mecanismos tradicionais de manutenção da herança cultural e da memória, assim como de sua transmissão. Esses mecanismos passam por uma série de ações tradicionais que incluem a iniciação religiosa do marabaixeiro, a aprendizagem das técnicas de canto e composição, de dança e de confecção de instrumentos, o conhecimento dos ritos e da maneira de desempenhá-los, a guarda e a conservação de bens móveis e o uso de cadernos para a coleta das composições e sua preservação.

Usamos o termo tradicional como referente de práticas que foram continuamente reiteradas nos testemunhos que foram colhidos, e descritas pelos próprios marabaixeiros como “sempre estando aí”, expondo por um lado a determinação que estas práticas impõem sobre o grupo a ponto de serem recebidas como regras e que protegem seus praticantes da anomia, provendo-os com um patrimônio advindo da efervescência[95].

O tradicional tem a ver com o caráter de repetição que o ciclo do Marabaixo pressupõe. Tradicional, então, é aquilo cuja repetição tenta ao máximo se assemelhar e reproduzir. O tradicional coloca as práticas no âmbito do mito para evitar que sejam perdidas. A ideia deste texto é mostrar as lacunas para a

MINC/IPHAN/FUNARTE, 2006. p. 9.

95 Nos valemos aqui de três conceitos durkheimianos, a saber: a regra como fundante da sociedade, que no caso do Marabaixo pode ser observada na regularidade dos ciclos rituais e de cada uma de suas componentes; a anomia como o estado de deslocamento do indivíduo em relação à regra e de como este define a integração social; esse ponto é importante porque nos mostra como os grupos do Marabaixo, outrora marginalizados, puderam se manter coesos e ultrapassar tal condição; em seguida nos referimos à efervescência, como o momento da sociedade em ato, que corresponde ao Marabaixo na hora de sua celebração festiva e neste êxtase religioso no qual se situa o núcleo da crença, da devoção e da vida coletiva. Para o conceito de regra citamos DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1955. p.7. Para o conceito de anomia, citamos as afirmações sobre a corporação de trabalho, que pode aqui ser reconhecida como grupo de devotos, DURKHEIM, Emile. A divisão do Trabalho Social. Portugal: Presença, 1989. Sobre a efervescência WEISS, Raquel Andrade. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do Sagrado. Revista Mana vol.19. Rio de Janeiro. Abril 2013. p.171-175.

sistematização dos conhecimentos sobre esses mecanismos, pensando-se o conjunto da forma de expressão para além do grupo e em relação às características gerais do Marabaixo, sempre tendo como o horizonte o risco de uniformização e implantação de medidas que paralisem as transformações internas, enrijecendo o corpo da manifestação em questão.

Ressaltamos de modo preliminar, e mais geral, que apesar do apoio à realização das festas que o governo do Amapá anuncia e pratica, as condições de exercício dessa prática tradicional estão também ligadas às questões de acesso aos serviços públicos, sobretudo o de transporte para o deslocamento dos praticantes, que lhes dá a oportunidade de participar de outras celebrações, trocar experiências e atender às reuniões de interesse geral da prática bem como sua patrimonialização. Não que essas sejam condicionantes da prática do Marabaixo, mas que interferem na disponibilidade de tempo e recursos para seu efetivo contato, por exemplo com a Secretaria Estadual de Cultura que presta apoio à forma de expressão.

Como exemplo disso, relatamos que não pudemos, à época do trabalho de campo, visitar a região do Matapi e Maruanum, de grande interesse para a prática pela ocorrência simultânea do Marabaixo, Batuque e Sahiré, bem como diferenças no desempenho dos ritos, do uso de diferentes instrumentos musicais, uma vez que a ponte sobre o Rio Matapi encontrava-se interditada já há 6 meses, naquela época. A população em geral daquela região precisava então usar de desvios por estradas de terra que aumentavam em até 200 quilômetros o percurso até Macapá. Testemunhamos aqui que o Marabaixo, como qualquer outra prática cultural se beneficia de políticas sociais que não sejam estritamente voltadas ao bem cultural, o Marabaixo como qualquer outra prática se beneficia da melhora da qualidade de vida em geral, sendo ele próprio um índice de bem estar nas comunidades que o praticam, já que ele sinaliza a possibilidade de tempo, de recursos extras para a festa, da integração social por meio da cooperação e da capacidade coletiva de resolução de conflitos e adaptação em contextos de baixa renda[96].

Lembramos que o Marabaixo enquanto forma de expressão que organiza a população em torno de uma expressão artístico religiosa, que se traduz em muitas celebrações diferentes entre si, cria grupos de fortes laços solidários baseados no parentesco e na vizinhança. Lembramos que o Marabaixo tem um forte componente familiar, mas sua transmissão não é necessariamente hereditária dependendo em grande medida do dom e da disposição dos herdeiros. Ainda é muito importante na transmissão a questão da promessa que não está vinculada ao parentesco, mas à relação de devoção. Assim, esses grupos de proximidade de sangue e vizinhança estão na condição de se tornarem um dos vetores para a implementação de benesses sociais mais amplas, assumindo de forma direta a aplicação de programas sociais, tendo a potencialidade de maior eficácia em vista de sua proximidade e seu conhecimento direto das necessidades locais.

Destacamos como ponto positivo a recente melhoria de todos os indicadores sociais do Amapá, bem como o incentivo à consciência do Marabaixo como prática valorizada e parte do repertório de práticas culturais singulares do Amapá através do recurso do Encontro dos Tambores, evento que se cristalizou como principal elemento da Semana de Consciência Negra do Estado.

96 O item 6 da Ficha de Sítio apresenta um panorama geral do baixo acesso aos serviços públicos no Amapá com dados do IBGE. No interior esse acesso é ainda mais restrito e coincide com as declarações colhidas em campo de que há um desnível no apoio entre os grupos de Marabaixo na capital, mais próximas do centros de poder e mais informadas do meios de obtenção de apoio, e os grupos do interior, mais dependentes da coesão e solidariedade interna e que pouco conhecem dos mecanismos de ajuda e como acessá-los.

Tratando de maneira mais específica do Marabaixo como forma de expressão, a percepção é de que existe uma discrepância no tratamento que os grupos de Marabaixo de Macapá e os do interior do Estado recebem, justificada pela maior articulação dos grupos, pelo acesso mais direto ao poder público e pela presença de agentes mais capacitados nesse campo. Não negamos a agência nos grupos do interior, apenas mencionamos que o capital intelectual na capital é mais concentrado[97]. Assim, descrevemos a seguir uma situação concreta. Enquanto na capital o Marabaixo é o centro das atenções, sendo visitado por toda hierarquia do poder, estando os executantes informados dos seus direitos e dos canais de benefícios que os rodeia, bem como mais inseridos no campo de disputas políticas, tornando-se agentes ativos da política de cidadania, exigindo seus direitos, afirmando sua etnicidade, por outro lado, os grupos do interior recebem recursos em escalas até cinco vezes menores e permanecem alheios aos rumos da política cultural e nem tem oportunidades de adquirirem esta habilidade fundamental no mundo contemporâneo, uma vez que os recursos só se referem às festas e os programas de educação patrimonial são deficientes neste sentido[98].

Dessa maneira, muitos entrevistados no interior se ressentem e desconfiam da política cultural do Estado que, por sua vez, reforça o processo de espetacularização, fazendo com que a forma de expressão seja cada vez mais voltada para a mídia e considerada evento oficial. Os grupos acabam sendo estimulados a gastar mais com trajes, adereços e bebidas, aspectos muitos vistosos, mas que não são o centro da prática que é a convivência dos grupos familiares, a frequentação mútua das casas durante a época do Marabaixo. Aqui não há uma contradição[99] entre a valoração do grupo, estamos indicando uma dinâmica externa a eles que ao injetar dinheiro nas apresentações enfraquece o espirito de solidariedade, que em alguns depoimentos isso fica explicito quando nos dizem que "agora as pessoas só querem fazer a festa se o Estado ajudar".

Então a política pública é responsável por instaurar uma competição entre os grupos mais

divulgação e para a captação de recursos. No interior, apesar de fortemente engajados, essas características são menos difundidas. E se a escolaridade não determina o ativismo social, sua presença, no entanto, o reforça concretamente, dando instrumental para a compreensão do discurso.

98 Alguns membros de comunidades rurais declararam, em entrevistas, que recebem cerca de R$ 4.000,00, para realização de suas festas, enquanto em Macapá foram obtidas informações de repasse até cinco vezes maior do que no interior. Devemos ressaltar que o Ciclo do Marabaixo em Macapá tem duração de três meses, enquanto no interior as festas ocorrem, na maioria das vezes, durante um final de semana.

99 A relação invocada aqui não é da ordem da contradição, senão do paradoxo. O paradoxo permite que as duas situações tidas como contraditórias convivam num mesmo espaço, complexificando a vida social e não provendo respostas fáceis. Este escrito se baseia na teoria da reciprocidade (Ensaio sobre a dádiva de Marcel Mauss), que separa toda a ação social num movimento triplo do dar, receber e retribuir e é nesse jogo de representações que podemos analisar tanto as relações de devoção, quanto as relações entre os doadores da festa e os que a recebem. A reciprocidade é sim ideia pra pensar trocas entre desiguais, porque é a diferença que define as relações de força. A iguladade neste caso é propícia às relações econômicas, uma vez que é nelas que a suposição de igualdade na troca não deixa resto, nem dívida, e a relação se encerra em si mesma. Em todos os casos clássicos de estudos de reciprocidade existe uma disparidade entre quem dá e quem recebe. A questão aqui é a problematização desse jogo de poder desviar a atenção do Marabaixo, reduzindo-o a um discurso populista e que o coloque no âmbito do pitoresco e do turismo exclusivamente. É nesta corrente que analisamos as relações que presenciamos entre os grupos e os poderes políticos nos eventos, bem como as declarações dos marabaixeiros a propósito de suas afiliações políticas. Sobre a problematização do urbano versus rural, lembramos que a democracia historicamente se constrói sobre a ideia de cidade, tanto é que a política carrega em si o nome da pólis, já que se trata da arte de viver em cidade. Agora, o meio rural brasileiro sempre foi ligado às oligarquias e ao coronelismo. Essa distinção das dinâmicas não pressupõe um julgamento de valor. A cidade não é melhor que o campo por causa do exposto acima, apenas tratamos de diferentes matrizes que precisam ser levadas em conta na elaboração de políticas públicas que não se queiram uniformizantes. Reconhecer a especificidade de cada Marabaixo, cada grupo deveria ser a prioridade para que a definição de Marabaixo e como apoiá-lo não termine por atropelá-lo. Na própria cidade de Macapá, nos apareceu claramente a dicotomia entre grupos da situação e grupos críticos da política para o Marabaixo posta pelo atual governo, o que demonstra uma situação saudável de conflito que não deve ser mascarada em nome de uma harmonia idílica da prática social. Ver: PEREZ, Léa Freitas. Festa, Cidade e Religião. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

favorecidos[100]. Essa mesma política[101] acaba afastando os grupos de Macapá entre si, ao colocá-los em competição pela atenção do Estado, gerando conflitos, desfavorecendo uma visão mais ampla do processo cultural ao estabelecer uma troca entre auxílio aos grupos e apoio político, desviando a atenção dos grupos dos programas governamentais. Ressaltamos que estas trocas acontecem simultaneamente em vários níveis, não eliminando a solidariedade interna, mas instaurando outros compromissos em que ela não é mais a única resposta, ou mesmo, no extremo, não sendo vista como vantajosa. Os comportamentos econômicos, simplificando a relação entre os agentes sociais, preveem menos possibilidades de arranjo que as formas tradicionais de negociação baseadas na dádiva.

Lembremos que o conflito é um dos aspectos coetâneos de toda festa, os grupos competem pela louvação, pela música, pela melhor festa, como índices de maior religiosidade ou maior tradição, mas o que se procura ressaltar aqui é a sobreposição de conflitos e a reposição do conflito primordial numa escala mercadológica e que acaba sendo manipulada como capital político, num jogo que artificialmente valoriza o Marabaixo, mas por fim só o acolhe como subterfúgio, como enfeite para o capital político dos eleitos, não oferecendo a todos as mesmas oportunidades, hierarquizando o acesso às políticas públicas, reproduzindo no seio da identidade étnica e cultural a segregação, já que as ações não são tomadas pelos marabaixeiros, mas transmitidas de cima através de um discurso de jargões que usa de um grupo dentro da forma de expressão, para a tradução, para a aplicação e legitimação de ações políticas que não vieram de dentro do Marabaixo.

O financiamento público que privilegia o acontecimento pontual, sem o acompanhamento e incentivo permanente da expressão cultural, acaba por ter um efeito não premeditado que é o rompimento dos laços de solidariedade dentro do grupo, uma vez que o Estado, colocando-se como doador universal, aparecendo uma vez por ano no momento feérico, não deixa às pessoas o exercício da oferta, do oferecimento, da contribuição, deixando-as excessivamente dependentes de sua vontade e submetidas a uma obrigação moral para com quem dá de uma posição em que não pode ser retribuída. Aqui, o poder público faz uso da reciprocidade, deixando implícita uma contrapartida. Os marabaixeiros, por sua vez, obtendo os recursos desejados, personalizam o benefício na figura de quem no momento ocupa o poder e se aproveita das ocasiões de proximidade para cobrar direitos. Há uma sofisticação nas formas de troca que não define perdedores e ganhadores, mas que estimulam uma pragmática que pode resultar num endurecimento do discurso de defesa do Marabaixo, que se caracteriza pelo contrário na fluidez da resposta ao cotidiano.

A crítica aqui se insere na redução do campo de respostas possíveis quando se cai no discurso binário

100 A ausência de recursos não inviabiliza a manifestação étnica e cultural. Contudo, quando há recursos disponíveis uma outra dinâmica se sobrepõe sobre o interesse puramente religioso. Nesse sentido é importante a declaração dos líderes de como o comércio do entorno não patrocina o Marabaixo, deixando entrever possibilidades de que o Marabaixo seja o veículo de divulgação de marcas. Isso está no interesse dos marabaixeiros, que a questão econômica não seja vista como separada da prática, mas como dimensão que tem seus conflitos próprios, suas necessidades, suas positividades e efeitos não premeditados. Estar no meio urbano por outro lado favorece os grupos com uma rede mais densa de contatos e a presença de órgãos públicos que para os outros demandam um ou mais dias de viagem. Neste ponto retorna a necessidade de serviço básico de transporte, cuja precariedade dificulta contatos mais constantes e edificantes para a prática pela limitação no deslocamento. Aqui os recursos financeiros são fundamentais conforme Milton Santos explica quanto ao padrão de manutenção da miséria em contextos sociais de pouca mobilidade. Nesse sentido é que por outro lado podemos relativizar a presença na cidade como fator que contribui para o apoio ao Marabaixo, uma vez que mesmo em grandes cidades com redes culturais complexas, as pessoas podem estar de certo modo presas à periferia por falta de recursos para pegar um transporte público por exemplo, ou mesmo que os tenha, os recursos não sejam suficientes para usar dos equipamentos urbanos. Como podemos ver as formas de exclusão são muitas e sofisticadas, sem terem que recorrer a um isolamento escrito na lei. SANTOS, Milton. **A pobreza urbana.** Coleção Estudos Urbanos. São Paulo: HUCITEC-UFPE, 1978. SANTOS, Milton. **O espaço dividido. Rio de Janeiro:** Francisco Alves, 1978.

101 Nos referimos à política cultural do Estado do Amapá para o Marabaixo, levada a cabo pela Secretaria Estadual de Cultura, que envolve desde recursos para a reforma dos espaços de Marabaixo, passando pelo apoio às festas, com fornecimento de alimentos e elaboração de material didático e publicitário.

dos que são a favor ou contra, ou ainda mais, na intervenção disfarçada que se baseia num modo "correto" de praticar e celebrar. Estas colocações são feitas num horizonte de desenvolvimento ao extremo deste conflito. São condições ideais que colocam como limites um Marabaixo plenamente atendido e satisfeito e um Marabaixo tutelado e descaracterizado. Porque ambos os polos fazem parte do imaginário local, quando consideram que a situação está ótima em relação ao passado (uma verdade se considerarmos a história de exclusão da qual ele provém) ou que o Marabaixo se perdeu, por que "bom era antigamente" (também uma verdade se considerada da ótica de um apego mais arraigado aos fundamentos). Essa verdade paradoxal convive no Marabaixo e não impede que todos os que estão nele engajados, malgrado suas discordâncias, às vezes bem marcadas e de difícil coalizão, tenham a plena convicção de que contribuem para seu desempenho e manutenção. E que todos juntos fizeram o Marabaixo crescer e ser maior como jamais fora até então. De forma que este Inventário é um testemunho do coroamento deste trabalho de gerações.

7.3.2 - RECOMENDAÇÕES

Pensar a política de apoio aos grupos de Marabaixo para além da festa, buscando a parceria com prefeituras e o Estado para que possa oferecer-lhes assistência no processo de sua legalização como grupos institucionais. Estes mesmos entes poderiam realizar um censo socioeconômico dos grupos descobrindo a situação dos domicílios e das famílias de seu entorno e das necessidades mais prementes das populações diretamente envolvidas, estabelecendo a esfera de alcance de cada grupo.

Tomar como legítima e concreta a questão de distribuir, não apenas como recurso discursivo, o poder para os marabaixeiros, contribuiria para fazer destes grupos instrumentos de alcance direto das populações por eles incluídas e acolhidas. Incentivar os grupos como espaços de formação, o que consequentemente trará a redução do risco social, reforçando seu caráter pedagógico desde um ponto de vista afetivo bem como lugar de encaminhamento para os serviços sociais, quer sejam medidas de urgências, quer sejam de médio e longo prazos para o reconhecimento e exercício pleno da cidadania.

Uma das sugestões dadas pelos próprios marabaixeiros para o caso de Macapá foi a retomada do Marabaixo como um circuito de visitação, isto é, que a cada ano um dos grupos recebesse a incumbência de ser festeiro e congregasse todos os demais, fazendo do ciclo um evento itinerante. Contudo essa proposta esbarra em dois impedimentos, um de ordem ritual e outro de ordem política. Primeiro essa proposta esbarra nas pequenas, porém significativas diferenças entre os modos como se desenvolvem os ritos no Laguinho e na Favela. Do ponto de vista da política é difícil que uma proposta assim frutifique diante da forma como é ordenado o sistema de ajuda pública para festas segmentadas: baseado no grupo e não na festa. Essa proposta ouvida no Laguinho remete à origem do Marabaixo, quando não havia grupos e as famílias distribuíam entre si os ritos[102].

Ao mesmo tempo, foi introduzido um elemento recente que acontece durante o ciclo do Marabaixo em Macapá, o Cortejo da Murta. Esse evento é promovido por um órgão do governo, a Secretaria Extraordinária de Políticas Afrodescendentes, e tem como objetivo reunir todos os marabaixos numa demonstração pública da consciência da manifestação e de seu poder tradicional, empenhando nesse

102 É nesse contexto que falamos mais acima de que os grupos não se visitam, apesar de haver um movimento de membros de diversos grupos que vão aos outros grupos em visitas respeitosas e para lembrar antigos laços de amizade e parentesco. Os grupos não se vistam no sentido de que não compartilham mais os ritos do ciclo, cada um engajado em seus próprios ritos.

evento a autoridade política e religiosa institucionais. Ainda assim, alguns membros expressaram descontentamento com essa performance, não pela ideia com a qual concordam em princípio e da alegria com que participam em fazer um único Marabaixo coletivo, em vista da demonstração de força perante a sociedade na união que o encontro das bandeiras busca reviver. O descontentamento provém do encaixe dessa comemoração sobre o um dos dias mais importantes do Marabaixo que é o Domingo do Divino Espírito Santo e também dia da Murta da Santíssima Trindade, repleto de rituais, e que obriga os marabaixeiros a estarem em ativa quase ininterrupta por quase 24 horas seguidas. Assim, ouvimos sugestões ligadas à transferência desse Cortejo da Murta para outra data, que alguns sugeriram que fosse no dia estadual do Marabaixo, 16 de junho, data importante e sem programação oficial.

Outra ação que poderia ser implementada em favor da autonomia dos grupos, seria a formação de uma associação dos grupos de Marabaixo (ou um comitê), que eles não fossem sujeitos a uma institucionalidade fragmentada, como ocorre hoje com uma série de entidades constituídas em nome dos direitos mais gerais da herança afrodescendente, mas que se pudesse estabelecer um fórum com representantes de cada grupo para o estabelecimento de uma agenda comum, tomando a si como negociadores diretos das políticas de atendimento dos grupos e das comunidades nas quais esses grupos se acham firmemente estabelecidos. Esse fórum teria a condição de manter atualizado o escopo dos grupos e da variedade de formas de praticar o Marabaixo. E assim, poderia, também, implementar meios para garantir os direitos autorais das canções e meios para a documentação contingente às festas em todos as épocas do ano, de modo a constituir um acervo. Poder-se-ia pensar também numa casa do Marabaixo, que fosse um centro de memória, de pesquisa, de ensino, de congregação e difusão do bem cultural.

Por fim, existe ainda a reivindicação dos grupos de Macapá de que o Marabaixo entre para o currículo das escolas públicas como parte fundamental da herança africana e da singularidade da expressão não apenas para o Amapá, como para todo o Brasil. Essa iniciativa tem vários modelos em pequena escala, como as ações educativas do Berço do Marabaixo na Favela e oficinas de caixa e toque no Curiaú, em Mazagão e em Mazagão Velho.

Citamos abaixo, na forma de tópicos, elementos pontuais surgidos durante a realização do INRC do Marabaixo:

a) Em vista da conformação do trabalho, das limitações técnicas do edital e do contrato, e, apesar de visitarmos cerca de um terço dos grupos de Marabaixo do Amapá, um levantamento exaustivo dos grupos deveria ser levado à frente tanto pra conhecer o número exato de grupos, quem são e onde estão, bem como suas trajetórias e suas ocasiões de celebração, de modo que possamos, além de traçar um perfil socioeconômico mais apurado do Marabaixo e das redes de relações que esses grupos estabelecem entre si, estabelecer um calendário estadual de festas em que se dança Marabaixo o ano inteiro.

   Dispomos de informações colhidas na SEAFRO que dão conta de mais de três dezenas de grupos, não informando se são exclusivamente de Marabaixo ou também de batuque, bem como faltando informações sobre suas festas e seu histórico. Indicamos o especial interesse pelo Marabaixo de Igarapé do Lago citado em muitas ocasiões por suas singularidades e pela presença de múltiplas manifestações dançantes, bem como de sua relação histórica com Mazagão, ainda não

devidamente esclarecida, e pelo Marabaixo presente em comunidades de Santana, que completa o entorno da grande Macapá.[103]

b) Os ladrões de Marabaixo constituem-se em ricos relatos que podem contribuir para a constituição da história do Marabaixo e do povo do Amapá. Seria interessante a realização de um estudo mais aprofundado e um trabalho de resgate dos antigos ladrões, assim como de um registro por escrito de cada ladrão ou até mesmo a publicação desse material. Material que pede por um estudo etnomusicológico apurado bem como ações específicas para garantir os direitos autorais, assim como os direitos de difusão e reprodução.

c) Seria interessante acompanhar e aprofundar o conhecimento sobre o Encontro dos Tambores, evento que ocorre na semana da consciência negra na União dos Negros do Amapá, localizada no bairro do Laguinho bem como usar esse evento para educação patrimonial e oportunidade para encontrar praticantes que de outro modo têm a mobilidade bem reduzida pela distância, pela precariedade dos transportes e pela baixa renda.

d) Também sugerimos o aprofundamento do estudo sobre o toque das caixas, tendo como pesquisador um etnomusicólogo, especificando e diferenciando os toques nos diferentes meios em que ele acontece, percorrendo os grupos da cidade de Macapá e também acompanhando os tocadores do interior do estado do Amapá.

103 Lembramos, como já citado no relatório do trabalho de campo, que a equipe tentou visitar as comunidades do município de Santana. Contudo, devido à má qualidade para o tráfego nas estradas não foi possível chegar a essas localidades.

8 - DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Foto 01: Grupo de pessoas da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão saindo em direção ao Curiaú para o ritual do Corte do Mastro. Macapá/AP. 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 02: Bandeira da Santíssima Trindade, uma das devoções das festas do Amapá. Macapá/AP. 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 03: Mônica do Socorro Ramos, em uma mata do Curiaú, cortando uma árvore para a confecção do mastro. Macapá/AP. 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

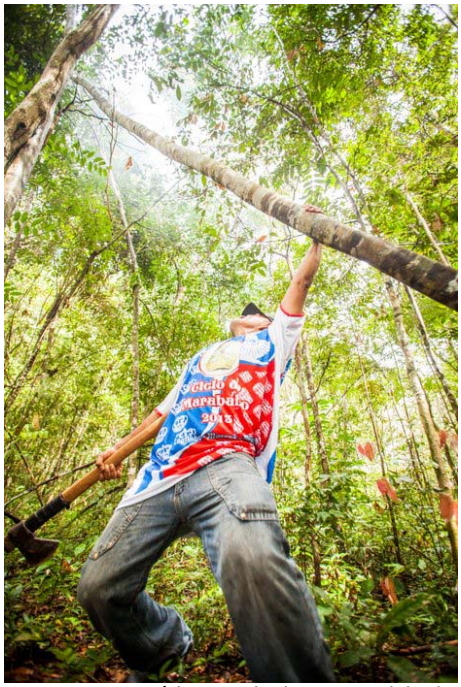


Foto 04: Árvore escolhida para servir como mastro que será levantado durante o Ciclo do Marabaixo. Macapá/AP. 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 05: Participantes da Associação Cultural Zeca e Bibi Costa no dia do Cortejo do Mastro pelas ruas da Favela (Santa Rita). Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 06: Participantes do Marabaixo carregam o mastro até a casa do festeiro. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 07: Como símbolo de devoção, o festeiro Rivaldo coloca seu filho Rivaldo Guilherme sobre o mastro. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 08: O grupo caminha em direção à casa do festeiro levando seu mastro. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 09: Corte da Murta nas matas da comunidade do Coração. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 10: Participantes do Marabaixo da Associação Zeca e Bibi Costa tocando caixas e cantando ladrões durante o Corte da Murta. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 11: Os galhos de murta são colocados em uma caminhonete para serem levados para a casa de um dos participantes do Marabaixo. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 12: A mata da comunidade do Coração, onde os marabaixeiros fazem o corte da murta, fica localizada próxima ao núcleo urbano de Macapá. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 13: Início do Cortejo da Murta na Associação Cultural Raimundo Ladislau. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 14: Cada participante carrega um galho de murta durante o cortejo. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 15: O grupo da Associação Cultural Raimundo Ladislau entrando com a murta na Igreja de São Benedito para pedir bênçãos. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 16: Após percorrer as ruas do bairro Laguinho, o grupo retorna para a sede da associação. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

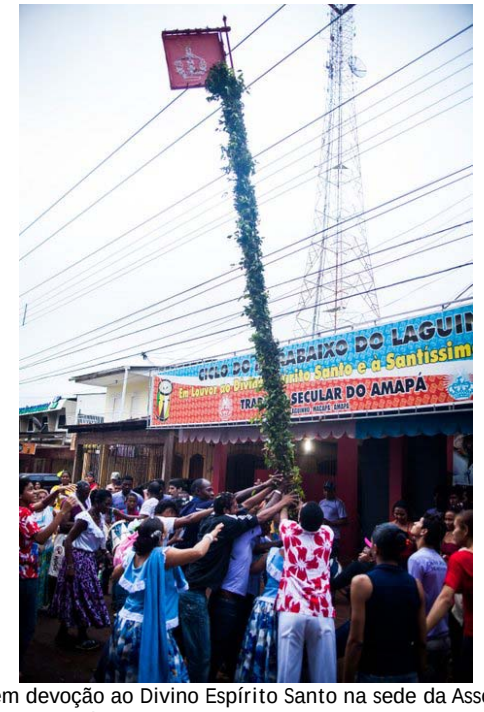


Foto 17: Levantamento do Mastro em devoção ao Divino Espírito Santo na sede da Associação Cultural Raimundo Ladislau. Macapá/AP. 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 18: Após o levantamento do mastro os participantes fazem questão de tocá-lo, dançando em círculo ao seu redor. Macapá/AP. 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 19: Solta de fogos para anunciar o levantamento do Mastro em louvor a Santíssima Trindade na Associação Cultural Berço do Marabaixo. Macapá/AP. 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 20: Enquanto o Mastro é erguido, os marabaixeiros dançam ao som das caixas e dos ladrões, louvando a Santíssima Trindade. Macapá/AP. 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 21: Para cada devoção são erguidos dois mastros, um recoberto com a murta e outro pintado com as cores da bandeira. Macapá/AP. 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 22: Participante do Marabaixo em momento de agradecimento entre os mastros levantados. Macapá/AP. 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 23: Senhor Chico da Lagoa rezando ladainha na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Macapá/AP. 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 24: Ladainha do Seu Chico da Lagoa . Macapá/AP. 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 25: Missa na Igreja Jesus de Nazaré com a participação dos membros da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 26: Membros da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, devotos do Espírito Santo, participam da missa no dia de Pentecostes. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

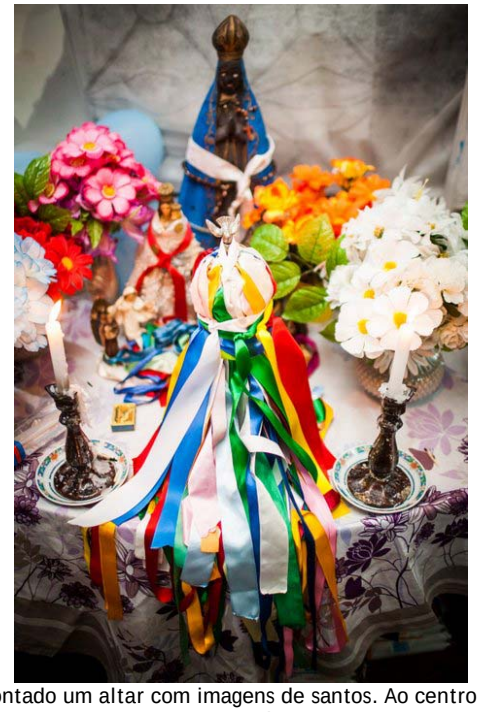


Foto 27: Na casa de cada festeiro é montado um altar com imagens de santos. Ao centro está a coroa da Santíssima Trindade na sede da Associação Zeca e Bibi Costa. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 28: Altar montado na sede da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Além das coroas do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade também estão presentes as fotos de Raimundo Lino Ramos, o mestre Pavão, e de sua esposa. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 29: A festeira Isabel Cardoso, da Associação Cultural Raimundo Ladislau, prepara o caldo para receber os convidados. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 30: A marabaixeira Cássia, membro da Associação Cultural Raimundo Ladislau, prepara o caldo para o Marabaixo do dia Cortejo da Murta. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 31: A festeira da Associação Cultural Raimundo Ladislau se prepara o Marabaixo. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 32: Hoje já não se usa os pés descalços como antes, mas sim sandálias ou sapatilhas. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 33: Dia de preparar a gengibirra na Associação Zeca e Bibi Costa. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 34: O gengibre é cortado para o preparo da gengibirra. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 35: Os pedaços de gengibre são batidos com água no liquidificador, depois a mistura é passada em uma peneira. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 36: Cachaça sendo acrescentada à mistura de gengibre e água para a produção da gengibirra. Macapá/AP. 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 37: Marabaixo na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Em destaque a cantadeira Naíra e o tocador de caixa Pedro Bolão. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 38: Marabaixo na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 39: Marabaixo na Associação Cultural Raimundo Ladislau. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 40: A cantadeira Danniela Ramos ao lado de Dona Raimunda na Associação Cultural Raimundo Ladislau. Macapá/AP. 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 41: A senhora Lucimar Araújo Tavares participando do Marabaixo na Associação Cultural Raimundo Ladislau. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 42: A marabaixeira Elana no salão da Associação Cultural Raimundo Ladislau. Macapá/AP. 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

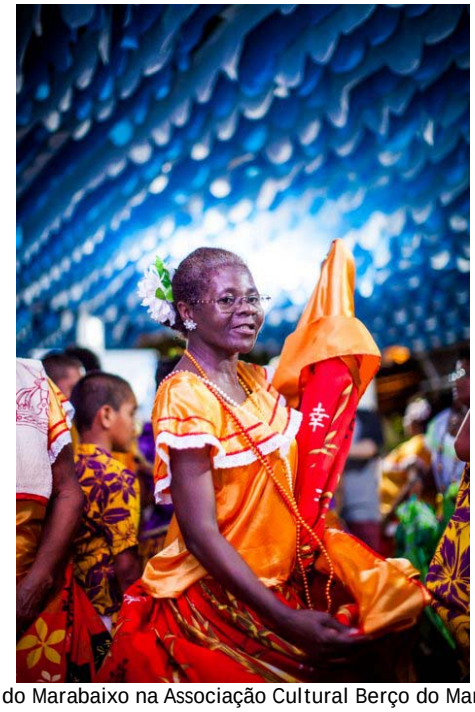


Foto 43: A festeira Sônia participando do Marabaixo na Associação Cultural Berço do Marabaixo. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 44: Comunidade de Igarapé do Lago participando do Marabaixo na Associação Cultural Berço do Marabaixo. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 45: Marabaixeira dançando na Associação Zeca e Bibi Costa. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

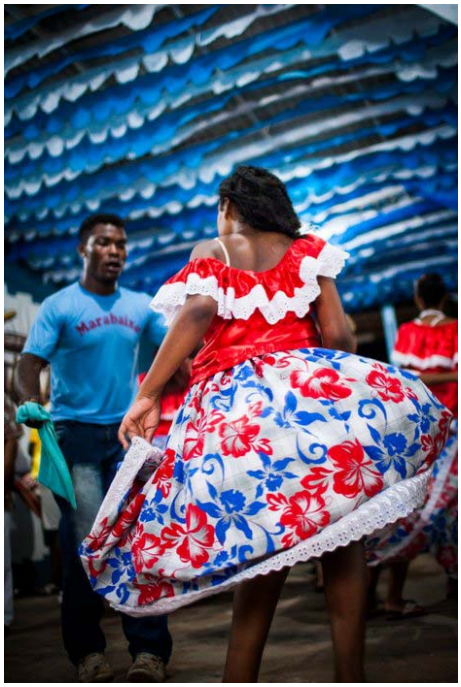


Foto 46: O Grupo de Marabaixo São João I do Maruanum II participando do Marabaixo na Associação Zeca e Bibi Costa. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 47: O tocador de caixa Marcelo e a cantadeira Priscila participando do Marabaixo da Associação Zeca e Bibi Costa. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 48: Marabaixo na Associação Zeca e Bibi Costa. Macapá/AP. 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Foto 49: Marabaixo de Rua durante a Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 50: Moradores assistem o Marabaixo de Rua em Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 51: Roda de Marabaixo em Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 52: Uma das casas de Mazagão Velho que recebeu os participantes do Marabaixo. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 53: Uma moradora de Mazagão Velho agradecendo a presença do Marabaixo. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 54: O bandeirista brincando com as crianças durante o Marabaixo de Rua de Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 55: Marabaixo de Rua de Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 56: Grande número de pessoas acompanha o Marabaixo de Rua em Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 57: As empregadas do Divino Espírito Santo participam da Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Foto 58: Derrubada do Mastro da Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho. Mazagão/AP. 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

9 - REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA JUNIOR, José. O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. Ciências Humanas em Revista. UFMA. São Luiz. vol. 3 nº 2. 2005. p. 31-40.

ARAÚJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992.

BRASIL. Artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 ago. 2013.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 20 ago. 2013.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Programa Nacional de Patrimônio Imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=CC1EFAC19CFD8B83ABA28364FB6E1755?id=12689&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>. Acesso em: 20 ago. 2013.

BUCK-MORSS, Susan. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó: Ed. Univ. Argos, 2002.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CANTO, Fernando. A Água Benta e o Diabo. Amapá, 1998.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: <http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/benjamin_reprodutibilidade_tecnica.pdf>. Acesso em: 28 de jun. 2013.

CRAPANZANO, Vincent. A cena: Lançando sombra sobre o real, Revista Mana, vol.11, n.2; Rio de Janeiro, Out. 2005.

CUCHE, Dennys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 1999.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUBY, Georges. Poder Privado e Poder Público. In: História da Vida Privada, Vol 2, Da Europa Feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DURKHEIM, Emile. A divisão do Trabalho Social. Portugal: Presença, 1989.

DURKHEIM, Emile. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan. P.; WIESNER, H. S.; BENEDETTI, Ivone. C. Dicionário das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 1998.

EVARISTO, Conceição. África: âncora do navio de nossa história. Revista Via Atlântica USP. n. 22. pp. 159-165. Dezembro 2012.

FONSECA, Maria Cecília. O registro do Patrimônio Imaterial. Brasília: MINC/IPHAN/FUNARTE, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw; FRAZER, James George. Argonauts of the western Pacific: an account of native enterprise and adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea.[Illinois]: Waveland, 1984.

MARTINS, M.C. On patrimonialism and the insertion of the sacred in the domain of merchandise. Trabalho apresentado na 31ª Conferência da Sociedade Internacional para a Sociologia da Religião. Texto Inédito. Julho de 2011.

MAUSS, Marcel; LEVI-STRAUSS, Claude. Ensaio sobre a dadiva. Lisboa: Edições 70, 2001.

MONTORIL, Nilson. Mar Acima, Mar Abaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação. Macapá: Confraria Tucuju: 2004.

PEREIRA, Deoclema. O candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Pará. Faculdade de História, Belém.

PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1955.

PEREZ, Léa Freitas. Festa, Cidade e Religião. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PRANDI, Ricardo. Mitologia dos Orixás. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

SANT'ANNA, Márcia. Avanços na política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: O registro do Patrimônio Imaterial. Brasília: MINC/IPHAN/FUNARTE, 2006. p. 9.

SANTOS, Esmeraldina. Histórias do meu povo. Macapá: Confraria Tucuju, 2002.

SANTOS, Milton. A pobreza urbana. Coleção Estudos Urbanos. São Paulo: HUCITEC-UFPE, 1978.

SANTOS, Milton. O espaço dividido. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SILVA, Sebastião Menezes da. Curiaú, sua vida, sua história. Macapá: Valcan.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. Preservação do Patrimônio cultural em cidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, M. M. Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TAMBORES no meio do Mundo. Seafro. Macapá, 2013.

TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

WEISS, Raquel Andrade. Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do Sagrado. Revista Mana vol.19. Rio de Janeiro. Abril 2013. p.171-175.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ENTREVISTAS E GRAVAÇÕES

Antônia do Carmo Costa. Entrevistada em 27 de março de 2013.
Bênção da Murta. Áudio gravado em 19 de maio de 2013.
Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Danniela Patrícia da Silva Monteiro, 2011, I Festival de Ladrão de Marabaixo.
Djane Estrela. Entrevistada em 08 de maio de 2013.
Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 28 de março e 06 de maio de 2013.
Francisca Ramos dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.
Francisco Ferreira Ramos. Entrevistado em 09 de maio de 2013.
Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 18 de maio de 2013.
Ivanete Picanço das Chagas. Entrevistada em 28 de março de 2013.
Joaquina da Silva Jacarandá. Entrevistada em 26 de março de 2013.
Josefa Menezes da Chagas. Entrevistada em 28 de março de 2013.
Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 26 de março de 2013.
Manuel Antônio de Deus. Entrevistado em 28 de março de 2013.
Manuel Eleutério Pereira. Entrevistado em 26 de março de 2013.
Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra. Entrevistado em 20 de maio de 2013.
Maria Elísia Carmo Silva. Entrevistada em 21 de maio de 2013.
Maria José da Silva Libório. Entrevistada em 26 de agosto de 2013.
Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Mônica do Socorro Ramos. Entrevistada em 20 de maio de 2013.
Naíra Paula Sena de Sousa. Entrevistada em 31 de março de 2013.
Pedro Rosário dos Santos. Entrevistado em 06 de maio de 2013.
Rivaldo dos Santos da Costa. Entrevistado em 05 de maio de 2013.
Valdicleuson Silva da Costa. Entrevistado em 31 de março de 2013.
Vanda dos Santos Lobo. Entrevistada em 27 de março de 2013.

10 - ANEXO / COMUNIDADES COM MARABAIXO

NOME DAS COMUNIDADES COM MARABAIXO*	ENDEREÇO	CONTATO
Abacate da Pedreira	Rodovia AP-70 / Macapá	Maria Aparecida Alves Picanço 9112-5042 / 8804-6985
Alto do Pirativa	Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana	Patrícia Pereira da Costa 9127-8423 / 9905-9991
Ambé	BR-156 – Sentido Oiapoque / Macapá	Raimundo dos Prazeres (Mundinho) 8112-0226 / 9115-0745 / 3224-2071
Areal do Matapi	BR-156 / Macapá	3222-1090 / 9904-2736 / 9124-7912
Campina Grande	BR-156 /Macapá	Élson Costa do Carmo e Antônia do Carmo Costa 9134-5834 - 3217-2757
Carmo do Maruanum	BR – 156 Sentido Laranjal do Jari / Macapá	Marciana Dias, José de Oliveira, Adezio 9128-35910 / 9126-9220 / 9123-9975 / 91212379
Carvão	Rodovia AP-10 / Mazagão	Manuel Eleutério Pereira (Coló) 9184-3347
Casa Grande	Rodovia AP-70 / Macapá	Josefa Menezes das Chagas 9176-2317
Cinco Chagas do Matapi	Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana	Sirlene Marciel 32170162/99636630
Conceição do Macacoari	Rodovia AP-70 / Macapá	Rita, Dora 3223-4844 / 9129-5413
Conceição do Maruanum	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	Zequinha
Coração	BR – 156 /Macapá	—
Curiaú	Rodovia AP-70 / Macapá	Creuza Miranda Silva 9119-4088/99048553
Fátima do Maruanum	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	Toni 91122488
Ilha Redonda	BR-210 / Macapá	Vângela Maria Fortunato Santos, Marlúcio Lobo Cabral 8113-3746 / 9128-8378
Joaquina do Maracá	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Mazagão	—
Lagoa de Fora	Rodovia Duca Serra / Macapá	Moreira, Chico Rezador 9972-6284
Lagoa dos Índios	Rodovia Duca Serra / Macapá	Jorge 3222-3541
Maruanum	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	Ubiranilde Rodrigues Cardoso 9133-7046
Mazagão	Rodovia AP-10 / Mazagão	Vera Maria Nunes da Silva 9113-7601
Mazagão Velho	Rodovia AP-10 / Mazagão	Joaquina da Silva Jacarandá 9133-0950
Nossa Senhora do Desterro	BR-210 - Rio Matapi / Macapá	Dion, Oderlan 9137-2983 / 9141-1634
Nossa Senhora da Conceição do Maruanum	BR-210 - Rio Matapi / Macapá	—

NOME DAS COMUNIDADES COM MARABAIXO*	ENDEREÇO	CONTATO
Ressaca da Pedreira	Rodovia AP-70 / Macapá	Ivanete Picanço das Chagas
Rosa	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	Maria Joelma Menezes Ester 9967-0830 / 3217-2717 / 9117-9706 / 8402-8114
Santa Luzia do Maruanum	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	José
Santo Antônio do Matapi	BR-210 - Rio Matapi / Macapá	Leonor das Chagas Agenor 9138-5417
São Francisco do Matapi	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Santana	—
São João do Matapi	Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana	Dadá 9112-0967 / 8112-0967 / 8117-4129
São José do Matapi (Porto do Céu)	Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Santana	Miguel
São José do Mata Fome	Rodovia AP-70 / Macapá	—
São Miguel do Maracá	BR-156 – sentido Laranjal do Jari / Mazagão	—
São Raimundo do Maruanum	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	Raimunda Picanço 9126-9220
São Raimundo do Pirativa	Rodovia Duca Serra - Rio Matapi / Macapá	Maria Libéria Siqueira 9968-0883
São Tiago do Matapi	BR-156 / Macapá	Maria Izabel Santos da Silva 9126-1974 / 3222-0540 / 9131-6795
Torrão do Matapi	BR-156 - sentido Laranjal do Jari / Macapá	Valdicleuson Silva da Costa 9144-3142

* Lista fornecida pela Seafro e complementada com informações do trabalho de campo.

GRUPOS DE MARABAIXO DE MACAPÁ	ENDEREÇO	CONTATO
Associação Cultural Berço do Marabaixo - ACBM	Av. Duque de Caxias, 1203 – Favela (Santa Rita) - Macapá	Marilda Silva da Costa 9131-3083
Associação Cultural Raimundo Ladislau - ACRL	Rua Eliezer Levy, 632 - Laguinho - Macapá	Daniela Patrícia da Silva Monteiro (Danniela Ramos) 9138-9254
Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela - AFCRF	Av. Mendonça Junior, 1275, Centro - Macapá	Maria Elísia Carmo Silva (Elísia Congó) 9124-7597
Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - AFOMAPA	Av. Nações Unidas, 1160 – Laguinho - Macapá	Mônica do Socorro Ramos 9137-8813
Associação Zeca e Bibi Costa - AZEBIC	Av. Mendonça Furtado, 1882 - Favela (Santa Rita) - Macapá	Irene Pereira Santos 9109-1978

	Comunidades e Grupos de Marabaixo pesquisados durante o INRC do Marabaixo

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **SÍTIO**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F10	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

DENOMINAÇÃO DO SÍTIO		AMAPÁ
OUTRAS DENOMINAÇÕES		
ESTADO		Amapá
MUNICÍPIOS		Macapá e Mazagão
DISTRITO OU SUBDISTRITO		
LOCALIDADES INVENTARIADAS	**NO SÍTIO**	Abacate da Pedreira – Campina Grande – Carvão – Casa Grande – Coração – Curiaú – Favela (Santa Rita) – Ilha Redonda – Laguinho – Macapá – Mazagão – Mazagão Velho – Ressaca da Pedreira – Torrão do Matapi.
	NO ENTORNO	

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

Fortaleza São José – Macapá/AP. Data: s/d. Foto: Governo do Amapá.

Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 31/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

Bustos dos Padres Hermano Elsing e Júlio Maria Lombaerd – Mazagão Velho/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Igreja de Nossa Senhora da Assunção – Mazagão Velho/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Comunidade do Curiaú – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Igreja de São Joaquim no Curiaú – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Comunidade de Campina Grande – Macapá/AP. Data: 27/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Comunidade Ressaca da Pedreira – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O *ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS*.

SÍNTESE

Celebrações:
Cortejo da Murta – Macapá – AP
Encontro dos Tambores – Macapá – AP
Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho – Mazagão – AP
Festa de São Tomé – Carvão – Mazagão – AP
Festa da Sagrada Família – Campina Grande – Macapá – AP
Festa de São Sebastião – Ilha Redonda – Macapá – AP
Festa de São José – Abacate da Pedreira – Macapá – AP
Festa da Santíssima Trindade – Casa Grande – Macapá – AP
Festa do Divino Espírito Santo – Ressaca da Pedreira – Macapá – AP
Festa de Santa Maria - Curiaú – Macapá – AP
Festa de Nossa Senhora da Assunção – Torrão do Matapi – Macapá – AP
Festa de São Sebastião – Mazagão – AP
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá – AP
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá – AP
Festa da Santíssima Trindade da Associação Cultural Berço das Tradições Amapaenses 'Berço do Marabaixo' – Macapá – AP
Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá – AP
Festa da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela – AP

Edificações:
Fortaleza de São José – Macapá – AP
Igreja de São José – Macapá – AP
Igreja de São Benedito – Macapá – AP
Igreja de Nossa Senhora da Assunção – Mazagão Velho – Mazagão – AP
Igreja Jesus de Nazaré – Macapá – AP

Formas de Expressão:
Marabaixo – Amapá
Ladrões de Marabaixo – Amapá
Ladainha - Amapá

Lugares:
Laguinho – Macapá – AP
Favela – Macapá – AP
Curiaú – Macapá – AP
Mazagão Velho – Macapá - AP

Ofícios e Modos de Fazer:
Caixa – Amapá
Gengibirra – Amapá
Tocador de Caixa – Amapá

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

4. DESCRIÇÃO DO SÍTIO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA* .

4.1. LOCALIZAÇÃO

O Estado do Amapá está localizado na região Norte do Brasil, na sua porção setentrional, e tem uma área de 140.276 km², correspondente a 3,6% da Amazônia. Os limites do Estado foram fixados em 1943, pelo Decreto Lei 5.812, fazendo divisa a oeste, sul e sudeste com o Estado do Pará, a leste com o Oceano Atlântico, a noroeste com o Suriname e ao norte com a Guiana Francesa.

O Estado do Amapá possui 16 municípios, porém, a manifestação do Marabaixo, objeto deste estudo, se concentra principalmente nos municípios de Macapá e Mazagão, cidades com maior concentração populacional do estado e cuja história remonta ao período colonial. Ambas as cidades apresentam um contingente populacional afrodescendente expressivo, possuindo inclusive diversas comunidades quilombolas, espaço privilegiado da prática do Marabaixo.

A capital do estado é o município de Macapá, localizado na região sudeste do Estado, estendendo-se da margem esquerda do rio Amazonas até a nascente do rio Maruanum, sendo cortada pela linha do Equador. Dentre as comunidades do município, além da porção urbana, foram incluídas na pesquisa: Abacate da Pedreira, Campina Grande, Casa Grande, Curiaú, Ilha Redonda, Ressaca da Pedreira e Torrão do Matapi.

Mazagão é um município ao sul do Estado do Amapá, cujos limites são Pedra Branca do Amapari e Porto Grande a norte, Santana a nordeste, a foz do rio Amazonas a sudeste, Vitória do Jari a sul e Laranjal do Jari a oeste. Em Mazagão, fazem parte do inventário do Marabaixo a área urbana do município e as comunidades do Carvão e Mazagão Velho.

Referências:

Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá - IEPA. Disponível em: <www.iepa.ap.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2013.

Portal da Prefeitura de Macapá. Disponível em: <www.macapa.ap.gov.br>. Acesso em: 18 mar. 2013.

RODRIGUES, Edgar. Amapá. Acervo Seafro.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O Estado do Amapá possui uma fisiografia muito particular devido à conjugação dos domínios guianense e amazônico. A paisagem natural desta região é diversificada e apresenta ambientes ligados às formações geológicas referentes aos períodos mais distantes da era geológica, como os terrenos Arqueanos pré-cambrianos, até as formas mais recentes, como a sequência Quaternária, que forma a planície costeira do Estado.

O solo apresenta em áreas de domínio aluvial, gleyzados correspondentes ao domínio Terciário, e latossolos correspondentes ao domínio Pré-Cambriano. O teor de fertilidade varia entre o médio e o baixo e possui um grau de acidez que não favorece as atividades agrícolas.

O Relevo amapaense é pouco acidentado e apresenta a planície litorânea, as planícies aluviais, o platô arenito e o planalto cristalino.

O Estado do Amapá possui em seu território diversos ecossistemas, dentre os quais podemos citar:

- Floresta de Terra Firme que ocupa 70% das terras do estado e que apresenta a maior diversidade de espécies, destacando-se pelo alto valor comercial destinado à indústria madeireira;
- Floresta de várzea que ocupa 5% das terras do Amapá e caracteriza-se pela influência dos rios, sendo sujeita a inundações. Abriga espécies de importância comercial, destinada à indústria madeireira;
- Mata de Igapó: ecossistema que se caracteriza pelo alagamento permanente durante o ano todo;
- Manguezal: predominante na costa, sendo caracterizado pela presença de árvores do tipo mangue. Sujeita a inundações;
- Cerrado: ecossistema campestre com vegetação herbácea e arbustiva, que vem sendo ocupada com a silvicultura.

As árvores presentes no Estado que se destacam por sua importância econômica e pela sua utilização na indústria madeireira são: o acapu, angelim, andiroba, ucuúba, cedro, pau mulato, carnaúba, maçaranduba, jatobá, pracuúba, pau

rosa, pau amarelo, castanheira, piquiá, aquariquara, sucupira, etc. Destaca-se na paisagem a grande quantidade de cipós que são empregados na indústria de móveis e objetos artesanais, as inúmeras palmeiras, além das plantas medicinais, como a quina e o amapazeiro. As matas são ricas em plantas, cujas cascas ou sementes servem para corantes ou tinturas. A embira, muito comum na região, é uma espécie de fibra que é muito usada na confecção de cordas, redes, adornos, etc.

O clima do estado é equatorial quente-úmido, apresentando uma variação de temperatura entre 32 e 20 graus. As chuvas acontecem principalmente entre os meses de dezembro e agosto, e a estação da seca inicia no mês de setembro e vai até meados de dezembro.

A Hidrografia do Estado é formada por vários rios que se destacam pela sua importância: o Rio Amazonas, que corta a capital Macapá, e é um dos maiores rios do mundo em extensão e volume d'água; o Rio Oiapoque, que marca a divisa do Brasil com a Guiana Francesa; o Rio Jari, que separa o Amapá do estado do Pará; o Rio Pedreira, de onde foram retiradas as pedras para a construção da Fortaleza de São José de Macapá; o Rio Araguari, de grande potencial energético e onde se encontra a Hidrelétrica Coaracy Nunes; o Rio Vila Nova, que separa os municípios de Mazagão e Laranjal do Jarí; e o Rio Gurijuba.

O Estado possui os seguintes territórios destinados à ocupação indígena: a Área Indígena Galibi, a Área Indígena Juminá e a Área Indígena Uaçá, sendo as três localizadas no município de Oiapoque; a Área Indígena Wajãpi, localizada entre os municípios de Laranjal do Jari, Amapari e Serra do Navio; e o Parque Indígena Tumucumaque, que, demarcado em 1997 com 3.071.067 hectares, abrange os municípios paraenses de Oriximiná, Almeirim, Óbidos e Alenquer.

As Unidades de Conservação são áreas com limites e características naturais relevantes instituídas pelo Poder Público. No Estado do Amapá existem diversos territórios sob a proteção do governo.

- Estação Ecológica de Maracá-Jipioca, uma unidade de 72 mil hectares composta pelas ilhas, Maracá Norte, Sul e Jipioca, cujo acesso se dá pela cidade de Amapá, através do rio Flexal e do canal de Carapaporis;
- Estação Ecológica do rio Jari, que foi criada pelo Decreto nº 87.092 de 12 de abril de 1982. Está localizada a 80 Km da cidade de Monte Dourado e ocupa uma área de 227.126 hectares, de floresta primária e secundária de terra firme, capoeira, campo rupestre, floresta de igapó e mata de galeria;
- Parque Nacional do Cabo Orange, cujos 619 mil hectares do Parque só são acessíveis de barco, através da foz do rio Oiapoque, a partir da cidade de mesmo nome, ou ao norte e a leste pelo Oceano Atlântico;
- Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque foi criado pelo Decreto s/n de 22 de agosto de 2002. É o maior parque nacional do Brasil e a maior unidade de conservação da floresta tropical do mundo. Possui uma área de 3.867.000 hectares localizada na região noroeste do Estado;
- Reserva Extrativista do Rio Cajari, que possui uma área de 481.650 hectares sob a guarda do IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), e está situada entre os municípios de Mazagão, Vitória do Jarí e Laranjal do Jari;
- Reserva Biológica Estadual do Parazinho foi criada através do decreto nº 5, de 21 de janeiro de 1985, e é constituída pela Ilha fluvial Parazinho, pertencente ao arquipélago do Bailique, na foz do rio Amazonas, e possui uma área de aproximadamente 111,32 hectares;
- Reserva Biológica do Lago Piratuba, criada pelo decreto federal 84.914, de 16 de julho de 1980. Possui uma área de 357.000 hectares, situada em áreas municipais de Amapá e Tartarugalzinho;
- Reserva Biológica da Fazendinha foi criada através do decreto nº 20, de 14 de dezembro de 1984. Com uma área de 193,53 hectares, localiza-se no sul do município de Macapá, na divisa com o município de Santana;
- Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru, criada através da Lei Estadual nº 0392 de 11 de dezembro de 1997. Possui uma área de 806.184 hectares e está localizada entre os municípios de Laranjal do Jarí, Mazagão e Pedra Branca do Amapari.

No município de Macapá encontra-se a Área de Proteção Ambiental da Fazendinha, criada pela Lei nº 873, de 31 de dezembro de 2004, com o objetivo de conciliar a permanência da população local com a proteção ambiental, através do uso racional dos recursos naturais e da busca de alternativas sustentáveis para a comunidade residente.

Distante 8 km de Macapá, está um importante espaço da manifestação do Marabaixo, a Área de Proteção Ambiental do Curiaú, localização de forte importância histórica para o Estado. Um decreto de 1992 criou a APA do rio Curiaú com uma área geográfica de 23 mil hectares, abrangendo importantes ecossistemas da região como as florestas e campos de várzeas e o cerrado. Residem atualmente na área cerca de 1.500 pessoas divididas em quatro comunidades - Curiaú de dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande e Curralinho. Nesta área é retirada a madeira para a confecção do mastro do Marabaixo, assim como a murta que o enfeita, para a celebração da Murta do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade, manifestação do calendário da festividade. Além disso, é nesta região que estão os principais artesões dos instrumentos, que confeccionam tambores feitos de tronco de macacaueiro e couro de animais silvestres.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

Referências:

Estado do Amapá – Sítios Arqueológicos no Amapá. Disponível em: <navegadorbrasileiro.wordpress.com>. Acesso em: 18 mar. 2013.

GUERRA, Antônio Teixeira. Estudo geográfico do território do Amapá. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.

SARNEY, José; COSTA, Pedro. Amapá: terra onde o Brasil começa. Brasília: Senado Federal, 1999. Coleção 500 anos. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senadores/Senador/jsarney/Historia_Amapa/sarney_00_intr.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2013.

Unidades de Conservação do Estado do Amapá. Macapá: Tramas Ecodesign, 2011. 66 p.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Município de Macapá:

Fortaleza de São José de Macapá

Construída com o objetivo de defender o território português das invasões estrangeiras, recorrentes no período Colonial, a fortaleza é considerada uma das maiores do Brasil e levou 18 anos para ser concluída. Sua inauguração aconteceu em 19 de março de 1782. Na época da sua construção, um grande contingente de escravos foi trazido para trabalhar na edificação, chegando ao número de 2500. Atualmente o edifício sedia a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e é um dos principais pontos turísticos da cidade.

Tombado pelo IPHAN em 22 de março de 1950.

Localização: Rua Cândido Mendes – Centro.

Igreja de São José de Macapá

É o monumento mais antigo da cidade, foi inaugurado em 6 de março de 1761 com um projeto de arquitetura com características jesuíticas. A planta original, porém, foi modificada algumas vezes ao longo dos séculos. Na igreja é realizada a Festa de São José, no dia 19 de março, e em seu espaço também ocorrem manifestações relativas ao Marabaixo, como a missa durante o ciclo, e o encontro das bandeiras e o cortejo da murta que acontecem na rua à frente da Igreja.

Localização: Rua São José, s/n – Centro.

Igreja de São Benedito de Macapá.

Inaugurada em 2 de março de 1956 como capela, inicialmente com paredes de madeira. Em 28 de abril de 1964 a capela foi elevada à categoria de matriz da nova paróquia de São Benedito. Nesta edificação, também ocorre celebrações do ciclo do Marabaixo.

Localização: Rua General Rondon, 429, Bairro do Laguinho.

Museu Sacaca

O Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável foi inaugurado em 5 de abril de 2002. Ele ocupa uma área total de 21.500 m², e faz parte do IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá), onde são pesquisados os fitoterápicos derivados de plantas amazônicas. Quem visita este museu tem a oportunidade de conhecer o jeito de viver dos povos tradicionais da Amazônia, já que o local reproduz em detalhes o dia a dia dos indígenas, ribeirinhos e castanheiros.

Localização: Avenida Feliciano Coelho, 1509 – Bairro do Trem.

Centro de Cultura Negra

O Centro de Cultura Negra foi criado em Macapá em 5 de setembro de 1998, com a finalidade de resgatar e preservar o modo de vida, usos e costumes dos afrodescendentes no Amapá. Está localizado em uma quadra do bairro do Laguinho, tradicional reduto do Marabaixo na cidade.

Localização: Rua General Rondon s/n, Bairro do Laguinho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

APA – Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú

Localizada a 12 Km de Macapá, às margens do Lago Curiaú, possui o título definitivo de Área Quilombola, concedido pela Fundação Palmares, abrigando uma população dos descendentes de escravos. Mantém diversas das edificações tradicionais da região, constituídas de madeira, e é um dos lugares mais importantes da manifestação do Marabaixo.

Localização: Rodovia do Curiaú, Km 12.

Município de Mazagão:

Igreja Nossa Senhora da Assunção

Localizada em Mazagão Velho, em frente ao rio Mutuacá, foi primeiramente erguida em madeira, posteriormente foi refeita com tijolos, sendo concluída em 1935. De arquitetura simples, o templo segue o partido retangular, e seu interior é ornamentado com os santos de devoção local. Nesta igreja são rezadas missas e ladainhas durante a Festa do Divino Espírito Santo.

Marcos arqueológicos:

O Amapá possui um rico e diversificado patrimônio arqueológico, conhecido e estudado desde o século XIX. No estado, estão catalogados mais de 70 sítios arqueológicos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que se concentram nas regiões principais de Amapá, Calçoene, Rio Jarí, Macapá, Mazagão e Rio Oiapoque, dentre os quais podemos citar:

- Montes Curu, em Cunani – situado em uma vila pertencente ao município de Calçoene. Tanto para a pré-história como para a história, Cunani mereceu importância relevada. Na história do Amapá, a vila chegou mesmo a ser República Independente por duas vezes. Em uma expedição coordenada por Emilio Goeldi, nos Montes Curu, foram encontrados objetos cerâmicos para fins funerais.
- Pacoval (Macapá) - Em 1985, foi descoberto um sítio arqueológico em Macapá, no bairro do Pacoval, onde foram encontradas urnas funerárias indígenas.
- Rio Preto, em Mazagão - Durante levantamentos realizados para execução de um Relatório de Impacto Médio Ambiental (Rima) do trecho da BR-156 (Macapá-Laranjal do Jarí), foram localizados 10 sítios arqueológicos, sendo sete indígenas e três neobrasileiros.
- Inscrições rupestres no município de Ferreira Gomes – foram encontradas inscrições gravadas em um rochedo, na região de Tracajatuba. Pela disposição em que elas se encontram, formando espécies de constelações, estudiosos acreditam que ali era local de realização de rituais sagrados.

Referências:

Estado do Amapá – Sítios Arqueológicos no Amapá. Disponível em: <navegadorbrasileiro.wordpress.com>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Coisas do Amapá: Primeiros templos católicos. Disponível em: <edgar-amapa.blogspot.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2013.

Diocese de Macapá. Disponível em: <www.diocesedemacapa.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2013.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA*.

5.1. RESUMO

O território onde hoje está compreendido o estado do Amapá foi, durante muitos séculos, alvo de disputas territoriais por estar localizado em uma região fronteiriça e também por fazer parte da Amazônia – espaço de riquezas e, ao mesmo tempo, do desconhecido. Ponto de atração de holandeses, ingleses e franceses, diversos foram os viajantes que por meio de expedições chegavam ao local, como Diogo de Lepe, Francisco Orellana, Luiz Melo da Silva, mas que dificilmente se fixavam devido à hostilidade das populações nativas: os tucujus e tapuiaçus, pertencentes aos grupos indígenas aruaques, caraíbas e tupi-guaranis.

Na época do Tratado de Tordesilhas, em 1492, a região pertencia aos espanhóis, mas durante a União Ibérica entre Portugal e Espanha, entre os anos de 1580 e 1640, o Tratado de Tordesilhas foi anulado e teve início um processo de evangelização da população nativa. A princípio, com a vinda de frades franciscanos, e posteriormente, dos

dominicanos franceses e jesuítas. As missões acabaram exercendo a tarefa de preparar o índio para incorporá-lo aos parâmetros dos interesses e da ambição dos colonizadores. Na época, Portugal modificou a estrutura administrativa da Colônia, implantando o Estado do Brasil, cuja sede era em Salvador, e o estado do Maranhão, cuja sede variava entre Belém e São Luís.

Em 1623, o monarca espanhol Filipe IV, doou o território ao português Bento Maciel Parente, com a nomeação de Capitania do Cabo do Norte. Porém, como a região não foi colonizada, a concessão do espaço passou a ser anexada a Capitania do Grão-Pará ainda no século XVII. Após a assinatura do Tratado de Madrid em 1750, Portugal começou a se preocupar com a exploração e a defesa da região. Na ocasião, ocorreu a primeira imigração com a vinda de açorianos para a região.

A primeira metade do século XVIII remete à vinda dos primeiros escravos negros para a região. Não era uma tarefa fácil conseguir mão de obra para a Amazônia, visto que a região, de difícil ocupação, muitas vezes utilizava da população nativa, os chamados “negros da terra”, como força escrava de trabalho para o colonizador. Assim, durante o período colonial, o trabalho compulsório dos índios provavelmente superou o dos africanos na região. Em meados do século XVIII, com a criação da companhia geral do Grão-Pará e Maranhão, ocorreu a facilitação da introdução de escravos negros para a área, que chegavam principalmente para trabalhar na produção de algodão. Segundo Florival Cáceres (1997), no período entre 1755 a 1778, a companhia trouxe à região mais de 25 mil escravos, desse total, aproximadamente 15 mil se estabeleceram onde é hoje o estado do Pará. Nesse primeiro momento, era comum a escravidão de negros já estabelecidos em outras regiões do Brasil.

Com a extinção da companhia, o comércio de escravos continuou, porém em menor número e permaneceu ativo até as primeiras décadas do século XIX. Os escravos trabalharam em atividades agrícolas, como o cultivo de cana-de-açúcar, algodão, cacau e tabaco e no extrativismo das chamadas “drogas do sertão”, como a canela, a baunilha, o cravo, as raízes aromáticas, o urucum e as sementes oleaginosas, além de servirem em trabalhos domésticos e em construções urbanas. O aumento da oferta de mão-de-obra escrava africana não eliminou a escravidão indígena, sendo que o contato e a interação social entre os índios, os europeus e os negros resultaram na incorporação e na troca de elementos destas culturas.

Dois fatos colaboraram para o aumento da inserção dos negros africanos na região: a construção da Fortaleza de São José, em Macapá, e a vinda de imigrantes de Marrocos para a atual cidade de Mazagão. As obras da fortaleza, erguida devido aos constantes conflitos territoriais com os franceses, se iniciaram em 1764, a pedido do governador do Grão Pará e Maranhão, Fernando Ataíde Teive, e teve como engenheiro responsável Henrique Antonio Galúcio. A obra durou 18 anos tendo como mão de obra, tanto os índios, quanto os escravos trazidos para a localidade, que, conforme registros, chegaram ao número de 2500 pessoas. O Forte foi inaugurado em 1782, e em torno desta construção e da Igreja de São José, datada de 1761, cresceu a vila de São José de Macapá.

Segundo pesquisadores locais como Edgar Rodrigues e João Ataíde, data do século XVIII, a formação da comunidade de Curiaú, localizada hoje no município de Macapá. Inicialmente, o local era reduto militar e, logo depois da construção da Fortaleza, passou a ser formado por negros remanescentes de escravos, sendo composta por duas localidades: Curiaú de fora e de dentro; cujas divisões ocorreram pelo laço familiar. Conta-se que chegou na região um português de nome Manoel, que trouxe consigo sete escravos do Nordeste. Quando descobriram o lago de Curiaú, se certificaram que o lugar era próprio para a sobrevivência, e ali construíram suas casas.

A vinda de marroquinos para o território norte do Brasil no século XVIII, por sua vez, está ligada à desativação da cidade de Mazagão na África, decretada pela carta régia de 10 de março de 1769, por Dom José I. Para abrigar parte das famílias portuguesas que até então lá residiam, foi criada então a localidade de Mazagão do Amapá. Em 1770, chegaram a Belém os navios: São Francisco, São Joaquim, e Santana, e ao todo desembarcaram 1022 pessoas, dentre as quais, cerca de cento e três escravos, que se transformaram nos primeiros agricultores da região de Mazagão (atual Mazagão Velho). No início, a localidade obteve certo desenvolvimento, mas as constantes epidemias de cólera prejudicaram sua economia e dificultaram a fixação destas famílias na região.

A região do Amapá, devido ao isolamento com o resto do país, aos conflitos constantes e ao povoamento disperso, viu eclodir em seu território diversos quilombos, sendo que muitos deles foram reconhecidos pelo governo Federal na atualidade. Conta-se que os franceses que se fixavam na margem direita do rio Araguari, também estimulavam a formação de quilombos, talvez para incentivar a ocupação da região.

Com a independência do Brasil em 1822, o Amapá permaneceu ligado à Província do Pará e continuou enfrentando problemas de fronteira com a França. Os dois países disputaram a região entre os rios Oiapoque e Araguari, que corresponde à quase metade da área atual do Estado. A questão somente se resolveu em 1900, com a intermediação do presidente suíço Walter Hauser, que confirmou os direitos brasileiros sobre a área. Em 1901 o então presidente do Brasil Campos Sales, por decreto, incorporou o território anteriormente denominado Território Contestado do Amapá, como oficialmente ligado ao Estado do Pará.

Os conflitos se davam a nível interno, também, com a eclosão da cabanagem em 1835, revolta armada ocorrida entre índios, negros e caboclos ribeirinhos devido à grande instabilidade econômica e social nas comunidades. O conflito só foi finalizado em 1840, com a intervenção do Governo Imperial.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

Em 1853 Macapá foi elevada à categoria de cidade, e em 1862, quando a sua população era de 2.780 habitantes, os negros somavam 722 pessoas. Como o movimento abolicionista ganhou força na região, conta-se que quando da Abolição da Escravatura em 1888, a maioria dos negros já se encontravam alforriados.

Mazagão Velho, pela Lei Provincial de n° 1334, foi elevado à categoria de Cidade, porém, em 1915 o seu território passou a ser administrado por Macapá. No mesmo ano, os habitantes decidiram erguer uma nova localidade, que foi instalada no dia 15 de novembro de 1915 e recebeu o nome de Mazagão Novo.

Em 1943, o governo federal criou os Territórios Federais através do decreto-lei nº 5.812, dentre os quais figurava o Amapá que, no ano seguinte, recebeu seu primeiro governador: Janary Gentil Nunes. Esse foi responsável por uma grande mudança na configuração da cidade de Macapá, com investimentos na educação, saúde e na urbanização. O desenvolvimento do município, porém, ocorreu após um grande conflito entre a população que ali vivia. Na época, com a desapropriação do largo de São João, localizada na disputada área central da cidade, ocorreu o deslocamento de seus moradores para dois locais: o bairro do Laguinho e o bairro da Favela, realizando assim um processo de segregação entre as comunidades locais que até hoje é narrado em versos do Marabaixo.

Em 1946, com a descoberta de jazidas de manganês na Serra do Navio, teve início a exploração do minério pela Icomi (Indústria e Comércio de Minérios), subsidiária da norte-americana Bethlehem Steel. Em 1966 foi implantado o Projeto Jarí no rio Jarí, pelo empresário norte-americano Daniel Ludwig, ligado à exploração de madeira, ao cultivo de arroz e produção de celulose. Este, porém, não se consolidou e em 1982, o empreendimento foi assumido por empresas brasileiras lideradas pelo grupo CAEMI e pelo Banco do Brasil. Em 1988, o território do Amapá se tornou um Estado pela Constituição Federal. E, nas últimas décadas, a economia do Amapá cresceu com base no extrativismo mineral e vegetal e em atividades industriais.

A Implantação de políticas de preservação do patrimônio cultural no Estado do Amapá teve início em 1950, com o tombamento da Fortaleza de São José de Macapá. Essa edificação abrigou diversos equipamentos culturais da cidade, como a União dos Negros do Amapá, o Museu Territorial, e a Fundação de Cultura do Estado. Atualmente o local abriga o Museu da Fortaleza de São José de Macapá e a sede da Superintendência Regional do IPHAN no Amapá.

Antes da implantação da superintendência regional do IPHAN no AMAPÁ em 2009, as ações de preservação eram providas, desde 1979, pela 1ª Diretoria Regional com sede em Belém, que tinha sob sua jurisdição os estados do Pará, Amazonas, Acre, e Rondônia, além dos territórios do Amapá e Roraima. Posteriormente em 1987, sua sede foi transferida para Manaus e, em 2009, foi criada a superintendência do IPHAN no Amapá.

A Superintendência no estado do Amapá acompanhou as obras empreendidas pelo governo estadual para o restauro da Fortaleza de São José de Macapá, que incluíram o tratamento paisagístico e prospecções arqueológicas no terreno, e também foi responsável pela restauração da imagem de São José, padroeiro de Macapá.

O primeiro registro do patrimônio imaterial do Brasil concluído pelo IPHAN ocorreu no Amapá, com a inscrição no Livro de Registro das Formas de Expressão em 2002 da Arte Kusiwa, dos índios Wajãpi. Esse bem consiste em um sistema de representação que sintetiza o modo de vida desse grupo indígena, que atualmente soma cerca de 1000 pessoas, de acordo com dados do IEPÉ.

Desde 2007, o IPHAN desenvolve o Inventário de Conhecimentos de Bens Imóveis da cidade de Macapá, e o conjunto urbano da Serra do Navio – uma vila projetada pelo arquiteto Oswald Arthur Bratke para abrigar funcionários de uma empresa de exploração de manganês em 1955 – foi tombada em janeiro de 2012.

Referências:

ARAÚJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992.

Coisas do Amapá: Primeiros templos católicos. Disponível em: <edgar-amapa.blogspot.com.br>. Acesso em: 18 mar. 2013.

DRUMMOND, J. A., PEREIRA, M. A. P. O Amapá nos Tempos do Manganês: Um Estudo sobre o Desenvolvimento de um Estado Amazônico 1943-2000. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

PEREIRA, Nunes. O Sahiré e o Marabaixo – traduções da Amazônia. Contribuição do I Congresso Brasileiro de Folclore em 1951. Recife: FUNDAJ, 1989.

Porto, Jadson. Amapá: principais transformações econômicas e institucionais, 1943-2000. Macapá: Ed. do Autor, 2007.

Reis, Arthur Cézar Ferreira. Território do Amapá: perfil histórico. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

SARNEY, José; COSTA, Pedro. Amapá: terra onde o Brasil começa. Brasília: Senado Federal, 1999. Coleção 500 anos. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senadores/Senador/jsarney/Historia_Amapa/sarney_00_intr.pdf>.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

Acesso em: 15 mar. 2013.

SILVA, Marcelo Gonçalves. Territórios quilombolas no estado do Amapá: um diagnóstico. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: UFU, 2012. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1308_1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Período pré-colonial	A área esquerda do rio Amazonas, antes da ocupação europeia, era uma terra de perambulações das populações nativas que ali caçavam e também construíam moradias provisórias. Das populações que aí habitavam, estavam os tucujus e tapuiaçus, pertencentes aos grupos indígenas aruaques, caraíbas e tupi-guaranis.
1492	Depois da Chegada de Cristóvão Colombo ao Continente Americano em 1492, foi estabelecido em 1494 o Tratado de Tordesilhas, que estabelecia que as terras a 370 léguas a oeste do Cabo Verde seriam da Espanha e a leste, de Portugal. Por este acordo, o território hoje conhecido como Amapá, ficava então sob o domínio da Espanha.
1500	O território onde hoje se encontra o Amapá estava em disputa entre os portugueses e os espanhóis, com a passagem de alguns navegadores no local. Vicente Pinzón navegou o Rio Oiapoque e o litoral amapaense.
Primeira década do século XVI	Diogo de Lepe navegou pelo litoral amapaense, e sua tripulação entrou em conflito com a população indígena local.
Década de 1530	Os espanhóis buscaram explorar seus domínios territoriais abaixo da linha do Equador, denominando a região do vale amazônico como Nueva Andaluzia.
1545	Francisco Orellana, partindo do Peru, navegou o Rio Amazonas e o litoral amapaense, investido na condição de Adelantado, que lhe dava o direito de conquistar territórios e as populações que os habitavam. Mas não obteve sucesso na expedição.
1553	Luiz de Melo da Silva navegou pelo litoral amapaense, alcançando a costa da Guiana, porém, sua expedição foi massacrada pelos índios.
1580	Com a União Ibérica, o Tratado de Tordesilhas é anulado, proporcionando aos portugueses o início da conquista da Amazônia. Em 1616, foi construído o Forte do Presépio, dando origem à cidade de Belém.
Século XVII	Invasões inglesas, francesas e holandesas no território, que foram rechaçadas pelo governo português.
1618	Tem início a catequese dos índios no território com a chegada dos frades franciscanos e, mais tarde, dos dominicanos franceses e jesuítas.
1621	A administração do Brasil é reformulada pelos portugueses, e as antigas Capitanias Hereditárias dão lugar ao Estado do Brasil, com sede em Salvador, e o Estado do Maranhão, com a sede alternando entre São Luís e Belém. O primeiro governador do território foi Francisco Coelho de Carvalho.
1623	Filipe IV cria a Capitania Cabo do Norte, compreendendo as terras que hoje são do Amapá, até o Rio do Peru. A capitania foi doada a Bento Maciel Parente, que não chegou a se estabelecer na área. Em 1638 foi nomeado capitão general do estado do Maranhão, permanecendo no cargo mesmo após a Restauração da Coroa Portuguesa. Como os familiares do capitão também não colonizaram a área, ainda no século XVII, a concessão do espaço retornou ao domínio do governo português, agora anexada a Capitania do Grão Pará.
Primeira metade do século XVIII	Chegada dos primeiros negros escravos ao Amapá, provenientes de Belém, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Maranhão para trabalharem na cultura de arroz.
1738	No território da atual cidade de Macapá foi estabelecido um destacamento militar, quando governava o Estado do Maranhão e Grão-Pará, João de Abreu Castelo Branco.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

1748	O território foi delimitado geograficamente e oficialmente denominado Província dos Tucujus pelo Rei Dom João V, sendo ligado a Província do Grão Pará e do Maranhão, visando assim um maior controle da população indígena local e maior proteção contra as invasões estrangeiras.
1751	O governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado organiza uma expedição ao território de Macapá sob o comando do sargento mor João Batista do Livramento, constituída de soldados e de colonos da Ilha dos Açores.
1755	Data da chegada dos primeiros escravos para a região do Grão-Pará, provenientes do Maranhão, sendo divididos entre os trabalhos no campo, nas plantações nos serviços domésticos e em ofícios.
1758	O governador Mendonça Furtado, com a intenção de elevar o povoado de Macapá à categoria de vila, manda construir a Câmara Municipal, e empossa os primeiros vereadores. Em 04 de fevereiro a categoria administrativa do local passa a ser a Vila de São José de Macapá.
1761	Inauguração da Igreja de São José de Macapá.
1762-82	Para a proteção contra as constantes invasões estrangeiras, um fortim foi mandado construir pelo Governador Mendonça Furtado, sendo concluído em 31 de julho. No dia 29 de junho de 1764, este forte começou a ser delineado de forma mais grandiosa sob a supervisão do capitão general Fernando da Costa Ataíde Teive e do engenheiro Henrique Antônio Gallucio, que depois foi substituído por José Geraldo. Construído com mão de obra negra e indígena, sendo os nativos utilizados para o transporte de pedras, e chegando a concentrar cerca de 2.500 escravos, o Forte de São José foi inaugurado em 1782.
1762	Foi construído um reduto de segurança da Vila no Igarapé de Curiaú, denominado então de Vigia do Curiaú.
1769	Dom José I, rei de Portugal, desativou a cidade de Mazagão no Marrocos, e 340 famílias então sitiadas pelos mouros foram transferidas para Belém, onde aportaram em 1770, sendo o destino final a Tucujulândia, por determinação do governador Mendonça Furtado, na época secretário de estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. Os colonos foram alojados às margens do rio Mutuacá. Em 1771, 136 famílias se transferiram para a Nova Mazagão, hoje cidade de Mazagão Velho, elevado a Vila em 23 de janeiro de 1771, com a denominação de Vila de Nossa senhora da Assunção.
1773	A Vila de Nossa Senhora da Assunção, hoje Mazagão Velho, prosperava com o cultivo de algodão e arroz, que abastecia a cidade de Belém. Porém, devido às epidemias constantes, vários dos seus habitantes se mudaram para a Vila de Macapá ou para Belém, ou mesmo retornaram para Portugal.
1797	A França reclama para si parte das terras situadas entre os rios Araguari e Oiapoque. Com a expansão napoleônica, a crise territorial se agravou, com vários conflitos militares na região. Após a deposição de Napoleão, foram iniciados entendimentos diplomáticos entre as nações.
1815	No Congresso de Viena, o Rio Oiapoque ficou estabelecido como o limite das regiões francesas e portuguesas, sendo esta decisão efetivada em 1817, no Congresso de Paris.
1822	Mesmo com a Independência do Brasil, a região da Amazônia continuou a receber ordens das Cortes Portuguesas até 15 de agosto de 1823, quando os portugueses foram afastados do governo provincial e seus substitutos declararam a adesão do Grão Pará à autonomia nacional.
1833	Com a reforma administrativa da Província promovida pelo governador Bernardo Lobo de Sousa, Mazagão perdeu o foro de vila, retornando à condição de povoado sob a denominação de Regeneração, tendo seu território anexado a vila de Macapá.
1835	Eclodiu na Província a Cabanagem, devido a grande instabilidade econômica da região. Foi uma revolta armada constituída principalmente de habitantes ribeirinhos, que assassinaram Bernardo Lobo de Sousa, então governador, passando a governar a região Antônio Clemente Malcher. A revolta, porém, não foi assimilada por toda população, e providências militares foram organizadas pelo presidente da Câmara Municipal de Macapá, Manoel Antônio Picanço. Após inúmeras batalhas com as tropas imperiais, os rebeldes foram contidos e expulsos da região em 1835, fugindo então para a Ilha do Marajó. Em 1836, a cidade de Belém caiu no poder imperial,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

	mas os conflitos continuaram até o ano de 1840, quando a situação se normalizou.
1835	Com a Revolta Cabana ocorrendo no território, o governo Francês aproveitou a redução da vigilância brasileira para estabelecer uma guarnição militar próxima do Lago de Bagres
1840	É instalada a Colônia Militar de Dom Pedro II à margem esquerda do Rio Araguari, entre seus afluentes Aporema e Tracajatuba, com o intuito de defesa da invasão francesa.
1841	A França retirou suas tropas da região, que um ano mais tarde voltou a ser neutralizada, sendo administrada por um representante brasileiro e outro francês, respectivamente subordinados aos dirigentes do Grão-Pará e da Guiana Francesa. Essa área neutralizada ficou conhecida como Contestado franco-brasileiro a partir da metade do século XIX e atraiu diversos escravos fugitivos, desertores e aventureiros estrangeiros e brasileiros, que se espalharam pela área, principalmente depois da descoberta de ouro na região do Contestado.
1853	O senador maranhense Cândido Mendes de Almeida propôs a criação da Província de Oiapoquia, compreendendo os territórios de Mazagão e Macapá. Esta solicitação não foi atendida, mas em 1856, a vila de Macapá foi elevada a categoria de cidade.
1858	Data da criação da Sociedade Ypiranga, um dos primeiros movimentos pela libertação de escravos na Província do Grão-Pará, a qual foi seguida pela criação, em 1869, da Associação Filantrópica de Emancipação dos Escravos.
1873	O senador Cândido Mendes publica seus estudos sobre a importância da redivisão da região da Amazônia, visando o melhor governo da área e buscando apoio da população para o seu projeto da Província da Oiapóquia. Porém, novamente, não obteve êxito.
1884	São criadas em Belém duas novas entidades antiescravocratas, a União Redentora, da qual um dos seus articuladores era o amapaense descendente de escravos Raimundo Alvares da Costa; e a Liga Redentora dos Cativos do Pará, que tinha como representante em Macapá, Francisca de Almeida Rôlla, até então a maior proprietária de escravos da região, que foram colocados em liberdade ainda nesse ano.
1885	No vilarejo de Cunani, o francês Jules Gros proclamou a República da Guiana Independente, com o apoio da população local, cujo território compreendia a região em litígio com a França. A república do Cunani, como ficou conhecida, tinha sede em Paris, bandeira, moeda e títulos honoríficos próprios. Porém, a ação foi invalidada pela França no ano de 1887.
1888	Assim como no restante do território brasileiro, a escravidão foi abolida, sendo que grande parte dos escravos da região já haviam sido alforriados. Dos escravos existentes na época da Abolição, quase todos trabalhavam em atividades agropastoris, na condição de meeiros com seus senhores.
1888	Em 18 de abril, a vila de Mazagão foi elevada à categoria de cidade em resolução tomada pelo governador da Província, Miguel Joaquim de Almeida Pernambuco.
1889	As câmaras Municipais de Macapá e Mazagão encaminham documento ao Governo Provisório da República Brasileira, proclamando o apoio a Constituição da República. Com a mudança administrativa, as Câmaras foram suspensas provisoriamente e passaram a responder pela administração dos municípios os coronéis Manoel Flexa em Mazagão, e Coriolano Jucá, em Macapá, até o ano de 1890, quando foram criadas os Conselhos das Intendências Municipais.
Final do século XIX	Os conflitos entre a França e o Brasil, na região do Contestado, se intensificam e, em 1897 os dois governos decidem a questão pelo arbitramento, escolhendo a Suíça para pronunciar a sentença. Na ocasião, o Barão do Rio Branco foi nomeado para defender os direitos do Brasil no litígio. Em 1900, o Conselho Federal Suíço pronunciou a sentença arbitral que acolhia os argumentos brasileiros e confirmava a atualidade política do Tratado de Ultrecht, que estabelecia o rio Oiapoque como a fronteira entre o Brasil e a Guina Francesa.
1900	Após a restituição dos territórios do Contestado ao Brasil, o coronel Egídio Leão de Salles, sob ordens do governador do Estado do Pará, percorreu a região, dentre as quais estavam os povoados de Cunani e do Espírito Santo do Amapá, constatando a decadência econômica destes núcleos e o fato da população cunaniense ser constituída basicamente por franceses e seus descendentes. Em 1901, a região foi dividida em duas Circunscrições Administrativas, denominadas então de Espírito Santo do Amapá e Calçoens. No mesmo ano, estes territórios deram lugar, respectivamente ao município de Amapá e de Montenegro, e em 1903, foram

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

	unificados com a denominação de Montenegro.
Primeira metade do século XIX	A região de Macapá, que já não foi beneficiada pelo ciclo de extração de borracha, sofreu com a crise da produção extrativista e a crise dos recursos econômicos dirigidos ao Estado do Pará.
Primeira metade do século XX	Na região de Mazagão, a decadência socioeconômica era vertiginosa, e apenas em algumas áreas do município realizava-se a atividade extrativista, principalmente por imigrantes nordestinos. A produção de borracha, porém, entrou em declínio em 1912. As constantes epidemias e os conflitos políticos no município levaram à transferência da sede municipal, em 1915 para a Vila Nova de Aneurapucu, que passou a ser denominado Mazaganópolis.
1907	Criação da Colônia Militar de Oiapoque.
1929	A energia elétrica chega à cidade de Macapá, na ocasião dos levantamentos topográficos para a construção da estrada Macapá-Oiapoque.
1930	Com a Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao governo do Brasil, as intendências municipais foram extintas, e foram criadas as Prefeituras.
1943	Criação do Território Federal de Amapá, cuja sede administrativa passou a ser instalada na cidade de Macapá. Composta por áreas territoriais administradas pelo Governo Federal, que visavam à proteção das fronteiras brasileiras. O primeiro governador nomeado do território foi o capitão do Exercito, Janary Nunes.
1944	Implantação da administração territorial, quando Janary Nunes chegou à região de Macapá. O governador esteve à frente da região por doze anos, exercendo um mandato autoritário e populista, e realizando medidas como a integração de amapaenses ao serviço publico, a dinamização do sistema educacional, a implementação da agricultura e pecuária, o início do ordenamento urbanístico de Macapá, a construção de equipamentos na área de saúde.
1945	Criação do município de Oiapoque.
1950	A Fortaleza de São José do Macapá é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.
1950	Funda-se a Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração - CAEMI, com a finalidade de ser a detentora do controle acionário da então Indústria e Comércio de Minérios S.A. - ICOMI, que passou a explorar jazidas de manganês da Serra do Navio, no Amapá, em associação com a Bethlehem Steel Corporation, importante empresa siderúrgica norte-americana. O projeto ICOMI foi desenvolvido, incluindo vilas residenciais com completa infraestrutura, ferrovia, terminal de embarques, equipamentos de mineração e usina de beneficiamento, com investimentos da ordem de US$ 60 milhões. Em 1957 foi realizado o primeiro embarque, dando início às operações da ICOMI, que se tornou um dos principais produtores mundiais de manganês e maior exportador nacional.
1956	Criação da Companhia de Eletricidade do Amapá.
1957	Criação do município de Calçoene.
1964	Com o Golpe militar e a instituição da ditadura no país, o território do Amapá passa a ser governado por Luiz Mendes da Silva, responsável pela criação das instituições Companhia do Progresso do Amapá e a Intendência Regional de Desenvolvimento do Amapá.
1966	É implantado o Projeto Jarí (no rio Jarí, divisa com o Pará), pelo empresário norte-americano Daniel Ludwig, ligado à exploração de madeira, ao cultivo de arroz e produção de celulose. O projeto não se consolida e, em 1982, o que resta do empreendimento é assumido por empresas brasileiras lideradas pelo grupo CAEMI e pelo Banco do Brasil, sem grandes retornos.
1969	Reformulação administrativa dos territórios nacionais.
1979	Implantação do Distrito Industrial, as margens do rio Matapi.
Década de 1980	Aceleração do processo de urbanização de Macapá e de aumento da interligação rodoviária no estado.
1987	Criação dos municípios de Santana, Tartarugalzinho, Ferreira Gomes e Laranjal do Jari.
1988	Com a abertura democrática no início da década de 1980, e a Nova Constituição em 1988, os

	Territórios Federais foram transformados em estados da Federação.
1992	Criação dos municípios de Amapari, Serra do Navio, Cutias, Porto Grande, Itaubal e Pracuúba.
2002	Registro Arte Kusiwa, dos índios Wajãpi, pelo IPHAN.

6. PERFIL SOCIOECONÔMICO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA*.

6.1. POPULAÇÃO

O Amapá, estado mais ao norte do Brasil, possui 669.526 habitantes, conforme dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) distribuídos em um território de 142.828,521 km² dividido em 16 municípios. Disso resulta uma baixa densidade demográfica (4,69 hab/km²). Esse contingente populacional representa apenas 0,33% da população total do país, segundo estado menos populoso, uma vez que Roraima tem 450.479 habitantes. Esses dados apontam para informações interessantes, o Amapá, dentre os estados do Brasil, é:

> o mais preservado, tendo 72% dos seus 14,3 milhões de hectares destinados a Unidades de Conservação e Terras Indígenas. As dezenove Unidades de Conservação do Amapá perfazem cerca de 9,3 milhões de hectares, tornando-o o único estado da federação a destinar um percentual tão significativo de suas terras para a preservação ambiental. Os dados absolutos são de 10,5 milhões de hectares, que equivalem ao tamanho de um país como Portugal. (ODM Brasil, 2013)

Por sua vez, Macapá que concentra 398.204 habitantes ou 60% da população de forma que nela e no seu entorno se concentram a maioria das expressões culturais, como no caso do Marabaixo.

A abundância de espaço, a reduzida população e as oportunidades econômicas fizeram a população se multiplicar por 10 desde a década de 1960, quando a população se situava em torno dos 68.000 habitantes, 33.000 dos quais viviam na zona rural. Desde então, a população cresceu em taxas superiores à do Brasil, enquanto a população rural se reduziu drasticamente. Em 1970 eram 11.4000 habitantes que passaram a 175.000 em 1980, acelerando para 289.000 em 1990 e 477.000 em 2000 (Anuário estatístico do Amapá 2004, Secretaria de Planejamento do Amapá). Nesse período a população rural reduziu-se de 48% para 10% da população total. Esse crescimento extraordinário (3,4% ao ano) está ligado à queda na mortalidade infantil (que será tratada no tópico relativo à qualidade de vida), à alta taxa de fecundidade e, sobretudo, à migração. A taxa de fecundidade que em 1970 era de 8,2 filhos por mulher sofreu o impacto da urbanização, caindo para 3,6 filhos por mulher em 2000, mantendo-se, contudo, em todo o período, superior à média nacional. Note-se que entre as mulheres nas zonas rurais, em 2000, essa taxa era ainda de 6,7 filhos. (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, P, 72-73). Quanto à migração, sua face explosiva e catastrófica pode ser lida no artigo de Ricardo Ângelo Pereira de Lima intitulado Imigrantes e Qualidade de Vida na Amazônia Setentrional. Observamos ali que a imigração no Amapá tem um impulso já na criação do estado em 1943 com a efervescência de Macapá, seguida nas décadas de 1970 e 1980 por projetos desenvolvimentistas como:

> Os grandes projetos agropastoris (o Projeto Jari – para a produção de celulose branqueada – no sul do Amapá) e a falência do grande número de garimpos que se proliferam pelo estado (municípios de Calçoene e Vila Nova, ao norte do Amapá. Destaque-se o empreendimento Jarí-Monte Dourado, como um dos projetos de maior mobilidade de capital e mão de obra do antigo Território Federal: A população de Monte Dourado (no vizinho Estado do Pará) passou de três mil para 50 mil habitantes no final dos anos 1970. Outra realidade danosa foi a favela que se formou no entorno do projeto: a Vila do Beiradão (considerada a maior favela da Amazônia, hoje transformada no município de Laranjal do Jari com cerca de 25.000 habitantes). Assim, a década de 1980 vai ser marcada pelos fracassos sucessivos dos projetos de desenvolvimento dos Governos Militares para a Amazônia brasileira, em meio a derrocada do 'Milagre Brasileiro', quando parte dos investimentos econômicos e sociais são retirados da região, sobretudo, investimentos ligados às políticas de financiamento agropecuário e reforma agrária. Em contrapartida, a entrada de investimentos em outros setores - mineral, metalúrgico, hidrelétrico, etc. - provocaram um reordenamento da população local em direção aos centros onde a dinâmica do dinheiro de melhores condições de vida lhe parecia melhor. Outros fatores também contribuíram para o crescimento demográfico do Amapá: a transformação do ex-Território em Estado da Federação (05/10/1988) e a regulamentação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana (ALCMS), criada pela Lei n.º 8.387, de 30.12.91 e regulamentada pelo decreto n.º 517, de 08.05.92), quando novos e sucessivos fluxos imigratórios do norte, nordeste e centro-sul foram atraídos para o Estado em busca de emprego e condições satisfatória de vida. Sobre este aspecto, pesquisas tem demonstrado que o processo de

imigração/mobilização de mão-de-obra na Amazônia Setentrional não é tão recente nem exclusivamente (inter/intra) regional. Um breve comentário da conta que chegam diariamente em Macapá e Santana 10 famílias, sendo que elas representam 53,62% vindas do vizinho Estado do Pará; 13,83% do Interior do Amapá; 9,14% do Maranhão, 3,50% do Ceará e os demais do restante do Brasil. (LIMA, 1999).

O censo de 2010, por sua vez, nos mostra que como herança e em vista de novos projetos econômicos a migração apresenta a seguinte face, 51.000 migrantes vivendo no Amapá, 60% dos quais provenientes do Nordeste do Brasil e mais 60.000 amapaenses que migraram dentro do próprio estado, indicando um enorme deslocamento populacional mormente em direção a Macapá e ao seu entorno.

Depois de analisar essas componentes da dinâmica populacional passamos a uma descrição da composição da população amapaense, sempre seguindo o censo 2010. 221.655 amapaenses têm até 15 anos de idade, o que equivale a cerca de um terço da população total, o que demanda um grande investimento na infância e evidencia a alta taxa de natalidade do Estado. De outro lado, 410.138 amapaenses se encontram em idade produtiva, de modo que contribuem com a força de trabalho e aumentam a massa salarial exigindo do Estado políticas públicas de geração de emprego e renda. A população masculina e feminina representam 49,9% e 50,1% respectivamente. Em função da juventude da população, a expectativa de vida no Amapá (71,0 anos) é um pouco abaixo da média da região norte (72,2 anos), sendo de 67,2 anos para homens e 75,0 anos para as mulheres. Outra evidência da juventude da população do Amapá é que o Estado possui a menor idade média do País, 25,9 anos.

Quanto à distribuição da população segundo a religião os dados amostrais do censo 2010 apontaram uma população católica de 430.000 católicos e 188.000 evangélicos. Os dados ainda mostram 2.781 praticantes de espiritismo e 555 praticantes de umbanda e candomblé, números que podemos especular serem sub-representados diante dos tabus e preconceitos no Brasil e da pouca flexibilidade do questionário para incluir a prática concomitante de duas ou mais religiões; o múltiplo pertencimento só foi admitido para 1.991 pessoas, fato costumeiro no Brasil. Outro fato interessante é o de que entre as mulheres, o número de declarantes de qualquer das religiões sempre é maior ao dos homens reafirmando o papel primordial das mulheres na manutenção dos valores e ritos bem como na sua transmissão.

A distribuição da população segundo raça apresenta a seguinte composição: pretos e pardos somam 495.027 ou 73,96% da população total, os autodeclarados pretos passaram a 8,83% da população, um aumento de 30% em relação a PNAD de 2009 e de quase 100% em relação a 2005, reflexo direto das políticas de afirmação racial e seu efeito sobre o autorreconhecimento e a positividade do status que o preto pode assumir.

Não podemos deixar de citar o censo da população indígena que no Amapá compõe um universo de 7.500 habitantes, dos quais 6.500 habitam em terras indígenas, e dos quais 4.955 falavam suas línguas tradicionais distribuídos entre os povos Galibi-Maworno, Galibi, Karipuna, Palikur, Wajãpi, Waijana-Apalaí (Mutirão para a Amazônia).

Todos esses dados populacionais apontam para um Estado em processo de formação, recebendo sempre novos contingentes e com um a população jovem, o que incide diretamente sobre as questões de pertencimento e de identificação com o lugar em que se vive daí a importância de expressões culturais singulares como o Marabaixo e o Batuque na sedimentação do que significa ser um amapaense num contexto de grande deslocamento e mobilidade. Por outro lado, podemos nos perguntar como o Marabaixo, especificamente, atua na incorporação dos valores locais, na educação dos sentimentos, e ajuda a criar a ideia de ser amapaense em contraste com as outras proveniências que ali aportam.

Referências:

DRUMMOND, J. A., PEREIRA, M. A. P. O Amapá nos Tempos do Manganês: Um Estudo sobre o Desenvolvimento de um Estado Amazônico 1943-2000. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estado do Amapá. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>. Acesso em: 19 mar. 2013.

LIMA, Ricardo Ângelo Pereira. Imigrantes e Qualidade de Vida na Amazônia Setentrional Brasileira em Scripta Nova – Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidade de Barcelona. 1999. Nº 45(31). 1999. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-45-31.htm.>. Acesso em: 16 mar. 2013.

ODM-Brasil. Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. Brasil. Amapá. 2013. Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/odmbrasil/odm-nos-estados/amapa>. Acesso em: 16 mar. 2013.

Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD). IBGE. 2005. 2009. 2011.

Povos Indígenas do Amapá. Mutirão para a Amazônia. Disponível em: <http://www.mutiraoamazonia.org.br/pub/povosporregioes/Norte/amapa/povosamapa.htm>. Acesso: 16 mar. 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

6.2. QUALIDADE DE VIDA

A qualidade de vida da população amapaense é a melhor da Região Norte, o estado detém o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da região, 0,780 segundo o PNUD de 2006. Esse valor se constitui levando em conta a configuração descrita a seguir dos indicadores sociais no Estado. Esses dados são colhidos do Relatório Econômico do Bradesco para o Amapá baseado nos dados da PNAD de 2009. No Amapá, a esperança de vida é de 71 anos, conforme citado no item anterior. Neste Estado encontra-se a menor proporção de classe E na população (19,7% entre os Estados da Região Norte), e menor que a média nacional (20,1%), enquanto que as classes médias alcançam 56,9% da população. A concentração de renda também é uma das menores do país, na medida em que os 1% mais ricos ganham o equivalente à renda dos 12,5% mais pobres enquanto a média nacional se situava naquele ano em 18,7%, o que refletia num Índice de Gini de 0,519, semelhante ao de Minas Gerais, donde se vê o contraste da riqueza entre ambos que aponta para a efetividade das políticas públicas amapaenses de redução de pobreza e geração de renda. A incidência de pobreza, segundo dados do IBGE, de 2003, atingia 39,62% da população amapaense, e reduziu-se em 43% até 2009, conforme dados da PNAD. Na falta de dados contemporâneos, podemos inferir que ela tenha caído ainda mais, uma vez que o Índice de Gini reduziu-se a 0,468 em 2011, colocando o Amapá como um dos 10 estados com menor desigualdade de renda.

Passemos ao panorama traçado pelo IBGE nos anos posteriores aos dados mostrados acima. Em 2010, 69.016 lares dos 156.284 contabilizados no Amapá, eram chefiados por mulheres, dos quais 62,4% tinham mulheres como única responsável pelo sustento familiar, dado que influi na distribuição e manutenção da pobreza sabendo-se de antemão da menor renda média entre as mulheres em relação aos homens (elas ganham no Amapá quase 20% a menos que os homens), bem como da jornada dupla que a maioria desempenha. Por outro lado, analisando as características dos domicílios, vemos que apenas 13,1 % deles no Amapá possuem saneamento adequado o que interfere negativamente nos dados de saúde pública e mortalidade infantil, por exemplo. Esse quadro se agrava quando adicionamos os dados da PNAD 2011 que nos informam que 17,7% das crianças de 0-5 anos de idade viviam em 2010 em lares cujo responsável era analfabeto, o que, no entanto, representa um significativo avanço ante o ano 2000, quando esse número era de 25,7%. Outros dados que incidem sobre a qualidade de vida da população são: a proporção de domicílios sem água encanada é de 14.4%, apenas 4,7% deles são atendidos por rede coletora de esgoto, 45,5% não possuem fossas sépticas e 13% não são atendidos pela coleta de lixo. Além disso, 27% dos lares não possuem filtro de água, enquanto que em 94,7% deles existe ao menos uma televisão, e 24% possuíam computador com acesso à internet. 88,9% dos amapaenses possuem telefone, dos quais 73,2 % só possuíam celular.

As características urbanísticas do entorno dos domicílios também fornecem indícios para a qualidade de vida local. Pelo censo de 2010, sabemos que em 49.761 domicílios não existe identificação de logradouro; 26.091 domicílios não contam com pavimentação; para 47.265 lares não existem calçadas e em 55.238 não têm meio-fio ou guia. Esses dados afetam a vida de cerca 159.000 habitantes com alguma deficiência física. Os cadeirantes em específico encontram imensa dificuldade de locomoção já que 67.000 lares não possuem rampas. Por outro lado, a falta de bocas de lobo e bueiros que atendam 54.927 domicílios implica em transtornos sérios se pensarmos na alta pluviosidade local e a ausência de redes coletoras pluviais separadas da rede de esgoto, já que em mais da metade dos domicílios o esgoto corre a céu aberto e para 14.589 lares existe lixo acumulado nas ruas. A arborização é insipiente atingindo apenas 1/3 dos domicílios. Esse rápido panorama dos domicílios aponta que quase metade dos habitantes do Amapá sofre de algum tipo de carência em relação aos serviços públicos e enfrentam alguma dificuldade nos seus deslocamentos diários, bem como estão sob o risco de infecção e epidemias. A evidência disso pode ser verificada através dos óbitos, 10% dos quais em 2010 ocorreram por doenças infecciosas e parasitárias. A mortalidade infantil, apesar de queda acentuada de mais 20% desde 2000, chegando em 19,0 óbitos/1000 nascimentos (segundo dados do Serviço de Arquivo Médico e Estatística – SAME (Agência Amapá, 29/12/ 2012). A questão da segurança alimentar também é delicada. No Amapá, cerca de 45,5% dos domicílios convivem com alguma insegurança alimentar (PNAD 2009), risco esse que aumenta para as populações jovens, nos lares com pelo menos um dos moradores com menos de 18 anos a insegurança sobe para 50,1%. Por fim ressaltamos a taxa de homicídios no Amapá que apresenta uma estrutura que pode ser dividida em dois períodos. Um primeiro período de 1980 a 1995 com o crescimento exponencial da violência passa de uma taxa de 6,0 mortes por 100.000 em 1980 para 40 mortes por 100.000, um crescimento de quase 7 vezes (crescimento de 13% ao ano), em comparação coma taxa nacional que cresce 2,5 vezes (4 % ao ano). E um segundo período que vem desde 1995, com taxas em declínio de 1% ao ano, chegando a 43 mortes por 100.000 em 2010, enquanto a taxa nacional continua crescendo nesse período 0,6% ao ano. A queda da violência na capital Macapá é anulada em parte pela ascensão das mortes violentas no interior do Estado que crescem nesse período 7,5% ao ano. (WAISELFISZ, 2011).

Assim, podemos observar a relevância que têm as políticas sociais na redução deste quadro dramático e que cuja ausência transformaria o quadro em catastrófico. Os dados vistos apenas das situações congeladas do tempo não

dariam conta da dinâmica complexa de transformação que se opera no Amapá como no caso da redução do analfabetismo e das políticas de geração de emprego e renda que iremos tratar nos dois tópicos seguintes. De forma que o texto prossegue com algumas iniciativas que vêm melhorando de forma sensível a qualidade de vida no Amapá.

Citamos em primeiro lugar o Projeto "Parteiras Tradicionais do Amapá" iniciado, em 1995, pela Coordenadoria de Articulação com a Sociedade Civil Organizada, órgão vinculado ao governo estadual. Esse projeto foi uma iniciativa de formação de consciência de cidadania, "voltada para o regate e regularização da prática de realizar partos no estilo tradicional" e resultou no conhecimento de 200 parteiras em todas as regiões do Estado. Estas parteiras foram reconhecidas em sua profissão, participaram de cursos de capacitação com certificados, receberam kits com instrumentos e materiais para o trabalho e um salário mensal. Assim surgiu a rede "Mãe Luzia" congregando essas mulheres que tinha parceria com o poder público, ONGs e o UNICEF. Esse programa é hoje internacionalmente conhecido, a ponto de reunir em congresso internacional parteiras de várias regiões do mundo. A "arte de Partejar" incluiu mulheres dos 20 aos 89 anos que muitas vezes constituem a única alternativa de assistência ao parto, o sucesso do projeto fez do Amapá o estado brasileiro com maior número de partos naturais e a incidência de cesarianas menor que 15% conforme as recomendações da OMS, melhorando significativamente a sobrevivência de mães e filhos. (SILVA, 1999). Através da Secretaria da Inclusão e Mobilização Social, segundo o site do próprio órgão, o governo do Amapá pretende "*formular, planejar, coordenar e executar as políticas de assistência e de proteção social, bem como desenvolver e fortalecer as organizações sociais, visando assegurar os direitos das pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social*" (Secretaria da Inclusão e Mobilização Social, 2013). As ações estão voltadas para as seguintes áreas de atuação:

> Atendimento às populações excluídas e em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social por meio de ações de redistribuição de renda, concessão de benefícios eventuais e aos programas voltados à segurança alimentar e nutricional; ações técnicas na área de proteção social garantindo a assistência ao idoso, à criança e ao adolescente, pessoas com deficiência em situação de vulnerabilidade e de risco pessoal e social, ao migrante e à mulher vitima de violência doméstica; a integração das ações entre Órgãos Governamentais, Entidades representativas da sociedade civil e Municípios, visando à promoção da cidadania e a municipalização das ações, serviços, programas e projetos de assistência social; o fortalecimento das organizações sociais do Estado do Amapá. (Secretaria da Inclusão e Mobilização Social, 2013).

Constituída como estratégia para cumprimento do Plano Plurianual 2004/2007, as ações deste órgão compreendem os seguintes instrumentos: Atenção ao idoso; Cidadania da criança e do adolescente; Igualdade de oportunidades para as pessoas portadoras de deficiência; Desenvolvimento social dos povos indígenas; Gestão do fluxo migratório no Estado do Amapá; Água e Luz para Viver Melhor; Bolsa Família Cidadã; Gestão da Política de Assistência Social; Desenvolvimento social da mulher; Fortalecimento da democracia participativa e o Desenvolvimento social para afrodescendentes.

No caso dos afrodescendentes, indicamos o papel da Secretaria extraordinária de políticas afrodescendentes do Amapá (Seafro), uma das primeiras, criada pelo decreto 1441 que culminou com a Lei 0811/04, no desenvolvimento de atividades afirmativas em mais de 70 comunidades quilombolas e tradicionais, atuando firmemente no mapeamento dos grupos do Marabaixo e no apoio à realização de seus ritos, como a criação em 2012 de um evento, que pode ser considerado uma ação afirmativa, o "Cortejo da Murta" (esse evento é distinto do cortejo da murta, ritual tradicional do ciclo do Marabaixo, em que os ramos colhidos que irão enfeitar os mastros são levados em cortejo à igreja, que durante longos anos foi fechada à recepção dos marabaixeiros. A confusão de nomes parece ter o desejo político de conferir tradicionalidade ao evento recente) e a realização do "Encontro de Tambores", que reúne os grupos de Marabaixo e Batuque do Estado. Citamos também a União dos Negros do Amapá, fundada no dia 25 de novembro de 1986, primeira entidade estadual a congregar os afrodescendentes e suas diversas manifestações culturais, culminando na comemoração da semana da consciência negra que acontece todos os anos entre 16 e 25 de novembro, quando uma série de atividades e apresentações ocorrem. Dentre essas, a Missa dos Quilombos, o concurso da mais bela negra, bem como o Encontro dos Tambores que em parceria com a Seafro reúne as diversas formas de expressão do Amapá, os marabaixos, os batuques e os sahirés. Em 2008, a UNA levou o Marabaixo aos bairros, organizando apresentações de fim de semana que buscavam familiarizar a população, em boa parte migrantes recentes de outros estados, com essa celebração disseminada.

Assim são alinhados programas federais e estaduais que resultam no ataque coordenado às principais vicissitudes alistadas pelos indicadores sociais acima. É importante ressaltar que essas ações não correm alheias ao plano cultural, pois contam com a participação ativa da Secretaria de Cultura do Amapá (Secult) com o seu Projeto Identidade-Amapá Cultural, que cadastra as manifestações artísticos culturais para "*implementar políticas que se ampliem e permaneçam no tempo, como dotação orçamentária específica, que possibilita justamente a organização dos artistas em torno de seus projetos artísticos*". (AMAPÁ, 2013). Esse projeto iniciado em 1995 levou a formalização do Ciclo do Marabaixo em Macapá, bem como deram surgimento a grupos antes esparsos que vêm se institucionalizando, adquirindo formas

mais centralizadas e com representação jurídica de modo a pleitearem a ajuda estatal por meio de projetos e orçamentos. A Secult afirma dispor de até R$ 40.000,00 para cada grupo e através dela os grupos podem vir de todo o estado para o Encontro dos Tambores, bem como a maioria das festas de santos nos municípios recebem auxilio monetário na sua execução.

Citamos ainda, a Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular, que atua no registro de cantos e danças tradicionais através de pesquisas etnográficas e registros audiovisuais que vão formando um grande acervo documental na Biblioteca Pública Estadual, que tem uma sala reservada para tal, batizada com o nome de Dona Josefa Lau, mestre da cultura por seu saber e longa história de envolvimento com o Marabaixo nas comunidades de Igarapé do Lago e Mazagão Velho.

Referências:

Ciclo do Marabaixo: Seafro e órgãos parceiros planejam o segundo “Cortejo da Murta”. Agência Amapá. 05/03/2013. Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/33004/>. Acesso em: 18 mar. 2013.

Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos (DEPEC – Bradesco). Amapá. 2013. Disponível em: <http://www.economiaemdia.com.br/static_files/EconomiaEmDia/Arquivos/infreg_AP.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estado do Amapá. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>. Acesso em: 16 mar. 2013.

Investimento no Hospital da Criança reduz índices de mortalidade infantil. Agência Amapá. 29/12/1012. Disponível em: <http://agenciaamapa.com.br/noticia/32288/>. Acesso em: 18 mar. 2013.

Pesquisa Nacional por Amostragem de Domícilios (PNAD). IBGE. 2005. 2009. 2011.

WAISELFISZ, J.J. Mapa da Violência 2011, Os jovens do Brasil. Instituto Sangari; Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/mapa-da-violencia-2011-2013-resumo-executivo;>. Acesso em: 18 mar. 2013.

Secretaria da Inclusão e Mobilização Social do Amapá (SIMS). Disponível em: <http://www.sims.ap.gov.br/lista.php?dom=13&cont=16>. Acesso em: 18 mar. 2013.

SILVA, I.A. Parteiras Tradicionais do Amapá em FUJIWARA, L.M.; ALESSIO, L.N ; FARAH, M. F.S. (orgs.). 20 Experiências de Gestão Pública. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas (FGV). 1999.

Projeto Identidade Cultural. Secretaria de Cultura do Amapá (Secult). Disponível em: <http://www.secult.ap.gov.br/identidade/,>. Acesso em: 18 mar. 2013.

6.3. TRABALHO E RENDA FAMILIAR

Para entender a dinâmica do trabalho e da renda familiar no Amapá é preciso que antes se faça uma caracterização da vida econômica do Estado. A economia amapaense é fortemente marcada pelo extrativismo, seja vegetal ou mineral. No primeiro caso, destacam-se as madeiras, o palmito e a castanha do Brasil (também conhecida como castanha do Pará). No âmbito mineral, as jazidas de manganês, caulim, granito e ouro constituem a principal indústria. Pode-se citar a produção de arroz e mandioca, bem como a criação de bovinos e bufalinos como atividades que marcam a paisagem socioeconômica, bem como a o comércio e os serviços públicos responsáveis pela maior parte dos empregos e pela maior parte da massa salarial que faz a economia local circular.

O Departamento de Pesquisas econômicas do Bradesco fez em 2013 um levantamento importante dos principais indicadores deste Estado. Apresentamos abaixo dados compilados desse relatório, que (BRADESCO, 2013) referenciado pela PNAD, nos diz que o PIB do Estado em 2010 alcançou R$ 8,2 bilhões dos quais US$ 447,24 milhões foram devidos à exportação em face de importações da ordem de US$ 120 milhões, o que indica o efeito global do extrativismo. Contudo, esses números revelam uma face da renda local, uma vez que se tomados em proporção à população e ao PIB brasileiros, descobrimos que enquanto a população amapaense representa 0,35% da população total do país, sua economia não é mais que 0,2% do PIB nacional. Dados do PIB per capita, que no Amapá em 2012, ficou em R$ 13.484,00 (16º entre os Estados) sugerem, contudo, uma situação de renda que apesar de baixa (menor que a renda nacional em 2010 que era de R$ 19.766,00), é melhor do que a de estados mais ricos como a Bahia e o Pernambuco e que, quando cruzada com o Índice de Gini local, citado acima, sugerem uma distribuição de renda melhor que a média dos Estados (o fato de ter uma classe E proporcionalmente menor que o país testemunha isso, no período 2004-2009, ela diminuiu 36%). Dados da última década, no período 2002-2012, indicam que, enquanto o PIB brasileiro cresceu 34%, o PIB amapaense teve aumento de 57%, indicando um maior dinamismo da economia local, bem como um testemunho da descentralização das ações econômicas no País.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

Uma informação interessante a propósito da composição da economia amapaense é que a administração, a saúde e a educação pública consomem 48% do PIB local, enquanto no Brasil essa relação é três vezes menor, se situando em torno dos 16%. Isso tanto pode nos dizer de um investimento mais maciço na redução da pobreza e na geração de renda como do fato de que, na carência de alternativas econômicas, o Estado se tornou inchado e acabou por prover o sustento direto de quase metade da população. As duas hipóteses são plausíveis por paradoxais que sejam, uma vez que podem ser rastreados inúmeros programas locais de transferência de renda (evidência disso é o aumento entre 2004-2009 de 21% das classes A, B e C) bem como o fato de ser um Estado recente em que a estrutura da administração incorpora grande parte da mão de obra num contexto de população escassa, inclusive importando gente para trabalhar nos serviços públicos. 32% da população do Amapá ainda vivem abaixo da linha da pobreza.

Outro número relevante é a recente explosão do mercado imobiliário que só em 2010 cresceu 63%, assim como as atividades extrativas que cresceram acima de 20%, esse ambiente de especulação, no entanto, mascara o fato de no mesmo ano os gastos com os serviços básicos de energia, água, esgoto e limpeza caíram 2%, revelando um crescimento desordenado e uma situação urbana ainda mais caótica conforme o quadro traçado no tópico acima. A queda de 12% nos serviços de informação também deixa à mostra a precariedade dos serviços e do acesso à informação, item básico da democracia.

Passemos a um olhar mais estrito ao trabalho no Amapá, que tinha em 2010, uma população economicamente ativa de 295.957 habitantes, dos quais, em 2011, 235.000 achavam-se empregados, 44,2% destes tinham carteira assinada. O salário médio era de R$ 1.287,00. De janeiro de 2003 a janeiro de 2013, o emprego com carteira assinada cresceu 22,4% e o salário real cresceu 140%. Dos com carteira assinada, 43,9% trabalhavam para a Administração pública confirmando nossa hipótese acima do inchaço do setor público. Outra evidência disso é o salário médio destes trabalhadores da administração pública que se situa em torno de R$ 3.303,00 enquanto que no Brasil esse valor estava em R$ 2.580,00 no ano de 2011. A transformação industrial que gerou receita bruta em 2011 de R$ 467 milhões teve como contrapartida um comércio vigoroso que valia em 2011 R$ 1,8 bilhões. No campo das exportações, em dez anos terminados em 2012, os valores cresceram mais de 12 vezes no Amapá, donde podemos inferir o boom imobiliário citado anteriormente como efeito destes capitais acumulados da mesma maneira que a diversificação dos serviços dentre os quais podemos citar as celebrações que captando uma parte deste fluxo aumentam o status dos praticantes e das comunidades.

Analisando os dados do IBGE, vemos uma face menos comemorativa do perfil do trabalho no Amapá para 2010. Mais de 1/3 da população economicamente ativa possui estudo fundamental incompleto e são alijadas de salários maiores e da ascensão social. Nesse mesmo grupo, não ativos somam 149.000 habitantes, indicando o número de idosos com pouca instrução, bem como o maior desemprego nesse recorte da população. Por outro lado, temos 73.000 pessoas entre 10-14 anos trabalhando, 4.236 das quais entre 10-13 anos de idade. Enquanto 13.456 homens responsáveis pelo lar eram desempregados ou aposentados, entre as mulheres esse número sobe para 25.577, revelando a condição de vida mais precária das famílias que dependem das mulheres para seu sustento. O maior empregador fora a administração pública é o comércio que alimentava uma força de trabalho da ordem de 49.302 empregados. A área de cultura, por sua vez, emprega 1924 pessoas, quase ¾ sendo homens. 75.125 trabalhadores empenhavam mais de 44 horas semanais nos seus empregos. Havia ainda 19.135 empregados domésticos em 2010, dos quais podemos supor uma ampla maioria feminina. Nessa classe, apenas 1/6 tinha a carteira assinada e apenas 3% contribuíam para a Previdência social. No universo do trabalho amapaense, apenas 3.075 eram empregadores, indicando a concentração do capital e a dificuldade de abrir o próprio negócio.

Assim é que 15,87% dos domicílios viviam com até 1 salário mínimo e 6,2% não tinham nenhuma fonte de renda em 2010. No meio rural a situação é ainda mais precária já que lá, o rendimento médio dos domicílios era de 323 reais ao mês, menos da metade do valor no meio urbano. Estes valores contrastam fortemente com as despesas médias por família que alcançam o valor mensal de R$ 2.544,64, para o biênio 2008-2009 e mesmo com o gasto mensal médio com alimentação, que era de R$ 458,23 para o mesmo período.

Esses dados mostram a necessidade de políticas públicas voltadas para a empregabilidade e para o aumento de renda passando pela educação e pela capacitação dos trabalhadores. Deste modo, passamos a considerar algumas das medidas anunciadas pelo governo do Amapá para atacar essa questão.

O artigo de Irenildo Costa da Silva e Roni Mayer Lomba, “Aspectos da Importância da Agricultura Familiar no Estado do Amapá”, mostra de maneira simples e direta a relação da agricultura familiar com a geração de emprego e renda para as famílias, bem como enumera os principais programas de governo no Amapá que tratam dessa questão. Escrito em 2006 e publicado nos Anais Eletrônicos do VIIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica do CESUMAR – Centro Universitário de Maringá e pela Editora do CESUMAR, destacamos a seguinte citação:

> A agricultura familiar no Amapá está basicamente concentrada na produção de grãos e pecuária. Na produção de grãos destaca-se a cultura do arroz, feijão-fradinho, mandioca, milho em grão, café arábica em grão e café canephora em grão. A mandioca [...] é a maior produção da agricultura familiar, sendo esta responsável por produzir 88,83% da farinha oriunda dos estabelecimentos agropecuários do

> Amapá [...] Em relação à produção de leite, os estabelecimentos familiares são responsáveis por produzir 532.040 litros de um total de 973.641 litros, o que significa que este setor é responsável pela produção de 54,64% do leite de vaca produzido nos estabelecimentos agropecuários do estado [...] 50,15% da produção de aves oriundas dos estabelecimentos agropecuários; na produção de ovos de galinha a quantidade produzida corresponde 53,38% da produção dos estabelecimentos agropecuários. [...] No que se refere à produção de suínos, os estabelecimentos da agricultura familiar apresentam maior produção, onde estes estabelecimentos são responsáveis por manter 8.608 cabeças de um total de 14.537, representando um percentual de 59,61% da produção de suínos advindos dos estabelecimentos agropecuários do estado (IBGE, 2006) [...] centrada na promoção da segurança alimentar 79,19% do Pessoal Ocupado nos estabelecimentos agropecuários estão nos estabelecimentos caracterizados de agricultura familiar (IBGE, 2006). [Assim, a agricultura familiar contribui para a] minimização do êxodo rural. [O estado oferece políticas tais como]: o Programa de Produção Integrada (PPI), desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado (SDR), que tem o objetivo deestabelecer e consolidar um modelo de produção agrícola para o estado do Amapá, pautado no tripé da sustentabilidade, envolvendo a questão social, econômica e ambiental. A agricultura familiar no estado é beneficiada com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que é executado pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural (SDR) em parceria com a Secretaria de Estado de Inclusão e Mobilização Social (SIMS) e Instituto do Desenvolvimento Rural do Estado do Amapá (RURAP). A agricultura familiar ainda é contemplada com apoios de acesso ao crédito/financiamento, tendo como fonte de obtenção de recursos, o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), o FNO (Fundo Constitucional de Financiamento do Norte) e o FRAP (Fundo de Desenvolvimento Rural do Amapá). (SILVA; LOMBA, 2011).

A agência de notícias do Amapá refere-se ainda ao

> Programa de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (Pais), que é um sistema integrado e uma alternativa de trabalho, renda e melhoria da qualidade de vida para a agricultura familiar que dispensa o uso de agrotóxicos. Objetiva a segurança alimentar da família, prevenção de queimadas e desmatamentos, preserva a qualidade do solo e das fontes de água, alia a criação de animais com a produção vegetal, estimula a agricultura orgânica, reduz a dependência de insumos alheios à propriedade, apoia o correto manejo dos recursos naturais, incentiva à diversificação da produção e evita o desperdício de alimento, água, energia e tempo do produtor. A parceria prevê a capacitação de técnicos e agricultores familiares, apoio à organização social dos produtores, compra de veículos, equipamentos e divulgação do programa. Ele explicou que o Pais será implementados em sete comunidades de seis municípios, que são Macapá, Santana, Mazagão, Tartarugalzinho, Pracuúba e Amapá. A ação beneficiará diretamente 106 famílias de agricultores e indiretamente 1.060 famílias. (A Gazeta, 07/07/2013).

Em outro front, o do combate à pobreza extrema, podemos citar o Programa Renda para Viver Melhor. A ação amplia o benefício de R$ 272,50 para R$ 311,00. O acréscimo prevê a melhoria da condição de vida das famílias em vulnerabilidade social. Ao todo, o programa atende 17.936 mulheres, sendo 1.270 parteiras, em todo o Estado (AMAPÁ, 2013). E para a grande massa de jovens que afluem ao mercado de trabalho a cada ano, em vista da juventude da população e ao alto crescimento vegetativo, incluímos no rol das políticas públicas para a melhoria de renda o Programa Amapá Jovem, que visa à qualificação profissional, estímulo ao empreendedorismo (com capacitação, financiamento e orientação técnica), inserção inicial no mercado de trabalho, intermediação de mão de obra, estágio remunerado e estágio curricular, além de atividades que acontecem nos bairros, em polos credenciados pelo programa, onde acontecem atividades socioeducativas, culturais e esportivas, sempre no contra turno escolar, como forma de complementação e ocupação do tempo livre. Haverá monitores, instrutores e oficineiros para facilitar a execução das atividades. O programa oferecerá: 80 polos de apoio do Programa; mais de 600 oficinas culturais focadas na difusão do Marabaixo, Hip-Hop, Capoeira, Dança de Salão, Carnaval, Teatro, Música, entre outros; 320 núcleos de atividades esportivas como futebol de campo e areia, futsal, fut-lama, vôlei de quadra e areia, basquete, atletismo, esportes radicais, entre outros; 160 Projetos Comunitários voltados para o fortalecimento da comunidade e da responsabilidade social; mais de mil palestras com temas diversificados como: educação ambiental, saúde, segurança publica, trânsito. (Programa Amapá Jovem, 2013).

Referências:

Agricultores terão incentivo do Programa de Produção Integrada e Sustentável. A Gazeta. 07/07/2013. Disponível em : <http://www.jornalagazetaap.com/portal/?p=2&i=9419&t=Agricultores_ter%C3%A3o_incentivo_do_Programa_de_Produ%C3%A7%C3%A3o_Integrada_e_Sustent%C3%A1vel>. Acesso em 18 mar. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estado do Amapá. Disponível em:

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>. Acesso em: 16 mar. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censos de 2010. 2000. 1991. 1980.1970.

Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD). IBGE. 2005. 2009. 2011.

SILVA, I.C.; LOMBA, R.M. Aspectos da Importância da Agricultura Familiar no Estado do Amapá. Anais Eletrônicos do VIIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR). 2011.

Programa Amapá Jovem. Governo do Amapá. Disponível em: <http://www.amapajovem.ap.gov.br/acoessejuv.htm>. Acesso em: 18 mar. 2013.

6.4. EDUCAÇÃO

A propósito da educação, o Amapá tinha, em 2010, 96.195 habitantes não alfabetizados correspondentes a 14,3% da população total. Em números absolutos a população não alfabetizada é 9,3% menor que de uma década atrás, em números relativos à redução de não alfabetizados foi da ordem de 35%. Esse avanço é o principal contribuinte para o aumento do IDH do Estado, bem como da redução da pobreza e do índice de desigualdade. Esse valor tende a ser maior entre os habitantes do meio rural e atinge principalmente as classes de renda mais baixas, atingindo seriamente os praticantes do Marabaixo, que se incluem dentro dessas classificações conforme observado em campo.

Na outra ponta, os com nível de instrução superior, 36.636 habitantes, em 2010, somam 5,5% da população e mostram a carência de profissionais especializados na maioria das áreas, notadamente na administração pública e na saúde, de modo que grande parte dos migrantes que chegam ao estado vão ocupar esses cargos com salários mais altos que a média nacional conforme mostrado no tópico anterior. Outro efeito dessa baixa qualificação, na qual a amostra do censo não contabiliza os técnicos, no caso na cultura é ainda mais perniciosa, uma vez que apenas 158 profissionais das ciências humanas e outros que trabalham com estudos culturais não podem dar conta da infinidade de demandas sociais e da diversidade de bens culturais a serem registrados, determinando a evasão das rendas na convocação de profissionais de outros estados para o exercício dessas atribuições bem como o custo do deslocamento que limita os esforços para atingir os pontos mais isolados e fronteiriços do Amapá.

Para destacar a importância da melhoria dos índices educacionais no Amapá, destacamos os 34.000 habitantes frequentando a Educação de Jovens Adultos que correspondiam a 8,1% da população com 15 anos ou mais em 2010. 53% destes estavam retomando estudos. 18,7% acreditavam que esse era o meio para conseguir diplomas ou melhorar as oportunidades de trabalho. 22,4% estavam ali para aprender a ler e a escrever. Dentre os que estavam cursando qualificação profissional, 22,7% cursavam cursos técnicos. Esses dados apontam para um aumento de renda da população como um todo nos anos subsequentes à formação, uma vez que estes melhorarão o perfil sócioeducacional do Estado.

36.839 crianças entre 0-6 anos de idade frequentavam escolas ou creches enquanto 59.261 crianças da mesma faixa nunca estiveram numa creche; lembramos que nesse caso, os números são decrescentes, á medida que as crianças crescem e o número de crianças de 6 anos fora da creche ou da escola é 12 vezes menor que o das que tem acesso a tal serviço, mostrando que o déficit é de cerca de 8% nas vagas das creches. Lembramos a propósito do Marabaixo, seu caráter formativo e de educação cultural, uma vez que o processo de iniciação na maioria das vezes abarca as crianças dessa faixa etária e incute nelas o saber e o desejo pela continuação desse saber de modo que garante-se assim a perpetuação e o exercício contínuo dessa manifestação cultural.

Do total de 256.593 estudantes, o ensino público atende a 83,3%, considerando-se todos os níveis de ensino. Contudo, essa situação inverte-se se considerarmos apenas os estudantes de curso superior, neste caso, os estudantes da rede privada são 70,5% do total.

Enquanto na população total, o número de brancos não chega a ser o dobro do de negros, em termos educacionais a situação revela a dívida social para com os negros. O número de brancos com curso superior completo é 4 vezes maior que o de negros. É válido ressaltar que do Marabaixo participam pessoas mais pobres e menos instruídas, mas por outro lado a população atrai grande parte dos negros com formação superior que veem na sua prática uma forma de reforço positivo de sua origem e tradição, de modo que muitos se aproximam dele como forma de justiça social para as pessoas de sua classe, bem como forma de reafirmação na sociedade.

De forma mais geral, a situação de pobreza no Estado é mantida pela condição de educação do chefe de família. Assim, dos 142.000 domicílios com pessoas com mais de 25 anos como responsáveis, 63.000 tem seus responsáveis com nível fundamental incompleto. No entanto, como a educação é considerada um valor por excelência, grande parte dessas famílias investe para que pelo menos um dos filhos atinja uma formação melhor do que a de seus antecedentes que assim podem atrair os outros irmãos e melhorar a condição de vida da família como um todo.

Referências:

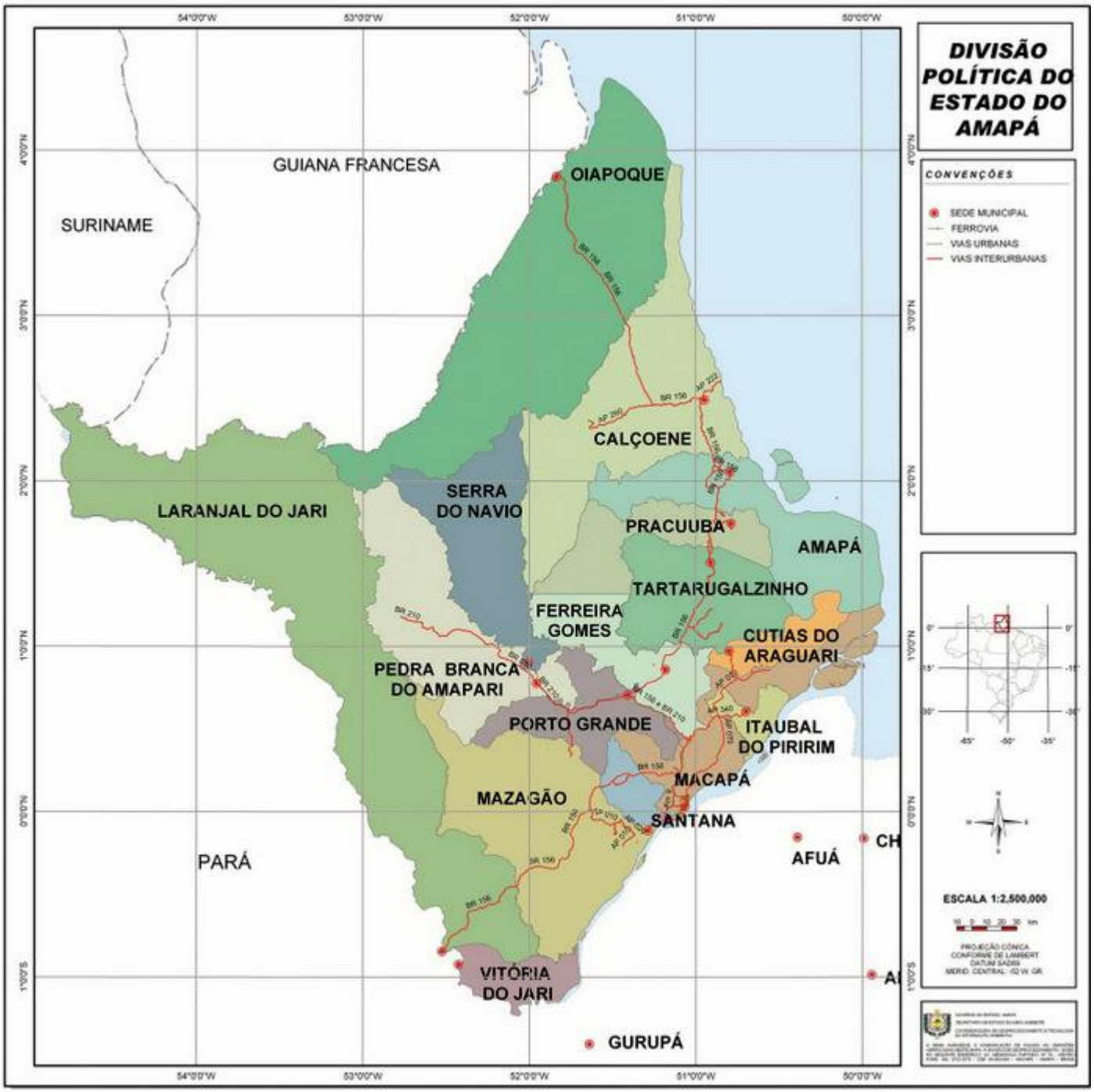
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estado do Amapá. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>. Acesso em: 16 mar. 2013.

7. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

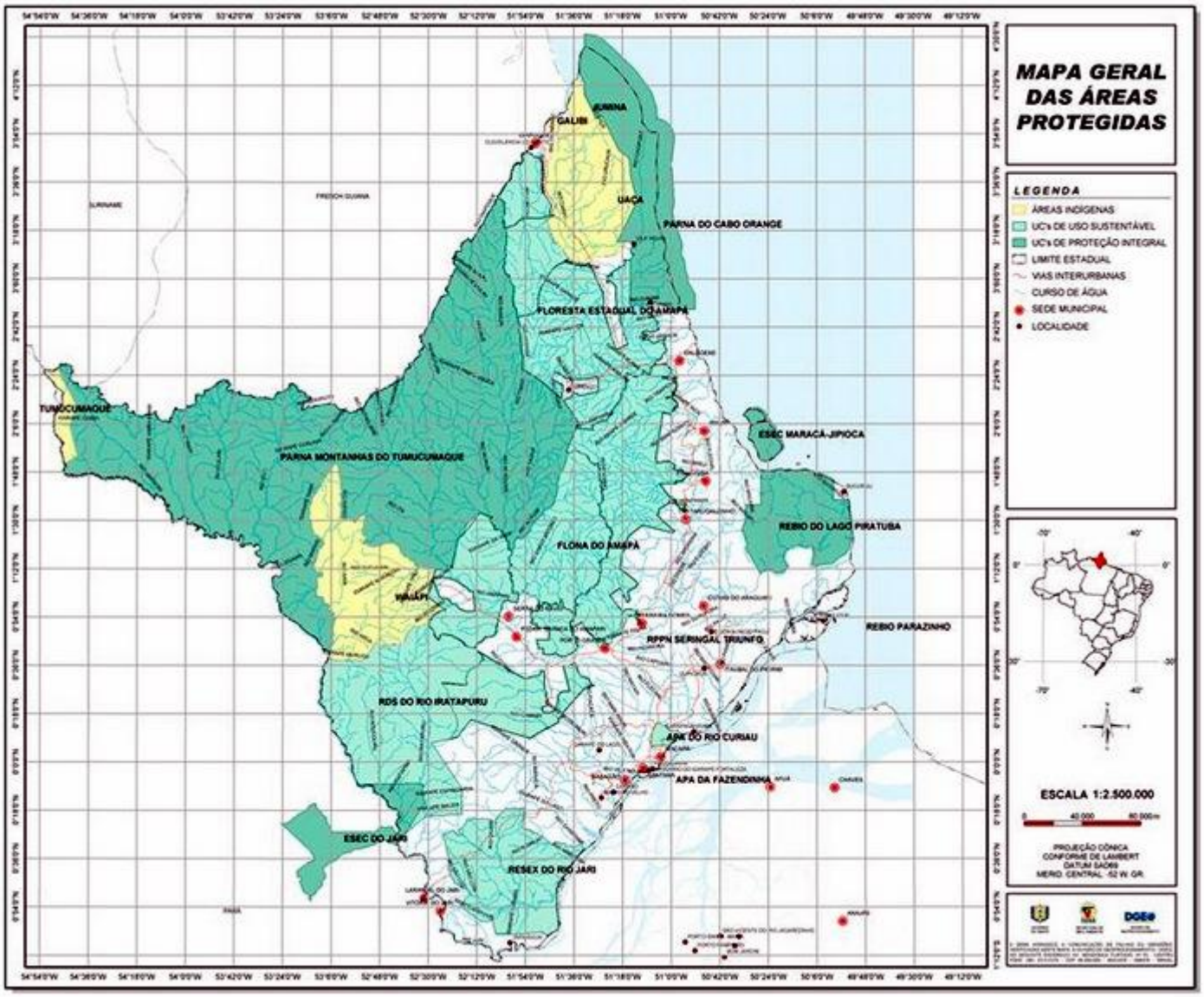
O Amapá no Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amapa_in_Brazil.svg>. Acesso em: 03 abr. 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--



Divisão política do estado do Amapá. Fonte: Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amapá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--



Áreas protegidas do estado do Amapá. Fonte: Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Amapá.

8. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

Legislação Cultural

A legislação referente ao Marabaixo visa proteger e promover o bem cultural. No âmbito estadual existe a lei nº 0845, de 13 de julho de 2004 que "Cria e insere no calendário cultural o Ciclo do Marabaixo e Batuque". O artigo 2º dessa lei define que "O Ciclo terá início no sábado de aleluia (semana santa do calendário cristão) e se estenderá até a primeira quinzena do mês de junho, período dedicado ao Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade".

A lei nº 1263, de 02 de outubro de 2008, "Considera bem histórico e cultural do Estado do Amapá, para fins de tombamento de natureza imaterial, a manifestação folclórica do Marabaixo, que ocorre no Estado do Amapá". O artigo 2º da referida lei ainda acrescenta que "Em razão do presente tombamento, o Poder Público promoverá e protegerá as características atuais da manifestação folclórica do Marabaixo nos termos do artigo 292 da Constituição do Estado do Amapá". Esse artigo da Constituição define que "O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes de cultura nacional, estadual e municipal, protegendo, apoiando e incentivando a valorização e difusão das manifestações culturais".

Além disso, a Assembleia Legislativa do Amapá também votou e aprovou a lei nº 1521, de 29 de janeiro de 2010, que

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: SÍTIO	--	--	--	--	F10	--

"Declara o dia 16 de junho, Dia Estadual do Marabaixo Amapaense, como data comemorativa no âmbito do Estado do Amapá e dá outras providências".

A Legislação Ambiental é muito extensa, tendo em vista que o Amapá é um dos estados mais bem protegidos ambientalmente no país.

Os decretos federais determinam os espaços relativos à Proteção Integral e o Uso Sustentável. Sendo eles: Parque Nacional do Parque Orange (decreto 84.913, 15/07/1980); Reserva Biológica do Lago Piratuba (decreto 84.914, 16/07/1980 e decreto 89.932, 10/07/1984); Estação Ecológica Maracá-Jipioca (decreto 86.061, 02/06/1981); Estação Ecológica do Jari (decreto 87.092, 12/04/1982 e 89.440, 13/03/1984); Floresta Nacional do Amapá (decreto 97.630, 10/04/1989); Reserva Extrativista do Rio Cajari (decreto 99.145, 12/03/1990 e decreto s/n, 30/09/1997); Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque (decreto s/n, 22/08/2002).

Existe também a legislação estadual: Área de Proteção Ambiental da Fazendinha (decreto territorial 20/84, 14/12/1984); Reserva Biológica do Parazinho (decreto territorial 5, 21/01/1985); Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Iratapuru (Lei 392, 11/12/1997); Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú (Lei 431, 15/09/1998); Floresta Estadual do Amapá (Lei 1028, 12/07/2006).

E por fim, os decretos municipais que se referem: ao Parque Natural Municipal do Canção (Decreto 085, 14/11/2007); e a Reserva Extrativista Beija-Flor Brilho do Fogo (Decreto 139, 19/11/2007).

Referências:

Assembleia Legislativa do Estado do Amapá. Disponível em: <http://www.al.ap.gov.br/>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Unidades de Conservação do Estado do Amapá. Macapá: Tramas Ecodesign, 2011. 66 p.

9. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

9.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

Em relação ao Marabaixo e aos dados demográficos apresentados acima, ressaltamos de modo preliminar que apesar do apoio à realização das festas que o governo do Amapá anuncia e pratica, as condições de exercício dessa prática tradicional estão, também, ligadas às questões de acesso aos serviços públicos e à qualidade de vida. Lembramos que o Marabaixo enquanto saber que organiza a população em torno de uma forma de expressão e cria grupos de fortes laços solidários, muitas vezes marcada pelo parentesco, está na condição de ser um dos vetores para a implementação de benesses sociais mais amplas.

Assim, fatores que parecem alheios à prática são fundamentais no seu decurso como, por exemplo, o acesso a estradas melhores que favoreçam o contato e a visitação entre os grupos, que por sua vez implicam em acesso a melhores serviços de comunicação e saúde. Apontamos para as precárias condições dos domicílios, para a pequena abrangência dos serviços de água e esgoto como fundamentais para a melhoria da qualidade de vida das comunidades praticantes do Marabaixo, muitas das quais em estado de isolamento forçado pelo pequeno fluxo de moeda em tais localidades, pela baixa escolaridade que dificulta a compreensão dos direitos e dos meios de exigir uma maior valorização das práticas tradicionais nos elementos que a ultrapassam como simples evento.

Destacamos como ponto positivo a recente melhoria de todos os indicadores sociais do estado, bem como o incentivo à consciência do Marabaixo como prática valorizada e parte do repertório de práticas culturais singulares do Amapá através do recurso do Encontro dos Tambores, evento que se cristalizou como principal elemento da Semana de Consciência Negra do Estado.

Tratando de maneira mais específica do Marabaixo enquanto forma de expressão, foi percebido que existe uma discrepância no tratamento que os grupos de Marabaixo de Macapá e os do interior do Estado recebem. Enquanto na capital o Marabaixo é centro das atenções, sendo visitado por toda hierarquia do poder, estando os executantes informados dos seus direitos e dos canais de benefícios que os rodeia, bem como conscientes do campo de disputas políticas, tornando-se agentes ativos da política de cidadania, exigindo seus direitos, afirmando sua etnicidade, por outro lado, os grupos do interior recebem recursos em escalas até cinco vezes menores e permanecem alheios aos rumos da política cultural e nem tem oportunidades de adquirirem esta habilidade fundamental no mundo contemporâneo.

Desta maneira, muitos entrevistados no interior se ressentem e desconfiam da política cultural do Estado que, por sua vez, reforça o processo de espetacularização, fazendo com que a forma de expressão seja cada vez mais voltada para a mídia e considerada evento oficial, acaba por gastar mais com trajes, adereços e bebidas, aspectos muitos vistosos,

mas que não são o centro da prática que era a convivência dos troncos familiares, a frequentação mútua das casas durante a época do Marabaixo.

A política pública acaba afastando os grupos de Macapá entre si, ao colocá-los em competição pela atenção do Estado, gerando conflitos, impedindo a congregação com base em quem apoia ou não a situação política. Lembremos que o conflito é um dos aspectos coetâneos de toda festa, os grupos competem pela louvação, pela música, pela melhor festa, como índices de maior religiosidade ou maior tradição. Mas o que se procura ressaltar aqui é a sobreposição de conflitos e a reposição do conflito primordial numa escala mercadológica e que acaba sendo manipulada como capital político, num jogo que artificialmente valoriza o Marabaixo, mas por fim só os acolhe como subterfúgio, como enfeite para o poder, não oferecendo a todos as mesmas oportunidades, hierarquizando o acesso à Política pública, reproduzindo no seio da identidade étnica e cultural a segregação, já que as ações não são tomadas pelos marabaixeiros, mas transmitidas de cima através de um discurso de jargões que se usa de um grupo dentro da forma de expressão, para a tradução, para a aplicação e legitimação de ações políticas que não vieram de dentro do Marabaixo.

Aqui apontamos para um efeito mais pernicioso do processo de financiamento público, que é o rompimento dos laços de solidariedade dentro do grupo, uma vez que o Estado se colocando como doador de tudo, não deixa às pessoas o exercício de oferta, o que as deixa excessivamente dependentes do que o poder quiser dar. Outro efeito menos imediatamente visível é a redução discursiva de uma maneira única de expressar o Marabaixo, que acaba uniformizando as respostas a uma série de lugares comuns do discurso oficial que generaliza o pertencimento e acaba induzindo no futuro a diversidade, que paradoxalmente era defendida no princípio.

9.2. RECOMENDAÇÕES

Pensar a política de apoio aos grupos de Marabaixo para além da festa, buscando oferecer-lhes assistência jurídica para sua legalização enquanto grupos institucionais, realizando um censo socioeconômico de seus participantes, descobrindo a situação dos domicílios e das famílias de seu entorno e das necessidades mais prementes das populações diretamente envolvidas, estabelecendo a esfera de alcance de cada grupo bem como sua importância na distribuição de alimentos, um dos fundamentos da festa, para fazer destes grupos instrumentos para alcance direto das populações por eles atendidas. Incentivar os grupos como espaços de formações e como lugares de redução do risco social, reforçando seu caráter pedagógico desde um ponto de vista afetivo, bem como lugar de encaminhamento para os serviços sociais, quer sejam de urgências, quer sejam de médio e longo prazos para a formação mais completa do cidadão enquanto tal.

Uma das sugestões dadas dentro do próprio Marabaixo para o caso de Macapá foi a retomada do Marabaixo como um circuito de visitação, isto é, que a cada ano um dos grupos recebesse a incumbência de ser festeiro e congregasse todos os demais, fazendo do ciclo um evento itinerante. Porém, essa proposta esbarra em dois impedimentos, um de ordem ritual e outro de ordem política. Primeiro essa proposta esbarra nas pequenas diferenças entre os modos como se desenvolvem os ritos no Laguinho e na Favela. Do ponto de vista da política é difícil que uma proposta assim quebre com o sistema de ajuda pública para festas segmentadas. Baseado no grupo e não na festa.

Dentro do ciclo foi introduzido um elemento recente, que é o Cortejo da Murta que tem como objetivo reunir todos os Marabaixos numa demonstração pública da expressão e de seu poder tradicional, empenhando neste evento a autoridade política e religiosa institucionais. Contudo, alguns membros expressaram descontentamento com essa performance, não pela ideia com a qual concordam em princípio, em vista da demonstração de força perante a sociedade na união que o encontro da bandeiras busca reviver. O descontentamento provém do encaixe dessa comemoração sobre um dos dias mais importantes do Marabaixo que é o Domingo do Divino Espírito Santo, o que obriga os marabaixeiros a estarem em ativa quase ininterrupta por quase 20 horas seguidas. Assim, ouvimos sugestões ligadas à transferência do Cortejo da Murta para outra data, que alguns sugeriram que fosse no dia estadual do Marabaixo, 16 de junho, data importante e sem programação oficial.

Outra ação que poderia ser implementada em favor da autonomia da expressão cultural, seria a formação de uma associação dos grupos de Marabaixo, que eles não fossem sujeitos a uma institucionalidade fragmentada, como ocorre hoje com uma série de entidades em nome dos direitos mais gerais da herança afrodescendente, mas que pudessem estabelecer um fórum com representantes de cada grupo, para estabelecimento de uma agenda comum, tomando a si como negociadores diretos das políticas de atendimento dos grupos e das comunidades nas quais esses grupos se acham firmemente estabelecidos. Esse fórum teria a condição de manter atualizado o escopo dos grupos e da variedade de formas de praticar o Marabaixo. A associação também poderia implementar meios para garantir os direitos autorais das canções e meios para a documentação contingente às festas em todas as épocas do ano, de modo a constituir um acervo. Poder-se-ia pensar também numa casa do Marabaixo, que fosse um centro de memória, de pesquisa, de ensino, de congregação e difusão da bem cultural.

Existe ainda a reivindicação de que o Marabaixo entre para o currículo das escolas públicas como parte fundamental

da herança africana e da singularidade da expressão não apenas para o Amapá como para todo o Brasil.

10. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: PARA LISTA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA*.

FORMULÁRIOS	
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE LOCALIDADES	
ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA	X
ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS	X
ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	X
ANEXO 4: CONTATOS	X
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	X

11. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS ANEXO BIBLIOGRAFIA	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F1-	A1
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. Livros e outras publicações não seriadas

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
ACKERMANN, Fritz Louis. Notas de viagem pelo extremo norte do Brasil: território federal do Amapá. Rio de Janeiro: Superint, 1965.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	1
AMARAL, Augusto Ferreira do. Mazagão: a epopeia portuguesa em Marrocos. Lisboa: Fundação Oriente e Comissão Portuguesa de História Militar, 2007.	Ficha Forma de Expressão - Marabaixo	Biblioteca Pública do Estado do Amapá Elcy Lacerda	2
ARAÚJO, Nilson Montoril de. Maracima, Marabaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação. Macapá: Confraria Tucuju, 2004. 73 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca Pública do Estado do Amapá Elcy Lacerda	3
ARAÚJO, Renata Malcher de. As cidades da Amazônia no século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1998. 356 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Amapá.	4
Arte Kusiwa : pintura corporal e arte gráfica Wajãpi / (edição de texto Regina Stela Braga). Brasília: IPHAN, 2008.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	5
ASSUNÇÃO, Paulo. Mazagão: cidade em dois continentes.	Ficha da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho.	Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_02/artigo_paulo.pdf >. Acesso em 26 jun. 2013.	6
BAEIRA, Antônio Ladislau. Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará. Edição do Senado Federal.	Ficha de Sítio – Amapá.	Museu Histórico Nacional	7
BEZERRA, Amiraldo. Macapá: a margem esquerda do Rio Amazonas. Fortaleza: Premium, 2008.	Ficha de Sítio – Amapá.	SEAFRO	8
BRASIL. Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia. Pesquisa das principais atividades dos municípios da Região Norte. Brasília: Ministério da Agricultura, 1970.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	9
BRASIL. Ministério do Interior. Uma visão do Amapá. Brasília: [19- ?]	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	10
CÁCERES, Florival. História do Brasil. São Paulo: Moderna, 1997. p. 30-33	Ficha de Sítio – Amapá.	SEAFRO	11
CANTO, Fernando. A água benta e o diabo. Macapá: Fundecap/GEA, 1998.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca Pública Estadual do Amapá Elcy Lacerda.	12

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1

CARREIRA, Antônio. A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão. São Paulo: Nacional, 1988.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	13
CHELALA, Charles Achcar. A magnitude do estado na socioeconomia amapaense. Macapá: UNIFAP, 2008.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	14
CRUZ, Bruno de Oliveira; OLIVEIRA, Carlos Wagner de Albuquerque. Federalismo, repasses federais e crescimento econômico: um estudo sobre Amapá e Roraima. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	15
CUNHA JÚNIOR, Alarico José da; GENSCHOW, Fernando. Amapá: um estudo para colonização. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1958.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	16
DRUMMOND, José Augusto. O Amapá nos tempos do manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico, 1943-2000. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	17
Festa do Divino Espírito Santo. In.: Revista Alé. Macapá: Banda Placa.	Ficha da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho.	Acervo Banda Placa	18
GALLOIS, Dominique T; GRUPIONI, Denise Fajardo. Povos indígenas no Amapá e norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam? São Paulo: Museu do Índio, IEPE, 2009.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	19
GALLOIS, Dominique T. Mairi revisitada: a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Wajãpi. São Paulo: USP, FAPESP, 1994.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	20
GONÇALVES, José Reginaldo. Patrimônio, memória e etnicidade: reinvenção da cultura açoriana. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: Minc/Iphan, 2007. p. 195-2009.	Ficha da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho.	Disponível em: <http://naui.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf >. Acesso em 27 jun. 2013	21
GUERRA, Antônio Teixeira. Estudo geográfico do território do Amapá. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	22
IBGE. Sinopse preliminar do censo demográfico: Amapá. Rio de Janeiro: IBGE,1970.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	23
INDÚSTRIA E COMERCIO DE MINÉRIO. O manganês do Amapá.[s.l.]: ICOMI, 1965.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	24
LAPA, José Roberto do Amaral. Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará (1763-1769). Petrópolis: Vozes, 1978.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	25

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1

LIMA, Guimarães. Na linha do equador. [s.l.]: [s.n.], 1970.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	26
LIMA, Ricardo. Imigrantes e qualidade de vida na Amazônia setentrional brasileira.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-45-31.htm>. Acesso em: 10 mar. 2013.	27
MARQUES, Indira Cavalcante da Rocha. Território federal e mineração de manganês: gênese do estado do Amapá. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	28
29MEIRA, Sílvio Augusto de Bastos. Fronteiras sangrentas : Heróis do Amapá. Rio de Janeiro : Luna, 1975.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	29
MENDONÇA, Marcos Carneiro de. A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do governador e capitão-general do Estado do Grão Para e Maranhão Francisco Xavier Mendonça Furtado 1751-1759. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	30
MIRANDA, Marlui. Ponte entre povos: a música dos índios e a música erudita no Amapá/Brasil. São Paulo: SESC, 2005.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	31
MORAES, Paulo Roberto. Norte: a floresta em transformação. São Paulo: Harbra, 1998.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	32
MORAIS, Paulo Dias; MORAIS, Jurandir Dias. O Amapá em perspectiva. Macapá: Valcan, 2000.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	33
O Legado das civilizações Maracá e Cunani: Amapá revelando sua identidade. Amapá: SEBRAE/AP, 2006.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	34
PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951. 139 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Biblioteca Estadual do Amapá Elcy Lacerda. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.	35
PORTO, Jadson. Amapá: principais transformações econômicas e institucionais, 1943-2000. Macapá: do Autor, 2007.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	36
REIS, Arthur Cézar Ferreira. Território do Amapá: perfil histórico. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro	37

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1

RODRIGUES, Edgar. Enciclopédia.	Ficha de Sítio – Amapá.	Acervo Seafro	38
SANTOS, Esmeraldina. Histórias do meu povo. Macapá: Confraria Tucuju. 2002. 39 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Secretária do Meio Ambiente do Estado do Amapá	39
SANTOS, Fernando. Amapá no século XV – Rota de expedições e reconhecimento. Belém: do autor, 2003.	Ficha de Sítio – Amapá.	Museu Histórico Nacional	40
SANTOS, Fernando Rodrigues. História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do Janarismo. 1943-1970. Macapá: O Dia, 1998.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	41
SANTOS, Kátia Paulino dos. Políticas de emprego e renda do Amapá: avanços e perspectivas: UNIFAP. 2010. 173f. UNIFAP, Programa de Pós-Graduação, Macapá.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/80/n3Santos.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.	42
SARNEY, José; COSTA, Pedro. Amapá: terra onde o Brasil começa. Brasília: Senado Federal, 1999. Coleção 500 anos.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senadores/Senador/jsarney/Historia_Amapa/sarney_00_intr.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.	43
SILVA, Esmeraldina. Histórias do meu povo. Macapá: Confraria Tucuju, 2002. 39 p.	Ficha Lugar – Curiaú.	Biblioteca Pública Estadual do Amapá Elcy Lacerda.	44
SILVA, Irenildo; LOMBA, Roni. Aspectos da importância da agricultura familiar no estado do Amapá. Encontro Internacional de Produção Científica. Centro Universitário de Maringá. Maringá, out. 2011.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/epcc2011/anais/irenildo_costa_silva2.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.	45
SILVA, Ivanete Amaral. Parteiras Tradicionais do Amapá in Fujiwara, L.M.; Alessio, N.L.N.; Farah, M.F.S.(orgs.). 20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania. FGV/AESP. São Paulo. 1999.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.eaesp.fgvsp.br/subportais/ceapg/Acervo%20Virtual/Cadernos/Experi%C3%AAncias/1998/2%20-%20parteiras%20tradicionais.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.	46
SILVA, Marcelo Gonçalves. Territórios quilombolas no estado do Amapá: um diagnóstico. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: UFU, 2012.	Ficha de Sítio – Amapá. Ficha Lugar – Curiaú.	Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1308_1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.	47
TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá. São Paulo: Edusp, 2003.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas	48

		Gerais	
VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013. 399 p.	Ficha Lugar – Curiaú.	Biblioteca Pública Estadual do Amapá Elcy Lacerda.	49
VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	SEAFRO Biblioteca da Universidade Federal do Amapá. Biblioteca Estadual do Amapá Elcy Lacerda.	50
WAISELFISZ, Júlio Jacobo. Mapa da Violência 2012 – Os novos padrões da violência homicida no Brasil. Mapa da Violência. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2013.	51

2. PU52BLICAÇÕES SERIADAS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
Agência Amapá. Ciclo do Marabaixo: Seafro e órgãos parceiros planejam o segundo "Cortejo da Murta".	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/33004/>. Acesso em: 28 fev. 2013	52
Agência Amapá. Convênio: Governo do Estado investe no trabalho desenvolvido por organizações sociais.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/26317/>. Acesso: 28 fev. 2013.	53
Agência Amapá. Devoção, fé e tradição: comunidade do Curiaú de Fora festeja Santa Maria.	Ficha Lugar – Curiaú.	Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/29589/ >. Acesso: 17 jun. 2013.	54
Agência Amapá. Seafro, igreja Católica e grupos de Marabaixo organizam o "Cortejo da Murta" no domingo.	Ficha Celebração – Cortejo da Murta.	Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/34006/ >. Acesso: 28 jun. 2013.	55
Agência Amapá. Renda para viver melhor.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/site/infraestrutura/267>. Acesso em 28 fev. 2013.	56
Agência do Amapá. Seafro fecha 2012 com recorde de ações e projetos.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/32114/>. Acesso em: 28 mar. 2013.	57
AMAPÁ. Governo e Fundação BB assinam convênio para execução do Programa Pais no Amapá.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.ap.gov.	58

		br/amapa/site/paginas/noticias/news.jsp?ref=4707>. Acesso em: 05 mar. 2013.	
Amapá. Inclusão e mobilização social. Secretaria de Estado de Inclusão e Mobilização Social.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: < http://www.sims.ap.gov.br/lista.php?dom=13&cont=16>. Acesso em: 21 mar. 2013.	59
AMAPÁ. Secretaria da Juventude. Programa Amapá Jovem.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.amapajovem.ap.gov.br/acessejuv.htm>. Acesso em 25 mar. 2013.	60
AMAPÁ. Secretaria de Estado de Cultura. Projeto identidade – Amapá Cultural.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.secult.ap.gov.br/identidade/>. Acesso em: 25 mar. 2013.	61
Amapá em Destaque. Economia do Amapá.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://amapaemdestaque.webnode.com.br/geografia/economia/>. Acesso em: 18 mar. 2013.	62
Biografia do Padre Julio Maria de Lombaerd. Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora.	Ficha Celebração – Cortejo da Murta.	Disponível em: <http://sacramentinos.org.br/sdn/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=27 >. Acesso: 28 jun. 2013.	63
BRADESCO. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Amapá.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.economiaemdia.com.br/static_files/EconomiaEmDia/Arquivos/infreg_AP.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2013.	64
BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Amapá. Caderno de Informações para a Gestão Estadual do SUS/Conselho Nacional de Secretários da Saúde. 2011.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.conass.org.br/pdf/amapa_24-03.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2013.	65
BRASIL. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <www.iepa.ap.gov.br>. Acesso em: 28 mar. 2013.	66
BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <www.iphan.gov.br>. Acesso em 28 mar. 2013.	67

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1

BRASIL. Mulheres extrativistas do Amapá melhoram renda com programa de compra de alimentos.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2012/11/26/mulheres-extrativistas-do-amapa-melhoram-renda-com-programa-de-compra-de-alimentos>. 15 mar. 2013.	68
BRASIL. ODM Brasil. Amapá. Conheça um pouco do Estado.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/odmbrasil/odm-nos-estados/amapa>. Acesso em 10 mar. 2013.	69
CANTO, Fernando. O Marabaixo de 1898. Canto da Amazônia. 14 de julho de 2009.	Ficha Celebração – Cortejo da Murta.	Disponível em: <http://fernando-canto.blogspot.com.br/2009/07/o-marabaixo-de-1898.html >. Acesso: 28 jun. 2013.	70
Diário do Amapá. Mortalidade infantil cai 35% em um ano.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/principal/geral/740-mortalidade-infantil-cai-35-em-um-ano>. Acesso em: 20 mar. 2013.	71
Diário do Amapá. Programas sociais impulsionam economia no Bailique.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <<http://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/principal/cidade/199-programas-sociais-impulsionam-economia-no-bailique>. Acesso em: 10 mar. 2013.	72
Diocese de Macapá.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <www.diocesedemacapa.com.br>. 25 mar. 2013.	73
IBGE. Perfil dos Estados Brasileiros. Amapá	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ap>. Acesso em: 15 mar. 2013.	74
MACAPÁ. Portal da Prefeitura.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <www.macapa.ap.gov.br>. Acesso em: 25 mar. 2013.	75

PT. Amapá. Programas sociais transformam a vida dos mais carentes.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.pt.org.br/secretaria_noticias/view/amapa_programas_sociais_transformam_a_vida_dos_mais_carentes_diz_dalva_figu>. Acesso em: 15 mar. 2013.	76

3. Pequenos impressos (folders, cartazes, etc.)

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
Caderno Ladrões de Marabaixo de Dona Josefa Lau.	Ficha Forma de Expressão – Ladrões de Marabaixo.	Associação Folclórica	77
Calendário afroamapaense. Macapá: Seafro, 2013.	Ficha de Sítio – Amapá.	SEAFRO	78
Marabaixo. Amapá Folclore. Processo nº043/89-CEC, do Conselho de Cultura do Estado do Amapá.	Ficha de Sítio – Amapá.	Secretária do Meio Ambiente do Estado do Amapá	79
Perfil do Amapá – Político, histórico, cultural, econômico, didático, turístico. Colibri Promoções: 1998/2000.	Ficha de Sítio – Amapá.	SEAFRO	80
Tambores no meio do mundo. O rufar da cidadania. Macapá: Seafro, 2002.	Ficha de Sítio – Amapá.	SEAFRO	81
SANTOS, Pe. Aldemar Benjamim dos. Modernidade e Marabaixo. Luzes e sombras na perspectiva do projeto rumo ao novo milênio. 42 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Secretária do Meio Ambiente do Estado do Amapá	82
SILVA, Sebastião Menezes da. Curiaú, sua vida, sua história. Macapá: Valcan. 33 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Secretária do Meio Ambiente do Estado do Amapá	83

4. Te84xtos inéditos, relatórios técnicos e manuscritos

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
AMAPÁ. Lei nº 0845, de 13 de Julho de 2004. Cria e insere no calendário cultural o Ciclo do Marabaixo e Batuque no âmbito do Estado do Amapá e dá outras providências. Diário Oficial do Amapá., Brasília, 15 jul. 2004.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.al.ap.gov.br/ver_texto_lei.php?iddocumento=19732>. Acesso em: 18 mar. 2013.	84
AMAPÁ. Lei nº 1263, de 02 de Outubro de 2008. Considera bem histórico e cultural do Estado do Amapá, para fins de tombamento de natureza imaterial, a manifestação folclórica do Marabaixo, que ocorre no Estado do Amapá. Diário Oficial do Amapá., Brasília, 02 out. 2008.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.al.ap.gov.br/ver_texto_lei.php?iddocumento=24821>. Acesso em: 18 mar. 2013.	85
AMAPÁ. Lei nº 1521, de 29 de Janeiro de 2010. Declara o Dia 16 de Junho, Dia Estadual do Marabaixo Amapaense, como data comemorativa no âmbito do Estado do Amapá e dá outras providências.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://www.al.ap.gov.br/ver_texto_lei.php?	86

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1

Diário Oficial do Amapá., Brasília, 29 nov. 2010.		iddocumento=27969 >. Acesso em: 18 mar. 2013.	
AZEVEDO, Maria de Nazaré da Silva. Marabaixo enquanto manifestação musical do Amapá: um estudo na comunidade afrodescendente do bairro Laguinho AFOMAPA e Arthur Sacaca. Trabalho de Conclusão de Curso. Pós-graduação em Música. Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. 87 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	87
BARRIGA, Ivaneide; SOUZA, Jane Selma; BORRALHO, Nilvânia da Conceição. Estudo poético da linguagem do Marabaixo. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Plena em Letras. Universidade Federal do Amapá. Macapá, 1999. 55 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	88
DIAS, José Olímpio de Freitas. O Marabaixo de Macapá. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Educação artística. Universidade Federal do Pará. Núcleo de Educação em Macapá. Macapá, 1990.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	89
DIAS, Manuel Nunes. Fomento e mercantilismo: a Companhia Geral do Grão Para e Maranhão (1755-1778). Tese. Universidade Federal do Pará. Belém, 1970.	Ficha de Sítio – Amapá.	Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais	90
INRC Mazagão Velho. 2008. IPHAN/AP	Ficha Lugar – Mazagão Velho.	Acervo IPHAN/AP	91
MELHO, Joana do Socorro Matos; LOPES, Nalzira Maria Ramos. O Marabaixo no Curiaú e a análise de seus cantos. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Plena em Letras. Universidade Federal do Amapá. Macapá, 1997. 27 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	92
NAVEGADOR BRASILEIRO. Estado do Amapá. Sítios Arqueológicos no Amapá. 3 set. 2008.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://navegadorbrasileiro.wordpress.com/2008/09/03/estado-do-amapa-sitios-arqueologicos-no-amapa/>. Acesso em: 28 mar. 2013.	93
OLIVEIRA, Maria do Socorro dos Santos. Marabaixo: memoria y urbanización de un ritual de selva. Tese de doutorado. Departamento de antropologia social e história da América y África. Universidade de Barcelona. 2012.	Ficha Marabaixo.	Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/35235/5/SANTOS_OLIVEIRA_TESIS.pdf >. Acesso em: 13 jun. 2013.	94
RIBEIRO, Maria Izabel. Marabaixo: passado e presente cultural de um povo. Trabalho de Conclusão de Curso. Educação Artística. Universidade Federal do Pará. Núcleo de Educação em Macapá. Macapá, 1985. 24 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	95
RODRIGUES, Edgar. Coisas do Amapá: Primeiros templos católicos.	Ficha de Sítio – Amapá.	Disponível em: <http://edgar-amapa.blogspot.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2013.	96

ANEXO : BIBLIOGRAFIA	--	--	--	--	F1-	A1

SILVA, Anna Ruth; RODRIGUES, Edileuza; NASCIMENTO, Maria Jucely. Marabaixo: a expressão musical como processo de transformação cultural na década de 1990 na cidade de Macapá. Trabalho de Conclusão de Curso. Especialização em Arte Educação em Instituições Culturais. Universidade Federal do Amapá. Macapá. 38 p.	Ficha de Sítio – Amapá.	UNIFAP	97
TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis.	Ficha Lugar – Curiaú.	Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/107191984/Dissertacao-de-Mestrado-No-Tempo-das-aguas-Cheias-Memoria-e-Historia-dos-Negros-do-Curiau-AP-autoria-Joseline-Simone-Barreto-Trindade >. Acesso: 20 jun. 2013.	98

5. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
PREENCHIDO POR	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **ANEXO** **REGISTROS AUDIOVISUAIS**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F1-	A2
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1 FOTOGRAFIA E ARTES VISUAIS

1.1 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS: ACERVOS DIVERSOS – INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ciclo do Marabaixo - MIS	**DATA**	Sem data	1
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mastro; Caixa; Murta; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	181 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Fotos digitalizadas de originais em suporte físico. 47Juvenal Canto DIAC 1985 a tocador de caixa			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	MIS/AP – Museu da Imagem e do Som do Amapá.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo - MIS	**DATA**	Sem data	2
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mastro; Caixa; Murta; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	244 Fotografias em arquivo digital – JPEG - Fotos digitalizadas de originais em suporte físico. 10WildeMorais,FC.0001 a SCAN10063			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	MIS/AP – Museu da Imagem e do Som do Amapá.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Caixa Arquivo 02 - MIS	**DATA**	Sem data	3
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa religiosa; Curiaú; Amapá; São Joaquim.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	40 Fotografias em arquivo digital – JPEG - Fotos digitalizadas de originais em suporte físico. batuque de são joaquim do curiaú 16 08 1996 a vila do curiaú de fora festa s. Joaquim. fotog. abimael perez			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	MIS/AP - Museu de Imagem e Som do Amapá.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Mazagão - MIS	**DATA**	Sem data	4
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa religiosa; Amapá; Mazagão; Mastro.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	40 Fotografias em arquivo digital – JPEG - Fotos digitalizadas de originais em suporte físico. SCAN10046 a SCAN10061
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	MIS – Museu da Imagem e do Som do Amapá.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fotos Antigas de Macapá - SECULT	DATA	Sem data	5
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Macapá; Construções; Fortaleza; Escolas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	94 Fotografias em arquivo digital – JPEG - Fotos digitalizadas de originais em suporte físico. 01_604_ a ZeMaria_Binga_AIdomario_Pedro_PadrePaulo_Tito_			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	SECULT – Secretaria de Estado da Cultura do Amapá.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Encontro Tambores - SECULT	DATA	Sem data	6
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Batuque; UNA; Caixa; Tambores.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	208 Fotografias em arquivo digital – JPEG. DSC_0764 a DSC_0986			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	SECULT – Secretaria de Estado da Cultura do Amapá.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo da Murta - SEAFRO - Macapá	DATA	27/05/2012	7
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Cortejo da Murta; Seafro; Igreja São José; Bênção.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	223 Fotografias em arquivo digital – JPEG. CortejodaMurtaSeafro-27-05-2012-Seafro (1) a CortejodaMurtaSeafro-27-05-2012-Seafro (223)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Acervos Diversos) – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	SEAFRO – Secretaria Extraordinária de Políticas Afrodescendentes.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Projeto Batuque/Marabaixo – Amapá.	DATA	1979	8
ASSUNTO	Grupos folclóricos – Marabaixo; Batuque; Festas religiosas; Dança; Amapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	22 dispositivos: color.; 35 mm.			
LOCALIZAÇÃO	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Rio de Janeiro/RJ			
AUTOR / FONTE	Sem referência.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Trajes afro-brasileiros.	**DATA**	1980	9
ASSUNTO	Trajes afro-brasileiros – Marabaixo; Banda de congo; Exposição; Trajes; Evento cultural.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	52 fotos – Negativo 35 mm e 6x6, p&b.			
LOCALIZAÇÃO	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Rio de Janeiro/RJ			
AUTOR / FONTE	Arnaldo Ferreira Pinto.			

1.2 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS: PESQUISADORES – INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	255 Anos de Macapá	**DATA**	04/02/2013	1
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Aniversário de Macapá; Encontro das Bandeiras; Missa; Autoridades.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	108 Fotografias em arquivo digital – JPEG. 255anosdeMacapá-04-02-2013-AdrieneNoronha (1) a 255anosdeMacapá-04-02-2013-AdrieneNoronha (108) 111 Fotografias em arquivo digital – JPEG. 255anosdeMacapá-04-02-2013-EduardoAlvim (1) a 255anosdeMacapá-04-02-2013-EduardoAlvim (111) 108 Fotografias em arquivo digital – JPEG. 255anosdeMacapá-04-02-2013-AdrieneNoronha (1) a 255anosdeMacapá-04-02-2013-AdrieneNoronha (108)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha; Eduardo Alvim; Marcos da Costa Martins / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade do Curiaú (Município de Macapá)	**DATA**	07/02/2013	2
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Curiaú; Associação Cultural Raízes do Bolão; Pedro Rosário dos Santos; Caixas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	20 Fotografias em arquivo digital – JPEG. Curiaú-07-02-2013-MarcosMartins (1) a Curiaú-07-02-2013-MarcosMartins (20)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Marcos da Costa Martins / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade de Mazagão Velho (Município de Mazagão)	**DATA**	26/03/2013	3
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão Velho; Festa do Divino Espírito Santo; Josefa Pereira Lau; Joaquina Jacarandá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	37 Fotografias em arquivo digital – JPEG. MazagãoVelho-26-03-2013AdrieneNoronha (1) a MazagãoVelho-26-03-2013AdrieneNoronha (37)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade do Carvão (Município de Mazagão)	**DATA**	26/03/2013	4
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Carvão; Festa de São Tomé; Batuque; Manuel Eleutério Pereira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	22 Fotografias em arquivo digital – JPEG. Carvão-26-03-2013-AdrieneNoronha (1) a Carvão-26-03-2013-AdrieneNoronha (22)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade de Campina Grande (Município de Macapá)	**DATA**	27/03/2013	5
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Campina Grande; Festa da Sagrada Família; Ciclo do Marabaixo; Antônia do Carmo Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	38 Fotografias em arquivo digital – JPEG. CampinaGrande-27-03-2013-AdrieneNoronha (1) a CampinaGrande-27-03-2013-AdrieneNoronha (38)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade de Ilha Redonda (Município de Macapá)	**DATA**	27/03/2013	6
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Ilha Redonda; Festa de São Sebastião; Centro Comunitário; Vanda dos Santos Lobo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	19 Fotografias em arquivo digital – JPEG. IlhaRedonda-27-03-2013-AdrieneNoronha (1) a IlhaRedonda-27-03-2013-AdrieneNoronha (19)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade de Abacate da Pedreira (Município de Macapá)	**DATA**	28/03/2013	7
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Abacate da Pedreira; Festa de São José; Paulo de Assis Nascimento; Raimunda Nonata Vilhena Santana.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	26 Fotografias em arquivo digital – JPEG. AbacatedaPedreira-28-03-2013-AdrieneNoronha (1) AbacatedaPedreira-28-03-2013-AdrieneNoronha (26)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade da Ressaca da Pedreira (Município de Macapá)	**DATA**	28/03/2013	8

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Ressaca da Pedreira; Festa do Divino Espírito Santo; Manuel Antônio de Deus; Ivanete Picanço das Chagas.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	29 Fotografias em arquivo digital – JPEG. RessacadaPedreira-28-03-2013-AdrieneNoronha (1) RessacadaPedreira-28-03-2013-AdrieneNoronha (29)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade da Casa Grande (Município de Macapá)	**DATA**	28/03/2013	9
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Casa Grande; Festa da Santíssima Trindade; Barracão; Josefa Menezes das Chagas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 Fotografias em arquivo digital – JPEG. CasaGrande-28-03-2013-AdrieneNoronha (1) a CasaGrande-28-03-2013-AdrieneNoronha (6) 1 Fotografia em arquivo digital - JPEG CasaGrande-28-03-2013-MarcosMartins			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha; Marcos da Costa Martins / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade do Curiaú (Município de Macapá)	**DATA**	28/03/2013	10
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Curiaú; Festa de Santa Maria; Igreja de São Joaquim; Centro Cultural Raízes do Bolão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	41 Fotografias em arquivo digital – JPEG. Curiaú-28-03-2013-AdrieneNoronha (1) a Curiaú-28-03-2013-AdrieneNoronha (41)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mazagão	**DATA**	29/03/2013	11
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão; Rio Mazagão; Prefeitura; Igrejas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	23 Fotografias em arquivo digital – JPEG. Mazagão-29-03-2013-AdrieneNoronha (1) a Mazagão-29-03-2013-AdrieneNoronha (23)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registro Fotográfico (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo - Macapá	**DATA**	30/03/2013	12
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Berço do Marabaixo; Dançadeiras; Caixas; Cantadeiras.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	38 Fotografias em arquivo digital – JPEG. Berço-30-03-2013-AdrieneNoronha (1) a Berço-30-03-2013-AdrieneNoronha (38)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registro Fotográfico (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá	DATA	30/03/2013	13
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Festa da Santíssima Trindade; Altar; Tocadores de caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	24 Fotografias em arquivo digital – JPEG. AZEBIC-30-03-2013-AdrieneNoronha (1) a AZEBIC-30-03-2013-AdrieneNoronha (24) 23 Fotografias em arquivo digital – JPEG. AZEBIC-30-03-2013-MarcosMartins (1) a AZEBIC-30-03-2013-MarcosMartins (23)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registro Fotográfico dos Pesquisadores - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha; Marcos da Costa Martins / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá	DATA	30 e 31/03/2013	14
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	12 Fotografias em arquivo digital – JPEG. AFOMAPA-30-03-2013-AdrieneNoronha (1) a AFOMAPA-30-03-2013-AdrieneNoronha (12) 67 Fotografias em arquivo digital – JPEG. AFOMAPA-31-03-2013-AdrieneNoronha (1) a AFOMAPA-31-03-2013-AdrieneNoronha (67) 48 Fotografias em arquivo digital – JPEG. AFOMAPA-31-03-2013-MarcosMartins (1) a AFOMAPA-31-03-2013-MarcosMartins (48)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha; Marcos da Costa Martins / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau - Macapá	DATA	31/03/2013	15
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	42 Fotografias em arquivo digital – JPEG. ACRL-31-03-2013-AdrieneNoronha (1) a ACRL-31-03-2013-AdrieneNoronha (42) 78 Fotografias em arquivo digital – JPEG. ACRL-31-03-2013-MarcosMartins (1) a ACRL-31-03-2013-MarcosMartins (78)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha; Marcos da Costa Martins / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Igreja Jesus de Nazaré - Macapá	DATA	14/05/2013	16

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Igreja Jesus de Nazaré; Altar; Santos; Fachada.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	17 Fotografias em arquivo digital – JPEG. IgrejaJesusdeNazaré-14-05-2013-AdrieneNoronha (1) a IgrejaJesusdeNazaré-14-05-2013-AdrieneNoronha (17)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Igreja São Benedito - Macapá	**DATA**	14/05/2013	17
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Laguinho; Igreja São Benedito; Santos; Pinturas Parietais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	42 Fotografias em arquivo digital – JPEG. IgrejaSãoBenedito-14-05-2013-AdrieneNoronha (1) a IgrejaSãoBenedito-14-05-2013-AdrieneNoronha (42)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Missa – ACRL - Macapá	**DATA**	19/05/2013	18
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Missa; Igreja São Benedito; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	24 Fotografias em arquivo digital – JPEG. MissaACRL-19-05-2013-AdrieneNoronha (1) a MissaACRL-19-05-2013-AdrieneNoronha (24)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Pesquisadores) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Adriene dos Anjos Noronha / Estilo Nacional.			

1.3 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS: FOTÓGRAFOS – INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Corte do Pau do Mastro – AFOMAPA - Curiaú	**DATA**	04/05/2013	1
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Macapá; Curiaú; Mastro.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	251 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. CortePauMastro-04-05-2013-PedroGontijo (1) a CortePauMastro-04-05-2013-PedroGontijo (251)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo	**DATA**	04/05/2013	2
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Favela; Dança; Caixa.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	26 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MarabaixoBerço-04-05-2013-PedroGontijo (1) a MarabaixoBerço-04-05-2013-PedroGontijo (26)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo do Mastro – AZEBIC - Macapá	DATA	05/05/2013	3
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Mastro; Bandeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	78 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. CortejodoMastro-05-05-2013-PedroGontijo-001 a CortejodoMastro-05-05-2013-PedroGontijo-078			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá	DATA	05/05/2013	4
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Laguinho; Altar; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	113 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MarabaixoAFOMAPA-05-05-2013-PedroGontijo-001 a MarabaixoAFOMAPA-05-05-2013-PedroGontijo-113			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau - Macapá	DATA	05/05/2013	5
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho; Dança; Altar.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	58 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MarabaixoACRL-05-05-2013-PedroGontijo-001 a MarabaixoACRL-05-05-2013-PedroGontijo-058			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá	DATA	05/05/2013	6
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	39 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MarabaixoAzebic-05-05-2013-PedroGontijo-001 a MarabaixoAzebic-05-05-2013-PedroGontijo-039			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Igreja de São José - Macapá	DATA	06/05/2013	7
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Igreja de São José; Altar; Santos; Cruzeiro.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. IgrejaSãoJosé-06-05-2013-PedroGontijo (1) a IgrejaSãoJosé-06-05-2013-PedroGontijo (14)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Associação Cultural Raízes do Bolão – Curiaú (Pedro, Esmeraldina, Chiquinha)	DATA	06/05/2013	8
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raízes do Bolão; Curiaú; Modo de Fazer Caixa; Ladrão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	59 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. RaízesdoBolão-06-05-2013-PedroGontijo (1) a RaízesdoBolão-06-05-2013-PedroGontijo (59)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Curiaú	DATA	06/05/2013	9
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Curiaú; Rio Curiaú; Campos Alagados; Balneário.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	17 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Curiau-06-05-2013-PedroGontijo-001 a Curiau-06-05-2013-PedroGontijo-017			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mazagão Velho (Zezinha)	DATA	07/05/2013	10
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão Velho; Josefa Pereira Lau; Rio Mutuacá; Trapiche.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	47 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MazagãoVelho-07-05-2013-PedroGontijo-001 a MazagãoVelho-07-05-2013-PedroGontijo-047			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mazagão	DATA	07/05/2013	11
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão; Rio Mazagão; Palafitas; Ribeirinhos.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Mazagão-07-05-2013-PedroGontijo (1) a Mazagão-07-05-2013-PedroGontijo (14)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo da Murta – ACRL - Macapá	DATA	08/05/2013	12
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho; Cortejo; Murta.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	174 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. CortejodaMurta-08-05-2013-PedroGontijo-001 a CortejodaMurta-08-05-2013-PedroGontijo-174			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Levantamento do Mastro – ACRL - Macapá	DATA	09/05/2013	13
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Levantamento do Mastro; Murta; Bandeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	57 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. LevantamentodoMastro-09-05-2013-PedroGontijo-001 a LevantamentodoMastro-09-05-2013-PedroGontijo-057			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fortaleza de São José - Macapá	DATA	09/05/2013	14
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Fortaleza; São José; Macapá; Rio Amazonas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	21 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. FortalezaSãoJosé-09-05-2013-PedroGontijo-001 a FortalezaSãoJosé-09-05-2013-PedroGontijo-021			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ladainha do Chico da Lagoa – AFOMAPA - Macapá	DATA	09/05/2013	15
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Laguinho; Ladainha; Chico da Lagoa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	15 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Ladainha-09-05-2013-PedroGontijo-001 a Ladainha-09-05-2013-PedroGontijo-015			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Modo de Fazer Gengibirra – AZEBIC - Macapá	**DATA**	18/05/2013	16
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Gengibirra; Gengibre; Irene Pereira dos Santos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	109 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Gengibirra-18-05-2013-EduardoCosta-001 a Gengibirra-18-05-2013-EduardoCosta-109			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Decoração – AZEBIC - Macapá	**DATA**	18/05/2013	17
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Decoração; Enfeites; Papéis.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	18 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. DecoraçãoAzebic-18-05-2013-EduardoCosta-001 a DecoraçãoAzebic-18-05-2013-EduardoCosta-018			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Corte da Murta – AZEBIC - Coração	**DATA**	18/05/2013	18
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Coração; Murta; Mata.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	56 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. CortedaMurta-18-05-2013-EduardoCosta-001 a CortedaMurta-18-05-2013-EduardoCosta-056			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA - Macapá	**DATA**	19/05/2013	19
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Igreja Jesus de Nazaré; Coroa do Divino Espírito Santo; Cortejo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	207 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MissaAFOMAPA-19-05-2013-EduardoCosta (1) a MissaAFOMAPA-19-05-2013-EduardoCosta (207)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Esquenta Juventude Marabaixeira - Macapá	**DATA**	19/05/2013	20

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Esquenta Juventude Marabaixeira; Cortejo da Murta; Jovens; Crianças.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	117 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. EsquentaJuventudeMarabaixo-19-05-2013-EduardoCosta-001 a EsquentaJuventudeMarabaixo-19-05-2013-EduardoCosta-117
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo da Murta Seafro - Macapá	**DATA**	19/05/2013	21
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Cortejo; Murta; Igreja São José; Bênção.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	312 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. CortejoeBênçãodaMurtaSeafro-19-05-2013-EduardoCosta-001 a CortejoeBênçãodaMurtaSeafro-19-05-2013-EduardoCosta-312			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo - Macapá	**DATA**	19/05/2013	22
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Favela; Dança; Grupo de Igarapé do Lago.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	56 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. BerçodoMarabaixo-19-05-2013-EduardoCosta-001 a BerçodoMarabaixo-19-05-2013-EduardoCosta-056			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá	**DATA**	19/05/2013	23
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	59 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Azebic-19-05-2013-EduardoCosta-001 a Azebic-19-05-2013-EduardoCosta-059			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo - Macapá	**DATA**	20/05/2013	24
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Favela; Levantamento do Mastro; Fogos de Artifício.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	78 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. MastroBerçoMarabaixo-20-05-2013-EduardoCosta-001 a MastroBerçoMarabaixo-20-05-2013-EduardoCosta-078
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Entrevistados	DATA	Maio/2013	25
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Marabaixeiros; Associações; Festeiros; Macapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	129 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Danniela-10-05-2013-PedroGontijo (1) a Danniela-10-05-2013-PedroGontijo (3) Iury-19-05-2013-EduardoCosta (1) a Iury-19-05-2013-EduardoCosta (8) JosefaLina-09-05-2013-PedroGontijo (1) a JosefaLina-09-05-2013-PedroGontijo (3) Lucimar-08-05-2013-PedroGontijo (1) a Lucimar-08-05-2013-PedroGontijo (11) Marcelo-20-05-2013-EduardoCosta (1) a Marcelo-20-05-2013-EduardoCosta (32) Elísia-21-05-2013-EduardoCosta (1) a Elísia-21-05-2013-EduardoCosta (40) Marilda-10-05-2013-PedroGontijo (1) a Marilda-10-05-2013-PedroGontijo (8) Mônica-20-05-2013-EduardoCosta (1) a Mônica-20-05-2013-EduardoCosta (15) Taylor-18-05-2013-EduardoCosta (1) a Taylor-18-05-2013-EduardoCosta (9)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Eduardo Costa; Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho	DATA	24/08/2013	26
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Marabaixo de Rua; Festa do Divino Espírito Santo; Coroação; Igreja Nossa Senhora da Assunção.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	454 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. FestaDivino-24-08-2013-PedroGontijo (1) a FestaDivino-24-08-2013-PedroGontijo (454) a			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Capela São Sebastião - Mazagão	DATA	25/08/2013	27
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa São Sebastião; Mazagão; Capela São Sebastião.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. S.Sebastião-25-08-2013-PedroGontijo (1) a S.Sebastião-25-08-2013-PedroGontijo (2) a			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Macapá	DATA	26/08/2013	28
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Macapá; Igreja São José, Fortaleza de São José de Macapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Macapá-26-08-2013-PedroGontijo (1) a Macapá-26-08-2013-PedroGontijo (10) a			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Entrevistados	DATA	Agosto/2013	29
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Marabaixeiros; Macapá; Mazagão Velho, Mazagão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	40 Fotografias em arquivo digital – JPEG – Alta Resolução e Web Resolução. Jorge-25-08-2013-PedroGontijo (1) a Jorge-25-08-2013-PedroGontijo (6) Jozué-25-08-2013-PedroGontijo (1) a Jozué-25-08-2013-PedroGontijo (27) MariaLibório-26-08-2013-PedroGontijo (1) a MariaLibório-26-08-2013-PedroGontijo (7)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Fotográficos (Fotógrafos) - INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Pedro Gontijo / Estilo Nacional			

2 VÍDEOS

2.1 – REGISTROS AUDIOVISUAIS: ACERVOS DIVERSOS – INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	A Fortaleza de São José de Macapá (Documentos da Amazônia, Amapá). Amapá - Amazônia - Brasil - Marabaixo das crianças. Cultura afrodescendente – Marabaixo. Dança Típica do Amapá - Dança de Marabaixo. Dia Estadual do Marabaixo, em Macapá (TV-AP Junho 2012). Dia Estadual do Marabaixo, em Macapá-AP (TV-AP Junho 2012). Documentário Marabaixo - Amapá (2011). Fabricação de instrumentos musicais (TV-AP janeiro 2013). Marabaixo – Amapá. Marabaixo - Comunidade do Laguinho. Marabaixo do São Jorge. O ciclo do Marabaixo em Macapá e o Domingo da Murta (TV-AP 26.05.2012). O corte do mastro no Ciclo do Marabaixo, em Macapá, (TV-AP 11.05.2012). O corte do mastro nos festejos do Ciclo do Marabaixo, em Macapá, (TV-AP 11.05.2012). O Marabaixo e o Batuque, em Macapá, - Amapá (TV-AP Novembro – 2011). Pedro produzindo Tambores de Marabaixo na APA do Curiaú em Macapá, AP.	DATA		1

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

	Tradicional Marabaixo do Laguinho. Troca de Dados – Marabaixo. Zezinha - As origens de marabaixo.			
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Ciclo; Murta; Mastro; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Suporte digital – vídeos.			
LOCALIZAÇÃO	http://www.youtube.com/			
AUTOR / FONTE	Autores diversos.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	As Escravas da Mãe de Deus	**DATA**	2010	2
ASSUNTO	Festa religiosa – Folias; Nossa Senhora da Piedade; Igarapé do Lago; Mazagão; Amapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd vídeo (26'): formato 4:3, son., color., NTSC.			
LOCALIZAÇÃO	Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular.			
AUTOR / FONTE	Direção: Áurea Pinheiro, Cássia Moura.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo, ciclo de amor, fé e esperança.	**DATA**	2008	3
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Folclore; Gengibirra; Murta; Mastro.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	DVD – Documentário – 17min31seg			
LOCALIZAÇÃO	Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular.			
AUTOR / FONTE	Roteiro e direção: Thomé Azevedo; Supervisão: Germana Duarte; Produção executiva: Ana Vidigal; Edição e finalização: Anderson Virino; Imagens: Willian Camilo, Gilmar Pureza, Serginho Silva, José Reis; Direção executiva: Olímpio Guarany. Prefeitura de Macapá. Target Comunicação.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo do Siríaco – Coração - VIDEO_TS	**DATA**	Sem data	4
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa; Amapá; Ladrões; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Vídeo - Suporte digital.			
LOCALIZAÇÃO	MIS/AP - Museu de Imagem e Som do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Sem Referência.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	marabaixo&batuque	**DATA**	Sem data	5
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa; Amapá; Caixas; Tambores.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Vídeo - Suporte digital.			
LOCALIZAÇÃO	MIS/AP - Museu de Imagem e Som do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Sem Referência.			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Música para bater tambor	**DATA**	2000	6
ASSUNTO	Música do Brasil – Marabaixo; Catumbi; Tambor de crioula; Caroco; Maracatu.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd vídeo (30'): formato 4:3; son., color., NTSC.
LOCALIZAÇÃO	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Rio de Janeiro/RJ
AUTOR / FONTE	Belisário França – Giro produções.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	O Amapá de Hermano Araújo e Verônica dos Tambores	DATA	2001	7
ASSUNTO	Amapá – Marabaixo; Amapá; Mazagão; Bailique; Rio Amazonas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Vídeo - Suporte digital - 28min39seg			
LOCALIZAÇÃO	http://tal.tv/video/o-amapa-de-hermano-araujo-e-veronica-dos-tambores			
AUTOR / FONTE	Philippe Barcinski			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Projeto Marabaixo/Igarapé Amapá.	DATA	1980	8
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Batuque; Festa religiosa; Procissão; Amapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Gravação original em super 8 (7 vídeos) – 1 dvd vídeo (22'): formato 4:3, son., color., NTSC.			
LOCALIZAÇÃO	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.			
AUTOR / FONTE	Raul Lody			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	I Festival de Ladrão de Marabaixo	DATA	Abril/2011	9
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Ladrão; Manifestação cultural; Dança; Comunidades.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo - 01h24min44seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Confraria Tucuju			
AUTOR / FONTE	Confraria Tucuju			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ladainha em honra e louvor a São José	DATA	Sem data	10
ASSUNTO	Ladainha – Ladainha; Festa São José; Campina Grande; Chico da Lagoa; Igreja Sagrada Família.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo – 53min53seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Francisco Ferreira Ramos (Chico da Lagoa)			
AUTOR / FONTE	Produção: Stúdio Mk2			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	AZEBIC – Encontro dos Tambores	DATA	2012	11
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Caixa; Dança, Ladrões; Associação Zeca e Bibi Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 Vídeo digital - 26min31seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo AZEBIC			
AUTOR / FONTE	Sem referência.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Projeto Alé – Campina Grande	DATA	30/12/2010	12
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Ladrão, União Folclórica de Campina Grande; Festa da Sagrada Família; Show Banda Placa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo – 1h05min04seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Frutos e Sementes – Pontinho da Cultura	DATA	2011	13
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Toque das Caixas; Ladainha; Curiaú; Associação Cultural Raízes do Bolão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Nossos Ídolos – Benedita Guilherma Ramos – Tia Biló	DATA	2011	14
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Tia Biló; Julião Ramos; Laguinho; Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo – 13min21seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Nossos Ídolos – Maria José Libório	DATA	2011	15
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Gertrudes Saturnino; Favela; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Ladrões.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo – 40min44seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Nossos Ídolos – Mestre Jorge	DATA	2011	16
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão; Mazagão Velho; Dança; Festas religiosas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd - Vídeo – 17min47seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Nossos Ídolos – Francisco Lino da Silva	DATA	2011	17
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Laguinho; Mãe Luzia; Músico; Escola de Samba Boêmios do Laguinho.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo – 18min59seg
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa
AUTOR / FONTE	Banda Placa

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Nossos Ídolos – Cícero Melo (Tito)	DATA	2011	18
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Músico; Os Mocambos; Folclore; Músicas Regionais.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo - 15min08seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo – Vídeo - Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Nossos Ídolos – Fernando Canto	DATA	2011	19
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Músico; Os Mocambos; Cultura Popular; A Água Benta e o Diabo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 dvd – Vídeo – 26min25seg			
LOCALIZAÇÃO	Acervo Banda Placa			
AUTOR / FONTE	Banda Placa			

2.2 – REGISTROS AUDIOVISUAIS – MATERIAL PARA O DOCUMENTÁRIO/INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ (SEM EDIÇÃO).

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Preparativos Corte do Mastro – AFOMAPA – Macapá	DATA	04/05/2013	1
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	48 vídeos em arquivo digital - MOV. PreparativosCorteMastro-04-05-2013-RodrigoCardoso (1) a PreparativosCorteMastro-04-05-2013-RodrigoCardoso (48)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Trajeto Corte do Mastro – AFOMAPA – Macapá e Curiaú	DATA	04/05/2013	2
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Ladrão; Caixa; Curiaú.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	24 vídeos em arquivo digital – MOV. TrajetoCorteMastro-04-05-2013-RodrigoCardoso (1) a TrajetoCorteMastro-04-05-2013-RodrigoCardoso (24)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Corte do Mastro – AFOMAPA – Curiaú.	DATA	04/05/2013	3

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Curiaú; Mata; Mastro.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	30 vídeos em arquivo digital – MOV. CorteMastro-04-05-2013-RodrigoCardoso (1) a CorteMastro-04-05-2013-RodrigoCardoso (30)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo - Macapá	DATA	04/05/2013	4
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Favela; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	21 vídeos em arquivo digital – MOV. MarabaixoBerço-04-05-2013-RodrigoCardoso (1) a MarabaixoBerço-04-05-2013-RodrigoCardoso (21)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo do Mastro – AZEBIC - Macapá	DATA	05/05/2013	5
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Dança, Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	37 vídeos em arquivo digital – MOV. CortejoMastro-05-05-2013-RodrigoCardoso (1) a CortejoMastro-05-05-2013-RodrigoCardoso (37)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá	DATA	05/05/2013	6
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Laguinho; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	48 vídeos em arquivo digital – MOV. MarabaixoAFOMAPA-05-05-2013-RodrigoCardoso (1) a MarabaixoAFOMAPA-05-05-2013-RodrigoCardoso (48)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau - Macapá	DATA	05/05/2013	7
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	30 vídeos em arquivo digital – MOV. MarabaixoACRL-05-05-2013-RodrigoCardoso (1) a MarabaixoACRL-05-05-2013-RodrigoCardoso (30)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá	**DATA**	05/05/2013	8
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	26 vídeos em arquivo digital – MOV. MarabaixoAZEBIC-05-05-2013-RodrigoCardoso (1) a MarabaixoAZEBIC-05-05-2013-RodrigoCardoso (26)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Igreja de São José – Macapá	**DATA**	06/05/2013	9
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Igreja; São José; Altar; Macapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 vídeos em arquivo digital – MOV. IgrejaSãoJosé-06-05-2013-RodrigoCardoso (1) a IgrejaSãoJosé-06-05-2013-RodrigoCardoso (14)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Modo de Fazer Caixa – Pedro Bolão - Curiaú	**DATA**	06/05/2013	10
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raízes do Bolão; Pedro Bolão; Curiaú; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	8 vídeos em arquivo digital – MOV. ModoFazerCaixa-06-05-2013-RodrigoCardoso (1) a ModoFazerCaixa-06-05-2013-RodrigoCardoso (8)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Curiaú	**DATA**	06/05/2013	11
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Curiaú; Balneário; Canoa; Rio Curiaú.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 vídeos em arquivo digital – MOV. Curiaú-06-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Curiaú-06-05-2013-RodrigoCardoso (14)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mazagão Velho e Dona Zezinha	**DATA**	07/05/2013	12
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão Velho; Dona Zezinha; Rio Mutuacá; Trapiche.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	28 vídeos em arquivo digital – MOV. MazagãoVelho-07-05-2013-RodrigoCardoso (1) a MazagãoVelho-07-05-2013-RodrigoCardoso (28)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mazagão	DATA	07/05/2013	13
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão; Rio Mazagão; Palafitas; Ribeirinhos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	19 vídeos em arquivo digital – MOV. Mazagão-07-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Mazagão-07-05-2013-RodrigoCardoso (19)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Comunidade Rio Anauerapucu	DATA	07/05/2013	14
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Santana; Rio Anauerapucu; Palafitas; Ribeirinhos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	13 vídeos em arquivo digital – MOV. ComunidadeRioAnauerapucu-07-05-2013-RodrigoCardoso (1) a ComunidadeRioAnauerapucu-07-05-2013-RodrigoCardoso (13)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Rio Amazonas - Macapá	DATA	07/05/2013	15
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Rio Amazonas; Trapiche; São José; Fortaleza São José de Macapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	7 vídeos em arquivo digital – MOV. RioAmazonas-07-05-2013-RodrigoCardoso (1) a RioAmazonas-07-05-2013-RodrigoCardoso (7)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Preparação do Caldo – ACRL - Macapá	DATA	08/05/2013	16
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Caldo; Festeira; Festa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	16 vídeos em arquivo digital – MOV. PreparaçãoCaldo-08-05-2013-RodrigoCardoso (1) a PreparaçãoCaldo-08-05-2013-RodrigoCardoso (16)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Preparação Festeira (Djane Estrela) – ACRL - Macapá	DATA	08/05/2013	17
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Festeira; Djane Estrela; Maquiagem.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	18 vídeos em arquivo digital – MOV. PreparaçãoFesteira-08-05-2013-RodrigoCardoso (1) a PreparaçãoFesteira-08-05-2013-RodrigoCardoso (18)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo da Murta Laguinho – ACRL - Macapá	DATA	08/05/2013	18
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho; Cortejo da Murta; Igreja São Benedito.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	71 vídeos em arquivo digital – MOV. CortejoMurta-08-05-2013-RodrigoCardoso (1) a CortejoMurta-08-05-2013-RodrigoCardoso (71)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Levantamento do Mastro – ACRL - Macapá	DATA	09/05/2013	19
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Levantamento do Mastro; Murta; Bandeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	48 vídeos em arquivo digital – MOV. LevantamentoMastro-09-05-2013-RodrigoCardoso (1) a LevantamentoMastro-09-05-2013-RodrigoCardoso (48)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fortaleza de São José - Macapá	DATA	09/05/2013	20
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Macapá; Fortaleza de São José; Galpões; Rio Amazonas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	13 vídeos em arquivo digital –MOV. FortalezaSãoJosé-09-05-2013-RodrigoCardoso (1) a FortalezaSãoJosé-09-05-2013-RodrigoCardoso (13)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ladainha Chico da Lagoa – AFOMAPA - Macapá	DATA	09/05/2013	21
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Laguinho; Ladainha; Chico da Lagoa.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	15 vídeos em arquivo digital – MOV. Ladainha-09-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Ladainha-09-05-2013-RodrigoCardoso (15)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Modo de Fazer Gengibirra – AZEBIC - Macapá	DATA	18/05/2013	22
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Gengibirra; Gengibre; Associação Zeca e Bibi Costa; Irene Pereira dos Santos.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	112 vídeos em arquivo digital - MOV ModoFazerGengibirra-18-05-2013-JSAC (1) a ModoFazerGengibirra-18-05-2013-JSAC (112)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Decoração AZEBIC - Macapá	DATA	18/05/2013	23
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Festeiro; Papéis; Decoração.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	42 vídeos em arquivo digital – MOV. DecoraçãoAzebic-18-05-2013-JSAC (1) a DecoraçãoAzebic-18-05-2013-JSAC (42)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Corte da Murta – AZEBIC – Coração	DATA	18/05/2013	24
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Corte da Murta; Coração; Ladrão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	59 vídeos em arquivo digital – MOV. CorteMurta-18-05-2013-JSAC (1) a CorteMurta-18-05-2013-JSAC (59)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA - Macapá	DATA	19/05/2013	25
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Igreja Jesus de Nazaré; Missa; Coroa do Divino Espírito Santo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	147 vídeos em arquivo digital – MOV. Missa-19-05-2013-JSAC (1) a Missa-19-05-2013-JSAC (147)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Esquenta Juventude Marabaixeira – Cortejo da Murta Seafro – Macapá	**DATA**	19/05/2013	26
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Esquenta Juventude Marabaixeira; Cortejo da Murta; Seafro; Ladrão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	83 vídeos em arquivo digital - MOV EsquentaCortejo-18-05-2013-JSAC (1) a EsquentaCortejo-18-05-2013-JSAC (83)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Cortejo da Murta Seafro - Macapá	**DATA**	19/05/2013	27
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Cortejo; Murta; Seafro; Igreja de São José.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	127 vídeos em arquivo digital – MOV. CortejoMurtaSeafro-19-05-2013-JSAC (1) a CortejoMurtaSeafro-19-05-2013-JSAC (127)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo - Macapá	**DATA**	19/05/2013	28
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Favela; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	68 vídeos em arquivo digital – MOV. MarabaixoBerço-19-05-2013-JSAC (1) a MarabaixoBerço-19-05-2013-JSAC (68)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá	**DATA**	19/05/2013	29
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Dança; Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	66 vídeos em arquivo digital – MOV. MarabaixoAZEBIC-19-05-2013-JSAC (1) a MarabaixoAZEBIC-19-05-2013-JSAC (66)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo - Macapá	**DATA**	20/05/2013	30

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Levantamento do Mastro; Murta; Bandeira.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	55 vídeos em arquivo digital – MOV. LevantamentoMastro-19-05-2013-JSAC (1) a LevantamentoMastro-19-05-2013-JSAC (55)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Danniela Patrícia da Silva Monteiro (Danniela Ramos)	**DATA**	10/05/2013	31
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	5 vídeos em arquivo digital – MOV. Danniela-10-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Danniela-10-05-2013-RodrigoCardoso (5)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Esmeraldina dos Santos	**DATA**	06/05/2013	32
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Ladrões; Associação Cultural Raízes do Bolão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 vídeos em arquivo digital – MOV. Esmeraldina-06-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Esmeraldina-06-05-2013-RodrigoCardoso (2)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Francisca Ramos dos Santos	**DATA**	06/05/2013	33
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Associação Cultural Raízes do Bolão; Ladrões.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Francisca-06-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Francisco Ferreira Ramos	**DATA**	09/05/2013	34
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festas Religiosas; Lagoa de Fora; Ladainha; Rezador.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 vídeos em arquivo digital – MOV. Francisco-09-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Francisco-09-05-2013-RodrigoCardoso (3)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Irene Pereira dos Santos	DATA	18/05/2013	35
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Gengibirra; Associação Zeca e Bibi Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 vídeos em arquivo digital – MOV. Irene-18-05-2013-JSAC (1) a Irene-18-05-2013-JSAC (3)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Iury Soledade	DATA	19/05/2013	36
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Juventude Marabaixeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Iury-19-05-2013-JSAC			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Joaquina Ramos da Silva	DATA	05/05/2013	37
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Joaquina-05-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Lina da Silva	DATA	09/05/2013	38
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. JosefaLina-09-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Pereira Lau	DATA	07/05/2013	39
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Mazagão Velho; Ladrões; Grupo Cultural Tia Zezinha.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	7 vídeos em arquivo digital – MOV. JosefaLau-07-05-2013-RodrigoCardoso (1) a JosefaLau-07-05-2013-RodrigoCardoso (7)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Laura Cristina da Silva	DATA	05/05/2013	40
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa do Divino Espírito Santo; Cantadeira; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Laura-05-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Lucimar Araújo Tavares	DATA	08/05/2013	41
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Lucimar-08-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra	DATA	20/05/2013	42
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Modo de Fazer Caixa; Ofício de Tocador de Caixa; Favela.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	14 vídeos em arquivo digital – MOV. Marcelo-20-05-2013-JSAC (1) a Marcelo-20-05-2013-JSAC (14)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Maria Elísia Carmo Silva	DATA	21/05/2013	43
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Família Congó; Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	12 vídeos em arquivo digital – MOV. Elísia-21-05-2013-JSAC (1) a Elísia-21-05-2013-JSAC (12)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marilda Silva da Costa	**DATA**	10/05/2013	44
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Gertrudes Saturnino; Associação Cultural Berço do Marabaixo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	4 vídeos em arquivo digital – MOV. Marilda-10-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Marilda-10-05-2013-RodrigoCardoso (4)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mônica do Socorro Ramos	**DATA**	04/05/2013	45
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Mastro; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 vídeos em arquivo digital – MOV. Mônica-04-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Mônica-04-05-2013-RodrigoCardoso (2)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mônica do Socorro Ramos	**DATA**	20/05/2013	46
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	4 vídeos em arquivo digital – MOV. Mônica-20-05-2013-JSAC (1) a Mônica-20-05-2013-JSAC (4)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Naíra Paula Sena de Sousa	**DATA**	05/05/2013	47
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Cantadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Naíra-05-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Pedro Rosário dos Santos	**DATA**	06/05/2013	48
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Associação Cultural Raízes do Bolão; Modo de Fazer Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 vídeos em arquivo digital – MOV. Pedro-06-05-2013-RodrigoCardoso (1) a Pedro-06-05-2013-RodrigoCardoso (2)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimunda da Silva Ramos	**DATA**	05/05/2013	49
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Raimunda-05-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimundo Hildemar Maia dos Santos	**DATA**	04/05/2013	50
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Tocador de Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Raimundo-04-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Rivaldo dos Santos da Costa	**DATA**	05/05/2013	51
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Festeiro.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	1 vídeo em arquivo digital – MOV. Rivaldo-05-05-2013-RodrigoCardoso			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Rodrigo Cardoso / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Taylor Cardoso Videira	**DATA**	18/05/2013	52
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Juventude Marabaixeira.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	5 vídeos em arquivo digital – MOV. Taylor-18-05-2013-JSAC (1) a Taylor-18-05-2013-JSAC (5)
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Juliano Sacramento / Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho	DATA	24/08/2013	53
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa Divino Espírito Santo; Marabaixo de Rua; Coroação; Igreja Nossa Senhora da Assunção.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	190 vídeos em arquivo digital – MOV. FestaDivino-24-08-2013-LeonardoHorta (1) a FestaDivino-24-08-2013-LeonardoHorta (190)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Jozué da Conceição Videira – Mazagão Velho	DATA	25/08/2013	54
ASSUNTO	Marabaixo –. Marabaixo; Festa Divino Espírito Santo; Marabaixo de Rua; Caixas; Tocador.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	18 vídeos em arquivo digital – MOV. JozuéVideira-25-08-2013-LeonardoHorta (1) a JozuéVideira-25-08-2013-LeonardoHorta (18)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta/ Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	José Jorge da Silva - Mazagão	DATA	25/08/2013	55
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Origem; Mazagão Velho; Macapá; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 vídeos em arquivo digital – MOV. Jorge-25-08-2013-LeonardoHorta (1) a Jorge-25-08-2013-LeonardoHorta (3)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Maria José da Silva Libório	DATA	26/08/2013	56
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Favela; Gertrudes Saturnino; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	10 vídeos em arquivo digital – MOV. MariaLibório-26-08-2013-LeonardoHorta (1) a MariaLibório-26-08-2013-LeonardoHorta (10)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta / Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Alagado	DATA	25/08/2013	57
ASSUNTO	Marabaixo – Amapá; Área Alagada; Mazagão; Meio Ambiente; Ecossistema.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	2 vídeos em arquivo digital – MOV. Alagado-25-08-2013-LeonardoHorta (1) Alagado-25-08-2013-LeonardoHorta (2)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Fortaleza de São José - Macapá	DATA	26/08/2013	58
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Fortaleza de São José de Macapá; Rio Amazonas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	6 vídeos em arquivo digital – MOV. Fortaleza-26-08-2013-LeonardoHorta (1) a Fortaleza-26-08-2013-LeonardoHorta (6) a			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta / Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Igreja de São José - Macapá	DATA	26/08/2013	59
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Igreja de São José; Por do sol; Fachada principal.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	3 vídeos em arquivo digital – MOV. IgrejaSãoJosé-26-08-2013-LeonardoHorta (1) a IgrejaSãoJosé-26-08-2013-LeonardoHorta (3)			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Audiovisuais – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Leonardo Horta / Estilo Nacional			

3 GRAVAÇÃO SONORA

3.1 – REGISTROS SONOROS: ACERVOS DIVERSOS – INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	As Aventuras de Dona Florzinha	DATA	Sem data	1
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo, História infantil, Curiaú, Ladrão, Natureza.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Música – Suporte: CD. 06min11seg			
LOCALIZAÇÃO	Centro Cultural Raízes do Bolão			
AUTOR / FONTE	Esmeraldina dos Santos			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Encontro dos tambores: afrobrazilian music in Amapá.	DATA	1996	2
ASSUNTO	Música do Amapá – Marabaixo; Batuque; Tambores; Sairé; Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Música - 1 disco digital (ca. 65 min): estéreo, 18 músicas.
LOCALIZAÇÃO	Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – Rio de Janeiro/RJ
AUTOR / FONTE	Instituto Cultural Brasileiro na Alemanha

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Festejos – Grupo Folclórico Raízes do Marabaixo	DATA	2012	3
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festejos; Ladainha; Folia; Mazagão Velho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – Suporte: CD. 9 faixas que contém: História de um povo (03min36seg); Ladainha de Nossa Senhora (16min39seg); Folia de São Gonçalo (06min59seg); Folia de São Joaquim (05min23seg); Folia de São Tiago (01min45seg); Folia de São Pedro (04min20seg); Folia do Divino Espírito Santo (03min50seg); Folia da Mãe de Deus da Piedade (06min27seg); Folia de São Benedito (04min51seg).			
LOCALIZAÇÃO	Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular			
AUTOR / FONTE	Grupo Folclórico Raízes do Marabaixo / Banda Placa			

3.2 – REGISTROS SONOROS: ENTREVISTAS E GRAVAÇÕES – INRC DO MARABAIXO DO AMAPÁ.

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Alexandre Queiroz Nascimento	DATA	31/03/2013	1
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Ladrões de Marabaixo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 4min39seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ana Rosa dos Santos	DATA	08/05/2013	2
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 08min38seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Anastácia Martial Josaphat do Espírito Santo	DATA	05/05/2013	3
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Festeiros.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 14min55seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Antônia do Carmo Costa	DATA	27/03/2013	4

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Sagrada Família; Campina Grande; Ladrões; Dança.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 34min35seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Bênção da Murta	DATA	19/05/2013	5
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Cortejo da Murta; Bênção; Igreja de São José; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 22min35seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Carlos Alberto Marques Viana	DATA	14/05/2013	6
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Pesquisas históricas; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão; Festas religiosas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 36min54seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Carlos Augusto Gomes	DATA	15/05/2013	7
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festas religiosas; Música; Folias; Ladainhas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 01h11min47seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Coletiva 1 – Naíra Paula Sena de Sousa, Denise Nascimento de Sena, Laura Cristina da Silva, Vângela Maria Fortunato dos Santos	DATA	07/02/2013	8
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Ladrões; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 01h34min05seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Coletiva 2 - Manuel Antônio de Deus e Ivanete Picanço das Chagas	DATA	28/03/2013	9
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Ressaca da Pedreira; Ladainhas; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 24min52seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Coletiva 3 - Paulo de Assis Nascimento Lino e Raimunda Nonata Vilhena Santana	**DATA**	28/03/2013	10
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de São José; Abacate da Pedreira; Ladainhas; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 35min23seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Coletiva 4 – Irene Pereira dos Santos e Varomilda Cabral de Souza	**DATA**	09/05/2013	11
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Associação Zeca e Bibi Costa; Gengibirra; Ladrões.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 13min22seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Corte da Murta	**DATA**	18/05/2013	12
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Coração; Murta; Ladrões, Caixas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min41seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Danniela Patrícia da Silva Monteiro (Danniela Ramos)	**DATA**	10/05/2013	13
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 49min10seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Erivelton Fortunato Cirilo	**DATA**	08/05/2013	14
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Gengibirra; Associação Zeca e Bibi Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 12min38seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Esmeraldina dos Santos	**DATA**	28/03/2013	15

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Ladrões; Associação Cultural Raízes do Bolão.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 50min34seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Esmeraldina dos Santos	DATA	06/05/2013	16
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Ladrões; Associação Cultural Raízes do Bolão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 09min41seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
Autor / Fonte	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Esquenta Juventude Marabaixeira	DATA	19/05/2013	17
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Cortejo da Murta; Igreja São José; Ladrões; Dança.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 13h58min			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Felícia do Socorro Ramos	DATA	07/05/2013	18
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 27min13seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Francimar da Costa Rocha	DATA	10/05/2013	19
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Gertrudes Saturnino; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Favela.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 18min32seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Francisca Ramos dos Santos	DATA	06/05/2013	20
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Associação Cultural Raízes do Bolão; Ladrões.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min00seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Francisco Ferreira Ramos	**DATA**	09/05/2013	21
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festas Religiosas; Lagoa de Fora; Ladainha; Rezador.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 03min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Gerson Ramos	**DATA**	06/05/2013	22
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 55min50seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Irene Pereira dos Santos	**DATA**	09/05/2013	23
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Gengibirra; Associação Zeca e Bibi Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 24min35seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Irene Pereira dos Santos	**DATA**	18/05/2013	24
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Gengibirra; Associação Zeca e Bibi Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 09min00seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Iury Soledade	**DATA**	19/05/2013	25
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Juventude Marabaixeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 03min39seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Izabel Saturnina da Silva	**DATA**	10/05/2013	26

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Gertrudes Saturnino; Favela; Associação Cultural Berço do Marabaixo.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 22min21seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	João Ataíde Santana	DATA	16/05/2013	27
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Seafro; Cortejo da Murta; Juventude Marabaixeira; Bênção da Murta.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 30min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Joaquina Jacarandá	DATA	26/05/2013	28
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Mazagão Velho; Empregadas do Divino; Grupo Folclórico Raízes do Marabaixo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 33min16seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Joaquina Ramos da Silva	DATA	05/05/2013	29
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 02min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Joaquina Ramos da Silva	DATA	08/05/2013	30
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 24min59seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	José Jorge da Silva	DATA	25/08/2013	31
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Origem; Mazagão Velho; Mazagão; Macapá.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 –21min36seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Lina da Silva	DATA	04/05/2013	32
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 51min46seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Lina da Silva	DATA	09/05/2013	33
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 12min04seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Maria de Miranda	DATA	27/03/2013	34
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Curiaú; Festas Religiosas; Ladrões; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 18min54seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Menezes das Chagas	DATA	28/03/2013	35
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade; Casa Grande; Grupo Folclórico Santíssima Trindade; Ladainhas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 24min25seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Pereira Lau	DATA	26/03/2013	36
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Mazagão Velho; Ladrões; Grupo Cultural Tia Zezinha.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 53min38seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Josefa Pereira Lau	DATA	07/05/2013	37
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Mazagão Velho; Ladrões; Grupo Cultural Tia Zezinha.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 01h07min09seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Jozué da Conceição Videira	DATA	25/08/2013	38
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Mazagão Velho; Festa do Divino Espírito Santo; Marabaixo de Rua; Modo de Fazer Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 –15min16seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ladainha - Chico da Lagoa	DATA	09/05/2013	39
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festas Religiosas; Lagoa de Fora; Reza; Ladainha.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 29min31seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ladainha João da Cruz	DATA	13/05/2013	40
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festas Religiosas; Curiaú; Reza; Ladainha.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 24min36seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Laura Cristina da Silva	DATA	05/05/2013	41
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa do Divino Espírito Santo; Cantadeira; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 03min53seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Levantamento do Mastro - ACRL	DATA	09/05/2013	42
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Mastro; Ladrões; Caixas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 06min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Levantamento do Mastro Berço do Marabaixo	DATA	20/05/2013	43

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Associação Cultural Berço do Marabaixo; Mastro; Ladrões; Caixas.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 03min37seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Lucimar Araújo Tavares	DATA	06/05/2013	44
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 52min51seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Lucimar Araújo Tavares	DATA	08/05/2013	45
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min06seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Manuel Eleutério Pereira	DATA	26/03/2013	46
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de São Tomé; Carvão; Grupo Folclórico Raízes do Marabaixo; Caixas.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 30min35seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão	DATA	31/03/2013	47
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Ladrões; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min06seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa	DATA	30/03/2013	48
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Ladrões; Associação Zeca e Bibi Costa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min56seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo	**DATA**	30/03/2013	49
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade; Favela; Ladrões; Associação Cultural Berço do Marabaixo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 01h15min45min			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau	**DATA**	31/03/2013	50
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Ladrões; Laguinho.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 30min34seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra	**DATA**	10/05/2013	51
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Modo de Fazer Caixa; Ofício de Tocador de Caixa; Favela.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 01h32min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra	**DATA**	20/05/2013	52
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Modo de Fazer Caixa; Ofício de Tocador de Caixa; Favela.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 27min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marcos Vinícius de Araújo da Costa	**DATA**	07/05/2013	53
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Associação Zeca e Bibi Costa; Tocador de Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 15min14seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Maria da Conceição Lino Videira	**DATA**	07/05/2013	54

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 23min55seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Maria Elísia Carmo Silva	DATA	21/05/2013	55
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Família Congó; Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 31min56seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Maria Izabel Jesus Cardoso	DATA	05/05/2013	56
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Festeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 12min47seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Maria José da Silva Libório	DATA	26/08/2013	57
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Favela; Santíssima Trindade dos Inocentes; Gertrudes Saturnino; Promessa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 –20min53seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Marilda Silva da Costa	DATA	10/05/2013	58
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Gertrudes Saturnino; Associação Cultural Berço do Marabaixo.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 40min39seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Missa Igreja Jesus de Nazaré – Associação Folclórica Marabaixo do Pavão	DATA	19/05/2013	59
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 19min47seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mônica do Socorro Ramos	DATA	04/05/2013	60
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Mastro; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 02min19seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mônica do Socorro Ramos	DATA	10/05/2013	61
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 39min16seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Mônica do Socorro Ramos	DATA	20/05/2013	62
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 17min51seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Naíra Paula Sena de Sousa	DATA	31/03/2013	63
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Cantadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 19min17seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Naíra Paula Sena de Sousa	DATA	05/05/2013	64
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Cantadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 02min07seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Pedro Rosário dos Santos	DATA	06/05/2013	65
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Santa Maria; Curiaú; Associação Cultural Raízes do Bolão; Modo de Fazer Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min18seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimunda da Silva Ramos	DATA	08/05/2013	66
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 40min55seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimunda da Silva Ramos	DATA	05/05/2013	67
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Velha Guarda.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 03min00seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimunda Rodrigues da Silva	DATA	05/05/2013	68
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Indumentária; Dançadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 32min44seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimundo Hildemar Maia dos Santos	DATA	04/05/2013	69
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Tocador de Caixa.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 01min18seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raimundo Hildemar Maia dos Santos	DATA	04/05/2013	70
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Laguinho; Tocador de Caixa.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 12min36seg
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Ranúbia Silva Oliveira	DATA	08/05/2013	71
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Dançadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 14min34seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Raylanne de Azevedo dos Santos	DATA	08/05/2013	72
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Festeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 10min16seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Reunião Salvaguarda do Marabaixo	DATA	24/08/2013	73
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; IPHAN; Salvaguarda; proteção; transmissão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 –01 hora26seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Reunião Seafro 'Cortejo da Murta'	DATA	15/05/2013	74
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Corteja da Murta; Bênção da Murta; Seafro; Igreja São José.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 54min49seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Rivaldo dos Santos da Costa	DATA	05/05/2013	75
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Associação Zeca e Bibi Costa; Favela; Festeiro.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 06min02seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Rozicema Viana Barreiro	DATA	09/05/2013	76
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de São Sebastião; Mazagão; Mazagão Velho; Dançadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 33min09seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Sandra Priscila Silva dos Santos	DATA	07/05/2013	77
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes; Favela; Associação Zeca e Bibi Costa; Cantadeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 25min26seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Taylor Cardoso Videira	DATA	18/05/2013	78
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa do Divino Espírito Santo; Festa da Santíssima Trindade; Associação Cultural Raimundo Ladislau; Juventude Marabaixeira.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 06min01seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Valdicleuson Silva da Costa	DATA	31/03/2013	79
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de Nossa Senhora da Assunção; Torrão do Matapi; Ladrão; Dançador.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 13min42seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Vanda dos Santos Lôbo	DATA	27/03/2013	80
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de São Sebastião; Ilha Redonda; Indumentária; Gengibirra.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 33min49seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			
AUTOR / FONTE	Estilo Nacional			

TÍTULO OU LOCALIZADOR	Vera Maria Nunes da Silva	DATA	09/05/2013	81
ASSUNTO	Marabaixo – Marabaixo; Festa de São Sebastião; Mazagão; Dançadeira; Ladrão.			
DESCRIÇÃO TÉCNICA	Registro sonoro – MP3 – 39min06seg			
LOCALIZAÇÃO	DVD – Registros Sonoros – INRC do Marabaixo do Amapá.			

ANEXO : REGISTROS AUDIOVISUAIS	--	--	--	--	F1-	A2

AUTOR / FONTE	Estilo Nacional

4 CD-ROM E OUTROS REGISTROS DIGITAIS

TÍTULO OU LOCALIZADOR		DATA		
ASSUNTO				
DESCRIÇÃO TÉCNICA				
LOCALIZAÇÃO				
AUTOR / FONTE				

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Júlia Faria da Silva Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
PREENCHIDO POR	Adriene dos Anjos Noronha	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **ANEXO** **BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F1-	A3
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADES	Abacate da Pedreira - Campina Grande – Carvão – Casa Grande – Coração - Curiaú - Favela (Santa Rita) - Ilha Redonda – Laguinho – Macapá - Mazagão – Mazagão Velho – Ressaca da Pedreira – Torrão do Matapi.
MUNICÍPIOS / UF	Macapá / AP – Mazagão / AP

2. RELAÇÃO DOS BENS

2.1. CELEBRAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Cortejo da Murta (Seafro)			**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	**01**
TIPO	■ **CELEBRAÇÃO**	☐ **EDIFICAÇÃO**	☐ **FORMA DE EXPRESSÃO**	☐ **LUGAR**	☐ **OFÍCIO**
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO**	☐ **MEMÓRIA**	☐ **RUÍNA**		
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Domingo de Pentecostes	**LUGAR**	Macapá/AP	

DESCRIÇÃO

Cortejo da Murta chegando à Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

O Cortejo da Murta, promovido pela Seafro, é um evento paralelo ao Ciclo do Marabaixo em Macapá e está em sua segunda edição. O dia escolhido para o Cortejo é o mesmo em que é celebrado o Domingo do Divino Espírito Santo e o dia da Murta da Santíssima Trindade. A importância desse evento está em seu simbolismo, na reaproximação entre Igreja e Marabaixo, que durante longas décadas mantiveram-se afastados por causa da recusa dos padres em ter essa manifestação associada à Igreja católica. Além disso, é um momento de reencontro entre grupos das mais diversas comunidades rurais, e também de outros municípios como Mazagão e Santana.

Para o ano de 2013, a Seafro (Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para Afrodescendentes) contou com a cooperação da diocese de Macapá, e também com vários parceiros do poder público, sendo que cada entidade se responsabilizou por uma tarefa, como:

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	distribuição de água, locação do carro de som, preparação do palco, corte e transporte da murta, aparelhagem, entre outros. No dia marcado, muitas comunidades rurais se dirigiram para Macapá, como: Igarapé do Lago, Mazagão Velho, São João I do Maruanum II, Coração, entre outros, além de uma comitiva da Guiana Francesa. As atividades começaram a partir das 12 horas com a concentração das pessoas, almoço e apresentações musicais no espaço em frente à Casa do Artesão, e logo depois teve início o Esquenta da Juventude Marabaixeira, uma reunião de jovens e crianças que cantaram ladrões e dançaram Marabaixo. Também teve lançamento de livros e distribuição da Cartilha "Tambores no Meio do Mundo". Em seguida, centenas de pessoas saíram em cortejo pela avenida à beira do Rio Amazonas, chegando até a Praça do Coco e à Igreja de São José. À frente seguiam os representantes dos grupos carregando as bandeiras. Em seguida, homens, muitos tocando caixas, e mulheres e crianças com suas saias rodadas, coloridas e floridas carregando galhos de murta na mão, e dançando ao som dos ladrões que eram cantados de cima do carro de som e acompanhados pelos demais participantes do evento. Chegando à porta da Igreja, o padre fez a bênção dos galhos de murta. "Hoje a Igreja está aberta ao diálogo. Esse evento, onde o Marabaixo se reaproxima de vez da igreja, é a maneira de dizer que o importante é reforçar a fé cristã", proferiu o padre Lourenço Filho. Em seguida, tiveram início as homenagens com a presença de senhoras idosas que compõem a velha-guarda do Marabaixo e também a oferenda de produtos que representam o Marabaixo e o Amapá, como: flores, fitas, produtos da terra, e a gengibirra. Depois, a Coroa do Divino Espírito Santo foi levada ao altar da Igreja de São José para ser abençoada, foi um momento de grande relevância para a manifestação, e de forte emoção para os marabaixeiros. O evento terminou com a manifestação do Marabaixo na porta da Igreja de São José e com a dispersão dos grupos para as sedes das associações de Macapá, onde a festa continuou até às 6 horas da manhã do dia seguinte, quando houve o levantamento do mastro da Santíssima Trindade. **Referência:** Bênção da Murta – Macapá. Registro sonoro. 19 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 27 de maio de 2012.	**Nº**	1.1 - 7
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 - 21
REGISTRO AUDIOVISUAL	Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 - 27
CONTATO	João Ataíde Santana	**Nº**	33
CONTATO	Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para Afrodescendentes	**Nº**	77

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Encontro dos Tambores			**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	**02**
TIPO	■ **CELEBRAÇÃO** ☐ **EDIFICAÇÃO** ☐ **FORMA DE EXPRESSÃO** ☐ **LUGAR** ☐ **OFÍCIO**				
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**				
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Terceira semana de novembro	**LUGAR**	UNA – União dos Negros do Amapá – Macapá/AP	

Encontro dos Tambores na UNA – Macapá/AP. Data: 2012. Foto: Secult.

DESCRIÇÃO

O Encontro dos Tambores acontece todos os anos na União dos Negros do Amapá (UNA), em Macapá, em comemoração ao Dia da Consciência Negra, que acontece durante a terceira semana de novembro, em homenagem a Zumbi dos Palmares. Nesse evento, acontecem apresentações de Marabaixo, batuque, sahiré, zimba, tambor de crioula e Capoeira. Além disso, estão presentes a Umbanda e o Candomblé, que são as religiões de matriz africana com maior destaque no estado do Amapá. O primeiro Encontro dos Tambores ocorreu em 1994 na comunidade do Curiaú. Após a construção da UNA, em 1998, o evento passou a ocorrer nesse local, que está localizado no bairro Laguinho. Além das apresentações, também acontecem seminários e palestras, oficinas e exposições. A programação também conta com: a Missa do Quilombo; o Concurso da mais bela negra, e shows artísticos que divulgam o samba, o reggae, e também a Música Popular do Amapá. Em 2012, apresentaram-se os seguintes grupos e comunidades: Berço do Marabaixo, Goiabal, Grupo do Pavão, União Folclórica do Igarapé do Lago, Raízes do Mazagão Velho, Grupo Folclórico e Cultural Nossa Senhora da Conceição, São Benedito do Mazagão Novo, Nossas Raízes, Gungá, União Folclórica de Campina Grande, Foz do Pirativa, Raízes do Babá, Grupo Quilombola São João I do Maruanum II, Raízes do Bolão, Herdeiros do Marabaixo, Torrão do Matapi, Cunani, São Francisco do Matapi, Arthur Sacaca, São Tomé do Alto Pirativa, Rosa, Comunidade do Coração, Irmandade São José da Pedreira, Grupo Folclórico e Cultural do Marabaixo do Ambé, São Pedro dos Bois, Mata Fome, São Benedito da Campina Grande, Associação Folclórica Batuque Raízes do Coração, Santo Antônio do Matapi, Ilha Redonda, Tambor de Crioula, Raimundo Ladislau, São Sebastião do Mazagão Novo, Raízes da Favela, Comunidade do Maruanum, Comunidade do Carvão, Ressaca da Pedreira, e Associação Zeca e Bibi Costa.

O Encontro dos Tambores também é um momento de reencontro e confraternização entre as diversas comunidades do Amapá, um momento de celebração, divulgação e valorização da cultura negra.

Referência:

Cartilha “Tambores no Meio do Mundo”. Seafro.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Encontro Tambores – SECULT. 2012.	**Nº**	1.1 - 6
CONTATO	União dos Negros do Amapá	**Nº**	83

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho			IDENTIFICADO SIM / NÃO	03
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA		
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	16 a 24 de agosto	LUGAR	Mazagão Velho – Mazagão/AP	

Marabaixo de Rua durante a Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

Festa religiosa em louvor ao Divino Espírito Santo que acontece no distrito de Mazagão Velho. A programação conta com missas, alvoradas, queima de fogos, ladainhas, novena, donativos, leilão, chegada do santo em procissão fluvial, coroação da imperatriz, levantamento e derrubada de mastro, quebra da murta, cortejos, batuque e Marabaixo.

Os festejos acontecem entre os dias 16 e 24 de agosto. A rica programação promove a coroação da Imperatriz, um dos momentos mais importantes da festa, que envolve um grupo de meninas ricamente vestidas e adornadas para a ocasião. Os preparativos para esse momento começam ainda no ano anterior quando são sorteadas as Empregadas do Divino, como as crianças que participam da coroação são chamadas, dividindo-se em: Imperatriz, Trinchante, Alferes Bandeira, Pega na Capa, Paga Fogaça e Vara Dourada. Essas crianças também são denominadas as festeiras da festa daquele ano, mas na prática as maiores responsabilidades são direcionadas a seus pais. A programação da festa também envolve momentos de confraternização e distribuição de alimentos. O café ofertado constitui-se de chocolate produzido pelos próprios moradores, que plantam e colhem o cacau, secam, moem e fazem uma bebida misturada com gema de ovo. A mesa também é composta de bolo de macaxeira e beijucica, produtos à base de mandioca, típicos da região norte do Brasil. Em outros momentos, como durante as visitas nas casas dos moradores da comunidade, é distribuída a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá, à base de gengibre, cachaça e açúcar, mas que em Mazagão Velho também se acrescenta casca de abacaxi. Entre as atividades lúdicas da festa, que incluem a animação com som mecânico e batuque, está o Marabaixo, dançado por mulheres, homens e crianças, ao som do toque das caixas e dos ladrões. O Marabaixo ocorre de duas maneiras: é dançado no salão do Centro Comunitário Mocito Aires, e também pelas ruas da cidade.

Na Igreja em devoção a Nossa Senhora da Assunção acontecem missas e uma novena. Além disso, nessa igreja ficam guardados, durante os dias de festa, o cetro e a coroa, objetos simbólicos usados pela imperatriz durante os principais rituais que acontecem em Mazagão Velho durante os dias de festa em devoção ao Divino Espírito Santo.

A organização e a preparação da festa ficam a cargo de membros da própria comunidade, principalmente mulheres, que se reúnem com a antecedência necessária, geralmente três meses antes, para começar o planejamento da festa. Essa comissão organizadora conta apenas com os donativos e recursos da própria comunidade, e, para essa festa, recusam as verbas do governo.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Referência: Joaquina da Silva Jacarandá. Entrevistada em 26 de março de 2013. Josefa Pereira Lau. Entrevistada em 26 de março de 2013. Jozué da Conceição Videira. Entrevistado em 25 de agosto de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho. 24 de agosto de 2013	**Nº**	1.3 – 26
REGISTRO AUDIOVISUAL	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho. 24 de agosto de 2013	**Nº**	2.2 – 53
CONTATO	Joaquina da Silva Jacarandá	**Nº**	35
CONTATO	Josefa Pereira Lau	**Nº**	43
CONTATO	Jozué da Conceição Videira	**Nº**	44

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa de São Tomé da Comunidade do Carvão			**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	**04**
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA		
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	16 a 21 de dezembro	**LUGAR**	Carvão – Mazagão/AP	

Manuel Eleutério Pereira, o Coló, um dos organizadores da Festa de São Tomé na comunidade do Carvão – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a São Tomé – padroeiro dos agricultores – com missa, novena, ladainhas, folias, alvorada festiva, quebra da maniva para enfeitar o mastro, levantamento e derrubada de mastro, cortejos, batuque, sairé e Marabaixo. A Festa acontece todos os anos no Carvão, comunidade do município de Mazagão. Tem início no dia 16 de dezembro e vai até o dia 21 do mesmo mês, tendo seu ponto alto nos dias 20 e 21 de dezembro. Em 2013, a Festa de São Tomé comemora 100 anos. De acordo com Manuel Eleutério Pereira, mais conhecido como Coló, morador do local e um dos coordenadores da festividade, a festa teve início com Raimundo da Silveira Belo, que juntamente com outros agricultores realizaram uma novena depois da colheita para agradecer a safra daquele ano. Em seguida, começaram os festejos com a presença de instrumentos musicais, como clarinete e viola. Com o tempo, Dona Clara Lemos passou a tomar conta da folia de São Tomé inserindo o sairé como parte lúdica, uma dança de origem indígena, adotada pelos negros. Em data incerta, o Marabaixo também foi inserido como momento de diversão dos participantes da festa, o que ainda acontece nos dias de hoje. Geralmente a festa de São Tomé do Carvão recebe visitas de outras comunidades, como Igarapé do Lago, Curiaú, Mazagão, Mazagão Velho e Conceição do Maracá. Os festejos de São Tomé acontecem pelas ruas da cidade, na capela local e em um barracão da família cabeleira, apelido de Duca Cabeleira, avô de coló, já falecido. Para sua realização contam com donativos da família e de outros membros da comunidade e também com uma verba vinda do governo estadual. Todos os alimentos e bebidas arrecadados são servidos durante a festa, entre eles estão caldo, carne assada, e macarrão. Também servem a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá. Além do tocador de caixa e das dançadeiras, a festa tem como principais figuras o Juiz e a Juíza da festa, e o Juiz e a Juíza do Mastro, que geralmente são os próprios festeiros.

Referência:

Manuel Eleutério Pereira. Entrevistado em 26 de março de 2013.

REGISTROS	Comunidade do Carvão. 26 de março de 2013.	**Nº**	1.2 - 4
CONTATOS	Manuel Eleutério Pereira	**Nº**	48

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa da Sagrada Família da Comunidade de Campina Grande	IDENTIFICADO			05
		SIM	NÃO		
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA		
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	22 a 31 de dezembro	LUGAR	Campina Grande – Macapá/AP	

Centro Comunitário Jesus, Maria e José, local onde acontece a Festa da Sagrada Família em Campina Grande – Macapá/AP. Data: 27/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em devoção a Sagrada Família que acontece entre os dias 22 e 31 de dezembro de cada ano. A programação conta com a visita da imagem da Sagrada Família nas casas de moradores da comunidade, procissão, ladainhas, jogo de futebol, festa dançante, batuque e Marabaixo. No dia 22 de dezembro, a imagem da Sagrada Família sai em visita às casas das famílias da comunidade e no dia 29 a imagem fica na casa de um dos festeiros, de onde, na manhã do dia seguinte parte uma procissão até à igreja, onde a imagem e os fiéis são recebidos com uma missa. Nesse mesmo dia, 30 de dezembro, ao final das celebrações religiosas, dança-se o Marabaixo a noite toda. No dia 31 a festa dura o dia inteiro, e quando chega à noite é rezada a ladainha, a festa prossegue até às seis horas do dia seguinte, quando o mastro é derrubado, simbolizando o fim da festa. Entre os pratos típicos servidos estão frango de quintal, porco guisado na frigideira e maniçoba. A festa é promovida pela família de Dona Antônia Grande, ficando a cargo de um de seus membros o papel do festeiro. Um dos filhos de Antônia, Elson do Carmo Costa, conhecido como Jacundá é presidente da União Folclórica de Campina Grande, fundada em 2002, e que também promove o Ciclo do Marabaixo, seguindo o mesmo calendário adotado pelas associações da cidade de Macapá. Contudo, a festa em devoção a Sagrada Família existe desde a primeira metade do século XX, e a participação de Dona Antônia teve início em 1963, época em que a festa era organizada pelos seus sogros, já falecidos. Todas as atividades acontecem no Centro Cultural Jesus, Maria, José, e entre as particularidades do Grupo União Folclórica de Campina Grande está a inserção do afoxé, da taboca rítmica e de chocalhos que acompanham o Marabaixo.

Referência:

Antônia do Carmo Costa

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Comunidade de Campina Grande. 27 de março de 2013.	Nº	1.2 - 05
REGISTRO AUDIOVISUAL	Ladainha em louvor e honra a São José.	Nº	2.1 - 10

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

REGISTRO AUDIOVISUAL	Projeto Alé – Campina Grande.	Nº	2.1 - 12
CONTATO	Antônia do Carmo Costa	Nº	04
CONTATO	Elson do Carmo Costa	Nº	17

DENOMINAÇÃO	Festa de São Sebastião da Comunidade de Ilha Redonda	IDENTIFICADO		06
		SIM	NÃO	
TIPO	■ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	janeiro	LUGAR	Ilha Redonda – Macapá/AP

Centro Comunitário de Ilha Redonda, local onde acontece a Festa de São Sebastião – Macapá/AP. Data: 27/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a São Sebastião, com missas, ladainhas, levantamento e derrubada de mastro, folias, batuque e Marabaixo. Geralmente a festa acontece no mês de janeiro, contudo, não existe o compromisso de fazer a festa sempre na mesma data, podendo ocorrer em outros meses caso haja algum impedimento, como a morte de algum membro da comunidade. A festa em louvor a São Sebastião acontece desde a primeira metade do século XX. Antes eram três dias de festa e atualmente são apenas dois dias. A parte lúdica inicia-se com o Marabaixo que vai até meia noite, em seguida começa o batuque, que tem início a meia-noite e vai até de manhã, rompendo a aurora. Durante os dias de festa, Ilha Redonda recebe outras comunidades vizinhas que tocam e dançam batuque e Marabaixo. Todos são recebidos com o tradicional caldo com carne e legumes, e também gengibirra. Dona Vanda dos Santos Lôbo da Silva é uma das responsáveis por dar continuidade na tradição da festa, aprendida com sua avó Maria Manuela. Atualmente, seu filho, Marlúcio Lôbo Cabral, é o responsável pelo grupo folclórico de Ilha Redonda. De acordo com a entrevistada, a festa vem melhorando em vários aspectos, como na organização, na preparação, e no uso das nas vestimentas padronizadas. Além disso, a verba concedida pelo governo estadual serve também para patrocinar a ida de grupos de outras comunidades, ajudando na animação da festa.

Referência:

Vanda dos Santos Lôbo da Silva. Entrevistada em 27 de março de 2013.

REGISTRO	Comunidade de Ilha Redonda. 27 de março de 2013.	Nº	1.2 - 06

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

FOTOGRÁFICO			
CONTATO	Marlúcio Lôbo Cabral	Nº	57
CONTATO	Vanda dos Santos Lôbo da Silva	Nº	86

DENOMINAÇÃO	Festa de São José da Comunidade de Abacate da Pedreira	IDENTIFICADO			07
		SIM	NÃO		
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA		
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	19 de março	LUGAR	Abacate da Pedreira – Macapá/AP	

Barracão na Comunidade de Abacate da Pedreira, local de ocorrência da Festa em devoção a São José – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a São José com ladainhas, batuque e Marabaixo. A festa é organizada pela Associação Folclórica Irmandade de São José da comunidade de Abacate da Pedreira e acontece no Malocão de São José, de propriedade de Paulo de Assis Nascimento Lino. O barracão possui um bar e espaço livre, onde podem ser colocadas mesas, cadeiras e onde também se dança batuque e Marabaixo. Além disso, a parte lúdica conta com som mecânico que anima o baile dançante, corrida de cavalo, e até alguns anos atrás era realizado um torneio de futebol. A festa acontece próximo ao dia de São José, 19 de março. Em 2013 foram dois dias de festa, mas o cartaz de 2010 mostra que nesse ano o santo foi festejado durante oito dias. A mudança se deu por conta da verba disponível para a realização da festa. A programação também conta com almoço e jantar com comidas típicas, como o caldo com carne, legumes e verduras. Além disso, é servida a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá. Existe o incentivo financeiro por parte do governo estadual, mas a comunidade contribui com doações. Durante a festa a comunidade de Abacate da Pedreira recebe a visita de outras comunidades próximas e também de associações folclóricas que apresentam o Marabaixo.

Referências:

Paulo de Assis Nascimento Lino. Entrevistado em 28 de março de 2013.

Raimunda Nonata Vilhena Santana. Entrevistada em 28 de março de 2013.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Comunidade de Abacate da Pedreira. 28 de março de 2013.	Nº	1.2 - 07

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

CONTATO	Paulo de Assis Nascimento Lino	Nº	62
CONTATO	Raimunda Nonata Vilhena Santana	Nº	68

DENOMINAÇÃO	Festa da Santíssima Trindade da Comunidade de Casa Grande	IDENTIFICADO			08
		SIM	NÃO		
TIPO	■ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Sábado de aleluia até domingo após o Corpus Christi.	LUGAR	Casa Grande – Macapá/AP	

DESCRIÇÃO

Barracão na Comunidade de Casa Grande, local de ocorrência da Festa em devoção a Santíssima Trindade – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Festa em louvor a Santíssima Trindade com missas, ladainhas, levantamento e derrubada de mastro, batuque e Marabaixo. A festa é organizada e promovida pelo Grupo Folclórico Santíssima Trindade. Porém, a cada ano uma pessoa se candidata a ser o festeiro, geralmente para pagar uma promessa. Entre as funções principais do festeiro estão a organização e a preparação da festa, que conta com a ajuda e doações da comunidade e também uma verba do governo estadual. Em 2013 a programação foi organizada em cinco dias principais: 30 de março, 19 de maio, 24 de maio, 25 de maio e 02 de junho. Todos os dias é servida a gengibirra, bebida típica do Marabaixo. Serve-se também o caldo com carne, verduras e legumes. Para a ladainha é convidado um rezador da região. No momento de levantar e derrubar o mastro o Marabaixo está sempre presente. A parte lúdica ocorre durante a noite toda ao som de batuque, Marabaixo e som mecânico. Tudo acontece no Centro Comunitário da comunidade, uma estrutura montada com bar e espaço livre para as danças.

Referência:

Josefa Menezes das Chagas. Entrevistada em 28 de março de 2013.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Comunidade da Casa Grande. 28 de março de 2013.	Nº	1.2 - 09
CONTATOS	Josefa Menezes das Chagas	Nº	42

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo da Comunidade de Ressaca da Pedreira			**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	**09**
TIPO	■ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	30 de março a 19 de maio	**LUGAR**	Ressaca da Pedreira – Macapá/AP.	

Barracão na Comunidade de Ressaca da Pedreira, local de ocorrência da Festa em devoção ao Divino Espírito Santo – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor ao Divino Espírito Santo com alvorada de fogos, ladainhas, levantamento e derrubada de mastro, colheita da murta, procissão, festa dançante e Marabaixo. Também acontece o torneio de futebol e a corrida de cavalos. Como preparação para a festa, o festeiro e os ajudantes realizam a limpeza dos locais, a compra de bebidas e comidas, a matança dos bois, a decoração do local, a contratação da aparelhagem e a divulgação do evento por meio de folder, faixas e cartazes, além de ensaio do Marabaixo e confecção e preparação das roupas. Durante os dias de festa é oferecido café da manhã, almoço e jantar. Entre as comidas servidas está carne assada, e o caldo, feito com carne bovina, verduras e legumes. E entre as bebidas está a gengibirra, bebida típica das festas no Amapá. Em 2013 o Marabaixo aconteceu nos dias: 30 de março, 27 e 28 de abril, 01 e 02 de maio, 17, 18 e 19 de maio. Os participantes são as pessoas da própria comunidade e também comunidades vizinhas que vão para o local mediante o convite dos festeiros que enviam um ônibus para o transporte. A Festa do Divino Espírito Santo teve início em data incerta, mas as pesquisas apontam que já existia na primeira metade do século XX. A parte religiosa é realizada dentro da igreja do Divino Espírito Santo e a parte lúdica no barracão da comunidade. Para a realização da festa existe uma verba do governo estadual, contudo é insuficiente para cobrir todos os custos, que são completados pelos membros da própria comunidade.

Referência:

Ivanete Picanço das Chagas. Entrevistada em 28 de março de 2013.

Manuel Antônio de Deus. Entrevistado em 28 de março de 2013.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Comunidade da Ressaca da Pedreira. 28 de março de 2013.	**Nº**	1.2 - 08
CONTATO	Ivanete Picanço das Chagas	**Nº**	30
CONTATO	Manuel Antônio de Deus	**Nº**	47

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa de Santa Maria da Comunidade do Curiaú		IDENTIFICADO		10
			SIM	NÃO	
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA		
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	30 e 31 de maio	LUGAR	Curiaú – Macapá/AP	

Barracões na Comunidade do Curiaú, local de ocorrência da Festa em devoção a Santa Maria – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a Santa Maria, com missa, ladainhas, levantamento e derrubada de mastro, quebra da murta, cortejos, batuque e Marabaixo. As ladainhas são rezadas por Seu João da Cruz, morador do Curiaú, que sempre é convidado para outras festas e também para ministrar oficinas para crianças e jovens aprenderem esse saber. Durante a Festa de Santa Maria, a comunidade recebe os convidados preparando o caldo com verduras, legumes e carne, que é distribuído durante a festa. Também é servida a gengibirra, bebida típica do Marabaixo. Joaquim Araújo da Paixão, em entrevista concedida a Agência Amapá de Notícias em 2012, explica que a devoção a Santa Maria teve início na primeira metade do século XX, quando uma jovem encontrou uma imagem de Santa Maria no meio da lama, junto aos porcos. A imagem foi imediatamente limpa, e diante das dificuldades enfrentadas pelos moradores do local, por causa das pragas na agricultura, foi feita uma promessa a Santa de que todo dia 31 de maio seria rezada ladainha em sua devoção.

Durante os dias 30 e 31 de maio a comunidade do Curiaú recebe diversos convidados de comunidades vizinhas, que vão para prestigiar, rezar, pagar suas promessas e dançar o batuque e o Marabaixo. A festa conta com o apoio dos moradores da comunidade e também com uma verba repassada pelo governo do estado. Na Festa de Santa Maria sempre estão presentes os membros da Associação Cultural Raízes do Bolão, como Francisca Ramos dos Santos, conhecida como Dona Chiquinha, componente da velha guarda do Marabaixo, sua filha, Esmeraldina dos Santos, cantadeira e compositora de ladrões, e seu filho Pedro Rosário dos Santos, o Pedro Bolão, responsável pela fabricação de caixas e outros instrumentos como tambores de batuque e pandeiros usados durante as festas.

Referência:

Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 28 de março de 2013.

Devoção, fé e tradição: comunidade do Curiaú de fora festeja Santa Maria. Disponível em: < http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/29589/>. Acesso em: 17 jun. 2013.

REGISTRO	Comunidade do Curiaú. 28 de março de 2013.	Nº	1.2 - 10

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

FOTOGRÁFICO			
CONTATO	Esmeraldina dos Santos	Nº	20
CONTATO	Francisca Ramos dos Santos	Nº	24
CONTATO	João da Cruz	Nº	34
CONTATO	Pedro Rosário dos Santos	Nº	63

DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora da Assunção da Comunidade Torrão do Matapi	IDENTIFICADO		11
		SIM	NÃO	
TIPO	■ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO			
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	15 de agosto	LUGAR	Torrão do Matapi – Macapá/AP

Grupo de Marabaixo de Torrão do Matapi participando do Ciclo do Marabaixo em Macapá – Macapá/AP. Data: 31/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a Nossa Senhora da Assunção, padroeira da comunidade Torrão do Matapi. Durante o dia 15 de agosto acontece alvorada com fogos de artifício, missa, realização de casamentos e batizados, e também é servido um almoço. Em seguida, o grupo de Marabaixo do local se apresenta entre 14 e 19 horas. Depois é servido o jantar, seguido pela ladainha e por fim a festa dançante que dura toda a noite. Para a realização da festa, a comunidade conta com uma verba do governo estadual. A parte religiosa é realizada na igreja de Nossa Senhora da Assunção e a parte lúdica no centro comunitário. Nesse dia, Torrão do Matapi recebe a visita de outras comunidades que também se apresentam dançando o Marabaixo. O grupo local também participa do Marabaixo em outras comunidades durante o ano, já tendo visitado os seguintes locais: Campina Grande, Ilha Redonda, Igarapé do Lago, Maruanum, e a cidade de Macapá durante o Ciclo do Marabaixo, entre outros. O mesmo grupo também foi campeão no concurso de ladrões de Marabaixo promovido pela Confraria Tucuju em Macapá, quando contaram a história da Cobra Grande, que tinha como refrão:

Foi no porto lá do Torrão
Que a história se deu
Uma cobra grande boiou
E o povo todo correu

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Referência: Valdicleuson Silva da Costa. Entrevistado em 31 de março de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. 31 de março de 2013.	**Nº**	1.2 - 14
CONTATO	Valdicleuson Silva da Costa	**Nº**	84

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa de São Sebastião de Mazagão	IDENTIFICADO	SIM	NÃO	12
TIPO	■ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	1º a 20 de Janeiro	LUGAR	Mazagão/AP	

DESCRIÇÃO

Capela de São Sebastião, ao lado da sede da Associação Cultural São Sebastião – Mazagão/AP. Data: 25/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Festa em louvor a São Sebastião que ocorre durante os finais de semana do mês de janeiro, culminando no dia de São Sebastião, 20 de janeiro. A programação da festa é composta por ladainhas, levantamento e derrubada do mastro, batuque e Marabaixo. Durante as noites de festa, o público é recebido na sede da Associação Cultural São Sebastião. Aos participantes e visitantes é servido o caldo de carnes, verduras e legumes. Além disso, também é servida a gengibirra, bebida típica das festas no Amapá e que em Mazagão adota algumas particularidades, como a inserção da casca do abacaxi e jenipapo. A organização da festa fica a cargo de, entre outras pessoas, Vera Maria Nunes da Silva, da tradicional família de Mestre Jorge, antigo participante das festas de Mazagão e Mazagão Velho. Outra pessoa que ajuda a promover a festa é Tiago da Assunção Belo dos Reis, que também é o fazedor de caixas para Mazagão e outras comunidades da região.

Referência:

Vera Maria Nunes da Silva. Entrevistada em 09 de maio de 2013.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Capela São Sebastião. Mazagão. 25 de agosto de 2013.	Nº	1.3 - 27
CONTATO	Tiago da Assunção Belo dos Reis	Nº	81
CONTATO	Vera Maria Nunes da Silva	Nº	89

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau				**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	13
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Do Domingo de Páscoa ao Domingo após o Corpus Christi	**LUGAR**	Macapá/AP		

DESCRIÇÃO

Marabaixo na Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Festa em louvor ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. A programação é composta por cinco noites de Marabaixo, pelos bailes dos sócios e vários rituais como: o corte do mastro nas matas do Curiaú, cortejo com o mastro pelas ruas do Laguinho, cortejo da murta pelas ruas do Laguinho, levantamento dos mastros, missas, ladainhas, e derrubada dos mastros. O Ciclo do Marabaixo é promovido pela Associação Cultural Raimundo Ladislau, fundada em 07.08.1988, tem como matriarca Benedita Guilherma Ramos, conhecida como Tia Biló, e segue a tradição do Marabaixo do Laguinho iniciada por Julião Ramos. Além disso, faz homenagem a Raimundo Ladislau, exímio poeta e autor de muitos ladrões. Toda a parte lúdica do ciclo e também as novenas acontecem na casa de Tia Biló, situada na Rua Eliezer Levi, 632. As missas são realizadas na Igreja de São Benedito, localizada na Rua General Rondom, 429. O folder distribuído para divulgação do evento diz que:

> O Ciclo do Marabaixo do Laguinho contribui para a construção positiva da identidade amapaense, bem como a elevação da autoestima do nosso povo negro, o exercício de sua cidadania e a inclusão social deste segmento no contexto da sociedade, e acima de tudo, a valorização dessa imensurável manifestação cultural para a população do nosso Estado. (Folder ACRL, 2013).

Durante todas as cinco datas em que acontece o Marabaixo, o público é recebido com o tradicional caldo de legumes, verduras e carne, e a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá. A organização do ciclo fica a cargo da presidente da associação, Danniela Ramos, e também dos festeiros que a cada ano se renovam, e que tem a obrigação de preparar o local da festa, a decoração, o som, o altar com os santos, e as comidas e bebidas que serão servidas. Além de atender os visitantes que chegam a todo o momento para assistir ou participar do Marabaixo, a equipe dança e canta mantendo a alegria da festividade. Para a realização da festa, a Associação conta com o apoio cultural de parceiros locais e principalmente com a verba repassada pelo governo estadual.

Referências:

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013. Folder do Ciclo do Marabaixo da Associação Cultural Raimundo Ladislau. 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau. 31 de março de 2013.	**Nº**	1.2 - 15
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau. 05 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 - 05
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo da Murta da Associação Cultural Raimundo Ladislau. 08 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 - 12
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Levantamento do Mastro da Associação Cultural Raimundo Ladislau. 09 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 - 13
REGISTRO AUDIOVISUAL	Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau. 05 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 - 07
REGISTRO AUDIOVISUAL	Cortejo da Murta Laguinho – Associação Cultural Raimundo Ladislau. 08 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 - 18
REGISTRO AUDIOVISUAL	Levantamento do Mastro – Associação Cultural Raimundo Ladislau. 09 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 - 19
CONTATO	Benedita Guilherma Ramos	**Nº**	05
CONTATO	Danniela Patrícia da Silva Monteiro (Danniela Ramos)	**Nº**	11

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão			IDENTIFICADO		14
				SIM	NÃO	
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Do Domingo de Páscoa ao Domingo após o Corpus Christi	LUGAR	Macapá/AP		

Marabaixo na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor ao Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade. A programação é composta por cinco noites de Marabaixo, pelos bailes dos sócios e vários rituais como: o corte do mastro nas matas do Curiaú, cortejo com o mastro pelas ruas do Laguinho, cortejo da murta pelas ruas do Laguinho, levantamento dos mastros, missas, ladainhas, e derrubada dos mastros. O Ciclo do Marabaixo é promovido pela Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, fundada em 06.10.1988, tendo como homenageado Raimundo Lino Ramos, conhecido como Mestre Pavão, patriarca da família e uma das principais figuras do Marabaixo em Macapá. O folder que faz a divulgação do evento e apresenta a programação também traz um texto de Rosivaldo da Silva Gomes, que diz:

> É na tradição do Marabaixo que se perpetuou as permanências da presença africana no Amapá. Nesta tradição, passada de pai para filho e filhas que aprendemos e identificamos a importância deste movimento para se conhecer, compreender e entender a trajetória da história amapaense. É na figura de seus principais ícones que se mantém viva entre nós. Esses ícones deveriam ser lembrados e reconhecidos como os verdadeiros heróis Tucujus. Devemos reverenciar ao mestre Julião Ramos, mestre Ladislau, maestrina Gertrudes, mestre Manoel Paciência, mestre Pavão, Valdomira Ramos, Tia Zefa, Tia Venina, Tia Biló, Naíra, entre tantos outros e outras que nos permitiram ter o Marabaixo, não apenas como evento cultural e religioso, mas como principal registro vivo da importância negra para formação de Macapá, Amapá, Brasil (Folder AFOMAPA, 2013).

Toda a parte lúdica do ciclo e também as novenas acontecem na sede da associação, situada na Avenida Nações Unidas, 1160, no Bairro Laguinho. As missas são realizadas na Igreja Jesus de Nazaré, localizada na Rua Leopoldo Machado, 744. Durante todas as cinco datas em que acontece o Marabaixo, o público é recebido com o tradicional caldo de legumes, verduras e carne, e a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá. A organização do ciclo fica a cargo da presidente da associação, Mônica Ramos, de seus irmãos, e também dos festeiros que a cada ano se renovam, e que tem a obrigação de preparar o local da festa, a decoração, o som, o altar com os santos, e as comidas e bebidas que serão servidas. Além de atender os visitantes que chegam a todo o momento para assistir ou participar do Marabaixo, a equipe dança e canta

	mantendo a alegria da festividade. Para a realização da festa, a Associação conta com o apoio cultural de parceiros locais e principalmente com a verba repassada pelo governo estadual. **Referências:** Folder do Ciclo do Marabaixo da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. 2013. Mônica do Socorro Ramos.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá. 31 de março de 2013.	**Nº**	1.2 – 14
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Corte do Mastro – AFOMAPA – Curiaú. 04 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 01
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 04
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA - Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 19
REGISTRO AUDIOVISUAL	Corte do Mastro – AFOMAPA – Curiaú. 04 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 03
REGISTRO AUDIOVISUAL	Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 06
REGISTRO AUDIOVISUAL	Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 25
CONTATO	Gerson Ramos	**Nº**	27
CONTATO	Mônica do Socorro Ramos	**Nº**	58

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa da Santíssima Trindade da Associação Cultural Berço do Marabaixo.			IDENTIFICADO		15
				SIM	NÃO	
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Do Sábado de Aleluia ao Domingo após o Corpus Christi	LUGAR	Macapá/AP		

Marabaixo na Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a Santíssima Trindade dos Inocentes. A programação é composta por seis Marabaixos, pelos bailes dos sócios e vários rituais como: levantamento dos mastros, missas, ladainhas, e derrubada dos mastros. O Ciclo do Marabaixo é promovido pela Associação Berço do Marabaixo, fundada em 19.07.1987 e que faz homenagem a Gertrudes Saturnino, fundadora do Marabaixo na Favela. O folder distribuído para divulgação do evento diz que:

> Para o povo negro, Marabaixo representa, mesmo de forma inconsciente, o grito de fé e de liberdade, daí porque lutaram muito pela sua sobrevivência, adaptando-se ao atual contexto da realidade social. Essa trajetória de luta e resistência se deve a força de líderes anônimos negros que a história omitiu, mas que fazemos questão de registrar. Gertrudes Saturnino cantava, tocava caixa e dançava o Marabaixo pela sua coragem, iniciativa e perseverança, iniciou e deu continuidade por 22 anos nessa manifestação no então bairro da favela, hoje Santa Rita, como os festejos da Santíssima Trindade dos Inocentes, contanto sempre com a colaboração de companheiros como: Izabel Cardoso, João Domingos, Adélia Araújo, Venina, João Barca, Mestre Ponciano, Raimundo Ladislau, os três últimos repentistas natos e compositores da maioria das músicas tradicionais do marabaixo, que com Julião Ramos, que foi o grande articulador político da etnia negra, e muitos outros, construíram a história do Marabaixo no Amapá. (Folder Berço do Marabaixo, 2013).

A parte lúdica e as novenas acontecem no barracão Tia Gertrudes, situado na Avenida Duque de Caxias, 1203, no Bairro Santa Rita, que no contexto do Marabaixo é conhecido como Favela. Durante a abertura do ciclo, a presidente do grupo, Marilda Costa, destacou que:

> O Marabaixo é a nossa identidade, é exclusivamente nosso. Então vamos ter honra e orgulho desta manifestação que é somente nossa. A riqueza que tem no Marabaixo é muito grande. Nós não negamos a nossa africanidade e estamos aqui preservando. A prova disso são crianças que estão aqui, exatamente, procurando perpetuar uma tradição que é de todos nós. (Marilda Costa, discurso realizado em 30.03.2013)

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Os dias e noites de Marabaixo recebem nomes específicos como: Marabaixo da Aleluia, Marabaixo do Mastro, Marabaixo das Mães, Marabaixo da Murta, Marabaixo de Corpus Christi, Marabaixo de Derrubada do Mastro. Nessas ocasiões os visitantes e participantes são recebidos com a gengibirra, bebida tradicional das festas do Amapá e também com o caldo preparado com carnes, verduras e legumes. Uma particularidade deste grupo é promover o almoço dos inocentes, que é servido para doze crianças no Domingo da Trindade. Para organização de todo o evento a Associação Berço do Marabaixo conta com uma verba disponibilizada pelo governo estadual. **Referência:** Folder do Ciclo do Marabaixo da Associação Cultural Berço do Marabaixo. 2013. Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 30 de março de 2013.	**Nº**	1.2 – 12
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 22
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo – Macapá. 20 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 24
CONTATO	Marilda Silva da Costa	**Nº**	56
CONTATO	Valdinete Silva da Costa	**Nº**	85

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa			IDENTIFICADO		16
				SIM	NÃO	
TIPO	■ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	☐ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Do Sábado de Aleluia ao Domingo após o Corpus Christi	LUGAR	Macapá/AP		

Marabaixo na Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

DESCRIÇÃO

Festa em louvor a Santíssima Trindade dos Inocentes. A programação é composta por cinco noites de Marabaixo, pelos bailes dos sócios e vários rituais como: corte dos mastros e da murta nas matas da comunidade do Coração, levantamento dos mastros, missas, novena, ladainhas, derrubada dos mastros, e cortejo dos mastros e da murta pelas ruas da Favela. O Ciclo do Marabaixo é promovido há décadas pela mesma família, contudo a Associação Zeca e Bibi Costa foi fundada em 29.06.2000. Hoje, a associação é comandada por Irene Pereira da Costa, viúva de Zeca Costa, um dos responsáveis pelo Marabaixo na Favela. Em 2013, seu filho, Rivaldo dos Santos da Costa foi o festeiro. Ele explica que a principal responsabilidade do festeiro é manter a tradição do Marabaixo, com a gengibirra, o caldo, o almoço dos inocentes, a missa dos inocentes, e a novena. O papel de festeiro está ligado a uma promessa feita a Santíssima Trindade. Essa forte ligação se faz presente nos dizeres do folder distribuído pela associação para a promoção do ciclo:

> Repentinamente, uma cortina azul e branca está se abrindo; é o manto da Santíssima Trindade dos Inocentes que começa a se entrelaçar em meio a uma tradição única, em busca de uma preservação cultural ímpar. O Marabaixo da Favela começa, com a doçura de seus ladrões e o vigor de suas caixas. (Folder AZEBIC, 2013).

A parte lúdica da festa e as novenas acontecem na casa de Dona Irene, situada na Avenida Mendonça Furtado, 1882, Favela (Santa Rita). Nesse local podemos encontrar um espaço específico para os visitantes dançarem o Marabaixo, e outro com uma grande mesa, onde é servido o caldo de carne, legumes e verdura. A gengibirra, bebida típica das festas do Amapá, é feita na véspera e distribuída ao público durante todas as noites de festa. Para a organização de todo o evento a Associação Zeca e Bibi Costa conta com uma verba disponibilizada pelo governo estadual.

Referência:

Folder do Ciclo do Marabaixo da Associação Zeca e Bibi Costa. 2013.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 09 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 30 de março de 2013.	**Nº**	1.2 – 13
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 03
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.		1.3 – 06
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Corte da Murta – AZEBIC – Coração. 18 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 18
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 23
REGISTRO AUDIOVISUAL	Marabaixo Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 05
REGISTRO AUDIOVISUAL	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 08
REGISTRO AUDIOVISUAL	Corte da Murta – AZEBIC – Coração. 18 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 24
REGISTRO AUDIOVISUAL	Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 29
CONTATO	Irene Pereira dos Santos	**Nº**	28
CONTATO	Rivaldo dos Santos da Costa	**Nº**	73
CONTATO	Sandra Priscila Silva dos Santos	**Nº**	76

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Festa da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela			IDENTIFICADO SIM / NÃO	17
TIPO	■ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Do Sábado de Aleluia ao Domingo após o Corpus Christi	LUGAR	Macapá/AP	

Maria Elísia Carmo Silva (Elísia Congó), presidente da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela – Macapá/AP. Data: 21/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

DESCRIÇÃO

A Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela tem como presidente Maria Elísia do Carmo Silva, mais conhecida como Elísia Congó, pertencente à família Congó. A sede da associação está situada na Rua Mendonça Junior, 1275, no Bairro Central. Contudo, o nome Favela usado na denominação da associação se deve ao fato de que durante muitos anos essa região também fazia parte do Bairro Favela, oficialmente chamado de Santa Rita. Em 2013, essa associação não realizou o Ciclo do Marabaixo, contudo, seus membros se dividem participando ativamente do Marabaixo de outras associações durante a época do ciclo. A festa ocorre em devoção a Santíssima Trindade, com os mesmos rituais de outras associações que realizam o Ciclo do Marabaixo, ou seja, corte do mastro, cortejo do mastro, corte da murta, cortejo da murta, noites de Marabaixo, missas e ladainhas. A história da família Congó em Macapá vem desde a chegada dos negros da África para trabalharem na construção da Fortaleza de Macapá. A mãe de Elísia Congó, Raimunda Rodrigues do Carmo, mais conhecida como Dica Congó (já falecida) participou sua vida toda do Marabaixo, passando a tradição para os filhos e especialmente para Elísia, que se encarrega de promover e levar o Marabaixo para as novas gerações.

Referência:

Maria Elísia Carmo Silva. Entrevistada em 21 de maio de 2013.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Entrevistados – Elísia. 21 de maio de 2013.	Nº	2.2 – 43
CONTATO	Maria Elísia Carmo Silva	Nº	52

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

2.2. EDIFICAÇÕES

DENOMINAÇÃO	Fortaleza de São José de Macapá			**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	18
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ■ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Segunda metade do século XVIII	**LUGAR**	Rua Cândido Mendes – Centro – Macapá/AP	

DESCRIÇÃO

Fortaleza de São José de Macapá – Macapá/AP. Data: 09/05/2013.
Foto: Pedro Gontijo.

A Fortaleza de São José de Macapá foi construída com o objetivo de defender o território português das invasões estrangeiras, recorrentes no período Colonial. A limpeza do terreno e o delineamento do solo tiveram início em 1764 e a edificação levou 18 anos para ser concluída. A planta seguia o estilo construtivo da época, ou seja, um quadrado de lados côncavos e com baluartes pentagonais nos vértices. No centro uma grande praça, circundada por oito prédios, dispostos dois a dois, e que eram destinados a alojamentos, capela, hospital, armazéns e escritórios. Além disso, foram construídas casamatas destinadas ao abrigo de cozinhas, dormitórios e calabouços. No início foram empregados indígenas na construção da fortaleza. Contudo, a mão de obra dos negros africanos se mostrou mais apropriada, e assim um grande contingente de escravos foi trazido para trabalhar na edificação, chegando ao número de 2500. As pedras usadas na construção foram tiradas das cachoeiras dos rios, e conforme a construção avançava foram sendo adquiridos os artefatos de artilharia, como canhões e balas. A inauguração aconteceu em 19 de março de 1782, dia de São José, padroeiro de Macapá. Os quatro baluartes da fortaleza receberam os nomes de: Nossa Senhora da Conceição, São José, São Pedro e Madre de Deus.

A Fortaleza de São José de Macapá tem relação com o Marabaixo devido ao fato de que muitos negros que trabalharam em sua construção, também eram as pessoas que praticavam as danças africanas. Trabalharam arduamente em sua construção e também nas pedreiras dos rios retirando matéria prima para a elevação da edificação. Infelizes com sua condição, muitos negros fugiam do local, indo morar no Curiaú, ou em outras regiões mais afastadas. Outros tantos adoeceram e morreram por causa do penoso trabalho. Ainda hoje, muito entrevistados recordam que seus familiares trabalharam na Fortaleza, é o caso de Elísia Congó, cujos antepassados foram trazidos do Congo na África. Ela conta que eles eram submetidos a duras jornadas de trabalho escravo, mas durante os horários em que eram recolhidos eles externavam suas dores e seus sentimentos por meio do Marabaixo.

A Fortaleza de São José de Macapá é um dos mais expressivos exemplares da arquitetura militar do século XVIII, está situada na beira do Rio Amazonas e se constituiu na maior fortificação do período colonial. Por sua importância histórica, a fortaleza foi tombada em 22 de março de 1950 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual Instituto do Patrimônio Histórico e

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Artístico Nacional. **Referências:** Maria Elísia Carmo Silva. Entrevistada em 21 de maio de 2013. RODRIGUES, Edgar. Fortaleza de São José. Acervo Seafro.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Fortaleza de São José – Macapá. 09 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 14
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Entrevistados. Elísia. 21 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 25
REGISTRO AUDIOVISUAL	Fortaleza de São José – Macapá. 09 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 20
REGISTRO AUDIOVISUAL	Maria Elísia Carmo Silva. 21 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 43
CONTATO	Maria Elísia Carmo Silva	**Nº**	52

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Igreja de São José			IDENTIFICADO: SIM / NÃO	19
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ■ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Meados do século XVIII	LUGAR	Rua São José, s/n – Centro – Macapá/AP	

Igreja de São José no centro de Macapá – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

A Igreja sob a devoção de São José é o monumento mais antigo da cidade, foi inaugurada em 6 de março de 1761 com um projeto de arquitetura com características jesuíticas. A planta original, porém, foi modificada algumas vezes ao longo dos séculos. A Igreja de São José está localizada na Rua São José no centro da capital Macapá. Possui planta em formato retangular, com estrutura de alvenaria e torre sineira única de formato quadrangular, com uma janela no primeiro nível, e aberturas semicirculares no piso superior, onde foi instalado o sino. Na fachada destacam-se três portas, sendo uma maior ao centro, e três janelas dispostas acima das portas. A porção superior da fachada apresenta frontão triangular com pináculos nas extremidades, uma cruz ao centro, elementos que são intercalados por pequenas volutas. No seu interior são encontrados retábulos simples de estilo neoclássico, painéis a óleo, confessionários de madeira, imagens de São José e de Nossa Senhora, além de inscrições em lápides mortuárias no piso, pois essa igreja era local de enterro nos séculos XVIII e XIX.

A Igreja é um marco para o Marabaixo, pois na sua frente eram realizadas diversas atividades ligadas a essa manifestação cultural. Em meados do século XX, os homens ali jogavam a carioca, espécie de capoeira. A Igreja também era usada para a realização de missas em devoção aos santos louvados pelos participantes do Marabaixo. Contudo, a relação entre Igreja Católica e Marabaixeiros ficou desgastada durante muitos anos por causa da não aceitação da manifestação cultural por parte de alguns padres, como Júlio Maria Lombaerd, que atuou em Macapá em meados da primeira metade do século XX. Desde então, diversos conflitos se sucederam afastando Igreja e Marabaixo. Contudo, iniciativas recentes estão promovendo uma reaproximação. Atualmente, acontece na frente da Igreja o Encontro das Bandeiras, promovido por grupos de Marabaixo no dia 04 de fevereiro, quando é comemorado o aniversário de Macapá. Durante o Ciclo do Marabaixo, ocorre o Cortejo da Murta, durante o qual a planta recebe a bênção do pároco local na Igreja de São José, e a Coroa do Divino Espírito Santo adentra na Igreja e é colocada no altar. A Igreja também é o local de missas diárias e semanais, e no dia 19 de março são celebrados em seu espaço os ritos em consagração ao padroeiro de Macapá, São José.

Referências:

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992.

Josefa Lina da Silva. Entrevistada em 04 de maio de 2013.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

REGISTRO FOTOGRÁFICO	255 Anos de Macapá. 04 de fevereiro de 2013.	**Nº**	1.2 – 01
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Igreja de São José – Macapá. 06 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 07
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 21
REGISTRO AUDIOVISUAL	Igreja de São José – Macapá. 06 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 - 09
REGISTRO AUDIOVISUAL	Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 27
CONTATO	Josefa Lina da Silva	**Nº**	40
CONTATO	Lucimar Araújo Tavares	**Nº**	46

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Igreja de São Benedito				**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	**20**
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ■ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Meados do século XX.	**LUGAR**	Rua General Rondon, 429, Bairro do Laguinho – Macapá/AP.		

Igreja São Benedito no Laguinho – Macapá/AP. Data: 14/05/2013.
Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

A Igreja de São Benedito está localizada em um grande terreno no bairro Laguinho, onde também há um jardim com plantas e árvores, espaço para estacionamento, um cruzeiro e uma imagem de São Benedito. O templo de formato semicircular possui três portas frontais e uma em cada lateral, sendo que a porta principal possui a seguinte inscrição: “Eu sou a porta, se alguém entrar por mim será salvo”. Não há torre, sendo que um carrilhão de sinos foi instalado na parte superior da construção. Seu interior foi decorado com painéis parietais ornamentados com cenas bíblicas, símbolos cristãos, e com as histórias das vidas dos santos. Existem painéis com azulejos e imagens de gesso, como do próprio São Benedito, mas também de São José, de Cristo crucificado, de Nossa Senhora de Fátima, e do Sagrado Coração de Jesus.

No início do ano de 1955 formou-se uma comissão para fundar uma capela no bairro Laguinho. Assim, construiu-se uma capelinha com piso de cimento, paredes de madeira, e telha tipo Marselha. O pequeno templo recebeu a bênção de Dom Aristides Piróvano no dia 02 de março de 1956. Nesse local eram rezadas novenas e o terço, e também servia de espaço para aulas de catecismo. O templo atual foi construído no começo da década de 1960, com a planta desenhada por padre Fúlvio Giuliano, sendo inaugurado em 24 de dezembro de 1964.

Atualmente, a Igreja em devoção a São Benedito fica aberta todos os dias da semana. Em seu local são realizadas missas e os demais sacramentos, como casamento e batizado das crianças do bairro. Nesta edificação, também ocorre alguns rituais ligados ao Marabaixo. A Associação Cultural Raimundo Ladislau entra na igreja no dia do cortejo da murta, é uma passagem rápida, com o intuito de pedir a bênção e louvar os santos homenageados. Além disso, acontecem missas tanto no domingo do Divino Espírito Santo, quanto no domingo da Santíssima Trindade. Os marabaixeiros vão devidamente vestidos com suas indumentárias e carregam consigo as coroas dos santos louvados. A missa é a mesma dirigida para outros membros da comunidade, contudo, os participantes do Marabaixo se posicionam nos primeiros bancos, têm participação durante a celebração rezando algumas orações, lendo passagens bíblicas e cantando respeitosos ladrões que falam sobre Deus, Jesus e Maria, além do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade.

Referências:

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013. Resumo histórico da Paróquia de São Benedito em Macapá.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo da Murta – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 12
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Igreja São Benedito – Macapá. 14 de maio de 2013.	**Nº**	1.2 – 17
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Missa – ACRL – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.2 – 18
REGISTRO AUDIOVISUAL	Cortejo da Murta Laguinho – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 18
CONTATO	Danniela Patrícia da Silva Monteiro	**Nº**	11

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Igreja Jesus de Nazaré			IDENTIFICADO		21
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ■ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Década de 1980.	LUGAR	Rua Leopoldo Machado, 744, Bairro Jesus de Nazaré - Macapá/AP.		

Igreja Jesus de Nazaré durante missa do dia de Pentecostes. No altar foi colocada a coroa do Divino Espírito Santo da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

DESCRIÇÃO

A participação da Igreja Jesus de Nazaré no Ciclo do Marabaixo está relacionada aos dias de missa, que geralmente são dois. No domingo de pentecostes, que celebra o momento em que o Divino Espírito Santo desceu sobre os apóstolos, a Associação Folclórica Marabaixo do Pavão compareceu a essa igreja onde o padre realizou uma missa especial, tendo a participação do grupo em diversos momentos. Os marabaixeiros rezaram o Pai Nosso no mesmo ritmo em que as ladainhas são rezadas nas casas dos festeiros. Em sua homilia, o padre ressaltou a importância de valorizar a cultura do Amapá, e o caráter religioso do Marabaixo. Também explicou que o Marabaixo é a história de um povo, é a resistência dos negros nas senzalas, e que esses aspectos e essa história devem ser levados para as escolas e para as universidades para que se possa preservar a história e a cultural local. Em certo momento da celebração, foi cantando um ladrão que dizia:

Minha gente venham ver
O milagre de Maria
A coroa está no céu
Coberta de alegria

O padre também ressaltou a presença da imagem do Divino Espírito Santo que foi levada para a igreja e colocada no altar para ser abençoada. A bênção final da missa foi dada ao som do Marabaixo. Aos poucos o grupo foi saindo da igreja, tocando caixas e cantando um ladrão que louvava o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade:

Divino Espírito Santo
Divino consolador
Santíssima Trindade
Me cubra com seu amor

A Igreja Jesus de Nazaré está localizada na Rua Leopoldo Machado, 744, no bairro Jesus de

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Nazaré, divisa com o bairro do Laguinho. Foi construída na década de 1980 e apresenta um estilo sóbrio e contemporâneo. A fachada frontal da igreja possui um ornamento que representa o momento da crucificação de Jesus. Logo abaixo dessa imagem está a inscrição: "Ele assumiu nossas dores – Is. 53,4". No alto da fachada foi colocada uma grande cruz, símbolo máximo da fé cristã. No jardim da igreja existe uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, provavelmente de madeira, envolta por uma proteção de vidro. Seu altar é muito simples, sem retábulos e com pouca ornamentação, existe apenas uma pintura na parede do altar com a imagem de Jesus. No extremo oposto do altar fica um grande crucifixo. Nas paredes laterais foram colocados quadros compondo as imagens da via sacra. Também podemos observar as imagens de Nossa Senhora de Fátima e de Nossa Senhora de Guadalupe. **Referências:** Missa Igreja Jesus de Nazaré. Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. 19 de maio de 2013. Mônica do Socorro Ramos. Entrevistada em 20 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Igreja Jesus de Nazaré – Macapá. 14 de maio de 2013.	**Nº**	1.2 – 17
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 19
REGISTRO AUDIOVISUAL	Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA – Macapá. 19 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 25
CONTATO	Mônica do Socorro Ramos	**Nº**	58

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora da Assunção			IDENTIFICADO SIM / NÃO	22
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ■ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Primeira metade do século XX.	LUGAR	Rua Senador Flexa, s/n - Mazagão Velho – Mazagão/AP.	

Igreja Nossa Senhora da Assunção em Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

A Igreja de Nossa Senhora da Assunção está localizada no distrito de Mazagão Velho, pertencente ao município de Mazagão. Foi edificada em frente ao rio Mutuacá, sendo, primeiramente, erguida em madeira, e depois refeita com tijolos em meados da década de 1930. A invocação a Nossa Senhora da Assunção, padroeira do distrito, é decorrente da mesma devoção já existente na Mazagão africana. De arquitetura simples, o templo segue o partido retangular. A fachada frontal possui três grandes portas e acima de cada uma delas uma janela. Sobre a janela central há um óculo e acima dele há uma estrutura de coroamento da fachada onde foi inserido o sino, e na extremidade superior foi colocada uma cruz. Seu interior é ornamentado com os santos de devoção local e um grande crucifixo. Nesta igreja são rezadas missas e terços, e também é o principal local das atividades religiosas realizadas durante as festas de santos de Mazagão Velho, como: Festa de São Gonçalo; Semana Santa; Festa de Nossa Senhora da Piedade; Festa de São Tiago; Festa de Nossa Senhora da Assunção; Festa do Divino Espírito Santo; Festa de Nossa Senhora da Luz; Festa de Nossa Senhora do Rosário; Festa de Nossa Senhora da Conceição; Festa de Santa Luzia; Festa de São Tomé; Festejos de Natal.

O espaço em frente à igreja também é muito usado durante as festividades. Na festa de São Tiago a rua em que a igreja está localizada é usada como palco da batalha entre mouros e cristãos. Na festa do Divino Espírito Santo, nesse mesmo espaço são realizadas cerimônias que envolvem as empregadas do Divino. Também, nessa mesma festa, o Marabaixo de Rua passa em frente à igreja.

Referências:

Joaquina da Silva Jacarandá. Entrevistada em 26 de março de 2013.

INRC de Mazagão Velho. IPHAN/AP

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Comunidade de Mazagão Velho. 26 de março de 2013.	Nº	1.2 – 03
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho. 24 de agosto de 2013	Nº	1.3 - 26

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

REGISTRO AUDIOVISUAL	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho. 24 de agosto de 2013	**Nº**	2.2 – 53
CONTATO	Joaquina da Silva Jacarandá.	**Nº**	35

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

2.3. FORMAS DE EXPRESSÃO

DENOMINAÇÃO	Marabaixo				**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	23
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ■ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Durante o Ciclo do Marabaixo em Macapá: do Sábado de Aleluia ao Domingo após o Corpus Christi. Em outras comunidades acontece em datas variadas ao longo do ano, durante as festas em homenagem aos santos locais.	**LUGAR**	Comunidades de Macapá e Mazagão no Amapá.		

Dançadeira de Marabaixo na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

O Marabaixo é uma expressão cultural, uma dança associada à música e ao toque de caixas. Além disso, está relacionado a diversos rituais religiosos e a devoção aos santos católicos. Dança-se o Marabaixo acompanhando o som das caixas tocadas com baquetas, e as cantigas, chamadas de ladrões, que contam histórias locais e situações do cotidiano. Os participantes mais velhos explicam que os movimentos da dança concentram-se nos pés e no tronco. De acordo com eles, dança-se arrastando os pés, um seguido do outro, pois os escravos acorrentados não tinham a mobilidade necessária para mexer as pernas. Contudo, o movimento das saias rodadas, floridas e coloridas traz dinamismo e alegria para a dança. O deslocamento é feito para frente, para trás e para os lados, não existem passos marcados, a liberdade desses passos e dos rodopios predomina em cada participante. A dança é realizada no sentido anti-horário, mas não existem regras. As pessoas se reúnem em um salão, geralmente junto à casa dos festeiros, ou, no caso das comunidades, nos centros comunitários. A expressão em cada rosto dos participantes traduz o gosto pela dança, a satisfação e o orgulho de suas raízes. Os sentimentos se afloram, sendo difícil esconder o sorriso durante as apresentações. O Marabaixo é dançado por mulheres, homens e crianças, não havendo qualquer limitação de idade. Podemos encontrar crianças de dois anos até idosos de mais de noventa anos nas rodas. Os festeiros preparam suas casas com enfeites de papel, reorganizam seus altares com diversas imagens de santos, deixando em destaque o santo homenageado. Além disso, recebem os visitantes servindo um caldo com carne de boi, legumes e verduras e a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá à base de gengibre, água, açúcar e cachaça. Na cidade de Macapá os grupos folclóricos instituíram o Ciclo do Marabaixo, que tem início no sábado de aleluia e término no domingo após o Corpus Christi.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Durante esse tempo acontecem cinco Marabaixos, por vezes seis em cada associação. Os seguintes rituais acompanham o período de celebração: sábado do mastro, dia em o grupo se dirige para um mata para cortar uma árvore de tronco fino e comprido que servirá como mastro; domingo do mastro, dia em que o mastro percorre em cortejo as ruas do bairro; quarta-feira da murta, dia em que acontece um cortejo pelas ruas do bairro com os ramos de murta na mão; levantamento do mastro; dia em que o mastro é envolvido pela murta e levantado em frente à casa onde está acontecendo o ciclo; derrubada do mastro, último dia de festa com a derrubada do mastro e a escolha de um novo festeiro. Além disso, acontece uma novena para cada santo cultuado, durante a qual os participantes rezam uma ladainha, no caso do Bairro Laguinho as novenas são em devoção ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, e na Favela (Bairro Santa Rita) em devoção a Santíssima Trindade dos Inocentes. Além disso, acontecem bailes dançantes, momento de descontração que reúne as pessoas que trabalharam na festa. Nas comunidades localizadas fora do perímetro urbano de Macapá, o Marabaixo acontece durante as Festas dos Santos locais: Divino Espírito Santo em Mazagão Velho, São Sebastião em Mazagão, São Tomé no Carvão, Nossa Senhora da Assunção em Torrão do Matapi, Sagrada Família em Campina Grande, São Sebastião em Ilha Redonda, São José no Abacate da Pedreira, Divino Espírito Santo em Ressaca da Pedreira, Santíssima Trindade em Casa Grande e Santa Maria no Curiaú.		
REGISTROS	Todo o trabalho de pesquisa do INRC do Marabaixo do Amapá gerou centenas de registros fotográficos, audiovisuais e sonoros. Por isso, aconselhamos a consulta direta ao Anexo 2 – Registros Audiovisuais.	**Nº**	_____
CONTATOS	Todas as pessoas entrevistadas estabelecem alguma relação com o Marabaixo. Como existe um elevado número de contatos, aconselhamos a consulta direta ao Anexo 4 – Contatos.	**Nº**	_____

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Ladrões de Marabaixo			IDENTIFICADO SIM	IDENTIFICADO NÃO	24
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ■ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Durante o Ciclo do Marabaixo em Macapá e nas festas de santos das comunidades de Macapá e Mazagão.	LUGAR	Grupos de Marabaixo.		

DESCRIÇÃO

A jovem cantadeira de ladrões durante o Esquenta da Juventude Marabaixeira - Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Os ladrões são as músicas do Marabaixo cantadas pelas cantadeiras e pelos cantadores. Algumas pessoas têm a responsabilidade de cantar o ladrão colocando os versos, esses são os puxadores, enquanto outros respondem entoando o refrão, que geralmente é o primeiro verso de cada composição. As composições são feitas pelos próprios participantes da manifestação cultural, geralmente por um dos membros de um grupo que prepara o ladrão para o ciclo que vai começar ou diante de um acontecimento inusitado e importante para a comunidade.

Outras letras, surgidas em meados do século XX, acompanham as apresentações e a memória dos participantes ainda nos dias de hoje. Nesses casos, a adaptação de alguns ladrões é frequente, e a história vai se modificando pouco a pouco conforme vai sendo transmitida de geração a geração, de comunidade para comunidade, como é próprio dos relatos. As letras narram a vida da comunidade, histórias individuais ou da família, querelas entre vizinhos, fatos históricos e cotidianos, abordam questões da vida política, também anedotas da comunidade, e situações cômicas e tristes. De acordo com Piedade Videira:

> As cantigas de Marabaixo são compostas por versos que recebem a denominação de “ladrão”. São versos tirados de improviso com o objetivo de criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar todos os fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações sociais, no conjunto maior da sociedade. Os ladrões são versos roubados da memória por pessoas que têm habilidades com a rima. [...] Vale ressaltar que na atualidade as cantigas antigas ainda são exaltadas dentro do Marabaixo, pois não se verifica renovação dos ladrões de Marabaixo em grande escala. As cantigas são mantidas quase fielmente, tal como os antigos deixaram. Poucas(os) cantadores(as) das novas gerações estão tirando novos ladrões e quando isso acontece cantam com base nas melodias já existentes. (VIDEIRA, 2009, p. 138-139).

Alguns ladrões são típicos de cada local, outros já se disseminaram entre os grupos e comunidades. É o caso de *Rosa Branca Açucena*, *Eu caio, eu caio, eu caio*, e de *Aonde tu vai*

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	rapaz. Esse último é o ladrão mais citado pelos entrevistados e relata a chegada do governador Janary Gentil Nunes e as mudanças promovidas em Macapá em meados da década de 1940. **Referência:** VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.		
REGISTRO AUDIOVISUAL	I Festival de Ladrão de Marabaixo. Confraria Tucuju.	**Nº**	2.1 – 09
REGISTROS	Grande parte das fotografias e vídeos mostra as cantadeiras e os ladrões sendo executados, esses momentos foram registrados em diversas ocasiões, gerando um grande número de arquivos. Por isso, aconselhamos a consulta direta ao Anexo 2 – Registros Audiovisuais.	**Nº**	_____
CONTATO	Danniela Patrícia da Silva Monteiro	**Nº**	11
CONTATO	Esmeraldina dos Santos	**Nº**	20
CONTATO	Josefa Lina da Silva	**Nº**	40
CONTATO	Josefa Pereira Lau	**Nº**	43
CONTATO	Laura Cristina da Silva	**Nº**	45
CONTATO	Maria José da Silva Libório	**Nº**	54

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Ladainha			IDENTIFICADO: SIM / NÃO	25
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ■ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Nas casas dos festeiros, nas comunidades onde ocorrem as festas de santos.	

O rezador de Ladainha, Chico da Lagoa, durante uma novena na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

A ladainha é uma reza cantada, uma oração de súplica, que tem como uma de suas características elementos repetitivos. No Amapá esse tipo de reza é muito difundida, ocorrendo principalmente durante as festas em devoção aos santos católicos no momento da novena. Entre os principais rezadores estão: Francisco Ferreira Ramos, Joaquim Araújo da Paixão, e João da Cruz Silva. Eles estão sempre presentes nas festas em devoção ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade que acontecem na cidade de Macapá. Mas também percorrem diversas comunidades do interior do estado. De acordo com Francisco Ferreira Ramos, mais conhecido como Chico da Lagoa: *"A ladainha é uma parte da festa de tradição. Nas festas de tradição de santos, se não houver a parte religiosa, que é a ladainha, a festa não é completa, ela começa com a parte religiosa para depois ter as outras coisas".* (Entrevista concedida em 09 de maio de 2013).

As ladainhas são rezadas nas pequenas capelas e igrejas das comunidades, ou na casa dos fiéis, que informam que as ladainhas são rezadas em latim. Para os católicos e participantes das festas, a ladainha é uma das principais expressões de fé praticadas no Amapá, um momento de invocação e agradecimento pelas graças alcançadas. Dessa maneira, alguns grupos trabalham em prol da continuidade e divulgação das ladainhas. Para isso, gravam cd's e dvd's que são distribuídos e vendidos pelas comunidades. Além disso, no Curiaú, comunidade quilombola, onde são realizadas as festas em devoção a São Joaquim e Santa Maria, já foi realizada uma oficina de ladainha para crianças, ministrada pelo Sr. João da Cruz, sob a coordenação da Banda Placa e do grupo Raízes do Bolão.

Referência:

Francisco Ferreira Ramos. Entrevistado em 09 de maio de 2013.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Ladainha do Chico da Lagoa – AFOMAPA – Macapá. 09 de maio de 2013.	Nº	1.3 – 15
REGISTRO AUDIOVISUAL	Ladainha em louvor a São José.	Nº	2.1 – 10
REGISTRO	Frutos e Sementes. Pontinho da cultura. 2011.	Nº	2.1 – 13

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

AUDIOVISUAL			
REGISTRO AUDIOVISUAL	Ladainha Chico da Lagoa – AFOMAPA – Macapá. 09 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 21
CONTATO	Francisco Ferreira Ramos	**Nº**	25
CONTATO	João da Cruz	**Nº**	34

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

2.4. LUGAR

DENOMINAÇÃO	Laguinho				**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	26
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ■ LUGAR ☐ OFÍCIO					
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA					
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	Formação: década de 1940.	**LUGAR**	Macapá/AP		

Cortejo da Murta da Associação Cultural Raimundo Ladislau no bairro Laguinho – Macapá/AP. Data: 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

Na década de 1940, as pessoas que moravam na região central de Macapá tiveram suas casas desapropriadas por meio de uma reforma urbana promovida durante o governo de Janary Gentil Nunes, e foram obrigadas a se mudar para uma nova área da cidade que ficou conhecida como Laguinho por causa dos lagos que existiam ali. De acordo com Piedade Videira "Daí, então, iniciou-se a construção de um território social e político pautado no desejo de seu povo e na força da tradição da cultura de base africana denominada Marabaixo". (VIDEIRA, 2009, p. 89).

A moradora e participante do Marabaixo, Josefa Lina da Silva diz:

> Depois que o Janary chegou foi que ele achou que deveria melhorar a cidade, era governo, governador, foi que nós viemos pra cá pro Laguinho e outros foram pra lá pra Favela. Que até diz "Pelo jeito que eu estou vendo, nós vamos ficar sozinho, uns vão para a Favela e outros vão pro Laguinho". E aí canta: "Aonde tu vai rapaz, por esses caminhos sozinho, eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho". (Josefa Lina da Silva).

Esse é um trecho de um dos ladrões de Marabaixo, músicas que falam do cotidiano das pessoas, de seus problemas, dificuldades e alegrias. Esse ladrão é muito cantado e recitado para explicar o episódio da criação do bairro Laguinho e de toda problemática que envolveu a situação.

Atualmente, o bairro, além de residências, possui escolas, faculdades, igreja, comércio variado, e muitos espaços culturais. O Laguinho concentra atualmente dois grupos de Marabaixo: Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, formada pelos descendentes do mestre Pavão e que está estabelecida na Avenida Nações Unidas, 1160; e Associação Cultural Raimundo Ladislau, formada pelos descendentes de Mestre Julião Ramos e que se localiza na Rua Eliezer Levi, 632. O primeiro carrega a tradição do Mestre Pavão e o segundo é mantido pelos descendentes de Julião Ramos, sendo seu nome uma homenagem ao antigo ladronista Raimundo Ladislau. Além das sedes dos grupos, destaca-se no bairro a forte religiosidade católica que pode ser observada nas manifestações da Semana Santa, nos altares com imagens de santos no interior das residências e na Igreja de São Benedito, local onde acontecem missas durante o ciclo do

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Marabaixo. Além disso, durante o Ciclo do Marabaixo muitos rituais são realizados pelas ruas do bairro, como o Cortejo do Mastro e o Cortejo da Murta. Além do Marabaixo, o bairro também se destaca pelas escolas de samba: Solidariedade, Boêmios do Laguinho, e Piratas Estilizados. A UNA (União dos Negros do Amapá) é um centro cultural que promove diversas atividades culturais, entre elas o Encontro dos Tambores, realizado durante a semana da consciência negra em novembro, quando grupos de batuque e Marabaixo de diversas comunidades apresentam seus ritmos e suas danças. **Referências:** Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013. Josefa Lina da Silva. Entrevistada em 09 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo da Murta – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 12
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Levantamento do Mastro – ACRL – Macapá. 09 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 13
REGISTRO AUDIOVISUAL	Cortejo da Murta – Laguinho – Macapá. 08 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 18
REGISTRO AUDIOVISUAL	Levantamento do Mastro – ACRL – Macapá. 09 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 19
CONTATO	Danniela Patrícia da Silva Monteiro	**Nº**	11
CONTATO	Joaquina Ramos da Silva	**Nº**	36
CONTATO	Josefa Lina da Silva	**Nº**	40
CONTATO	Mônica do Socorro Ramos	**Nº**	58
CONTATO	Raimunda da Silva Ramos	**Nº**	66

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Favela			IDENTIFICADO: SIM / NÃO	27
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ■ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Formação: década de 1940.	LUGAR	Macapá/AP	

Cortejo do Mastro da Associação Zeca e Bibi Costa pelas ruas da Favela – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

A Favela, bairro que tem a denominação oficial de Santa Rita, é o local para onde se dirigiram parte dos moradores do centro quando houve a reforma urbana promovida pelo governador Janary Gentil Nunes na década de 1940. De acordo com a maioria dos entrevistados, houve uma dissidência, comandada por Gertrudes Saturnino, que não aceitou a imposição de ir para o bairro Laguinho e se dirigiu para a Favela. Quanto ao nome, o professor Carlos Alberto Viana Marques conta que nessa época havia em Macapá uma pessoa proveniente do Rio de Janeiro, que por achar as construções parecidas com aquelas dos morros cariocas, deu o nome de Favela ao local. Outras pessoas dizem que a semelhança estava na topografia local, com pequenos morros, que ao longo dos anos deixaram de existir por causa das obras públicas. Contudo, o nome nunca foi reconhecido pelo poder público, e o lugar passou a se chamar, oficialmente, Santa Rita. O fato é que o nome Favela tem uma importância muito grande para o Marabaixo, e mesmo o bairro sendo oficialmente chamado de Santa Rita, todas as referências relativas ao Marabaixo do local estão associadas ao nome Favela. Esse nome representa não só a força de um povo, mas toda a sua tradição. Em 2012, durante o Encontro dos Tambores, a Associação Zeca e Bibi Costa cantou um ladrão cujo refrão dizia:

Sou da Favela
Você tem que respeitar
Minha história é contada
No brilho de cada olhar

Atualmente é um bairro residencial, mas que também conta com escolas, comércio, hospital e clínicas médicas, e muitos órgãos públicos. O bairro tem forte expressão cultural, pois abriga blocos carnavalescos e a Escola de Samba Maracatu da Favela. Nesse bairro estão presentes dois grandes grupos de Marabaixo: a Associação Cultural Berço do Marabaixo e a Associação Zeca e Bibi Costa. O Berço do Marabaixo faz uma homenagem a Gertrudes Saturnino, que levou o Marabaixo para a Favela, instituindo a festa em devoção a Santíssima Trindade dos Inocentes, atualmente tem como presidente Marilda Silva da Costa. A AZEBIC segue a tradição de Zeca Costa, que era um dos grandes nomes do Marabaixo na Favela. Sua esposa, Irene Pereira dos Santos continua promovendo a festa em nome de seu falecido marido.

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Referências: AZEBIC – Encontro dos Tambores. 2012. Carlos Alberto Viana Marques. Entrevistado em 14 de maio de 2013. Marilda da Silva Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 03
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Levantamento do Mastro – Macapá. 20 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 24
REGISTRO AUDIOVISUAL	Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 05
REGISTRO AUDIOVISUAL	Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo – Macapá. 20 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 30
CONTATO	Carlos Alberto Viana Marques	**Nº**	06
CONTATO	Irene Pereira dos Santos	**Nº**	28
CONTATO	Marilda Silva da Costa	**Nº**	56
CONTATO	Rivaldo dos Santos da Costa	**Nº**	73

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Curiaú			IDENTIFICADO		28
				SIM	NÃO	
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO	☐ EDIFICAÇÃO	☐ FORMA DE EXPRESSÃO	■ LUGAR	☐ OFÍCIO	
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO	☐ MEMÓRIA	☐ RUÍNA			
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Formação: final do século XVIII.	LUGAR	Comunidade do Curiaú - Macapá/AP		

Campos alagados no Curiaú, Área de Preservação Ambiental – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

O Curiaú é uma comunidade localizada a cerca de 8 quilômetros de Macapá, às margens do Lago Curiaú, possui o título definitivo de Área Quilombola, concedido pela Fundação Palmares, abrigando uma população de descendentes de escravos. Além disso, desde 1992 é uma Área de Proteção Ambiental, possui campos alagados, cerrado, floresta de várzea, muitos lagos, além do rio Curiaú e de uma diversificada fauna. A área do Curiaú é dividida em Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro. A comunidade possui cerca de 1.500 habitantes, que moram em casas de madeira, que aos poucos estão sendo substituídas por casas de alvenaria. Ganha destaque as construções comunitárias como a Igreja de São Joaquim, e o barracão ao lado, onde acontecem algumas festas locais. Também existe a igreja de Santo Antônio, e o Museu da Cultura da Vila do Curiaú.

A formação do Curiaú é relatada em contos e lendas. Provavelmente aconteceu ainda no século XVIII por escravos que saídos de Macapá se estabeleceram na região onde hoje é o Curiaú. Ali eles sobreviviam criando animais e cultivando a terra. O poético relato de Esmeraldina dos Santos conta que: “O Curiaú é essa comunidade que foi descoberta por dois escravos. Dizia assim, os escravos andavam procuravam um lago, eles fugiram da Fortaleza e estavam procurando um lugar para ficar e descobriram o Curiaú, aonde se tornou essa comunidade tão linda e bonita que são os descendentes de escravos que vieram morar no Curiaú”.

O Curiaú é um dos sítios mais importantes da manifestação do Marabaixo. Das suas matas são retirados os mastros que as associações de Marabaixo usam para louvar o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade. Assim, no sábado do Mastro os grupos se dirigem para o Curiaú, geralmente a maioria vai em cima de um caminhão, tocando caixas e cantando os ladrões. Quando chegam adentram na mata e fazem o ritual do corte do mastro, depois passam o dia todo no Curiaú se divertindo nas rodas de Marabaixo.

Destaca-se no Curiaú, o Centro Cultural Raízes do Bolão, uma associação formada pelos descendentes de Maximiano dos Santos, conhecido como Bolão. Sua esposa, Francisca Ramos dos Santos, a dona Chiquinha, é um dos baluartes do Marabaixo, ainda ativa aos 93 anos de idade. Sua filha Esmeraldina é escritora, cantadora e compositora de ladrões. Seu filho, Pedro Rosário dos Santos, o Pedro Bolão é fazedor e tocador de caixas de Marabaixo, e uma das principais referências do modo de fazer caixas, além de pandeiros e tambores de batuque. Juntos eles participam e promovem oficias de atividades culturais em escolas locais e no seu próprio centro cultural. Também se destaca no Curiaú, o Senhor João da Cruz, importante rezador de

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	ladainhas, rezas cantadas que acontecem durante as festas religiosas. O Curiaú promove a sua cultura por meio das festas religiosas, quando acontecem as rodas de Marabaixo e Batuque, sendo esse último a mais forte expressão cultural local. As festas acontecem durante o ano todo, e entre elas destaca-se a Festa de São Sebastião, a Festa de São Lázaro, a Festa de Santa Maria, a Festa de Santo Antônio da Passagem, a Festa em louvor ao padroeiro São Joaquim, e a Nossa Senhora de Guadalupe. **Referências:** Esmeraldina dos Santos. Entrevistada em 06 de maio de 2013. VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013. 399 p.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Corte do Pau do Mastro – AFOMAPA – Curiaú. 04 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 01
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Curiaú. 06 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 09
REGISTRO AUDIOVISUAL	Corte do Mastro – AFOMAPA – Curiaú. 04 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 03
REGISTRO AUDIOVISUAL	Curiaú. 06 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 11
CONTATO	Esmeraldina dos Santos.	**Nº**	20
CONTATO	Francisca Ramos dos Santos.	**Nº**	24
CONTATO	João da Cruz	**Nº**	34
CONTATO	Pedro Rosário dos Santos	**Nº**	63

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Mazagão Velho			IDENTIFICADO SIM / NÃO	29
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ■ LUGAR ☐ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	Formação: 1771	LUGAR	Comunidade de Mazagão Velho – Mazagão/AP	

Trapiche no rio Mutuacá em Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

DESCRIÇÃO

Mazagão Velho é um distrito de Mazagão, e está situado ao sul do estado do Amapá, distante cerca de 65 quilômetros de Macapá. De acordo com fontes oficiais, por volta de 60 famílias e 750 pessoas moram no local, e ocupam casas de madeira e alvenaria. Entre as construções que se destacam no núcleo urbano do distrito estão a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, o Centro Cultural Mocito Aires, a Escola Estadual Antônia da Silva Santos, a subprefeitura, o posto de saúde, e a capela em devoção a São Tiago. O espaço urbano também é composto pelo trapiche, local aberto, com passarelas, bancos e mesas na beira do rio Mutuacá. Há também dois cemitérios, um desativado próximo às ruínas de uma antiga igreja, e outro no final da Rua Senador Flexa, principal rua do distrito. Pelo rio Mutuacá, que percorre o distrito, chegaram os primeiros habitantes da localidade a partir de 1771 – chamada naquela época de Vila Nova Mazagão -, pois vinham da cidade de Mazagão no norte da África, trazidos pelos portugueses com o objetivo de colonizar a região e fortalecer suas defesas territoriais. Ao chegarem, trouxeram seus costumes e suas crenças e tiveram que se adaptar aos hábitos locais, a uma nova maneira de morar, de comer, e de viver.

Nessa travessia, os africanos trouxeram consigo a devoção a Nossa Senhora da Assunção, e em data incerta construíram um templo de madeira, que na década de 1930 foi substituído pela atual igreja. O distrito é palco de muitas festas que ocorrem durante o ano todo, como a Festa de São Gonçalo, Celebrações da Semana Santa, Festas Juninas, Festa de Nossa Senhora da Piedade, Festa de São Tiago, Festa de Nossa Senhora da Assunção, Festa do Divino Espírito Santo, Festa de Nossa Senhora da Luz, Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festa de Nossa Senhora da Conceição, Festa de Santa Luzia, Festa de São Tomé, e também as Celebrações de Natal.

Sua principal referência no contexto do Marabaixo é que Mazagão Velho é descrito pelos entrevistados como o núcleo originário da chegada dos africanos no século XVIII. Apesar da incoerência histórica, já que documentos comprovam que antes de aportarem em Mazagão Velho, já havia africanos em Macapá, essa é a versão relatada pelos mais velhos e que vem sendo passada de geração em geração.

Referências:

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto:

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	FAUP, 1992. Joaquina Jacarandá. Entrevistada em 26 de março de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Comunidade de Mazagão Velho. 26 de março de 2013.	**Nº**	1.2 – 03
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Mazagão Velho. 07 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 10
REGISTRO AUDIOVISUAL	Mazagão Velho e Dona Zezinha. 07 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 12
REGISTRO AUDIOVISUAL	Festa do Divino Espírito Santo – Mazagão Velho. 24 de agosto de 2013	**Nº**	2.2 – 53
CONTATO	Joaquina da Silva Jacarandá	**Nº**	35
CONTATO	Josefa Pereira Lau	**Nº**	43

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

2.5. OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

DENOMINAÇÃO	Caixa de Marabaixo			**IDENTIFICADO** SIM / NÃO	**30**
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ■ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	**ÉPOCA**	O ano todo	**LUGAR**	Comunidades de Macapá e Mazagão - AP	

Pedro Bolão produzindo uma caixa na Associação Cultural Raízes do Bolão no Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

DESCRIÇÃO

A Caixa usada no Marabaixo é um instrumento musical de percussão, de formato cilíndrico, geralmente feito de madeira e couro. As caixas são produzidas nas próprias comunidades e nos redutos de Marabaixo. Antes das leis de proteção ambiental, a madeira usada para confeccionar as caixas era retirada diretamente da mata e toda a caixa era construída com essa madeira, geralmente a macacaúba. Atualmente, os fazedores de caixa usam paletes de madeira que conseguem em lojas de móveis e eletrodomésticos. Além disso, elas podem ser feitas de zinco e de PVC. Contudo, quando são encontrados troncos caídos eles também são usados. O uso do couro, que é colocado nas extremidades, também passou por mudanças, geralmente usa-se o couro de carneiro que é beneficiado, ou material sintético, mas ainda podem ser encontradas caixas com couro de cobras, como a sicuriju, e outros animais como os bovinos. Do lado de fora das caixas são colocados barbantes que servem para a afinação do instrumento. E na parte inferior da caixa é colocada uma linha com miçangas. As caixas são penduradas nos ombros e tocadas com baquetas. Durante as festas observamos dois, três e até quatro tocadores, mas esse número pode aumentar se houver amplificação do canto com aparelhagem sonora. Entre os fazedores de caixa destacou-se Joaquim Sussuarana (já falecido), que durante muitos anos foi o principal fazedor de caixas de Macapá e residia no bairro Laguinho. Atualmente, uma referência na arte de fazer caixas é Pedro Rosário dos Santos, conhecido como Pedro Bolão. Pedro mora na comunidade quilombola do Curiaú e faz parte do Grupo Raízes do Bolão, trabalha fazendo caixas de Marabaixo e batuque, e participa de diversos projetos como oficinas de caixas para as crianças da comunidade e escolas da região. Além disso, é percussionista e se apresenta nas principais festividades de Macapá, como o Encontro dos Tambores, as festas religiosas do Curiaú, e atualmente participa do Projeto Sonora, desenvolvimento pelo SESC. Também podemos citar Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra, residente no bairro Favela (Santa Rita), que confecciona caixas, e é um exímio tocador e conhecedor do Marabaixo. Em Mazagão destaca-se Tiago da Assunção Belo dos Reis, que aprendeu a fazer caixas por meio de uma oficina e segue atuante no ofício. E em Mazagão Velho a principal referência é Jozué da Conceição Videira, que segue fazendo caixas por meio do método mais tradicional.

Referências:

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

	Jozué da Conceição Videira. Entrevistado em 25 de agosto de 2013. Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra. Entrevistado em 20 de maio de 2013. Pedro Rosário dos Santos. Entrevistado em 06 de maio de 2013. Tiago Assunção Belo dos Reis. Entrevistado em 09 de maio de 2013.		
REGISTRO FOTOGRÁFICO	Associação Cultural Raízes do Bolão – Curiaú. 06 de maio de 2013.	**Nº**	1.3 – 08
REGISTRO AUDIOVISUAL	Modo de Fazer Caixa – Pedro Bolão – Curiaú. 06 de maio de 2013.	**Nº**	2.2 – 10
CONTATO	Jozué da Conceição Videira	**Nº**	44
CONTATO	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra	**Nº**	49
CONTATO	Pedro Rosário dos Santos	**Nº**	63
CONTATO	Tiago da Assunção Belo dos Reis	**Nº**	81

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Gengibirra			IDENTIFICADO SIM / NÃO	31
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ■ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Comunidades de Macapá e Mazagão - AP	

Produção de Gengibirra na Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

DESCRIÇÃO

A Gengibirra é uma bebida típica servida durante as rodas de Marabaixo e Batuque, nas festas religiosas no Amapá. É feita a base de gengibre, água, açúcar e cachaça.

Existem diversos modos de fazer a bebida, que variam de pessoa para pessoa, e de comunidade para comunidade. A maioria das pessoas segue a maneira mais prática de preparo: primeiramente, é cortado o gengibre, que depois é batido com água no liquidificador; em seguida, essa mistura é passada em uma peneira; acrescenta-se ao líquido, açúcar e cachaça, e então a bebida é colocada para gelar. Há relatos de pessoas que fervem o gengibre antes de utilizá-lo e outros que acrescentam outros ingredientes, como leite condensado, especiarias, ou casca de abacaxi e jenipapo.

Acredita-se que a raiz do gengibre protege a garganta e as cordas vocais, permitindo maior longevidade à voz. Sua mistura com a cachaça gera uma bebida que a população acredita ter um efeito tônico para os cantadores do Marabaixo. Segundo Dona Irene, mistura-se gengibre à "cachaça e açúcar, pra poder dar a potência no pessoal, para ficar tudo animado, pronto pra festa".

Não se sabe ao certo qual a data em que a gengibirra foi introduzida no Marabaixo, mas há relatos da presença da cachaça desde o início do século XX e também do uso de outras bebidas, como a Mucura, relatada por Nunes Pereira no seu livro Sahiré e Marabaixo, e também de uma bebida feita de casca de árvore, o caimbé, feita com uma mistura de cachaça, água e madeira de caimbé raspada. Essas, porém, não são mais encontradas nas festividades atuais, permanecendo o uso da gengibirra. Além disso, durante as festas também é muito consumida a cerveja e os refrigerantes.

Referências:

Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 18 de maio de 2013.

PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1955. 139 p.

REGISTRO FOTOGRÁFICO	Modo de Fazer Gengibirra – AZEBIC – Macapá. 18 de maio de 2013.	Nº	1.3 – 16
REGISTRO	Modo de Fazer Gengibirra – AZEBIC – Macapá. 18 de maio de 2013	Nº	2.2 – 22

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

AUDIOVISUAL			
CONTATO	Irene Pereira dos Santos	Nº	28
CONTATO	Josefa Lina da Silva	Nº	40
CONTATO	Lucimar Araújo Tavares	Nº	46
CONTATO	Mônica do Socorro Ramos	Nº	58

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

DENOMINAÇÃO	Tocador de Caixa			IDENTIFICADO SIM / NÃO	32
TIPO	☐ CELEBRAÇÃO ☐ EDIFICAÇÃO ☐ FORMA DE EXPRESSÃO ☐ LUGAR ■ OFÍCIO				
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA				
OCORRÊNCIA	ÉPOCA	O ano todo	LUGAR	Comunidades de Macapá e Mazagão - AP	

Tocadores de Caixa durante o Cortejo da Murta – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

DESCRIÇÃO

O tocador de caixa é um elemento essencial no Marabaixo. Durante as apresentações o tocador está presente no centro do salão, ao lado do cantador, portando sua caixa e duas baquetas que em contato com a membrana produzem o som, dando o ritmo para o canto dos ladrões e para a dança que se desenvolve ao redor dos tocadores e cantadores, incentivando os gritos e rodopios dos dançadores que giram pelo salão. A caixa, instrumento de percussão, sempre foi o instrumento de acompanhamento de danças afrodescendentes, responsáveis pela produção do som. O toque da caixa também se faz presente durante os principais rituais do Marabaixo: os tocadores adentram na mata durante o corte do mastro, circundando a árvore a ser cortada; pelas ruas, tanto no dia do cortejo do mastro como no dia do cortejo da murta, os tocadores acompanham o grupo; também na igreja, durante as celebrações ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, o som das caixas é ecoado, acompanhado de respeitosos ladrões que louvam aos santos, dão graças a Nossa Senhora, a Jesus Cristo e a Deus.

Além disso, a simbologia da caixa é muito presente entre os Marabaixeiros. Por um lado tem-se a lembrança dos tocadores de caixa já falecidos, como mestre Pavão, uma das principais figuras do Marabaixo no Laguinho. Na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, durante os dias de festa, fica exposto um banner com a reprodução de sua foto, na qual aparece tocando uma caixa. Esses instrumentos também estão presentes nos logotipos dos grupos. Assim, a associação entre Caixa e Marabaixo é imediata, remetendo ao som produzido pelo instrumento, ao qual se pode associar o canto dos ladrões e a dança pelos salões. Na atualidade, são muitos os tocadores que se revezam pelo salão. Cada associação possui o seu próprio tocador, mas alguns são independentes e frequentam mais de uma associação na mesma noite, fazendo um giro por Macapá e parando onde encontram o Marabaixo. Entre essas pessoas destacamos Raimundo Hildemar Maia dos Santos, mais conhecido como H.Maia, também Pedro Rosário dos Santos, o Pedro Bolão, e Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra, o Marcelo da Favela. Os dois últimos também se destacam como fazedores de caixa, produzindo o instrumento, ministrando oficinas, e repassando seus conhecimentos de como fazer uma caixa e de como tocar caixas às novas gerações.

REGISTROS	Grande parte das fotografias e vídeos apresenta o toque das caixas, que foi registrado em diversas ocasiões, gerando um grande número de arquivos. Por isso, aconselhamos a consulta direta ao Anexo 2 – Registros Audiovisuais.	Nº	_____

ANEXO : BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	--	--	--	--	F1-	A3

CONTATO	Jozué da Conceição Videira	Nº	44
CONTATO	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra	Nº	49
CONTATO	Pedro Rosário dos Santos	Nº	63
CONTATO	Raimundo Hildemar Maia dos Santos	Nº	70
CONTATO	Tiago da Assunção Belo dos Reis	Nº	81

3. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
PREENCHIDO POR	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **ANEXO** **CONTATOS**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F1-	A4
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADES	Abacate da Pedreira, Campina Grande, Carvão, Casa Grande, Coração, Curiaú, Favela (Santa Rita), Ilha Redonda, Laguinho, Mazagão, Mazagão Velho, Ressaca da Pedreira, Torrão do Matapi.
MUNICÍPIOS / UF	Macapá / AP e Mazagão / AP

2. CONTATOS

NOME	Alexandre Queiroz Nascimento			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	01
COMO É CONHECIDO(A)	Alexandre		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	12/02/1994	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Odilardo Silva, 593 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3223-7119	**FAX**	----------	**E-MAIL**	alexandre.queiroz.nascimento@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1994	

BEM CULTURAL	**OBSERVAÇÃO**
Marabaixo	Alexandre faz parte da nova geração de participantes de Marabaixo, e é cantador da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Ana Rosa dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	02
COMO É CONHECIDO(A)	Aninha / Ana do Muruanga		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	26/07/1947	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Ceará, 730 – Bairro Pacoval - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9188-0341	**FAX** ----------	**E-MAIL**	----------	
OCUPAÇÃO	Funcionária Pública				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1947		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Participa da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Anastácia Martial Josaphat do Espírito Santo			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	03
COMO É CONHECIDO(A)	Anastácia		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	1943	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Ana Nery, 1179 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3222-5315	**FAX** ----------	**E-MAIL**	----------	
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1943		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Em 2013, Anastácia foi uma das festeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Antônia do Carmo Costa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	04
COMO É CONHECIDO(A)	Antônia Grande		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	07/08/1943	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	BR Macapá/Jari km 21 – Campina Grande – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3217-2757	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Agente de portaria				
ONDE NASCEU	Afuá – Pará - PA	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	17/02/1963		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Matriarca do Grupo União Folclórica de Campina Grande.				
Festa da Sagrada Família					

NOME	Benedita Guilherma Ramos			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	05
COMO É CONHECIDO(A)	Tia Biló		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1925	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Eliezer Levy, 632 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	----------	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1925		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Tia Biló é filha de Julião Ramos e a matriarca do Marabaixo do Laguinho, faz parte da Associação Cultural Raimundo Ladislau.				
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Carlos Alberto Viana Marques			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	06
COMO É CONHECIDO(A)	Carlinhos		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	29/10/1970	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. General Osório, 1022 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9165-4102	FAX	----------	E-MAIL	carlosalbertomarques_@live.com
OCUPAÇÃO	Professor universitário - UNIFAP				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1970	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Carlos é professor de história e já realizou diversas pesquisas sobre o Marabaixo.				

NOME	Carlos Augusto Gomes			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	07
COMO É CONHECIDO(A)	Carlitão		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	23/01/1957	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Mendonça Furtado, 2370 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9971-3561 e 9903-9930	FAX	----------	E-MAIL	carlitao50@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Músico – Professor				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1957	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Carlitão é integrante da Banda Placa e desenvolve vários trabalhos junto às comunidades rurais, registrando as diversas manifestações culturais do estado do Amapá e desenvolvendo ações como oficinas culturais.				
Festas do estado do Amapá					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Cássia Cristina de Azevedo dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	08
COMO É CONHECIDO(A)	Cássia	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua São José, 793 – Bairro Central – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9127-5069	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Cássia faz parte da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Confraria Tucuju			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	09
COMO É CONHECIDO(A)	Confraria Tucuju	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1996	☐ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Avenida Mendonça Furtado, 100 – Bairro Central - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9113-0596	FAX	----------	E-MAIL	confrariatucuju@yahoo.com.br
OCUPAÇÃO	A Confraria Tucuju tem como objetivos promover, registrar, e documentar a cultural local.				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1996		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	A Confraria Tucuju tem como objetivos promover, registrar, e documentar a cultural local.
Festas locais	O responsável pela Confraria Tucuju é José Henrique Costa, conhecido como Zezinho.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Conselho Estadual de Cultura			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	10
COMO É CONHECIDO(A)	Conselho de Cultura		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	Década de 1990	☐ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Cora de Carvalho, 97 – Bairro Centro – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3212-1130	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	Década de 1990		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO

NOME	Danniela Patrícia da Silva Monteiro			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	11
COMO É CONHECIDO(A)	Danniela Ramos		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	20/03/1979	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Eliezer Levy, 632 – Bairro Laguinho - Macapá – AP.				
TELEFONE	(96) 9138-9254	FAX	----------	E-MAIL	danniela.marabaixodoamapa@yahoo.com.br
OCUPAÇÃO	Autônoma				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1979		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Danniela é neta de tia Biló e Presidente da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Decleoma Lobato Pereira			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	12
COMO É CONHECIDO(A)	Decleuma	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua São José, 1800 – Bairro Central - Macapá – AP				
TELEFONE	(96) 8124-5756	FAX	----------	E-MAIL	decleuma@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Funcionária da Biblioteca Pública do Amapá Elcy Lacerda.				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Membro da Associação Amapaense de Folclore e Cultura Popular.
Festas religiosas do Amapá	

NOME	Denise Nascimento de Sena			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	13
COMO É CONHECIDO(A)	Denise	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1959	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO					
TELEFONE		FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Funcionária				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1959		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Deucilene do Carmo Costa			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	14
COMO É CONHECIDO(A)		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Loteamento São José				
TELEFONE	(96) 9134-5834	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Presidente do Grupo Herdeiros do Marabaixo.				

NOME	Diones Correa			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	15
COMO É CONHECIDO(A)	Diones	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	12/12/1989	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua Procópio Rola, 1162 – Bairro Central - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9176-0733	FAX	----------	E-MAIL	diones_mc@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Assessor de comunicação da Secult				
ONDE NASCEU	Belém - PA	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2000		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Funcionário da Secult.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Djane Queiroz Estrela			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	16
COMO É CONHECIDO(A)	Djane Estrela	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Pedro Américo, 202 – Bairro Perpétuo Socorro – Macapa - AP				
TELEFONE	(96) 9141-6913	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO			
Marabaixo		Djane é integrante da Associação Cultural Raimundo Ladislau e em 2013 foi uma das festeiras.			
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade					

NOME	Elson do Carmo Costa			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	17
COMO É CONHECIDO(A)	Jacundá	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	02/11/1970	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	BR 156 km 21 – 1505 - Comunidade de Campina Grande – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9134-5834	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Técnico de enfermagem				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1970		
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO			
Marabaixo		Presidente do Grupo União Folclórica de Campina Grande.			
Festa da Sagrada Família					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Emily Magnani Souza			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	18
COMO É CONHECIDO(A)	Emily	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	05/05/1997	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Maranhão – Bairro Pacoval – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 91529415	FAX	----------	E-MAIL	emily.souza-ap@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1997		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Emily é cantadeira da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Erivelton Fortunato Cirilo			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	19
COMO É CONHECIDO(A)	Erivelton	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	27/06/1987	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Dr. Silas Salgado, 2927 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9133-3870	FAX	----------	E-MAIL	erivelton.23@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Cobrador				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1987		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Erivelton faz parte da Associação Zeca e Bibi Costa.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Esmeraldina dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	20
COMO É CONHECIDO(A)	Esmeraldina		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	11/01/1955	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rodovia do Curiaú, km 4 – Comunidade do Curiaú - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9133-2612	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Escritora				
ONDE NASCEU	Macapá -AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2005		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Esmeraldina faz parte do grupo Raízes do Bolão. É escritora, tendo alguns livros publicados, inclusive divulgando a cultura do Marabaixo.				
Festa de Santa Maria					

NOME	Felícia do Socorro Ramos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	21
COMO É CONHECIDO(A)	Felix		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/03/1964	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Nações Unidas, 1160 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3224-3376	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Dona de casa				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1964		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Felícia é filha de mestre Pavão e faz parte da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.				
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Fernando Canto				☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	22
COMO É CONHECIDO(A)				DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO						
TELEFONE	(96) 8115-7300	FAX	----------	E-MAIL	fernando-canto@hotmail.com fernando-canto@unifap.com	
OCUPAÇÃO						
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO					
Marabaixo	Fernando Canto é historiador, e também pesquisador do Marabaixo, tendo publicado 'A água benta e o diabo'.					

NOME	Francimar da Costa Rocha				■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	23
COMO É CONHECIDO(A)	Franci			DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	28/03/1974	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Brasil, 362 – Bairro Boné Azul – Macapá - AP					
TELEFONE	(96) 3251-2996	FAX	----------	E-MAIL	kagyfran@hotmail.com	
OCUPAÇÃO	Dona de casa					
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			1974	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO					
Marabaixo	Francimar faz parte da Associação Berço do Marabaixo.					
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes						

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Francisca Ramos dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	24
COMO É CONHECIDO(A)	Tia Chiquinha		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	26/06/1920	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rodovia do Curiaú – Km 4 – Comunidade do Curiaú - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9129-1343	FAX ----------	E-MAIL ----------		
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2003		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Moradora do Curiaú e viúva do Sr. Bolão, em homenagem ao qual foi fundado o Grupo Raízes do Bolão.
Festa de Santa Maria	

NOME	Francisco Ferreira Ramos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	25
COMO É CONHECIDO(A)	Chico da Lagoa		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	06/06/1955	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rodovia AP-20 – km 9 – Comunidade de Lagoa de Fora – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9972-6284	FAX ----------	E-MAIL ----------		
OCUPAÇÃO	Agricultor				
ONDE NASCEU	Lagoa de Fora – Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1955		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Francisco é rezador de ladainhas e durante o Ciclo do Marabaixo de 2013 em Macapá realizou as novenas em devoção ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão e colaborou na novena da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festas religiosas do Amapá	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Gabriely Willianara Azevedo Monteiro			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	26
COMO É CONHECIDO(A)	Gaby / Biely	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	20/06/1998	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua São José, 793 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9138-1941	FAX	----------	E-MAIL	gabyazevedomonteiro@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1998		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Gabriely é uma das cantadeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Gerson Ramos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	27
COMO É CONHECIDO(A)	Gerson	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	15/09/1965	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Nações Unidas, 1160 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3224-3376	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Professor				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1965		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Gerson é filho de Mestre Pavão. Em 2013 foi festeiro da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Irene Pereira dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	28
COMO É CONHECIDO(A)	Irene		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	17/05/1940	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Mendonça Furtado, 1882 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9109-1978	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Dona de casa				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1940		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Irene é presidente da Associação Zeca e Bibi Costa.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

NOME	Iury Soledade			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	29
COMO É CONHECIDO(A)	Menino do Laguinho / Príncipe do Marabaixo		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	25/02/1997	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Angelim, 102 – Bairro Ipê – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9116-8804	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1997		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Iury é filho de Laura Cristina da Silva e bisneto de tia Biló. Faz parte da nova geração do Marabaixo.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	Em 2014, Iury será o festeiro da Associação Cultural Raimundo Ladislau.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Ivanete Picanço das Chagas			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	30
COMO É CONHECIDO(A)	Nete		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	28/07/1969	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rodovia AP 70 – nº 231 – Comunidade da Ressaca da Pedreira - Macapá - AP				
TELEFONE	----------	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Merendeira na Escola Estadual Nestor Barbosa da Silva				
ONDE NASCEU	Casa Grande – Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1994		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Responsável pelo Grupo de Marabaixo da Ressaca da Pedreira.
Festa do Divino Espírito Santo	

NOME	Izabel Saturnina da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	31
COMO É CONHECIDO(A)	Izabel		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	09/06/1945	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Cid Borges Santana, 466 – Bairro Infraero II – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9154-3246	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Funcionária Pública				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1945		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Izabel é filha de Gertrudes Saturnino e participa da Associação Berço do Marabaixo.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Joana Jesus do Rosário			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	32
COMO É CONHECIDO(A)	Assunção	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	06/05/1948	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Francisco Alves Correa, 2196 – Bairro Novo Horizonte – Macapá - AP				
TELEFONE	----------	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1948		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Participante do Marabaixo da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	João Ataíde Santana			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	33
COMO É CONHECIDO(A)	João Ataíde	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	26/06/1975	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Paraíba, 659 – Bairro Pacoval – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9134-0155	**FAX**	----------	**E-MAIL**	joaomaranata@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Chefe de gabinete da Seafro				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1975		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	João Ataíde trabalha na Seafro, sendo um dos promotores do Cortejo da Murta. Além disso, realiza pesquisas sobre o Marabaixo.
Cortejo da Murta	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	João da Cruz Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	34
COMO É CONHECIDO(A)	João		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	23/11/1930	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Santo Antônio, 246 – Comunidade do Curiaú – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9119-4088	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentado				
ONDE NASCEU	Curiaú – Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1930		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	João da Cruz é a principal referência como rezador de ladainhas, tendo ensinado a diversas pessoas e também participado de uma oficina de ladainhas para crianças, promovida pela Banda Placa.				
Festa de Santa Maria					

NOME	Joaquina da Silva Jacarandá			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	35
COMO É CONHECIDO(A)	Tia Joca		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	30/08/1952	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Avenida João Coelho, 208 – Distrito de Mazagão Velho – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9133-0950	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Auxiliar Operacional na Escola Estadual Antônia da Silva Santos				
ONDE NASCEU	Mazagão Velho – Mazagão - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1952		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Joaquina é uma das coordenadoras das festas religiosas que ocorrem em Mazagão Velho.				
Festa do Divino Espírito Santo					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Joaquina Ramos da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	36
COMO É CONHECIDO(A)	Joaquina	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	28/05/1932	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua Elieze Levy, 326 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	----------	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1932		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Joaquina é uma das representantes da Velha Guarda do Marabaixo e filha de Seu Bruno, que foi um grande ladronista do Laguinho.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	José Araújo da Paixão			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	37
COMO É CONHECIDO(A)	Coruja	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	20/02/1960	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua Procópio Rola, 1162 – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9115-9623	**FAX**	----------	**E-MAIL**	josepaixao.40@bol.com.br
OCUPAÇÃO	Assistente Técnico				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1960		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Trabalha na Secretaria de Cultura do Amapá e participa do Marabaixo do Curiaú.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	José Hosana Nunes da Silva			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	38
COMO É CONHECIDO(A)			DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9103-0269	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Hosana é filho de tio Jorge, cuja família que mantém viva a tradição do Marabaixo em Mazagão e Mazagão Velho.				

NOME	José Jorge da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	39
COMO É CONHECIDO(A)	Tio Jorge / Mestre Jorge		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	28/04/1931	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Antônio Carpina, 492 – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9145-7317	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentado				
ONDE NASCEU	Mazagão Velho	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1977	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Tio Jorge é uma das principais referências do Marabaixo em Mazagão e Mazagão Velho.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Josefa Lina da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	40
COMO É CONHECIDO(A)	Zefa do Quinca	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	26/02/1916	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua Ernestino Borges, 763 – Bairro Laguinho - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3224-1740	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1916		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Zefa faz parte da velha guarda do Marabaixo.				

NOME	Josefa Maria de Miranda			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	41
COMO É CONHECIDO(A)	Zefinha	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	02/05/1929	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua Santo Antônio, 246 – Comunidade do Curiaú – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9119-4088	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	Meados do século XX		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Antiga participante das festas locais.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Josefa Menezes das Chagas			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	42
COMO É CONHECIDO(A)	Zefa		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	27/09/1953	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rodovia AP 70 – Comunidade de São Francisco da Casa Grande – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9176-2317	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Casa Grande – Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1953		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Responsável pelo Grupo Folclórico Santíssima Trindade.
Festa da Santíssima Trindade	

NOME	Josefa Pereira Lau			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	43
COMO É CONHECIDO(A)	Zezinha / Mestra Lau / Professora Lau		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	19/03/1927	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Praça de Mazagão Velho – Distrito de Mazagão Velho – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9168-6782	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Mazagão Velho – Mazagão - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1927		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Participante e cantadeira de Marabaixo em Mazagão Velho e região. Recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestre da Cultura Popular.
Festa do Divino Espírito Santo	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Jozué da Conceição Videira			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	44
COMO É CONHECIDO(A)	Jozué	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Distrito de Mazagão Velho – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9139-1961	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Carpinteiro / Pedreiro / Educador cultural				
ONDE NASCEU	Mazagão Velho	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Jozué participa de festas e ações culturais em Mazagão Velho e fabrica caixas e tambores.
Festa do Divino Espírito Santo	

NOME	Laura Cristina da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	45
COMO É CONHECIDO(A)	Laura do Marabaixo	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	10/02/1974	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Angelim, 102 – Bairro Ipê - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9152-6894	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Técnica de cultura da Seafro				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1974		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Laura é neta de tia Biló e cantadeira de Marabaixo na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão. Também é uma das promotoras do Cortejo da Murta.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Lucimar Araújo Tavares			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	46
COMO É CONHECIDO(A)	Tia Luci		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	27/05/1930	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Tiradentes, 613 – Bairro Centro - Macapá – AP				
TELEFONE	(96) 3224-2616	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Cozinheira				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1930		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Lucimar faz parte da velha guarda do Marabaixo em Macapá. No passado, vendia tacacá na porta da Igreja São José.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Manoel Antônio de Deus			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	47
COMO É CONHECIDO(A)	Ramos		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	05/09/1943	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	AP 70 – nº18 – Comunidade Ressaca da Pedreira – Macapá - AP				
TELEFONE	----------	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Comerciário / Aposentado				
ONDE NASCEU	Ressaca da Pedreira – Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	Desde 1943		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Manoel é um dos coordenadores das festas na comunidade Ressaca da Pedreira.
Festa do Divino Espírito Santo	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Manuel Eleutério Pereira			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	48
COMO É CONHECIDO(A)	Coló		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	20/02/1960	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Avenida Raimundo do Carmo s/nº - distrito de Carvão – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9184-3347	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Auxiliar de serviços gerais no Posto de Saúde do distrito de Carvão.				
ONDE NASCEU	Carvão – Mazagão - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1960	

BEM CULTURAL	**OBSERVAÇÃO**
Marabaixo	Coló é um dos organizadores das festas religiosas que ocorrem na comunidade de Carvão.
Festa de São Tomé	

NOME	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	49
COMO É CONHECIDO(A)	Marcelo da Favela		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	31/08/1985	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Manoel Eudóxio Pereira, 1420 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9162-7786	**FAX**	----------	**E-MAIL**	marcelo.m4@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Funcionário Público				
ONDE NASCEU	Macapá - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1985	

BEM CULTURAL	**OBSERVAÇÃO**
Marabaixo	Marcelo é fazedor de caixas e toca na Associação Zeca e Bibi Costa.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes.	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Marcos Vinícius de Araújo da Costa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	50
COMO É CONHECIDO(A)	Marcos		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	21/09/1994	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Mendonça Furtado, 1882 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9127-2180	FAX ----------	E-MAIL ----------		
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1994		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Participante do Marabaixo de Macapá.				

NOME	Maria da Conceição Lino Videira			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	51
COMO É CONHECIDO(A)	Concita		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	11/12/1941	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Eliezer Levy, 463 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 2223-1506	FAX ----------	E-MAIL ----------		
OCUPAÇÃO	Doméstica				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1941		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Antiga participante do Marabaixo do Laguinho.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Maria Elísia Carmo Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	52
COMO É CONHECIDO(A)	Elísia Congó / Congozinha		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/12/1964	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Mendonça Junior, 1275 – Bairro Centro – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9124-7597	FAX ----------	E-MAIL ----------		
OCUPAÇÃO	Professora				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1964		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Elísia é presidente da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela.

NOME	Maria Isabel de Jesus Cardoso			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	53
COMO É CONHECIDO(A)	Bel		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1963	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Maranhão, 709 – Bairro Pacoval – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9141-6413	FAX ----------	E-MAIL ----------		
OCUPAÇÃO	Doméstica				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1963		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Em 2013, Maria Isabel foi uma das festeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Maria José da Silva Libório			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	54
COMO É CONHECIDO(A)	Maria Libório		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	01/01/1940	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Getúlio Vargas, 1235 – Bairro Centro - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9154-8855	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1940		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Filha de Gertrudes Saturnino, grande conhecedora e antiga participante do Marabaixo da Favela.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

NOME	Maria Luzia Corte			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	55
COMO É CONHECIDO(A)	Luzia		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	05/08/1937	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Procópio Rola, 8699 – Bairro Centro – Macapá - AP				
TELEFONE	----------	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Lavadeira				
ONDE NASCEU	Afuá - PA	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1962		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Participante do Marabaixo do Laguinho.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Marilda Silva da Costa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	56
COMO É CONHECIDO(A)	Dona Marilda		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	20/04/1952	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Brasil, 362 - Bairro Boné Azul – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9131-3083	FAX	----------	E-MAIL	marikayo@bol.com.br
OCUPAÇÃO	Diretora de escola				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1952	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Marilda é neta de Gertrudes Saturnino e Presidente da Associação Berço do Marabaixo.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

NOME	Marlúcio Lôbo Cabral			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	57
COMO É CONHECIDO(A)	Cabral		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO					
TELEFONE	(96) 9128-8378	FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Cabral é filho de Vanda dos Santos Lôbo da Silva e um dos coordenadores das festas religiosas da comunidade de Ilha Redonda, quilombo em processo de reconhecimento.
Festa de São Sebastião	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Mônica do Socorro Ramos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	58
COMO É CONHECIDO(A)	Mônica		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	19/07/1967	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Nações Unidas, 1160 – Bairro Laguinho - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9137-8813	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Professora				
ONDE NASCEU	Macapá - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1967	

BEM CULTURAL	**OBSERVAÇÃO**
Marabaixo	Mônica é presidente da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Naira Paula Sena de Sousa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	59
COMO É CONHECIDO(A)	Naíra		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	23/10/1954	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Ernestino Borges, 705 – Bairro Laguinho - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9155-6127	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Professora				
ONDE NASCEU	Macapá - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1954	

BEM CULTURAL	**OBSERVAÇÃO**
Marabaixo	Naíra é cantadeira e pertence ao Grupo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Neucirene Oliveira			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	60
COMO É CONHECIDO(A)		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Padre Júlio Lombaerd, 1614, 3º andar - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9156-7643	FAX	----------	E-MAIL	neu_negra@yahoo.com.br
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU		DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE			

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Neucirene é secretária da SEAFRO.

NOME	Núbia de Souza			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	61
COMO É CONHECIDO(A)	Núbia	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	17/03/1980	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Maça Verde, 220 – Palmares – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9118-4636	FAX	----------	E-MAIL	nubia.quilombolaap@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Trabalha na CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1980		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Paulo de Assis Nascimento Lino			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	62
COMO É CONHECIDO(A)	Gasolina		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	14/07/1956	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Pedreira do Abacate, 1242 – Rodovia AP 70 – Comunidade Abacate da Pedreira – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9168-6827	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentado				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2005		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Responsável pela Associação Folclórica Irmandade São José.				
Festa de São José					

NOME	Pedro Rosário dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	63
COMO É CONHECIDO(A)	Pedro Bolão		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	03/10/1960	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rodovia do Curiaú, km 4 – Comunidade Curiaú - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9129-1343	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Músico e Fazedor de caixas de Marabaixo e tambores de batuque.				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2003		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Pedro é um dos principais fazedores de caixa da região de Macapá e participa do Grupo Raízes do Bolão.				
Festa de Santa Maria					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Piedade Lino Videira				☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	64
COMO É CONHECIDO(A)			DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Macapá - AP					
TELEFONE	(96) 8132-1637	FAX	----------	E-MAIL	----------	
OCUPAÇÃO						
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO				
Marabaixo		Piedade é pesquisadora, e autora do livro “Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense”.				

NOME	Raeder Ardasse da Costa				☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	65
COMO É CONHECIDO(A)	Rildo		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	25/11/1986	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua General Rondon, 836 – Bairro Laguinho - Macapá - AP					
TELEFONE	(96) 9186-1606	FAX	----------	E-MAIL	raederardasse@bol.com.br	
OCUPAÇÃO	Diretor Executivo e Coordenador Geral da União dos Negros do Amapá					
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE				
BEM CULTURAL		OBSERVAÇÃO				
Marabaixo		Coordenador da União dos Negros do Amapá (UNA) e participante de Marabaixo.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Raimunda da Silva Ramos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	66
COMO É CONHECIDO(A)	Dica Bruno		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	23/09/1924	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Maranhão, 701 – Bairro Pacoval – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3223-4914	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1924		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Dona Raimunda é filha de Seu Bruno, que foi um grande ladronista do Laguinho.				

NOME	Raimunda de Jesus			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	67
COMO É CONHECIDO(A)	Joaquina		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	10/06/1949	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua João Raimundo Capiberibe, 1716 – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9119-1256	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Aposentada				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1949		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Raimunda participa do Marabaixo em Macapá.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Raimunda Nonata Vilhena Santana			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	68
COMO É CONHECIDO(A)	Raimunda	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Pedreira do Abacate, 1242 – Rodovia AP 70 – Comunidade Abacate da Pedreira – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9168-6827	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Dona de casa				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2005		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Raimunda é uma das coordenadoras da Festa de São José na comunidade de Abacate da Pedreira.
Festa de São José	

NOME	Raimunda Rodrigues da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	69
COMO É CONHECIDO(A)	Tia Raimundinha	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	06/08/1947	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Mendonça Júnior, 1279 – Bairro Centro – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9109-1978	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Professora				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1947		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Raimundinha participa do Marabaixo em Macapá.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Raimundo Hildemar Maia dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	70
COMO É CONHECIDO(A)	H. Maia		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/10/1950	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Odilardo Silva, 751 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9113-6212	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Autônomo da construção civil				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1950 (morou fora por alguns anos)		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Raimundo é tocador de caixa no Marabaixo.

NOME	Ranúbia Silva de Oliveira			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	71
COMO É CONHECIDO(A)	Ranúbia / Núbia		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	31/07/1984	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Professor Tostes, 643 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9142-3115	FAX	----------	E-MAIL	Ranubia.ap@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1984		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Ranúbia participa do Marabaixo em Macapá.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Raylanne de Azevedo dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	72
COMO É CONHECIDO(A)	Raylanne		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	22/02/1985	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua São José, 793 – Bairro Laguinho – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9162-8298	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Pedagoga				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**		1985	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	No Ciclo do Marabaixo de 2013, Raylanne foi uma das festeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Rivaldo dos Santos da Costa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	73
COMO É CONHECIDO(A)	Coronel		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	19/08/1968	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Mendonça Furtado, 1882 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 8813-3626	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Mecânico				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**		1968	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Em 2013, Rivaldo foi o festeiro da Associação Zeca e Bibi Costa.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Rosângela do Socorro Ramos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	74
COMO É CONHECIDO(A)	Rosa		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/08/1967	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Glicério de Souza Figueiredo, 2582 – Jardim II – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9119-4597	FAX	----------	E-MAIL	roramoscuriau@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Membro do Conselho Estadual de Cultura do Amapá				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1967	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Rosângela é membro do Conselho Estadual de Cultura do Amapá.				

NOME	Rozicema Viana Barreto			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	75
COMO É CONHECIDO(A)	Rozi / Cema		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	23/10/1956	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Hermogenes de Matos, 331 – Bairro Centro – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9116-7587	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Funcionária Pública				
ONDE NASCEU	Mazagão - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1956	
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Rozicema participa do Marabaixo em Mazagão e Mazagão Velho.				

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Sandra Priscila Silva dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	76
COMO É CONHECIDO(A)	Priscila		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	06/01/1985	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Rua Mendonça Furtado, 1882 – Bairro Santa Rita – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9108-3028	FAX	----------	E-MAIL	camilesandro@gmail.com
OCUPAÇÃO	Professora				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		1985	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Priscila é a principal cantadeira de ladrões de Marabaixo da Associação Zeca e Bibi Costa.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

NOME	SEAFRO – Secretaria Extraordinária de Políticas Afrodescendentes			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	77
COMO É CONHECIDO(A)	SEAFRO		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	2004	☐ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Júlio Lombaerd, 1614 – Bairro Central – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 3312-1026	FAX	----------	E-MAIL	
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE		2004	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	A Seafro é a promotora do Cortejo da Murta.

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Solange do Carmo Costa			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	78
COMO É CONHECIDO(A)	Sol		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	29/11/1965	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	BR Macapá/Jari km 21 – Campina Grande – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9104-4429	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Agricultora				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1965		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Solange participa do grupo União Folclórica de Campina Grande				
Festa da Sagrada Família					

NOME	Taylor Cardoso Videira			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	79
COMO É CONHECIDO(A)	Taylor		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	04/08/2000	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Maranhão, 709 – Bairro Pacoval – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9141-6913	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2000		
BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO				
Marabaixo	Taylor é filho de Maria Isabel de Jesus Cardoso, que em 2013 foi uma das festeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau.				
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade					

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Tayná Suany Cardoso Videira			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	80
COMO É CONHECIDO(A)	Tayná	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/04/1992	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Av. Maranhão, 709 – Bairro Pacoval – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9167-7107	FAX	----------	E-MAIL	tayna.cardosoap@hotmail.com
OCUPAÇÃO	Estudante				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1992		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Tayná é uma das cantadeiras da Associação Cultural Raimundo Ladislau.
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade	

NOME	Tiago da Assunção Belo dos Reis			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	81
COMO É CONHECIDO(A)	Tiago Queiroz	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/08/1960	■ MASCULINO ☐ FEMININO	
ENDEREÇO	Rua Veiga Cabral, 650 – Bairro Centro – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9155-4482	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU	Mazagão Velho	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	2003		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Tiago faz caixas de Marabaixo e também é toca nas festas de Mazagão.
Festa de São Sebastião	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Ubiranilde Rodrigues Cardoso			☐ ENTREVISTADO ■ NÃO ENTREVISTADO	82
COMO É CONHECIDO(A)	Berê		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	19/02/1967	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Avenida Mendonça Junior, 2617 – Bairro Santa Rita - Macapá				
TELEFONE	(96) 9133-7046	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Dona de casa				
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1967		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Responsável pelo Grupo de Marabaixo de São João I do Maruanum II.

NOME	União dos Negros do Amapá			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	83
COMO É CONHECIDO(A)	UNA		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1998	☐ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Rua General Rondon, 836 – Bairro Laguinho - Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9186-1606	FAX	----------	E-MAIL	
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU	Macapá	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1998		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	A UNA realiza todos os anos o Encontro dos Tambores, evento que acontece na semana da consciência negra, em novembro.
Encontro dos Tambores	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Valdicleuson Silva da Costa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	84
COMO É CONHECIDO(A)	Cleuson		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	20/08/1984	■ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	BR 156 Macapá/Jari km 21 – Comunidade Torrão do Matapi – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9144-3142	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Professor de Educação Física / Vigilante				
ONDE NASCEU	Torrão do Matapi - Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1984		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Presidente do Grupo Folclórico Geração, da Comunidade do Torrão do Matapi.
Festa de Nossa Senhora da Assunção	

NOME	Valdinete Silva da Costa			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	85
COMO É CONHECIDO(A)	Val / Valdi		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/12/1970	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Raimundo Almeida da Costa, 424 – Bairro Boné Azul – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9115-5377	FAX	----------	E-MAIL	valdinete-costa@bol.com.br
OCUPAÇÃO	Agente de Polícia				
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1970		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Valdinete é cantadeira e faz parte da Associação Berço do Marabaixo.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Vanda dos Santos Lôbo da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	86
COMO É CONHECIDO(A)	Tia Vanda	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	30/09/1952	☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO	Comunidade Quilombola Ilha Redonda – Macapá - AP				
TELEFONE	(96) 9153-1378	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO	Parteira				
ONDE NASCEU	Ilha Redonda – Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1952		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Vanda é participante das festas religiosas na comunidade quilombola de Ilha Redonda (em processo de reconhecimento). Além disso, é Parteira e faz parte do projeto de Capacitação das Parteiras Tradicionais do Estado do Amapá em parceria com o Ministério da Saúde no Programa Rede da Cegonha.
Festa de São Sebastião	

NOME	Vângela Maria Fortunato dos Santos			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	87
COMO É CONHECIDO(A)	Vângela	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO		☐ MASCULINO ■ FEMININO	
ENDEREÇO					
TELEFONE	----------	FAX	----------	E-MAIL	----------
OCUPAÇÃO					
ONDE NASCEU	Macapá - AP	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	1950		

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

NOME	Varomilda Cabral de Souza			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	88
COMO É CONHECIDO(A)	Vava		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	27/08/1950	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	BR 156 – Mel da Pedreira – Macapá - AP				
TELEFONE	----------	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Merendeira				
ONDE NASCEU	Macapá - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1950	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Varomilda participa da Associação Zeca e Bibi Costa.
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes	

NOME	Vera Maria Nunes da Silva			■ ENTREVISTADO ☐ NÃO ENTREVISTADO	89
COMO É CONHECIDO(A)	Verinha		**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	23/08/1962	☐ MASCULINO ■ FEMININO
ENDEREÇO	Av. Antônio Carpina, 261 – Bairro Centro – Mazagão - AP				
TELEFONE	(96) 9113-7601	**FAX**	----------	**E-MAIL**	----------
OCUPAÇÃO	Diretora da Escola Murilo Braga				
ONDE NASCEU	Mazagão Velho - AP		**DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE**	1968	

BEM CULTURAL	OBSERVAÇÃO
Marabaixo	Vera promove e participa do Marabaixo na cidade de Mazagão.
Festa de São Sebastião	

ANEXO : CONTATOS	--	--	--	--	F1-	A4

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
PREENCHIDO POR	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Júlia da Silva Faria Marcos da Costa Martins	**DATA** 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **CELEBRAÇÕES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F20	01
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Macapá
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Cortejo da Murta (Seafro)
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

Esquenta da Juventude Marabaixeira – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

As bandeiras dos santos à frente do Cortejo da Murta – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

Marabaixeiros acompanham o Cortejo com ramos de murta na mão – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

A Marabaixeira Djane Estrela no Cortejo da Murta – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Chegada do Cortejo da Murta à Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Bênção da Murta pelo pároco da Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Gengibirra como oferenda – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Casal de dançadores – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

Dona Josefa Lina da Silva acompanha as homenagens durante o Cortejo da Murta – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

A Coroa do Divino Espírito Santo entrando na Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Cortejo da Murta é um evento paralelo ao Ciclo do Marabaixo em Macapá, que acontece no Domingo do Divino Espírito Santo, data móvel e que coincide com o Domingo de Pentecostes da Igreja Católica. Não devemos confundir esse cortejo, que é uma ação afirmativa da Seafro com o cortejo tradicional da murta realizado por cada grupo em separado, que no ciclo do Marabaixo acontece depois do rito do corte da murta. O cortejo tradicional da murta tem como fim levar os ramos das plantas para a bênção na igreja, enquanto que este Cortejo, organizado pela Seafro, tem como objetivo dar visibilidade e mostrar a força e a difusão do Marabaixo, funcionando como um encontro dos grupos. Este domingo no calendário do Marabaixo é dedicado à murta da Santíssima Trindade, planta que é usada para enfeitar os mastros, revestindo-os, tida pelos marabaixeiros como elemento de purificação. O evento, em seu segundo ano de acontecimento, é realizado pela Secretaria Extraordinária de Políticas para Afrodescendentes (Seafro), Diocese de Macapá e grupos tradicionais de Marabaixo da capital. Com o objetivo de dar maior visibilidade ao Marabaixo e comemorando a reconciliação histórica da manifestação com a Igreja, que há gerações proibiu a presença dos marabaixeiros nos templos católicos, o Cortejo se desdobra em uma série de atividades que contextualizam o Marabaixo como uma das grandes expressões amapaenses, ao lado da culinária e da música popular local. A concentração para o evento ocorre às margens do Rio Amazonas, no centro de comidas típicas, ao lado da casa do artesão, e é um momento de confraternização e de recepção dos grupos que se deslocaram do interior até a capital Macapá. É uma oportunidade para a Juventude Marabaixeira assumir o comando da festa, e as apresentações se sucedem até que o cortejo se organize para sair. No decorrer do evento é possível degustar um almoço na praça de comidas típicas que funciona diariamente ao lado da Casa do Artesão; pode-se ouvir as composições recentes e tradicionais da música popular do estado; pode-se aprender e desfrutar de uma roda de Marabaixo promovida pelos jovens integrantes dos Marabaixos, pode-se, enfim, praticar a religião acompanhando a procissão e as bênçãos católicas que sobre ela são proferidas ao fim do Cortejo. Como evento completo, o Cortejo conta ainda com a participação dos grupos de Marabaixo da Capital e do interior, de lugares como Igarapé do Lago, Mazagão, e do Torrão do Matapi. Assim, é uma oportunidade única de ver os grupos de Marabaixo dançando juntos, uma vez que na maioria das vezes, a expressão impede que os grupos se visitem, cada um em sua festa no mesmo dia. O Cortejo ocupa uma tarde inteira e atrai curiosos e políticos. Esses últimos veem no Marabaixo uma importante base eleitoral e um importante lugar de aplicação das políticas públicas, a maioria delas voltadas para subsidiar os eventos. O ápice do Cortejo é a procissão guiada pelas bandeiras dos grupos, que nomeiam o grupo e estampam os santos dos quais os grupos de Marabaixo são devotos. Aqui uma importante mudança em relação à devoção tradicional acontece; enquanto nos ritos tradicionais a bandeira segue em frente a cada grupo, aqui as bandeiras são reunidas à frente do cortejo. Em seguida, as dançadeiras de Marabaixo vêm todas juntas, portando ramos de Murta, cujo ritmo e cadência vão sendo ditados pelos cantores e caixas num Trio elétrico. A ideia aqui parece ser a de fundir os grupos num só e mostrar o Marabaixo como expressão única. A seguir vêm os devotos, formando uma corrente humana de centenas de

fiéis. Chegando à praça da antiga Matriz de São José, no local de onde os negros foram desalojados há 73 anos, o cortejo foi recebido pela Velha-guarda do Marabaixo. As bandeiras se perfilaram formando um corredor, pelo qual os grupos de Marabaixo passaram com oferendas de gengibirra, a bebida típica servida nas festas de Marabaixo, flores como as que estampam as vestes das dançadeiras e a coroa do Espírito Santo, símbolo do ciclo do Marabaixo, herança dos ancestrais. Todos esses itens foram abençoados enquanto os fiéis foram aspergidos com água benta. Após breve celebração e entrada na Igreja, marcando essa reconciliação histórica e aceitação do Marabaixo como atividade religiosa por parte da Igreja, bem como a autoestima reforçada dos praticantes desta expressão, o cortejo se dispersou e os grupos retornaram para suas comunidades para celebrarem o Domingo do Espírito Santo e o dia da Murta da Santíssima Trindade, ao qual se sucederia na manhã seguinte o levanto do mastro da Santíssima Trindade.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O percurso do Cortejo da Murta passa pela região que historicamente corresponde à antiga Macapá, a frente da cidade como costumam dizer, de forma que o caminho percorrido aponta para esta significação histórica de reviver pela procissão a memória do local onde a população pobre e negra habitava e de onde foi retirada. É interessante notar que a cidade de Macapá sofreu diversas intervenções urbanísticas, e é repleta de novas construções que ocupam o bairro central onde antes os negros habitavam. Assim, a paisagem não tem ligação com a memória afetiva dos moradores e só se sabe da antiga ocupação através do estudo das fontes, o que isola grande parte da população da história de seu próprio lugar de moradia.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O marco natural inevitável do Cortejo é a orla do Rio Amazonas, “rio-mar” como se costuma chamá-lo, este gigante de água doce impressiona o mundo interior e é uma das paisagens naturais mais exóticas do Planeta. Em Macapá, já na sua foz é possível observar os efeitos da maré que faz com que à tarde formem-se grandes praias de lama escura onde se joga futebol, ou se anda de bicicleta, espaço mutante de diversão, no entanto maltratado pela falta de limpeza urbana, pelo esgoto e pelo acúmulo de lixo. Os marcos construídos também marcam o trajeto da procissão. Citamos a Fortaleza de São José de Macapá, que pela sua grandeza e pela solidez de sua construção permaneceu através dos séculos como o testemunho dessa vontade portuguesa e humana de dominar a natureza e estabelecer ali uma forma singular de civilização, bem como da presença negra escrava que deu seu sangue e suor na construção deste marco. Hoje, esse é praticamente o único vestígio da ocupação original, integrado à cidade por meio de um parque e que se conecta com um complexo de restaurantes e um trapiche que atraem a maior parte dos turistas que chegam à cidade. Em frente a esse complexo, encontramos a Casa do Artesão, com artefatos típicos dos artistas locais, muitos dos quais seguindo elementos regionais da arte indígena e outros produzidos por meio de técnicas genéricas que se assemelham a artefatos de todos os lugares do país. Lá podemos encontrar cópias com maior ou menor grau de fidelidade e acabamento da cerâmica que se apropria da estética de achados arqueológicos e que se compõem de urnas zoomorfas, antropomorfas e tubulares; há uns poucos testemunhos de cestaria e de tecidos com padronagens indígenas e apropriações da arte kusiwa e wajãpi (Importante ressaltar que a casa do artesão recebeu notificação do IPHAN por comercialização indevida de peças com grafismos e pinturas Kusiwa). Seguindo o cortejo pela orla encontra-se uma série de barraquinhas que servem comidas rápidas e cerveja e são tradicionais pontos de encontro da população. Assim, o percurso alcança a Praça do Coco para logo após se embrenhar pelas ruas do centro passando em frente ao Museu histórico do Amapá, que não abre nos fins de semana, passa pelo teatro das Bacabeiras, mais importante sala de espetáculos da cidade e chega à antiga Igreja de São José, marco da cidade.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

Não é feita nenhuma decoração que demarque o percurso como sendo preparado para o Cortejo. Apenas na frente da Igreja é montado um palco e mesmo este não contem elementos que o diferencie para o evento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

6. TEMPO.

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ■ DATA MÓVEL: a data do cortejo acompanha a variação do calendário cristão a partir da páscoa e coincide com o domingo de Pentecostes.
DURAÇÃO	DURA UMA TARDE, A PARTIR DE 12H ATÉ ÀS 17H
PERIODICIDADE	■ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____

OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002: O evento recentemente incorporado ao calendário do Ciclo do Marabaixo de Macapá ocorre apenas desde 2012. Sua importância maior se deve não ao valor histórico de continuidade e permanência, mas aos conteúdos político-religiosos que as entidades de defesa e valorização das tradições afro-brasileiras quiseram ressaltar como testemunho de uma ideologia contemporânea que busca mitigar e repor as relações conflituosas do Marabaixo com a Igreja e do reconhecimento da manifestação como motor da identidade negra do Estado.

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐	■	■

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Esse evento tem como origem a vontade, materializada na Seafro e nas políticas públicas, de criar um marco de afirmação do Marabaixo e divulgar essa que é a principal forma de expressão do Amapá, que no entanto, circunscrito, na capital, aos bairros do Laguinho e Favela (Santa Rita), bem como aos grupos de praticantes, permanece alheio para grande parte da população que lhe desconhece o motivo e as devoções implicadas, ainda mais, por conta da grande população migrante que chegou em tempos recentes. Foi criado em 2012 como forma de reunião de grupos não só da capital, mas de todo o Estado, para uma grande demonstração pública no centro da cidade.

O principal motivo do Cortejo segundo seus organizadores é a comemoração da reconciliação da Igreja com o Marabaixo. Existe um consenso na memória oral de que foi o Padre Julio Maria Lombaerde quem proibiu o Marabaixo de apresentar-se na igreja em Macapá. Sabendo que ele esteve em Macapá de 1912 a 1927, foram quase cem anos para que o Marabaixo fosse readmitido como expressão legítima do catolicismo popular (a). Fernando Canto apresenta um testemunho anterior à vinda do Padre, em que podemos acompanhar a desconfiança e o desprezo das elites locais para com o Marabaixo, isso em 1898 (b) através de um artigo de jornal. Então, o Cortejo tem essa conotação de reparação, de contrapartida para com a dívida histórica da Igreja e da sociedade para com o Marabaixo.

Podemos falar também do Marabaixo como recurso ideológico para a uma política pública de grande escopo, uma vez que no Cortejo segundo o discurso oficial (c) uma série de dimensões sociais podem ser contempladas em conjunto, seja do ponto de vista econômico, histórico, turístico, culinário, educacional, religioso, político. Com esse discurso, os órgãos públicos e a Seafro invocam a centralidade do Marabaixo na cultura amapaense, uma vez que esta forma de expressão põe em movimento as diversas esferas em que se traduz o fenômeno social. A esta centralidade que certas manifestações ocupam Marcel Mauss designou como fato social total (d) já que, neste caso, o Marabaixo evidencia as múltiplas ligações que estabelece com a realidade amapaense. O marabaixo está, por essas várias faces, firmemente imbricado no tecido social e assume lugar de destaque na definição do Amapá, uma vez que este bem cultural pode ser acionado nas mais diversas situações como recurso de permanência, de valoração da memória, de atualização da história, como modelo de organização e testemunho de uma mentalidade.

O cortejo atrai autoridades, evidencia o bem cultural, divulga e torna visível. É uma chance no coração da festa de expor uma visão do impacto da força política que essa comunidade, outrora vítima, veio a se tornar os herdeiros e principais atores da vida cultural amapaense.

Referências:

Biografia do Padre Júlio Maria de Lombaerde. Disponível em: <http://www.sacramentinos.org.br/sdn/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=15>. Acesso em: 28

jun. 2013. (a)

CANTO, Fernando. O Marabaixo de 1898. 14 de julho de 2009. Disponível em: <http://fernando-canto.blogspot.com.br/2009/07/o-marabaixo-de-1898.html>. Acesso em: 28 jun. 2013. (b)

Seafro, Igreja Católica e grupos de Marabaixo organizam o "Cortejo da Murta" no domingo. Amapá Digital. 14/05/2013. Disponível em: <http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/34006/>. Acesso em: 28 jun. 2013. (c)

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas in Sociologia e Antropologia. v. 2. São Paulo.Ed.USP. 1974. p. 41 "nestes fenômenos sociais "totais" como nos propomos chamá-los, exprimem-se ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições religiosas, jurídicas e morais – estas políticas e familiais ao mesmo tempo; econômicas – supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam estas instituições" (d)

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Maria Elísia do Carmo Silva, importante figura do Marabaixo, da Família dos Congós, nos mostra em sua entrevista como se foi tecendo uma narrativa que justifica esse evento e como o Marabaixo se liga à longa duração para além do fato de o Cortejo ser um acontecimento recente. Ela diz:

> A principal importância desse evento é que através do Cortejo da Murta, a gente deu uma visibilidade maior – que é nossa cultura o Marabaixo, então ela tem que ter essa visibilidade –, e também com a entrada, com a facilitação, com a junção da Igreja com o Marabaixo. É o retorno da coroa da Santíssima Trindade e do Divino Espírito Santo pra dentro da Igreja. O padre benzeu todas as murtas que ali estavam, as coroas foram levadas para o padre e foram postas em cima do altar do Senhor. Então isso foi uma significância enorme. Por exemplo, pra mim foi a maior felicidade, eu me senti muito feliz porque a minha mãe só falava que isso aconteceu na época dela e nós nunca tínhamos participado desse momento até então. A minha geração, a nossa geração conseguiu chegar, retornou a esse momento de criação, que foi onde tudo realmente começou em frente da igreja de São José, com o padre benzendo as murtas, as coroas sendo abençoadas, entrando na igreja e depois retornando para a casa do festeiro. (Maria Elísia do Carmo Silva).

Esse testemunho mostra que na verdade não é apenas uma invenção, mas a retomada de antigos ritos metamorfoseados diante da significação da época atual e dos discursos políticos que envolvem o reconhecimento, o pertencimento. Assim, a celebração se torna um meio de tradução dessa luta por espaço na sociedade, luta pelo ultrapassamento da condição servil, da condição marginal para uma possibilidade de protagonismo, o mais importante aqui é a resposta para os ancestrais que não viram o retorno daquilo que lhes foi tomado. Assim, a narrativa assume este aspecto de dívida paga. As portas abertas da Igreja são um convite ao acolhimento, à aceitação, uma reverência a essa forma de sagrado que não se alinha ao dogma cristão, mas dele compartilha, e que se ilustra pelo retorno da coroa. O reconhecimento da coroa, da posse dela, da relíquia sagrada é o sinal inconteste da posição que o Marabaixo hoje desfruta perante as instituições oficiais.

As principais fontes para o Cortejo são as oficiais, os discursos veiculados na mídia pública a propósito do evento e de sua importância ideológica. Durante o evento foi lançada e distribuída uma cartilha ilustrada com a descrição e o significado do Marabaixo, chamada "Tambores no Meio do Mundo". Como o evento é muito recente, não existe um conjunto significativo de referências. Nosso trabalho recolheu gravações sonoras das reuniões de organização, bem como os acervos fotográficos produzidos do outro evento.

Referência:

Maria Elísia Carmo Silva – Entrevistada em 21 de maio de 2013.

7.3. CRONOLOGIA: O evento como novidade que é, ainda não traça uma cronologia do seu acontecer, sendo esta sua segunda edição.

DATA	DESCRIÇÃO
Não se aplica	Não se aplica

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO	
ETAPA	**ATIVIDADE**
Almoço	Episódio de comensalidade em que os convidados e o público podem apreciar as comidas regionais servidas na Praça de Alimentação da Casa do Artesão
Violão e voz	Apresentação de artistas locais cantando músicas populares amapaenses
Lançamento literário	Lançamento da Cartilha "Tambores do Meio do Mundo", material didático produzido pela SEAFRO para a divulgação e informação sobre o Marabaixo e suas principais características.
Esquenta	Roda de Marabaixo com a Juventude Marabaixeira, com apresentação de desafios e dos ladrões clássicos.
Ritual	Inclui a procissão até a porta da Antiga Igreja de São José. No percurso que segue pela orla do Rio Amazonas, partindo da Casa do Artesão em direção à Praça do Coco e de lá à Igreja de São José, as dançadeiras de Marabaixo levam ramos de murta, guiadas pelas bandeiras de seus respectivos grupos alinhadas à frente da procissão. Na chegada à Igreja ocorre o encontro com a Velha Guarda, as bandeiras são perfiladas em um corredor pelo qual passam os grupos que se encontram com os padres. São levadas oferendas à celebração. Em seguida o Padre molha um ramo de murta com água benta e abençoa os componentes do Marabaixo.
Roda de Marabaixo	Finda a celebração católica, os grupos dançam em roda por algum tempo antes de se dispersarem e retornarem às suas comunidades, onde o ciclo do Marabaixo atinge seu clímax.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	**FUNÇÃO**
Autoridades políticas	Sua presença reafirma o caráter político da afirmação identitária do Marabaixo, confirmam o Marabaixo como alvo do interesse dos governantes e é uma ocasião de prestígio e uma maneira de fomentar o capital político.
Juventude Marabaixeira	A nova geração de dançadeiras, tocadores e cantadores, que vão se preparando para um dia receber a responsabilidade pela continuidade do Marabaixo, têm a oportunidade de mostrar a evolução do processo de aprendizagem e o talento e maestria na Abertura da celebração.
Grupos de Marabaixo	Centro gravitacional da celebração, convidados de honra, estão ali como evidência, como fruto mais vistoso da cultura amapaense. Apesar da propaganda oficial dizer que grupos do Amapá inteiro estão presentes, só pudemos reconhecer cerca de sete grupos através das bandeiras que iam à frente da procissão. Esses grupos eram das comunidades que geralmente são convidadas tradicionais dos marabaixos de Macapá e puderam ser reencontradas mais tarde à noite nas rodas tradicionais de Marabaixo do laguinho e da favela.
Velha-guarda do Marabaixo	São as figuras de mais idade, experiência e memória, que viram o desenvolvimento do Marabaixo por décadas e conviveram com as figuras fundantes dessa prática, trata-se de Senhoras octogenárias e mesmo centenárias que por força de condição física, aguardaram sentadas a chegada do cortejo em frente à Igreja de São José, padroeiro de Macapá, quando foram saudadas pelos marabaixeiros e marabaixeiras, bem como pelos políticos.
Corpo eclesiástico	O padre e o staff da igreja aguardavam o cortejo em um palco montado defronte da Igreja que permanecia de portas abertas. Ali ele recebeu as oferendas do Marabaixo, a gengibirra, o açaí, flores, produtos típicos do Amapá, mas também produtos que marcam a cultura negra local. Fez uma pequena celebração em que lembrou a aceitação pela Igreja desta forma de expressão, tão penosamente conquistada. Após a celebração aspergiu os membros dos Marabaixo presentes com água benta que ensopava um ramo de murta, planta símbolo do Marabaixo que reveste seus mastros de louvação à Santíssima Trindade e ao Espírito Santo, ambos dogmas da Igreja Católica que não aceitava o Marabaixo até há bem pouco tempo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Evento promovido pela Seafro em parceria com as Secretarias de Estado da Cultura (Secult); do Turismo (Setur) e da Indústria, Comércio e Mineração (Seicom); além da Rádio Difusora de Macapá (RDM) e Núcleo de Educação Étnico-Racial (Neer) da Secretaria de Educação. O Cortejo utiliza de espaços consolidados como polos de atração de turismo, locais de intensa circulação e centro de entretenimento que formam o conjunto urbano da Orla de Macapá dos quais se destacam a Casa do Artesão, a Praça de comidas típicas, as barracas e o trapiche. Além destes espaços de concentração, ainda citamos a Antiga Igreja de São José como ponto de chegada e celebração religiosa do Evento. O capital é usado para apoiar a presença de grupos do interior do estado, sua recepção com alimentação e fornecimento de água durante o cortejo, bem como para o fornecimento de equipamentos de som e de infraestrutura para a celebração na porta da Igreja de São José.
QUEM PROVÊ	A verba para o Evento é providenciada pelo Estado, representado pela Secretaria Extraordinária de Políticas Afrodescendentes (Seafro). É essa entidade que define tanto a programação e o cronograma do evento, como também é responsável pela sua articulação política e sua justificativa ideológica. Para a organização, a Seafro delega atividades aos parceiros citados acima, que se incumbem da sonorização, da transmissão, da assessoria de imprensa para divulgação, assim como o contato com os grupos do interior e o apoio para que estejam no evento na hora certa.
FUNÇÃO	Toda essa estrutura tem por objetivo evidenciar o Marabaixo que geralmente acontecendo nos bairros e fragmentado, pouca chance tem de mostrar-se como uma grande comunidade que ultrapassa as divisas dos municípios e congrega uma parcela importante da população em torno de um bem cultural que apesar de sua profunda penetração na sociedade é pouco conhecido e divulgado.

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.
DISPONIBILIDADE	Não se aplica.

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	O fato do evento se iniciar na Praça de Alimentação da Casa do Artesão na hora do almoço indica a intenção dos organizadores, que além de proverem um lugar público de visitação turística para a exibição do Marabaixo, possam valorizar e apresentar os pratos regionais que são ali servidos como as caldeiradas de peixe, a maniçoba, o pato no tucupi, o vatapá (que aqui usa camarões secos). Esses pratos não são exclusivos do Amapá, mas fazem parte do complexo culinário do norte do Brasil. Ao mesmo tempo não são comidas típicas do Marabaixo, de forma que sua presença ali é apenas formal e divulgadora do Amapá mais do que do Marabaixo. De forma que nos abstemos de uma descrição detalhada de cada um destes pratos.
QUEM PROVÊ	Estes pratos são servidos por vendedores autorizados instalados em barracas de alvenaria construídas para esse fim e que são dispostas lado a lado num grande vão sob uma cobertura com as laterais abertas, o que permite a circulação de ar nesta região tão quente do país. Esses vendedores licenciados pela prefeitura estão ali o ano inteiro e servem suas refeições principalmente à tarde e no inicio da noite por preços módicos (em torno de 10 a 12 reais por prato) de modo que a frequência maior é de populares, sendo este lugar uma das alternativas de entretenimento da cidade de Macapá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A função da comida no cortejo é meramente ilustrativa e com fins turísticos não se configurando como atividade intimamente relacionada ao Marabaixo que se vale de outras receitas e de outro modo de servi-las.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
BANDEIRAS.	
DESCRIÇÃO	No Marabaixo, as bandeiras, itens consagrados de separação de pertencimento, referem-se às devoções de cada grupo; em Macapá, no Laguinho, existe a Peculiaridade de haver duas bandeiras, uma vez que o Marabaixo se dedica à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo. Cada grupo terá dois tipos de bandeira, uma em tecido com a imagem do santo de devoção usada para os momentos em que o grupo está em procissão e outra bandeira rígida, um tecido esticado numa armação de madeira, que é acoplada ao mastro e erguida no dia do santo ao qual ela ilustra e que permanece exposta ao tempo. No caso do cortejo só as bandeiras em tecido seguem a procissão à frente do cortejo, guiando-o, mostrando quais grupos estão presentes e quais santos estão sendo reverenciados.
QUEM PROVÊ	As bandeiras são objetos ancestrais transmitidos por herança, cuja memória de sua produção perde-se no tempo, acentuando seu caráter sagrado e reverencial pelo fato de que sempre estiveram aí.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A bandeira marca o grupo, diz em nome de quem ele vem, é uma proteção mágica e por isso vai à frente das procissões.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
	INDUMENTÁRIA FEMININA
DESCRIÇÃO	As vestes femininas do Marabaixo seguem o seguinte padrão: saia rodada com comprimento até os pés, com ou sem apliques de renda nas barras; anáguas; blusas de gola canoa com amplos babados no busto com ou sem barrados de renda; toalhas dobradas ao ombro; usam sapato baixo sem salto ou sapatilha, e como acessórios muitos colares e pulseiras, não existe padrão de cor definido, a única exigência é que os tecidos sejam com estampados grandes e coloridos.
QUEM PROVÊ	Cada conjunto é providenciado pelas próprias marabaixeiras, muitas das quais costuram suas próprias roupas, as que possuem talento ou profissão costumam fazer as peças para as companheiras de grupo. Em vista da padronização cada vez maior dos grupos, sobretudo, tem se tornado costumeiro contratar uma ou mais costureiras profissionais para fazer todas as peças do grupo, uma vez que a ajuda governamental também se estende aos tecidos e à confecção.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As saias evidenciam os movimentos sutis dos pés e da cintura, produzindo grande efeito estético durante os giros; as mulheres dançam segurando uma das pontas da saia e as agitando conforme o ritmo da música e a euforia do momento, de modo que as saias tem um papel fundamental na composição cênica da dança. As anáguas evitam a exposição exagerada do corpo, um sinal de recato e de manutenção de costumes abandonados no vestuário do dia-a-dia. As toalhas são itens de utilidade, pois servem para controlar a intensa sudorese que acompanha as danças em vista do clima equatorial e do êxtase, bem como do efeito da gengibirra. Os colares e as pulseiras, por sua vez, são o meio de lembrança dos grilhões aos quais os escravos eram submetidos, uma transformação cultural dos conteúdos de dominação em conteúdos de liberação, de vaidade, de beleza.
	INDUMENTÁRIA MASCULINA
DESCRIÇÃO	A vestimenta masculina compõe-se de camisa e calça brancas, às vezes com lenço e chapéu. Muitas vezes os homens usam camisa estilizada do grupo.
QUEM PROVÊ	As camisas são providas pelos grupos por meio de verba pública ou patrocínio particular. Os próprios praticantes providenciam suas calças e acessórios.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	A simplicidade das vestes masculinas indica a condição coadjuvante deste gênero nas danças, em oposição ao papel mais importante dos homens no toque das caixas, no canto e na composição dos ladrões. De forma que na dança eles não ofuscam as mulheres durante a demonstração que elas fazem de seu bailado.

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	O marabaixo se expressa, sobretudo, na dança das mulheres, a dança dos homens é menos chamativa e responde ao papel de acompanhante e protetores, como se fossem mestres-salas, isso não significa, contudo, que eles não se empolguem e não participem tanto quanto as mulheres. A dança das mulheres possui alguns elementos fundamentais: as mulheres dançam com os pés no chão, arrastando-os, usam movimentos de cintura, para dar o tom de bailado, seguram suas longas saias pelas pontas, enquanto fazem mesuras e giros de grande efeito estético. O grupo todo gira pelo salão em sentido anti-horário acompanhando as caixas e os cantadores que também giram, mas de forma mais centralizada. Assim, forma-se uma grande roda em que todos os convidados podem dançar. A roda, como um todo, gira conforme o ritmo imposto pelas caixas e pelos cantores, alternando momentos de êxtase em que a velocidade aumenta, tanto nos giros das mulheres quanto na evolução do grupo e momentos de recomposição das forças, para dosar o cansaço, em que se dança num ritmo mais lento.
QUEM EXECUTA	São os próprios praticantes de todas as idades e gêneros. Qualquer um, íntimo do Marabaixo ou não, pode dançar desde que se sinta compelido a fazê-lo. É parte dos gestos de hospitalidade local, convidar os visitantes para tomarem lugar na roda. Os convites para dançar são um dos aspectos da abertura do grupo ao estrangeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança tem um conteúdo ancestral que determina o seus passos e em nome de que se dança. Trazido da África, segundo o mito de origem, e associado ao canto de lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros, o Marabaixo era entoado e cantado nas senzalas como forma de exorcizar o banzo de modo que dançar com os pés arrastando, sem se levantarem do chão, refere-se aos pés acorrentados e que mesmo em face dessa situação degradante, havia motivo de celebrar a vida, cujas histórias iam se convertendo em música para seu melhor lembrar, e a história dos negros foi sendo desde então dançada.

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	As músicas do Marabaixo, conhecidas como 'ladrões', são composições em versos, que se compõem de quadras seguidas por refrões. Referindo-se a acontecimentos históricos, efemérides, situações míticas e fatos da vida cotidiana, as músicas caem no gosto popular e são repetidas muito além de seu grupo de origem e se tornam patrimônio de todos os Marabaixos. Assim, foi se constituindo um acervo com músicas cantadas por todos os grupos, das quais citamos estas dentro de um universo muito extenso e criativo, donde outras canções vão se acrescentando o tempo todo, "Aonde tu vai, rapaz?" que se refere ao episódio de remoção dos negros para a periferia de Macapá durante o Governo Janary Nunes, "irmã catita" sobre o pouso do primeiro avião em Macapá "o meu balão de ouro!" sobre um encontro mítico de Santos Dumont, conforme explicação dos marabaixeiros, com a cabocla do norte e a invenção de um balão no qual ele iria voar e não podia levá-la embora (lembramos aqui na importante invenção popular, uma vez que o inventor do balão foi Julio Cezar Ribeiro de Souza). Sendo canções imediatamente apropriadas pelo público, que decide na hora pelo sucesso e pela incorporação da música nos Marabaixos seguintes, elas muitas vezes transcendem as categorias de direito autoral, uma vez que cada grupo incorpora as canções dentro de sua peculiaridade, adicionando ou retirando versos, adaptando-os. Existe o improviso ligado à situação em que se canta e para quem se canta assim como o desafio, um antigo mecanismo de resolução de conflitos entre amigos, vizinhos e companheiros, cujo sentido se deslocou para uma forma de 'repente' mais estilizado e que evita a inimizade.
QUEM PROVÊ	A execução é feita pelos grupos através dos cantadores, dos respondedores e dos tocadores de caixa. Cada um cantando sua versão e acrescentando versos que dizem respeito às peculiaridades do grupo ou da situação em que se canta.
FUNÇÃO /	As músicas são um dos fundamentos por que suas letras dizem de fatos palpáveis para o grupo e

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

SIGNIFICADO	fazem da prática como um todo um suporte para a memória comunitária, um mecanismo de transmissão oral e uma forma de ficção para as vidas dos praticantes, que sem esses recursos teriam sua vida afetiva e intelectual empobrecida num ambiente que oferece poucas fontes de lazer, de instrução, de preservação dos legados ancestrais.

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS CAIXAS	
DESCRIÇÃO	Único instrumento de acompanhamento do Marabaixo, a caixa é feita de madeira ou metal, aos moldes de um tambor bimembranofone, isto é, composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas através de aros metálicos, uma fio de metal ou náilon com miçangas, em contato com a pele inferior, que ao vibrar quando é percutido produz um som repicado. Outrora, era costume que as caixas fossem feitas de troncos de madeira escavados com ferramentas rústicas, o que fazia com que ficassem muito pesadas, de forma que hoje são usadas chapas de madeiras que vão sendo curvadas com prendedores, de modo que as paredes sejam bem mais finas, tornando o produto mais leve. A introdução de produtos de origem industrial também alterou as caixas, por exemplo, hoje existem caixas feitas de zinco e de PVC, que além de leves são mais baratas e por isso mais acessíveis. A iniciativa da oficina de instrumentos de Associação Cultural Raízes do Bolão também faz uso de madeira reciclada proveniente de caixas de frutas para confeccionar caixas e tambores. Quanto aos couros que recobrem as caixas, ainda existem muitas caixas com couro de sucuriju, *Eunectes Murinus,* cada vez mais raros e difíceis de achar, pelo desaparecimento da espécie assim como pelas pesadas leis de proteção da fauna. Conseguir esses couros implicaria numa aventura em equipe, uma vez que esses animais de grande porte podem ser letais. A esse couro tido como mais nobre, foram se sucedendo os couros de boi, mas principalmente os couros de bode. É comum o uso de couros sintéticos, bem mais baratos, no entanto, de baixa durabilidade. Uma alternativa dos tocadores é comprar tambores de baixo custo e substituírem as membranas industriais por membranas naturais. A caixa tem altura indeterminada, isto é, não pode ser perfeitamente afinada, de forma que determinam a função rítmica do Marabaixo que é desprovido de melodia e harmonia. Sua afinação depende da manutenção da membrana esticada, efeito conseguido muitas vezes pelo recurso do aquecimento da membrana antes de sua utilização. Esse aquecimento, não necessário para os materiais mais recentes, era feito aproximando o instrumento de uma fogueira, o calor permitia a distensão do material que podia ser mais esticado, provendo um som mais claro.
QUEM PROVÊ	Os instrumentos de percussão são creditados como os mais antigos em uso pela humanidade após o uso da voz e do corpo na produção de música. A caixa na forma moderna como é usada no Marabaixo é de origem europeia, e no século XV ela despontou como marcador da marcha militar. Nesse caso, podemos especular sobre a importância da convivência dos primeiros escravos de Macapá com a rotina militar da Fortaleza de São José e a medida da influência que a marcação de seus ritmos diários de trabalho pela caixa como instrumento de ordem serviu para a incorporação da caixa em atividades que fugiam da ordem dominante. Ao mesmo tempo é amplamente sabido que as formas percussivas acharam na África seu solo mais fértil. Em Macapá encontramos dois executantes, Pedro Bolão e Marcelo da Favela, que guardam essa arte de confeccionar caixas, atendendo a demanda local e regional, ou mesmo vendo suas caixas cruzarem o país e chegarem a São Paulo e Rio ou mesmo além, a Europa. Assim, existe um mercado consumidor que paga em média R$ 150,00 por caixa, não apenas no Marabaixo, mas também nos batuques. Esses mestres do saber fazer caixas transmitem de forma organizada em oficinas ou dentro dos grupos aos iniciantes, os rudimentos e os processos de confecção dos instrumentos bem como da aprendizagem do toque e de suas nuances, cumprindo assim, um aspecto fundamental que é a transmissão de conhecimentos tradicionais às novas gerações e atraindo mais membros, garantindo que os grupos se perpetuem.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A simplicidade do acompanhamento musical, baseado na marcação de um ritmo, expõe a percussão como o esqueleto da música, mostrando o Marabaixo como uma estrutura musical de apelo direto à sociação, recuperando uma dimensão lúdica para a expressão dos ladrões e da dança, uma comunicação direta do ritmo da caixa como o coração dos praticantes, provocando mudanças súbitas, ou gradativas de humor através do toque, levando a comunidade a responder de tal ou tal forma, tal ou tal música lançada à roda. Acrescentamos a roda que gira de dançarinos e o estado de êxtase que este ritmo induz e teremos uma expressão completa dos sentimentos grupais e da passagem do estado ordinário de sociedade para o extraordinário, a música como veículo de rompimento com uma realidade brutal e o renascimento divino numa ordem em que na dança os homens e as mulheres governam a si e a seus corpos.

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

Lembramos que esta celebração não faz parte do Ciclo do Marabaixo, apesar de ter sido incluída dentro da programação, criando certo desconforto para os grupos de Macapá, que além de cumprirem com suas obrigações devocionais precisam marcar presença nesse evento, que apesar de tratar de uma reconciliação com a igreja, tem um caráter mais pragmático, uma vez que versa sobre ações afirmativas, que visam mais a uma capitalização política do evento e da forma de expressão, uma vez que os conteúdos mais valorizados aqui são os dos direitos dos afrodescendentes, sua visibilidade pública e sua importância como expressão cultural de uma parcela menos favorecida da população amapaense. Assim, como evento singular ele encerra-se em si mesmo como celebração, tendo conteúdos muito valorizados pela luta de afirmação do Marabaixo no contexto social, mas um tanto quanto descolado da significação transcendente do Domingo do Espírito Santo que é comemorado simultaneamente nos grupos.

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Grupos de Marabaixo em Macapá	Domingo do Divino Espírito Santo.

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO
Enquanto nos marabaixos o público é altamente incluído no processo de expressão, participando das etapas, não apenas como expectadores, mas também como agentes da dança e dos cantos, bem como dos serviços prestados durante a celebração como a oferta de comida e bebida, tanto como comensais quanto como voluntários, no cortejo da murta a cena é diferente. Acontecendo na orla do Rio Amazonas, em um ponto turístico tradicional da cidade, defronte para a Fortaleza de São José, e ao lado de restaurantes, o cortejo consegue alcançar um número bem maior de expectadores não envolvidos com a festa ou mesmo que dela nunca ouviram falar. Assim, o Cortejo como divulgador do Marabaixo cumpre seu papel de maneira efetiva, levando o Marabaixo para ser visto, para ser explicado e demonstrado para além dos moradores da cidade, para os visitantes de outros lugares.

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Igreja de São José (Edificação)	F1 – A3 – Código 19 – F30 – Nº 03
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04

Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa com o Percurso do Cortejo da Murta (fonte da imagem: Google Maps).

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Cartilha Tambores no Meio do Mundo. O rufar da cidadania. Macapá: Seafro, 2002.

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:

João Ataíde Santana – Entrevistado em 16 de maio de 2013.

Maria Elísia Carmo Silva – Entrevistada em 21 de maio de 2013.

Mônica do Socorro Ramos – Entrevistada em 20 de maio de 2013.

Reunião Seafro 'Cortejo da Murta' – Reunião realizada em 15 de maio de 2013.

Registros Audiovisuais:

Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.

Maria Elísia Carmo Silva – Entrevistada em 21 de maio de 2013.

Mônica do Socorro Ramos – Entrevistada em 20 de maio de 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Registros Fotográficos: Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 2012. **Registros Fotográficos – Fotógrafos:** Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Não se aplica.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Todos os bens citados nesta ficha já estão sendo pesquisados e descritos no INRC do Marabaixo.

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há.

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Marcos da Costa Martins	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **CELEBRAÇÕES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F20	02
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Mazagão Velho
MUNICÍPIO / UF	Mazagão/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Festa do Divino Espírito Santo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há.
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

Marabaixo de Rua em Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Momento de louvação na casa de um morador de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

Uma das casas de Mazagão Velho visitada pelos marabaixeiros – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Rua de Mazagão Velho percorrida pelo Marabaixo – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Jozué da Conceição Videira durante o Marabaixo de Rua de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

As Empregadas do Divino da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Coroação da Imperatriz do Divino Espírito Santo durante a festa de Mazagão Velho - Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Derrubada do Mastro, momentos finais da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 24/08/2013. Foto: Pedro Gontijo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Festa religiosa em louvor ao Divino Espírito Santo que acontece no distrito de Mazagão Velho, pertencente ao município de Mazagão. A programação conta com missas, alvoradas, queima de fogos, ladainhas, novena, donativos, leilão, chegada do santo em procissão fluvial, coroação da imperatriz, levantamento e derrubada de mastro, quebra da murta, cortejos, batuque e Marabaixo.

Os festejos acontecem entre os dias 16 e 24 de agosto. A rica programação promove a coroação da Imperatriz, um dos momentos mais importantes da festa que envolve um grupo de meninas ricamente vestidas e adornadas para a ocasião. Os preparativos para esse momento começam ainda no ano anterior quando são sorteadas as Empregadas do Divino, como as crianças são chamadas, dividindo-se em: Imperatriz, Trinchante, Alferes Bandeira, Pega na Capa, Paga Fogaça e Vara Dourada. Essas crianças também são denominadas as festeiras da festa daquele ano, mas na prática as maiores responsabilidades são direcionadas a seus pais. A programação da festa também envolve momentos de confraternização e distribuição de alimentos. O café ofertado constitui-se de chocolate produzido pelos próprios moradores, que plantam e colhem o cacau, secam, moem e fazem uma bebida misturada com gema de ovo. A mesa também é composta de bolo de macaxeira e beijucica, produtos à base de mandioca, típicos da região norte do Brasil. Em outros momentos, como durante as visitas nas casas dos moradores da comunidade, é distribuída a gengibirra, bebida típica das festas do Amapá, à base de gengibre, cachaça e açúcar, mas que em Mazagão Velho também se acrescenta casca de abacaxi. Entre as atividades lúdicas da festa, que incluem a animação com som mecânico e batuque, está o Marabaixo, dançado por mulheres, homens e crianças, ao som do toque das caixas e do canto dos ladrões. O Marabaixo ocorre de duas maneiras: é dançado no salão do Centro Comunitário Mocito Aires, e também pelas ruas da cidade.

Na Igreja em devoção a Nossa Senhora da Assunção acontecem missas e uma novena. Além disso, nessa igreja ficam guardados, durante os dias de festa, o cetro e a coroa, objetos simbólicos usados pela imperatriz durante os principais rituais que acontecem em Mazagão Velho durante os dias de festa em devoção ao Divino Espírito Santo.

A organização e preparação da festa ficam a cargo de membros da própria comunidade, principalmente mulheres, que se reúnem com a antecedência necessária, geralmente três meses antes, para começar o planejamento da festa. Essa comissão organizadora conta apenas com os donativos e recursos da própria comunidade, e, para essa festa, recusam as verbas do governo.

Referências:

Joaquina Jacarandá - Entrevistada em 26 de março de 2013.

Josefa Pereira Lau - Entrevistada em 26 de março de 2013.

Jozué da Conceição Videira – Entrevistado em 25 de agosto de 2013.

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A celebração acontece no distrito de Mazagão Velho, pertencente ao município de Mazagão, que está localizado no sul do estado do Amapá, às beiras do rio Mutuacá. O núcleo urbano, local de ocorrência da festa, possui cerca de oito quadras, e sua população, aproximadamente 750 pessoas, ocupa casas de madeira e de alvenaria. Entre as construções que se destacam nesse núcleo urbano estão: a Igreja de Nossa Senhora de Assunção; a Escola Estadual Antônia da Silva Santos, a subprefeitura, o posto de saúde, o Centro Comunitário Mocito Aires, e a capela em devoção a São Tiago. O espaço urbano também é composto pelo trapiche, local aberto, com passarela de madeira, bancos e mesas na beira do rio Mutuacá, um agradável local de lazer e convivência. Além disso, Mazagão Velho preserva as ruínas da primeira igreja construída no local, provavelmente no final do século XVIII. Há também dois cemitérios, um desativado próximo às ruinas da igreja e outro no final da Rua Senador Flexa, principal rua da cidade, onde está localizada a igreja. A importância de se destacar os locais citados acima está no fato de que existe uma relação de proximidade e interação entre todo o núcleo urbano, composto pelo espaço público, e também pelas casas dos moradores, e a Festa do Divino Espírito Santo. Como exemplo podemos citar a procissão fluvial pelo rio Mutuacá, em que as pessoas embarcam e desembarcam das canoas pelo trapiche. Em outros momentos, a procissão percorre as ruas da cidade, e como o núcleo urbano é pequeno, ela passa por, praticamente, todas as ruas, entrando nas casas daqueles moradores que convidam para que seja realizada uma reza e também para cantarem os ladrões e dançarem o Marabaixo. Ademais, Mazagão Velho é cercado por uma floresta, de onde se tira os galhos de murta para fazer a varrição das ruas e também para enfeitar o mastro antes de levantá-lo próximo ao Centro Comunitário Mocito Aires.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

São dois os principais pontos de ocorrência da Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho: a Igreja de Nossa Senhora de Assunção, e o Centro Comunitário Mocito Aires. Na Igreja Nossa Senhora de Assunção, erguida na década de 1930, acontecem as missas e as novenas. Ali é o território do sagrado, onde é depositada a imagem do Divino Espírito Santo.

O Centro Comunitário Mocito Aires, inaugurado no ano 2000, recebeu esse nome em homenagem a uma das pessoas que mais trabalharam pela permanência da festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho. Esse local serve a varias outras festas que acontecem no distrito, como a Festa de São Tiago, Festa de Nossa Senhora da Piedade, a Festa de São Gonçalo, entre outras. O local é decorado e preparado de acordo com as necessidades de cada festa.

Além desses locais, as ruas da cidade e as casas de muitos moradores são palcos de diversos acontecimentos durante os dias 16 a 24 de agosto. Os participantes da festa realizam cortejos que percorrem as ruas da cidade e param nas casas solicitadas para rezarem, e tocarem e dançarem o Marabaixo. Devemos incluir nessa lista, o rio Mutuacá, por onde, no dia 17 de agosto, chega a imagem do Divino Espírito Santo. Assim, percebemos a integração do lugar e da festa, uma interação entre a paisagem urbana, a natureza e a manifestação cultural.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

Entre os elementos acrescentados ao espaço para a preparação da festa está a decoração, os altares particulares, o mastro, e a Imagem do Divino Espírito Santo. Essa imagem, durante os dias de festa, sai da casa de um dos moradores e vai para a igreja de Nossa Senhora de Assunção, e é o símbolo máximo da Festa do Divino Espírito Santo. Constitui-se de uma coroa de prata, com um pequeno globo na extremidade superior e sobre ele a pomba, representação do Divino Espírito Santo. Outro símbolo de grande importância na festa é o mastro, erguido próximo à igreja ele representa a união entre a terra e o céu. No alto do mastro é colocada uma bandeira com a imagem do Divino Espírito Santo, que atrai os olhares dos devotos que a ela recorrem nos momentos de agradecimento e louvor. Além disso, os moradores locais, que recebem a festa em suas casas, preparam, com todo esmero, um altar, geralmente adornado com imagens de diferentes santos, com fitas de promesseiros e com a Bíblia. Nas paredes das salas de suas casas estão estampados os cartazes de festas passadas feitas em devoção aos santos cultuados em Mazagão Velho, e também quadros com imagens de santos.

6. TEMPO

DATA	■ DATA FIXA: DIA: 16 A 24 MÊS: AGOSTO ☐ DATA MÓVEL:
DURAÇÃO	DE 16 A 24 DE AGOSTO
PERIODICIDADE	■ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002	

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A devoção ao Divino Espírito Santo é uma das práticas do catolicismo popular. Estudos divergem sobra sua origem, e

apontam como possíveis locais Portugal no século XIV, e até mesmo França e Alemanha no século XII. O certo é que a festa se espalhou para diversos países europeus, e também para as Ilhas da Madeira e Açores. Falando sobre as festas açorianas do divino, José Reginaldo Gonçalves diz que:

> Essas festas teriam tido início no século XIV, pela iniciativa da Rainha Santa Izabel, em pagamento a uma promessa que fizera ao espírito santo, para que cessassem as guerras entre seu marido, Dom Diniz, e seu filho. Prometera que ofereceria sempre uma festa e distribuiria comidas e bebidas fartamente aos pobres. Em algumas versões, ela mesma coroava os pobres com sua própria coroa. Desde então se realizam as festas do divino. (GONÇALVES, Rio de Janeiro, 2007).

Do final do século XV até a segunda metade do século XVIII, Portugal manteve no norte da África uma possessão em terras marroquinas, chamada de Mazagão. Os moradores viviam em uma grande fortaleza, onde construíram casas e desenvolveram o comércio. Eles também mantinham nesse local uma igreja, cujo orago era Nossa Senhora da Assunção, e realizavam suas festas, procissões e devoções aos santos católicos. Contudo, com a ameaça muçulmana cada vez mais próxima, o reino de Portugal decidiu pelo abandono do local e pela transferência das famílias mazaganistas, cerca de 2.000 pessoas, para Lisboa. Grande parte desse montante foi enviada para as terras do cabo do norte, como eram conhecidas as terras que ficavam acima do Rio Amazonas, mais precisamente para uma localidade no atual estado do Amapá, na beira do rio Mutuacá, e a 66 km de Macapá. A intenção da administração pombalina era povoar aquela região, fortalecendo a presença portuguesa e evitando a invasão de outros povos. Aos poucos as famílias começaram a ser transferidas, instalando-se definitivamente em Nova Vila de Mazagão a partir de 1771. Com a presença dessas famílias teve início uma série de cultos aos santos católicos, pois vindo para o Brasil, eles trouxeram suas imagens de devoção, assim como suas crenças, expressando a fé em louvações e festas, pagando promessas e pedindo graças.

A história da Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho não está contada em livros ou artigos acadêmicos, contamos apenas com a memória e os relatos de seus participantes. Muitas pessoas são de famílias tradicionais do local e recontam as histórias que ouviram de seus pais e avós, revelando fatos que foram passados por seus antepassados e que com saudosismo os guardam na memória. Não há informações documentais sobre a data da primeira festa em Mazagão Velho. Contudo, as informações repassadas confirmam a existência da festa durante todo o século XX, já outros dizem que existe desde o tempo da formação da cidade, segunda metade do século XVIII. O fato é que muitas pessoas batalharam para dar continuidade a essa festa, como Mocito Aires, Ana Aires, Olga Jacarandá, Joaquina Barriga, e Odacina. Atualmente, muitas pessoas colaboram com a manutenção e divulgação da festa, entre elas estão Joaquina Jacarandá, Carmosina, Maria Barriga, Josefa Lau e Jozué. Cada um dando sua contribuição, organizando, preparando a festa, cantando, dançando e tocando caixas.

Sabemos que a maioria das festas em devoção ao Divino Espírito Santo acontece durante o mês de maio, geralmente quando se celebra o dia de pentecostes, data em que se comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. Em Mazagão Velho, a festa também era realizada em maio, contudo, em meados do século XX, houve um conflito entre seus realizadores e a paróquia, que proibiu a entrada dos festeiros na igreja, lacrando-a com pregos. Por conta disso, naquele ano a festa foi realizada em agosto, e assim continua até os dias de hoje.

Referências:

ARAÚJO, Renata Malcher de. Mazagão, a memória das conquistas. In: As cidades da Amazônia no século XVIII. Porto: FAUP, 1998. P. 265-290.

ASSUNÇÃO, Paulo. Mazagão: cidade em dois continentes. Disponível em: < http://www.usjt.br/arq.urb/numero_02/artigo_paulo.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2013.

Carlos Augusto Gomes – Entrevistado em 16 de maio de 2013.

Festa do Divino Espírito Santo. In: Revista Alé. Macapá: Banda Placa.

GONÇALVES, José Reginaldo. Patrimônio, memória e etnicidade: reinvenções da cultura açoriana. In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro: Minc/Iphan, 2007. p. 195-209.

Joaquina Jacarandá - Entrevistada em 26 de março de 2013.

Josefa Pereira Lau - Entrevistada em 26 de março de 2013.

Jozué da Conceição Videira – Entrevistado em 25 de agosto de 2013.

Rozicema Viana Barreiro – Entrevistada em 09 de maio de 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A escolha das Empregadas do Divino é um dos momentos mais importantes da festa. De acordo com Joaquina Jacarandá e Josefa Pereira Lau, as meninas aguardam ansiosamente pelo momento do sorteio e quando não são contempladas com algum dos cargos muitas saem chorando de tristeza. O dia 24 de agosto, último e principal dia da festa, é quando acontece esse evento no Centro Comunitário Mocito Aires. No momento do sorteio a criança é direcionada para sua função. São elas: uma Imperatriz, que também representa Nossa Senhora e que receberá a coroa do Divino Espírito Santo; uma Trinchante, responsável por segurar a coroa; uma Pega na Capa, responsável por segurar a capa da roupa da Imperatriz; uma Alferes Bandeira, responsável por segurar a bandeira e guiar a Imperatriz; quatro Varas Douradas, responsáveis por segurar as varas que formarão um quadrado, onde a imperatriz será coroada; quatro Paga Fogaças, meninas que levam, em bandejas, o alimento da Imperatriz.

Dessa maneira, forma-se a corte da Imperatriz, que são as damas de honra do Divino Espírito Santo. É uma tradição de longa data, que ainda se mantém. Para as meninas, ser contemplada no sorteio é como uma graça recebida do Divino Espírito Santo. A partir daquele momento, as famílias se sentem honradas, tendo uma de suas filhas como empregada do Divino. Para isso, trabalham preparando a menina para o grande evento, comprando tecidos para a confecção da roupa, organizando suas casas e seus altares para receberem os visitantes, e ajudando na realização da festa.

A Festa do Divino também ultrapassa os limites de Mazagão Velho por meio dos versos dos ladrões de Marabaixo. No ano 2011, durante o I Festival de Ladrões de Marabaixo, um grupo de Marabaixo de Mazagão Velho concorreu no referido evento apresentando-se com o ladrão intitulado Festa do Divino. Manoel Pereira, autor do ladrão e representante do grupo, explica que:

> A minha música fala da Festa do Divino em Mazagão Velho, que acontece no mês de agosto e tem seu ápice no dia 24 de agosto com o Marabaixo de Rua, que é cantado o Marabaixo pelas ruas de Mazagão Velho, e as casas que estão de portas abertas a gente entra, canta o Marabaixo dentro das casas, as pessoas fazem um caldo reforçado para que os foliões aguentem, tomando gengibirra e cantando o dia inteiro. (I Festival de Ladrão de Marabaixo).

Festa do Divino
(Composição de Manoel Pereira)

Quem quiser se divertir
E brincar feito menino
Vá até Mazagão Velho
Ver a Festa do Divino

Essa cultura abençoada
Tradição desse lugar
Tem teatro a céu aberto
Para o povo admirar

O Nosso Mazagão Velho
É belo e aconchegante
É gente hospitaleira
Com todos os visitantes

Todo mundo se diverte
Com muita animação
No Marabaixo de rua
Da vila de Mazagão

É a tradição de um povo
Há muito tempo encenada
Logo ao raiar do dia

Vamos cantar alvorada

Não se preocupe com nada
Pois a bebida é de graça
E se alguém se cansar
Dorme no banco da praça

Começamos a cantar
Com prazer e alegria.
Aqui e acolá tem caldo
Pra repor as energias

24 de agosto
A festança é garantida
Marabaixo o dia inteiro
E gengibirra é a bebida

Se você é iniciante
Por favor, não dê bobeira
Beba com moderação
Se não adeus brincadeira

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1771	Início da chegada das primeiras famílias mazaganistas.
Final do século XVIII	Possível período para início das festividades em devoção ao Divino Espírito Santo.
Meados do século XX.	Mudança da data de ocorrência da festa. Antes realizada em maio passa a ser realizada em agosto.

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
16/08	Alvorada festiva e condução da coroa e do cetro ao altar da Igreja de Nossa Senhora de Assunção. A imagem do Divino Espírito Santo vai para uma casa localizada na Foz do Rio Mutuacá. Início da novena com reza do terço e ladainha.
17/08	A imagem da pomba, que representa o Divino Espírito Santo, segue em cortejo pelo Rio Mutuacá até chegar a Mazagão Velho, onde é levada para a igreja de Nossa Senhora da Assunção. Novena com reza do terço e ladainha.
18/08	Novena com reza do terço e ladainha.
19/08	Novena com reza do terço e ladainha. Coleta de donativos para a realização de um leilão.
20/08	Alvorada festiva na casa dos festeiros. Nesse dia também acontece a quebra da murta em frente à Igreja de Nossa Senhora da Assunção, cortejo, levantamento do mastro com a bandeira do Divino Espírito Santo, e coroação da Imperatriz. Novena com reza do terço e ladainha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

21/08	Novena com reza do terço e ladainha.
22/08	Alvorada festiva. Novena com reza do terço e ladainha.
23/08	Alvorada festiva com varrição das ruas. Novena com reza do terço e ladainha. Em seguida noite dançante com batuque, som mecânico e Marabaixo.
24/08	Alvorada festiva, cortejo, entrega da coroa para nova imperatriz, leilão, sorteio das próximas empregadas do Divino, Marabaixo, corte do mastro. Encerramento da novena com reza do terço e ladainha.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Comissão organizadora	Responsáveis por realizar as reuniões e todos os preparativos da festa. A comissão determina a programação e divide as tarefas entre os voluntários, membros da própria comunidade.
Imperatriz	Uma menina que representa Nossa Senhora, que será coroada e receberá o Divino Espírito Santo.
Trinchante	Uma menina que é responsável por segurar a coroa da Imperatriz.
Pega na Capa	Uma menina que fica responsável pelas vestes da Imperatriz e por segurar a capa durante o cortejo e no momento da coroação.
Alferes Bandeira	Uma menina que carrega a bandeira guiando a Imperatriz por onde ela deve passar.
Pagas Fogaças	Quatro meninas responsáveis pelo alimento da Imperatriz.
Varas Douradas	Quatro meninas que conduzem as varas douradas e fazem o papel de guardas da rainha. No momento da coroação são responsáveis por formar um quadrado com suas varas, onde será posicionada a Imperatriz.
Rezadores	Pessoas da própria comunidade que rezam o terço e também as ladainhas.
Tocadores de Caixa	Geralmente são três ou quatro pessoas que tocam caixas durante o Marabaixo.
Cantadeiras	Responsáveis por cantar o Marabaixo, jogam os versos, chamados de ladrões, e aguardam a resposta dos respondedores e dos demais cantantes.
Dançadeiras	Geralmente em grande número dançam o Marabaixo acompanhando o som das caixas e as cantigas, chamadas de ladrões.

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	Os recursos financeiros para a realização da Festa do Divino Espírito Santo em Mazagão Velho são provenientes da própria comunidade. A comissão organizadora realiza a coleta de donativos para o preparo dos alimentos e bebidas que serão servidos durante os dias de festa. Além disso, muitos donativos são leiloados visando à arrecadação de dinheiro para a manutenção da festa. Geralmente o dinheiro é gasto na compra de fogos, elementos para a decoração dos locais, e contratação de som mecânico para animar os dias de festa. Muita coisa é conseguida por meio de empréstimo da própria comunidade, como as mesas e cadeiras que são colocadas no Centro Comunitário Mocito Aires, local de realização da parte lúdica da festa.
QUEM PROVÊ	A própria comunidade.
FUNÇÃO	Realização e manutenção da Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.
DISPONIBILIDADE	Não se aplica.

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Gengibirra: feita com o gengibre e casca de abacaxi, que são cortados e fervidos, depois ficam em descanso até o dia seguinte quando são batidos do liquidificador e coados. Acrescenta-se açúcar e cachaça e coloca-se para gelar. Essa é a receita típica do distrito de Mazagão Velho. Chocolate: preparado com a semente de cacau, que depois de seca é torrada e pilada em pedra. Faz-se uma pasta e mistura-se água e ovo batido. Beijucica: um tipo de tapioca, produto originário da mandioca. Pão de Ló: bolo feito à base de farinha, ovos e água.
QUEM PROVÊ	A própria comunidade e os organizadores da festa. Todos os alimentos são preparados na casa de Dona Maria Barriga e depois levados para o Centro Comunitário Mocito Aires.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A gengibirra é a principal bebida das festas do Amapá, presente na maioria das ocasiões em que há distribuição de alimentos e bebidas. Alguns entrevistados dizem que a função da gengibirra está relacionada com as cordas vocais, dando mais potência à voz. Além disso, atribuem à gengibirra a fortificação do organismo, dando energia para continuar no salão durante longas horas até o sol raiar. Em Mazagão Velho é costume antigo usar o abacaxi misturado ao gengibre, o que torna a bebida mais suave. O chocolate, que é feito a partir da semente de cacau, é uma particularidade de Mazagão Velho. É ofertado durante o café servido aos participantes. Outras comidas, como o beijucica, seguem a tradição do norte do Brasil, feitas à base de mandioca, produto de grande abundância na região. Elas são ofertadas durante o café servido aos participantes. O pão de ló é o alimento da Imperatriz, ofertado no momento da coroação, simbolizando a fartura.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Coroa: objeto de metal prateado, de formato circular, com um pequeno globo na extremidade superior e sobre ele uma pomba. Cetro: é um objeto cilíndrico, feito de metal e adornado com fitas brancas. Bandeira: um retângulo de tecido, de cor vermelha e com a pomba branca representando o Divino Espírito Santo. Mastro: o mastro é um comprido tronco de madeira, onde se envolve os ramos de murta.
QUEM PROVÊ	Todos os objetos pertencem à própria comunidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A coroa é o objeto usado para coroar a Imperatriz. É um sinal de realeza e de soberania. Além disso, é o símbolo máximo do Divino Espírito Santo, pois no seu topo está a imagem de uma pomba. O cetro representa o poder instituído à pessoa que o possui. As bandeiras são distintivos religiosos que se remetem aos santos, nesse caso à pomba, que é o símbolo do Divino Espírito Santo. É um objeto de devoção e de proteção, sendo conduzido pela Alferes Bandeira pelas ruas da cidade. O mastro representa a ligação entre o céu e a terra, também está ligado à elevação espiritual. É para o alto que os fiéis dirigem seus olhares para fazer seus agradecimentos e pedidos.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Trajes das empregadas do divino: são vestidos feitos na cor branca, ricamente adornados com fitas, bordados, pedrarias, babados e rendas. As meninas também usam tiaras com brilho no cabelo. Trajes das dançadeiras de Marabaixo: saias rodadas, coloridas e floridas, por vezes com detalhes de fitas bordadas, anágua, blusa branca com detalhes do mesmo tecido da saia ou camiseta branca com a imagem do Divino Espírito Santo, toalha pendurada no ombro, flor no cabelo, e muita bijuteria, como brincos, pulseiras e colares.
QUEM PROVÊ	Cada pessoa cuida do seu próprio traje. E no caso das crianças, a responsabilidade é da própria família.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A cor das roupas das empregadas do divino, o branco, atesta a pureza das meninas. A riqueza nos detalhes se remete às cortes europeias de séculos passados, quando as senhoras de linhagem nobre se vestiam com vestidos volumosos e ricamente adornados. O traje das dançadeiras de Marabaixo segue a tradição, em que as mulheres vestiam saias rodadas, floridas e coloridas. Preparar-se e vestir-se bem para a festa sempre foi um dos principais costumes do Marabaixo, seguido até os dias de hoje.

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Dança-se o Marabaixo acompanhando o som das caixas e as cantigas, chamadas de ladrões, que contam as histórias locais e situações do cotidiano. Os participantes mais velhos explicam que os movimentos da dança concentram-se nos pés e no tronco. De acordo com eles, dança-se arrastando os pés, um seguido do outro, pois os escravos acorrentados não tinham a mobilidade necessária para mexer as pernas. Contudo, o movimento das saias rodadas, floridas e coloridas traz dinamismo e alegria para a dança. O deslocamento é feito para frente, para trás e para os lados, não existem passos marcados, a liberdade desses passos e dos rodopios predomina em cada participante. A dança é realizada no sentido anti-horário, mas não existem regras.
QUEM EXECUTA	Mulheres, homens e crianças.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A expressão em cada rosto dos participantes traduz o gosto pela dança, a satisfação e o orgulho de suas raízes. Os sentimentos se afloram, sendo difícil esconder o sorriso durante as apresentações. O Marabaixo é dançado por mulheres, homens e crianças, não havendo qualquer limitação de idade. Podemos encontrar crianças de dois anos até idosos de mais de noventa anos nas rodas.

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Ladainha: é uma reza cantada, uma oração de súplica, que tem como característica elementos repetitivos e expressões como *ora-pro-nobis*, *kyrie eleison*, e *miserére nobis*. Ladrões: são versos que compõem as cantigas que são cantadas durante as apresentações de Marabaixo.
QUEM PROVÊ	Participantes da festa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As ladainhas são rezadas na igreja da comunidade e também nas casas dos fiéis. Para os católicos e participantes das festas, a ladainha é uma das principais expressões de fé praticadas no Amapá, um momento de invocação e agradecimento pelas graças alcançadas. Os ladrões de Marabaixo são cantados durante a dança pelas cantadeiras e cantadores. Algumas pessoas têm a responsabilidade de cantar o ladrão, enquanto outros respondem. As letras narram a vida da comunidade, histórias individuais ou da família, querelas entre vizinhos, fatos históricos e cotidianos. Além disso, eles animam e dão dinâmica à música e à dança.

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	O único instrumento musical usado durante a Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho é a caixa de Marabaixo. É feita de madeira e couro e produzida na própria comunidade. A tradição da confecção de caixas em Mazagão Velho ainda segue o modo artesanal, cavando-se o tronco da madeira, geralmente a macacaúba. Para isso, usam os troncos que já estão caídos pela mata. O uso do couro também passou por mudanças, geralmente usa-se o couro de carneiro que é beneficiado, mas ainda podem ser encontradas caixas com couro de cobras e outros animais como os bovinos. Do lado de fora das caixas são colocados barbantes que servem para a afinação do instrumento. E na parte inferior da caixa é colocada uma linha com miçangas.
QUEM PROVÊ	Na comunidade de Mazagão Velho as caixas são feitas por Jozué, morador local, comprometido com atividades culturais.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As caixas são penduradas nos ombros e tocadas com baquetas. Esses instrumentos produzem o som que segue o ritmo necessário para a colocação dos ladrões. Dessa maneira, as caixas promovem a dinâmica do Marabaixo, animando o público e levando as dançadeiras ao centro do salão para rodopiarem suas saias floridas e coloridas. Durante o Marabaixo de rua, os tocadores seguem junto com o grupo tocando e parando nas casas dos moradores de Mazagão Velho. Além disso, as caixas também têm uma função social, pois frequentemente são realizadas oficinas para crianças aprenderem a confeccionar esses instrumentos.

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	**ATIVIDADE**
Comissão organizadora	Responsável por limpar e organizar o Centro Comunitário, onde a festa foi realizada. Também é feita a devolução do material emprestado como mesas e cadeiras, e é realizado o pagamento dos serviços contratados, como a aparelhagem de som.

9. PÚBLICO

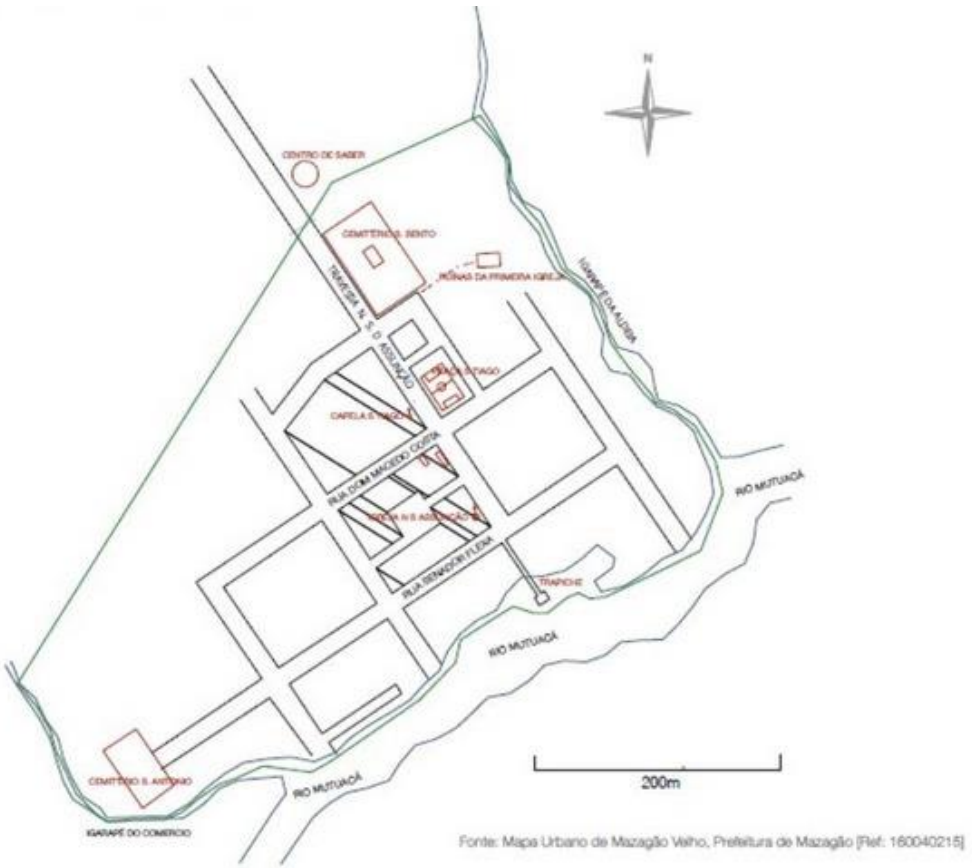
DESCRIÇÃO
Na Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho, o maior público é a própria população do distrito. Contudo, durante os dias de festa e especialmente no dia 24, último dia com muitas atividades, a comunidade recebe mais visitantes, principalmente das comunidades vizinhas, como do Carvão e também da cidade de Mazagão, sede do município. Mas também podem ser encontradas pessoas vindas de Macapá, como aquelas que têm parentes que moram no local. O público interage em todas as etapas da festa, indo à igreja para as orações e ladainhas, percorrendo as ruas da cidade para acompanhar o Marabaixo de Rua, e entrando nas casas dos moradores para acompanhar tanto as atividades religiosas, como as atividades lúdicas. Além disso, o público comparece ao Centro Comunitário Mocito Aires, dançando ao toque do batuque e do Marabaixo, ou até mesmo ouvindo o som mecânico, mas também participando dos leilões e assistindo ao sorteio das Empregadas do Divino.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Celebração)	F1-A3 - Código 03 - F20 – Nº 02
Igreja Nossa Senhora de Assunção (Edificação)	F1-A3 – Código 22
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1-A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1-A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Ladainha (Forma de Expressão)	F1-A3 – Código 25
Mazagão Velho (Lugar)	F1-A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Caixa de Marabaixo (Modo de Fazer)	F1-A3 – Código 30 – F60 – Nº 10
Gengibirra (Modo de Fazer)	F1-A3 – Código 31 – F60 – Nº 11
Tocador de Caixa (Ofício)	F1-A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



Planta do distrito de Mazagão Velho – Mazagão – Amapá – AP. Fonte: INRC Mazagão Velho – IPHAN/AP

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

ARAÚJO, Renata Malcher de. Mazagão, a memória das conquistas. In: As cidades da Amazônia no século XVIII. Porto: FAUP, 1998. P. 265-290. (O livro de Renata Araújo contém mapas e plantas do século XVIII, além de vasta documentação sobre as correspondências entre as autoridades dessa época.).

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:

Festejos – 2012 – Grupo Folclórico Raízes do Marabaixo.

Carlos Augusto Gomes – Entrevistado em 16 de maio de 2013.

Joaquina Jacarandá – Entrevistada em 26 de março de 2013.

Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 26 de março de 2013.

Jozué da Conceição Videira – Entrevistado em 25 de agosto de 2013.

Rozicema Viana Barreiro – Entrevistada em 09 de maio de 2013.

Registros Audiovisuais:

I Festival de Ladrão de Marabaixo – dvd – Confraria Tucuju.

Josefa Pereira Lau - Entrevistada em 07 de maio de 2013.

Mazagão Velho e Dona Zezinha – 07 de maio de 2013.

Festa do Divino Espírito Santo – 24 de agosto de 2013.

Jozué da Conceição Videira – Entrevistado em 25 de agosto de 2013.

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos – Pesquisadores:

Comunidade de Mazagão Velho – 28 de março de 2013.

Registros Fotográficos – Fotógrafos:

Comunidade de Mazagão Velho – 07 de maio de 2013.

Festa do Divino Espírito Santo – 24 de agosto de 2013.

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Para um maior conhecimento desse bem, seria necessário o acompanhamento integral da festa, entre os dias 16 e 24 de agosto, participando de todas suas etapas e rituais.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Destacamos a importância de se aprofundar os estudos sobre o batuque, expressão cultural encontrada nas comunidades do estado do Amapá e que, assim como o Marabaixo, acompanha grande parte das festas em devoção aos santos católicos, como a Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	--	--	--	--	F20	--

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não se aplica.

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Adriene dos Anjos Noronha	DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	24/02/2014

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **EDIFICAÇÕES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F30	03
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Macapá
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Igreja de São José
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Antiga Matriz
ENDEREÇO	Rua São José, 1790 – Macapá – AP – Brasil
PROPRIETÁRIO	Diocese de Macapá
AUTOR DO PROJETO	Manoel Pereira de Abreu
CONDIÇÃO ATUAL	■ **ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**
CATEGORIA	☐ **CIVIL** ☐ **MILITAR** ■ **RELIGIOSA** ☐ **INSTITUCIONAL** ☐ **INDUSTRIAL** ☐ **COMEMORATIVA** ☐ **MOBILIÁRIO URBANO OU OBRA DE ARTE**
ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO	Meados do século XVIII (1758-1761)
PROTEÇÃO EXISTENTE	O IPHAN realizou o inventário de bens imóveis da cidade de Macapá, dentre eles está a Igreja de São José. No final de 2013 aconteceram reuniões visando ações de proteção da Igreja pela prefeitura de Macapá tendo o IPHAN como parceiro desse processo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--

3. FOTOS - OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS*.

Fachada da Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Cruzeiro que fica em frente à Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Capela mor da Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo

Interior da Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo

Missa celebrada na Igreja de São José nas comemorações do aniversário da cidade – Macapá/AP. Data: 04/02/2013. Foto: Marcos Martins.

Encontro das bandeiras do Marabaixo em frente à Igreja de São José – Macapá/AP. Data: 04/02/2013. Foto: Marcos Martins.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--

O Marabaixo dentro da Igreja de São José no dia do Cortejo da Murta – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

A Coroa do Divino Espírito Santo na mesa do altar da Igreja de São José no dia do Cortejo da Murta – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

4. DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

4.1. AMBIÊNCIA

A Igreja de São José está situada na Rua São José, uma das principais vias da cidade, entre os prédios da Biblioteca Pública e da Cúria Diocesana, e de frente para a Praça Veiga Cabral. No entorno dessa praça, estão também importantes equipamentos culturais da cidade, como o Teatro das Bacabeiras. Essa região foi uma das primeiras a ser ocupadas na colonização de Macapá, se tornando desde então, um espaço de socialização, de cultura e entretenimento, e de grande concentração comercial. Alguns festejos do Marabaixo, inclusive, têm espaço tanto no interior, como no terreno defronte da Igreja São José.

Atrás da Igreja está um espaço conhecido antigamente como Formigueiro, cujo nome remonta a um antigo concentrado de casas, próximas umas das outras, que existia no local. O local também é conhecido como Largo dos Inocentes, referindo-se a um antigo cemitério de natimortos existente no local. Com a mudança no caráter urbano da cidade ocorrida em meados do século XX, o entorno da Igreja que até então era marcadamente domiciliar passou a ganhar uma feição mais comercial.

4.2. CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

A Igreja São José de Macapá é formada por uma planta de volume retangular ladeado na sua porção direita (sob o ponto de vista do observador) por uma torre única de formato quadrangular. Suas medidas são 33 metros de comprimento, 13 de largura e 13 metros de altura até a cumieira.

Sua estrutura é de alvenaria, e no volume principal, vemos a porta principal encabeçada por um adorno em formato de semicírculo, em um cujo centro localiza-se um emblema de formato oval. A porta é ladeada por duas portas de menor dimensão, por sua vez encabeçadas por colunas de entablamento jônico e capitel sem adornos. Logo acima, vê-se um conjunto de 3 janelas de acabamento de madeira retangulares e de acabamento semicircular. Acima destas, vemos o frontão simples de formato triangular, apresentando em seus extremos pináculos e, ao centro, uma cruz de madeira, sendo esses intercalados por pequenas volutas.

O volume lateral do edifício, a torre sineira, tem formato quadrangular, e em seu primeiro nível apresenta uma janela de madeira com acabamento semicircular. No segundo nível vemos uma janela de madeira de acabamento semicircular – local onde está alojado o sino. O telhado deste volume tem formato abobadado e, sem seus extremos, vemos pináculos de madeira.

A planta do edifício remete à arquitetura jesuítica praticada no período colonial no Brasil durante os séculos XVII e XVIII, apresentando a peculiaridade de uma torre única. Porém, provavelmente devido à dificuldade de acesso ao local, a construção apresenta elementos decorativos simples desde a sua concepção. A sua fachada foi modificada e apresenta elementos decorativos tradicionais do ecletismo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--

Referências:

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

Festa de São José - 1986. Histórico da catedral. Evangelização do Amapá. Texto datilografado sem autoria.

Jornal do dia. Amazônia News. 20 de julho de 1997. Macapá quase perde a sua Catedral.

Marco Zero - Jornal do Amapá. Macapá, 6 e 12 de dezembro de 1980. Reportagem de Estácio Vidal Picanço.

Recortes de jornal (sem dados de origem): Igreja de São José de Macapá; Festa de São José de Macapá; Catedral de São José de Macapá.

TAVARES, Regina. A catedral e a paróquia de São José de Macapá. Macapá, 1992.

Uma parte da história que poucos conhecem. A gazeta, 05 de março de 2006.

RODRIGUES, Edgar. Igreja de São José de Macapá. Acervo Seafro.

4.3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

O estado de conservação do edifício é bom, sua estrutura está intacta, recebendo manutenções periódicas e pintura da fachada. Contudo, podemos observar nas paredes do seu interior cupins de terra. Nota-se, por fotografias antigas, que o prédio foi bastante modificado principalmente em seus elementos decorativos, ao longo do século XX.

4.4. BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

- Três retábulos de linhas simples e decoração neoclássica.
- Duas imagens de São José, sendo uma oitocentista, e uma imagem de Nossa Senhora.
- Na capela mor, encontra-se à direita um painel a óleo representando a Sagrada Família trabalhando na oficina de carpintaria, e à esquerda outro painel que representa a Fuga para o Egito.
- Dois confessionários de madeira.
- Inscrições das lápides mortuárias, grande parte datada do século XIX.

5. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1751	Tem início a catequese dos habitantes da região de Macapá, pelo padre Miguel Angelo de Morais, inicialmente em pequenas aldeias.
1752	O então Governador da Província do Grão Pará, Francisco de Mendonça Furtado mandou erigir uma choupana de tamanho maior que as ali existentes onde o padre passou a proceder a evangelização da população.
1754	Francisco de Mendonça Furtado solicita ao rei de Portugal, Dom José I, que tome providências no sentido de construir uma igreja.
1758	No dia 4 de fevereiro, o bispo do Pará, Dom Frei Miguel de Bulhões lançou a pedra fundamental da Igreja, com a presença de Mendonça Furtado e do Padre Angelo Morais. Nessa mesma data o povoado foi elevado à categoria de Vila, passando a ser denominado Vila de São José de Macapá, em homenagem a São Jose e ao Rei de Portugal.
1761	No dia 6 de março, a igreja é inaugurada. Na cerimônia de abertura compareceram o governador da província do Grão Para, Manoel Bernardo de Melo e Castro e sua comitiva. A sua planta foi traçada pelo sargento mor Manoel Pereira Abreu e foi aprovada pelo engenheiro Antônio José Landi.
1752-1903	A Paróquia de São José de Macapá pertenceu ao Bispado do Pará.
1904 - 1949	A Paróquia foi anexada à Prelazia de Santarém.
1949-1950	O Papa Pio XII erige a Prelazia Nullus de Macapá, e a matriz foi elevada à catedral, instalada a 30 de

	março de 1950 pelo arcebispo de Belém, Dom Mario de Miranda Villas Boas.
1948	Vinda dos padres do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras, conduzidos por Dom Aristides Pirovano (primeiro bispo prelado de Macapá). Nessa época foram feitas algumas modificações na estrutura arquitetônica e na fachada principal da igreja: além da porta já existente, foram construídas mais duas, e as fachadas direita e esquerda também passaram a ter três portas.
1980	A prelazia de Macapá foi elevada à diocese pelo Papa Joao Paulo II e foi instalada solenemente a 10 de julho de 1981 por Dom Vicente Joaquim Zico, arcebispo coadjutor de Belém.
	Referências: Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá: Festa de São José - 1986. Histórico da catedral. Evangelização do Amapá. Texto datilografado sem autoria. Jornal do dia. Amazônia News. 20 de julho de 1997. Macapá quase perde a sua Catedral. Marco Zero - Jornal do Amapá. Macapá, 6 e 12 de dezembro de 1980. Reportagem de Estácio Vidal Picanço. Recortes de jornal (sem dados de origem): Igreja de São José de Macapá; Festa de São José de Macapá; Catedral de São José de Macapá. TAVARES, Regina. A catedral e a paróquia de São José de Macapá. Macapá, 1992. Uma parte da história que poucos conhecem. A gazeta, 05 de março de 2006. ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. RODRIGUES, Edgar. Igreja de São José de Macapá. – Acervo Seafro.

6. SENTIDOS REFERENCIAIS

6.1. HISTÓRIA

A História da Igreja de São José está ligada à catequese da região de Macapá, que teve início no ano de 1751, quando em paralelo à colonização do espaço, chegou o padre Miguel Ângelo de Morais para evangelização da população, até então residente em pequenas aldeias. A evangelização ocorria de maneira precária e, no ano de 1752, o então Governador da Província do Grão Pará, Francisco de Mendonça Furtado, mandou erigir uma choupana de tamanho maior que as ali existentes para a catequese dos moradores.

Porém, o governador estava preocupado com o crescimento da população local e visando acelerar o plano da administração portuguesa que previa o desenvolvimento da região norte como forma de resguardar a terras da invasão de franceses, holandeses e ingleses, no dia primeiro de fevereiro de 1754, ele solicitou ao rei de Portugal Dom José I que tomasse providências no sentido de construir uma igreja, conforme parte do documento transcrito abaixo:

"Senhor, é sem dúvida que a nova Villa de São José de Macapá necessita de uma paróquia e que esta seja com decência competente para nele se celebrar o sacrossanto oficio da missa, e administrarem os sacramentos aos fregueses." (FURTADO apud TAVARES, 1992).

Assim, atendendo aos pedidos do governador, no dia 4 de fevereiro de 1758, o então bispo do Pará, Dom Frei Miguel de Bulhões, veio à Paróquia de São José de Macapá para lançar a pedra fundamental da Igreja, contando para tanto com a presença de Mendonça Furtado e do Padre Ângelo Morais. Nesta mesma data o povoado foi elevado à categoria de Vila, passando a ser denominado Vila de São Jose de Macapá, em homenagem a São José e ao Rei de Portugal. Assim, no dia 6 de março de 1761 ocorreu a inauguração da nova Igreja, sendo que na cerimônia compareceram o governador da Província do Grão Pará, Manoel Bernardo de Melo e Castro e sua comitiva. A planta do edifício foi traçada pelo sargento mor Manoel Pereira Abreu e aprovada pelo engenheiro Antônio Jose Landi, que acompanhava Mendonça Furtado nos trabalhos de demarcação de fronteiras.

Até o ano de 1903, a Paróquia de São José de Macapá pertenceu ao Bispado do Pará, e entre 1904 e 1949 esteve anexada à prelazia de Santarém, quando no dia 01 de fevereiro de 1949 - o Papa Pio XII, com a Bula "Unium Apostolocos Sadis", erigiu a Prelazia Nullus de Macapá. A Matriz foi elevada então à categoria de Catedral e São José foi declarado padroeiro da nova circunscrição, instalada a 30 de março de 1950 pelo Arcebispo de Belém, Dom Mário de Miranda Villas Boas. Finalmente no dia 14 de novembro de 1980, a prelazia de Macapá foi elevada à diocese pelo Papa João Paulo II e foi instalada solenemente a 10 de julho de 1981 por Dom Vicente Joaquim Zico, arcebispo

coadjutor de Belém.

No ano de 1948, ocorreu a vinda dos padres do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras, conduzidos pelo primeiro bispo prelado de Macapá, Dom Aristides Pirovano. Na ocasião, foram feitas algumas modificações em sua estrutura arquitetônica e na sua fachada principal.

Desde sua inauguração, a Igreja foi espaço de celebrações católicas diversas, sendo inclusive local de enterros durante os séculos XVIII e XIX. Além dos ritos tradicionais, a Igreja foi palco de importantes manifestações, como o Marabaixo, que desde os seus primórdios na cidade, era composto por apresentações na frente na sua fachada e por missas no interior do templo. Durante um longo período da segunda metade do século XX, porém, esta manifestação foi proibida de ocorrer no local, só retornando à tradição há cerca de dois anos.

Devido ao crescimento da população, na década de 1990 teve início a construção de uma nova catedral para a cidade, no terreno em frente ao cemitério da Conceição. A inauguração ocorreu no dia 19 de março de 2006, mas a antiga Igreja de São José permanece como importante patrimônio local para os moradores.

Referências:

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

Festa de São José - 1986. Histórico da catedral. Evangelização do Amapá. Texto datilografado sem autoria.

Jornal do dia. Amazônia News. 20 de julho de 1997. Macapá quase perde a sua Catedral.

Marco Zero - Jornal do Amapá. Macapá, 6 e 12 de dezembro de 1980. Reportagem de Estácio Vidal Picanço.

Recortes de jornal (sem dados de origem): Igreja de São José de Macapá; Festa de São José de Macapá; Catedral de São José de Macapá.

TAVARES, Regina. A catedral e a paróquia de São José de Macapá. Macapá, 1992.

Uma parte da história que poucos conhecem. A gazeta, 05 de março de 2006.

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992.

RODRIGUES, Edgar. Igreja de São José de Macapá. – Acervo Seafro.

6.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A Igreja de São José é uma forte referência para os marabaixeiros de Macapá. Através de depoimentos e por meio de fotos datadas da primeira metade do século XX, sabemos que o espaço defronte da Igreja era usado para uma prática então comum na manifestação do Marabaixo: o jogo da carioca. Os marabaixeiros mais antigos nos contam que, no dia anterior ao Domingo do Mastro, depois que os homens iam até a mata buscar a madeira onde colocar as suas bandeiras e assim confeccionar o mastro em homenagem ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, os homens vestidos de branco se posicionavam na Rua da Igreja de São José, onde jogavam a carioca – espécie de adaptação local do jogo de capoeira, por vezes até o sol raiar.

O espaço defronte da Igreja de São José é palco também do Encontro das Bandeiras, uma celebração que acontece no aniversário da cidade de Macapá, no dia 04 de fevereiro, em que os grupos se reúnem sob a égide das bandeiras dos santos homenageados pelo Marabaixo, agrupando assim, os manifestantes que por ora se encontram divididos em diversas associações.

Porém, a relação entre a Igreja Católica e o Marabaixo, possui também um histórico de conflitos. Muitos padres não autorizavam a manifestação no espaço da Igreja, por vincularem a mesma a atos heréticos. Mesmo sendo uma manifestação de devoção de santos católicos, ela ocorre no ambiente doméstico e urbano, e se utiliza de diversas referências às tradições religiosas africanas, levando assim a diversas situações de proibição por parte das autoridades eclesiásticas locais. Por exemplo, durante a primeira metade do século XX, o Padre Júlio Maria de Lombaerd, vigário da paróquia de São José entre os anos de 1916 e 1923, combatia veemente a manifestação do Marabaixo, impedindo a celebração no espaço da Igreja de São José. É fato recente a atual conciliação entre estas instâncias, e atualmente, além das atividades que ocorrem na rua defronte da Igreja de São José, no ciclo de Marabaixo de Macapá ocorre também o Cortejo da Murta, que reúne diversos grupos em procissão até a Igreja, levando a murta que enfeita os mastros de devoção festejando o fim da proibição da manifestação, que culmina com uma celebração católica dentro da Igreja.

Referências:

CANTO, Fernando. A água benta e o diabo. Macapá: Fundecap/GEA, 1998.

Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 04 de maio de 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--

Lucimar Araújo Tavares – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

6.3. USOS COTIDIANOS

O espaço é utilizado para missas semanais e grupos de oração.

6.4. USOS CERIMONIAIS

04 de fevereiro – Aniversário de Macapá.

19 de março – Festa do Padroeiro São José.

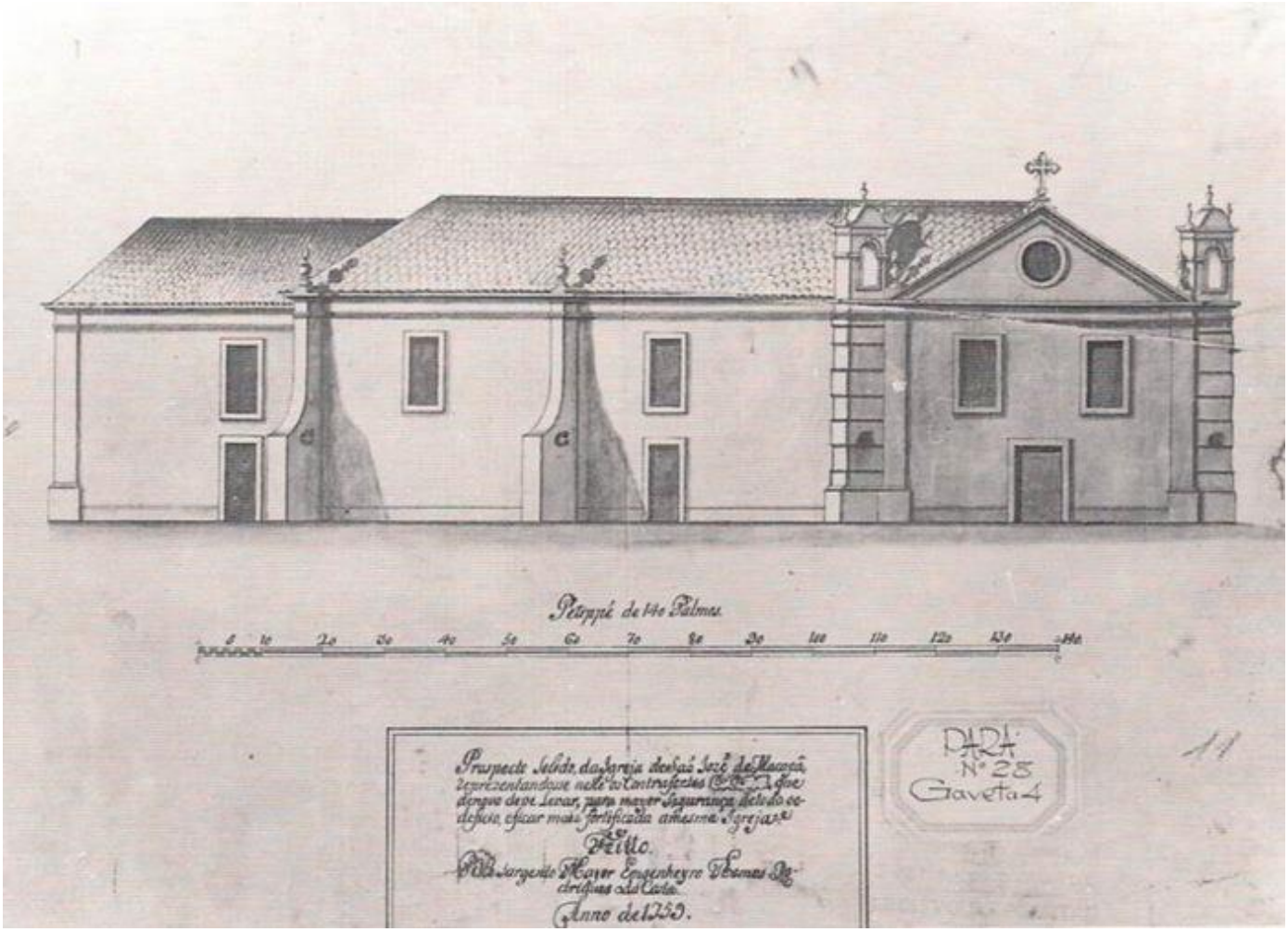
Festejos relacionados às datas do calendário católico: Semana Santa, Páscoa, Corpus Christi e Natal.

Durante o ciclo do Marabaixo, seu espaço é utilizado para missas e cerimônias. Atualmente, esse local reúne grupos tanto no Encontro das Bandeiras, festejado no dia do aniversário da cidade, como no Cortejo da Murta, em que após uma procissão nas ruas da cidade, é realizada uma celebração católica na Igreja de São José e a bênção da murta da Santíssima Trindade.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cortejo da Murta - Seafro (Celebração)	F1 – A3 – Código 01 – F20 – Nº 01
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04

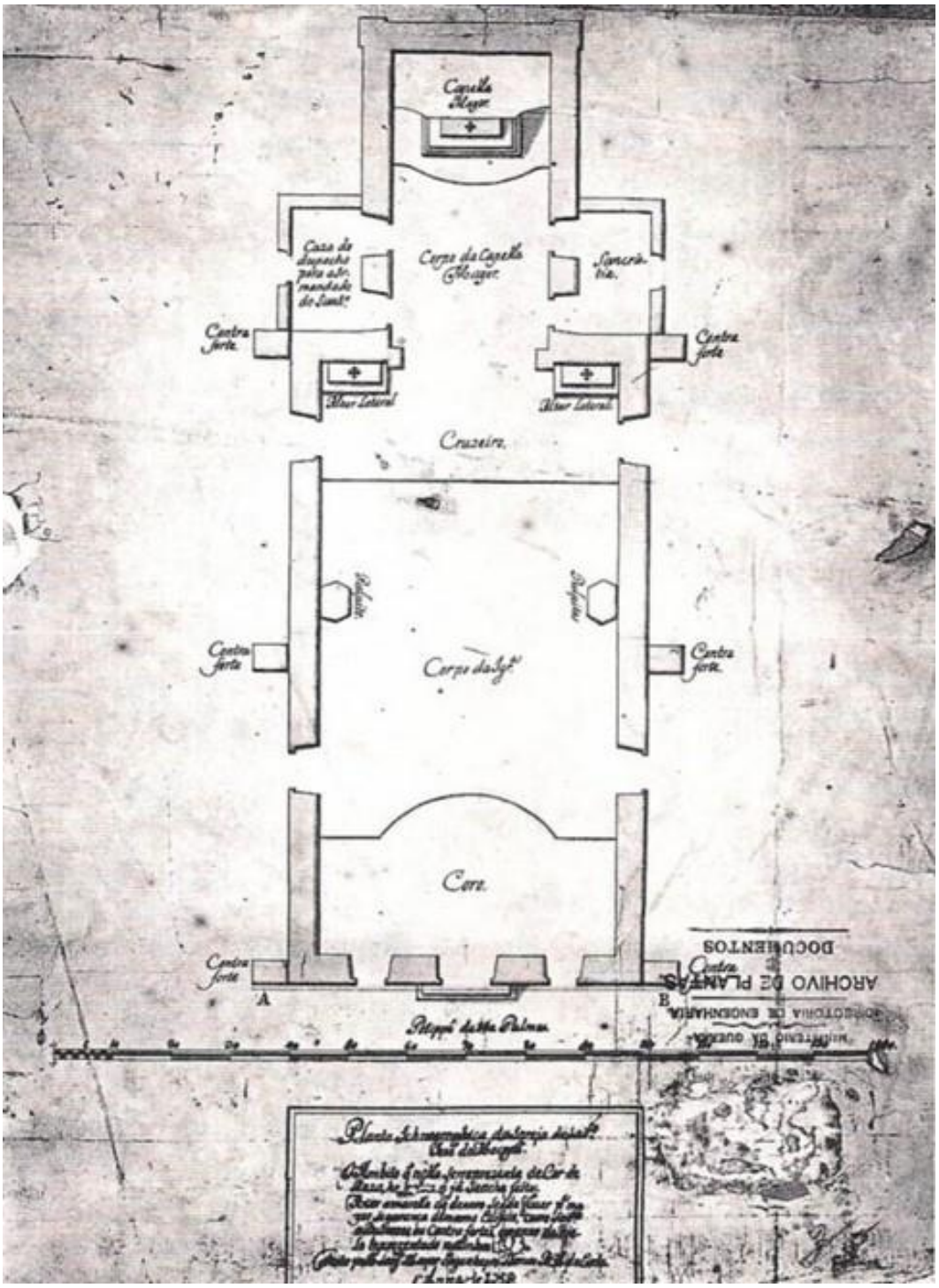
8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



Projeto da Igreja de São José de Macapá feito pelo Engenheiro Thomas Rodrigues da Costa em 1759.

Fonte: ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. p. 162.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--



Planta Iconográfica da Igreja de São José de Macapá feita pelo Engenheiro Thomas Rodrigues da Costa em 1759.
Fonte: ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. p. 161.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. (O livro

de Renata Araújo contém mapas e plantas do século XVIII, além de vasta documentação sobre as correspondências entre as autoridades dessa época.).

CANTO, Fernando. A água benta e o diabo. Macapá: Fundecap/GEA, 1998. (O livro de Fernando Canto apresenta uma crônica extraída do jornal Pinsonia, escrita no ano de 1899).

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

Festa de São José - 1986. Histórico da catedral. Evangelização do Amapá. Texto datilografado sem autoria.

Jornal do dia. Amazônia News. 20 de julho de 1997. Macapá quase perde a sua Catedral.

Marco Zero - Jornal do Amapá. Macapá, 6 e 12 de dezembro de 1980. Reportagem de Estácio Vidal Picanço.

Recortes de jornal (sem dados de origem): Igreja de São José de Macapá; Festa de São José de Macapá;Catedral de São José de Macapá.

TAVARES, Regina. A catedral e a paróquia de São José de Macapá. Macapá, 1992.

Uma parte da história que poucos conhecem. A gazeta, 05 de março de 2006.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:

Joaquina Ramos da Silva - Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 04 de maio de 2013.

Lucimar Araújo Tavares – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Maria da Conceição Lino Videira – Entrevistada em 08 de maio de 2013.

Maria Elísia Carmo Silva – Entrevistada em 21 de maio de 2013.

Raimunda da Silva Ramos – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Registros Audiovisuais:

Cortejo da Murta Seafro – Macapá – 19 de maio de 2013.

Igreja de São José – Macapá – 06 de maio de 2013.

Lucimar Araújo Tavares – Entrevistada em 08 de maio de 2013.

Maria Elísia Carmo Silva – Entrevistada em 21 de maio de 2013.

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos – Pesquisadores:

255 Anos de Macapá – 04 de fevereiro de 2013

Registros Fotográficos – Fotógrafos:

Igreja de São José – 06 de maio de 2013.

Cortejo da Murta Seafro – 19 de maio de 2013.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Seria interessante realizar um estudo comparativo entre a Igreja e outras edificações religiosas da região, construídas no século XVIII.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	--	--	--	--	F30	--

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
- Três retábulos de linhas simples e decoração neoclássica. - Duas imagens de São José, sendo uma oitocentista. - Uma imagem de Nossa Senhora. - Na capela mor, encontra-se à direita um painel a óleo representando a Sagrada Família trabalhando na oficina de carpintaria, e à esquerda outro painel que representa a Fuga para o Egito. - Dois confessionários de madeira. - Inscrições das lápides mortuárias, grande parte datada do século XIX.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **FORMAS DE EXPRESSÃO**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F40	04
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADES	Abacate da Pedreira – Campina Grande - Carvão – Casa Grande – Coração – Curiaú – Favela (Santa Rita) - Ilha Redonda – Laguinho - Mazagão - Mazagão Velho - Ressaca da Pedreira - Torrão do Matapi.
MUNICÍPIOS / UF	Macapá/AP - Mazagão/AP

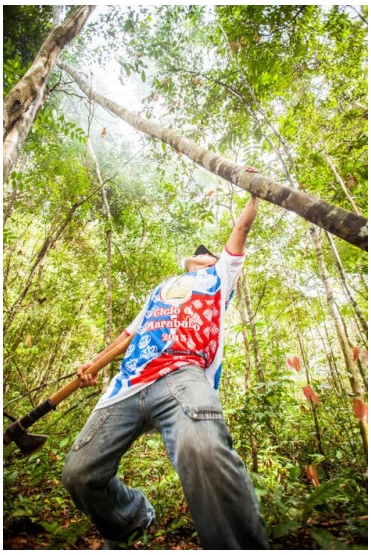
2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Marabaixo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não foram encontradas outras denominações.
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. EXECUTANTE

NOME	Obs.: Em vista da generalidade que esta ficha se propõe, que é tratar do Marabaixo como expressão do Amapá de uma maneira totalizante, deixando as divisões grupais e suas especificidades um pouco de lado para favorecer os aspectos gerais de saber e desempenho da prática marabaixeira e reconhecendo a característica difusa do bem em questão, isto é, sua enorme penetração nas pequenas comunidades urbanas, semi urbanas e rurais no Amapá, assim como a volatilidade dos grupos que, ora se apresentam como Marabaixo, ora como batuque, sugerimos evitar uma enorme lista de executantes nas 13 comunidades pesquisadas (num universo de mais de 30 grupos no Amapá), uma vez que a própria dinâmica dos grupos muitas vezes implica na passagem da responsabilidade por várias mãos no decorrer da existência da festa, como no caso dos festeiros, e de outra parte em sensíveis distinções da autoridade que pode variar desde a execução, passando pela tradição no saber fazer a festa, até a tradição da linhagem familiar ou da longa experiência dentro do grupo.		☐ **MASCULINO** ☐ **FEMININO**	
OCUPAÇÃO	Não se aplica	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	Não se aplica
RELAÇÃO COM O BEM	☐ **MESTRE** ☐ **PRODUTOR** ☐ **PÚBLICO** ☐ **APRENDIZ** ☐ **VENDEDOR** ☐ **EXECUTANTE** ☐ **OUTRO** _____		

4. **FOTOS -** OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*



Corte do Pau do Mastro nas matas do Curiaú – Macapá/AP. Data: 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Cortejo do Mastro da Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Dançadeira de Marabaixo – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo

Marabaixo da Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo

Casa do Festeiro na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Preparação do Caldo na Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

Ladainha de seu Chico da Lagoa – Macapá/AP. Data: 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Mastro enfeitado com a Murta – Macapá/AP. Data: 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Djane Estrela, festeira da Associação Cultural Raimundo Ladislau, se preparando para o Marabaixo – Macapá/AP. Data: 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Naíra, cantadeira de ladrões, e Pedro Bolão, tocador de caixa. Marabaixo da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Fogos anunciando o levantamento do Mastro – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Levantamento do Mastro na Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O Marabaixo é descrito neste trabalho como forma de expressão. Essa categoria dos bens culturais imateriais foi escolhida apesar de identificarmos em Macapá e nas comunidades de Campina Grande, Casa Grande e Ressaca da Pedreira (a) a existência de um ciclo peculiar ao Marabaixo que poderia nos induzir a considerá-lo uma celebração. Nesse caso, um calendário ritual próprio parecia nos guiar a isso. Contudo, ao indagarmos os praticantes, também conhecidos como marabaixeiros, sobre o que era o Marabaixo, nos diziam incessantemente, mesmo nas comunidades em que o ciclo é bem estabelecido por décadas, que se tratava de uma dança, em primeiro lugar, e de uma forma associada de música. Quanto à festa, os entrevistados em geral sempre disseram que ela era para o santo em questão. Dessa forma, iniciamos a descrição do Marabaixo por esta distinção: o marabaixo é um conjunto complexo de práticas e saberes que se aglutinam numa forma de expressão que é usada num contexto festivo específico. Enquanto na capital e nas comunidades supracitadas, a louvação se destina à Santíssima Trindade e/ou ao Divino Espírito Santo, no interior os grupos não possuem uma data exclusiva de apresentação, acompanhando as principais festas de santo em cada comunidade.

Outro elemento importante quanto à descrição, é o estado de espírito que o Marabaixo, a partir de seus mitos de origem, provoca nos dançantes. Estamos falando da ideia de que o marabaixo é um lamento (b) uma vez que ele se refere à despedida do negro que morreu na travessia durante o tráfico de escravos e ao sofrimento da escravidão no Brasil (c). Esse caráter de lamento também se refere ao evento marcante da história do Marabaixo que é a remoção dos negros para a então periferia da cidade de Macapá quando da chegada do Primeiro Governador nomeado para o recém-criado estado (d). Esse evento que culminou na divisão e formação das comunidades e grupos tradicionais de Marabaixo na capital amapaense é reverenciado em canções da época, preservadas incólumes até os dias atuais.

O caráter de lamento define as maneiras de composição das músicas, também chamadas ladrões porque seus versos são apropriados da vida cotidiana em comunidade, descrevendo acontecimentos históricos e situações trágicas e jocosas, a forma da lamentação define o canto também de modo que uma voz puxa o verso e os respondentes respondem com o refrão. À voz do refrão se juntam as vozes dos presentes de modo que não há limitação no espaço onde ocorre o marabaixo sobre quem dança e sobre quem canta, existindo sim, uma hierarquia dada pelo saber e pela maestria da técnica de cantar e compor.

Essa abertura ao outro, faz dos salões abertos, em tornos das casas de famílias cujas linhagens se fizeram as bases de manutenção e difusão do marabaixo, um espaço democrático e participativo em que, durante as festas, uma enorme regalia seja oferecida aos marabaixeiros e convivas. Uma das regalias é a oferta de bebidas à vontade, com grande consumo de cerveja, mas também a distribuição da tradicional gengibirra, bebida à base de cachaça e gengibre que tonifica o peito e protege a voz dos cantores e que ainda eleva os humores ao nível do êxtase cantante e dançante. Este êxtase se dá na forma de um crescente, na aceleração dos tambores, na aceleração dos giros, no aumento da intensidade do canto e culmina com gritos onomatopaicos por parte das dançarinas (d). Outras das regalias são os almoços fartos com carne e peixe assado bem como o caldo de carne de boi e legumes servido à noite e durante as madrugadas para manter os marabaixeiros com ânimo para dançar sem parar.

A música do Marabaixo é feita com tambores chamados caixas, geralmente temos até três caixas para acompanhar as vozes sem amplificação, contudo, em lugares com caixas de som e microfones, que é o mais usual, podemos assistir até cinco ou seis caixas ao mesmo tempo. É interessante notar que é sempre possível encontrar uma picape de som mecânico acompanhando as apresentações, a essas, os locais chamam de Aparelhagem. A música é exclusivamente percussiva. A duração das apresentações é prolongada, chega-se a dançar ininterruptamente mais de 12 horas, para tanto os dançarinos e os grupos convidados se revezam. A dança das mulheres segue com passos miúdos, mantendo os ombros eretos e rijos, com as cinturas que se movimentam para os lados, nos momentos mais esfuziantes da música, elas começam a girar da direita para a esquerda, fazendo voltas inteiras ou apenas meias-voltas. Para o efeito cênico, contribuem grandemente as saias franzidas, ou godês, com apliques de renda e muito estampadas que junto com as anáguas, no momento de giro, criam um impactante cenário para a expressão cultural, complementado pela decoração do espaço que é feita com papel de seda recortado e colado em fileiras, que recobrem todo o teto e cuja leveza faz com que sejam agitadas pelo vento. Os homens também dançam, com calças e camisas de botão, no mais das vezes brancas, eles exercem o papel de mestre salas, curvando-se e reverenciando a dama que gira. O grupo inteiro de praticantes gira pelo salão em sentido anti-horário, acompanhando as caixas e os cantadores, às vezes os respondentes ficam parados ao microfone.

Os grupos de Marabaixo não são extensos, chegando a incluir entre seus praticantes cerca de 70 membros em média, no entanto, como expressão aberta, durante as festas o número de convidados e dançantes pode ultrapassar facilmente a casa das centenas de pessoas, recebendo como público, visitantes da mais variada origem e grupos amigos que vêm da vizinhança ou mesmo de longe. De forma que existe uma rede de visitação e de amizade que são retribuídas com festas e que faz os grupos se movimentarem o ano inteiro.

Quanto ao ciclo de festas da capital, eles seguem o calendário cristão móvel de ano a ano. Os marabaixos começam no sábado de aleluia e prosseguem no domingo da ressurreição, interrompendo suas apresentações por cinco semanas, quando reiniciam suas atividades com o corte do mastro que receberá à bandeira, o corte e a procissão da murta, erva com poder espiritual de limpeza que é amarrada ao mastro e que durante a procissão é levada pelos marabaixeiros em molhos e também como se fossem vassouras, e vão simulando a varrição das ruas por onde passam. Nos dias seguintes acontecem os levantamentos dos mastros, separadamente os da Santíssima Trindade e o do Divino Espírito Santo, a festa se encerra com a derrubada do mastro e a escolha do festeiro para a próxima festa. Por isso é chamado ciclo, a última etapa em um ano é a primeira etapa da festa do próximo ano. Assim, as pessoas ficam engajadas o ano inteiro.

Referências:

Antônia do Carmo Costa – Entrevistada em 27 de março de 2013 (a)

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 27 de março de 2013 (b)

Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 07 de maio de 2013 (c)

Naíra Paula Sena de Sousa – Entrevistada em 31 de março de 2013 (d)

Paulo de Assis Nascimento Lino – Entrevistada em 28 de março de 2013.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

As atividades do Marabaixo formam um complexo que sustenta sua expressão com dança e música, assim é empenhada uma série de espaços privados e públicos que se conectam à estrutura familiar, à estrutura religiosa e à estrutura social e política que precedem e subsistem ao Marabaixo. O tópico se desenvolverá numa progressão que descreverá desde os espaços íntimos até os espaços públicos percorridos e apropriados durante a manifestação cultural. Falar desses espaços então é discorrer de maneira simultânea sobre as cenas da vida privada e pública que o Marabaixo compõe e revela (a). O Marabaixo nessa perspectiva oferece ao Amapá uma forma singular de sociação (b).

O lugar do Marabaixo passa necessariamente pela casa de família. Uma das primeiras percepções em campo foi o papel fundamental da linhagem familiar na constituição dos grupos, na determinação da herança cultural e junto com ela na autoridade e legitimidade para fazer o Marabaixo. As casas são humildes, construções vernaculares, a maioria de madeira como é típico no norte do Brasil. A esse núcleo da construção foram se somando cômodos em alvenaria onde habitam membros de um extenso parentesco, que ficam responsáveis pela manutenção do local. A casa em dias de Marabaixo também serve como pouso além de servir refeições. Nas casas em que ocorre o Marabaixo, adaptações importantes foram feitas pensando na multidão do dia de festa, grandes estruturas abertas de madeira na frente e atrás da casa, servem respectivamente para a dança e para a cozinha que na época do marabaixo funciona quase em tempo integral.

O terreiro de dança é muitas vezes acoplado à casa dos festeiros e das famílias representativas do Marabaixo. No interior, contudo, é de costume ver terreiros de uso público separados das casas de família e que servem tanto ao Marabaixo como para quaisquer outras reuniões da comunidade. Com dimensões médias de 50m² esses terreiros podem ser circulares ou retangulares, mas todos vistos são estruturas de madeira cobertas, abertas na lateral, com piso de cimento liso, ou mesmo cimento grosso. Alguns possuem assoalho de madeira, erguendo-se sobre o chão. Nesses terreiros se dança, se bebe, se come. Geralmente serão dois terreiros, um para a execução do marabaixo e outro para receber os convidados de forma que eles descansem e, sobretudo, comam.

Parte essencial do Marabaixo é a confecção das caixas, instrumentos musicais que acompanham o cantar dos versos, também chamados ladrões. No Curiaú, existe junto do terreiro que serve ao Batuque e Marabaixo do Centro Cultural Raízes do Bolão, uma oficina para a confecção destes instrumentos (c). Oficina simples com instrumentos de marcenaria, usada como depósito também, esse espaço guarda e produz instrumentos nos mais diversos materiais para toda a região.

Ressaltamos também os percursos que são utilizados no Marabaixo, principalmente nas procissões de Santos e no Ciclo de Macapá. Os percursos ocorrem no perímetro das comunidades que os grupos atendem e incluem locais mais distantes. Também há o corte do mastro e da Murta, a procissão do mastro pelo bairro do grupo, mastro que após cortado, fora guardado na casa de algum membro (possivelmente parente do grupo), essa procissão percorre a casa de marabaixeiros respeitados, mas cuja condição de saúde os impede de continuarem participando do Marabaixo, promovendo assim a inclusão dos mais idosos bem como dos enfermos. A procissão de pentecostes na qual os

marabaixeiros vão em comitiva e participam da missa na igreja mais próxima de seu grupo é tida como uma vitória pelo Marabaixo como um todo, na medida em que é muito recente (2012) a liberação da Igreja e a aceitação do grupo dentro dela. Citamos, por fim, o Cortejo da Murta, evento recente que é promovido pelas associações de defesa da cultura negra e que atrai grupos de Marabaixo do interior do Estado que partem desde a orla do Rio Amazonas até a Igreja de São José onde é feito o encontro simbólico das bandeiras, como se o Marabaixo voltasse a ser um só, como nos primórdios de sua memória.

A igreja desempenha um papel marginal na festa. Apesar do Marabaixo se constituir como devoção, essa devoção é desempenhada em casa, de forma familiar com recurso a rezadores que vão às sedes durante o período de novena, em que não acontece o marabaixo. Mas é importante que a igreja tenha se aberto à visitação do marabaixo uma vez que indica uma oficialização da prática e acolhe de volta muitos católicos em vez de os marginalizarem em nome de uma prática que não se ajusta perfeitamente ao credo religioso romano.

Assim é que o Marabaixo se apropria dos espaços públicos, tomando a rua, saindo em procissão pelo bairro, visitando grupos distantes e próximos durante as festas religiosas nas quais se dança. Mas existem apresentações fora da época de festa, que empenham outros espaços de forma lúdica e educativa. Para tanto podemos citar as apresentações em festivais folclóricos, em escolas e no Aeroporto de Macapá para recepcionar visitantes (d).

Referências:

CRAPANZANO, Vincent. A cena: Lançando sombra sobre o real, Revista Mana vol.11 n.2; Rio de Janeiro, Out. 2005. (sobre a ideia da descrição etnográfica como composição de cena consultar) (a)

DA MATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985. (sobre a discussão da vida privada)

DUBY, Georges. Poder Privado e Poder Público. In: História da Vida Privada, Vol 2, Da Europa Feudal à Renascença. 2010. Bem como, DaMatta, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985. (sobre a discussão da vida privada)

Francisca Ramos dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013 (c)

Marilda Silva da Costa – Entrevistada em 10 de maio de 2013 (d)

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006. (sobre o conceito de socialidade) (b)

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Em vista do caráter doméstico na administração da forma de expressão, ou mesmo da proveniência popular dela, os lugares de acontecimento do Marabaixo detêm poucos marcadores espaciais; se um desconhecido passar pela rua pouco vai saber sobre o lugar, que ali se celebra o Marabaixo. As casas do Marabaixo têm como marcos apenas o grande terreiro na frente que fora da época de festa se assemelham a qualquer outros dos muitos na cidade. No entanto, mais recentemente, os grupos se preocuparam em tornar a prática mais pública, para além do período de festa, por isso eles possuem banners com fotos do grupo e, sobretudo, fotos dos antepassados como forma de reconhecimento e de justificação da tradicionalidade. Na Associação Zeca e Bibi Costa (AZEBIC) há uma pintura na parede lateral do recinto de dança com a inscrição de um dos refrões mais conhecidos do Marabaixo: *"Rosa branca, Açucena ô lê lê!" Case com a moça morena ô lê lê!"*. Não há nenhuma praça ou monumento dedicado ao Marabaixo. Quanto aos marcos naturais, citamos o Curiaú como fonte da tradicionalidade negra que povoa Macapá e que mesmo se concentrando na prática do Batuque, contribui muito com a produção do marabaixo, já que conserva a tradição dos rezadores de ladainha bem como da produção de caixas para o Marabaixo.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Os elementos mais chamativos na transformação de um lugar comum em espaço para o Marabaixo são: os altares, os mastros e a decoração de teto. Esses elementos mostram que naquele espaço um Marabaixo está sendo dançado. O primeiro dos elementos citados, o altar, testemunha que o Marabaixo é dançado sob o signo do sagrado, um sagrado lúdico é verdade, mas, sobretudo, ele diz respeito a uma sacralidade doméstica que herda os santos de família e assume o compromisso de seguir os louvando. Os mastros são o meio de conexão entre o céu, o domínio dos santos e a terra, domínio dos homens, ele opera essa passagem ao sagrado e dedica à festa, indica a grande distância que ali se celebra o poder de Deus e seu mistério (a). O Mastro sustenta a bandeira do Divino e da Trindade, que por sua iconografia remete às pombas, formas visíveis do espírito de Deus na unção do Cristo e a coroa da divindade que

impõe sua autoridade e mostra a presença e o poder divino durante as danças do Marabaixo. A respeito do mastro os praticantes do Marabaixo cantam: *"eu subo a árvore e caio do galho, eu caio, eu caio, eu caio! Senhora me aguenta senão eu caio!"* (b). Esse trecho do rito de levantamento do mastro é carregado dessa simbologia de subir ao céu, da lembrança da proveniência do mastro, da condição humana incapaz de ascender sem o concurso da Santidade. Por fim, a decoração do salão de danças, com papel de seda ou crepom azul recortado em fileiras que se agitam ao vento esconde o teto e faz-nos olhar para um céu estilizado reforçando a ideia do mastro que aponta para o Céu. O teto decorado sugere ainda o trabalho coletivo de dedicação ao Marabaixo, cortado, fiado, colado uma a uma, ele revela o esmero na provisão do melhor que se têm à disposição.

Referências:

ELIADE, M; COULIANO, I.P.; WIESNER, H.S.; BENEDETTI, I.C. Dicionário das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (a)

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE	O Marabaixo tem duas formas de marcação temporal que diferenciam o Marabaixo da capital Macapá e o Marabaixo das comunidades interioranas. Enquanto na capital a expressão segue o ciclo católico que vai desde o sábado de Aleluia até o Corpus Christi, se configurando no limiar entre a forma de expressão e a celebração, perfazendo um calendário móvel de acordo com os cálculos lunares que a igreja usa pra determinar a cada ano seu ciclo, no interior do Estado, o Marabaixo acontece mais pontualmente durante as festas dos santos reverenciados em cada comunidade. Existem também os grupos do interior que herdaram de seus antepassados a devoção de santos e para os quais promovem festas familiares nos dias consagrados a esses santos. Os grupos também visitam outras festas no decorrer do ano, criando uma rede de solidariedade festiva. O Marabaixo tem ocorrido efetivamente há mais de três gerações em Macapá e ininterruptamente desde a fundação dos grupos no interior do estado do Amapá. A partir da década de 1990, o Marabaixo sofreu um reavivamento, com a redescoberta da forma de expressão pela juventude amapaense, o reconhecimento e o apoio oficial da prática. De forma que muitos grupos surgiram a partir de então e os grupos que já existiam viram suas fileiras aumentarem, fazendo com que o Marabaixo deixasse o lugar de expressão marginal ao qual com o tempo foi sendo relegado como atividade de "negro e velho" (a) passando a ser visto como patrimônio cultural a ser estimulado e como portador da herança legítima da africanidade que participa da matriz formadora do Amapá, conferindo distinção aos praticantes, bem como protagonismo político a eles. **Referência:** Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013. (a)

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

8. BIOGRAFIA

Em vista desta ficha se referir ao conjunto do Marabaixo, preferimos ao invés de isolar a história de algum executante paradigmático traçar um panorama das personalidades que se tornaram a referência do Marabaixo e cuja herança memorial é reverenciada pelos grupos que se formaram em torno do ideário destes homens e mulheres. Em todos os grupos visitados pedimos para que nos fossem contadas as histórias dos ancestrais e fosse feita uma lista da "velha

guarda" do grupo, depositários vivos da história afetiva local que foram visitados e entrevistados posteriormente.

Começamos com o depoimento de Danniela Patrícia da Silva Monteiro, representante da Associação Cultural Raimundo Ladislau (a). Ela nos fala de dois precursores do Marabaixo Julião Ramos, seu bisavô, e Dona Gertrudes Saturnino do Bairro da favela, hoje Santa Rita. "Tudo começou na frente de Macapá, hoje onde é a residência oficial do governador, a OAB", essa região era onde estas pessoas moravam e lá se dançava o Marabaixo, "era conhecida como Vila de Santa Engrácia, era um grande casarão, minha avó conta, onde eles cultuavam seus santos de devoção. Eles dançavam ali no entorno do Formigueiro, do Largo de São João, Praça Barão do Rio Branco". Em 1943, chega o interventor nomeado para o recém-criado Território do Amapá, Janary Nunes, que com seus planos de urbanização de Macapá, acreditava que essa população "enfeava" a frente da cidade, de forma que os "convidou" a se retirarem dali. "Mestre Julião já tinha dois irmãos que já moravam no bairro do Laguinho. Na verdade, o Coronel Janary já tinha dado para eles um terreno mais próximo dali (de onde viviam), ali pela Avenida Álvares da Costa, próxima da Avenida Tiradentes, que é o centro da cidade ainda, e era destinado a estas pessoas, mas Mestre Julião não quis, preferiu vir para os campos do Laguinho". Julião preferiu ficar perto dos irmãos.

A continuidade do Marabaixo com Mestre Julião foi difícil em vista da precariedade do lugar para onde foram, sem ruas, sem caminhos. "mas ele conseguiu ter uma aproximação com o governador na época (Janary) através do Marabaixo. O governador teve um certo interesse (...) e mandou abrir ruas e fincar postes, trouxe energia elétrica". Isso ajudou a manutenção da festa que recebia gente de todas as comunidades. "Vinha gente do Curiaú, porque a esposa do Julião, minha bisavó, era de lá, vinham pessoas do Igarapé do Lago. Na verdade o ciclo do Marabaixo era então um grande reencontro". E assim o Marabaixo do Laguinho prosseguiu com a presença de Julião até o final da década de 1960, quando ele faleceu.

Assim os filhos de Julião Ramos: Tia Biló (única filha viva e avó de Danniela), Martinho Ramos, Joaquim Ramos, que tinham muito orgulho do que herdaram, o qual, na época, chamavam de folclore. "Joaquim Ramos chamado Munjoca era um dos que tinham mais interesse, aprendeu com o avô". Chamaram um amigo da família, Francisco Lino da Silva, que tinha muito envolvimento de carnaval, que os ajudou a fazer um estatuto para fundar a Associação Cultural Raimundo Ladislau em 1988 com o intuito de fomentar ainda mais o Marabaixo.

Por sua vez, Raimundo Ladislau "foi um grande poeta e um grande amigo de Mestre Julião Ramos". Ele foi o autor da maioria dessas cantigas de Marabaixo do Bairro do Laguinho, os ladrões como são chamados. Inclusive, foi ele o compositor de uma das mais emblemáticas cantigas do Marabaixo, cantiga que ultrapassou as fronteiras e foi gravada por Luís Gonzaga, chamada "Aonde tu vai, rapaz?" que retrata esse processo histórico de retirada da população da frente da cidade. Mas o Raimundo Ladislau era tido como uma pessoa muito tímida e nunca cantou em público suas músicas. Por questões religiosas, como ele era católico devoto, participante da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, ele escolheu não sair da igreja, que proibia a participação no Marabaixo. Então ele compunha e Mestre Julião cantava. Outro elemento importante para o anonimato é que na época muitas músicas falavam de pessoas poderosas e havia um temor dessas autoridades. Assim, muitos acreditaram que Mestre Julião foi um grande compositor, mas na verdade ele nunca compôs, ele possuía um grande carisma e transitava bem pelos espaços de poder.

A memória viva do Marabaixo compreende nomes tais como os seguintes: Tia Zefa do Quinca, Tia Zezinha de Mazagão Velho, Tia Luci, marabaixeira de dançar, Dona Joaquina Bruno e Dona Dica Bruno, filhas do Mestre Bruno, Tia Fé, grande costureira do Marabaixo, Dona Zita, Tia Tereza, de 106 anos que ainda frequenta os Marabaixos, avó do H. Maia, compositor e cantor de Marabaixo.

Marilda Silva da Costa, importante representante do Marabaixo da Favela (b) nos conta que a Dona Gertrudes, outra das figuras fundantes do Marabaixo, era filha de escravos. Gertrudes participou do momento histórico de nascimento do Amapá como entidade desmembrada do Pará e mostra em sua biografia como se confundem a história do Estado do Amapá com a História do Marabaixo, numa época que a expressão ocorria como que escondida do olhar oficial. Relativizando aquele momento histórico, Marilda diz: "será que o Janary gostava realmente? Ou eram os interesses que estavam subjacentes e ele, estava exatamente querendo a simpatia para fazer aqueles projetos?" Era uma dança estigmatizada e como que uma autoridade ia gostar, a própria interlocução foi sempre com o Laguinho. A Favela sempre foi muito questionadora!". Uma parcela dos negros foi resistente ao desalojamento e em contraposição a decisão de ir para o Laguinho foram para a Favela, que em função disso nunca foi reconhecida como tal, tendo seu nome desde o começo sido apagado pelo nome de Santa Rita.

Antes, era um grupo único que se reunia na frente da cidade, quando houve o

> desmembramento da população negra, automaticamente houve uma quebra, que de certa forma enfraqueceu a expressão como um todo, e a população da Favela era muito menor e não lideravam a manifestação cultural. A realização da manifestação cultural era liderada por uma mulher que não tinha direito a voto nem voz e era negra. A Gertrudes era uma mulher à frente de seu tempo, que quebrou muitos paradigmas, que não se sujeitou a fazer o que era determinado (...) e decidiu também fazer a manifestação onde ela morava. Além do mais, tinha todo o forte da religiosidade (...) que foi a força motriz de decisão dela de cultuar suas devoções através dos tambores. (Marilda Silva da Costa).

Isso aconteceu a partir de 1950.

> Gertrudes tinha uma personalidade muito forte (...) ela era uma referência de mulher de luta. Antigamente as mulheres tinham que estar submissas aos maridos, ela casou, não aceitou a submissão do marido, simplesmente largou o marido, casou de novo, teve cinco filhos, não se submeteu a exatamente aquilo que os homens de antes queriam (...) e ela congregava as pessoas com muita facilidade, grupos de pessoas em torno dos objetivos que ela queria. (Marilda Silva da Costa).

Ela foi a primeira a criar o clube de sócios em Macapá, onde os associados eram crianças, porque a devoção era para os inocentes (as crianças) e os pais eram tidos dentro desse contexto dos tutores. Nesse caso, Marilda nos explica que a devoção da Santíssima Trindade destinava-se à proteção das crianças. As crianças eram as beneficiárias das promessas e ritos, tanto o é que, até hoje, no grupo existe esta singularidade de oferecer no domingo da santíssima trindade um almoço dos inocentes, um almoço em que as crianças são servidas primeiras. Então, quando Gertrudes começou o grupo, as crianças eram tidas como os principais elementos e os pais assinavam o livro de associados em nome delas. Deste livro de associados, a cada ano, por sorteio, eram tirados os festeiros e os novenários, exceto quando havia promesseiros.

Esse livro foi passado de mão em mão, de geração em geração, inclusive vindo a estar em posse de Zeca Costa, que deu origem a AZEBIC, ele era filho da Raimunda Costa que era parceira da Gertrudes. Então, Zeca Costa em sua infância era sócio inocente e sua mãe a tutora, passou mais tarde a ser sócio tomando assim a responsabilidade pelo Marabaixo. O mesmo se deu com Natalina, que era filha de Gertrudes, que depois passou para dona Maria José Libório. E esse costume foi assim também com a família Congó, com dona Dica Congó e seu Benedito, cujos filhos passaram a serem os realizadores. De forma que esta é uma das faces da constituição dos nomes tradicionais que povoam o imaginário do Marabaixo na Favela, e que tiveram em Gertrudes Saturnino sua raiz e seu modelo.

Mônica do Socorro Ramos, representação do Marabaixo do Mestre Pavão (c) nos fala da constituição da memória do Marabaixo em Macapá. Ela nos diz que o ciclo do Marabaixo acontecia em várias casas: na casa de Dona Biló, na casa de Mestre Pavão, na casa da Dona Felícia e na casa de Dona Naíra, e ele fazia uma volta pelas casas e era uma promessa dos que faziam. O pai de Mônica, Raimundo Lino Ramos conhecido como Mestre Pavão teve uma longa história com o Marabaixo. Nas palavras dela, “meu pai foi um homem que sempre brigou” isto é, sempre lutou pelo Marabaixo. Sendo um homem que havia viajado muito, usou seus contatos para aumentar seu conhecimento sobre a cultura negra. “Papai fez um projeto, junto com o César Barcellos”, assim criou-se o grupo que recebe verbas públicas para a realização do Marabaixo.

Mestre Pavão foi um dos fundadores do Grupo Raimundo Ladislau, que lutou pela introdução do Marabaixo no currículo das escolas. E preparou sua filha para sua sucessão.

> Eu não gostava muito de Marabaixo, queria era dançar o brega mesmo, e ele me sentou do lado dele e disse: para com isso, brevemente estou indo embora e preciso deixar alguma pessoa para me substituir no Marabaixo. Somos seis filhos: Ana, Paulo Sérgio, Raimundo Lino Filho, Gerson, Felícia e eu que sou a caçula. Ele falava: hoje você é quem vai fazer a gengibirra (...) e eu ali desconfiada e ele me levava para as apresentações do lado dele, me ensinava a cantar, a bater caixa... aí ele me colocou para estudar, para fazer História, fiquei três semestres e eu não gostava e saí e fiz pedagogia e me tornei professora. Ensinou-me a cortar o mastro, a tirar a murta. Aprendi com ele a lutar, ele me ensinou que quando a gente mais trata uma pessoa bem, mais ela volta. E agora estou passando para os meus filhos, todos estão batendo caixa, três estão cantando, e assim estamos levando para frente. (Mônica do Socorro Ramos)

E assim passando da biografia dos que abriram os caminhos para que o Marabaixo se tornasse uma das grandes expressões do Amapá, Mônica aponta para a nova geração, que herdando a tradição e com as capacidades renovadas vão assumindo o protagonismo nas apresentações de Marabaixo, como no caso de Iury Soledade, que é tido por todos como uma grande revelação aos 15 anos de idade e que este ano (2013) recebeu a comissão de ser festeiro do próximo ano.

Referências:

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Marilda da Silva Costa – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Mônica do Socorro Ramos – Entrevistada em 20 de maio de 2013.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O Marabaixo, dentre as manifestações africanas aportadas no Brasil, guarda uma especificidade que é a de incorporar ao seu mito de origem e à sua performance ritual, o translado do oceano Atlântico. Assim, ele compartilha com o congado a história dessa travessia, mas com conteúdos menos messiânicos que aquele. Por que se no congado, é Nossa Senhora do Rosário quem atravessa o mar, no Marabaixo são os próprios homens. Na maioria dos relatos é um preto velho que, lançado no navio negreiro, não suporta a viagem e acaba sucumbindo à morte. Mas não sem antes, ensinar para os demais na embarcação os cantos e danças para sua despedida, quando o corpo fosse entregue à imensidão líquida e levado mar abaixo. É interessante lembrar aqui que na raiz banto, o mar, o barco e a travessia para o além, são todos termos aparentados. A *kalunga* era tanto a embarcação, quanto o processo de passagem da vida à morte. O além era a perdição no mar. Acreditava-se no Congo que os mortos atravessavam o mar e não por acaso as primeiras cerimônias fúnebres usavam do barco como metáfora do transporte ao além (a). De modo que essa morte do preto velho além de por em cena antigas crenças de imortalidade, ensina o modo correto de despedida dos que se vão e remete à realidade mais imediata a essa tenebrosa viagem para um lugar desconhecido do qual não se voltaria. Assim, o Brasil era esse além que tanto era a morte sem despedida dos que ficavam como o nascimento para outro mundo que exigiria outras formas de expressar esse banzo e a esperança de libertação.

Deste modo, o Marabaixo se fixou na memória de seus praticantes como canto de lamento e dança de arrastar os pés em lembrança dos que se foram e mais tarde do jugo daqueles que sobreviveram à travessia. A própria índole dos que aqui chegavam, provavelmente conhecendo e participando de ritos, despojados de tudo, ortos para vida que tinham antes, proibidos de se expressar e obrigados a encontrar no vocabulário cristão, meios de tradução de como se sentiam e como viam o mundo, cuja tradução era impossível e cuja reprodução assim cerceada induziu à criação de formas autênticas, derivadas das pré-existentes e das que encontraram, autônomas em seus conteúdos e na significação que outorgavam ao mundo em que viviam. Mas de forma concreta, essa ideia de lamento determinou como se encaminharia as danças e cantigas do Marabaixo, que de principio eram mais compassadas e lentas e os passos miúdos que não tiravam os pés do chão (b).

Contudo, com a passagem do tempo, com as condições sociais dos filhos e netos melhorando consideravelmente como a distância da memória direta da escravidão, numa época em que os direitos sociais são mais respeitados e a condição de negro passou a uma valoração positiva, bem como o Marabaixo passou a ser atividade de valor e fonte de distinção não só para os executantes como para todo o Estado do Amapá, esse lamento foi cedendo lugar à condição mais efusiva, mais festiva e celebradora do status vigente. Os negros ainda possuem muito pelo que lutar, mas já conseguiram vitórias importantes e sabem que suas formas de expressão devem ser comemoradas e divulgadas entre todos, de forma que uma de suas estratégias para a atração dos jovens passou pela eletrificação do som, por mais instrumentos e esses deveriam ser mais potentes. Assim, a música e dança do Marabaixo adaptando-se à mentalidade recente passaram a ser mais rápidas e mais agitadas, bem ao gosto dos jovens que fora do Marabaixo escutam tecnobrega e músicas sincopadas que exigem grande esforço físico.

O fato é que essa mudança na índole interfere diretamente no jeito de compor as músicas do Marabaixo, chamadas ladrões, por que implicam numa apropriação dos fatos da vida cotidiana que são transformados em motivos festivos. As músicas passam a expressar orgulho, mais que lamento, e mesmo as composições tradicionais vão ganhando novas roupagens. Interfere também no estilo de cantar, que deixa de ser mais lento e solene, para se tornar mais rápido e incitante. Interfere ainda no jeito de dança, cujo modelo clássico sugeria pés descalços que se arrastavam em referência aos grilhões que acorrentavam os negros e hoje se dança tirando os pés do chão, numa expressão mais esfuziante e saltitante.

Listamos a seguir outras diferenças: o modo de organização da festa que antes se dava por meio de livros de nomes e sorteios, como, por exemplo, a cerimônia de descida da bandeira em que uma disputa acirrada determinava que quem tocasse primeiro a bandeira quando ela descesse seria o festeiro da próxima festa (c). Esse costume foi encerrado, ficando os festeiros como organizadores provenientes dos troncos familiares principais da expressão, uma vez que os recursos agora são canalizados via poder público e o investimento pessoal na festa se dirige mais a organização logística, à divulgação, à preparação e à participação.

Outra mudança se deu no conceito de ciclo em Macapá, uma vez que antes não havia grupos, primeiro havia apenas uma festa com apenas as duas bandeiras, a divisão do Marabaixo fez com que em primeiro lugar se criasse um ciclo de visitação entre as casas mais tradicionais de prática de Marabaixo, essas foram o embrião da formação das associações. Nesse período, formou-se grande parte da “velha guarda” hoje viva, que ao invés de serem dispersas, conviviam em maior intimidade. Depois surgiram as associações e inevitavelmente as festas se fragmentaram e as apresentações de Marabaixo se multiplicaram, restando pouco tempo para as visitas de um grupo a outro, costume que os principais representantes tentam manter apesar da difícil agenda. Esta divisão em grupo gera conflitos, que não ameaçam a expressão, mas que impõem certa animosidade diante de visões conflitantes sobre o que creem que seja o

verdadeiro Marabaixo e como se deve cumpri-lo. De certa maneira, este conflito em torno da vaidade leva a espetáculos cada vez mais esfuziantes e impactantes. Por fim, outra mudança se deve à introdução do financiamento público que ao estabelecer uma competição entre os grupos por recursos escassos, e fomentar o conflito que se manifesta de forma faustosa, fazendo com que os grupos gastem cada vez mais, de modo que os recursos governamentais não acompanhem esse aumento do gasto, e a reduzida participação de patrocinadores privados, acabam por criar o risco de espetacularização do Marabaixo, reduzindo sua inventividade, e por outro lado põe em risco as redes sociais de longa duração que o Marabaixo criou, rompendo com a solidariedade que marcava as primeiras festas em que cada um contribuía com o que tinha e o estímulo era a camaradagem que em tempos de festas subsidiadas tende a enfraquecer (d).

Referências:

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013. (c)

Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 07 de maio de 2013. (b)

SOUZA, M. M. Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002. (a)

YÚDICE, G. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004. (d)

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A discursividade do Marabaixo se prolonga através de várias ramificações que indicam o modo como esta forma de expressão forma um complexo cultural que abrangem os mais diversos campos de saber. Num primeiro momento podemos dizer que as canções e a dança seriam formas narrativas diretas das crenças e do modo como elas foram cristalizadas levando consigo uma religiosidade fundida ao cotidiano, contando assim, além da devoção, relatos da vida social associada ao bem cultural em questão. Então, aquilo que as músicas contam, o modo como contam, como dançam, tudo isso molda uma forma sofisticada de comunicação em que são empenhados conhecimentos rituais, status sociais e relações com outrem. Essa comunicação cifrada separa os marabaixeiros dos demais segmentos sociais, conferindo-lhes coesão e intimidade através de segredos e piadas internas, para citar alguns exemplos. A forma por excelência dessa comunicação festiva, por gestos e versos, são os ladrões, assim chamados, porque seus autores roubam poeticamente da realidade subjacente os dados para a construção de suas ficções de sentido. Ladrões também são aqueles cantadores que tomam a palavra do outro para si, no desafio, episódio típico em que dois cantores competem com versos, mas também com a imposição do olhar e dos gestos. Dança e cantigas se misturam e criam um ambiente em que a autoridade é disputada de forma lúdica e cênica.

Em seguida, podemos falar nas narrativas orais, nos depositários vivos da memória que são o tesouro de cada grupo, que na sua experiência, podem testemunhar o convívio com os antigos, sabem contar como era e como se tornou, sabem ensinar e, sobretudo, sabem contar casos nos quais, muitas vezes, opera o esquecimento, mas também a vaidade de uma boa prosa e a necessidade humana de ficção. Dessa maneira, os casos vão se confundindo e a história real lentamente vai se transformando em história mítica (a). Citamos aqui o imenso talento de Dona Zezinha de Mazagão Velho, que em sua fala, lança mão das diferentes práticas que conheceu em sua vida, no Maranhão, no Igarapé do lago, na própria Mazagão, de forma que em sua fala esses elementos vão se construindo numa belíssima e coerente bricolagem e vemos surgir magicamente o Marabaixo, o Batuque e o Sahiré.

Uma das narrativas que mais interagem com o Marabaixo é a narrativa que trata da afirmação negra. Essa narrativa e o Marabaixo se reforçam mutuamente, pois foi por ela que os praticantes do bem cultural acharam o meio de fazer sua voz valer nos espaços de poder e por ela conquistaram uma importante medida de reconhecimento bem como o atendimento de algumas de suas reivindicações sociais. Assim, esses discursos agem reciprocamente, um sobre a forma de posicionamento político do Marabaixo e o outro através da dinâmica exemplar da dominação e do modo de reparação das injustiças que historicamente se sobrepõe. Assim, como reflexo dessa interação discursiva, é que podemos analisar a relação tão complexa do Marabaixo com as entidades de defesa das raízes africanas locais, como a SEAFRO, a UNA e mesmo a conformação dos grupos do Marabaixo como entidades jurídicas e que pleiteiam verbas e encaixam-se em programas exemplares do governo Federal no campo da cultura podem ser entendidas como desdobramento dessa face que implica num conhecimento cada vez maior do direito e da participação política. Um testemunho disso é a 'Cartilha Tambores no Meio do Mundo', editada em 2013 pela Seafro, em que as principais características do Marabaixo são descritas didaticamente em linguagem acessível, ou o livro de Esmeraldina dos Santos, personagem de relevo do Curiaú, "Histórias do Meu Povo".

Desta formação de uma elite culta negra pela participação do Marabaixo aos discursos acadêmicos que o tem como fonte de pesquisa é um passo. É interessante perceber que há uma extensa pesquisa, principalmente na graduação, o que indica um interesse da juventude e confirma a retomada do processo de transmissão do Marabaixo principalmente

a partir de 1990. Dentre os trabalhos de estilo monográfico citamos o clássico de Nunes Pereira: “Sahiré e Marabaixo” de 1951; Nilson Montoril com seu “Mar acima, Mar abaixo: de ladrão em ladrão a saga de uma nação”; Fernando Canto, com seu livro “Água Benta e o Diabo” que analisa os conflitos entre a religiosidade popular do Marabaixo e a religião oficial, o livro de Piedade Lino Vieira “Marabaixo, Dança Afrodescendente, significando a identidade étnica do povo amapaense” e mais uma série longa de títulos, que vão buscar entender o que é Marabaixo e como ele se relaciona com as matrizes culturais amapaenses. Aqui uma confluência com o discurso antropológico e do direito faz com que reencontremos o discurso afirmativo negro balizado em sua justificativa científica. Todos os trabalhos consultados visam à explicação, à dissecação, à exortação e à política pública, através da denúncia e da evidência da singularidade bem como da tradição do Marabaixo.

A relação do Marabaixo com outras formas de expressão, principalmente o Carnaval, são inúmeras, lembramos que Macapá possui dez escolas de samba e um sambódromo testemunhando a importância da prática para a cidade. Em Manaus, em 2002, a Escola de Samba Ipixuna, desfilou com o samba Marabaixo, fazendo uma homenagem a essa forma de expressão. Em Macapá, este ano, 2013, a Escola de Samba Império da Zona Norte desfilou o samba-enredo "Batuque e Marabaixo: Sons de Reis que Ecoam da Mãe África".

A televisão, por sua vez, mantém uma agenda para o Marabaixo durante o ciclo em Macapá, acompanhando ao vivo certas partes do Rito, porém sempre buscando aquele enfoque folclorista e de curiosidade, veiculando o evento, mas não penetrando a fundo nas implicações para as comunidades que fazem o bem e nas relações que subjazem ao seu acontecimento. Por fim, falamos da oportunidade que os grupos têm de forjarem suas narrativas através da viagem e do contato com outros grupos, por meio de convites a festivais culturais no Brasil e no exterior.

Referências:

BUCK-MORSS, S. Dialética do olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens. Belo Horizonte: UFMG; Chapecó: Uni. Argos, 2002. (a)

Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 07 de maio de 2013.

SANTOS, Esmeraldina. Histórias do meu povo. Macapá: Confraria Tucuju. 2002. 39 p.

Tambores – no meio do mundo. O rufar da cidadania. Macapá: Seafro, 2002.

9.3. CRONOLOGIA .

DATA	DESCRIÇÃO
Século XVII-XVIII	Ocupação do cabo do Norte (1630), litígio com a França pela posse da margem norte do amazonas (1694-1713); Formação da Província Tucuju (1690), dos Redutos de Macapá (1738) e do Forte de Macapá (1760); O Capitão-Geral da capitania do Grão Pará, Fernando Costa de Ataíde Teive inicia a construção do Forte de São José (a) conforme a política pombalina (1764). Importação de escravos para a obra (1765) e conclusão da obra (1783). Chegada das famílias trazidas com escravos de Mazagão no Marrocos e fundação da Nova Mazagão, hoje Mazagão Velho (1770,1773). Chegava junto com negros suas formas de expressão, que mais tarde conformariam o Marabaixo, o Batuque e o Sahiré (b). **Referência:** AMARAL, Augusto Ferreira do. Mazagão: a epopeia portuguesa em Marrocos. Lisboa: fundação oriente e comissão portuguesa de história militar, 2007. (b) SERAPHICO, Luiz; KLINTOWITZ, Jacob; FIALDINI, Rômulo. Fortalezas históricas do Brasil. São Paulo: Rhodia, 1983. (a)
Século XIX	Reavivamento da disputa pelo território com a França (1836-1900); primeiras tentativas de criação de uma província (1853, 1859, 1870); criação da República Independente do Cunani (1886) liquidada pelo governo francês (1887); renascimento do Cunani (1901) (a). **Referência:** WHITEHEAD, Neil L; ALEMÁN, Stephanie W. Antropologies of Guayana: cultural spaces in northeastern Amazonia. Tucson: University of Arizona Press, 2009. (a)
Final do século XIX e início do século XX	Consolidação do Amapá como parte do Brasil; nascimento das grandes personalidades ancestrais reverenciadas pelo Marabaixo, a maioria delas provenientes dos negros trazidos para a construção da Fortaleza de São José e para Mazagão.

1940-1980	Criação do território nacional do Amapá desmembrado do Pará (1943); chegada do primeiro governador nomeado, que ao estabelecer a capital em Macapá, promove uma reforma higienista, deslocando os negros moradores de mocambos, defronte da antiga igreja de São José, para as periferias do Laguinho, parte dissidente dos negros se muda para Favela (Santa Rita). A prática do Marabaixo se oficializa e ao mesmo tempo ocorre sua divisão em grupos. Mantidos à sombra do poder político e marginalizados da igreja, a prática interrompe seu processo de transmissão, entrando em decadência.
1980 até o presente	A partir da redemocratização do Brasil e da Nova Constituição de 1988 que dava sustentáculo à luta por igualdade e reconhecimento dos negros como agentes históricos fundamentais e vítimas de um processo de dominação secular, os grupos de marabaixo começaram a se registrar juridicamente como associações; ao mesmo tempo, surgiram figuras que pela sua atuação política nas entidades de defesa do povo negro, bem como na sua interlocução com o estado que passou a apoiar as manifestações de Marabaixo, produziram um reavivamento da forma de expressão que se difundiu pelo Amapá e atraiu muitos jovens para suas fileiras, reforçando e expandindo os grupos e levando o bem cultural a um florescimento apoteótico marcado por grandes procissões e encontros grupais na capital.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Os produtos do Marabaixo formam um conjunto complexo, uma vez que não podem ser desmembrados e sua apresentação é concomitante, sendo sua interação, o Marabaixo propriamente dito. De forma que existe uma música própria, com seu ritmo e instrumentos próprios, com cantos próprios pra cada situação ritual, a bebida e a comida que juntos fazem aquilo que chamamos Marabaixo, impensável sem qualquer um desses. Sustentando esse complexo de produtos que em si são comuns a todas as festas, temos de elencar tanto as narrativas mitopoéticas sobre a origem para além da memória do Marabaixo, bem como as narrativas históricas que reverenciam a ancestralidade cuja linhagem familiar pode ser retraçada nos grupos. Ambas as formas de lembrança concorrem para justificação do Marabaixo, para a forma que ele assumiu e para explicar o porquê de as coisas serem feitas como são feitas. Assim, o complexo de produtos mais as narrativas geram o quadro da prática bem como o glossário de sua interpretação (a).

Referência:

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

Obs: O Marabaixo é organizado comunitariamente com auxílio de verbas oriundas do governo para apoio das manifestações culturais, sua produção não segue um organograma rígido e por seu caráter propriamente imaterial, não se adequa a uma descrição dessa produção nos moldes de um processo racionalizado de etapas como se fosse uma produção em série e em massa. Não há comercialização, pelo menos não no sentido econômico, uma vez que a troca não está ausente, seja a partir das doações por promessa, de tempo e trabalho, seja na forma de troca de prestígio social e político que essa manifestação traz consigo uma vez que atrai grande atenção durante seu acontecimento. O processo de organização do Marabaixo segue o calendário religioso cristão, sem, no entanto, atribuir às pessoas, funções e cargos rígidos, todos participam de todos os momentos, fazendo o que lhes está à mão e o que é preciso a cada momento. Desse modo, podemos dizer que a produção do Marabaixo é contingencial e pragmática na direção de um conhecimento de uma rotina ritual e de uma facilitação para a hora mais importante, que é o canto e a dança. Nessa hora todos os elementos materiais contribuem para um estado geral de libertação das obrigações seculares. Não existem grandes diferenças entre os ritos, o mecanismo de operação é o mesmo, só mudam os conteúdos de louvação que cada parte do calendário exige. Assim, dividir o marabaixo em etapas e atividades é redundante e repetitivo e faz com que se perca sua característica de vento totalizante dos sentidos, de forma a produzir um estado de euforia, de extraordinariedade como fuga do tempo comum e da vida ordinária.

Referências:

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Disponível em: <http://www.deboraludwig.com.br/arquivos/benjamin_reprodutibilidade_tecnica.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2013.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

YÚDICE, George. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ETAPA	ATIVIDADE
Não se aplica	Não se aplica

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Compositores	Compõem as músicas, muitos dos compositores tornaram-se referência para o Marabaixo, uma vez que seus versos foram conservados pelas gerações posteriores e tornaram-se cantigas clássicas cantadas em todos os grupos; a fonte das composições eram efemérides locais e desafios à maneira de repentes (mecanismo pouco utilizado hoje); os compositores contemporâneos preferem falar de temas mais gerais e utilizam pouco do recurso da composição improvisada.
Cantadeiras e cantadores	São figuras centrais do Marabaixo, cantando enquanto se movimentam pelo salão, acompanhados pelas caixas, eles são responsáveis por encaixar as canções de forma a cooptar a audiência e conduzi-las ao estado de euforia, bem como de manter a festa ininterruptamente; assim vão se revezando durante o Marabaixo. Cada cantadeira/cantador utiliza de seu timbre e da forma peculiar de cantar, de modo que uma mesma canção muda de compasso a cada performance. Eles têm grande preeminência dentro dos grupos, ofuscando em certos casos os compositores, que nem sempre cantam. Eles têm papel fundamental na liderança dos ritos.
Respondedores	As composições são longas variações sobre um caso, acontecimento ou situação, de forma que possuem uma estrutura em que o tema vai se desenvolvendo e seu núcleo principal é retomado nos refrões. A repetição dos refrões e as respostas aos versos do cantador são dados pelos respondedores que se valem da repetição e do uso de vocalizações, mantêm assim a continuidade do canto e dão tempo à respiração do cantador. Ao mesmo tempo estimulam o público a participar, tornado-se um coro para a dança.
Tocadores	Os tocadores executam os toques percussivos que são o único acompanhamento do Marabaixo. Em média 3 tambores acompanham a voz do cantor, não podem soar mais alto que o canto, daí o recurso da amplificação para as vozes de modo a permitir o uso de mais tambores. Formados dentro de cada grupo, aprendem os toques próprios do grupo, desse modo é difícil juntar caixas de diferentes grupos. Nos encontros tocam sempre separadamente. É difícil também cantadores de um grupo se ajustarem a tocadores de outro grupo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

Dançantes	Mulheres e homens dançam o Marabaixo, assim como não há tabus para pessoas de fora do grupo que queiram dançar. As mulheres são o grande espetáculo, vestidas apropriadamente para a apresentação e descrevendo evoluções e giros, são os elementos mais chamativos e mais característicos do Marabaixo. Elas, como fundamento da prática, são o motivo principal para denominarmos o Marabaixo como forma de expressão. O Marabaixo, apesar da concorrência de todos os elementos descritos até aqui, se define primordialmente como dança. A dança dos homens funciona como uma proteção e uma reverência, e com roupas bem mais simples eles cortejam as mulheres curvando-se diante delas.
Rezadores	Os rezadores são altamente respeitados por suas ladainhas, grande parte em latim, através das quais eles lideram as comunidades dentro do ambiente privado em suas novenas que acontecem entre um marabaixo e outro.
Cozinheiras	Responsáveis pelo elemento fundamento da distribuição generalizada que tem lugar no Marabaixo, as cozinheiras providenciam os almoços, fazem a gengibirra e o caldo de legumes que é servido à noite e durante as madrugadas.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	O capital empenhado no Marabaixo é basicamente de origem familiar ligado ao grupo mantenedor da prática. Existe suporte do estado para as festas, mas fora delas o investimento a fundo perdido é feito comunitariamente através da solidariedade e das promessas feitas às divindades. As instalações como descrito no item 5.1, se constituem em torno da casa de família. Estruturas públicas só são utilizadas no Cortejo da Murta.
QUEM PROVÊ	Os responsáveis são os próprios grupos, organizados juridicamente, eles tem seu corpo administrativo com seus presidentes, secretários e tesoureiros. Mas cada um contribui efetivamente com o que puder, principalmente com a performance do Marabaixo, dançando e cantando. O estado mantém ajuda anual para a realização do ciclo do Marabaixo em Macapá e para as festas no interior, no último caso as verbas são bem menores.
FUNÇÃO	Os responsáveis são os próprios grupos, organizados juridicamente, eles tem seu corpo administrativo com seus presidentes, secretários e tesoureiros. Na prática, porém, todos estão envolvidos através de suas doações em dinheiro, em víveres, em equipamentos, em transporte em espaço e, sobretudo, em tempo. O estado concorre para a festa e fornece alguma contribuição para a manutenção e reforma dos espaços e compra de conveniências, mas é na festa que o estado se faz mais presente, na compra de comida e bebida a ser distribuída, na confecção de cartazes, banners e folders, bem como cedendo espaços e serviços públicos para atendimentos das comunidades na época.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica
DISPONIBILIDADE	Não se aplica

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
	GENGIBIRRA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

DESCRIÇÃO	Bebida à base de gengibre e cachaça; o gengibre é cortado e batido com água no liquidificador, em seguida essa mistura é passada em um coador; após essa etapa o bagaço é novamente lavado; ao sumo resultante é adicionado açúcar e cachaça. A bebida é servida gelada.
QUEM PROVÊ	As receitas de gengibirra são guardadas pelas cozinheiras dos grupos de Marabaixo e cada uma tem seu segredo que envolve algum tempero especial, a proporção dos ingredientes, e até mesmo a maneira de preparar o gengibre, de modo que cada Marabaixo apresenta a bebida com um sabor único.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A gengibirra pode ser medicinal, tratando da voz dos cantores, impedindo e tratando a rouquidão, isto é, protegendo as cordas vocais e pode ser também um fortificante para o ânimo, ajudando os praticantes e visitantes a entrarem no estado de espírito propício para a dança e a música do Marabaixo. Todo o público tem que tomar pelo menos um gole da bebida que também traz o signo do compartilhamento.
	CALDO
DESCRIÇÃO	Cozido de legumes e carne de boi bem temperado; preparado em fogo brando e cozimento lento até o derretimento dos ingredientes que são adicionados num grande caldeirão. Servido quente acompanhado com farinha e algumas vezes arroz.
QUEM PROVÊ	Previsto em todos os marabaixos, o caldo é produzido pelas cozinheiras voluntárias da festa todos os dias em que o Marabaixo é dançado.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	O caldo é um elemento fundamental da comensalidade, ele denota a hospitalidade do grupo, o cuidado e o acolhimento dos convidados, muitos dos quais vêm de distâncias consideráveis; além de ser um elemento da hospitalidade, é um fortificante que mantêm as pessoas despertas e capazes para dançar durante toda a noite para contrabalançar o efeito do álcool consumido livremente nestas ocasiões.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS	
	BANDEIRA
DESCRIÇÃO	No Marabaixo, estes itens consagrados de separação de pertencimento referem-se às devoções de cada grupo; em Macapá, no Laguinho, existe a peculiaridade de haver duas bandeiras, uma vez que o Marabaixo se dedica à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo. Cada grupo tem dois tipos de bandeira, uma em tecido com a imagem do santo de devoção usada para os momentos em que o grupo está em procissão e outra bandeira rígida, um tecido esticado numa armação de madeira, que é acoplada ao mastro e erguida no dia do santo ao qual ela ilustra e que permanece exposta ao tempo.
QUEM PROVÊ	As bandeiras são objetos ancestrais transmitidos por herança, cuja memória de sua produção perde-se no tempo, acentuando seu caráter sagrado e reverencial pelo fato de que sempre estiveram aí.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A bandeira marca o grupo, diz em nome de quem ele vem, é uma proteção mágica e por isso vai à frente das procissões.
	COROAS
DESCRIÇÃO	São artefatos de prata, ou que simulam metais valiosos que ficam expostos nos altares domésticos cobertos por fitas durante o período do Marabaixo.
QUEM PROVÊ	São relíquias transmitidas por herança, cuja memória de sua produção perde-se no tempo, acentuando seu caráter sagrado e reverencial pelo fato de que sempre estiveram aí.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	São objetos de contemplação, de devoção, sobre elas se reza e se faz promessa, é o símbolo material da realeza e a presença material da divindade, assim como o índice que aquele grupo foi escolhido e ocupa um lugar diferenciado diante da sociedade por estar mais próximo da autoridade real que emana da santidade.
	MASTRO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

DESCRIÇÃO	Feito de um tronco de árvore o mais ereto possível, cortado em cerimônia própria para esse fim e que envolve o grupo de Marabaixo com canções específicas, mas sem a concorrência de danças nesse momento. Este mastro será usado para sustentar a bandeira do grupo, erguida no dia do santo. Cada santo recebe dois mastros, um deles é decorado com as cores do santo e o outro é recoberto de murta, arbusto típico da região norte, usado para enfeitar para a limpeza espiritual dos praticantes de Marabaixo. Em Macapá, o grupo "de dona Gertrudes" recusa-se a cortar os mastros na floresta por questões de educação ambiental, escolheu ao invés disso, mandar fazer um mastro de ferro que é usado todos os anos.
QUEM PROVÊ	Em Macapá, os grupos vão juntos para uma região da área de proteção ambiental do Curiaú, com a licença do Ibama para cortar seus mastros com a obrigação de plantarem 6 árvores a cada uma derrubada.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	O Mastro encarna a ligação, a ponte entre o céu e a terra. É por ele que os pedidos e promessas sobem à divindade e é por ele que os santos descem à terra para compartilharem com os homens através de suas festas e louvações. O mastro também pode ser visto como o pilar de uma crença, de uma prática, afinal ele estar de pé, anuncia a vigência do tempo de Marabaixo, durante sua descida, as pessoas saltam para alcançar a bandeira, aquele que a alcança será o festeiro do próximo ano.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS	
	INDUMENTÁRIA FEMININA
DESCRIÇÃO	As vestes femininas do Marabaixo seguem o seguinte padrão: saia rodada com comprimento até os pés, com ou sem apliques de renda nas barras; anáguas; blusas de gola canoa com amplos babados no busto com ou sem barrados de renda; toalhas dobradas ao ombro; usam sapato baixo sem salto ou sapatilha e como acessórios muitos colares e pulseiras, não existe padrão de cor definido, a única exigência é que os tecidos sejam com estampados grandes e coloridos.
QUEM PROVÊ	Cada conjunto é providenciado pelas próprias marabaixeiras, muitas das quais costuram suas próprias roupas, as que possuem talento ou profissão costumam fazer as peças para as companheiras de grupo. Em vista da padronização cada vez maior dos grupos, em Macapá, sobretudo, tem se tornado costumeiro contratar uma ou mais costureiras profissionais para fazer todas as peças do grupo, uma vez que a ajuda governamental também se estende aos tecidos e à confecção.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As saias evidenciam os movimentos sutis dos pés e da cintura, produzindo grande efeito estético durante os giros; as mulheres dançam segurando uma das pontas da saia e as agitando conforme o ritmo da música e a euforia do momento, de modo que as saias têm um papel fundamental na composição cênica da dança. As anáguas evitam a exposição exagerada do corpo, um sinal de recato e de manutenção de costumes abandonados no vestuário do dia-a-dia. As toalhas são itens de utilidade, pois servem para controlar a intensa sudorese que acompanha as danças em vista do clima equatorial e do êxtase, bem como do efeito da gengibirra. Os colares e as pulseiras, por sua vez, são o meio de lembrança dos grilhões aos quais os escravos eram submetidos, uma transformação cultural dos conteúdos de dominação em conteúdos de liberação, de vaidade, de beleza.
	INDUMENTÁRIA MASCULINA
DESCRIÇÃO	A vestimenta masculina compõe-se de camisa e calça brancas, às vezes com lenço e chapéu. Muitas vezes os homens usam camisa estilizada do grupo.
QUEM PROVÊ	As camisas são providas pelos grupos através de verba pública ou patrocínio particular. Os próprios praticantes providenciam suas calças e acessórios.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	A simplicidade das vestes masculinas indica a condição coadjuvante desse gênero nas danças, em oposição ao papel mais importante dos homens no toque das caixas, no canto e na composição dos ladrões. De forma que na dança eles não ofuscam as mulheres durante a demonstração que elas fazem de seu bailado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	O Marabaixo se expressa, sobretudo, na dança das mulheres, a dança dos homens é menos chamativa e responde ao papel de acompanhante e protetores, como se fossem mestres-salas, isso não significa, contudo, que eles não se empolguem e não participem tanto quanto as mulheres. A dança das mulheres possui alguns elementos fundamentais: as mulheres dançam com os pés no chão, arrastando-os, usam movimentos de cintura, para dar o tom de bailado, seguram suas longas saias pelas pontas, enquanto fazem mesuras e giros de grande efeito estético. O grupo todo gira pelo salão em sentido anti-horário acompanhando as caixas e os cantores que também giram, mas de forma mais centralizada. Assim, forma-se uma grande roda em que todos os convidados podem dançar. A roda, como um todo, gira conforme o ritmo imposto pelas caixas e pelos cantores, alternando momentos de êxtase em que a velocidade aumenta, tanto nos giros das mulheres quanto na evolução do grupo e momentos de recomposição das forças, para dosar o cansaço, em que se dança num ritmo mais lento.
QUEM EXECUTA	São os próprios praticantes de todas as idades e gêneros. Qualquer um, íntimo do Marabaixo ou não, pode dançar desde que se sinta compelido a fazê-lo. É parte dos gestos de hospitalidade local, convidar os visitantes para tomarem lugar na roda. Os convites para dançar são um dos aspectos da abertura do grupo ao estrangeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança tem um conteúdo ancestral que determina o seus passos e em nome de que se dança. Trazido da África, segundo o mito de origem é associado ao canto de lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros, o Marabaixo era entoado e cantado nas senzalas como forma de exorcizar o banzo, de modo que dançar com os pés arrastando, sem se levantarem do chão, refere-se aos pés acorrentados e que mesmo em face dessa situação degradante, havia motivo de celebrar a vida, cujas histórias iam se convertendo em música para seu melhor lembrar, e a história dos negros foi sendo desde então dançada.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
	MÚSICAS
DESCRIÇÃO	As músicas do Marabaixo, conhecidas como 'ladrões', são composições em versos, que se compõem de quadras seguidas por refrões. Referindo-se a acontecimentos históricos, efemérides, situações míticas e fatos da vida cotidiana, as músicas caem no gosto popular e são repetidas muito além de seu grupo de origem e se tornam patrimônio de todos os Marabaixos. Assim foi se constituindo um acervo com músicas cantadas por todos os grupos, das quais citamos estas dentro de um universo muito extenso e criativo, donde outras canções vão se acrescentando o tempo todo, "Aonde tu vai, rapaz?" que se refere ao episódio de remoção dos negros para a periferia de Macapá durante o Governo Janary Nunes, "irmã catita" sobre o pouso do primeiro avião em Macapá "o meu balão de ouro!" sobre um encontro mítico de Santos Dumont, conforme nos explicado pelos marabaixeiros, com a cabocla do norte e a invenção de um balão no qual ele iria voar e não podia levá-la embora. Lembramos aqui que, na verdade, o balão foi inventado por Júlio Cezar Ribeiro de Souza. Sendo canções imediatamente apropriadas pelo público, que decide na hora pelo sucesso e pela incorporação da música nos Marabaixos seguintes, elas muitas vezes transcendem as categorias de direito autoral, uma vez que cada grupo incorpora as canções dentro de sua peculiaridade, adicionando ou retirando versos, adaptando-os. Existe o improviso ligado à situação em que se canta e para quem se canta, assim como o desafio, um antigo mecanismo de resolução de conflitos entre amigos, vizinhos e companheiros, cujo sentido se deslocou para uma forma de repente mais estilizado e que evita a inimizade.
QUEM PROVÊ	A execução é feita pelos grupos através dos cantadores, dos respondedores e dos tocadores de caixa. Cada um cantando sua versão e acrescentando versos que dizem respeito às peculiaridades do grupo ou da situação em que se canta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As músicas são um dos fundamentos por que suas letras dizem de fatos palpáveis para o grupo e fazem da prática como um todo um suporte para a memória comunitária, um mecanismo de transmissão oral e uma forma de ficção para as vidas dos praticantes, que sem esses recursos teriam sua vida afetiva e intelectual empobrecida num ambiente que oferece poucas fontes de lazer, de instrução, de preservação dos legados ancestrais.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

	ORAÇÕES
DESCRIÇÃO	As ladainhas são costumeiras nos Marabaixos tanto na capital, entre o pentecostes e o Corpus Christi quando os dias de dança são suspensos, quanto no interior no período das festas dos santos locais. Organizada em novena, as ladainhas são uma série de rezas que misturam latim e português e que ocorrem ao fim da tarde nas casas dos festeiros em clima de domesticidade e em que são servidos cafés da tarde aos membros presentes. Cerimônia íntima desempenhada diante do altar da casa, nela podemos encontrar um clima de amenidade e as pessoas em trajes cotidianos acompanhando com seus terços e livros de oração.
QUEM PROVÊ	É provido pelo grupo, é feito um convite a um rezador que vai aos lares e recebem uma gratificação monetária por isso.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	O sentido da ladainha é ligado à manutenção do sagrado doméstico e tem uma função preparatória dos espíritos para o encontro com a santidade, serve como ato de consagração do altar doméstico e como indicio da religiosidade lúdica do Marabaixo e atesta o fato de que durante décadas, recusados pela Igreja, conservaram ao seu modo os sucedâneos da cerimônia religiosa da qual foram publicamente alijados.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
	CAIXAS
DESCRIÇÃO	Único instrumento de acompanhamento do Marabaixo, a caixa é feita de madeira ou metal, aos moldes de um tambor bimembranofone, isto é, composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas através de aros metálicos, um fio de metal ou náilon com miçangas, em contato com a pele inferior, que ao vibrar quando é percutido produz um som repicado. Outrora, era costume que as caixas fossem feitas de troncos de madeira escavados com ferramentas rústicas, o que fazia com que ficassem muito pesadas, de forma que hoje são usadas chapas de madeiras que vão sendo curvadas com prendedores, de modo que as paredes sejam bem mais finas, tornando o produto mais leve. A introdução de produtos de origem industrial também alterou as caixas, por exemplo, hoje existem caixas feitas de zinco e de PVC, que além de leves são mais baratas e por isso mais acessíveis. A iniciativa da oficina de instrumentos da Associação Cultural Raízes do Bolão também faz uso de madeira reciclada proveniente de caixas de frutas para confeccionar caixas e tambores. Quanto aos couros que recobrem as caixas, ainda existem muitas caixas com couro de sucuriju, *Eunectes Murinus,* cada vez mais raros e difíceis de achar, pelo desaparecimento da espécie assim como pelas pesadas leis de proteção da fauna. Conseguir esses couros implicaria numa aventura em equipe, uma vez que esses animais de grande porte podem ser letais. A esse couro tido como mais nobre, foram se sucedendo os couros de boi, mas principalmente os couros de bode. É comum o uso de couros sintéticos, bem mais baratos, no entanto, de baixa durabilidade. Uma alternativa dos tocadores é comprar tambores de baixo custo e substituir as membranas industriais por membranas naturais. O som da caixa tem altura indeterminada, isto é, não pode ser perfeitamente afinado, de forma que determinam o ritmo do Marabaixo sem elementos de melodia e harmonia.

QUEM PROVÊ	Os instrumentos de percussão são creditados como os mais antigos em uso pela humanidade após o uso da voz e do corpo na produção de música. A caixa na forma moderna como é usada no Marabaixo é de origem europeia, e no século xv ela desponta como marcador da marcha militar. Neste caso, podemos especular sobre a importância da convivência dos primeiros escravos de Macapá com a rotina militar da Fortaleza de São José e a medida da influência que a marcação de seus ritmos diários de trabalho pela caixa como instrumento de ordem serviu para a incorporação da caixa em atividades que fugiam da ordem dominante. Ao mesmo tempo é amplamente sabido que a formas percussivas acharam na África seu solo mais fértil. Em Macapá encontramos dois executantes, Pedro Bolão e Marcelo da Favela, que guardam essa arte de confeccionar caixas, atendendo a demanda local e regional, ou mesmo vendo suas caixas cruzarem o país e chegarem a São Paulo e Rio ou mesmo além, a Europa. Assim existe um mercado consumidor que paga em média R$ 150,00 por caixa, não apenas no Marabaixo, mas também nos tambores de batuque. Esses mestres do saber fazer caixas transmitem de forma organizada em oficinas ou dentro dos grupos aos iniciantes, os rudimentos e os processos de confecção dos instrumentos bem como da aprendizagem do toque e de suas nuances, cumprindo assim, um aspecto fundamental que é a transmissão de conhecimentos tradicionais às novas gerações e atraindo mais membros, garantindo que os grupos se perpetuem.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A simplicidade do acompanhamento musical, baseado na marcação de um ritmo, expõe a percussão como o esqueleto da música, mostrando o Marabaixo como uma estrutura musical de apelo direto à sociação, recuperando uma dimensão lúdica para a expressão dos ladrões e da dança, uma comunicação direta do ritmo da caixa com o coração dos praticantes, provocando mudanças súbitas, ou gradativas de humor através do toque, levando a comunidade a responder de tal ou tal forma, tal ou tal música lançada à roda. Acrescentamos a roda que gira de dançarinos e o estado de êxtase que este ritmo induz e teremos uma expressão completa dos sentimentos grupais e da passagem do estado ordinário de sociedade para o extraordinário, a música como veículo de rompimento com uma realidade brutal e o renascimento divino numa ordem em que na dança os homens e as mulheres governam a si e a seus corpos.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	**ATIVIDADE**
Família festeira ou casa tradicional do grupo.	- As indumentárias e instrumentos são guardados por seus portadores individuais. - As casas de família que funcionam como sede guardam os altares e os mastros, bem como os utensílios de cozinha e mantimentos. - Aos festeiros cabe recolher a Bandeira e levá-la escoltada pelo Marabaixo até a sua própria casa, onde ela ficará guardada, protegendo a família até o próximo ano, quando as atividades do Marabaixo forem retomadas.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

O produto do Marabaixo, este complexo cultural que envolve festa, dança, música, culinária e devoção religiosa tem como primeiro destino os próprios executantes que ao se engajarem no processo e ofertarem pública e gratuitamente suas dádivas recebem como recompensa direta da divindade o atendimento de seus pedidos por meio de graças. Assim, participar da festa é um ato de promessa, o cumprimento de uma dívida e uma demonstração coletiva de alta capacidade de ajuntamento e realização. Em seguida, temos o público direto convidado para os Marabaixos que ajudam a lotar os salões e são recebidos com comida e bebida à vontade. De forma indireta dizemos que o Marabaixo dirige uma parcela importante dos recursos escassos de comunidades pobres para o atendimento coletivo de necessidades afetivas, necessidades de convivência, necessidades existenciais. Coloca a roda da economia para girar atraindo vendedores ambulantes, fazendo muitos retornarem em viagem para compartilhar do retorno ao lar em meio ao Marabaixo. Por fim, mas não menos importante, a capitalização política resultante do engajamento dos praticantes em associações de defesa dos direitos dos negros e a frequente passagem de autoridades políticas pelo Marabaixo, gerando a oportunidade de cobranças diretas de apoio, crítica de mazelas e por outro lado, gerando prestígio e capital político aos agentes públicos que usam destes eventos como meio de dispensação de suas verbas. As famílias tradicionais e os grupos de Marabaixo não recebem lucro com o evento, distribuindo os recursos públicos e prestando

contas e na maioria das vezes em vista da insuficiência dos primeiros ou por promessa, ajudas complementares de particulares são sempre bem vindas e criteriosamente gastas.

PARA USO PRÓPRIO ■	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ■	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO NÃO SE APLICA	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Na esteira da redemocratização do País em meados da década de 1980, principalmente em face da Assembleia Constituinte e da promulgação da Constituição de 1988, e em reação direta do autorreconhecimento do Marabaixo como um valor tradicional e um item de distinção positiva na retomada da dívida histórica da sociedade brasileira para com a população negra foi que os grupos de Macapá iniciaram seu processo de institucionalização formal. Em Macapá, os grupos se desenvolveram a partir dos troncos familiares daqueles personagens centrais da passagem do Amapá à condição de território, do movimento de pacificação e definição das fronteiras. Essas pessoas de referência do Marabaixo também foram testemunhas diretamente atingidas pela política de urbanização da capital e da subsequente dispersão da população negra entre as comunidades do Laguinho e Santa Rita, que se tornaram os marcos geográficos da prática marabaixeira.

A partir de então, sem respaldo social, passaram por um processo interno de rompimento do processo de transmissão que resultou num envelhecimento dos praticantes e um afastamento da sociedade que passou a ver o Marabaixo como sintoma de atraso e motivo de vergonha (a). Em reação a este status negativo que vinha corroendo a herança memorial dos ancestrais e em vista do despertar de ações afirmativas que o Estado começava a prever e a subsidiar, os grupos acabaram se registrando legalmente neste período, primeiro visando ao resgate dos nomes ancestrais, reavivando essas personalidades no imaginário popular de forma que a retomada da prática pela juventude e o restabelecimento do processo de transmissão passava por romper o esquecimento que ia turvando na memória coletiva estes nomes que passaram a figurar nas denominações oficiais das associações como é o caso de Zeca e Bibi Costa, Raimundo Ladislau, Dona Gertrudes, Julião Ramos e Mestre Pavão (b).

Logo surgiram as entidades oficiais de proteção e fomento às políticas raciais (c) e o Estado transformou o interesse que era apenas informal, num motor da política racial e cultural do Amapá, angariando com isso o capital político de uma grande parcela da população e apoiando os eventos cada vez mais de forma direta, o que exigiu um ajuste maior dos grupos, de modo que se tornaram gestores de recursos públicos dos quais deviam prestar conta. Se por um lado, essa crescente estrutura burocrática embrenhava o Marabaixo no jogo político das negociações, favores e compromissos, ao mesmo tempo em que direcionava a expressão para formas cada vez mais padronizadas, como a adoção de uniformes, apresentações cada vez mais espetaculares, a oferta da festa cada vez mais vultosa e atrativa que puseram o Marabaixo na mídia, pelo menos na época de seu ciclo, por outro lado, deu aos praticantes cada vez mais espaço, voz e assento nas tomadas de decisão a respeito do investimento público e podiam negociar em termos mais horizontais o que queriam e como queriam que fosse sua manifestação cultural, não se resumindo como grupos apenas ao evento em si, mas na formação de quadros de praticantes com nível educacional, engajados e atuantes, servindo os grupos como instituições para o processo ideológico peculiar a cada percurso histórico de cada ramo familiar, juntando assim a tradição da linhagem com o ideário social moderno, reafirmando a base de onde partiam com a discursividade da lei, da igualdade, da identidade (d).

Assim difundiu-se a ideia de apoio aos grupos que se estendeu a todos os grupos do Estado, gerando uma onda de formalização e registro jurídico, solidificando grupos difusos. Mas é importante dizer que as medidas de apoio em Macapá não se repetem no interior com a mesma dinâmica e intensidade, de forma que à medida da distância do Governo central, corresponde um enfraquecimento dos termos de negociação, sendo que no interior, a ajuda governamental é quase 5 vezes menor que em Macapá. Estes grupos são importantes polos agregadores das populações dispersas do Amapá, um estado tão fracamente povoado e como tais eles estão na condição de conhecer a realidade social local e se tornarem fonte de distribuição de direitos, mais do que serem apenas veículos exóticos de uma tradição folclórica. Assim, esses grupos se ressentem dessa forma diferenciada de tratamento, não contra os grupos de Macapá, uma vez que participam do Marabaixo lá, sempre que possível, mas contra a intermediação política

para a qual não desfrutam de poder, mesmo tendo sua própria constituição legitimada nos mesmos moldes de Macapá.

Referências:

CANTO, Fernando. O Marabaixo de 1898. Blog: Canto da Amazônia. 14 de julho de 2009. Disponível em: <http://fernando-canto.blogspot.com.br/2009/07/o-marabaixo-de-1898.html>. Acesso em: 28 de jun. 2013. (a)

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013. (b)

MARTINS, Marcos da Costa. On patrimonialism and the insertion of the sacred in the domain of merchandise. Trabalho apresentado na 31ª Conferência da Sociedade Internacional para a Sociologia da Religião. Texto Inédito. Julho de 2011. (d)

SOARES DA SILVA, A. J.. Negros no Amapá. 16 de junho de 2010 (2007). Disponível em: <http://dulcealda.blogspot.com.br/2010/06/negros-no-amapa.html>. Acesso em: 28 de jun. 2013. (c)

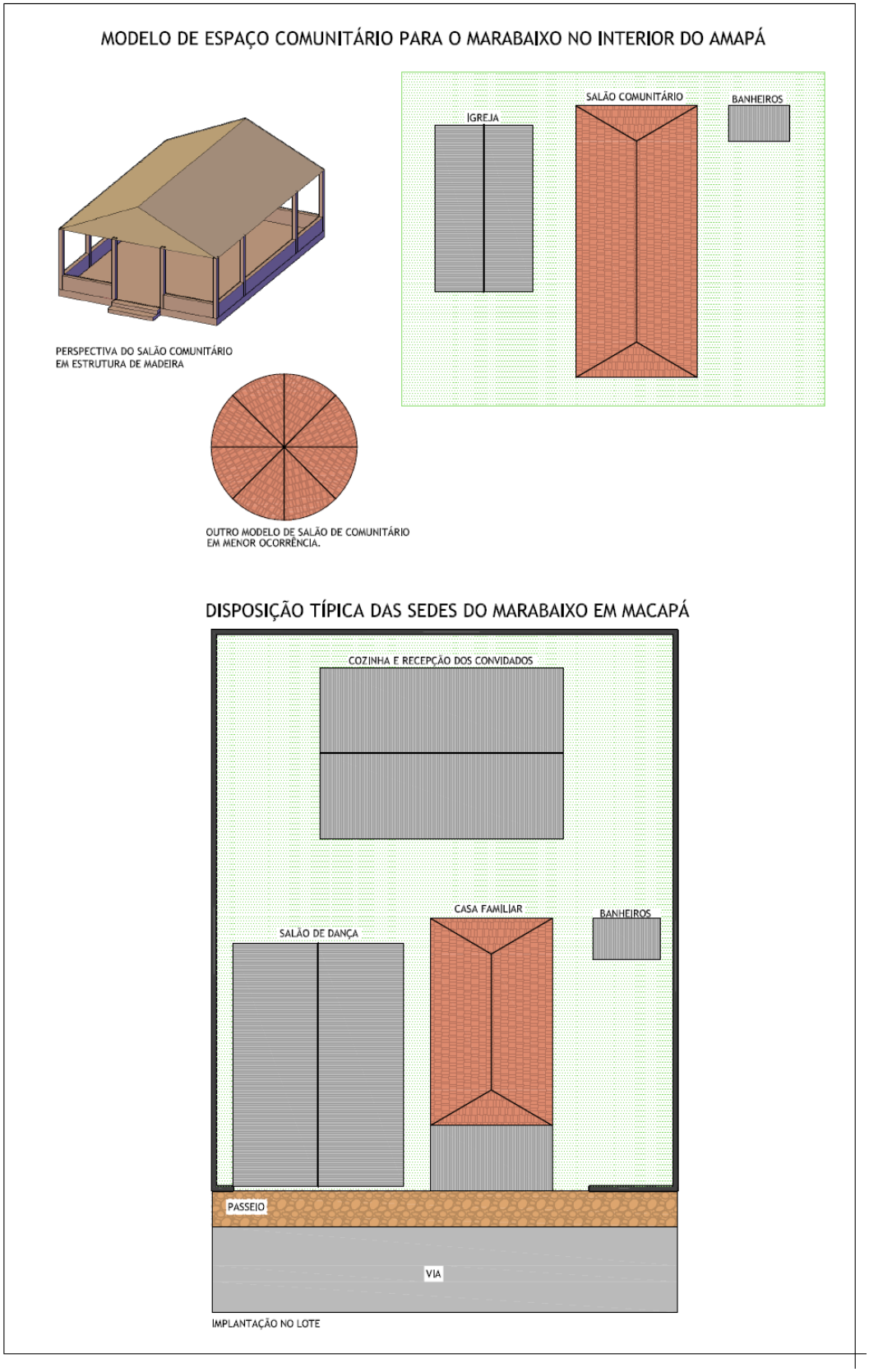
13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cortejo da Murta (Celebração)	F1 – A3 – Código 01 – F20 – Nº 01
Encontro dos Tambores (Celebração)	F1 – A3 – Código 02
Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Celebração)	F1 – A3 – Código 03 – F20 – Nº 02
Festa de São Tomé da comunidade Carvão (Celebração)	F1 – A3 – Código 04
Festa da Sagrada Família da comunidade Campina Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 05
Festa de São Sebastião da comunidade Ilha Redonda (Celebração)	F1 – A3 – Código 06
Festa de São José da comunidade Abacate da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 07
Festa da Santíssima Trindade da comunidade Casa Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 08
Festa do Divino Espírito Santo da comunidade Ressaca da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 09
Festa de Santa Maria da comunidade Curiaú (Celebração)	F1 – A3 – Código 10
Festa de Nossa Senhora da Assunção da comunidade Torrão do Matapi (Celebração)	F1 – A3 – Código 11
Festa de São Sebastião de Mazagão (Celebração)	F1 – A3 – Código 12

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau (Celebração)	F1 – A3 – Código 13
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão (Celebração)	F1 – A3 – Código 14
Festa da Santíssima Trindade da Associação Cultural Berço das Tradições Amapaenses – Berço do Marabaixo (Celebração)	F1 – A3 – Código 15
Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa (Celebração)	F1 – A3 – Código 16
Festa da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela (Celebração)	F1 – A3 – Código 17
Fortaleza de São José de Macapá (Edificação)	F1 – A3 – Código 18
Igreja de São José (Edificação)	F1 – A3 – Código 19 – F30 – Nº 03
Igreja de São Benedito (Edificação)	F1 – A3 – Código 20
Igreja Jesus de Nazaré (Edificação)	F1 – A3 – Código 21
Igreja de Nossa Senhora da Assunção (Edificação)	F1 – A3 – Código 22
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Ladainha (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 25
Laguinho (Lugar)	F1 – A3 – Código 26 – F50 – Nº 06
Favela (Lugar)	F1 – A3 – Código 27 – F50 – Nº 07
Curiaú (Lugar)	F1 – A3 – Código 28 – F50 – Nº 08
Mazagão Velho (Lugar)	F1 – A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Caixa de Marabaixo (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 30 – F60 – Nº 10
Gengibirra (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 31 – F60 – Nº 11
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



Modelo de espaço comunitário para o Marabaixo no interior do Amapá e nas sedes de Macapá.

Fonte: Desenho de Marcos da Costa Martins e Isadora Mourão (Estilo Nacional), 2013.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

CANTO, Fernando. A água benta e o diabo. Macapá: Fundecap/GEA, 1998.

CANTO, Fernando. O Marabaixo de 1898. Blog: Canto da Amazônia. 14 de julho de 2009. Disponível em: <http://fernando-canto.blogspot.com.br/2009/07/o-marabaixo-de-1898.html>. Acesso em: 28 jun. 2013.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Os Registros Sonoros e Audiovisuais feitos e coletados pela equipe de pesquisadores, e produzidos pelos cinegrafistas compreendem mais de 150 pastas digitais, com mais de 1.300 arquivos, sendo que todos eles tratam do Marabaixo e de seus diversos aspectos. Assim, para a lista completa sugerimos a consulta do Anexo 2 – Registros Audiovisuais.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Os registros fotográficos feitos e coletados pela equipe de pesquisadores, e produzidos pelos fotógrafos compreendem mais de 50 pastas digitais, com mais de 3.000 arquivos, sendo que todos eles tratam do Marabaixo e de seus diversos aspectos. Assim, para a lista completa sugerimos a consulta do Anexo 2 – Registros Fotográficos.

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Em vista da conformação do trabalho, das limitações técnicas do edital e do contrato, e, apesar de visitarmos cerca de um terço dos grupos de Marabaixo do Amapá, um levantamento exaustivo dos grupos deveria ser levado à frente tanto pra conhecer o número exato de grupos, quem são e onde estão, bem como suas trajetórias e suas ocasiões de celebração de modo que possamos, além de traçar um perfil socioeconômico mais apurado do Marabaixo e das redes de relações que esses grupos estabelecem entre si, estabelecer um calendário estadual de festas em que se dança Marabaixo o ano inteiro.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

O Batuque como forma de expressão, poderia ser encarado como fenômeno análogo do Marabaixo, contudo balizando diferentes valores, uma vez que como expressões complementares e muitas vezes praticadas separadamente dentro de um mesmo grupo, o Batuque acaba por se confundir com o Marabaixo. As muitas referências ao Batuque durante as entrevistas e mesmo os pedidos para seu registro que nos foram feitos e questionados mostram a importância que esta expressão tem em conjunto com o Marabaixo, formando um par de significações que divide entre tempo de lamento e tempo de celebração, o espaço coletivo de vida fora do âmbito da dimensão perversa do trabalho em escravidão. Assim, as duas formas são complementares na constituição do tempo do homem para si, em que o homem produz algo para si e para a divindade ao invés de produzir mecanicamente para o consumo alheio. Um alívio temporal e corporal que entremeava o tempo material que apenas exauria a vida, coisificando-a. As duas formas de expressão se distinguem possuindo, entretanto, a mesma raiz. Podemos enxergar através do nosso contato superficial com o Batuque uma das formas como se opera a diversidade cultural a partir de um mesmo fenômeno sócio-histórico. Como partindo de um mesmo fundo cultural, duas manifestações divergem nas suas origens, podemos enfim ver como opera a bricolagem para usar um termo do estruturalismo levistraussiano.

Referência:

LEVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 2007.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não se aplica.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Marcos da Costa Martins.	25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **FORMAS DE EXPRESSÃO**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F40	05
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADES	Abacate da Pedreira - Campina Grande – Carvão – Casa Grande – Coração - Curiaú - Favela (Santa Rita) - Ilha Redonda – Laguinho – Macapá - Mazagão – Mazagão Velho – Ressaca da Pedreira – Torrão do Matapi.
MUNICÍPIOS / UF	Macapá/AP e Mazagão/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Ladrões de Marabaixo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Versos, Cantigas, Músicas.
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ■ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. EXECUTANTE

Geralmente os compositores não estão identificados, sendo a maioria dos ladrões de domínio público. Em outros casos as composições se remetem a um grupo ou comunidade e não especificamente a uma pessoa. Apesar de adotarmos a noção de conjunto ao falarmos dos compositores de ladrão, citamos abaixo o nome de quatro compositoras que se destacam o cenário amapaense. Contudo, isso não esgota o grande número de compositores de ladrão existentes no Amapá.

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Danniela Patrícia da Silva Monteiro (Danniela Ramos)	☐ **MASCULINO** ■ **FEMININO**	
OCUPAÇÃO	Autônoma / Presidente da Associação Cultural Raimundo Ladislau	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	20/03/1979
RELAÇÃO COM O BEM	☐ **MESTRE** ☐ **PRODUTOR** ☐ **PÚBLICO** ☐ **APRENDIZ** ☐ **VENDEDOR** ■ **EXECUTANTE** ☐ **OUTRO** _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

NOME	Esmeraldina dos Santos		☐ MASCULINO ■ FEMININO
OCUPAÇÃO	Escritora / Membro da Associação Cultural Raízes do Bolão	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	11/01/1955
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Laura Cristina da Silva		☐ MASCULINO ■ FEMININO
OCUPAÇÃO	Funcionária Pública / Cantadeira na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	10/02/1974
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Maria José da Silva Libório		☐ MASCULINO ■ FEMININO
OCUPAÇÃO	Aposentada / Membro da Associação Cultural Berço do Marabaixo	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	01/01/1940
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS - OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

O compositor e tocador de caixa, H. Maia – Macapá/AP. Data: 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

A Cantadeira de ladrões e moradora de Mazagão Velho, Dona Zezinha – Mazagão/AP. Data: 07/02/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Esmeraldina dos Santos e seus netos cantando o ladrão Dona Florzinha – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Trecho do ladrão Rosa Branca Açucena na parede da Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Laura Cristina da Silva cantando na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

O desafio entre Elísia Congó, Iury Soledade e Alexandre Nascimento durante o Esquenta da Juventude Marabaixeira – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

A compositora Danniela Ramos cantando na Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Priscila cantando na Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Os ladrões são as músicas do Marabaixo cantadas durante a dança pelas cantadeiras e pelos cantadores. Algumas pessoas têm a responsabilidade de cantar o ladrão colocando os versos, esses são os puxadores, enquanto outros respondem entoando o refrão, que geralmente é o primeiro verso de cada composição. As composições são feitas pelos próprios participantes da manifestação cultural, geralmente por um dos membros de um grupo que prepara o ladrão para o ciclo que vai começar ou diante de um acontecimento inusitado e importante para a comunidade.

Outras letras, surgidas em meados do século XX, acompanham as apresentações e a memória dos participantes ainda nos dias de hoje. Nesses casos, a adaptação de alguns ladrões é frequente, e a história vai se modificando pouco a pouco conforme vai sendo transmitida de geração a geração, de comunidade para comunidade, como é próprio dos relatos. As letras narram a vida da comunidade, histórias individuais ou da família, querelas entre vizinhos, fatos históricos e cotidianos, abordam questões da vida política, também anedotas da comunidade, e situações cômicas e tristes. De acordo com Piedade Videira:

> As cantigas de Marabaixo são compostas por versos que recebem a denominação de “ladrão”. São versos tirados de improviso com o objetivo de criticar, exaltar, agradecer, lamentar ou satirizar todos os fatos ocorridos no cotidiano da comunidade e nas relações sociais, no conjunto maior da sociedade. Os ladrões são versos roubados da memória por pessoas que têm habilidades com a rima. [...] Vale ressaltar que na atualidade as cantigas antigas ainda são exaltadas dentro do Marabaixo, pois não se verifica renovação dos ladrões de Marabaixo em grande escala. As cantigas são mantidas quase fielmente, tal como os antigos deixaram. Poucas(os) cantadores(as) das novas gerações estão tirando novos ladrões e quando isso acontece cantam com base nas melodias já existentes. (VIDEIRA, 2009, P. 138-139).

De acordo com nossos entrevistados, as pessoas já falecidas, que faziam o Marabaixo até meados do século XX, colocavam seus sentimentos nos versos das cantigas. Existia um tom de lamentação, e os ladrões continham tristeza, emoção e sofrimento. Mas os ladrões também eram um meio de contestar a ordem estabelecida e de falar das indignações sentidas. Quando Esmeraldina dos Santos ouve um dos ladrões antigos vive uma grande emoção. *“Aquilo você sente na alma o que está sendo cantado”*.

Danniela Ramos, outra compositora e cantadeira de ladrões de Marabaixo, nos apresenta duas versões para o nome ladrão: uma é quando os compositores roubam um fato dado em um acontecimento, no cotidiano, naquilo que presenciam; outra, que já não é mais tão usada, é por meio do desafio no salão, no meio de uma dança do Marabaixo, quando um cantador, movido por uma rivalidade, rouba o verso da boca do outro. Nesse caso existe o improviso.

> Os ladrões de Marabaixo na verdade nada mais é do que a vida das pessoas, o que elas viviam no cotidiano delas, no dia a dia. Os ladrões de Marabaixo retratavam isso, tudo que acontecia virava música. Eu sempre falo por onde a gente se apresenta, os compositores antigamente a maioria eram analfabetos, mal sabiam escrever os seus nomes, mas eles tinham um raciocínio muito rápido. Incrível, tudo que eles visualizavam virava um ladrão de Marabaixo, uma briga, uma conversa de um amigo com outro amigo, de um vizinho com outro vizinho, um acontecimento, uma festa, um aniversário, alguma decisão de alguma autoridade. Tudo isso virava verso, virava música, virava o ladrão de Marabaixo. Então eles roubavam os fatos para fazerem suas composições. Também, o termo ladrão de Marabaixo tem um outro conceito que fala que no Marabaixo nós temos o desafio. Hoje a gente já não canta tanto esse desafio porque causa até um certo probleminha. Antigamente esse desafio era normal, era uma discussão nas rodas de Marabaixo. Às vezes eu não gostava de você e eu te esperava lá no Marabaixo pra dizer tudo que eu queria através dos versos. E na verdade isso era uma rivalidade saudável, as pessoas sabiam realmente se respeitar. Então, no momento do desafio um roubava o verso da boca do outro. Um iniciava o desafio e pra ti conseguir responder aquilo que o outro estava te falando tu tinha que roubar a música da boca dele porque ele não parava. Aí no momento da roda de Marabaixo um roubando o verso, o outro tinha que ir lá e colocar o verso dele, dava continuidade, depois outro entrava novamente. Então também tem esse conceito de ladrão de Marabaixo, o verso que é roubado na hora do desafio. (Danniela Patrícia da Silva Monteiro).

Os ladrões podem ser compostos para ocasiões especiais, como ocorreu no I Festival de Ladrão de Marabaixo, quando treze compositores apresentaram seus ladrões em um concurso. E também podem ser preparados para a festa do ano. Quando Tia Zefa do Quinca se refere às composições de meados do século XX diz que: “Todo ano, quando era tempo do Marabaixo, domingo do Espírito Santo não se cantava ladrão velho, tinha que sair um novo” (Josefa Lina da Silva).

Devemos destacar que existe diferença entre o Marabaixo de Macapá e das comunidades rurais e de outros municípios, e isso influencia os ladrões. Essa diferença se dá principalmente no ritmo ditado pelas caixas. Em Macapá, muitos dizem que o toque é mais acelerado do que em outros locais. Além disso, as cantadeiras dizem que para que o som saia da maneira adequada, para que todos possam ouvir o que está sendo cantado, é preciso que sejam tocadas apenas duas ou três caixas, do contrário, o ladrão fica incompreensível. Contudo, existe o recurso da amplificação do som por meio de microfone, que é usado por muitos grupos.

Referências:

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 09 de maio de 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A atividade aqui referida é a composição dos ladrões, suas histórias e suas inspirações. Essa tarefa geralmente é feita por uma pessoa em sua própria casa ou no seu lugar de maior concentração. Mas, a inspiração advém de inúmeros acontecimentos e da vivência e observação da pessoa. Contudo, a execução de um ladrão encontra seu local de maior relevância nos salões aonde se dança o Marabaixo. Geralmente, esses salões localizam-se nas próprias sedes das associações ou junto às casas dos festeiros. Nas comunidades que ficam fora do núcleo urbano de Macapá os ladrões são cantados nos centros comunitários. Os salões possuem cobertura, mas são abertos nas laterais, alguns possuem um anexo com estrutura de bar e cozinha, em outros locais esse elementos estão na parte posterior da casa. Todos têm banheiros e alguns locais possuem espaço para troca de roupas e pernoite dos convidados.

Em vários casos, o Marabaixo é dançado e os ladrões são cantados pelas ruas do bairro ou da cidade, muitas vezes parando em frente às casas de pessoas que pedem a manifestação ou que recebem uma homenagem. Assim, observamos que existe uma relação de proximidade e interação entre o núcleo urbano, composto pelo espaço público, e também pelas casas dos moradores, e as festas, na qual são cantados os ladrões. Até mesmo no espaço sagrado da igreja católica os ladrões são cantados, nesses casos as composições falam de Maria e de sua sacralidade, remetem a

Belém e a Jesus de Nazaré, a Deus, ao Divino Espírito Santo, e a Santíssima Trindade.

Além disso, os ladrões são entoados durante o corte do mastro e o corte da murta nas matas próximas às sedes dos festejos. Para os grupos de Marabaixo de Macapá os locais frequentemente visitados são a comunidade do Curiaú, área quilombola e de preservação ambiental, e a comunidade do Coração. O corte do mastro é um momento de grande empolgação para os marabaixeiros, durante o qual gritos e ladrões são ouvidos. Para o corte da murta no Coração, os tocadores de caixa e as cantadeiras aguardam na beira da estrada louvando o momento e cantando os ladrões.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Nas comunidades rurais, o local de ocorrência do Marabaixo, onde também são executados os ladrões, são os centros comunitários. Esses locais ganham destaque em cada núcleo populacional por serem construções maiores que as demais existentes na comunidade. Muitas vezes, o centro comunitário está na entrada da propriedade da família responsável pela organização da festa. Já em Macapá, as casas, onde acontece o Marabaixo, ganha diferenciação das demais por causa do salão que fica na parte da frente da casa. Se não fosse por esse elemento seria uma casa comum como qualquer outra da vizinhança, mas que nos meses de festa ganha decoração e outros elementos que a caracterizam como local de ocorrência de uma festa.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O salão onde acontece o Marabaixo e os ladrões são executados é decorado com papéis coloridos, cujas cores se remetem ao santo homenageado. E na frente do local de ocorrência da festa é instalado um mastro, marcando aquele território como um espaço sagrado, em que a devoção e a fé se fazem presentes, pois o mastro representa a união entre o céu e a terra. No seu topo é colocada uma bandeira com a imagem do santo homenageado, assim, é para o alto que os fiéis dirigem seus olhares durante os momentos de agradecimento ou de pedidos de bênçãos. O mastro identifica aquele como o local de ocorrência da festa, onde acontece o Marabaixo e consequentemente onde os ladrões são cantados. Além disso, existem elementos que caracterizam o lugar como associado à atividade do Marabaixo, pois na frente dos salões é colocada uma placa com referência ao Marabaixo. Geralmente são placas coloridas, com a cor do santo de devoção, com fotos de dançadeiras e tocadores de caixa. Também são colocados banners e faixas com o logo e a história da associação, fotos em homenagem a importantes marabaixeiros já falecidos, fotos do grupo durante apresentações e viagens, e banners e cartazes com a divulgação da festa de anos anteriores.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE	Em Macapá acontece anualmente o Ciclo de Marabaixo, que tem início no sábado de Aleluia na Favela (atual bairro Santa Rita), e no domingo de Páscoa no Laguinho, e término no domingo após a celebração de Corpus Christi. Em outras ocasiões, o Marabaixo também se apresenta: no dia 04 de fevereiro, quando acontece o encontro das bandeiras na porta da igreja São José, em comemoração ao aniversário de Macapá; no dia 16 de junho, instituído como dia estadual do Marabaixo; em novembro, durante a semana da consciência negra, quando é promovido o Encontro dos Tambores na UNA (União dos Negros do Amapá); e em outras datas esporádicas ou quando um grupo é convidado a se apresentar em ocasiões especiais. Nas comunidades da porção rural do município de Macapá e também na cidade e no município de Mazagão, o Marabaixo acontece ao longo do ano todo durante as festas em louvor aos santos de cada localidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

8. BIOGRAFIA

Muitos ladronistas citados durante as entrevistas e descritos nos livros são pessoas que nasceram entre o final do século XIX e início do século XX, muitos já falecidos como: Bruno e sua esposa Izabel Cardoso, João Barca, Antônia Barca, Manuel Paciência, Benedito, Felícia, Dona Venina, João Clímaco. Entre eles também está Raimundo Ladislau, reconhecido como um grande poeta do Laguinho, que foi o autor de 'Aonde tu vai rapaz', ladrão que conta a história da reforma urbana promovida pelo governador Janary Gentil Nunes e da criação do bairro Laguinho, que posteriormente foi adaptado por Luiz Gonzaga e gravado com o nome de 'Marabaixo'. Em 1988 os filhos de Julião Ramos junto com outros representantes do Laguinho criaram uma associação e deram o nome de Raimundo Ladislau em sua homenagem. De acordo com Dona Zefa do Quinca:

> Velho Raimundo Ladislau tirava os ladrão que a gente chama, velho Antônio Barca, o velho, o finado João Barca, Manuel da Paciência e o Velho Benedito, Fina, o meu avô João Clímaco também tirava. O meu avô tirou Rosa Branca Açucena "A rosa branca açucena ô lê lê, case com a moça morena ô lê lê, rosa branca serenada ô lê lê, quem foi que te serenou ô lê lê, o orvalho do sereno ô lê lê, o orvalho me molhou ô lê lê". (Josefa Lina da Silva).

Maria José da Silva Libório é grande compositora, tocadora de caixa, e dançadeira de Marabaixo. Filha de Gertrudes Saturnino, pioneira do Marabaixo na Favela, Libório gravou um cd com suas composições, além de uma faixa que relata sua história de vida, na qual conta sua relação com a mãe e seu início no Marabaixo. Nascida em 1940, aos quatro anos mudou do centro da cidade para a Favela (atual Santa Rita). Desde criança, Maria José ajudava sua mãe nas atividades domésticas e na venda do açaí, colocando a panela na cabeça e indo para o centro da cidade. Também foi babá de muitas crianças. Começou a estudar na escola inaugurada pelo governador Janary Gentil Nunes. Depois de casada e já com os filhos criados, Maria José se formou em filosofia. Aos nove anos aprendeu com sua mãe a tocar caixa, também dança e compõe ladrões. Além disso, Maria José sempre participou e valorizou a cultural local, frequentando as escolas de samba desde os treze anos de idade até o ano de 1996, entre elas: Maracatu da Favela, Cidade de Macapá, e Os Piratas. Já realizou muitas viagens, representando o Marabaixo em diversos locais, como Limoeiro do Norte, Brasília, Belém, São Paulo, e até mesmo no Japão, quando viajou com um grupo da Igreja Messiânica. "Toco, canto, danço, e faço minhas composições". (Maria José da Silva Libório).

Outra compositora de destaque é Esmeraldina dos Santos. Nascida em Macapá, em 11 de janeiro de 1955, sempre teve estreita relação com o Curiaú, área quilombola e de preservação ambiental situada cerca de 14 km do núcleo urbano de Macapá, onde passou sua infância e juventude acompanhando seus familiares e amigos nas festas e em outras ocasiões, convivendo com os moradores do local, e aprendendo as históricas do lugar. Seu pai, Maximiano dos Santos (Bolão) e sua mãe, Francisca Ramos, a tia Chiquinha, sempre foram seus vetores. Com seu pai, homem humilde, que a vida toda trabalhou para a prefeitura de Macapá, aprendeu a importância da cultura e os valores de seu povo. Com sua mãe, mulher simples, que sempre trabalhou na roça para garantir o sustento da família, Esmeraldina aprendeu a importância do trabalho e a alegria para participar do Marabaixo. Junto com seus irmãos fundou a Associação Cultural Raízes do Bolão, que promove festas no Curiaú, oficinas musicais, e palestras nas escolas. Em uma frase ela sintetiza sua história no Marabaixo: "Eu canto e danço Marabaixo, mas não aprendi sozinha, foi no Raízes do Bolão com minha mãe Chiquinha". Em seus escritos, Esmeraldina recorda seus antepassados escravos e as dificuldades enfrentadas para garantir a sobrevivência, e em suas palavras destaca sua força e persistência nos estudos, chegando a publicar seus trabalhos e composições, além de ser homenageada em feiras de livros. Esmeraldina mudou-se definitivamente para o Curiaú em 2005, e lá consegue a inspiração necessária para compor seus ladrões, como 'Dona Florzinha', um ladrão dirigido ao público infantil, que passa a mensagem da importância da preservação ambiental. Outro ladrão de sua autoria é 'Legítima Defesa', que relata o caso da morte de uma onça, que virou caso de polícia. Abaixo apresentamos o refrão e um dos versos que explica parte do ocorrido. Assim, podemos verificar que a inspiração está nos acontecimentos do dia a dia, em ocorrências curiosas e inesperadas, que ganham um ar cômico ao se transformarem em versos de ladrão.

Amigo eu matei a onça

Deu tamanha complicação
A juíza ambiental
Veio fazer a averiguação

Culpada foi minha cunhada
Que chamou a televisão
Pensando em me fazer o bem
Quase me meteu na prisão

Entre os mais novos podemos citar Danniela Patrícia da Silva Monteiro, mais conhecida como Danniela Ramos, e Laura Cristina da Silva, que são netas de tia Biló e bisnetas de Julião Ramos. Elas carregam toda a cultura do passado do Marabaixo e seguem promovendo a manifestação cultural em seus bairros e até mesmo em outros países como a Guiana Francesa. Movida pela história da reaproximação do Marabaixo com a Igreja e a realização do Cortejo da Murta, Laura criou o ladrão que diz:

Grande acontecimento
Em louvor vem exaltar
Divino Espírito Santo
O seu nome vou louvar

A Santíssima Trindade
Vou cantar com emoção
Com o cortejo da murta
Relembro a tradição

Na frente da catedral
Eu me pego em oração
Com a bênção do Divino
De São José a proteção

Pretas velhas cantadeiras
Hoje vivem a recordar
As histórias de emoção
Do Marabaixo do Amapá

Laura nasceu em 10 de fevereiro de 1974 e conta que seu aprendizado dentro do Marabaixo se deu no seio de sua família e especialmente com sua avó Benedita Guilherma Ramos (Tia Biló), pois sempre a acompanhou nas festividades do Marabaixo que eram realizadas na casa onde foi criada. Com os ensinamentos da avó aprendeu a fazer os preparativos para o ciclo, como a elaboração do calendário. Também já foi presidente da Associação Cultural Raimundo Ladislau. Atualmente, Laura é funcionária da Seafro (Secretaria Extraordinária de Políticas para Afrodescendentes) e uma das coordenadoras do Cortejo da Murta, promovendo a reaproximação do Marabaixo com a Igreja de Macapá.

Danniela, nascida em 20 de março de 1979, é autora de inúmeras composições de ladrão de Marabaixo. Em sua tradicional família aprendeu a cultivar e a dar continuidade a essa manifestação cultural. Aos oito anos de idade aprendeu a cantar, iniciando com cantigas mais fáceis como 'Rosa Branca Açucena', e aos treze anos, na escola Azevedo Costa, recebeu o incentivo das professoras e foi se aprimorando nos ladrões. Para isso, ganhou a primorosa ajuda das senhoras que hoje compõem a velha-guarda do Marabaixo, como tia Zezinha de Mazagão Velho e especialmente com tia Zefa do Quinca, moradora do laguinho. Danniela é a atual presidente da Associação Cultural Raimundo Ladislau e uma das principais coordenadoras do Marabaixo do Laguinho. Entre suas composições estão 'Terra das Bacabeiras' e 'Que Negra Tão Linda'. A primeira ressalta as riquezas e belezas de Macapá, e a segunda fala da beleza da mulher negra dançadeira de Marabaixo. Para Danniela:

> "Terra das Bacabeiras" é uma grande homenagem a nossa terra Macapá, eu me orgulho muito de ter nascido aqui, de ser amapaense da gema. Eu sou assim, coruja pela minha terra, aonde eu vou canto, aonde eu vou eu divulgo. E aí essa expressão, na verdade, é uma grande declaração de amor que eu

faço a nossa terra Macapá, a sua beleza exuberante, a sua riqueza cultural. E a gente fica muito feliz de fazer essa composição. E "Que Negra Tão Linda" reflete a beleza do negro, especial da negra quando adentra ao salão do Marabaixo, contagia, é uma energia positiva muito boa, o rufar dos tambores, aquilo mexe com o coração de cada uma de nós, e a gente se empolga, a gente se orgulha de estar ali, de dançar, e de amar essa tradição que é o Marabaixo. (Danniela Patrícia da Silva Monteiro, 2011, I Festival de Ladrão de Marabaixo).

Em 2011 foi realizado o I Festival de Ladrão de Marabaixo em Macapá. Nessa ocasião, diversas comunidades se inscreveram apresentando um ou dois ladrões. Entre os compositores estão: Dina Silva, do Alto Pirativa; Marciana Dias e Enedino Nunes, de Maruanum; Marlúcio Cabral, de Ilha Redonda; Vera Maria Nunes da Silva, de Mazagão Novo; Adelson Preto, do Curiaú; Manoel Pereira e Raimunda S. Silva, de Mazagão Velho; Raimunda B. Silva, do Coração; Elson Jacundá, de Campina Grande; Danniela Ramos, do Laguinho; e o grande vencedor do evento Ronaldo Silva, do Torrão do Matapi, com a composição 'A Cobra Grande'. Ronaldo disse que trabalhou a composição tendo por base a história contada pelo seu avô, Benedito Pereira da Silva, e por outros membros de sua comunidade. "Toda vez que estou compondo uma música, eu sempre levo pra ele lá, ele me fala que é assim que se compõem música de Marabaixo, que os antigos criavam músicas de Marabaixo realmente em cima de temas que aconteciam dentro da comunidade. Então eu trabalhei dessa forma". (Ronaldo Silva, 2011, I Festival de Ladrão de Marabaixo).

Foi no porto lá do Torrão
Que a história se deu
Uma cobra grande boiou
E o povo todo correu

Eu não sei, eu não sabia
Foi meu avô que contou
Que no porto do Torrão
Uma cobra grande boiou

O povo saiu correndo
Sem rumo e seu direção
Teve gente que desmaiou
Ficando jogado no chão

A cobra ficou boiada
Mais ou menos duas horas
O estrago já tinha feito
Antes dela ir embora

A cobra grande engoliu
Dois porcos e um cabrito
Que era para ser servido
Na festa de São Benedito

Esses meus versos de Marabaixo
Eles todos são verdadeiros
Nós festejamos São Benedito
No dia 05 de janeiro

Eu estou contando para vocês
Esse triste padecimento
As cantigas de Marabaixo
É feita de acontecimento

Referências:

I Festival de Ladrão de Marabaixo – dvd (vídeo) – Confraria Tucuju - 2011.

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 09 de maio de 2013.

Laura Cristina da Silva – Entrevistada em 05 de maio de 2013.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Os ladrões acompanham a história do Marabaixo. Os relatos apontam que quando os africanos vieram para o Brasil, mais precisamente para a ocupação das terras do Cabo do Norte, como eram chamadas as terras localizadas acima do rio Amazonas, trouxeram também seus costumes e sua devoção aos santos católicos, que já havia sido instituída pelos portugueses nas terras por eles ocupadas no território africano. Chegando aqui, as manifestações culturais e a as expressões de fé foram se fundindo, surgindo uma festa própria do catolicismo popular. Infelizmente não existe uma história documental do Marabaixo, as pesquisas se baseiam em relatos orais passados de geração a geração. Por isso mesmo não conseguimos apontar uma data ou época oficial em que um ladrão foi criado. Eles estão presentes na memória dos marabaixeiros e seguem passando de geração em geração. O mito de origem contado por dona Zezinha (Josefa Pereira Lau), moradora de Mazagão Velho, ressalta a imagem do preto velho, que embarcou contrariado e morreu no meio da travessia. Em sua homenagem, seus pares o lançaram na imensidão do mar e realizaram a dança do Coco. Chegando ao Amapá mudaram o nome da dança para Marabaixo, em homenagem ao ocorrido. Como os escravos vinham acorrentados e não tinham mobilidade para dançar, os movimentos ficavam limitados ao arrastar dos pés. Além disso, as cantigas tinham um grande tom de lamento, pois, de acordo com os entrevistados, falavam da saudade da terra natal, do sofrimento pelo qual passavam, dos trabalhos forçados e da falta de liberdade.

Infelizmente, não há nenhuma confirmação de que um dos ladrões cantados até os dias de hoje são provenientes da época da chegada dos africanos no Amapá ou mesmo do século XIX. Sabemos, contudo, que o ladrão mais citado e apontado na história do Marabaixo – Aonde Tu Vai Rapaz - foi composto em meados da década de 1940 por Raimundo Ladislau. A primeira metade do século XX foi realmente uma época de grande inspiração para os ladronistas, e muitos ladrões continuam vivos na memória dos velhos marabaixeiros que os repassam para as novas gerações.

Nos dias de hoje, por causa do grande incentivo dado para a continuação da manifestação e também do interesse crescente dos próprios marabaixeiros em divulgar o Marabaixo, novos ladrões estão sendo compostos. Contudo, o princípio básico da inspiração para a composição de um ladrão continua sendo seguido, ou seja: histórias do cotidiano, casos engraçados, problemas de disputa entre vizinhos e parentes, exaltação às belezas da terra, louvação aos santos católicos. Por outro lado, questões contemporâneas estão sendo abordadas, como a proteção aos rios, às florestas e aos animais, e também a valorização da cultura negra.

Referência:

Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 07 de maio de 2013.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Os ladrões estão muito relacionados com os fatos históricos do estado do Amapá. Sem dúvidas, o ladrão 'Aonde tu vai rapaz' é o mais citado pelos entrevistados. Esse ladrão relata a chegada do governador Janary Gentil Nunes e as mudanças promovidas em Macapá. A senhora Josefa Lina da Silva, mais conhecida como Zefa do Quinca conta que:

> Depois que o Janary chegou, foi que ele achou que deveria melhorar a cidade, era governo, governador, foi que nós viemos pra cá pro Laguinho e outros foram pra lá pra Favela. Que até diz "Pelo jeito que eu estou vendo, nós vamos ficar sozinho, uns vão para a Favela e outros vão para o Laguinho". E aí canta: "Aonde tu vai rapaz, por esses caminhos sozinhos, eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho". (Josefa Lina da Silva).

Nunes Pereira, antropólogo que na década de 1940 viajou pela Amazônia pesquisando algumas expressões culturais,

relata uma noite de Marabaixo no Curiaú. Ele havia ido ao local na companhia de Julião Ramos. Em seu livro, O Sahiré e o Marabaixo, o autor relata, de maneira sucinta, a maneira que os moradores viviam em suas casas simples de madeira, dedicando-se à lavoura, cultuando os santos católicos e divertindo-se com a dança do Marabaixo.

> Não tardou que, a uma ordem do Velho Julião, volteassem pela sala dois tocadores de "caixa", de chapéu à cabeça, e logo homens, mulheres e crianças se puseram a dançar o Marabaixo, variando os "passos" com os toques e as atitudes dos bailantes, abraçados uns, em fila, três a três, lado a lado, isoladamente, frente a frente, mas sem se tocar, provocando-se e esquivando-se, sorrindo-se ou encarando-se de cenho franzido e olhos faiscantes.
>
> Jorravam-lhes dos lábios versos ali improvisados ou as cantigas próprias do Marabaixo, como a Aonde Tu Vai Rapaz. (PEREIRA, 1951, p.96);

Aonde tu vai rapaz
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
Lá nos campos do Laguinho

Quando vim da minha casa
Me perguntou como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador

Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Mas a Santa Engrácia não fica
Como a gente pode ficar?

Estava na minha casa
Conversando com a companheira
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro

Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Por Barão do Rio Branco

A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
Pra só morar os doutor

Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva
Para o nosso governador

Os ladrões também contam histórias relacionadas às pessoas que os compõem. São histórias de vida carregadas de lamentos, momentos de forte emoção, mas também histórias alegres e engraçadas. Por vezes, ladrões e histórias de vida se confundem gerando emocionantes relatos, como o de Raimundo Hildemar Maia dos Santos, mais conhecido como H. Maia.

> Ah eu fiz uma surpresa. Tinha um Marabaixo, era domingo de Páscoa, na casa do nosso saudoso Pavão. Eu cheguei era onze horas da manhã, não tinha ninguém em casa. Aí eu perguntei pra vizinha

> lá, mas ninguém me reconheceu. Eu trouxe o cabelo paiol, feio, desfigurado. Por sinal, eu não sou bonito, mas eu estava horrivelmente feio. Aí a vizinha do lado reconheceu minha voz, ah eu já sei quem é. Tua família tá lá pra casa do Pavão que tem Marabaixo lá. Aí eu pedi, eu poderia tomar um banho, trocar de roupa? Pois não. Aí o vizinho permitiu, aí eu fui, tomei um banho. [...] Cheguei lá na casa do Pavão, ninguém me reconheceu. Até então eu fiz sinal para um cidadão que estava tocando uma caixa, que também já é falecido, nosso saudoso Bianor. Aí eu perguntei pra ele se eu poderia tocar. Ele olhava pro Pavão e pedindo a caixa pra tocar. Eu entendi nos lábios do Pavão: esse cabeludo não sabe tocar. Eu estava com paiol, eu estava desfigurado. Até que mais da hora, eu insistindo, ele me deu a caixa. Aí eu fui tocar, aí ficaram olhando. Estava nossa saudosa Venina, também cantando Marabaixo. Eu pedi pra ela que queria puxar um ladrão. Ela ficou na dúvida. Por favor, deixa eu cantar. Cante! Aí eu cantei. E me perguntaram. O Marabaixo era fechado, quase, naquela época, era só morenos, hoje em dia já tem mestiço, tem louro. Aí perguntaram: tu és de onde. Sou daqui de Macapá, sou do Curiaú. Peraí que eu vou cantar um ladrão porque nem minha família tá me reconhecendo. Aí na hora eu improvisei: "Tereza, o Justina me bote sua bênção, eu também sou teu parente, eu sou filho da Conceição". Aí minha vó chorou, minha tia, minha mãe, estavam tudo lá e em vez de alegria choraram. Meu retorno, eu estava como falecido em Macapá. (Raimundo Hildemar Maia dos Santos).

H. Maia também faz o triste relato do naufrágio do barco Novo Amapá ocorrido no rio Jari. Nesse acidente, que aconteceu na noite de 06 de janeiro de 1981, sua esposa faleceu, mas ele se salvou. E desse episódio nasceu um ladrão, que H. Maia cantou durante sua entrevista. Contudo, foi um momento de extrema emoção. "Canto, mas eu sinto aquela tristeza, sabe. Tem um verso desse ladrão que eu compus, falar pra vocês aqui, eu vou cantar um pouco. Mas, Pai me dê força, meu Deus" (Raimundo Hildemar Maia dos Santos). Entre os versos estão os dois abaixo:

Foi na boca do Cajari
Que lá a tragédia se deu
Se eu não soubesse nadar
Um dos mortos seria eu

No encontro daquelas águas
A lembrança eu guardei
Em plena noite eu perdi a mulher
Que eu tanto amei.

Existem histórias que ultrapassam os limites das composições e de sua interpretação. Esse é o caso do trabalho de Esmeraldina dos Santos, moradora do Curiaú e membro da Associação Cultural Raízes do Bolão. Esmeraldina é escritora e já publicou livros que contam histórias do Curiaú, área quilombola e de preservação ambiental pertencente ao município de Macapá. Seu último trabalho foi 'As Aventuras de Dona Florzinha'. Os produtos desse trabalho são um livro e um cd infantil com histórias que falam da relação das pessoas e da natureza, destacando os animais e a importância da preservação ambiental. Em entrevista realizada na Maloca Raízes do Bolão, Esmeraldina diz que:

> A história do Marabaixo é muito bonita, é você fazer os ladrões no que acontece no seu dia a dia na sua comunidade, aí você vê o caso de uma onça que estava comendo gado aqui no Curiaú, aí eu fiz o ladrão de Marabaixo. Agora, a dona florzinha, a dona florzinha foi um acontecimento dentro da nossa comunidade. A minha mãe cria bastante galinha, e os macacos com medo do fogo que tem naquela época de queimadas, então eles vinham fugindo tentando procurar um lugar pra ficar, e eles entraram aqui na nossa casa, no nosso quintal querendo pegar galinha. Aí eu fiz o livro, daí já fiz o cd para mostrar como se faz os ladrões de Marabaixo. (Esmeraldina dos Santos).

Dona Flor
(Composição de Esmeraldina dos Santos)
Ei Dona Flor
Ei Dona Florzinha
Vamos dançar Marabaixo
Na casa de Dona Florzinha

Na casa da Dona Florzinha
Tem coisa de admirar
O verde da natureza

Lá não podia faltar

Quando o sol já foi se pondo
Ela sai para chamar
Toda sua criação
Ela já vai guardar

Uma velhinha de coragem
Mas chegou a se assustar
Quando ela viu um macaco
Querendo seu galo matar

Pois chamou os seus netinhos
Que vieram socorrer
E botaram o tal macaco
Pra mata onde pode viver.

Em outras ocasiões, como durante os rituais religiosos do Marabaixo, são cantados ladrões que fazem menção a Maria, a Jesus e a Deus. Geralmente esses ladrões são cantados durante a bênção e o cortejo da murta, e também na ocasião das missas com a presença de padres. Mas também podem ser cantados no próprio salão da festividade, principalmente acompanhado de uma mensagem e do agradecimento ao santo homenageado. Um dos ladrões apresenta o seguinte refrão:

Minha gente venha ver
O milagre de Maria
A coroa está no céu
Coberta de alegria

Outro ladrão se refere diretamente a devoção ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade.

Divino Espírito Santo
Divino consolador
Santíssima Trindade
Me cubra com seu amor

Outros ladrões apresentam a mistura de ideias entre o sagrado, falando de Deus e de Maria, e as histórias daqueles que dançam o Marabaixo, do seu cotidiano, dos lugares onde moram, dos seus costumes e tradições, e de suas esperanças para o futuro.

Tenho fé em Deus
Na sagrada Maria
Ora, a quem Deus promete não falta
Serei feliz algum dia

Felizmino e Maria Grande
Fizeram a combinação
Eu te sustento no inverno
Tu me sustenta no verão

Curiaú é muito bom
Pra quem não sabe dirigir
Só não é pro Felizmino

Que só passa matupiri

Amanhã é dia santo
Dia de corpo de Deus
Quem tem roupa vai à missa
Que não tem faz como eu

Referências:

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 09 de maio de 2013.

Laura Cristina da Silva – Entrevistada em 05 de maio de 2013.

Raimundo Hildemar Maia dos Santos – Entrevistado em 04 de maio de 2013.

PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951. 139 p.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Meados do século XVIII	Ocupação das terras do Cabo do Norte pelos africanos; Formação da cidade de Macapá.
1770	Criação da Vila de Nova Mazagão e início da chegada das famílias mazaganistas vindas do norte da África.
Segunda metade do século XVIII e século XIX	Expansão dos africanos e afrodescendentes pelas terras do atual estado do Amapá.
Década de 1940	Chegada do governador Janary Gentil Nunes no território do Amapá e urbanização da cidade de Macapá; transferência dos negros para a periferia da cidade, atuais bairros Laguinho e Santa Rita.
Década de 1940	Composição do Ladrão 'Aonde Tu Vai Rapaz'.
Década de 1980	Reavivamento do Marabaixo, início da criação das associações.
Início do século XXI	Novos atores se fazem presentes no Marabaixo, criação de novos ladrões, promoção dessa expressão cultural por meio de festivais e concursos. Reaproximação entre Igreja e Marabaixo.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

O principal produto é a própria composição executada durante as festividades do Marabaixo. Por vezes, os ladrões são gravados em cd ou dvd, como foi o caso o I Festival de Ladrão de Marabaixo ocorrido em 2011. Contudo, esse produto não foi comercializado e sim distribuído pela própria entidade que organizou o festival, a Confraria Tucuju. A Banda Placa, um conjunto musical que também atua junto às comunidades do interior do Amapá e também junto a alguns grupos de Marabaixo, realiza com frequência o registro dessa manifestação cultural por meio da gravação de dvd como quando foi feita a gravação do Projeto Alé na comunidade de Campina Grande, município de Macapá. Além disso, a Banda Placa produziu o cd de Maria José da Silva Libório, exímia cantadeira, dançadeira, tocadora de caixa e compositora de ladrões de Marabaixo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	**ATIVIDADE**
Composição	Escrita dos versos para se criar um ladrão de Marabaixo.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	**FUNÇÃO**
Compositores	São os responsáveis pela criação dos ladrões.
Cantadeiras/Cantadores	São os responsáveis por cantar o ladrão durante as rodas de Marabaixo. Muitas vezes o cantador é o próprio compositor.
Respondedores	São os responsáveis por responder com o refrão os demais versos colocados pelas cantadeiras ou pelos cantadores.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO	Não se aplica

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica
DISPONIBILIDADE	Não se aplica

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Trajes das dançadeiras e cantadeiras de Marabaixo: saias rodadas, coloridas e floridas, por vezes com detalhes de fitas bordadas; anágua, blusa branca com detalhes do mesmo tecido da saia ou camiseta branca da associação, toalha pendurada no ombro, flor no cabelo, e muita bijuteria, como brincos, pulseiras e colares.
QUEM PROVÊ	A própria pessoa e também a associação a qual pertence.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Esse traje de Marabaixo segue a tradição, em que as mulheres vestiam saias rodadas, floridas e coloridas. Preparar-se e vestir-se bem para a festa sempre foi um dos principais costumes do Marabaixo, seguido até os dias de hoje.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	A dança que acompanha os ladrões é o Marabaixo. Dança-se o Marabaixo acompanhando o som das caixas e as cantigas, chamadas de ladrões, que contam as histórias locais e situações do cotidiano. Os participantes mais velhos explicam que os movimentos da dança concentram-se nos pés e no tronco. De acordo com eles, dança-se arrastando os pés, um seguindo do outro, pois os escravos acorrentados não tinham a mobilidade necessária para mexer as pernas. Contudo, o movimento das saias rodadas, floridas e coloridas traz dinamismo e alegria para a dança. O deslocamento é feito para frente, para trás e para os lados, não existem passos marcados, a liberdade desses passos e dos rodopios predomina em cada participante. A dança é realizada no sentido anti-horário, mas não existem regras.
QUEM EXECUTA	Mulheres, homens e crianças.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A expressão em cada rosto dos participantes traduz o gosto pela dança, a satisfação e o orgulho de suas raízes. Os sentimentos se afloram, sendo difícil esconder o sorriso durante as apresentações. O Marabaixo é dançado por mulheres, homens e crianças, não havendo qualquer limitação de idade. Podemos encontrar crianças de dois anos até idosos de mais de noventa anos nas rodas.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	A música é o próprio ladrão que estamos aqui tratando. Os ladrões são as músicas do Marabaixo cantadas durante a dança pelas cantadeiras e pelos cantadores. Algumas pessoas têm a responsabilidade de cantar o ladrão colocando os versos, esses são os puxadores, enquanto outros respondem entoando o refrão, que geralmente é o primeiro verso de cada composição. As composições são feitas pelos próprios participantes da manifestação cultural, geralmente por um dos membros de um grupo que prepara o ladrão para o ciclo que vai começar ou diante de um acontecimento inusitado e importante para a comunidade.
QUEM PROVÊ	Compositores e cantadeiras/cantadores.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os ladrões de Marabaixo são cantados durante a dança pelas cantadeiras e cantadores. Algumas pessoas tem a responsabilidade de cantar o ladrão, enquanto outros respondem. As letras narram a vida da comunidade, histórias individuais ou da família, querelas entre vizinhos, fatos históricos e cotidianos. Além disso, eles animam e dão dinâmica a música e a dança.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Caixa: instrumento musical feito de madeira e couro usado durante a dança do Marabaixo. As caixas são produzidas nas próprias comunidades e nos redutos de Marabaixo. Geralmente, antes

	das leis de proteção ambiental a madeira usada para confeccionar as caixas era retirada diretamente da mata e toda a caixa era construída com essa madeira. Mas, atualmente, os fazedores de caixa usam paletes de madeira que conseguem em lojas de móveis e eletro domésticos. O uso do couro também passou por mudanças, geralmente usa-se o couro de carneiro que é beneficiado, mas ainda podem ser encontradas caixas com couro de cobras e outros animais como os bovinos. Do lado de fora das caixas são colocados barbantes que servem para a afinação do instrumento. E na parte inferior da caixa é colocada uma linha com miçangas.
QUEM PROVÊ	Fazedores de caixa.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As caixas são penduradas nos ombros e tocadas com baquetas. Durante a festa observamos dois, três e até quatro tocadores. Contudo, quando há amplificação sonora, mais caixas podem ser usadas. Esses instrumentos produzem o som que segue o ritmo necessário para a colocação dos ladrões. Dessa maneira, as caixas promovem a dinâmica do Marabaixo, animando o público e levando as dançadeiras ao centro do salão para rodopiarem suas saias floridas e coloridas. Além disso, as caixas também têm uma função social, pois frequentemente são realizadas oficinas para crianças aprenderem a confeccionar esses instrumentos.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	**ATIVIDADE**
	Não se aplica.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

Neste item estamos levando em consideração não só a composição que é executada durante o Marabaixo, mas também os dvd's e cd's que são gravados como registro da festividade. Por isso, neste processo mais de um meio de comercialização se faz presente.

PARA USO PRÓPRIO ■	**VENDE** ■	TROCA ☐	**OUTRO** ■	**ESPECIFICAR**	Distribuição
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	**SIM** ☐	**NÃO** ■	**PRINCIPAL FONTE DE RENDA** ☐	**COMPLEMENTO** ■	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	**DIRETO** ■	**INTERMEDIÁRIO** ■	**COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO** ■		

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

A maioria dos compositores participa das associações e grupos de Marabaixo, que promovem essa manifestação cultural durante o ciclo do Marabaixo em Macapá e durante as festas em devoção aos santos nas comunidades rurais. Apesar de fazer parte de uma entidade, o compositor não tem nenhuma obrigação relacionada a composição do ladrão ou a execução de seu próprio ladrão durante as festas. Por outro lado, cada associação reforça o papel de seus participantes dando condições de atuarem em festivais e concursos, quando a inscrição está condicionada a participação da pessoa em um grupo de Marabaixo.

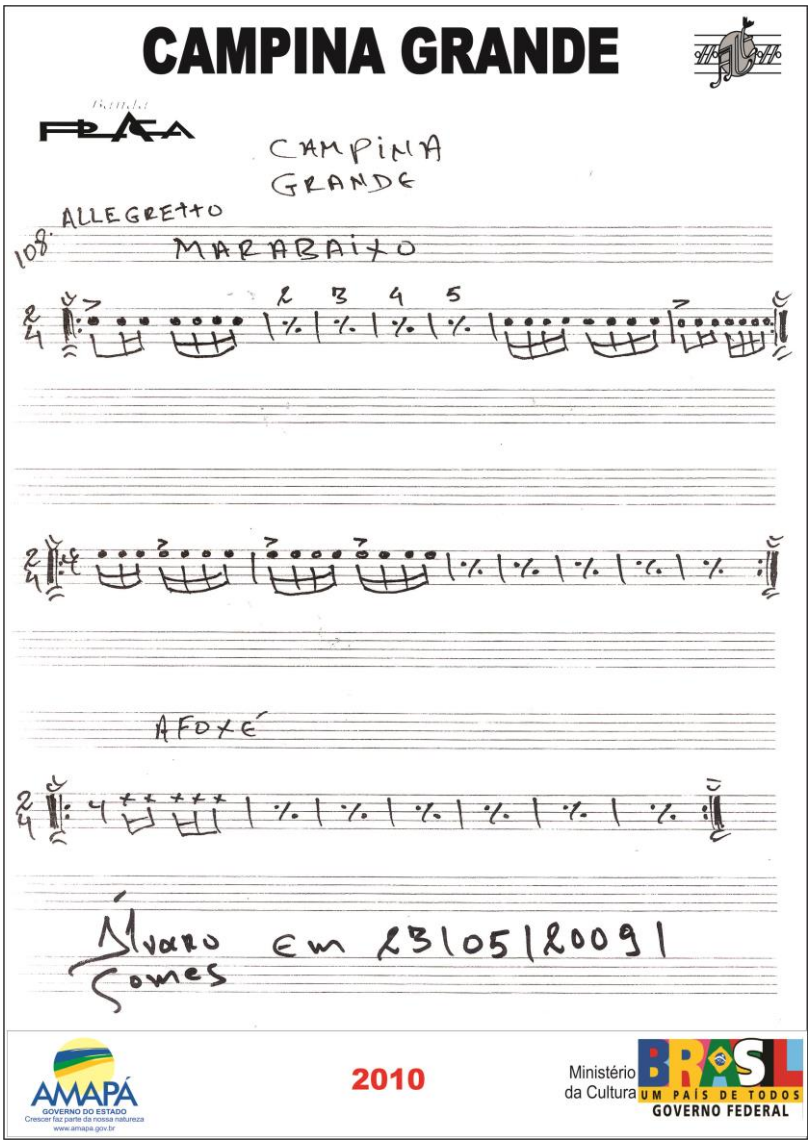
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cortejo da Murta - Seafro (Celebração)	F1 – A3 – Código 01 – F20 – Nº 01
Encontro dos Tambores (Celebração)	F1 – A3 – Código 02
Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Celebração)	F1 – A3 – Código 03 – F20 – Nº 02
Festa de São Tomé da comunidade Carvão (Celebração)	F1 – A3 – Código 04
Festa da Sagrada Família da comunidade Campina Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 05
Festa de São Sebastião da comunidade Ilha Redonda (Celebração)	F1 – A3 – Código 06
Festa de São José da comunidade Abacate da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 07
Festa da Santíssima Trindade da comunidade Casa Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 08
Festa do Divino Espírito Santo da comunidade Ressaca da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 09
Festa de Santa Maria da comunidade Curiaú (Celebração)	F1 – A3 – Código 10
Festa de Nossa Senhora da Assunção da comunidade Torrão do Matapi (Celebração)	F1 – A3 – Código 11
Festa de São Sebastião de Mazagão (Celebração)	F1 – A3 – Código 12
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau (Celebração)	F1 – A3 – Código 13
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão (Celebração)	F1 – A3 – Código 14
Festa da Santíssima Trindade da Associação Berço do Marabaixo (Celebração)	F1 – A3 – Código 15
Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa (Celebração)	F1 – A3 – Código 16
Festa da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela (Celebração)	F1 – A3 – Código 17

Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Laguinho (Lugar)	F1 – A3 – Código 26 – F50 – Nº 06
Favela (Lugar)	F1 – A3 – Código 27 – F50 – Nº 07
Curiaú (Lugar)	F1 – A3 – Código 28 – F50 – Nº 08
Mazagão Velho (Lugar)	F1 – A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



Partitura com Marabaixo da Comunidade de Campina Grande. Fonte: Revista Alé. Macapá: Banda Placa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Caderno de Ladrões de Marabaixo de Dona Josefa Lau. Associação Amapaense de Folclore e Cultural Popular.
Partituras de Ladrões de Marabaixo. Acervo Banda Placa.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:
Carlos Augusto Gomes - Entrevistado em 16 de maio de 2013.
Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.
Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 09 de maio de 2013.
Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 26 de março de 2013.
Raimundo Hildemar Maia dos Santos – Entrevistado em 04 de maio de 2013.
Registros Audiovisuais:
I Festival de Ladrão de Marabaixo – dvd – Confraria Tucuju.
Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.
Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 09 de maio de 2013.
Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 26 de março de 2013.
Raimundo Hildemar Maia dos Santos – Entrevistado em 04 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 04 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.
Esquenta Juventude Marabaixeira – Macapá. 19 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.
Nossos Ídolos. Maria José Libório. Banda Placa. 2011.
Projeto Alé – Campina Grande. Banda Placa. 30 de dezembro de 2012.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Neste item estão relacionadas as fotos que registram alguns momentos em que os ladrões são cantados. Para a lista completa das fotos inventariadas consultar o Anexo 2 – Registros Audiovisuais.
Registros Fotográficos – Pesquisadores:
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 30 de março de 2013.
Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 30 de março de 2013.
Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá. 31 de março de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 31 de março de 2013.
Registros Fotográficos – Fotógrafos:
Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 04 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.
Esquenta Juventude Marabaixeira – Macapá. 19 de maio de 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--

Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Os ladrões de Marabaixo constituem-se em ricos relatos que podem contribuir para a constituição da história do Marabaixo e do povo do Amapá. Seria interessante a realização de um estudo mais aprofundado e um trabalho de resgate dos antigos ladrões, assim como de um registro por escrito de cada ladrão ou até mesmo a publicação desse material.

Destacamos abaixo alguns de ladrões encontrados em cadernos, ouvidos, recitados e cantados durante as entrevistas que a equipe de pesquisa encontrou durante o INRC. Contudo, faz-se necessário o aprofundamento do estudo desses ladrões para que se possa elencar aqueles que ainda são executados, e também aqueles que são apenas relatados e que estão guardados na memória dos Marabaixeiros:

Eu e meus companheiros; Mulher; Canário; Vaca malhada; Bem-te-vi; Balão de ouro; Eu caio; Quando eu caí nos teus braços; Mineiro pau; Boi laranja; Guardario; Pedra Verde; Sarilho; Caoã; A Costeira; Aonde tu vai rapaz; Rouxinol; Meu passarinho; As curicas; O nego; Vem prá cá Ioiô; Alvorada; A lavadeira; Lírio roxo; Quatro da madrugada; Cafusa; Campo das flores; Areia do mar; Rio Mutuacá; Rosa branca açucena; Senzala.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Todos os bens aqui mencionados já estão sendo pesquisados pelo INRC do Marabaixo do Amapá.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não se aplica

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Adriene dos Anjos Noronha	DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	25/02/2014

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **LUGARES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F50	06
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Macapá
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Laguinho
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Julião Tomaz Ramos (nome dado ao Bairro por um período de tempo)
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Avenida Nações Unidas no bairro Laguinho – Macapá/AP. Data: 30/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Igreja de São Benedito no Bairro Laguinho – Macapá/AP. Data: 14/05/2013. Foto: Adriene Noronha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Sede da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão no Laguinho – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Membros da AFOMAPA em cortejo com a imagem do Divino Espírito Santo pelas ruas do Laguinho – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Cortejo da Murta pelas ruas do Laguinho. Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Cortejo da Murta pelas ruas do Laguinho. Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Sede da Associação Cultural Raimundo Ladislau no Laguinho – Macapá/AP. Data: 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Levantamento do Mastro na movimentada Rua Eliezer Levi no Laguinho. ACRL - Macapá/AP. Data: 09/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Bairro do Laguinho foi criado na década de 1940, no contexto de uma mudança urbanística na capital do estado do Amapá. O nome do espaço se remete aos inúmeros lagos que existiam no local, até então usado para a caça, pesca, e coleta de material nativo. O Bairro foi ocupado principalmente pela população afrodescendente que anteriormente residia no centro da cidade. Desde então, é reduto de manifestações culturais diversas, como o Marabaixo, o batuque e o samba.

Em detrimento da Lei numero 339/89, o bairro do Laguinho inicia-se no cruzamento da Rua Cândido Mendes com a Avenida Pedro Américo, seguindo no sentido oeste até a Rua Leopoldo Machado; no sentido sul, até a Avenida Ernestino Borges; e no sentido leste até a Rua Cândido Mendes.

Segundo o censo do ano 2000, estima-se que a população residente no bairro seja de aproximadamente 7.476 habitantes. O Laguinho possui boa infraestrutura com escolas, faculdade, comércio diversificado e espaços culturais. É um espaço predominantemente residencial, mas com um uso ritual vinculado às tradicionais manifestações culturais do Estado, como o Marabaixo e o Batuque, e também com diversas celebrações ligadas à Igreja de São Benedito, como a Festa de São Benedito.

Referências:

Arquivo da Biblioteca Pública:

Texto Laguinho. Sem autoria. Sem data.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O espaço hoje ocupado pelo Bairro do Laguinho transformou uma paisagem de pequenos lagos e mata nativa para um cenário especificamente urbano. Atualmente, destacam-se no local as casas de descendentes dos mestres do Marabaixo, onde hoje funcionam tradicionais grupos da manifestação: a Associação Folclórica Marabaixo do Pavão está localizada na Avenida Nações Unidas, 1160, e é formada pelos descendentes do Mestre Pavão; a Associação Cultural Raimundo Ladislau fica na Rua Eliezer Levi, 632, e é formada pelos descendentes de Julião Ramos, sendo seu nome uma homenagem ao antigo ladronista Mestre Raimundo Ladislau.

O bairro também abriga a UNA – União dos Negros do Amapá, na Avenida José Antônio Siqueira, ONG cultural que congrega e apoia diversas manifestações culturais do bairro, promovendo cursos, eventos e apresentações.

No Laguinho está também situada a Igreja de São Benedito, localizada na Rua General Rondon, 429. Neste templo da Igreja Católica, ocorrem diversas manifestações relacionadas ao Marabaixo. No local ocorre uma missa no domingo de Páscoa para celebrar o início do ciclo, e no Cortejo da Murta, os marabaixeiros cantam e dançam pelas ruas do bairro Laguinho, tendo uma passagem especial na Igreja de São Benedito.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

O bairro do Laguinho se destaca pelas inúmeras manifestações ocorridas em seu território:

- o Marabaixo que ocorre nas associações Raimundo Ladislau e Pavão, e também nas ruas em cortejos. Na ocasião, os espaços são enfeitados com papéis coloridos. Um altar com os santos devotados, Santíssima Trindade e Divino Espírito Santo, é montado e ricamente decorado nas casas. Além disso, os mastros dedicados aos mesmos santos são erguidos na frente das associações.

- o Samba, presente nas ruas e nas sedes das escolas de samba locais, Solidariedade, Boêmios do Laguinho e Piratas Estilizados, além de Blocos de rua. Na ocasião as ruas são enfeitadas com a decoração promovida pelas escolas de samba.

- a União de Negros do Amapá, cuja sede se encontra no bairro, e que promove diversas atividades para fomentar as manifestações culturais do estado, possui uma infraestrutura com anfiteatro, palco e grande espaço para shows e atividades diversas.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A história do bairro Laguinho está ligada à criação do território do Amapá, ocorrida na data de 13 de setembro de 1943. Na ocasião, após a vinda do governador Janary Gentil Nunes à cidade, ocorreram profundas mudanças na vida social, política e administrativa da região. O novo governador se empenhou para trazer novos moradores para a cidade, com o objetivo de formar a estrutura política local, e também realizou uma grande mudança na urbanização de Macapá.

No local onde hoje está localizada a Praça Barão do Rio Branco, havia uma vila chamada Santa Engrácia, habitada principalmente pela população afrodescendente e espaço de diversas manifestações culturais. O governador escolheu esse sítio para a construção da residência oficial do governo do Estado e de seus funcionários. Conta-se que o então líder comunitário, o Senhor Julião Tomaz Ramos, aceitou ceder o seu terreno em troca de casas que seriam construídas pelo governo em outra área – os campos do Laguinho. Essa área foi assim chamada porque era cercada por pequenos lagos. Alguns familiares do senhor Julião já moravam no local e havia ali uma passagem para a vila do Curiaú, além de ser um espaço utilizado para a caça, pesca e coleta de material nativo como o açaí, a bacaba, a goiaba, etc. Conta-se também que no local residia um descendente de escravos conhecido como Pretinho, e que morava nas proximidades do Poço da Boa Hora. Com medo desse morador, dizem que ninguém se atrevia a passar no local ao meio dia ou no final da tarde.

Os ladrões de Marabaixo contam muito sobre esta mudança na configuração da cidade. Em um depoimento para a Folha do Amapá do dia 23 de abril de 1993, Joaquim Ramos, filho do Mestre Julião assim relatou a mudança para o bairro:

> O capitão Janary quando aqui chegou, achou por bem que a gente deveria morar em outra terra, pois ia precisar daquela nossa para construir sua residência e de seus ajudantes, e também alguns prédios públicos e por isso ia precisar do Largo de São João e sua redondeza para essa obra. O Largo de São João ficava onde é hoje a Praça Barão do Rio Branco. E cantarolou: O Largo de São João/Já não tem mais nome de santo/Hoje é reconhecido, por Barão do Rio Branco. Por isso fomos para os campos do Laguinho. Por escolha própria, pois lá as mulheres lavaram roupa por causa da água limpa e era passagem para as matas onde os homens iam caçar. E mais um trecho da canção lembrando a mudança: Aonde tu vai, rapaz / Por estes campos sozinho?/ Vou fazer minha morada/ Lá nos campos do Laguinho. (Folha do Amapá, 23 de abril de 1993).

Provavelmente no ano de 1944 foram abertas as primeiras ruas do bairro, e assim, foram se instalando as primeiras famílias como Gaia Ramos, Saturnino, Claudino, dentre outras, no local. Na década de 1950, pelas imagens pode-se observar cerca de 20 casas espalhadas pelo Laguinho, todas simples, cobertas de palha.

O bairro do Laguinho já foi chamado oficialmente de Julião Tomaz Ramos, prevalecendo, porém, o primeiro nome.

Desde a década de 1940, o bairro se urbanizou e viu surgir diversos equipamentos, mas manteve as tradições trazidas do centro da cidade, como o Marabaixo e o batuque, que hoje têm lugar nas associações culturais, e criou novas manifestações, como o samba, que desde a década de 1960, quando foram criadas as primeiras escolas, faz parte do cotidiano do local.

Referências:

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

Laguinho - lei de criação 339/89.

Texto Laguinho. Sem data. Sem autoria.

Uma história de vida nos campos do Laguinho. Folha do Amapá. Macapá, 23 de abril de 1993.

Felícia Socorro Ramos. Entrevistada em 07 de maio de 2013.

Gerson Ramos. Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Joaquina Ramos da Silva. Entrevistada em 08 de maio de 2013.

Josefa Lina da Silva. Entrevistada em 04 de maio de 2013.

Maria da Conceição Lino Videira. Entrevistada em 07 de maio de 2013.

Mônica Ramos. Entrevistada em 04 de maio de 2013.

RODRIGUES, Edgar. Laguinho. Acervo Seafro.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O Bairro do Laguinho é retratado em diversos ladrões de Marabaixo, mas existe um em especial, criado em meados do século XX, que até hoje é lembrado e cantado durante o ciclo. Em seus versos, é rememorado o episódio que marcou a população negra, até então moradora do centro da Cidade de Macapá. No ano de 1944, com a vinda do Governador Janary Gentil Nunes, os moradores foram obrigados a se deslocar do centro para bairros mais afastados, para dar lugar à nova urbanização da cidade e à construção de casas para o funcionalismo público. Parte dos moradores foi para o Laguinho, onde o governo ofereceu terrenos, e parte foi para o bairro da Favela, hoje conhecido como Santa Rita. A letra se refere a este deslocamento forçado, à tristeza referente a esse dar lugar para os "barões" recém-chegados. Na entrevista de Raimunda da Silva Ramos, ela conta que a letra foi feita por Raimundo Ladislau e por seu pai, Bruno Lino Ramos. Também a senhora Josefa Lina da Silva, mais conhecida como Zefa do Quinca conta que:

> Depois que o Janary chegou foi que ele achou que deveria melhorar a cidade, era governo, governador, foi que nós viemos pra cá pro Laguinho e outros foram pra lá pra Favela. Que até diz "Pelo jeito que eu estou vendo, nós vamos ficar sozinho, uns vão para a Favela e outros vão para o Laguinho". E aí canta: "Aonde tu vai rapaz, por esses caminhos sozinho, eu vou fazer minha morada lá nos campos do Laguinho". (Josefa Lina da Silva).

Aonde tu vai rapaz
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
Lá nos campos do Laguinho

Quando vim da minha casa
Me perguntou como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador

Destelhei a minha casa
Com a intenção de retelhar
Mas a Santa Engrácia não fica
Como a gente pode ficar?

Estava na minha casa
Conversando com a companheira
Não tenho pena da terra
Só tenho do meu coqueiro

Largo de São João
Já não tem nome de santo
Hoje é reconhecido
Por Barão do Rio Branco

A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
Pra só morar os doutor

Dia primeiro de junho
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando viva

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Para o nosso governador

A letra desse ladrão foi retirada do livro de Nunes Pereira, 'O Sahiré e o Marabaixo'. Contudo, existem versões similares em que são empregados termos parecidos e também novas estrofes.

Referências:

Josefa Lina da Silva. Entrevistada em 09 de maio de 2013.

PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951. 139 p.

Raimunda Ramos da Silva. Entrevistada em 8 de maio de 2013.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1943	Criação do Estado do Amapá.
1944	Criação do Bairro do Laguinho, e transferência das famílias que habitavam o centro da cidade para o local. A partir de então o Marabaixo se divide sendo praticado no Laguinho, tendo como principal liderança a família Ramos, e poucos anos depois na Favela, onde a figura maior destaque foi Gertrudes Saturnino.
1956	Inauguração da Igreja de São Benedito. Em 1964, ela recebeu nova planta, e foi reinaugurada.
1988	Criação da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, no Bairro do Laguinho.
1988	Criação da Associação Cultural Raimundo Ladislau, no Bairro do Laguinho.

6. USOS ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS

O Bairro do Laguinho é um espaço predominantemente doméstico, mas que possui estabelecimentos comerciais diversos, escolas, igreja, e equipamentos culturais.

6.2. USOS CERIMONIAIS

Na ocasião do Ciclo do Marabaixo, tanto as residências, como as ruas do bairro se tornam palcos da manifestação, em cortejos e rituais diversos. Destaca-se o Cortejo do Mastro, quando o mastro é levado até a casa do festeiro, também há o Cortejo da Murta, em que cada marabaixeiro carrega um ramo de murta pelas ruas do bairro em direção à Igreja de São Benedito. Também durante o ciclo, a Associação Cultural Raimundo Ladislau acompanha as missas, em devoção ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, na Igreja São Benedito. Já a Associação Folclórica Marabaixo do Pavão utiliza para seus rituais e realização de missas a Igreja Jesus de Nazaré, localizada na Avenida Leopoldo Machado, já no bairro Jesus de Nazaré, mas que está na divisa com o Laguinho.

O Encontro dos Tambores ocorre há cerca de 20 anos na União de Negros do Amapá, cuja sede está no Bairro do Laguinho, sempre na semana de Novembro que culmina com o dia da Consciência Negra, dia 20. Na ocasião, diversos grupos de Marabaixo, Batuque e outras manifestações culturais de todo o Estado, são convidados a realizar apresentações e se congregar no evento. Na UNA também aconteceu em 2011, o I Festival de Ladrão de Marabaixo, promovido pela Confraria Tucuju. O evento reuniu 10 comunidades que foram representadas por seus grupos de Marabaixo.

Do dia 19 a 21 de janeiro, anualmente, ocorrem os festejos relacionados a São Benedito na Igreja dedicada ao santo localizada no bairro do Laguinho.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Encontro dos Tambores (Celebração)	F1 – A3 – Código 02
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau (Celebração)	F1 – A3 – Código 13
Festa do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão (Celebração)	F1 – A3 – Código 14
Igreja São Benedito (Edificação)	F1 – A3 – Código 20
Igreja Jesus de Nazaré (Edificação)	F1 – A3 – Código 21
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Ladainha (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 25
Laguinho (Lugar)	F1 – A3 – Código 26 – F50 – Nº 06
Gengibirra (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 31 – F60 – Nº 11
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa do Bairro Laguinho. Fonte: Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Amapá.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

Laguinho - Lei de criação 339/89.

Texto laguinho. Sem data. Sem autoria.

Uma história de vida nos campos do Laguinho. Folha do Amapá. Macapá, 23 de abril de 1993.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:

Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Felícia Socorro Ramos. Entrevistada em 07 de maio de 2013.

Gerson Ramos. Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Joaquina Ramos da Silva. Entrevistada em 08 de maio de 2013.

Josefa Lina da Silva. Entrevistada em 04 de maio de 2013.
Mônica Ramos. Entrevistada em 04 de maio de 2013.
Maria da Conceição Lino Videira. Entrevistada em 07 de maio de 2013.
Raimunda da Silva Ramos. Entrevistada em 08 de maio de 2013.
Registros Audiovisuais:
I Festival de Ladrão de Marabaixo. Abril/2011.
Danniela Patrícia da Silva Monteiro. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Josefa Lina da Silva. Entrevistada em 09 de maio de 2013.
Marabaixo, ciclo de amor, fé e esperança. 2008.
Mônica Ramos. Entrevistada em 20 de maio de 2013.
Nossos Ídolos. Benedita Guilherma Ramos (Tia Biló). 2011.
Preparativos Corte do Mastro – AFOMAPA – Macapá. 04 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau - Macapá. 05 de maio de 2013.
Preparação do Caldo – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.
Preparação Festeira (Djane Estrela) – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.
Cortejo da Murta Laguinho – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.
Levantamento do Mastro – ACRL – Macapá. 09 de maio de 2013.
Ladainha Chico da Lagoa – AFOMAPA – Macapá. 09 de maio de 2013.
Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA – Macapá. 19 de maio de 2013.

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos – Pesquisadores:
Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá. 30 e 31 de março de 2013.
Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 31 de março de 2013.
Igreja Jesus de Nazaré – Macapá. 14 de maio de 2013.
Missa Igreja São Benedito – ACRL – Macapá. 19 de maio de 2013.
Registros Fotográficos – Fotógrafos:
Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 05 de maio de 2013.
Cortejo da Murta – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.
Levantamento do Mastro – ACRL – Macapá. 09 de maio de 2013.
Ladainha – AFOMAPA – Macapá. 09 de maio de 2013.
Missa – AFOMAPA – Macapá . 19 de maio de 2013.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Seria interessante realizar um estudo sobre a mudança da tipologia das habitações no local. Investigar as formas tradicionais locais e sua utilização na atualidade.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Todos os bens mencionados nesta ficha já estão sendo estudados no INRC do Marabaixo. Contudo, seria interessante acompanhar e aprofundar o conhecimento sobre o Encontro dos Tambores, evento que ocorre na semana da consciência negra na União dos Negros do Amapá, localizada no bairro do Laguinho.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não Há

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **LUGARES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F50	07
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Favela (Bairro Santa Rita)
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Favela
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Bairro Santa Rita (nome oficial).
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Cortejo do Mastro pelas ruas da Favela – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Decoração da Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

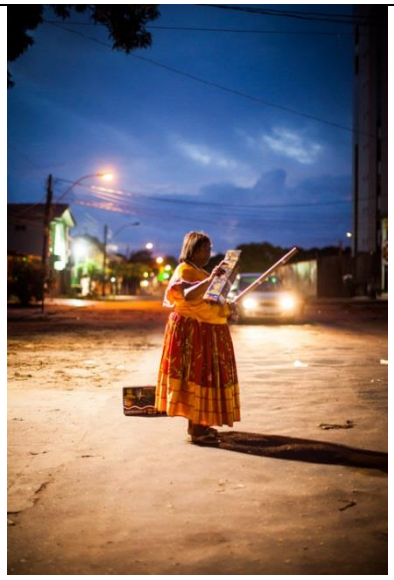
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Cortejo do Mastro pelas ruas da Favela – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Cortejo do Mastro pelas ruas da Favela – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Participantes da Associação Berço do Marabaixo – Macapá/AP. Data: 10/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Marabaixo na Associação Berço do Marabaixo – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.



Marilda da Silva Costa preparando os fogos para o Levantamento do Mastro – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Marabaixeiros no meio da rua da Favela para o Levantamento do Mastro – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Favela, conhecida atualmente como bairro Santa Rita, localiza-se na região central da capital amapaense e faz parte hoje do conjunto de bairros citados por Edgar Rodrigues como "Central". O local faz limite com os bairros de Jesus de Nazaré, Nova Esperança, Buritizal e Trem. Embora o núcleo do centro de Macapá tenha sido fundado em fevereiro de 1758, formando assim a Cidade Velha e o primeiro lócus de urbanização da cidade, a região da Favela começou a ser habitada somente dois séculos depois.

Foi em meados do século XX, quando Janary Gentil Nunes ofereceu terrenos no Laguinho aos moradores do Centro, que alguns dissidentes recusaram a proposta do novo governador e se alocaram na Favela:

> [...] houve a separação dos afrodescendentes, "uns indo para o Laguinho e outros para a Favela" – como diz a letra do Ladrão de Marabaixo – mas a comunidade afro-amapaense encontrava com seus conterrâneos pelo menos uma vez por ano, ou seja, nos festejos anuais do "ciclo do Marabaixo." Por isso, nesses encontros a alegria e a satisfação saltavam aos olhos e transbordavam nos corações (VIDEIRA, 2009, p. 89).

De acordo com o relato do professor Carlos Alberto Viana Marques, a favela foi o segundo loteamento realizado pelo governo de Janary, destinado a abrigar os antigos habitantes do centro. O Local teria este nome, devido a um morador proveniente do Morro da Mangueira do Rio de Janeiro, que considerava as casas de madeira do local parecidas com as casas do seu Morro de origem. Porém, este não foi seu nome oficial, uma vez que logo após a fundação do loteamento, instalou-se a Paróquia de Santa Rita que deu nome ao local.

Nele, viveram grandes figuras da cidade, como Benedito Lino do Carmo e Dona Gertrudes, e assim o local acabou por se tornar um dos principais marcos geográficos do município, tendo tradição na manifestação do Marabaixo e também no samba, abrigando a Escola de Samba Maracatu da Favela.

Referências:

Carlos Alberto Viana Marques. Entrevistado em 14 de maio de 2013.

RODRIGUES, Edgar. Central. Acervo da Seafro.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O bairro abriga a maioria dos prédios e condomínios residenciais da capital amapaense, além de grande parte dos órgãos públicos, como a Secretaria de Cultura do Estado (Secult), que ficam localizados na Avenida Fab e se estendem por cerca de cinco quarteirões. Conta também com a Escola Estadual Tiradentes, na Rua Santos Dumond, e com a Instituição de Ensino Graziela Reis de Souza, na Avenida Duque de Caxias. No tocante ao Marabaixo, destacam-se a Associação Cultural Berço do Marabaixo, localizada na Avenida Duque de Caxias, 1203, e a Associação Zeca e Bibi Costa, que fica na Rua Mendonça Furtado, 1882.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

A Favela tem seu espaço utilizado para diversos tipos de manifestações culturais, em sua maioria de origem afrodescendente. Dentre essas se destacam as festividades de Marabaixo, o Batuque e o Tambor de Criola. As associações Berço do Marabaixo e Zeca e Bibi Costa, são organizações criadas para estimular as manifestações culturais, que ocorrem nestes espaços e também nas ruas do bairro.

Durante os festejos do Marabaixo, o espaço das casas e associações é enfeitado com fitas. Orna-se também um altar doméstico com os santos devotados na festividade. Além disso, é comum a presença de faixas na frente das associações indicando a celebração. Também é erguido um mastro na frente de cada associação como parte dos rituais, elemento que indica que naquele local está sendo realizada uma festa em devoção ao santo representado na bandeira que fica no alto do mastro.

A população mais tradicional do bairro, entretanto, reclama da crescente falta de liberdade para praticar tais atividades, sofrendo intervenções da polícia, que é chamada, por exemplo, para impedir a utilização de som alto a partir das dez

horas da noite. Segundo Dona Irene Pereira dos Santos, tais denúncias são feitas não pela população local, mas por pessoas de outros Estados que se mudam para a capital Amapaense, especialmente para ocupar cargos públicos.

Referência:

Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 09 de maio de 2013.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A origem do atual bairro Santa Rita se encontra na década de 1940, quando do reconhecimento do território do Amapá. O governador nomeado, Sr. Janary Gentil Nunes, determinou que a população afrodescendente que ocupava a então chamada "Vila de Santa Engrácia" se retirasse para uma região periférica, o Laguinho. Alguns moradores, liderados por Dona Gertrudes Saturnino se recusaram a fazer tal mudança e decidiram ir para a região hoje conhecida como Favela: "A Favela sempre foi muito questionadora. Uma parcela dos negros foi resistente ao desalojamento e em contraposição a decisão de ir para o Laguinho foram para a Favela, que em função disso nunca foi reconhecida como tal, tendo seu nome desde o começo sido apagado pelo nome de Santa Rita." (Marilda Silva da Costa).

Marilda nos conta ainda que:

> Tal desmembramento da população negra acabou por gerar uma quebra, que de certa forma enfraqueceu a expressão como um todo, e a população da Favela era muito menor e não lideravam a manifestação cultural. A realização da manifestação cultural era liderada por uma mulher que não tinha direito a voto, nem voz e era negra. A Gertrudes era uma mulher à frente de seu tempo, que quebrou muitos paradigmas, que não se sujeitou a fazer o que era determinado (...) e decidiu também fazer a manifestação onde ela morava. Além do mais, tinha todo o forte da religiosidade (...) que foi a força motriz de decisão dela de cultuar suas devoções através dos tambores. (Marilda Silva da Costa).

Alguns depoimentos, como do Professor Carlos Viana Marques e Maria José Libório não falam de uma dissidência, mas de um segundo loteamento, feito em menor proporção no local. A origem do nome Favela também é múltipla, sendo que uns dizem remeter à presença de um morador proveniente do Rio de Janeiro, que considerava as casas de madeira do local muito parecidas com as casas das favelas cariocas, enquanto outros dizem remeter à presença de morros no Bairro. Maria José Libório conta também que o local, na década de 1940, era formado por muito mato e uma lagoa. Para chegar ao centro da cidade, era preciso atravessar pontes construídas de forma precária.

Mesmo após a divisão entre Laguinho e Favela, o Marabaixo ocorria tradicionalmente no Bairro do Laguinho, mas devido a desentendimentos entre os manifestantes, Dona Gertrudes Saturnino fundou na Favela um grupo específico de marabaixeiros, então denominado de Marabaixo dos Inocentes.

Hoje, o bairro mantém duas associações, a AZEBIC – Associação Zeca e Bibi Costa, criada e mantida pela Sra. Irene Pereira dos Santos, e o Berço do Marabaixo, que promovem o Marabaixo todos os anos. Entretanto, a maior parte da população não mais se engaja com os festejos, que ficam concentrados dentro dos grupos.

Referências:

Carlos Alberto Viana Marques. Entrevistado em 14 de maio de 2013.

Maria José Libório. Áudio Nossos Ídolos. Acervo banda placa, 2011.

Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

As narrativas de origem do nome Favela são variadas. Segundo depoimento do Professor Carlos Alberto Viana Marques, a denominação teria sido criada por um antigo morador, proveniente do Morro da Mangueira do Rio de Janeiro. Ele considerava as tradicionais casas de madeira do local muito parecidas com as casas das favelas cariocas, daí derivando a alcunha. Já o depoimento de Maria José Libório associa o nome da Favela à presença de morros no local.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

O fato é que o nome Favela é forte dentro do Marabaixo, e mesmo o bairro sendo oficialmente chamado de Santa Rita, todas as referências relativas ao Marabaixo do local estão associadas ao nome Favela, inclusive os ladrões, que são as músicas do Marabaixo. Em 2012, durante a apresentação da Associação Zeca e Bibi Costa, a cantadeira Priscila puxou um ladrão cujo refrão dizia:

Sou da Favela
Você tem que respeitar
Minha história é contada
No brilho de cada olhar.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1943	Criação do Território Federal do Amapá
1944	Criação de um loteamento no Laguinho e de um loteamento na região da Favela, para onde foram os grupos anteriormente residentes no centro da cidade.
Meados do século XX	Início do Marabaixo na Favela – sem data definida. Há versões que acusam que a manifestação no local se iniciou com uma promessa a Santíssima Trindade, e outras versões que relatam que houve um desentendimento entre os marabaixeiros, antes celebrado somente no Laguinho. Assim, Dona Gertrudes Saturnino fundou um grupo na Favela denominado os Inocentes do Marabaixo, dando origem à celebração no local.
1987	Criação da Associação Berço do Marabaixo, tendo como Presidente a Senhora Marilda da Silva Costa, como Vice Presidente o Senhor Valdeci Nogueira da Costa.
2000	Criação da Associação Zeca e Bibi Costa.

6. USOS ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS

O bairro de Santa Rita tem uso comercial, público e doméstico, abrigando vários órgãos públicos, uma grande diversidade de estabelecimentos comerciais do varejo e a maior parte dos prédios residenciais da capital amapaense.

6.2. USOS CERIMONIAIS

Na ocasião do Ciclo do Marabaixo, tanto as residências, como as ruas do Bairro se tornam palco da manifestação, em cortejos e rituais diversos. Durante o ciclo da festividade, são rezadas novenas, e nas associações ocorrem ritos dedicados ao Marabaixo, com a presença dos tocadores de caixa, cantadores de ladrões e dos dançadores, que tocam, cantam e dançam até o raiar do dia.

No cortejo do mastro, os marabaixeiros saem pelas ruas do bairro fazendo um percurso até ao local onde o mastro foi depositado após o corte, de lá carregam o mastro nos ombros até a casa do festeiro. No dia do cortejo da murta o grupo sai em festa pelas ruas da Favela, cantando, dançando e carregando os galhos e ramos de murta. No dia seguinte o mastro é enfeitado com a murta e erguido na frente da casa do festeiro.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Festa da Santíssima Trindade da Associação Berço do Marabaixo (Celebração).	F1 – A3 – Código 15

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa (Celebração)	F1 – A3 – Código 16
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Ladainha (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 25
Favela (Lugar)	F1 – A3 – Código 27 – F50 – Nº 07
Caixa de Marabaixo (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 30 – F60 – Nº 10
Gengibirra (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 31 – F60 – Nº 11
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa do Bairro Santa Rita. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Amapá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:
Carlos Alberto Viana Marques. Entrevistado em 14 de maio de 2013.
Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 09 de maio de 2013.
Marilda Silva da Costa. Entrevista em 10 de maio de 2013.
Registros Audiovisuais:
AZEBIC – Encontro dos Tambores. 2012.
Maria José Libório. Nossos Ídolos. 2011.
Marilda Silva da Costa. Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo - Macapá. 04 de maio de 2013.
Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos:
AZEBIC – Encontro dos Tambores. Sem data.
Registros Fotográficos – Pesquisadores:
Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 30 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá. 30 de maio de 2013.
Registros Fotográficos – Fotógrafos:
Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 04 de maio de 2013.
Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá. 05 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.
Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá. 19 de maio de 2013.
Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo – Macapá. 20 de maio de 2013.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Durante a pesquisa para a produção do inventário, notamos a presença de muitos estudos sobre a formação do Bairro Laguinho, porém, notamos uma carência desse mesmo tipo de material sobre a Favela.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Todos os bens mencionados nesta ficha já estão sendo pesquisados e descritos no INRC do Marabaixo.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Julia Faria da Silva Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio Júlia Faria da Silva	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **LUGARES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F50	08
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1.1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Curiaú
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Curiaú
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Cria-ú (de acordo com os moradores do local)
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Portal de boas vindas na comunidade do Curiaú – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Igreja de São Joaquim, padroeiro da comunidade do Curiaú – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Campos alagados do Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Rio Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Chegada da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão ao Curiaú – Macapá/AP. Data: 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Corte do Mastro nas matas do Curiaú pela Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Dona Zefinha e Sr. João da Cruz, moradores do Curiaú. Sr. João da Cruz é rezador de ladainhas – Macapá/AP. Data: 28/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Dona Chiquinha em sua roça de maniva no Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

O Curiaú é uma localidade existente na porção norte de Macapá, do qual dista 14 km. Atualmente é protegido pelo Estado como uma área de proteção ambiental (APA), afim de preservar os seus recursos naturais e ambientais. A APA do Curiaú abrange uma área de 23.000 hectares e foi instituída pelo decreto estadual número 1.417, datado de 1992. Além das comunidades de Curiaú de Fora e Curiaú de Dentro, a APA abrange também as localidades de São Francisco de Casa Grande, Mocambo, Pescada, Pirativa, Fugido e Curralinho.

O ambiente natural do Curiaú é caracterizado pelo cerrado, pelos campos inundáveis, e pelas florestas de várzea. A fauna é rica em peixes, aves e mamíferos que incorporam a biodiversidade local. A Hidrografia é formada por inúmeros lagos e pelo rio Curiaú, que corta a região.

Residem no local cerca de 1500 pessoas, a maioria descendente de escravos, que vivem principalmente da agricultura de subsistência e do extrativismo vegetal e animal.

A localidade se divide em duas:

- o Curiaú de Fora, cujo nome deriva de uma picada localizada na área de cerrado, onde se deixava o gado na época do inverno. Aqui, as casas se apresentam na beira da estrada, enfileiradas. Nesta localidade se encontra a Associação de Moradores do Curiaú, a Igreja de São Joaquim e uma igreja evangélica construída por um casal que veio do Estado de Goiás.

- o Curiaú de Dentro – que teve seu espaço ocupado a partir de uma casa à beira do lago, em um local conhecido como Teso da Malhada, e que se tornou um grande referencial para a comunidade. Foi ali que os primeiros moradores se estabeleceram, seus filhos cresceram e se casaram. Para chegar ao Curiaú de Dentro é preciso percorrer uma estrada de chão batido de aproximadamente um quilômetro. Na sua entrada, encontra-se um campo de futebol, e a escola de primeiro grau José Bonifácio. Próximo, está um posto de saúde, a Igreja de Santo Antônio, e um posto da Telap - central Telefônica do Amapá. Ao longo da mesma estrada vemos algumas habitações e no acostamento, alguns bares de propriedade dos moradores.

Em sua maioria, as habitações são de madeira, cobertas com telhas de amianto, que hoje substitui a tradicional palha de buçu. A divisão interior dos imóveis costuma ter o seguinte padrão: uma grande sala, quartos, cozinha e o banheiro, que quase sempre fica na área externa. Destas sobressaem as varandas e as janelas de balancin e as casas suspensas sobre estacas para evitar a água da chuva. As residências possuem quintais, e em sua maioria, não usam cerca. Algumas unidades construíram a cerca depois da década de 1980 para impedir que animais domésticos fugissem para a rua, podendo ser atropelados.

As casas construídas nas ultimas décadas são, em grande parte, de alvenaria e estão todas enfileiradas ao longo das principais vias - São Joaquim no Curiaú de Fora, e Santo Antônio, no Curiaú de Dentro.

Desde 1998, o Curiaú foi reconhecido pela Fundação Palmares como “comunidade remanescente de quilombo”, a partir da afirmativa de que “a terra é de todos” apresentada pelo grupo, no sentido de garantir o uso comum do território pelas famílias. Essa titulação garante direitos constitucionais e políticos, sobretudo no que se refere à demarcação de suas terras.

REFERÊNCIAS:

Quilombo do Curiaú. Site Ancestralidade Africana. Disponível em: <http://ancestralidadeafricana.org.br/?page_id=121> Acesso em: 20 jun. 2013.

RODRIGUES, Edgar. Curiaú. Acervo Seafro.

TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013. 399 p.

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O Curiaú é formado por importantes ecossistemas – florestas, campos de várzea e cerrado. No entorno das áreas alagadas, existe uma floresta tropical densa e de alto porte e, margeando os lagos há bosques de buritis. Destaca-se no local uma vegetação de matas virgens e 19 ilhas, e o Lago Curiaú que, quando cheio, serve como habitat para peixes, pássaros e búfalos.

Quanto às edificações, destacam-se os lugares históricos da comunidade, como o mocambo, antigo espaço de interação entre negros libertos e fugitivos, o poço Manoel Felipe e as taperas - casas remanescentes de antigos moradores.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

A ocupação do território do Curiaú é caracterizada tanto pelo domínio familiar como pelo domínio comunitário, elaborado através de apropriação coletiva dos recursos - rios, lagos, etc. No local há criação de gado, búfalo, porcos, patos e galinhas, porém, em número reduzido.

A economia se estrutura na agricultura para abastecimento local e de Macapá, utilizando a força de trabalho familiar e, dependendo da demanda, também de estratégias como o mutirão. É cultivado mandioca, milho, maxixe, abacaxi e banana. Além disso, na maioria dos quintais podem ser encontrados pomares de árvores frutíferas. A Pesca artesanal, a caça e o extrativismo são também atividades desenvolvidas no Curiaú. Atualmente, existe um fluxo contínuo de pessoas para a cidade de Macapá, tanto para vender sua força de trabalho, quanto para dar continuidade aos estudos. Contudo, esse fluxo muitas vezes não supõe uma migração definitiva, mas um movimento diário.

Com a instituição da Área de Preservação Ambiental, foram organizados grupos de guardas florestais formados pelos próprios moradores, com o objetivo de coibir a ação de invasores, que usavam dos recursos locais de forma predatória. Foi também implementada uma politica de desenvolvimento turístico no local, que promove cursos de ecoturismo. Porém, os moradores reivindicam que estas politicas sejam conjugadas com a preservação e o respeito pelo patrimônio histórico e ambiental do Curiaú.

Os jovens se organizam na capoeira e no grupo de jovens da Igreja Católica. Nos finais de semana, principalmente aos domingos, o cenário do Curiaú se transforma com a chegada de pessoas vindas de fora, provenientes da malha urbana. Na ocasião, os bares ficam lotados com as domingueiras, festas organizadas pelos proprietários.

Diversas manifestações culturais integram a comunidade, tendo destaque a Festa de São Joaquim, que conta com um templo dedicado ao mesmo santo.

O Marabaixo e o batuque tem uma presença demarcada na comunidade. Diversas etapas da festividade do ciclo do Marabaixo de Macapá, como o corte do mastro, são realizadas no local. Nas casas dos moradores, a manifestação ocorre em diversos momentos do ano. Destaca-se neste sentido, o galpão de Pedro Bolão, onde são confeccionados instrumentos do Marabaixo, e onde ocorrem apresentações de músicas regionais.

Referências:

TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013. 399 p.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

As falas sobre a origem da comunidade do Curiaú são variadas, e estas versões ora se entrelaçam e ora se opõem até a atualidade. Segundo pesquisadores locais, a ocupação do local data do século XVIII, quando o espaço foi utilizado como reduto militar. Logo depois da construção da Fortaleza de São José em 1782, havia cerca de 750 escravos em Macapá, e parte deles passou a ocupar o terreno do Curiaú, tendo como atividade principal, a agricultura, com produtos como o arroz e o algodão. Existe também uma versão de que a área foi ocupada por colonos provenientes de Mazagão.

A versão mais recorrente conta que chegou na região um certo Manoel, que trouxe consigo sete escravos do Nordeste. Quando descobriram o lago de Curiaú, se certificaram que o lugar era próprio para a sobrevivência, e ali construíram suas casas. Ao morrer, o Sr. Miranda teria deixado as suas terras para os escravos, uma vez que não possuía herdeiros. E seriam os descendentes destes escravos que, após constituírem famílias, ocuparam o lugar onde hoje é o Curiaú. Segundo esta versão, a comunidade se funda em uma terra de todos, uma vez esta ascendência comum realiza o pertencimento de todos ao grupo. Os documentos de registro das terras, datados do final do século XIX, garantiram aos descendentes a herança da propriedade, que se forma ao longo de sete gerações.

Os primórdios da comunidade, nos tempos conhecidos como das águas cheias, é representado na memória dos moradores como um período de fartura e tranquilidade, de pescas abundantes, e de distância e autonomia em relação aos centros urbanos.

Um dos fatores de aproximação do Curiaú com o núcleo de Macapá foi a construção da estrada de ligação entre as localidades na década de 1980. Na ocasião, o lago Curiaú foi dividido, ignorando a opinião dos moradores que eram contra o empreendimento, e que se apoiavam nos problemas ecológicos advindos da interrupção do fluxo normal deste curso d'água.

No ano de 1985, foi criada a Associação dos Moradores do Curiaú para resolver questões pertinentes à comunidade. Desde então, ela começou a empreender ações politicas para efetivar a demarcação e titulação de suas terras. Nessa mesma época, a Associação entrou em conflito com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), que expediu alguns títulos individuais, que desprezavam a ocupação tradicional, argumentando que as antigas certidões de posse, datadas desde 1892, não teriam validade alguma. A luta da comunidade era para a demarcação e titulação coletiva de suas terras.

No ano de 1992, o governo estadual transformou o Curiaú em área de proteção ambiental, pelo decreto número 1.417, e em 1998, o quilombo foi regularizado pela Fundação Palmares com o título de "comunidade remanescente de quilombo", garantindo assim direitos constitucionais e políticos aos seus moradores, sobretudo no que se refere à demarcação de suas terras. Na ocasião, a titulação foi conseguida a partir da afirmação de que "a terra é de todos", no sentido de garantir o uso comum do território pelas famílias.

Referências:

Quilombo do Curiaú. Site Ancestralidade Africana. Disponível em: <http://ancestralidadeafricana.org.br/?page_id=121> Acesso em: 20 jun. 2013.

RODRIGUES, Edgar. Curiaú. (Texto disponível no acervo da Seafro)

TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013. 399 p.

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A principal narrativa ligada ao Curiaú é o mito da sua origem, aqui contado pelo morador local Sebastião Menezes da Silva no livro *Curiaú, sua vida, sua história*:

> Há três séculos, aproximadamente, veio da margem nordestina um casal de origem africana, com eles, seus sete escravos. Chegaram de canoa através do Rio Pedreira, trazendo gado encambado em jangada e ancoraram em local, ainda hoje não muito bem definido, às margens daquele rio. Dali montaram nos bois, cavalgaram com a boiada aproximadamente de 40 a 50 km, chegando ao local onde hoje é o Retiro, no Km 13. Fizeram um barraco e ficaram aproximadamente uns dez dias morando lá, quando um dos escravos saiu à procura de mel e acabou descobrindo Criaú. Francisco Inácio, o escravo que descobriu Curiaú, voltou e informou ao seu bom Senhor (Miranda - não consta o nome da firma dele), que Curiaú era lugar bom de viver e era propício para criações. Convencido, o Senhor Miranda partiu com os escravos: Francisco Inácio, João Inácio, Domingas Inácio, Domiciano Inácio e Manoel Inácio, todos irmãos. O Senhor Miranda nessa fuga, ficou viúvo e não tinha filhos herdeiros. No dia seguinte, colocaram o gado na frente e partiram, a bom caminhar, mais ou menos uns 12km, chegaram e acamparam no lugar chamado Curuçá. Ao amanhecer, o gado havia fugido e eles vieram pela batida e fizeram um pique na mata que divide os dois Curiaús, dando-lhe o nome de picada. Ao chegarem na beira do lago, encontraram o gado lá fora num teso, uma parte alta do lago, e deram-lhe o nome de teso da malhada. A seguir, passaram a construir à beira do lago, a casa da morada e derem-lhe o nome de Casa Grande. Viveram lá muito tempo. Para trabalhar na agricultura eles preferiram as várzeas do mocambo porque eram terras férteis e boas para as plantações. O mocambo fica no limite das terras do Curiaú, no verão eles faziam o percurso a pé por dentro da mata, aproximadamente de 10 a 13 km, e no inverno, de montaria, aproximado de 15 a 20 km. Faziam farinha e mel de cana. Trabalhavam com barro, tala, envira e, com esses materiais, faziam de tudo. (SILVA, p. 09).

O depoimento de Esmeraldina também nos conta uma versão de tradição oral da origem da comunidade:

> O Curiaú é essa comunidade que foi descoberta por dois escravos. Dizia assim, os escravos andavam

> procurando um lago, eles fugiram da Fortaleza e estavam procurando um lugar para ficar e descobriram o Curiaú, aonde se tornou essa comunidade tão linda e bonita que são os descendentes de escravos que vieram morar no Curiaú. E vocês já ouviram falar, do Inácio da Bacaba que cantava ladrões de Marabaixo a noite todinha aqui no Curiaú só para três cachorros amarrados na cintura, ele fazia o Marabaixo a noite todinha, com uma caixa ele cantava e tocava, e os cachorros com ele. (Esmeraldina dos Santos).

Outra narrativa recorrente é a origem do toponímico, que, segundo Piedade Lino Videira, provêm da época da ocupação inicial, quando os primeiros escravos aqui chegaram, e averiguaram ser ali um bom lugar para criar gado – Cria Ú, sendo o Ú uma referência ao mugido do gado. Este nome primordial, porém, foi modificado até o atual – Curiaú.

Finalmente, uma interessante narrativa sobre o Marabaixo no Curiaú foi realizada por Manuel Nunes Pereira, quando, no ano de 1949, esteve presente no Estado do Amapá. Após uma noite no Curiaú participando de uma apresentação do Marabaixo, ele relata:

> Não tardou que, a uma ordem do Velho Julião, volteassem pela sala dois tocadores de "caixa", de chapéu a cabeça, e logo homens, mulheres e crianças se puseram a dançar o Marabaixo, variando os "passos" com os toques e as atitudes dos bailantes, abraçados uns, em fila, três a três, lado a lado, isoladamente, frente a frente, mas sem se tocar, provocando-se e esquivando-se, sorrindo-se ou encarando-se de cenho franzido e olhos faiscantes." (PEREIRA, 1955, P. 103)

Referências:

Esmeraldina dos Santos – Entrevista realizada em 06 de maio de 2013.

PEREIRA, Manuel Nunes. O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia. Contribuição ao primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Ouvidor, 1951. 139 p.

SILVA, Sebastião Menezes da. Curiaú, sua vida, sua história. Macapá: Valcan. 33 p.

VIDEIRA, Piedade Lino. Batuques, folias e ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013. 399 p.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Final do século XVIII	Chegada dos primeiros habitantes, descendentes de escravos que iniciaram as atividades de agricultura e criação de gado na região.
Final do século XIX	Os primeiros registros de terra da localidade são emitidos.
1980	Construção da estrada que liga Curiaú a Macapá.
1992	Curiaú é registrado como área de proteção ambiental pelo estado do Amapá.
1998	Curiaú é registrado como quilombo pela Fundação Palmares.

6. USOS ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS

Os usos cotidianos do território do Curiaú se baseiam na agricultura familiar e de subsistência, com o cultivo de mandioca, milho, maxixe, abacaxi e banana, e também na criação de gado, búfalo, porcos, patos e galinhas.

Destacam-se também os ofícios de fazer caixa para o Marabaixo e o Batuque.

6.2. USOS CERIMONIAIS

Dentre os usos cerimoniais do território do Curiaú se apresentam as celebrações católicas realizadas na Igreja de São Joaquim e na Igreja de Santo Antônio, com destaque para a festa do padroeiro da localidade, São Joaquim, que acontece no mês de agosto nas casas dos moradores e na Igreja dedicada ao santo.

O Marabaixo e o batuque tem uma presença demarcada na comunidade. Diversas etapas da festividade do ciclo do

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Marabaixo de Macapá, como o corte do mastro, são realizadas no local. Nas casas dos moradores, a manifestação ocorre em diversos momentos do ano. Destaca-se neste sentido, o galpão de Pedro Bolão, onde são confeccionados instrumentos do Marabaixo, e onde ocorrem apresentações de músicas regionais.

Uma das celebrações mais importantes do local é a Festa de Santa Maria, que ocorre nos dias 30 e 31 de maio, e é formada por missa, ladainhas, levantamento e derrubada de mastro, quebra da murta, cortejos, batuque e Marabaixo. Durante a festividade, a comunidade recebe os convidados preparando e servindo o caldo com carne, verduras, e legumes. Também é servida a gengibirra, bebida típica do Marabaixo. Joaquim Araújo da Paixão, em entrevista concedida a Agência Amapá de Notícias, em 2012, explica que a devoção a Santa Maria teve início na primeira metade do século XX, quando uma jovem encontrou uma imagem de Santa Maria no meio da lama, junto aos porcos. A imagem foi imediatamente limpa, e diante das dificuldades enfrentadas pelos moradores do local, por causa das pragas na agricultura, foi feita uma promessa a Santa de que todo dia 31 de maio seria rezada ladainha em sua devoção.

Referência:

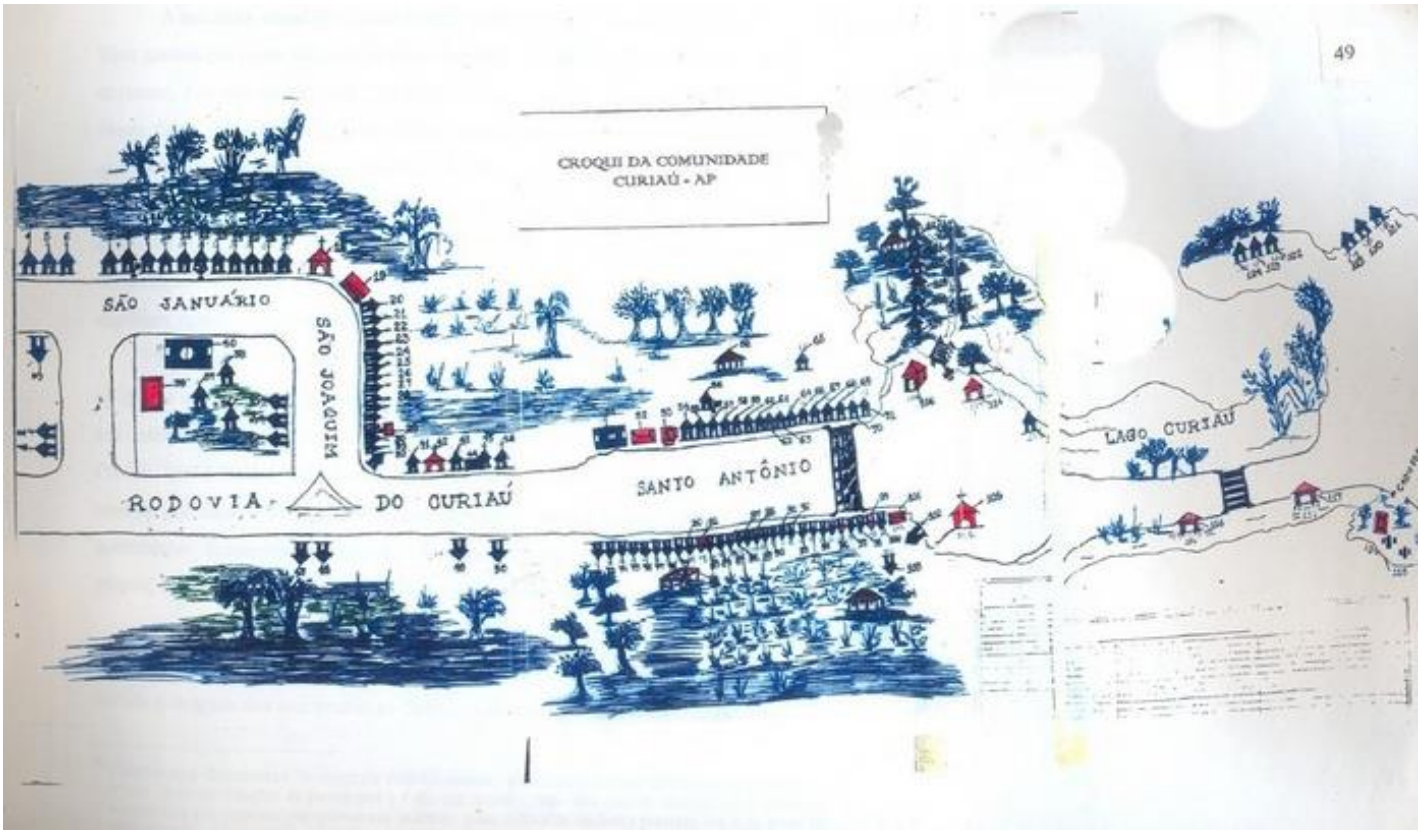
Devoção, fé e tradição: comunidade do Curiaú de fora festeja Santa Maria. Disponível em: < http://www.agenciaamapa.com.br/noticia/29589/>. Acesso em: 17 jun. 2013.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Festa de Santa Maria da comunidade do Curiaú (Celebração)	F1 – A3 – Código 10
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladainha (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 25
Curiaú (Lugar)	F1 – A3 – Código 28 – F50 – Nº 08
Caixa de Marabaixo (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 30 – F60 – Nº 10
Gengibirra (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 31 – F60 – Nº 11
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



Croqui da Comunidade do Curiaú. In: TRINDADE, Joseline. No tempo das águas cheias: memória e história do negro do Curiaú. 1999. 118f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Lei Ordinária nº 0431, de 15/09/1998. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental do Rio Curiaú, no município de Macapá, Estado do Amapá.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros sonoros:

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Francisca Ramos dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Raimunda da Silva Ramos – Entrevistada em 08 de maio de 2013.

Registros audiovisuais:

Corte do Mastro – AFOMAPA – Macapá e Curiaú – 04 de maio de 2013.

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Francisca Ramos dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Modo de Fazer Caixa – Pedro Bolão – Curiaú – 06 de maio de 2013.

Curiaú – 06 de Maio de 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS
Registros Fotográficos – Pesquisadores: Comunidade do Curiaú – 07 de fevereiro de 2013. Comunidade do Curiaú – 28 de março de 2013. **Registros Fotográficos – Fotógrafos:** Associação Cultural Raízes do Bolão – 04 de maio de 2013. Corte do Pau do Mastro no Curiaú – 04 de maio de 2013. Comunidade do Curiaú – 04 de maio de 2013.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
A comunidade do Curiaú já foi objeto de diversas pesquisas de caráter histórico e etnográfico que revelam aspectos estruturais e memoriais e da região.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Festa de São Joaquim, Festa de Santa Maria e Batuque.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio	DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	25/02/2014

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **LUGARES**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F50	09
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Mazagão Velho
MUNICÍPIO / UF	Mazagão/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Mazagão Velho
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Nova Mazagão (denominação original) e Mazagão Amazônico
CONDIÇÃO ATUAL	■ **VIGENTE / ÍNTEGRO** ☐ **MEMÓRIA** ☐ **RUÍNA**

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Entrada de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Praça principal de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Subprefeitura de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Trapiche de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha.

À esquerda busto do Padre Hermano Elsing e à direita busto do Padre Júlio Maria Lombaerd em Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 26/03/2013. Foto: Adriene Noronha

Josefa Pereira Lau (Dona Zezinha), mestre da cultura e moradora de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 07/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Casarão do tio Jorge, espaço para festas de Mazagão Velho – Mazagão/AP. Data: 07/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

Mazagão Velho é um distrito do município de Mazagão, localizado no sul do estado de Macapá, e que se caracteriza por ser o núcleo fundador deste mesmo município. A localidade, no final do século XIX, contava com a categorização de cidade por determinação da lei provincial nº 1.334. Porém, em 1915, com a criação da nova cidade de Mazagão, Mazagão Velho passou a ser distrito da mesma pela lei estadual nº 46.

O distrito está situado às margens do rio Mutuacá, que deságua na margem esquerda do Rio Amazonas. Foi por meio deste rio que os primeiros moradores tiveram acesso ao local. Quanto às suas características físicas, Mazagão Velho se localiza entre terrenos quaternários da planície costeira amapaense, e a grupo de terrenos terciários.

Mazagão Velho está situado a aproximadamente 66 quilômetros de Macapá, capital do Estado do Amapá, e a 53 quilômetros do Porto de Santana. A rodovia Duca Serra se une à Rodovia AP 010 para realizar a ligação entre essas localidades. Essa rodovia estadual é cortada por dois grandes rios amapaenses, Matapi e Vila Nova, assim o transporte terrestre é permeado por transposições na balsa.

Conforme o censo de 2010, feito pelo IBGE, o município de Mazagão possui cerca de 17 mil habitantes e ocupa uma área de 13.130,983 km^2. Segundo dados da Seafro, cerca de 60 famílias vivem no distrito, e a principal fonte de renda da população é a agricultura. A área urbana do distrito tem cerca de 1 km^2 e seus limites são marcados pela presença da floresta.

O espaço de Mazagão Velho é de uso predominantemente residencial, com uma economia baseada na subsistência dos moradores. O uso ritual do espaço se caracteriza pela presença durante todo o ano de manifestações, como o Marabaixo, o Batuque e outras celebrações, como a Festa de São Tiago, Festa do Divino Espírito Santo, Festa de Nossa Senhora da Piedade, Festa de São Gonçalo, Festa de São Tomé, entre outras.

Referências:

Censo IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>. Acesso em: 29 jun. 2013.

RODRIGUES, Edgar. Mazagão. Acervo da Seafro.

SILVA, Olavo Fagundes. Aportes para o desenvolvimento do turismo na Vila de Mazagão Velho-AP. Estação Científica (UNIFAP), Vol. 01, n. 01 (2011).

4.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

As primeiras edificações do distrito de Mazagão Velho datam da segunda metade do século XVIII, porém, muito pouco desse núcleo formador está preservado. Destacam-se neste sentido, as ruínas da primeira Igreja e o mausoléu onde estão depositados os restos mortais dos primeiros habitantes da vila. Em frente ao mausoléu se encontram hasteadas as bandeiras do Brasil, Marrocos e Amapá.

A igreja atual da vila, Igreja de Nossa Senhora da Assunção e o cemitério remontam ao início do século XX, e são importantes pontos históricos em Mazagão Velho. A Capela de São Tiago, construída em 1935, também se destaca nas construções religiosas locais. O distrito conta ainda com o Centro Comunitário Mucito Aires e o Casarão da festa das máscaras, espaços utilizados para as manifestações culturais relacionadas a Festa de São Tiago.

O principal marco natural do distrito é o Rio Mutucuá, que corta o núcleo urbano e faz parte do cotidiano dos moradores.

Referências:

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

COSTA, Dagoberto. Município de Mazagão. 1996.

LOPES, Antônio Munhoz. Mazagão: dos primórdios aos nossos dias. Universidade Federal do Pará. Sem data.

Mazagão. Macapá, 30 de novembro de 1997 (sem referência do jornal).

Texto: Município de Mazagão. Sem autor, sem data.

Texto: A fundação de Mazagão. Sem autor, sem data.

INRC Mazagão Velho. Ficha de Identificação de sítio. IPHAN, Dezembro de 2008.

4.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

O espaço hoje ocupado pelo distrito de Mazagão Velho possui múltiplos usos e sentidos. A floresta que circunda o núcleo urbano fornece as bases para a prática da cultura extrativista, tendo a Castanha do Pará como base desta cultura. Nota-se também que a agricultura de subsistência é a principal atividade dos moradores.

O distrito é palco de diversas manifestações culturais, dentre as quais se destacam a Festa de São Tiago, em que é encenada a Cavalhada, marcada pela encenação de uma batalha sobre cavalos. Além disso, também acontece o Marabaixo e o Batuque, presente ao longo do ano nas festividades locais. Nessas ocasiões, o Centro Comunitário Mocito Aires é preparado com decoração especial para receber os visitantes. Além disso, para cada santo é erguido um mastro, marca da ocorrência de uma festa, e objeto símbolo da devoção dos fiéis.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A fundação de Nova Mazagão, hoje Mazagão Velho, insere-se em um projeto de Estado, que foi submetido passo a passo ao controle da Coroa e da administração pombalina. O objetivo central era aumentar a população do Estado do Amapá e tornar a defesa da região de Macapá mais eficiente.

Mazagão foi um território português, extremamente fortificado, localizado no Norte da África dentre os anos de 1514 e 1769. Durante esse período, Portugal lutou contra a hostilidade das tribos ao redor da cidade, mas em 1769, os ataques do sultão Sidi Mohamed ben Abdallah forçaram a retirada da população. Foi então que o secretário de Estado da Marinha e do Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, decidiu transferir parte dos colonos de Mazagão para a Província do Grão Pará, então governada por Fernando da Costa Ataide e Teive, assim como relatado no documento a seguir:

> Havendo S Magestade ha muitos anos conhecido o quanto inutil era sustentar a praça de Mazagão, e agrande despeza, que era obrigado a fazer para sustentar, e não se seguindo fructo algum ao christianismo; porque era impossivel o propagar-se por aquella porta, pelo odio irreconciliável que aqueles barbaros conservavão aos moradores da mesma praça, por cuja causa não podia fazer progresso algum o comércio, e em consequencia acharem aqueles miseraveis moradores a uma perpetua penuria, sendo-lhes necessária ate para terem uma pouca de lenha arriscarem as vidas, como todos os dias estava sucedendo. [...] E tendo S Magestade na sua real consideração todos estes objectos tinha resoluto que se largasse a dita praça aos mouros debaixo de certa negociação em que se trabalhava. [...] A ella se antecipou o Imperador do Marrocos, fazendo-lhe um sitio formal com um exercito de setenta mil combatentes, e todos os instrumentos de expugnação que necessita em semelhantes ocasiões. (Araújo, 1992, p 265).

A carta ainda conta do trajeto dos moradores a Lisboa e da transferência que os mesmos fariam para a Amazônia, advertindo o governador do Grão Pará a receber entre mil e duas mil pessoas:

> Com estas famílias ordena El Rei Nosso Senhor, que se estabeleça uma nova povoação na Costa septentrional das Amazonas, para se darem as mãos com o Macapá, e com Vila Vistoza" ..."Entre os rios que vem por aquelas partes buscar as Amazonas lembra o Mutuacá, o qual tendo campo capazes de gado e criações, parece o mais próprio, mas sempre necessário que VS mande explorar por pessoas capazes, que possam bem conhecer a terra, se é capaz de creações e de produzir fructos para que os nossos moradores vivão em abundaância, para se tirarem para sempre da miséria, em que nascerão, e se crearão.[...] Se porém se não acharem estas qualidade nas margens daquelle Rio, os exploradores que VS mandar aquella diligencia, poderão escolher outro qualquer dos que desaguão nas ditas Amazonas por aquella margem septentrional, que a mais a proposito lhe parecer para este ultilissimo estabelecimento; contemplando porém a pureza dos ares. por que a caridade, e as positivas ordens de S Magestade recommendão a saude destas miseraveis gentes. (Araújo, 1992, p 266).

A carta exorta o governador a tomar as providências necessárias e avisa que seriam enviadas, juntamente com os povoadores, as ferramentas e munições que lhes deviam ser dadas e o dinheiro para os pagamentos. Assim, os colonos de Mazagão foram embarcados em setembro de 1769 de Lisboa ao Pará. A condição de saúde da maioria não era boa - vários foram socorridos nos hospitais e mais de 300 morreram ainda em Lisboa. Houve resistência para a partida, mas mesmo assim, chegou ao Grão Pará uma comitiva de 1022 homens, compondo 340 famílias. Os colonos se estabeleceram em Belém em 1770, conforme relatado na carta do Ouvidor do Estado, José Feijó de Melo e

Albuquerque, a Mendonça de Furtado:

> A gente de Mazagão que S Magestade foi servido enviar para este Estado, tem feito esta cidade assazmente populosa de sorte que não pode ter inveja as desse Reino. Elles estão summamente satizfeitos, achando aqui as mais prontas providências que a eficaz vigilância de meu Amo, o Illmo e Exmo Sr Fernando da Costa de Ataide Teive soube premeditar. Parece que neste estabelecimento a Providencia Divina teve uma grande parte porque chegou a mesma gente em ocasião que esta cidade se achava socorrida com seus sumacas carregadas de carne seca e a provedora da Fazenda Real superabundantemente cheia de farinha e peixe; de sorte que os magazanistas estão gostozamente agradados da boa vida que levão e da fartura que experimentão. (Araújo, 1992, p 267).

Os colonos permaneceram em Belém, onde receberam auxílio da Igreja de Santo Alexandre até o ano de 1771, quando começou o transporte para o sítio escolhido para a povoação, a beira do rio Mutuacá, conforme sugerido por Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Foi enviado ao local o ajudante engenheiro Domingos Sambucetti para escolher o espaço mais cômodo para a formação do núcleo urbano - a povoação de Santa Ana do Rio Mutuacá. Este sítio era ocupado desde 1769 por um ajuntamento de índios feito por Francisco Portilho, capitão que promovia resgates e comércio de indígenas.

Após a morte de Mendonça Furtado em 1769, Pombal se encarregou de realizar mais uma expedição de mazaganistas que permaneceram em Lisboa, dificultando ao máximo a permanência destas na Metrópole portuguesa. O nome escolhido para a nova povoação - Nova Mazagão - remete à memória das conquistas portuguesas e retoma a homenagem ao poder régio frequente nas demais fundações da região Amazônica. Ao controle régio sucedia-se, porém, inúmeras tentativas de resistência por parte dos colonos, que negavam-se a transferência de Lisboa a Belém, e depois de Belém a nova Vila. Eles enviavam insistentes pedidos à Coroa, alegando motivos variados. Nota-se assim, que os problemas da instalação foram muitos, e incluía também a falta de recursos, a má qualidade da terra, do clima, da comida insuficiente e das habitações precárias.

O genovês Domingos Sambucetti e o capitão Ignácio de Castro Moraes Sarmento foram os responsáveis pelas operações preliminares da instalação da nova Vila, dentre as quais a confecção de uma planta do terreno.

Mesmo após a instalação da vila, os conflitos não cessavam. Em 1778, os vereadores da Câmara local se dirigiram a rainha em uma carta, se referindo à resistência mazaganista e do descaso quanto às suas condições:

> Divulgou-se serem destinados ao estabelecimento do Pará e sentiram logo repugnância ao transporte para um clima tão distante já porque reconhecião não ser esta a recompensa merecida por seus serviços. (...) transportados violentamente ao referido Estado do Pará tem nele chegado ao último ponto da misária, a que ordinariamente só chegam aqueles que para fogirem ao castigo merecido por seus atrozes crimes se oferecem a Povoar novos descobertos e colônias, e não um Povo sempre fiel, sempre constante e só exercitado nos estrondos da guerra. (Araújo, 1992, p 283).

Não assumindo o papel de colonos a que se foram subjugados, os mazaganistas se negavam a trabalhar na lavoura, solicitando para tal a presença da mão de obra escrava. A este cenário, soma-se uma forte epidemia ocorrida em 1783, que também afetou Macapá e Vila Vistosa, reforçando os ares de insalubridade da terra e aumentando sobremaneira as petições para que os colonos voltassem ao Reino.

Nesse mesmo ano, foi concedida aos colonos, a autorização para deixarem a vila e se instalarem onde mais aprouvesse dentro do Estado do Pará. Foi pedido, porém, que não se abandonasse Mazagão de todo, e que fosse então povoada pelos naturais da terra para que a localidade não fosse totalmente perdida. Na prática, o local foi abandonado por muitos e já no século XIX, começou a instalação de um novo núcleo urbano nas suas proximidades - assim a Vila de Nova Mazagão passou a se chamar Mazagão Velho, e a nova localidade ganhou a toponímia de Mazagão e o título de sede do município.

No ano de 1835 eclodiu na região a revolta conhecida como Cabanagem. Porém, o movimento não ganhou força na localidade, e assim os revolucionários cabanos, após tentativas frustradas de dominar a região de Macapá, foram expulsos pela população.

Em 19 de abril de 1888, Mazagão Velho foi elevada à categoria de cidade, por determinação da lei provincial nº 1334. Mas a partir de 15 de novembro de 1915, pela Lei Estadual nº 46, com a criação da cidade de Mazagão, Mazagão Velho voltou a ser distrito da mesma.

Referências:

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992.

IBGE – Biblioteca Digital. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/amapa/mazagao.pdf>. Acesso

em: 28 jun. 2013.

RODRIGUES, Edgar. Mazagão Velho. Acervo Seafro.

5.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O distrito de Mazagão Velho é representado em inúmeras plantas, que datam do século XVIII, que nos remetem ao agenciamento do espaço feito pelos colonizadores, o planejamento urbano inicial, e às primeiras construções da localidade. Estas plantas estão reunidas no livro As cidades da Amazônia no século XVIII, de Renata Araújo.

Apesar de oficialmente os africanos terem chegado primeiro em Macapá, o imaginário popular aponta que eles chegaram primeiro em Mazagão Velho e depois se espalharam pelo atual estado do Amapá. Com eles trouxeram seus costumes e suas crenças. Longe de casa e diante de inúmeras dificuldades sofridas, a devoção aos santos aumentou, fortalecendo o sentido das festas, durante as quais dançavam o Marabaixo. Assim, é recorrente também, a associação da fundação de Mazagão Velho, com a vinda de escravos da África para a Amazônia, com a origem do Marabaixo. Sobre isso nos conta Josefa Pereira Lau.

> O Marabaixo lá na Africa começou sendo um coco, era um coco. Aí aquelas velhas, aquelas escravas que tinham uma sinhá boa, teve lá um português, com a esposa dele, formaram um coco. Pegaram a casa de uma lá, batiam o terreiro de chão, ficava que nem um piso, mas era um chão. Aí elas dançavam o coco, tocavam, tinham os tocadores do coco, elas vestiam aquelas roupas e dançavam, aí quando aquelas outras que estavam na senzala ouviam aquele baque, porque o Marabaixo bem tocado, ele te convida pra ir lá, tu quer ir lá. Aí as outras iam lá, pulavam a cerca da senzala, fugiam pra ir pro Curro. Aí depois que as ex-escravas sabiam, a sinhá sabia, que elas tinham pulado o muro, colocavam elas no tronco, com corrente nos braços, no pescoço. Aqueles colares que nós usamos representam estas correntes, pulseiras, aí elas iam pro tronco apanhar. [...] Formou o Mazagão, os Portugueses vieram para o Amazônia, muitos portugueses aqui pro Mazagão, aí eles mandavam lá na África comprar escravos pra eles. [...] Aí já não tinha quase escravo pra comprar, daí este senhor do coco, vendeu todos, as sás. [...] Ele chamou todas as sás e vendeu, e tinha um negro que tocava a zanga [..], ele mandou chamar o negro [..] pegaram ele e embarcaram ele obrigado [..], botaram pra dentro do navio, e saíram e vieram embora. [...] Quando entraram no norte, o velho morreu, fraco, lá emburrado. [...] Aí, eles vieram pro norte, o velho fedendo, morreu há mais de 3 dias lá, aí a mesma senhora que era dona do grupo, reuniu o grupo e disse: o fulano vai nos fazer mal, o mar é bento, é sagrado, vamos jogar ele no mar. Aí todo mundo rezou pra eles e jogaram ele no mar, aí ele foi descendo, no mar a baixo .A sinhá deu licença e fez um coco, em homenagem a ele. E ela disse que a dança agora, não ia ter mais o nome de coco, mas de Marabaixo. (Josefa Pereira Lau).

Referências:

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992.

Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 07 de maio de 2013.

5.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1769	O espaço a beira do rio Mutuacá foi ocupado por um ajuntamento indígena comandado por Francisco Portilho.
1769	Com a queda da cidade portuguesa em Marrocos, Mazagão, o Reino Português se decide pela transferência dos colonos para a província do Grão-Pará.
1771	Início da transferência dos colonos para a recém instalada vila de Nova Mazagão.
1783	Forte epidemia de cólera na região.
1835	Eclosão da Cabanagem.
1888	Mazagão Velho é elevado à categoria de cidade.
1915	Mazagão Velho perde o status de cidade e se torna distrito de Mazagão.
1935	Ano de Inauguração da atual Igreja de Nossa Senhora da Assunção.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

6. USOS ATUAIS

6.1. USOS COTIDIANOS

O uso cotidiano do espaço do distrito de Mazagão Velho são para as atividades de subsistência da população, formada por cerca de 60 famílias, e que se resumem na coleta extrativista, tendo como principal produto a castanha do pará, e a extração mineral, de ouro e argila. Destaca-se também a agricultura familiar com o cultivo da mandioca, além da extração de açaí, pesca e captura de camarão.

Na localidade ocorre também a produção artesanal de cerâmica e de caixas de Marabaixo e batuque.

No setor educacional, Mazagão Velho possui 2 escolas pré-escolares com 2 professores cada e a Escola Estadual Prof. Antônia Silva Santos que oferece ensino de 1ª à 8ª séries, e 2º grau com o sistema modular.

6.2. USOS CERIMONIAIS

A Festa de São Tiago é a principal festividade local e envolve uma série de preparativos, que incluem a costura das indumentárias, produção das máscaras e cavalos de miriti, preparação da decoração e das bandeiras, para a celebração da cavalhada e do baile de máscaras.

Outras festas acontecem ao longo de todo ano:

Janeiro: Festa de São Gonçalo.

Março ou Abril: Semana Santa.

Junho: Festas Juninas (Santo Antônio, São João, São Pedro, e São Marçal).

Julho: Festa de Nossa Senhora da Piedade e Festa de São Tiago.

Agosto: Festa de Nossa Senhora da Assunção e Festa do Divino Espírito Santo.

Setembro: Festa de Nossa Senhora da Luz.

Outubro: Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Dezembro: Festa de Nossa Senhora da Conceição, Festa de Santa Luzia, Festa de São Tomé, e todos os festejos relacionados ao Natal.

O Marabaixo ocorre principalmente na Festa do Divino Espírito Santo, que acontece de 16 a 24 de agosto. A programação conta com missas, alvoradas festivas, queima de fogos, ladainhas, novena, donativos, leilão, chegada do santo em procissão fluvial, coroação da imperatriz, levantamento e derrubada do mastro, quebra da murta, cortejos, batuque e Marabaixo.

Referência:

Joaquina Jacarandá – Entrevistada em 26 de março de 2013.

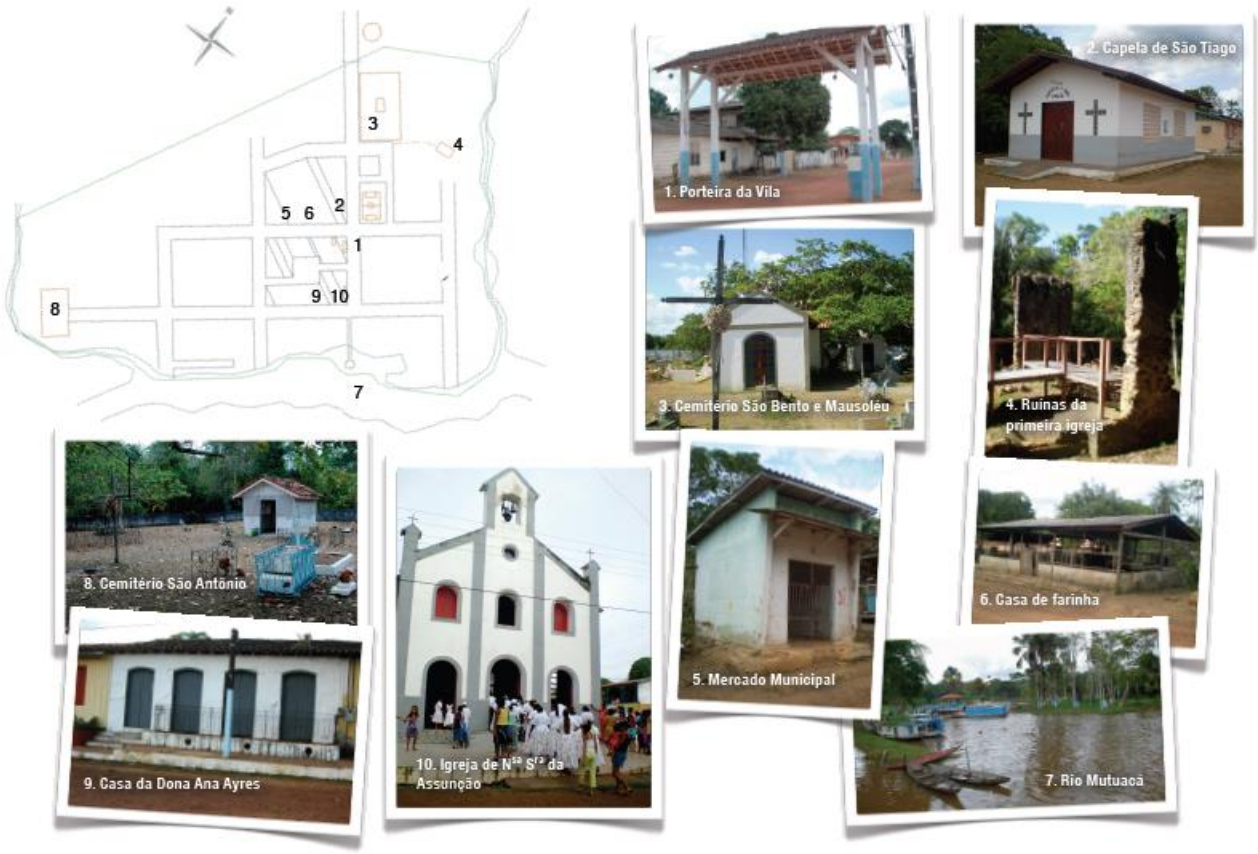
7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Celebração)	F1 – A3 – Código 03 – F20 – Nº 02
Igreja Nossa Senhora da Assunção (Edificação)	F1 – A3 – Código 22
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladainha (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 25
Mazagão Velho (Lugar)	F1 – A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Caixa de Marabaixo (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 30 – F60 – Nº 10

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

Gengibirra (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 31 – F60 – Nº 11
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



Mapa de Lugares e Edificações. Fonte: INRC Mazagão Velho 2007/2008 – IPHAN/AP.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

ARAUJO, Renata. As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto: FAUP, 1992. (O livro de Renata Araújo contém mapas e plantas do século XVIII, além de vasta documentação sobre as correspondências entre as autoridades dessa época.).

Arquivo da Biblioteca Pública de Macapá:

COSTA, Dagoberto. Município de Mazagão. 1996.

LOPES, Antônio Munhoz. Mazagão: dos primórdios aos nossos dias. Universidade Federal do Pará. Sem data.

Mazagão. Macapá, 30 de novembro de 1997 (sem referência do jornal).

Texto: Município de Mazagão. Sem autor, sem data.

Texto: A fundação de Mazagão. Sem autor, sem data.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:
Festejos – 2012 – Grupo Folclórico Raízes do Marabaixo.
Joaquina Jacarandá – Entrevistada em 26 de março de 2013.
Josefa Pereira Lau – Entrevistada em 26 de março de 2013.
Josefa Pereira Lau - Entrevistada em 07 de maio de 2013.
Jozué da Conceição Videira – Entrevistado em 25 de agosto de 2013.
Registros Audiovisuais:
As escravas da Mãe de Deus – 2010.
Festa do Divino Espírito Santo – 24 de agosto de 2013.
Josefa Pereira Lau - Entrevistada em 07 de maio de 2013.
Jozué da Conceição Videira – Entrevistado em 25 de agosto de 2013.
Mazagão Velho e Dona Zezinha – 07 de maio de 2013.
Nossos Ídolos – Mestre Jorge – 2011.
O Amapá de Hermano Araújo de Verônica dos Tambores – 2001.

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos - Pesquisadores:
Comunidade de Mazagão Velho – 26 de março de 2013.
Registros Fotográficos – Fotógrafos:
Comunidade de Mazagão Velho (Josefa Lau) – 07 de maio de 2012.
Festa do Divino Espírito Santo – 24 de agosto de 2013.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Seria interessante realizar um estudo de identificação dos descendentes da Mazagão africana no local, investigando os costumes recorrentes.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Festa de São Gonçalo; Semana Santa; Festas Juninas (Santo Antônio, São João, São Pedro, e São Marçal); Festa de Nossa Senhora da Piedade; Festa de São Tiago; Festa de Nossa Senhora da Assunção; Festa do Divino Espírito Santo; Festa de Nossa Senhora da Luz; Festa de Nossa Senhora do Rosário; Festa de Nossa Senhora da Conceição; Festa de Santa Luzia; Festa de São Tomé; Festejos de Natal.

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não Há.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	--	--	--	--	F50	--

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio	25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F60	10
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADES	Curiaú – Macapá – Mazagão – Mazagão Velho
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP – Mazagão/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Modo de Fazer Caixa de Marabaixo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Pedro Rosário dos Santos (Pedro Bolão)	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 63 CF. ANEXO 4
OCUPAÇÃO	Músico e Fazedor de caixas de Marabaixo e Batuque.	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	03/10/1960
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Tiago Assunção Belo dos Reis (Tiago Queiroz)		■ **MASCULINO** ☐ **FEMININO**	Nº 81 CF. ANEXO 4
OCUPAÇÃO	Músico e Fazedor de caixas de Marabaixo e Batuque.	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	13/08/1960	
RELAÇÃO COM O BEM	■ **MESTRE** ■ **PRODUTOR** ☐ **PÚBLICO** ☐ **APRENDIZ** ☐ **VENDEDOR** ■ **EXECUTANTE** ☐ **OUTRO** _____			

NOME	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra (Marcelo da Favela)		■ **MASCULINO** ☐ **FEMININO**	Nº 49 CF. ANEXO 4
OCUPAÇÃO	Músico e Fazedor de caixas de Marabaixo e Batuque.	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	31/08/1985	
RELAÇÃO COM O BEM	■ **MESTRE** ■ **PRODUTOR** ☐ **PÚBLICO** ☐ **APRENDIZ** ☐ **VENDEDOR** ■ **EXECUTANTE** ☐ **OUTRO** _____			

NOME	Jozué da Conceição Videira		■ **MASCULINO** ☐ **FEMININO**	Nº 44 CF. ANEXO 4
OCUPAÇÃO	Carpinteiro, pedreiro, educador cultural e Fazedor de caixas de Marabaixo e Batuque.	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**		
RELAÇÃO COM O BEM	■ **MESTRE** ■ **PRODUTOR** ☐ **PÚBLICO** ☐ **APRENDIZ** ☐ **VENDEDOR** ■ **EXECUTANTE** ☐ **OUTRO** _____			

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Pedro Bolão em sua oficina no Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Pedro Bolão em sua oficina no Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Pedro explicando o passa a passo de como fazer uma Caixa de Marabaixo – Macapá/AP. Data: 06/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Caixas prontas na oficina de Pedro Bolão no Curiaú – Macapá/AP. Data: 06/06/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Marcelo, do bairro Favela, fazedor e tocador de Caixa – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Bastidor coberto com couro de cobra sicuriju – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Caixa de madeira e Caixa de Zinco – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Marcelo apresentando um pedaço de couro para ser usado na confecção das Caixas – Macapá/AP. Data: 20/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A arte de confeccionar os instrumentos do Marabaixo – chamados de caixas – acompanha a própria história da manifestação. De acordo com a pesquisadora Piedade Lino Videira e segundo depoimentos de moradores que ainda atuam nos arredores de Macapá, o principal mestre na arte de fabricação desse instrumento na região foi Joaquim Sussuarana, morador do bairro Laguinho. Hoje existem três referências ainda ativas: Pedro Rosário dos Santos, conhecido como Pedro Bolão e que atua no Curiaú, Tiago da Assunção Belo dos Reis, conhecido como Tiago Queiroz e atuante em Mazagão, e Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra, conhecido como Marcelo da Favela e atuante em Macapá.

Tiago relatou que as caixas atualmente são feitas de madeira macacaúba, quando são encontrados troncos já caídos nas matas próximas à cidade - uma vez que pela legislação ambiental, não é mais possível cortar essas árvores -, ou são feitas de madeira de reciclagem, como a utilizada em caixas de frutas. A madeira, geralmente em formato de tronco, é lavada e secada antes de usar e depois são cavadas até permanecer no formato circular, com o auxílio de um cilindro. Alguns artesãos utilizam o zinco ao invés da madeira, um material simples e que dá menos trabalho, mas que ao mesmo tempo produz um som diferente. Para o bastidor pode ser usado couro de cobra, como sucuriju, ou de carneiro ou veado, mas hoje em dia, devido à proteção ambiental, é comum a utilização também de couro sintético. Quando se encontra uma cobra com um tamanho bom para ser utilizado na fabricação do instrumento, descarta-se a parte referente à barriga, à cabeça e ao rabo do animal, sendo utilizado o restante da pele. O couro de jacaré é grosso e não se adapta bem a esta fabricação. Segundo depoimento de Pedro Bolão inserido na pesquisa de Piedade Videira, o couro também é tratado antes de usar, já que ele tem que:

> Ser colocado de molho na cal, ele deve passar 3 dias de molho. Depois deve ser retirada a pele, deixando-o limpo para então ser levado ao sol para secagem. Para obter uma boa afinação com a caixa, não se deve cobrir o instrumento com o couro molhado, senão ele apodrece, pois não enxuga. É preciso que o couro seque primeiro para voltar na água e depois cobrir a caixa. (VIDEIRA, 2009, p. 109).

Na lateral da caixa é usado jenipapo, e no fundo há fios de nylon e miçangas, que podem ser substituídas por pena de pato. Segundo Piedade Lino Videira:

> As caixas são atracadas com fios e pedações de borracha, presos a elas pela lateral, os quais são responsáveis pela afinação do instrumento. Na parte inferior da caixa é colocada uma linha com miçangas, que são denominadas de resposta; são pintadas com cores e motivos variados. Para serem tocadas são presas ao ombro por um cordão grosso colorido e/ou talabarte e tocadas com baquetas em número de duas, as quais formam um cruzamento na parte superior da caixa do Marabaixo. (VIDEIRA,

2009, p. 109).

Pedro Bolão relatou que aprendeu o ofício de forma autodidata, após conviver com a manifestação e conhecer o ofício de tocar a caixa. No livro de Piedade, ele afirma que:

> Numa viagem para Belém, a caixa de Marabaixo que iria levar estava em péssimas condições. O pai aconselhou-o a levar para seu Sussuarana consertar, que ele pagaria pelo serviço. Foi quando Pedro o inquiriu e disse-lhe: "Pai, por que a gente não ajeita nós dois? O senhor não tocava caixa?" O pai responde: "Tocava". Pedro: "E quem ajeitava?". Novamente seu pai falou: "Era eu". "Então vamos ajeitar nós dois, bora vê" - completa. Pedro ainda conta: "Aí, eu tirei, descobri a caixa todinha, separei ela todinha e eu aprendi só a colocação de fita que é fazer com cordiamento para manter o fio trançando. Aí pronto! Quando foi um dia que eu fui morar no São Lázaro (bairro de Macapá) eu comecei a fabricar em casa, fabricava com uma faca e usava só um martelo, não tinha lixadeira não tinha nada, era com a faca e um terçado que eu fabricava minhas caixas. Eu mandava o cara serrar a madeira pra mim, aí lá eu fazia. Então eu fiz uma caixa e levei pra ele ver: "Aí pai, fui eu mesmo que fabriquei essa caixa, dá condição de tocar? Ele disse "Essa tá boa, tá do jeito, tem bom som". (VIDEIRA, 2009, p. 109)

Da mesma forma, Marcelo da Favela também aprendeu o ofício. Ele conta que na época em que era criança, os mais velhos tinham uma espécie de aversão da participação dos mais novos no Marabaixo – eles só podiam assistir. Mas com o incentivo do seu tio, que lhe deu uma caixa, ele primeiro aprendeu a tocar o instrumento, e depois a fazer, depois de muito assistir aos mais velhos. Já Tiago Queiroz, relatou que aprendeu o ofício em uma das oficinas promovidas pela Associação Cultural São Sebastião, entidade cultural atuante em Mazagão Novo.

Além da caixa, ambos confeccionam o tambor do batuque e o pandeiro. E tanto Pedro Bolão como Tiago Queiroz têm o hábito de ensinar aos jovens o ofício de fabricação de instrumentos, na maioria das vezes em oficinas patrocinadas pelo poder público ou por ONGs locais.

Referências:

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 10 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Tiago da Assunção Belo dos Reis – Entrevistado em 09 de maio de 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A atividade de fabricação de caixa do Marabaixo é feita domesticamente, no próprio ambiente da casa do produtor ou em espaços ligados ao mesmo. No caso de Pedro bolão, morador do Curiaú, é utilizado um imóvel próprio, uma espécie de galpão de formato circular, que se localiza defronte para sua residência. O imóvel é de madeira com telhas de barro e apresenta uma grande varanda na fachada e um cômodo interno onde são fabricados os instrumentos.

Tiago Queiroz produz os seus instrumentos na sua própria casa, que fica na beira da estrada de entrada de Mazagão. O imóvel de alvenaria apresenta uma grande varanda na entrada, e o espaço para a fabricação das caixas ocorre no próprio ambiente doméstico. Marcelo da Favela também fabrica os instrumentos em sua própria casa, localizada no Bairro Santa Rita em Macapá.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

O Galpão onde Pedro Bolão fabrica seus instrumentos é um marco para a manifestação do Marabaixo. Localizado no Curiaú, o espaço abriga oficinas e apresentações musicais diversas. Além disso, está rodeado pela exuberante natureza do Curiaú, uma área de proteção permanente que possui rios e áreas alagadas, e matas com flora diversificada e uma rica fauna.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O agenciamento do espaço para a atividade se dá com a integração dos instrumentos de trabalho e dos materiais para a prática de fazer caixa. Os instrumentos de trabalho são o martelo, o serrote, pregos e furadeira, e a matéria prima é basicamente a madeira e o couro.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE	O ano todo.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

8. BIOGRAFIA

Pedro Bolão tem 53 anos e há 25 anos, aproximadamente, faz instrumentos para a prática do Marabaixo e do Batuque, no Curiaú, onde reside. Ele aprendeu o ofício de forma autodidata, sendo que anteriormente, já participava ativamente da manifestação, uma vez que seus pais, Dona Chiquinha e Seu Bolão, são tradicionais no Marabaixo. Além de produzir as caixas, ele toca o instrumento, e participa de projetos como músico, como o Sonora Brasil e Raízes do Bolão, e também realiza oficinas, tanto em seu espaço de trabalho como nos blocos de carnaval.

Tiago Queiroz tem 52 anos e aprendeu o ofício de fabricação de caixa há aproximadamente 10 anos. Nascido em Mazagão Velho, se mudou para Mazagão aos 6 anos de idade. A sua família participa dos festejos do batuque e do Marabaixo há várias gerações, como o seu bisavô João Pedro Queiroz e seu pai Manoel Raimundo Queiroz. Ele aprendeu o ofício com oficinas realizadas na cidade onde mora, promovidas pela Associação São Sebastião, agremiação cultural atuante na localidade. Desde então, além de fabricar as caixas, Tiago ensina o ofício em oficinas locais.

Marcelo da Favela tem hoje 27 anos e começou no Marabaixo desde pequeno, uma vez que a família de sua mãe sempre esteve envolvida com a manifestação. Ele conta que sua bisavó cantava ladrões e era da região do Curiaú, e seu bisavô era de Mazagão e também participava do Marabaixo. Foi uma tia que dançava que o incentivou a acompanhar a manifestação. Ele cresceu em uma época em que os mais antigos tinham uma aversão de que os mais novos aprendessem a tocar, mas ele não desanimou e, depois de pegar escondido os instrumentos, quando tinha por volta de 16 anos aprendeu a tocar caixa. Ele aprendeu vendo os mais velhos e hoje dá continuidade ao processo, tanto fabricando quanto tocando o instrumento.

Referências:

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 10 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Tiago da Assunção Belo dos Reis – Entrevistado em 09 de maio de 2013.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O ofício de confecção das caixas está atrelado à prática do Marabaixo, pois é o ritmo ditado por este instrumento que dá o tom da manifestação. Durante o ciclo, nas apresentações da dança que costumam durar a noite toda, os tocadores se revezam e fazem a base para que os ladrões sejam cantados e os dançarinos possam seguir a cantoria.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

Nos cortejos, as caixas chamam a população à rua que, ao ouvirem o batido forte do Marabaixo, se juntam ao caminho da dança amapaense.

Devido à matéria prima abundante, pelo fato das localidades do Amapá serem cercadas por florestas, não faltava madeira nem couro para a produção dos instrumentos.

Como assinalou a pesquisadora Piedade Lino Videira, as caixas, instrumentos de percussão produzidos por membros da comunidade, ditam o ritmo do Marabaixo. “No passado, as caixas eram escavadas em troncos de árvores e cobertas com couro de carneiro, de bode (menos caro) e de sucuriju (couro de cobra, mais caro).” (VIDEIRA, 2009, p. 109).

Estes materiais ainda são utilizados, além do PVC. As madeiras anteriormente retiradas da mata, muitas vezes hoje são substituídas por madeiras de reciclagem, principalmente devido à legislação ambiental, que não permite que as árvores sejam cortadas. Os materiais sintéticos são mais flexíveis e fáceis de desbastar, mas ao mesmo tempo, produzem um som diferente do tradicional.

Conta-se que um grande personagem deste ofício foi Joaquim Sussuarana, morador do bairro Laguinho, em Macapá. Ele fornecia os instrumentos tanto para as manifestações do Marabaixo, como para o batuque.

Hoje, há mais pessoas envolvidas neste ofício, como Pedro Bolão, Tiaqo Queiroz e Marcelo da Favela, e, além disso, a prática vem sendo disseminada por meio de oficinas em diversas cidades.

Referências:

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 10 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Tiago da Assunção Belo dos Reis – Entrevistado em 09 de maio de 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. Marabaixo: dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. 285 p.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A caixa é um dos elementos símbolos do Marabaixo. Como ela fornece a base musical e percussiva para as apresentações - que ocorrem nas associações, nas casas ou mesmo nas ruas, acompanhando os cantadores e os dançarinos - a imagem da caixa é sempre utilizada como signo da manifestação, em fotos, em desenhos, nas faixas e nos banners que são colocados para enfeitar os salões das associações. Além disso, a imagem do tocador está diretamente associada aos instrumentos. Na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, o local da festa é enfeitado com banners que apresentam imagens de seus precursores, em um deles está uma foto de Mestre Pavão tocando uma caixa. Esses instrumentos também estão estampados nos logotipos dos grupos, assim, a relação entre caixa e Marabaixo está sempre presente, remetendo ao som produzido pelo instrumento, ao qual se pode associar o canto dos ladrões e a dança pelos salões.

A caixa também é inspiração para a composição de ladrões, como o que apresentamos aqui composto por Adelson Preto. O ladrão, que tem o título de 'Quilombo', fala sobre o Curiaú, comunidade reconhecida como área quilombola, mas estabelece uma relação com as caixas cobertas pelo couro de sucuriju, que são tocadas durante as rodas de Marabaixo. Ao mesmo tempo Adelson faz uma homenagem a sua vó Chiquinha, componente da velha guarda do Marabaixo, presente nas festas do Curiaú e do Laguinho.

O meu quilombo é bonito
Quilombo do Curiaú
Ora, que couro cobre esta caixa?
É couro de sucuriju

Minha caixa bem tocada
Eu chego a me arrepiar
Eu vou contar a minha história
Pro povo de Macapá

A minha vovó Chiquinha
Tem forças para trabalhar
Ela tem noventa anos
Ela gosta de dançar

Eu peço a papai do céu
Que possa me abençoar
Para que chegue a mais de cem
E comigo continuar

Nós temos a tia Icídia
Que é sua prima irmã
Tio Arí e tio Zé Duca
São filhos do Curiaú

Referências:

I Festival de Ladrão de Marabaixo – dvd – Confraria Tucuju.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO

Século XVIII	Foi com a vinda dos primeiros negros para a região do Amapá, presentes em Macapá, no Curiaú e também em Mazagão, que segundo relatos, teve início a manifestação do Marabaixo, tendo sempre a caixa como base musical. Porém, não há registros de nomes das pessoas responsáveis pelo ofício de fabricação dos instrumentos nos primórdios da manifestação.
Início do século XX	Como contado pela memória dos marabaixeiros, a atividade de fazer a caixa teve como mestre a figura de Joaquim Sussuarana, morador do Bairro Laguinho, que produzia os instrumentos em meados do século XX.
Década de 1980	Pedro Bolão iniciou as suas atividades de produção de instrumentos no Curiaú.
Década de 1990	Marcelo da Favela inicia suas atividades de produção de caixa em Macapá.
Década de 1990	Devido às mudanças na legislação ambiental e também devido à diminuição da oferta da matéria prima, os materiais para a fabricação das caixas sofrem uma alteração: ao invés de couro de animais e madeira macacaúba, começam a ser utilizados materiais sintéticos e mais maleáveis, como o PVC, ou também o Zinco.
Anos 2000	Início das atividades de produção de instrumentos de Tiago Queiroz, que coincide também com o incentivo de vários órgãos, como associações locais e a UNA (União dos Negros do Amapá), para a difusão da prática entre os moradores.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS
Caixa – espécie de tambor de madeira com bastidor de couro, utilizado na prática do Marabaixo.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO	
ETAPA	**ATIVIDADE**
Produção	Caseira e artesanal
Comercialização	Encomendas feitas pelos tocadores de caixa, por vezes de turistas.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	**FUNÇÃO**
Fazedor de caixa	Produção das caixas e ensino do modo de fazer para a população.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Instalações – ambientes simples, domésticos.
QUEM PROVÊ	O próprio produtor
FUNÇÃO	Local para fabricar o instrumento

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Matéria prima – madeira, couro, zinco. Ferramentas – martelo, serrote, prego, furadeira.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

QUEM PROVÊ	O próprio fabricante
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Fabricação do instrumento
DISPONIBILIDADE	A matéria prima é abundante na região, mas atualmente, devido à legislação ambiental, muitas vezes o produtor recorre à matéria prima reciclada para a produção dos instrumentos.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	A caixa é utilizada durante a dança do Marabaixo, executada tanto por homens como por mulheres e crianças em dias de festa. Essa dança é realizada em uma grande roda, em que o grupo gira em sentido anti-horário, acompanhados pela caixa e pelos cantadores, que se posicionam no meio do sítio. As mulheres dançam com um andar arrastado e usam movimentos de cintura para realizar o bailado, enquanto os homens circundam as mulheres com movimentos parecidos com o de mestre sala.
QUEM EXECUTA	Os praticantes do Marabaixo, incluindo crianças, senhores e adultos, e os visitantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança remete ao mito de origem do Marabaixo, associado ao lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros, e também ao canto realizado nas senzalas para diminuir o banzo. Assim, dançam de modo arrastado referindo-se aos pés acorrentados da época da escravidão.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	As caixas formam o fundo musical e percussivo para os ladrões, como são chamadas as canções tradicionais do Marabaixo. Fundamentalmente, são composições em versos compostas de quadras seguidas por refrãos e que se referem a acontecimentos históricos e cotidianos da população do Amapá.
QUEM PROVÊ	Os cantadores, respondedores e tocadores de caixa.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Os ladrões, ao falar dos fatos e lembranças do grupo se tornam um importante suporte da memória comunitária, resultando em um mecanismo de transmissão oral dos legados ancestrais dos amapaenses.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	A Caixa é único instrumento de acompanhamento do Marabaixo, a caixa é feita de madeira ou metal, aos moldes de um tambor bimembranofone, isto é, composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas através de aros metálicos, um fio de metal ou náilon com miçangas, em contato com a pele inferior, que ao vibrar quando é percutido produz um som repicado. Outrora, era costume que as caixas fossem feitas de troncos de madeira escavados com ferramentas rústicas, o que fazia com que ficassem muito pesadas, de forma que hoje são usadas chapas de madeiras que vão sendo curvadas com prendedores, de modo que as paredes sejam bem mais finas, tornando o produto mais leve. A introdução de produtos de origem industrial também alterou as caixas, por exemplo, hoje existem caixas feitas de zinco e de PVC, que além de leves são mais baratas e por isso mais acessíveis. A iniciativa da oficina de instrumentos da Associação Cultural Raízes do Bolão também faz uso de madeira reciclada proveniente de caixas de frutas para confeccionar caixas e tambores. Quanto aos couros que recobrem as caixas, ainda existem muitas caixas com couro de sucuriju, Eunectes Murinus, cada vez mais raros e difíceis de achar, pelo desaparecimento da espécie, assim como pelas pesadas leis de proteção da fauna. A esse couro tido como mais nobre, foram se sucedendo os couros de boi, mas principalmente os couros de bode. É comum o uso de couros sintéticos, bem mais baratos, no entanto, de baixa durabilidade. Uma alternativa dos tocadores é comprar tambores de baixo custo e substituir as membranas industriais por membranas naturais. O som da caixa tem altura indeterminada, isto é, não pode ser perfeitamente afinado, de forma que determinam o ritmo do Marabaixo sem elementos de melodia e harmonia.
QUEM PROVÊ	Os instrumentos de percussão são creditados como os mais antigos em uso pela humanidade após o uso da voz e do corpo na produção de música. A caixa na forma moderna como é usada no Marabaixo é de origem europeia, e no século XV ela despontou como marcador da marcha militar. Neste caso, podemos especular sobre a importância da convivência dos primeiros escravos de Macapá com a rotina militar da Fortaleza de São José e a medida da influência que a marcação de seus ritmos diários de trabalho pela caixa como instrumento de ordem serviu para a incorporação da caixa em atividades que fugiam da ordem dominante. Ao mesmo tempo é amplamente sabido que as formas percussivas acharam na África seu solo mais fértil. Em Macapá encontramos dois executantes, Pedro Bolão e Marcelo da Favela, que guardam essa arte de confeccionar caixas, atendendo a demanda local e regional, ou mesmo vendo suas caixas cruzarem o país e chegarem a São Paulo e Rio ou mesmo além, a Europa. Assim, existe um mercado consumidor que paga em média R$ 150,00 por caixa, não apenas no Marabaixo, mas também nos tambores de batuque. Esses mestres do saber fazer caixas transmitem de forma organizada em oficinas ou dentro dos grupos aos iniciantes, os rudimentos e os processos de confecção dos instrumentos bem como da aprendizagem do toque e de suas nuances, cumprindo assim, um aspecto fundamental que é a transmissão de conhecimentos tradicionais às novas gerações e atraindo mais membros, garantindo que os grupos se perpetuem.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A simplicidade do acompanhamento musical, baseado na marcação de um ritmo, expõe a percussão como o esqueleto da música, mostrando o Marabaixo como uma estrutura musical de apelo direto à sociação, recuperando uma dimensão lúdica para a expressão dos ladrões e da dança, uma comunicação direta do ritmo da caixa com o coração dos praticantes, provocando mudanças súbitas ou gradativas de humor através do toque, levando a comunidade a responder de tal ou tal forma, tal ou tal música lançada à roda. Acrescentamos à roda que gira de dançarinos e o estado de êxtase que este ritmo induz, tendo a música como veículo de rompimento com uma

	realidade brutal e o renascimento divino numa ordem em que na dança os homens e as mulheres governam a si e a seus corpos.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	**ATIVIDADE**
Tocadores de caixa	As caixas são utilizadas para a manifestação do Marabaixo.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ■	**VENDE** ■	**TROCA** ☐	**OUTRO** ☐	**ESPECIFICAR**
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	**SIM** ■	**NÃO** ☐	**PRINCIPAL FONTE DE RENDA** ☐	**COMPLEMENTO** ■
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	**DIRETO** ■	**INTERMEDIÁRIO** ☐	**COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO** ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Tiago Queiroz tem participação na Associação Folclórica São Sebastião em Mazagão. Destinada a promover as manifestações culturais da cidade e a difundir o ensino de técnicas tradicionais, como o modo de fazer instrumentos percussivos.

Pedro Bolão é integrante da Associação Cultural Raízes do Bolão, localizada no Curiaú. O grupo divulga as tradições folclóricas do Amapá, principalmente o Marabaixo e o batuque e é formado pelos descendentes de Maximiano Machado dos Santos, o Bolão.

Marcelo é um dos tocadores da Associação Zeca e Bibi Costa, mas também toca em outras associações quando é convidado ou quando as festas não coincidem.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Marabaixo (Expressão Cultural)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Expressão Cultural)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Laguinho (Lugar)	F1 – A3 – Código 26 – F50 – Nº 06
Favela (Lugar)	F1 – A3 – Código 27 – F50 – Nº 07
Curiaú (Lugar)	F1 – A3 – Código 28 – F50 – Nº 08
Mazagão Velho (Lugar)	F1 – A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Tocadores de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não se aplica.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:
Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 10 de maio de 2013.
Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 20 de maio de 2013.
Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.
Tiago da Assunção Belo dos Reis – Entrevistado em 09 de maio de 2013.
Registros Audiovisuais:
I Festival de Ladrão de Marabaixo – dvd – Confraria Tucuju.
Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 20 de maio de 2013.
Modo de Fazer Caixa – Pedro Bolão – Curiaú – 06/05/2013.
Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos – Fotógrafos:
Associação Cultural Raízes do Bolão – 06 de maio de 2013.
Entrevistados – Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – 20 de maio de 2013.

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Seria interessante o acompanhamento das oficinas para verificar a eficácia dessa iniciativa na formação de novos fazedores de caixa, assim como na preparação dos novos tocadores.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Os bens citados nesta ficha como os Ladrões e o Ofício de tocador de caixa já estão sendo pesquisados para compor o INRC do Marabaixo.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Não há.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS **FICHA DE IDENTIFICAÇÃO** **OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**	CÓDIGO DA FICHA					
	AP	01	--	2013	F60	11
	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADE	Favela (Santa Rita)* *A gengibirra é feita em todos os locais de ocorrência do Marabaixo. Contudo, para efeitos de registro, nesta ficha, o acompanhamento da produção de gengibirra foi feito na Associação Zeca e Bibi Costa, localizada na Favela.
MUNICÍPIO / UF	Macapá/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Gengibirra
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Não há.
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Irene Pereira dos Santos		☐ MASCULINO ■ FEMININO
OCUPAÇÃO	Aposentada	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	17/05/1940
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

4. FOTOS - OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Preparo da Gengibirra na Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

O primeiro passo é cortar o gengibre em pequenos pedaços – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Dona Irene, presidente da Associação Zeca e Bibi Costa, explica o preparo da gengibirra – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

O gengibre picado – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

O gengibre é misturado com água e batido no liquidificador – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Depois de batida, a mistura é passada em uma peneira – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

Para temperar a gengibirra acrescenta-se açúcar e cachaça – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Dona Irene experimentando a gengibirra – Macapá/AP. Data: 18/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A gengibirra é uma bebida alcoólica de produção caseira, servida durante as festividades do Marabaixo. É uma bebida típica do Estado do Amapá. Os ingredientes incluem a raiz do gengibre, cachaça industrializada, açúcar e água. O líquido turvo é resultado da mistura do gengibre com os outros ingredientes.

Existem diversos modos de fazer a bebida, que variam de pessoa para pessoa, e de comunidade para comunidade. Mas tomaremos como exemplo a maneira como Dona Irene Pereira dos Santos, presidente da Associação Zeca e Bibi Costa, executa a tarefa: primeiramente, é cortado o gengibre, que depois é batido com água no liquidificador; em seguida, essa mistura é passada em uma peneira; acrescenta-se ao líquido, açúcar e cachaça, e então a bebida é colocada para gelar. Há relatos de pessoas que fervem o gengibre antes de utilizá-lo e outros que acrescentam outros ingredientes, como leite condensado, especiarias, ou casca de abacaxi.

Na maioria das vezes a bebida é servida gelada. Serve para preservar e dar potência à voz dos cantadores e proporcionar energia aos participantes durante as apresentações que duram a noite inteira.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A gengibirra é uma bebida feita por diversas pessoas em Macapá e nas comunidades que praticam o Marabaixo. Ela é produzida geralmente de forma doméstica, seja na sede das associações que promovem o Marabaixo ou na casa do festeiro ou de moradores que detêm a prática deste fabrico.

Na Favela (bairro Santa Rita) em Macapá, um dos locais tradicionais de fabricação da bebida é a sede da Associação Zeca e Bibi Costa, que serve também de residência para a presidente, Irene Pereira dos Santos, o seu filho mais velho com a família, e a neta, ambos envolvidos nas festividades. A casa possui sete cômodos, uma varanda, e conta com um amplo quintal, onde fica uma grande mesa e é servido o caldo nas noites de Marabaixo. Além disso, na parte da frente da casa está o espaço onde as pessoas se reúnem para tocar, cantar e dançar.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

A produção de gengibirra ocorre em diversos domicílios de Macapá e também em comunidades diversas do Estado do

Amapá. Dentro dessa diversidade, destacam-se as associações de Marabaixo de Macapá, que produzem a bebida durante o ciclo do Marabaixo em grandes quantidades para consumo dos marabaixeiros e dos visitantes. Dentre essas associações, estão:

Associação Zeca e Bibi Costa, na Rua Mendonça Furtado, nº 1882, no bairro Favela (Santa Rita).

Associação Berço do Marabaixo, na Rua Duque de Caxias, nº 1203, no bairro Favela (Santa Rita).

Associação Cultural Raimundo Ladislau, na Rua Eliezer Levi, nº 632, no bairro Laguinho.

Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, na Avenida Nações Unidas, nº 1160, no bairro Laguinho.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

O espaço utilizado para a produção da gengibirra é cedido pelo festeiro daquele ano ou pela associação responsável pelo grupo. Em geral, o local de produção coincide com o local de concentração da festa. No caso da AZEBIC, Associação Zeca e Bibi Costa, a bebida é produzida nos fundos da casa, onde há um quintal, e armazenada em garrafas PET, em um freezer de propriedade da presidente, Sra. Irene Pereira dos Santos.

7. TEMPO

7.1. PERIODICIDADE	Acompanha a festa do Marabaixo. No caso de Macapá, coincide com o clico da manifestação, que ocorre durante o domingo de Páscoa, se prolongando até Domingo do Senhor, após a celebração do Corpus Christi.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

8. BIOGRAFIA

A gengibirra é fabricada por todos os grupos que promovem a festividade do Marabaixo, tendo como principais responsáveis os festeiros daquele ano. A receita da iguaria é passada de mãos em mãos através das gerações. Irene Pereira dos Santos é responsável pela produção da bebida para as festas da AZEBIC – Associação Zeca e Bibi Costa.

Nascida na comunidade de Maruarum, município de Macapá, no dia 17 de Maio de 1940, Dona Irene casou-se duas vezes e teve três filhos, sendo um do primeiro casamento e os outros dois frutos do matrimônio com José Flecha da Costa, com quem permaneceu casada por 19 anos, até a morte do sr. José em meados da década de 1990.

Foi o senhor José que apresentou a festa de Marabaixo a Dona Irene, que passou a ajudá-lo e a frequentar as festividades, apesar de, até então, não exercer um papel ativo nas preparações. Tal papel só foi assumido após uma promessa feita à Santíssima Trindade, quando Dona Irene pediu um emprego que a possibilitasse criar os filhos sem precisar trabalhar como lavadeira, e foi atendida, sendo hoje aposentada.

Apesar de não cantar ou dançar, Dona Irene é uma figura central na organização das festividades. Dentre outras contribuições, fundou a AZEBIC no ano 2000, que possibilitou aos festeiros requerer ajuda financeira do governo e fortaleceu o movimento do Marabaixo. Hoje, aos 73 anos, trabalha na produção da Gengibirra e do Caldo, além de organizar a produção de camisetas e roupas típicas, e ceder a casa como sede da associação.

Referência:

Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 09 de maio de 2013.

9. ATIVIDADE

9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

A gengibirra é uma bebida típica do Estado do Amapá, à base de gengibre e cachaça, e utilizada principalmente nas manifestações do Marabaixo. O gengibre é uma espécie originária da China, que foi trazida pelos Portugueses ao ocidente, por ocasião das cruzadas e, mais tarde, para o Brasil pouco após o descobrimento.

A raiz do gengibre é creditada por proteger a garganta e as cordas vocais, permitindo maior longevidade à voz. Sua mistura com a cachaça gera uma bebida que a população acredita ter um efeito tônico para os cantadores do Marabaixo. Segundo Dona Irene, mistura-se gengibre à "cachaça e açúcar, pra poder dar a potência no pessoal, para ficar tudo animado, pronto pra festa".

Não se sabe ao certo qual a data em que a gengibirra foi introduzida no Marabaixo, mas há relatos da presença da cachaça desde o início do século XX e também do uso de outras bebidas, como a Mucura, relatada por Nunes Pereira no seu livro Sahiré e Marabaixo, e também de uma bebida feita de casca de árvore, o caimbé, feito com uma mistura de cachaça, água e madeira de caimbé raspada. Essas, porém, não são mais encontradas na festividade atuais, permanecendo o uso da gengibirra.

Hoje, entretanto, muitos cantadores não mais se servem da bebida, e preferem consumir cerveja e refrigerantes. A gengibirra, porém, continua sendo fabricada e consumida em larga escala, e os grupos não abrem mão de sua presença durante todas as festividades do Marabaixo.

Referência:

Irene Pereira dos Santos. Entrevistada em 18 de maio de 2013.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Segundo Mônica do Socorro Ramos, a gengibirra não é pra ficar "porre", mas para melhorar a garganta das pessoas que cantam a noite inteira. Mas há algumas pessoas que tomam a bebida de forma desmesurada. Em seu depoimento, Mônica relata que certa vez houve um Marabaixo em casa de Dona Natalina, filha de Gertrudes Saturnino. No decorrer da noite, Natalina observou que as pessoas estavam exagerando na gengibirra e tirou o seguinte ladrão:

Natalina falou
Gengibirra não é brincadeira
Se nego beber demais
Vai ficar zoeira

Durante o I Festival de Ladrão de Marabaixo, Manoel Pereira, de Mazagão Velho, concorreu com o ladrão intitulado Festa do Divino, em que várias etapas e elementos da festa são representados. O refrão diz:

Quem quiser se divertir
E brincar feito menino
Vá até Mazagão Velho
Ver a Festa do Divino

Mais à frente, no penúltimo parágrafo, é assim cantado:

24 de agosto
A festança é garantida
Marabaixo o dia inteiro
E gengibirra é a bebida

Assim, podemos perceber que a gengibirra inspira a composição dos ladrões e também faz parte das histórias dos marabaixeiros, pois são relatadas como elementos das festas nos próprios ladrões que são cantados nas rodas de Marabaixo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

Referência:
I Festival de Ladrão de Marabaixo. Confraria Tucuju. 2011.
Mônica do Socorro Ramos. Entrevistada em 10 de maio de 2013.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Século XVII	O Gengibre chega ao Brasil, trazido pelos portugueses e se espalha pelo litoral nordeste, sendo levado posteriormente para o interior.
Século XVIII	Vinda dos primeiros negros à região do Amapá para a construção da Fortaleza de São José de Macapá. Acontece também a transferência de colonos provenientes da cidade de Mazagão, no Marrocos, para a nova cidade de Mazagão na Região Amazônica. Segundo relatos, data dessa época o início do Marabaixo em Macapá.
Final do século XIX e início do século XX	Consolidação do Amapá como parte do Brasil; nascimento das grandes personalidades ancestrais reverenciadas pelo Marabaixo, a maioria delas provenientes dos negros trazidos para a construção da Fortaleza de São José e para Mazagão.
1943	Criação do Território Nacional do Amapá, que levou a redistribuição populacional na capital e à criação dos bairros de grande tradição no Marabaixo: Laguinho e Favela (Santa Rita). Consolidação dos festejos de Marabaixo, com consumo de bebidas como o caimbé, a mucura e cachaça pura. A inserção da gengibirra ocorreu em data desconhecida.
Final do século XX	Inserção de outras bebidas na festa, como refrigerante e cerveja.

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS

10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

Gengibirra.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Produção	A produção da bebida varia conforme a pessoa que está produzindo. Dona Irene tem a seguinte metodologia: começa com o corte da raiz do gengibre, que é depois batida em um liquidificador doméstico juntamente com água; a polpa é peneirada, e depois coada em um pano, para evitar o “bagaço”. A partir daí, é feita a mistura com cachaça industrializada, açúcar e água. Armazenada em garrafas PET, a bebida é posta para gelar.
Distribuição	A bebida é servida à vontade durante toda a festa de Marabaixo, chegando o consumo a até 200 litros em uma noite, segundo depoimento da Sr. Irene Pereira dos Santos.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Produtor	Responsável pela fabricação da bebida.
Marabaxeiros e visitantes	Durante a manifestação, consomem a gengibirra, principalmente com o intuito de fortalecer a voz para as apresentações que duram a noite inteira.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	A casa utilizada para produção da gengibirra é, em geral, a mesma onde acontece o Marabaixo. Na capital Macapá, geralmente o Marabaixo é celebrado dentro das sedes das associações, que por sua vez, funcionam nas casas dos presidentes das mesmas.
QUEM PROVÊ	O capital utilizado nos grupos de Macapá é proveniente principalmente do orçamento público destinado a atividades culturais na capital. As associações que estão em dia com os impostos se aplicam para receber a ajuda, que no ano de 2013 foi de 33 mil reais, e depois submete uma prestação de contas aos cofres públicos.
FUNÇÃO	Tornar a festa financeiramente viável.

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	A matéria-prima para a gengibirra consiste basicamente em raiz de gengibre e cachaça industrializada, sendo a marca mais utilizada pelos festeiros a “51”.
QUEM PROVÊ	Os festeiros tem a obrigação de prover toda a matéria-prima e ferramentas necessárias para a execução da festa, mas para tanto contam com doações da comunidade e verbas públicas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A função do gengibre, segundo acredita a população, é proteger a garganta e as cordas vocais dos cantadores da festa, permitindo que eles desfrutem dos festejos por mais tempo. Já o teor alcóolico da bebida tem como função deixar os participantes mais “animados” e aumentar sua resistência, prolongando assim a festa.
DISPONIBILIDADE	Todo o material é disponibilizado para a produção, geralmente no local onde serão realizados os festejos, como é o caso da AZEBIC no ano de 2013.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Gengibirra: bebida alcoólica à base de gengibre e cachaça. Caldo: caldo servido quente, à base de carne e legumes variados.
QUEM PROVÊ	Os festeiros e seus ajudantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Governo Estadual, doações privadas, festeiros.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Não há trajes específicos para serem utilizados durante a produção da bebida, entretanto, as cantadoras e participantes da festa utilizam traje típico composto de saia rodada e blusa com rendas e mangas levemente bufantes, enquanto ingerem a bebida durante a festa.
QUEM PROVÊ	As próprias participantes. Por vezes com a ajuda da associação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Uniformização da festa e identificação dos grupos. É motivo de orgulho para os participantes irem em grande encontros com seus melhores uniformes, e há um clima de competitividade saudável nesse aspecto.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	A dança acontece após a produção da bebida, quando essa é consumida pelos presentes nas festividades do Marabaixo. Dançam uma maioria de mulheres, acompanhada de homens que as rodeiam enquanto realizam uma performance por uma trajetória circular no espaço da festa.
QUEM EXECUTA	Participantes da festa, em especial as mulheres.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança, de origem africana, é uma expressão intrínseca ao Marabaixo.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	A Caixa é o instrumento musical utilizado durante as celebrações de Marabaixo, enquanto os participantes consomem a gengibirra produzida. É feita de madeira e couro, que pode ser de diferentes origens, como de boi, cobra ou carneiro.
QUEM PROVÊ	A caixa é produzida artesanalmente e vendida aos tocadores.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Acompanha o canto dos ladrões, vinda da cultura africana de tambores e percussão.

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Marabaixeiros	Distribuição de gengibirra e consumo pelos marabaixeiros.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ■	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ■	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐	

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

A maioria dos grupos em Macapá se organizou em Associações com o intuito de ter uma situação legal regularizada e

assim facilitar meios para a perpetuação da festa. A produção de gengibirra registrada neste inventário foi feita na Associação Zezé e Bibi Costa – AZEBIC, fundada pela Sra. Irene Pereira dos Santos. Além dessa, há ainda cerca de quatro associações semelhantes em Macapá.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Celebração)	F1 – A3 – Código 03 – F20 – Nº 02
Festa de São Tomé da comunidade Carvão (Celebração)	F1 – A3 – Código 04
Festa da Sagrada Família da comunidade Campina Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 05
Festa de São Sebastião da comunidade Ilha Redonda (Celebração)	F1 – A3 – Código 06
Festa de São José da comunidade Abacate da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 07
Festa da Santíssima Trindade da comunidade Casa Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 08
Festa do Divino Espírito Santo da comunidade Ressaca da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 09
Festa de Santa Maria da comunidade Curiaú (Celebração)	F1 – A3 – Código 10
Festa de Nossa Senhora da Assunção da comunidade Torrão do Matapi (Celebração)	F1 – A3 – Código 11
Festa de São Sebastião de Mazagão (Celebração)	F1 – A3 – Código 12
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau (Celebração)	F1 – A3 – Código 13
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão (Celebração)	F1 – A3 – Código 14
Festa da Santíssima Trindade da Associação Berço do Marabaixo (Celebração)	F1 – A3 – Código 15
Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa (Celebração)	F1 – A3 – Código 16
Festa da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela (Celebração)	F1 – A3 – Código 17

Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 – F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Laguinho (Lugar)	F1 – A3 – Código 26 – F50 – Nº 06
Favela (Lugar)	F1 – A3 – Código 27 – F50 – Nº 07
Curiaú (Lugar)	F1 – A3 – Código 28 – F50 – Nº 08
Mazagão Velho (Lugar)	F1 – A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Gengibirra (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 31 – F60 – Nº 11

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não se aplica.

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há.

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros Sonoros:
Irene Pereira dos Santos – Entrevistada em 09 de maio de 2013.
Irene Pereira dos Santos – Entrevistada em 18 de maio de 2013.
Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 04 de maio de 2013.
Lucimar Araújo Tavares – Entrevistada em 08 de maio de 2013.
Mônica do Socorro Ramos – Entrevistada em 10 de maio de 2013.
Registros Audiovisuais:
Benedita Guilherma Ramos – Nossos Ídolos. Banda Placa, 2011.
Irene Pereira dos Santos – Entrevistada em 18 de maio de 2013.
Maria José Libório – Nossos Ídolos. Banda Placa, 2011.
Modo de Fazer Gengibirra – AZEBIC – Macapá. 18 de maio de 2013.

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos – Fotógrafos:
Modo de Fazer Gengibirra – AZEBIC - Macapá. 18 de maio de 2013.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

16. OBSERVAÇÕES

16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO
Não há.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA
Todos os bens mencionados nesta ficha já estão sendo estudados no INRC do Marabaixo do Amapá.

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não há.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Júlia Faria da Silva Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Flávia Klausing Gervásio Júlia Faria da Silva	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS	CÓDIGO DA FICHA					
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	AP	01	--	2013	F60	12
OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	UF	SÍTIO-.	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Amapá
LOCALIDADES	Laguinho, Favela (Santa Rita), Curiaú, Mazagão, Mazagão Velho.
MUNICÍPIOS / UF	Macapá/AP – Mazagão/AP

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Ofício de Tocador de Caixa
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Caixeiros
CONDIÇÃO ATUAL	■ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE :

Obs.: esta lista não é exaustiva dos tocadores de caixa de Macapá, mas espera apresentar a partir dessas figuras de referência da prática tanto dentro de seus grupos quanto para o inteiro complexo do Marabaixo da capital e de suas adjacências, uma vez que as atividades dos homens citados abaixo influencia positivamente toda a cadeia produtora do bem Cultural, sendo que estes homens contribuem inclusive para a divulgação do Marabaixo fora do Amapá com suas múltiplas atividades tanto de participação da expressão em si, quanto de suporte provendo os instrumentos musicais e agindo como transmissores de conhecimento, ensinando o ofício a outros, sobretudo mais jovens.

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO(A) VER *ANEXO 4: CONTATOS*.

NOME	Carlos Augusto Gomes (Carlitão)	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 07 Cf. Anexo 4
OCUPAÇÃO	Músico	**DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO**	23/01/1957
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

NOME	Jozué da Conceição Videira	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 44 Cf. Anexo 4
OCUPAÇÃO	Carpinteiro, pedreiro, educador cultural e Fazedor de caixas de Marabaixo e Batuque.	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra (Marcelo da Favela)	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 49 Cf. Anexo 4
OCUPAÇÃO	Funcionário público e Tocador de Caixa	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	31/08/1985
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Pedro Rosário dos Santos (Pedro Bolão)	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 63 Cf. Anexo 4
OCUPAÇÃO	Fazedor e Tocador de Caixa	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	03/10/1960
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

NOME	Raimundo Hildemar Maia dos Santos (H. Maia)	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 70 Cf. Anexo 4
OCUPAÇÃO	Compositor, Cantador e Tocador de Caixa/ Trabalhador da Construção Civil	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/10/1950
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

NOME	Tiago de Assunção Belo dos Reis	■ MASCULINO ☐ FEMININO	Nº 81 Cf. Anexo 4
OCUPAÇÃO	Tocador de Caixa	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	13/08/1960
RELAÇÃO COM O BEM	■ MESTRE ■ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ■ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOS OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O *ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.*

Tocadores de Caixa durante o trajeto para o Corte do Mastro no Curiaú – Macapá/AP. Data: 04/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Tocadores de Caixa na Associação Cultural Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Tocador de Caixa no Marabaixo da Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Pedro Bolão tocando Caixa na Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá/AP. Data: 05/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Tocadores de Caixa no Cortejo da Murta no bairro Laguinho – Macapá/AP. Data: 08/05/2013. Foto: Pedro Gontijo.

Tocadores de Caixa no Cortejo da Murta promovido pela Seafro – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Marcelo tocando Caixa na Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

Tocador de Caixa de Igarapé do Lago durante o Esquenta da Juventude Marabaixeira – Macapá/AP. Data: 19/05/2013. Foto: Eduardo Costa.

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

O ofício do tocador de caixa, atividade fundamental do Marabaixo, não pode ser desvinculado das atividades de confecção de caixa e composição de ladrões, as cantigas que são à base do Marabaixo. Portanto procedemos a uma descrição desse conjunto de práticas.

A composição dos ladrões está ligada aos seguintes fatores primordiais, o dom poético e a capacidade de tradução da realidade social em que se vive por um lado e o conhecimento musical e a recepção dos grupos para com os versos, uma vez que o sucesso de uma cantiga depende de sua aceitação e posterior disseminação não só dentro do grupo como também sua adoção pelos outros grupos. Assim é que compositores tradicionais como Raimundo Ladislau (a) foram reconhecidos, através da penetração de suas músicas nos Marabaixos do todo o Amapá. Assim, as músicas ultrapassam seus autores, que continuam retendo seus direitos autorais e incrementam seu status dentro da prática, e tornam-se uma propriedade comum inseparável do bem cultural que registramos.

Por sua vez, a confecção e a manutenção das caixas formam uma mestria que subjaz a manifestação, oferecendo o recurso material para a conservação e a transmissão do saber do toque. Dessa forma, temos que os mestres na arte de fazer caixas são exímios tocadores, uma vez que precisam entender a fundo a forma de uso e o destino dos

instrumentos musicais que produzem. Esses produtores são, assim, tidos em alta conta no Marabaixo por serem detentores de um conhecimento duplo, além de provenientes de ramos familiares tradicionais dentro da manifestação. O dom musical faz com que os compositores, cantores e tocadores tenham na música uma alternativa profissional fora do Marabaixo e isto representa um incremento de renda ou mesmo uma dedicação exclusiva (b).

Ao produzirem as caixas, os mestres levam em consideração uma série de variáveis que incidem sobre o som que os instrumentos emitirão. Essas variáveis correspondem ao tamanho da caixa, o material com que são feitos, os couros que servem como membranas. Lembramos que uma característica das caixas é o fato de como instrumentos sem melodia e harmonia, puramente percussivos, não podem ser perfeitamente afinados, de modo que mesmo que um mesmo mestre faça duas caixas aparentemente idênticas, com mesmas dimensões e mesmos materiais, essas duas caixas terão timbres diferentes (c). Essa mestria do fazer e do tocar instrumentos é uma atividade majoritariamente masculina, não encontramos mulheres na posição de fazedoras de caixa e apenas algumas tocadoras, apesar de grandes compositoras (d). Estas atividades estão na posição privilegiada da transmissão do Marabaixo, abrindo caminho para oficinas e processos educativos tanto dentro quanto fora do Marabaixo, iniciando crianças e jovens na tradição, mas também descobrindo talentos e mostrando opções de formação em contextos de pouca oferta para este grande contingente da população.

Quanto ao toque das caixas também existem variáveis importantes que determinam como se toca. A primeira é o grupo no qual o tocador se insere, cuja tradição dos toques deve ser respeitada e mantida. Esta variável é importante quando assistimos os grupos em conjunto e notamos que é difícil a congregação de tocadores e cantores de diferentes grupos, o acompanhamento complica-se devido às diferentes formações e ritmos aos quais uns e outros estão submetidos (e). Outra variável importante trata do tipo de Marabaixo, uma vez que há o Marabaixo tradicional, de roda, que tem uma levada mais cadenciada e Marabaixo de rua, processional com um ritmo mais aparentado do candomblé, sincopado (f). Os tocadores, durante as apresentações, vão seguindo os cantores no giro pelo salão, formando um núcleo em torno do qual giram os dançarinos e convidados, sendo servidos de bebidas refrescantes durante essa atividade extenuante. Como o Marabaixo costuma durar a noite inteira, os tocadores vão se revezando para suportar o cansaço. Geralmente em Marabaixos sem uso de equipamento de som, encontramos até três caixas tocando ao mesmo tempo, de forma a não ofuscar a voz do canto, mas em Marabaixos com aparelhagem de som, chegamos a ver até seis tocadores ao mesmo tempo. No caso de três tocadores, dois marcam o ritmo e o terceiro faz o contraponto, quebrando a cadência da marcha, introduzindo um elemento novo e empolgante que chamam de dobrado. Portanto, dobrar a caixa significa introduzir um ritmo diferente num cadência mantida por outros tambores (f). O dobrado tem efeito imediato na plateia, reinstaurando o ânimo e provocando o êxtase, porque convida toda a manifestação a sair da mesmice do ritmo marcado.

Referências:

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013. (a)

Josefa Lina da Silva – Entrevistada em 09 de maio de 2013. (d)

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 20 de maio de 2013. (c) e (f)

Naíra Paula Sena de Sousa - Entrevistada em 31 de março de 2013. (b)

Raimundo Hildemar Maia dos Santos – Entrevistado em 04 de maio de 2013. (e)

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

As atividades de composição e confecção das caixas são baseadas na atmosfera doméstica, havendo pouca distinção entre espaço de trabalho e espaço de residência. Notamos uma única exceção na Associação Cultural Raízes do Bolão no Curiaú, onde há um espaço para a oficina de Pedro dos Santos, que se explica pelo fato do lugar ser usado para administração de cursos e oficinas, bem como pelo fato de Pedro ter uma enorme carga de pedidos atendendo não apenas ao Marabaixo, mas também o Batuque e produzindo uma infinidade de instrumentos, cujo uso vai além das referidas expressões culturais. Mesmo nesse local, não há uma espaço exclusivo para a oficina, senão mais um depósito de instrumentos e ferramentas que divide espaço com outros bens da Associação. De forma que os espaços revelam que estas atividades ainda se mantêm fortemente imantadas pelo improviso e pela manufatura, não havendo divisão do trabalho.

Os tocadores de caixa se apresentam junto com o Marabaixo nos espaços em que ele se manifesta. As atividades do Marabaixo formam um complexo que sustenta sua expressão com dança e música, assim é empenhada uma série de espaços privados e públicos que se conectam a estrutura familiar, à estrutura religiosa e à estrutura social e política que precedem e subsistem ao Marabaixo. Entre esse locais estão: as casas dos festeiros, onde acontece a dança e toda dinâmica que a envolve, acompanhada pelas cantadeiras e pelos tocadores; as ruas dos bairros, por onde passa o Marabaixo em dia de cortejo, com as caixas sendo tocadas; as igrejas, espaços sagrados frequentados pelos marabaixeiros que vão fazer homenagem a seus santos, inclusive ao som do toque das caixas; as matas; de onde tiram os mastros e galhos de murta, também ao som do toque das caixas e de animados ladrões.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

A divisão do trabalho social no Marabaixo é marcada mais pelas funções desempenhadas durante a execução do Marabaixo do que nas atividades materiais que a suportam. Assim, os tocadores só se revelam mesmo na hora da festa, enquanto as funções de compositores e fazedores de caixa permanecem latentes na manifestação, apesar de seu lugar central na atividade. Os homens e mulheres destas funções auxiliam e contribuem para a produção do Marabaixo em suas tarefas ordinárias de transporte, logística, planejamento e montagem, nisso não se distinguindo dos demais membros do grupo. Em vista deste caráter doméstico na administração da forma de expressão, ou mesmo da proveniência popular dela, os lugares de acontecimento do Marabaixo detêm poucos marcadores espaciais; se um desconhecido passar pela rua pouco vai saber sobre o lugar, que ali se celebra o Marabaixo. As casas do Marabaixo têm como marcos apenas o grande terreiro na frente que fora da época de festa se assemelham a qualquer outros dos muitos na cidade. No entanto, mais recentemente, os grupos se preocuparam em tornar a prática mais pública, para além do período de festa, por isso eles possuem banners com fotos do grupo e, sobretudo, fotos dos antepassados como forma de reconhecimento e de justificação da tradicionalidade. Na Associação Zeca e Bibi Costa (Azebic) há uma pintura na parede lateral do recinto de dança com a inscrição de um dos refrões mais conhecidos do Marabaixo: “Rosa branca, Açucena ô lê lê!” Case com a moça morena ô lê lê!”. Não há nenhuma praça ou monumento dedicado ao Marabaixo. Quanto aos marcos naturais, citamos o Curiaú como fonte da tradicionalidade negra que povoa Macapá e que mesmo se concentrando na prática do Batuque, contribui muito com a produção do Marabaixo, já que conserva a tradição dos rezadores de ladainha bem como da produção de caixas para o Marabaixo.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Os elementos mais chamativos na transformação de um lugar comum em espaço para o Marabaixo são: os altares, os mastros e a decoração de teto. Esses elementos mostram que naquele espaço um Marabaixo está sendo dançado. O primeiro dos elementos citados, o altar, testemunha que o Marabaixo é dançado sob o signo do sagrado, um sagrado lúdico é verdade, mas, sobretudo, ele diz respeito a uma sacralidade doméstica que herda os santos de família e assume o compromisso de seguir os louvando. Os mastros são o meio de conexão entre o céu, o domínio dos santos e a terra, domínio dos homens, ele opera essa passagem ao sagrado e dedica a festa, indica a grande distância que ali se celebra o poder de deus e seu mistério (a). O Mastro sustenta a bandeira do divino e da trindade, que por sua iconografia remete às pombas, formas visíveis do espírito de deus na unção do cristo e a coroa da divindade que impõe sua autoridade e mostra a presença e o poder divino durante as danças do Marabaixo. A respeito do mastro os praticantes do Marabaixo cantam: “eu subo a árvore e caio do galho, eu caio, eu caio, eu caio! Senhora me aguenta senão eu caio!” (b). Esse trecho do rito de levantamento do mastro é carregado dessa simbologia de subir ao céu, da lembrança da proveniência do mastro, da condição humana incapaz de ascender sem o concurso da Santidade. Por fim, a decoração do salão de danças, com papel de seda ou crepom azul recortado em fileiras que se agitam ao vento esconde o teto e faz-nos olhar para um céu estilizado reforçando a ideia do mastro que aponta para o céu. O teto decorado sugere ainda o trabalho coletivo de dedicação ao Marabaixo, cortado, fiado, colado uma a uma, ele revela o esmero na provisão do melhor que se têm à disposição.

Referências:

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan. P.; WIESNER, H. S.; BENEDETTI, Ivone. C. Dicionário das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (a)

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013. (b).

6. TEMPO.

6.1. PERIODICIDADE	Enquanto os tocadores seguem a periodicidade anual do Marabaixo, as atividades de confecção e de composição ocorrem ininterruptamente. A confecção de caixas intensifica-se, contudo, quando chega a época das festas de santo, quando a necessidade de instrumentos novos ou de reparação para os antigos torna-se premente.

6.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2002:

2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

7. BIOGRAFIA

Neste item, forneceremos um painel com as trajetórias de vida de alguns dos tocadores e fazedores de caixa que não esgotam o universo, mas apresentam pelo seu percurso e sua posição chave dentro de seus grupos e suas atividades, uma importante referência para o Marabaixo como um todo.

Começamos pela figura de H. Maia, nome artístico de Raimundo Hildebrando Maia, nascido em 1950 e que durante a juventude pôde acompanhar os grandes mestres do Marabaixo, se tornando “um seguidor a fundo”, como ele mesmo nos diz, dessa cultura. Vale dizer que H. Maia aprendeu a tocar, cantar e compor ouvindo os antigos, sem ter um ensino formal, ou um mestre específico, sua mestria foi adquirida na convivência com o grupo.

Ainda jovem, acabou saindo do Amapá, foi trabalhando em empreiteiras e passando muitos anos fora. “Pelo amor de Deus, a saudade era imensa, meu querido! A saudade era imensa, passei 12 anos sem me comunicar com minha família ou com ninguém aqui no meu querido Amapá”! Seguindo este fio da memória, H. maia nos fala da surpresa que ele fez para todos quando retornou ao seu lar. Ele chegou mudado, barbudo e irreconhecível no dia do Marabaixo da Ressurreição, no Domingo de Páscoa. Até que adentrando na festa, em casa de Mestre Pavão, pediu o tambor para o falecido tocador Bianor. Como não o reconheceram, esse pedido criou certa desconfiança, mas com sua insistência, acabou por receber a chance de cantar um ladrão, ao lado da “saudosa Venina”, cantadeira de outra geração. Este

ladrão de sua própria autoria narrava sua proveniência e suas aventuras, dizia: “Tereza, ó Justina, me bote sua bênção, eu também sou seu parente, sou filho da Conceição!”. “Aí naquela hora, minha vó e minhas tias choraram porque até então eu estava como falecido para o povo de Macapá”. Então naquele instante ele se fez reconhecido e a emoção tomou conta de todos com o retorno do filho pródigo. Esse episódio revela de maneira sucinta o papel da música e dos versos de ladrão no Marabaixo, eles são instrumentos de congregação, de reconhecimento mútuo e de abertura do grupo no compartilhamento das histórias assim conservadas.

Naquela época, diz ele, “o Marabaixo era mais fechado, exclusividade de gente “morena”, hoje já tem mestiço, tem louro”. Daquele instante em diante, H. Maia decidiu que não ia mais sair do Amapá e até hoje ali ele está cuidando de sua vó com 107 anos de idade, que faz questão de participar até hoje de todos os Marabaixos. Ele nos diz que assim como as outras famílias de Marabaixo de Macapá, ele também está passando adiante e já ensinou seu filho as artes de tocar e cantar. H. Maia elogia a nova geração e cita o Iury Soledade como tataraneto de Mestre Julião que leva com orgulho sua herança e tem um grande desempenho nas rodas de Marabaixo.

Agora passemos a Pedro Rosário dos Santos, mais conhecido como Pedro Bolão. Nascido em 1960, junto com seus irmãos acabou por fundar a Associação Cultural Raízes do Bolão que busca valorizar o histórico familiar e as manifestações culturais do Curiaú e cujo trabalho tem sido tão bem sucedido que a família foi convidada a excursionar pelo país mostrando o Marabaixo e o batuque do Curiaú como parte da programação do Festival Sonora Brasil promovido pelo SESI.

Pedro, nascido em Jacareacanga, em Macapá, frequentou desde cedo as festas de Santa Maria no Curiaú, quando ia com a família que de lá provinha e todos armavam barracas e estendiam suas redes ao lado da sede, defronte da Igreja onde se tocava e dançava. Ali vendo os mais velhos, tomou gosto pela música e foi participando ininterruptamente dos festejos.

Em meados da década de 1980, começou a tocar na noite e logo entrou na Banda Planeta Amapari, projeto musical de Zé Miguel que fundia os ritmos regionais à música pop que mais tarde, em 1998, se tornaria o Quarteto Senzalas. Em 1987, começou a fazer caixas. Essa tomada de decisão veio quando um de seus instrumentos se rompeu e ele procurou o pai que costumava a fazer os próprios instrumentos. O pai há muito que não os fazia e sugeriu que procurassem o Seu Joaquim Sussuarana, importante fazedor de caixas na época. Contudo, Pedro não ficou satisfeito com a resposta e sugeriu que ele e o pai trabalhassem juntos na caixa. Assim Pedro aprendeu o ofício com o pai. Como ele mesmo diz: “aquilo serviu como uma experiência muito grande pra mim”.

Nesse ínterim, Pedro trabalhava na Prefeitura e acabou por ser demitido em vista de mudanças administrativas, foi quando ele começou a dedicar-se integralmente à confecção de caixas. Não tinha ferramentas além do martelo, serrotes e pregos. Ele nos diz que o Nelson Souza, então presidente da Fundecap, lhe deu uma furadeira, sua primeira ferramenta elétrica. Quando começou só fazia caixa de zinco, por causa dos parcos recursos de ferramentas e por causa do material ser mais fácil de manusear.

No primeiro governo do Capiberibe (1995-1998), foi colocada uma Escola de Artes Populares no Sambódromo, Pedro foi lá dar oficinas de confecção de instrumentos para crianças que cumpriam medidas sócio-educativas na FCRIA (Fundação Criança e Adolescente do Amapá) que tinha sido fundada em 1991.

A partir dessas oficinas, Pedro começou a desenvolver o seu processo de produção com tábuas de caixas de frutas, usando as réguas que formam a estrutura dos caixotes. Com isso seus instrumentos foram parar na Alemanha, nos Estados Unidos, no Rio, em São Paulo e Brasília. Por todo este período, Pedro continuou participando como tocador no Batuque do Curiaú e no Marabaixo do Laguinho, principalmente no grupo do Pavão. Além dessas expressões, Pedro deu oficina para vários blocos de carnaval de Macapá como o Renascer, o Infraero, o Boné Azul e o Novo Horizonte.

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra, também chamado Marcelo da Favela, nasceu em 1987. É um importante tocador dentro de seu grupo, a AZEBIC, e realiza importante trabalho de suporte ao Marabaixo através de sua posição como professor. Sua relação com o Marabaixo vem desde a infância. Sua vocação para ser tocador vem da influência da família materna, uma vez que sua bisavó veio do Curiaú e seu bisavô de Mazagão. Assim, com essa herança de berço, ele aprendeu a tocar aos dezesseis anos. “os antigos tinham uma aversão aos mais novos tocarem; a gente pegava a caixa e tocava escondido, ou batia na lata de leite”. “no dia do Marabaixo a gente só podia ficar olhando, os mais velhos tocavam e a gente ficava de fora”. “no máximo a gente tinha a chance de começar os marabaixos”. Esse embate com a tradição, esses meios marginais de se incorporarem à prática, acabaram por reforçar a própria tradição e trazendo-lhe conteúdos mais preocupados coma a transmissão, o ensino e a iniciação dos mais jovens.

Desse modo, é difícil falar em um mestre, um iniciador, toda a coletividade participava, e o processo de aceitação de um novo tocador parecia ser rígido, contudo, como diz o próprio Marcelo, a ideia mesma era que se aprendesse vendo, a presença aos marabaixos se tornava assim obrigatório e o ambiente festivo, também era o ambiente de educação. Marcelo ainda lembra-se de seu Tio Poca com carinho, pois este foi o primeiro que reconheceu publicamente seu talento, dando-lhe sua primeira caixa. “Era preciso que a gente aprendesse porque os mais velhos não seriam para

sempre".

Marcelo, por sua formação como professor, defende formas mais contemporâneas de aprendizagem e defende ainda que a transmissão do Marabaixo não fique restrita ao Grupo e que possa ser oferecida às pessoas fora do grupo de modo a atrair mais gente à expressão. Provando-se um grande conhecedor de história da manifestação bem como do conteúdo musical, Marcelo nos diz que as variações do toque se devem à diversidade de proveniência dos negros, ás diferenças regionais e à diferença de velocidade. Ele ainda afirma o parentesco do Marabaixo de Rua com o toque do Candomblé.

Referências:

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 20 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos – Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Raimundo Hildemar Maia dos Santos – Entrevistado em 04 de maio de 2013.

8. ATIVIDADE

8.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

O uso das caixas no Marabaixo mostra como o processo de invenção e a reprodução cultural atuam sobre o patrimônio recebido e o convertem em formas absolutamente singulares. Sabemos da universalidade da percussão e de sua imensa incorporação às formas de expressão brasileiras, criando parentescos entre elas e ao mesmo tempo mantendo-as completamente distintas entre si. É interessante notar que o tambor, aqui chamado caixa, não era alheio aos universos africanos e europeus que se fundiram de maneira exótica no Amapá. Podemos especular que a caixa usada no princípio da Idade Moderna, coincide com a formação dos Estados Nacionais e de seus exércitos, de forma que ali naquele momento a marcha militar daria a tônica que seria a mesma quando da chegada dos portugueses para a construção da Fortaleza de São José, e mais em geral da tomada de posse desta fronteira. Não é difícil imaginar os escravos que foram trazidos para essa empreitada ouvindo esses tambores do senhor, marcando os ritmos da tropa e os ritmos de trabalho. Por outro lado, os africanos eram familiarizados com esse instrumento de sua parte como acompanhamento de seus ritos e de seus festejos.

Assim podemos inferir que, enquanto o domínio senhorial oferecia a marcha, a cadência, os escravos em seus momentos contados para si investiam contra a ordem da marcha monótona que os tambores aos quais eram subjugados tocavam. E como podiam fazer isso? Apresentaram os seus ritmos típicos como dobrados que quebravam a linearidade do toque militar. Essa especulação acha os indícios de sua possibilidade histórica nos elementos musicais do Marabaixo atual. O Marabaixo atual apresenta duas variações: o Marabaixo tradicional, os elementos de marcha e dobrado estão ali presentes, enquanto no Marabaixo de rua, a onipresença do toque aparentado do candomblé reafirma a matriz africana da prática. Nesse segundo caso, durante o acompanhamento da murta e do mastro, o toque mais afeito à religiosidade africana tem uma conotação de proteção do grupo contra as forças externas, fato esse confirmado pelo ato das mulheres com molhos de murta na mão, dançarem pela rua como se estivessem varrendo o caminho, existem ainda os depoimentos dos entrevistados que confirmam o valor de proteção e limpeza ligado à murta.

Devido à simplicidade do esquema musical do Marabaixo e pelo que pôde ser aferido pelos testemunhos, dizemos que poucas mudanças parecem ter afetado o modo como se toca. Citamos na Ficha do Marabaixo como Forma de Expressão, a questão da transformação dos motivos interiores que investem aqueles que dançam Marabaixo, a passagem de um rito de lamento e despedida para um ritmo mais alegre e celebrante da autonomia e da ascensão dos valores tradicionais, essa transição encontra no toque uma de suas pontes, isto é na aceleração do compasso bem como dobrados mais floreados que acabam pondo a audiência em estado mais esfuziante e extático, despertando momentos de efervescência identificados pelos gritos espontâneos que partem das dançarinas enquanto giram em alta velocidade. Outra diferença percebida foi a de um cuidado maior com o som, através da introdução de aparelhagem elétrica, bem como o esmero da confecção das caixas e, sobretudo, no processo de atração, treinamento e de dar voz aos jovens, fazendo com que desde cedo participem das apresentações e assumam seu protagonismo no Marabaixo.

Desta maneira, o processo de iniciação, de um lado, é encurtado, oferecendo chance aos mais jovens, abrindo mão dos anos de convivência e aprendizagem exigidos antigamente, de outro lado, permitindo essa inserção rápida abre espaços para mudanças futuras, uma vez que esses jovens são fortemente influenciados pela música popular que os rodeia e seria ingênuo pensar que esses ritmos contemporâneos não podem e nem devem se imiscuir à prática tradicional. Mesmo com o olhar às vezes reprovador dos adultos, existe um consenso geral de que a prática vai sendo entregue em boas mãos e as gerações mais recentes vão assumindo sua responsabilidade para com o bem cultural de

forma visível e emocionante.

8.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

O Marabaixo é um complexo de saberes e expressões que tem a música no seu cerne, como elemento ligante, pois ela emoldura a tradução da realidade vivida pelas comunidades praticantes ao ponto de podermos ouvir histórias como a que nos contou Esmeraldina: "E vocês já ouviram falar, do Inácio da Bacaba que cantava ladrões de Marabaixo a noite todinha aqui no Curiaú só para três cachorros amarrados na cintura, ele fazia o Marabaixo a noite todinha, com uma caixa ele cantava e tocava, e os cachorros com ele". O toque da caixa assume nesse caso uma necessidade existencial de expressão, uma maneira de colocar-se diante da vida, uma forma de comunicação que transforma os detalhes do cotidiano numa reflexão sobre o modo de estar no mundo que vai além de puro entretenimento e torna-se um valor mesmo fora do ambiente festivo em que a dança e o companheirismo completam o quadro do bem cultural. Essa relativa independência da música como fato fundador do Marabaixo, contudo, convida à contemplação deste cantador e tocador solitário como uma preparação para a festa e ao mesmo tempo um meio de introspecção e de desenvolvimento da habilidade que se mostram na hora do evento coletivo.

As músicas do Marabaixo com seus tipos de toque e as cantigas formam um *corpus* de testemunho do Marabaixo e traçam uma realidade sócio-histórica em torno de casos da vida comum e de fatos que conformaram o Marabaixo de forma que ele se torna o que é hoje. Assim, esse acervo tocado, cantado e dançado fala das faces íntimas e públicas da vivência dessa prática e do modo como foram se tornando patrimônio de várias gerações, transmitidas, herdadas e compartilhadas. Tanto assim é que pudemos encontrar várias referências a cadernos de ladrões que conservaram esse grande acervo documental.

Em relação ao toque podemos ainda citar o trabalho da Banda Placa que ao recolher esses modos de expressão em todo o Amapá, gravando discos, levando esses executantes para estúdios e provocando versões que incorporam o Marabaixo, assim como outras expressões amapaenses, contribuíram para documentar e oferecer aos detentores da prática suportes materiais para a conservação das músicas e das performances dos tocadores. Ao mesmo tempo a Banda Placa conseguiu produzir uma experiência musical que vai além do registro, fundindo o ritmo seco das caixas a arranjos melódicos e harmoniosos, mostrando possibilidades criativas para o Marabaixo para além da prática, apontando esse bem cultural como fonte de pesquisa e de inspiração para o conjunto da música brasileira.

Não podemos esquecer-nos da gravação histórica de Luís Gonzaga da música "Aonde tu vai, rapaz?" de Raimundo Ladislau, música que narra o episódio de desalojamento dos negros, evento responsável pela disseminação do Marabaixo e pela dinâmica grupal que ele veio a exibir.

Referências:

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

8.3 CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Meados do século XVIII	Ocupação das terras do Cabo do Norte pelos africanos; Formação da cidade de Macapá.
1770	Criação da Vila de Nova Mazagão e início da chegada das famílias mazaganistas vindas do norte da África.
Segunda metade do século XVIII e século XIX	Com a chegada dos africanos houve também a inserção de seus costumes e suas tradições no território ocupado. Expansão dos africanos e afrodescendentes pelas terras do atual estado do Amapá.
Final do século XIX e início do século XX	Consolidação do Amapá como parte do Brasil; nascimento das grandes personalidades ancestrais reverenciadas pelo Marabaixo.
Década de 1940	Chegada do governador Janary Nunes no território do Amapá e urbanização da cidade de Macapá; transferência dos negros para a periferia da cidade, atuais bairros Laguinho e Santa Rita.
Década de 1980	Reavivamento do Marabaixo, início da criação das associações.

Início do século XXI	Novos atores se fazem presentes, os mestres passam a promover oficinas para ensinar crianças a tocarem caixas de Marabaixo. Além disso, muitos grupos passam a gravar suas músicas. Promoção dessa expressão cultural por meio de festivais e concursos. Reaproximação entre Igreja e Marabaixo.

9. PRODUTOS PATRIMONIAIS

9.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS

O produto aqui é de ordem transitória se considerarmos as exibições públicas e privadas do Marabaixo, as ocasiões em que o toque da caixa e a dança se juntam para fazer o Marabaixo. Contudo, essa transitoriedade pode ser conservada na forma de gravações cujo conjunto poderia revelar as transformações que as músicas vão sofrendo. Notamos que uma mesma música nunca é executada exatamente da mesma forma, seja pela diferença dos tambores, pela diferença dos tocadores, pela diferença dos cantores e pela situação comunicativa bem como o recurso do improviso. Tudo isso faz de cada apresentação única e irrepetível, mesmo que cada Marabaixo se repita no tempo. Essa percepção paradoxal de um produto repetido e sempre inédito dá o tom propriamente imaterial do Marabaixo como patrimônio cultural e faz da oportunidade de assisti-lo *in loco* uma experiência única e comovente. Ao mesmo tempo, temos com as gravações a chance de estender esta experiência e alcançar distâncias muito além das fronteiras amapaenses e mesmo do Marabaixo, uma vez que são testemunhos da diversidade da música brasileira. Assim, os toques estão presentes em muitas das composições da chamada Música Popular Amapaense, vertente culta da música local.

9.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Composição	Produzida por membros conceituados da prática, não necessariamente tocadores.
Confecção dos instrumentos	Processo tradicional de montagem dos instrumentos, reparação, afinamento.
Aprendizagem	Processo de transmissão do conhecimento tradicional e iniciação.
Execução	Durante o Marabaixo, é a oportunidade de tocar as composições novas e as tradicionais, ocasião de convívio e de demonstração da maestria. Existe a possibilidade de ganho em apresentações que fujam ao ciclo de festas religiosas, mas essa vertente é pouco explorada.
Gravação	Chance de documentação dos toques e produtos autorais de divulgação, nesta etapa existe a possibilidade de ganho financeiro com a veiculação e com a venda de cd's.

9.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Tocador de Caixa	O tocador de caixa faz o acompanhamento musical das canções dos Marabaixos. Durante as apresentações, ele se posta no centro do salão, ou no meio do cortejo, sempre próximos ao cantor que vai puxando o ladrão.
Fazedor de Caixa	Produz as caixas que os tocadores usam nas apresentações do Marabaixo.
Compositor	Compõem os ladrões que tanto podem ser as canções do Marabaixo como os versos. O termo ainda se refere ao modo de composição porque os compositores como que "roubam" da vida cotidiana os temas que eles transformam em canções.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

9.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não existem instalações separadas, o tocador de caixa compartilha o espaço do Marabaixo com todos os presentes.
QUEM PROVÊ	Quanto ao capital, os tocadores não recebem pela apresentação, mas na qualidade de fazedores de caixas podem receber pelos instrumentos e pela manutenção. Os recursos nesses casos podem provir de verba pública quando o serviço é prestado para grupos, ou na forma de oficinas e cursos, mas a maior parte dos recursos provém de particulares ao providenciarem seus próprios instrumentos.
FUNÇÃO	Conforme dito, os recursos se destinam à aquisição de novos instrumentos ou manutenção dos já existentes. Os recursos funcionam como complementação e muito raramente como principal fonte de renda. Não há pagamento para os tocadores exceto em condições especiais como por direitos autorais na gravação de canções que não são necessariamente de Marabaixo.

9.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
	CORPO DA CAIXA
DESCRIÇÃO	A parte rígida que forma o cilindro da caixa, o espaço vedado que é responsável pela propagação do som no instrumento, pode ser feita de madeira, zinco ou PVC. As madeiras usadas são a macacaúba (Platimiscium Duckei), o pinho, madeira de reciclagem proveniente de caixotes de hortifrutigranjeiros. Neste caso, são preferíveis as madeiras mais maleáveis, exceto no caso da madeira de reciclagem em que o corpo é feito de ripas. Para o arco que fixa as membranas do instrumento, a única madeira usada é a carobeira (Tecoma Caraiba) por causa de sua envergadura. O zinco e o PVC são materiais mais leves e de fácil manuseio, mas produzem caixas de qualidade inferior.
QUEM PROVÊ	As matérias primas podem ser obtidas de graça nos mercados, no caso da reciclagem, ou providenciadas por aqueles que encomendam os instrumentos, ou retiradas da mata, caso da carobeira, ou provêm de serralherias para o zinco e de lojas de material de construção para o PVC.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	Não são atribuídos significados transcendentes aos materiais que são considerados apenas em sua utilidade e qualidade para o som.
DISPONIBILIDADE	As madeiras são provenientes de reciclagem, ou tiradas em pequenas porções das matas, nesse caso, muitas vezes, são obtidas de troncos caídos, principalmente a carobeira, para a qual não há um substituto reciclável (as quantidades dessa madeira em cada instrumento são mínimas em relação ao conjunto). Os outros materiais são de uso difundido e com várias aplicações para além da confecção de instrumentos, de modo que são facilmente encontradas no mercado.
	CORDOAMENTO
DESCRIÇÃO	O cordoamento das caixas serve para manter as membranas esticadas de modo a propiciar o som característico que ela emite ao ser percutida. Ela é feita de materiais sintéticos de maior durabilidade em relação ao atrito. Na construção de uma caixa, também são utilizados fios de nylon com contas que atravessam as membranas, o objetivo é produzir o retinido típico da caixa.
QUEM PROVÊ	Os fazedores de caixa proveem esses detalhes que fazem a especificidade da produção musical do marabaixo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não são atribuídos significados transcendentes aos materiais que são considerados apenas em sua utilidade e qualidade para o som.
DISPONIBILIDADE	Os produtos são de largo uso no mercado e facilmente acessíveis pelo preço.
	MEMBRANAS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

DESCRIÇÃO	As membranas são as peles artificiais, ou não, que recobrem as aberturas do cilindro da caixa. São geralmente feitas de peles animais, considerado o mais nobre e antigo, a pele de sucuriju cuja presença denota antiguidade da peça, uma vez que estes animais gigantes são hoje protegidos por lei e seus espécimes se tornaram raros. Assim, a maioria das caixas é feita de couro de bode e de boi. Menos comuns e pouco apreciadas são as caixas de couro artificial em virtude do som e da baixa durabilidade.
QUEM PROVÊ	A confecção das caixas é atribuição dos mestres neste ofício, que as fazem por encomenda, sendo parte dos instrumentos subsidiada pelo Estado. A outra parte vem de encomendas particulares de músicos que podem pagar pelos instrumentos assim como de apreciadores que as levam para fora do Amapá e mesmo do Brasil.
FUNÇÃO/ SIGNIFICADO	Não são atribuídos significados transcendentes aos materiais que são considerados apenas em sua utilidade e qualidade para o som.
DISPONIBILIDADE	Estes couros são facilmente encontrados e muitos deles doados

9.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

9.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

9.8. TRAJES E ADEREÇOS Os tocadores não são obrigados a usarem trajes típicos, muitos usam a camisa do grupo.	
DESCRIÇÃO	Não se aplica.
QUEM PROVÊ	Não se aplica.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Não se aplica.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

9.9. DANÇAS	
Os tocadores, em virtude do peso dos instrumentos e do esforço físico resultante, não dançam, apesar de estarem no centro da roda, eles apenas acompanham andando a cantadeira ou o cantador. Contudo como a dança está estreitamente associada ao complexo performático do Marabaixo, procedemos à descrição abaixo.	
DESCRIÇÃO	O marabaixo se expressa, sobretudo, na dança das mulheres, a dança dos homens é menos chamativa e responde ao papel de acompanhante e protetores, como se fossem mestres-salas, isso não significa, contudo, que eles não se empolguem e não participem tanto quanto as mulheres. A dança das mulheres possui alguns elementos fundamentais: as mulheres dançam com os pés no chão, arrastando-os, usam movimentos de cintura, para dar o tom de bailado, seguram suas longas saias pelas pontas, enquanto fazem mesuras e giros de grande efeito estético. O grupo todo gira pelo salão em sentido anti-horário acompanhando as caixas e os cantores que também giram, mas de forma mais centralizada. Assim, forma-se uma grande roda em que todos os convidados podem dançar. A roda, como uma totalidade, gira conforme o ritmo imposto pelas caixas e pelos cantores, alternando momentos de êxtase em que a velocidade aumenta, tanto nos giros das mulheres quanto na evolução do grupo e momentos de recomposição das forças, para dosar o cansaço, em que se dança num ritmo mais lento.
QUEM EXECUTA	São os próprios praticantes de todas as idades e gêneros. Qualquer um, íntimo do Marabaixo ou não, pode dançar desde que se sinta compelido a fazê-lo. É parte dos gestos de hospitalidade local convidar os visitantes para tomarem lugar na roda. Os convites para dançar são um dos aspectos da abertura do grupo ao estrangeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A dança tem um conteúdo ancestral que determina o seus passos e em nome de que se dança. Trazido da África, segundo o mito de origem é associado ao canto de lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros, o Marabaixo era entoado e cantado nas senzalas como forma de exorcizar o banzo, de modo que dançar com os pés arrastando, sem se levantarem do chão, refere-se aos pés acorrentados e que mesmo em face dessa situação degradante, havia motivo de celebrar a vida, cujas histórias iam se convertendo em música para seu melhor lembrar, e a história dos negros foi sendo desde então dançada.

9.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
	MARABAIXO TRADICIONAL
DESCRIÇÃO	O Marabaixo é chamado tradicional quando se refere ao ritmo musical associado aos encontros e as apresentações nos salões como grandes rodas de dançarinos e convidados. Neste caso o ritmo acompanha a formação de um ou dois tambores de marcação e um tambor de dobrado. Geralmente uma sequência tum-ca-ti-ca-ti-ca-tum, conforme reprodução onomatopaica fornecida pelo tocador Marcelo da Favela.
QUEM PROVÊ	Os tocadores dos grupos presentes numa festa se revezam nas performances de modo que o Marabaixo nunca seja interrompido por longos períodos, sempre existe a roda e a dança.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Esse tipo de marabaixo tem o compromisso de manter a efervescência festiva e por isso é incumbido de que a roda não se interrompa, assim ele é uma forma de manter a expectativa e o clima de participação impedindo os marabaixeiros de se dispersaram do núcleo gravitacional da expressão. Os tocadores mantêm a roda imantada e as atenções aguçadas ao que é cantado e recebem como resposta o bailado das dançadeiras.
	MARABAIXO DE RUA
DESCRIÇÃO	O Marabaixo é chamado de rua, quando acompanha as procissões do grupo, isto é, quando acompanha o grupo fora da roda em formação linear. Neste caso, o toque acompanha a seguinte sequencia onomatopaica nos ensinada pelo tocador Marcelo da Favela ta-ta-ta-tan-ta-ta-ta-tan em ritmo acelerado, segundo o toque mais assemelhado ao candomblé.
QUEM PROVÊ	Os tocadores vão à frente do grupo, marcando o compasso da procissão.
FUNÇÃO/	O marabaixo de rua desenvolve-se como recurso de proteção contra o perigo mágico para o grupo exposto ao ambiente externo público, uma vez que a principal manifestação do Marabaixo é estar

SIGNIFICADO	em roda sob a proteção de seu altar e teto. Assim, o toque de música retornando à matriz do candomblé, em conjunto com a dança das mulheres com maços de murta a simularem uma varrição do caminho imediatamente antes de passarem, parecem sugerir esta vinculação sagrada e confirmam-se nas medidas de precaução e profilaxia com os quais as procissões se munem. **Referências:** FRAZER, James; DOUGLAS, Mary; MACCORMACK, Sabine. O ramo de ouro. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. LEVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia em Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. P. 193-213. SANCHIS, Pierre. Arraial festa de um povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

9.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS CAIXAS	
DESCRIÇÃO	Único instrumento de acompanhamento do Marabaixo, a caixa é feita de madeira ou metal, aos moldes de um tambor bimembranofone, isto é, composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas através de aros metálicos, um fio de metal ou náilon com miçangas, em contato com a pele inferior, que ao vibrar quando é percutido produz um som repicado. Outrora, era costume que as caixas fossem feitas de troncos de madeira escavados com ferramentas rústicas, o que fazia com que ficassem muito pesadas, de forma que hoje são usadas chapas de madeiras que vão sendo curvadas com prendedores, de modo que as paredes sejam bem mais finas, tornando o produto mais leve. A introdução de produtos de origem industrial também alterou as caixas, por exemplo, hoje existem caixas feitas de zinco e de PVC, que além de leves são mais baratas e por isso mais acessíveis. A iniciativa da oficina de instrumentos da Associação Cultural Raízes do Bolão também faz uso de madeira reciclada proveniente de caixas de frutas para confeccionar caixas e tambores. Quanto aos couros que recobrem as caixas, ainda existem muitas caixas com couro de sucuriju, *Eunectes Murinus,* cada vez mais raros e difíceis de achar, pelo desaparecimento da espécie, assim como pelas pesadas leis de proteção da fauna. Conseguir esses couros implicaria numa aventura em equipe, uma vez que esses animais de grande porte podem ser letais. A esse couro tido como mais nobre, foram se sucedendo os couros de boi, mas principalmente os couros de bode. É comum o uso de couros sintéticos, bem mais baratos, no entanto, de baixa durabilidade. Uma alternativa dos tocadores é comprar tambores de baixo custo e substituir as membranas industriais por membranas naturais. O som da caixa tem altura indeterminada, isto é, não pode ser perfeitamente afinado, de forma que determinam o ritmo do Marabaixo sem elementos de melodia e harmonia.
QUEM PROVÊ	Os instrumentos de percussão são creditados como os mais antigos em uso pela humanidade após o uso da voz e do corpo na produção de música. A caixa na forma moderna como é usada no Marabaixo é de origem europeia, e no século XV ela despontou como marcador da marcha militar. Neste caso, podemos especular sobre a importância da convivência dos primeiros escravos de Macapá com a rotina militar da Fortaleza de São José e a medida da influência que a marcação de seus ritmos diários de trabalho pela caixa como instrumento de ordem serviu para a incorporação da caixa em atividades que fugiam da ordem dominante. Ao mesmo tempo é amplamente sabido que as formas percussivas acharam na África seu solo mais fértil. Em Macapá encontramos dois executantes, Pedro Bolão e Marcelo da Favela, que guardam essa arte de confeccionar caixas, atendendo a demanda local e regional, ou mesmo vendo suas caixas cruzarem o país e chegarem a São Paulo e Rio ou mesmo além, a Europa. Assim existe um mercado consumidor que paga em média R$ 150,00 por caixa, não apenas no Marabaixo, mas também nos tambores de batuque. Esses mestres do saber fazer caixas transmitem de forma organizada em oficinas ou dentro dos grupos aos iniciantes, os rudimentos e os processos de confecção dos instrumentos bem como da aprendizagem do toque e de suas nuances, cumprindo assim, um aspecto fundamental que é a transmissão de conhecimentos tradicionais às novas gerações e atraindo mais membros, garantindo que os grupos se perpetuem.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A simplicidade do acompanhamento musical, baseado na marcação de um ritmo, expõe a percussão como o esqueleto da música, mostrando o Marabaixo como uma estrutura musical de apelo direto à sociação, recuperando uma dimensão lúdica para a expressão dos ladrões e da

	dança, uma comunicação direta do ritmo da caixa com o coração dos praticantes, provocando mudanças súbitas ou gradativas de humor através do toque, levando a comunidade a responder de tal ou tal forma, tal ou tal música lançada à roda. Acrescentamos à roda que gira de dançarinos e o estado de êxtase que este ritmo induz e teremos uma expressão completa dos sentimentos grupais e da passagem do estado ordinário de sociedade para o extraordinário, a música como veículo de rompimento com uma realidade brutal e o renascimento divino numa ordem em que na dança os homens e as mulheres governam a si e a seus corpos.

9.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
	Não se aplica.

10. DESTINAÇÃO DO PRODUTO: Consideramos aqui como produtos além do toque da caixa, as gravações em cd e a confecção do instrumento musical chamado caixa

PARA USO PRÓPRIO ■	VENDE ■	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ■	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ■	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ■	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

11. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Os tocadores de caixas são ligados por razão familiar ou regional aos grupos de Marabaixos e estes, por sua vez, são registrados juridicamente como associações de modo a poder receber os incentivos públicos.

12. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cortejo da Murta (Celebração)	F1 – A3 – Código 01 – F20 – Nº 01
Encontro dos Tambores (Celebração)	F1 – A3 – Código 02
Festa do Divino Espírito Santo de Mazagão Velho (Celebração)	F1 – A3 – Código 03 – F20 – Nº 02
Festa de São Tomé da comunidade Carvão (Celebração)	F1 – A3 – Código 04
Festa da Sagrada Família da comunidade Campina Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 05
Festa de São Sebastião da comunidade Ilha Redonda (Celebração)	F1 – A3 – Código 06

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

Festa de São José da comunidade Abacate da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 07
Festa da Santíssima Trindade da comunidade Casa Grande (Celebração)	F1 – A3 – Código 08
Festa do Divino Espírito Santo da comunidade Ressaca da Pedreira (Celebração)	F1 – A3 – Código 09
Festa de Santa Maria da comunidade Curiaú (Celebração)	F1 – A3 – Código 10
Festa de Nossa Senhora da Assunção da comunidade Torrão do Matapi (Celebração)	F1 – A3 – Código 11
Festa de São Sebastião de Mazagão (Celebração)	F1 – A3 – Código 12
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Cultural Raimundo Ladislau (Celebração)	F1 – A3 – Código 13
Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão (Celebração)	F1 – A3 – Código 14
Festa da Santíssima Trindade dos Inocentes da Associação Berço do Marabaixo (Celebração)	F1 – A3 – Código 15
Festa da Santíssima Trindade da Associação Zeca e Bibi Costa (Celebração)	F1 – A3 – Código 16
Festa da Santíssima Trindade da Associação Folclórica Cultural Raízes da Favela (Celebração)	F1 – A3 – Código 17
Igreja de São José (Edificação)	F1 – A3 – Código 19 – F30 – Nº 03
Igreja de São Benedito (Edificação)	F1 – A3 – Código 20
Igreja Jesus de Nazaré (Edificação)	F1 – A3 – Código 21
Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 23 - F40 – Nº 04
Ladrões de Marabaixo (Forma de Expressão)	F1 – A3 – Código 24 – F40 – Nº 05
Laguinho (Lugar)	F1 – A3 – Código 26 – F50 – Nº 06
Favela (Lugar)	F1 – A3 – Código 27 – F50 – Nº 07
Curiaú (Lugar)	F1 – A3 – Código 28 – F50 – Nº 08
Mazagão Velho (Lugar)	F1 – A3 – Código 29 – F50 – Nº 09
Caixa de Marabaixo (Modo de Fazer)	F1 – A3 – Código 30 – F60 – Nº 10
Tocador de Caixa (Ofício)	F1 – A3 – Código 32 – F60 – Nº 12

13. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não se aplica.

14. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

14.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não há.

14.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registros sonoros:

Carlos Augusto Gomes – Entrevistado em 15 de maio de 2013.

Danniela Patrícia da Silva Monteiro – Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra – Entrevistado em 20 de maio de 2013.

Marilda da Silva Costa – Entrevistada em 10 de maio de 2013

Naíra Paula Sena de Sousa - Entrevistada em 10 de maio de 2013.

Pedro Rosário dos Santos - Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Raimundo Hildemar Maia dos Santos - Entrevistado em 04 de maio de 2013.

Tiago da Assunção Belo dos Reis – Entrevistado em 09 de maio de 2013.

Registros audiovisuais:

Frutos e Sementes – Pontinho da Cultura. 2011.

Raimundo Hildemar Maia dos Santos - Entrevistado em 04 de maio de 2013.

Esmeraldina dos Santos – Entrevistada em 06 de maio de 2013.

Trajeto Corte do Mastro – AFOMAPA – Macapá e Curiaú – 04 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 04 de maio de 2013.

Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013

Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá. 05 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 05 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.

Modo de Fazer Caixa – Curiaú – 06/05/2013.

Pedro Rosário dos Santos - Entrevistado em 06 de maio de 2013.

Cortejo da Murta Laguinho – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013

Levantamento do Mastro – ACRL – Macapá. 09 de maio de 2013.

Corte da Murta – AZEBIC – Macapá. 18 de maio de 2013.

Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA – Macapá. 19 de maio de 2013.

Esquenta Juventude Marabaixeira – Macapá. 19 de maio de 2013.

Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.

Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo. 19 de maio de 2013.

Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra. Entrevistado em 20 de maio de 2013.

14.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros Fotográficos – Pesquisadores:

Marabaixo Associação Berço do Marabaixo - Macapá. 30 de março de 2013.

Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa - Macapá. 30 de março de 2013.

Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão - Macapá. 31 de março de 2013.

Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau - Macapá. 31 de março de 2013.

Registros Fotográficos – Fotógrafos:

Corte do Pau do Mastro no Curiaú. 04 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Cultural Berço do Marabaixo - Macapá. 04 de maio de 2013.

Cortejo do Mastro – AZEBIC – Macapá. 05 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Folclórica Marabaixo do Pavão – Macapá. 05 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Cultural Raimundo Ladislau – Macapá. 05 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 05 de maio de 2013.

Associação Cultural Raízes do Bolão – Curiaú. 06 de maio de 2013.

Cortejo da Murta – ACRL – Macapá. 08 de maio de 2013.

Levantamento do Mastro – ACRL – Macapá. 09 de maio de 2013.

Corte da Murta – Coração. 18 de maio de 2013.

Missa Igreja Jesus de Nazaré – AFOMAPA – Macapá. 19 de maio de 2013.

Esquenta Juventude Marabaixeira – Macapá. 19 de maio de 2013.

Cortejo da Murta Seafro – Macapá. 19 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Berço do Marabaixo – Macapá. 19 de maio de 2013.

Marabaixo Associação Zeca e Bibi Costa – Macapá. 19 de maio de 2013.

Levantamento do Mastro – Berço do Marabaixo. 20 de maio de 2013.

Entrevistados – Marcelo Cláudio de Jesus Coimbra. 20 de maio de 2013.

15. OBSERVAÇÕES

15.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Seria interessante o aprofundamento do estudo sobre o toque das caixas tendo como pesquisador um etnomusicólogo, especificando e diferenciando os toques nos diferentes meios em que ele acontece, percorrendo os grupos da cidade de Macapá e também acompanhando os tocadores do interior do estado do Amapá.

15.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não se aplica.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F60	--

15.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Não se aplica.

16. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS		
PESQUISADOR(ES)	Adriene dos Anjos Noronha Flávia Klausing Gervásio Marcos da Costa Martins	
SUPERVISOR	Adriene dos Anjos Noronha	
REDATOR	Marcos da Costa Martins	DATA 25/02/2014
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Estilo Nacional	